

AUTOR DO BEST-SELLER INTERNACIONAL *GOMORRA*,  
COM MAIS DE 10 MILHÕES DE CÓPIAS VENDIDAS NO MUNDO.

# ZEROZEROZERO



**ROBERTO SAVIANO**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

ROBERTO SAVIANO

*Zero zero zero*

*Tradução*

Federico Carotti

Joana Angélica d'Avila Melo

Marcello Lino

Maurício Santana Dias



*Dedico este livro a todos os carabinieri  
da minha escolta.  
Às 38 mil horas vividas juntos.  
E àquelas que ainda viveremos.  
Onde quer que seja.*

*Medo nenhum de que me pisoteiem.  
Pisoteada, a relva se torna uma trilha.*

Blaga Dimitrova

# Sumário

## Cocaína # 1

1. A aula
2. Big bang

## Cocaína # 2

3. Guerra pelo petróleo branco
4. Mata amigos

## Cocaína # 3

5. A ferocidade se aprende
6. Z

## Cocaína # 4

7. O *pusher*
8. A bela e o macaco
9. Caldeirão do Diabo
10. A árvore é o mundo

## Cocaína # 5

11. O peso do dinheiro
12. Operação lavagem de dinheiro
13. Os czares rumo à conquista do mundo

## Cocaína # 6

14. Rotas
15. A África é branca

#### Cocaína # 7

16. Quarenta e oito
17. Cães
18. Quem conta morre
19. *Addicted*
20. 000

#### *Agradecimentos*

# Cocaína # 1

O sujeito sentado agora a seu lado no metrô cheirou para acordar hoje de manhã; ou o motorista do ônibus que te leva pra casa porque quer fazer hora extra sem sentir dor na cervical. As pessoas mais próximas de você cheiram. Se não é seu pai ou sua mãe, se não é seu irmão, então é seu filho. Se não é seu filho, é seu chefe. Ou a secretária dele, que só cheira aos sábados pra se divertir. Se não é seu chefe, é a mulher dele que cheira para ir vivendo. Se não é a mulher, é a amante dele, a quem ele dá pó de presente, em vez de brincos e diamantes. Se não são eles, é o caminhoneiro que faz chegar toneladas de café nos bares da sua cidade e que não conseguiria aguentar todas aquelas horas de estrada sem pó. Se não é ele, é a enfermeira que está trocando o cateter do seu avô, para quem o pó deixa tudo mais leve, até mesmo as noites. Se não é ela, é o pintor que está pintando a sala da casa da sua namorada, que começou por curiosidade e depois se viu contraindo dívidas. Quem cheira está ao seu lado. É o policial que está a ponto de te parar, que cheira faz anos, e agora todos se deram conta e escrevem cartas anônimas que mandam a seus superiores esperando que o suspendam antes que faça alguma besteira. Se não é ele, é o cirurgião que está acordando agora para operar sua tia e que graças ao pó consegue abrir até seis pessoas por dia, ou o advogado que você vai consultar para o seu divórcio. É o juiz que se pronunciará sobre sua causa cível e não considera o pó um vício, só uma ajuda para gozar a vida. É a atendente que está te dando o bilhete de



loteria que você espera que possa mudar seu destino. É o marceneiro que está fazendo pra você um móvel que te custou o salário de um mês. Se não é ele que cheira, é o montador que veio à sua casa instalar seu armário comprado na Ikea, que você não seria capaz de montar. Se não é ele, é o síndico do seu prédio que vai te interfonar em alguns minutos. É o eletricitista, este mesmo que agora está tentando mudar a tomada do quarto de lugar. Ou o cantor que você ouve para relaxar. O padre, que você foi ver para saber se pode se crismar porque precisa batizar o neto e que fica estupefato por você ainda não ter recebido esse sacramento, cheira. Os garçons que te servirão no casamento de sábado, se não dessem um tiro, não conseguiriam ter nas pernas tanta energia por horas a fio. Se não são eles, é o fiscal da prefeitura que acaba de estabelecer novas áreas de pedestre e recebe pó de graça em troca de favores. O manobrista cheira, agora ele só fica alegre assim. O arquiteto que reformou sua casa de veraneio; o carteiro que te entregou uma carta com seu novo cartão de crédito também. Se não ele, a moça do SAC que te responde com voz cristalina e pergunta em que pode ser útil. Aquela alegria, igual em todo telefonema, é efeito do pó branco. Se não ela, o assistente que está sentado agora à direita do professor à espera de te examinar. O pó o deixou nervoso. O fisioterapeuta que está tentando recuperar seu joelho, e ele, ao contrário, fica sociável com pó. O atacante cheira, aquele que marcou um gol arruinando a aposta que poucos minutos antes do fim da partida você estava ganhando. A prostituta que você pega antes de voltar pra casa, quando precisa se desafogar porque não aguenta mais, cheira. Ela usa pó para não ver mais quem está na frente dela, atrás, em cima, embaixo. O garoto de programa, que você se deu de presente para seus cinquenta anos, cheira. Você e ele. O pó dá a ele a sensação de ser o mais macho de todos. O *sparring* com que você treina no ringue para tentar emagrecer cheira. Se não ele, o instrutor de equitação da sua filha, a psicóloga da sua mulher. O melhor amigo do seu marido, aquele que faz anos te paquera e que nunca te agradou, cheira. Se não ele, o diretor da sua escola. O bedel cheira. O corretor que está fazendo corpo mole justo agora

que você conseguiu se liberar para ver o apartamento. Cheira pó o segurança, aquele mesmo que ainda está com o relatório quando todos já arrancam os cabelos por não o terem recebido. Se não ele, o tabelião a cujo escritório você gostaria de não voltar nunca mais, que cheira para não pensar nas pensões devidas às mulheres que deixou. Se não ele, o taxista que xinga o trânsito mas depois fica alegre. Se não ele, o engenheiro que você tem de convidar à sua casa porque quem sabe ele não te ajuda a conseguir uma promoção. O guarda que está te multando e, enquanto fala, sua em bicas, apesar de ser inverno. O lavador de para-brisas de olhos cavos, que só consegue comprar pó com dinheiro emprestado, ou aquele rapaz que enche os carros de folhetos publicitários, cinco de cada vez. O político que te prometeu um alvará de funcionamento, aquele que você enviou ao Parlamento com seus votos e os da sua família, e que está sempre nervoso. O professor que te ferrou num exame, à sua primeira hesitação. Ou o oncologista que você tem consultado, te disseram que é o melhor, e que você espera que possa te salvar. Ele, quando cheira, se sente onipotente. Ou o ginecologista, que se esquece de jogar fora o cigarro antes de entrar na sua casa e examinar sua mulher, que está sentindo as primeiras contrações. Seu cunhado que nunca está alegre, o namorado da sua filha que, ao contrário, sempre está. Se não são eles, então o peixeiro, que arruma lindamente o peixe-espada, ou o frentista que esparrama a gasolina fora do carro. Cheira para se sentir jovem, mas não consegue mais inserir no lugar certo o bico da mangueira. Ou o médico do plano de saúde, que você conhece há anos e que te faz passar na frente sem esperar na fila, porque sabe o que você vai lhe dar de presente de Natal. O porteiro do seu prédio cheira, se não ele, a professora que dá aulas de reforço a seus filhos, o professor de piano do seu neto, a camareira da companhia de teatro a que você vai assistir esta noite, o veterinário que trata do seu gato. O prefeito com quem você foi jantar. O construtor da casa em que você mora, o escritor que você lê antes de dormir, a jornalista que você vai ver no telejornal. Mas se, pensando bem, você acha

que nenhuma dessas pessoas cheira cocaína, ou você é incapaz de ver, ou está mentindo. Ou, simplesmente, quem cheira é você.

# 1. A aula

“Estavam todos numa mesa, em Nova York mesmo, não longe daqui.”

“Onde?”, perguntei instintivamente.

Olhou para mim como se dissesse que não acreditava que eu fosse tão idiota a ponto de fazer perguntas como aquela. As palavras que eu estava para ouvir eram uma troca de favores. A polícia, alguns anos antes, havia detido um rapaz na Europa. Um mexicano com passaporte americano. Mandado para Nova York, evitaram que fosse preso, o deixaram em banho-maria, imerso nas águas do tráfico da cidade. Às vezes contava alguma coisa, em troca não o prendiam. Não era exatamente um cagete, mas algo parecido, o que não o fazia sentir-se um infame, tampouco um silencioso e *omertoso*<sup>a</sup> afiliado que nunca abriria a boca. Os policiais lhe perguntavam coisas genéricas, não circunstanciais a ponto de poder expô-lo ante o grupo. Bastava que relatasse um zum-zum, um humor, rumores de reuniões ou de guerras. Nem provas nem indícios: rumores. Os indícios seriam buscados num segundo momento. Mas agora isso já não bastava: o rapaz havia gravado em seu iPhone um discurso durante uma reunião de que havia participado. E os policiais estavam inquietos. Alguns deles, que eu conhecia havia anos, queriam que eu escrevesse algo a respeito em algum lugar, fazendo barulho para testar as reações, para entender se a história que eu estava por ouvir tinha mesmo acontecido como o rapaz dizia ou se, ao contrário, não passava de encenação, um teatrinho construído por alguém

para servir de isca a chicanos e italianos. Eu devia escrever para criar uma agitação nos ambientes em que aquelas palavras tinham sido pronunciadas, em que tinham sido ouvidas.

O policial me esperou no Battery Park, num pequeno píer, sem gorro nem óculos de sol. Nenhuma camuflagem ridícula: chegou envergando uma camiseta coloridíssima, sandálias e o sorriso de quem não vê a hora de contar um segredo. Falava um italiano cheio de inflexões dialetais, mas compreensível. Não procurou nenhuma forma de cumplicidade, havia recebido ordens de me contar aquele fato e o fez sem muitos preâmbulos. Lembro perfeitamente. Aquele relato ficou dentro de mim. Com o tempo me convenci de que não conservamos somente na cabeça as coisas que recordamos, elas não estão todas na mesma zona do cérebro; me convenci de que outros órgãos também têm uma memória. O fígado, os testículos, as unhas, o peito. Quando você ouve as palavras finais, elas ficam grudadas ali. E quando essas partes se lembram, enviam o que registraram ao cérebro. Não raro me dou conta de me lembrar de algo com o estômago, que armazena o belo e o horrendo. Sei que estão ali certas lembranças, sei disso porque o estômago se mexe. E às vezes a barriga também. É o diafragma que cria ondas: uma lâmina delgada, uma membrana plantada ali, com as raízes no centro do nosso corpo. É dali que tudo parte. O diafragma faz você bufar, enraivecê-se, arrepiar-se, mas também mijar, defecar, vomitar. É dali que parte o impulso durante o parto. E também estou certo de que há pontos que recolhem o pior: conservam os dejetos. Não sei onde é esse ponto dentro de mim, mas ele está cheio. E agora está saturado, tão repleto que não cabe mais nada. Meu espaço das lembranças, ou melhor, dos dejetos, está farto. Poderia parecer uma boa notícia: não há mais espaço para a dor. Mas não é. Se os dejetos não têm mais aonde ir, começam a se meter onde não devem. Se enfiam nos espaços que recolhem memórias diversas. O relato daquele policial lotou definitivamente a parte de mim que se lembra das piores coisas. Aquelas coisas que afloram quando você pensa que tudo está indo melhor, quando se abre para você uma manhã luminosa, quando você

volta para casa, quando você pensa que no fundo valia a pena. Nesses momentos, como uma regurgitação, como uma exalação, de alguma parte surgem lembranças obscuras, como os detritos num lixão que, sepultados pela terra, cobertos de plástico, encontram seu caminho para vir à tona e envenenar tudo. Pois é justamente nessa zona do corpo que conservo a memória daquelas palavras. E é inútil procurar sua latitude exata, porque mesmo que encontrasse esse lugar não adiantaria nada esmurrá-lo, esfaqueá-lo, espremê-lo para extrair palavras como pus de uma ferida. Está tudo ali. Tudo deve permanecer ali. E ponto final.

O policial me contava que o rapaz, seu informante, havia escutado a única aula que vale a pena escutar e a tinha gravado clandestinamente. Não para traír, mas para ouvi-la de novo. Uma aula sobre como se vive no mundo. E ele o deixou ouvi-la por inteiro: um fone no seu ouvido, outro no do rapaz, que com o coração a mil por hora havia ligado o áudio do discurso.

“Agora você escreve, e vamos ver se alguém fica puto... Se ficar, quer dizer que esta história é verdadeira e temos uma confirmação. Se você escrever e ninguém fizer nada, então, ou é uma grande mentira de algum ator de filme B, e o nosso chicano nos levou na conversa, ou então... ninguém acredita na merda que você escreve e nesse caso foderam a gente.”

E desatou a rir. Eu anuí. Sem prometer, procurava entender. Um velho *boss* italiano tinha dado a aula, diante de uma assembleia de chicanos, italianos, ítalo-americanos, albaneses e ex-combatentes dos Kaibiles, os legionários guatemaltecos. Pelo menos, é o que dizia o rapaz. Não eram informações, cifras e detalhes. Não era algo a aprender a contragosto. Você entra numa sala de um jeito e sai de outro. Você está com a mesma roupa, o mesmo corte de cabelo, os pelos da barba do mesmo comprimento. Não tem sinais de adestramento, cortes nas arcadas superciliares ou nariz quebrado, não tem o cérebro lavado com sermões. Você entra e, à primeira vista, sai igual a como foi empurrado para dentro. Mas igual só por fora. Por dentro é bem diferente. Não te revelaram a verdade final, mas simplesmente puseram no devido lugar umas tantas coisas. Coisas que antes daquele momento você

não havia entendido como utilizar, tido a coragem de aprender, organizar, observar.

O policial lia para mim a transcrição que tinha feito do discurso numa agenda. Eles tinham se reunido num lugar, não muito longe de onde estamos agora. Sentados a esmo, sem nenhuma ordem, não em ferradura como nas funções rituais de afiliação. Sentados como se senta nos círculos recreativos das aldeias do Sul da Itália ou nos restaurantes da Arthur Avenue, assistindo a uma partida de futebol na TV. Mas naquela sala não havia nenhuma partida de futebol e nenhuma reunião entre amigos, eram todos gente afiliada em diversos graus às organizações criminosas. Quem se levantou foi o velho italiano. Sabiam que era um homem de honra, como são chamados os integrantes da máfia calabresa 'Ndrangheta, que viera para os Estados Unidos depois de viver um bom tempo no Canadá. Começou a falar sem se apresentar, não tinha por quê. Falava numa língua espúria, italiano misturado com inglês e espanhol, às vezes usava dialeto. Eu quis saber o nome dele, tentei perguntar ao policial simulando uma curiosidade momentânea e casual. O policial nem sequer procurou responder. Eram apenas as palavras do *boss*.

“*U munnu de chiri ca cridanu de putì campà cu ra* justiça, com leis iguais para todos, *cu na bona fatiga*, dignidade, ruas limpas, as *fimmine*<sup>b</sup> iguais aos homens, é um mundo de veados que acreditam poder se tapear a si mesmos. E de quem gira em torno deles. Vamos deixar para os idiotas as babaquices sobre o mundo melhor. Os idiotas ricos que compram esse luxo de acreditar no mundo feliz, no mundo justo. Ricos com sentimento de culpa ou com alguma coisa a esconder. *Who rules just does it, and that's it*. Quem manda faz, e ponto. Ou pode dizer que manda pelo bem, pela justiça, pela liberdade. Mas isso são coisas de *fimmine*, deixemos para os ricos, para os idiotas. Quem manda, manda. E ponto final.”

Eu tentava perguntar como ele estava vestido, quantos anos tinha. Perguntas de um reles cronista, de um curioso, de um obsessivo que acredita, com esses detalhes, poder chegar à tipologia do *capo* que pronuncia

esse gênero de discurso. Meu interlocutor me ignorava e continuava. Eu o ouvia e peneirava as palavras como se fossem areia para encontrar a pepita, o nome. Ouvia aquelas palavras, mas procurando outra coisa. Procurando indícios.

“Ele queria explicar as regras, entende?”, me disse o policial. “Queria que elas os penetrassem. Tenho certeza de que não mentiu. Garanto que ele não está inventando, o mexicano. Juro pela minha alma, mesmo que ninguém acredite em mim.”

Fixou o olhar na agenda e continuou a ler.

“As regras da organização são as regras da vida. As leis do Estado são as regras de uma parte que quer foder a outra. *E nui nun cci facimu futte e nessunu.*<sup>c</sup> Tem quem ganhe dinheiro sem riscos, e esses senhores sempre terão medo de quem, ao contrário, ganha dinheiro arriscando tudo. *If you risk all, you have all, capito?*<sup>d</sup> Se ao contrário acha que deve tirar o corpo fora ou que pode se dar bem sem prisão, sem fugir, sem se esconder, então é melhor deixar claro logo de uma vez: você não é um homem. E se vocês não são homens, saiam já desta sala e nem esperem por nós, *ca cchiu diventati uamini,*<sup>e</sup> nunca na vida serão homens de honra.”

O policial olhava para mim. Seus olhos eram duas frestas, estreitados como se para focalizar aquilo de que ele se lembrava muito bem. Tinha lido e ouvido aquele depoimento dezenas de vezes.

“*Creas en el amor? El amor se acaba. Creas en tu corazón? El corazón se detiene. No? No amor y no corazón? Entonces creas en el coño?*<sup>f</sup> Mas mesmo a boceta depois de algum tempo fica seca. Acredita na sua mulher? Mal acaba a grana ela te dirá que você não dá bola pra ela. Acredita nos seus filhos? Nem bem você lhes nega mais dinheiro eles dirão que você não os ama. Acredita na sua mãe? Se você não a paparicar, ela dirá que você é um filho ingrato. *Escucha lo que digo:*<sup>g</sup> você tem que viver. A gente deve viver para si mesmo. É para si mesmo que é preciso saber ser respeitado e respeitar. A *famiglia*. Respeitar quem lhes serve e desprezar quem não lhes serve. O respeito: conquista quem pode dar alguma coisa, perde quem é inútil. Por



acaso, vocês não são respeitados por quem quer alguma coisa de vocês? Por quem tem medo de vocês? E quando vocês não podem dar nada? Quando vocês não têm mais nada? Quando vocês não servem mais? São considerados lixo. Quando vocês não podem dar nada, não são nada.”

“Aí entendi”, me dizia o policial, “que o *boss*, o italiano, era um cara que contava, um cara que conhecia a vida. Que conhecia de verdade. O mexicano não pode ter forjado aquele discurso sozinho. O chicano foi à escola até os dezesseis anos, e o contataram em Barcelona numa biboca. Como é que um ator ou um enganador faria para inventar aquele calabrês? Se não fosse a avó da minha mulher, nem eu teria entendido o dialeto.”

Discursos de filosofia moral mafiosa eu tinha ouvido às dezenas nas declarações de arrependidos, nas escutas telefônicas. Mas este tinha uma característica insólita, se apresentava como um adestramento da alma. Era uma crítica da razão prática mafiosa.

“Falo com vocês, e até simpatizo com alguns de vocês. Já de alguns eu quebraria a cara. Mas mesmo o mais simpático de vocês, se tem mais bocetas e grana que eu, quero ver morto. Se um de vocês se torna meu irmão e eu o elejo meu igual na organização, o destino é certo: ele tentará me foder. *Don't think a friend will be forever a friend.*<sup>h</sup> Serei morto por alguém com quem compartilhei prato, cama, tudo. Serei morto por quem me deu abrigo, *da cu me fici ammucciari.*<sup>i</sup> Não sei quem é, senão já o teria eliminado. Mas vai acontecer. E se não me matar, me trairá. A regra é a regra. E as regras não são as leis. As leis são para os covardes. As regras são para os homens. Por isso temos regras de honra. As regras de honra não te dizem que você deve ser justo, bom, correto. As regras de honra te dizem como se manda. O que você deve fazer para administrar gente, grana, poder. As regras de honra te dizem como fazer se você quiser mandar. Se não quiser ser fodido por quem está abaixo de você. Elas foram feitas por si mesmas, a sangue e no sangue de todo homem de honra. Como você pode escolher?”

Aquela pergunta era para mim? Eu procurava a resposta mais justa. Mas esperei prudentemente antes de falar, pensando que talvez o policial ainda

estivesse reproduzindo as palavras do *boss*.

“Como você pode escolher em poucos segundos, em poucos minutos, em poucas horas o que deve fazer? Se escolher mal, vai pagar anos a fio por uma escolha baseada em nada. As regras existem, existem sempre, mas você deve saber reconhecê-las e entender quanto valem. E depois as leis de Deus. As leis de Deus estão dentro das regras. As leis de Deus: as verdadeiras, porém, e não as que são usadas *pe’ fá’ trema’ nu povaru cristu.*<sup>j</sup> Mas lembrem-se disto: podem existir quantas regras de honra vocês quiserem, mas só há uma certeza. Vocês são homens se dentro de vocês sabem qual é o seu destino. *U povaru cristu*<sup>k</sup> rasteja por ser mais cômodo. Os homens de honra sabem que tudo morre, que tudo passa, que nada fica. Os jornalistas começam com a vontade de mudar o mundo e acabam com a vontade de se tornar diretores. É mais fácil condicioná-los do que corrompê-los. Cada um vale por si só e pela Onorata Società.<sup>l</sup> E a Onorata Società te diz que você conta se mandar. *Después, puedes elegir la forma. Puedes controlar con dureza o puedes comprar el consentimiento.*<sup>m</sup> Você pode mandar tirando ou dando sangue. A Onorata Società sabe que todo homem é fraco, tem falhas, é vaidoso. Sabe que o homem não muda, daí por que a regra é tudo, os vínculos baseados na amizade sem a regra não são nada. Todos os problemas têm uma solução, desde a sua mulher que te larga ao seu grupo que se divide. E essa solução depende apenas de quanto você oferece. Se as coisas vão mal é que você ofereceu pouco, não o bastante, não procure outros motivos.”

Parecia um seminário para aspirantes a *boss*. Mas como era possível?

“Se trata de entender quem você quer ser. Se você assalta, estripa, estupra, esquarteja, vai ganhar por um tempo, depois te pegarão e te moerão. Você pode fazer isso. Sim, pode fazer. Mas não por muito tempo, porque você não sabe o que pode te acontecer, as pessoas te temerão somente se você lhes enfiar a pistola na boca. Mas e quando você lhes dá as costas? E se um assalto acaba mal? Se você é da organização, sabe que tudo tem uma regra. Se quiser ganhar, há modos de ganhar, se quiser matar, há motivos e métodos, se quiser abrir seu caminho, pode, mas tem de ganhar respeito,

confiança e se tornar indispensável. Há regras até para se você quiser mudar as regras. Você não pode prever o desfecho de algo que fez fora das regras, mas sabe exatamente a que te levará aquilo que fizer segundo as regras de honra. E sabe exatamente quais serão as reações de quem o rodeia. Se vocês quiserem ser homens comuns, vão em frente. Se quiserem se tornar homens de honra, têm de ter regras. E a diferença entre um homem comum e um homem de honra é que o homem de honra sempre sabe o que acontece, o homem comum é fodido pelo acaso, pelo azar, pela idiotice. Acontecem coisas com ele. Já o homem de honra sabe que essas coisas acontecem e prevê quando. Você sabe exatamente o que te pertence e o que não te pertence, saberá exatamente até onde poderá ir, mesmo que queira ir além de todas as regras. Todos querem três coisas: poder, boceta e dinheiro. Também o juiz quando condena os maus, e inclusive os políticos, que querem dinheiro, boceta e poder, mas querem obtê-los mostrando-se indispensáveis, defensores da ordem ou dos pobres ou de sabe lá o que mais. Todos querem *money* dizendo querer outra coisa ou fazendo coisas para os outros. As regras da Onorata Società são regras para mandar em todos. A Onorata Società sabe que você pode ter poder, boceta e dinheiro, mas sabe que o homem que sabe renunciar a tudo é aquele que decide a vida de todos. A cocaína. A cocaína é isso: *all you can see, you can have it.*<sup>n</sup> Sem cocaína você não é ninguém. Com a cocaína você pode ser como quiser. Se você dá um tiro, você se fode com as próprias mãos. Se não está na organização, nada do mundo existe. A organização te dá as regras para subir na vida. Te dá as regras para matar e também te dá as regras que te dizem como você será morto. Quer viver uma vida normal? Quer não ter nenhuma importância? Pode. Basta não ver, não ouvir. Mas lembre-se de uma coisa: no México, onde você pode fazer o que quiser, se drogar, comer meninas, entrar num carro e acelerar tanto quanto quiser, manda de verdade somente quem tem regras. Se vocês fazem cagadas, não têm honra, e se não têm honra, não têm poder. São como todos.”

O policial então aponta com o dedo: “Olha, olha aqui...”, uma página da sua agenda particularmente maltratada. “Este queria explicar tudo. Como se vive, não como se é mafioso. Como se vive.”

“Trabalhe, e muito. *You have some money*, algum dinheiro. Talvez tenha mulheres bonitas. Mas pode ser que as *fimmine* te deixem por outro mais bonito e com mais grana do que você. Você poderá ter uma vida decente, pouco provável. Ou quem sabe uma vida nojenta, como todos. Quando for parar na cadeia, os de fora te insultarão, os que se consideram limpos, mas você terá mandado. Te odiarão, mas você terá comprado o bem e tudo o que queria. Terá a organização com você. Pode acontecer que você sofra um pouco e talvez te matem. É evidente que a organização está com quem é mais forte. Vocês podem escalar montanhas com regras de carne, sangue e dinheiro. Se ficam fracos, se erram, estão fodidos. Se acertam, são recompensados. Se erram ao se aliar estão fodidos, se erram ao fazer a guerra estão fodidos, se não sabem manter o poder estão fodidos. Mas essas guerras são lícitas, *are allowed*. São as nossas guerras. Vocês podem vencer e podem perder. Mas só num caso perderão sempre e do modo mais doloroso possível. Se vocês traírem. Quem tenta se meter contra a organização não tem esperança de vida. Você pode escapar da lei, mas não da organização. Pode até escapar de Deus, *ca tantu Dio u figghiu fujuto*<sup>o</sup> sempre espera. Mas não se pode escapar da organização. Se você trai e escapa, se te fodem e você escapa, se você não respeita as regras e escapa, alguém pagará por você. *ey will look for you. ey will go to your family, to your allies*.<sup>p</sup> Você estará sempre na lista. E ninguém nunca poderá apagar seu nome. *Nor time, nor money*.<sup>q</sup> Você está fodido eternamente, e também sua descendência.”

O policial fechou a agenda. “O rapaz saiu como de um transe”, disse. Lembrava de cor as últimas palavras do mexicano: “E eu agora, estou traído ao te deixar ouvir estas palavras?”

“Escreva”, acrescentou o policial. “Nós estamos de olho nele. Boto três homens atrás dele 24 horas por dia. Se alguém tentar se aproximar dele,

saberemos que não falou bobagem, que essa história não era uma palhaçada, que quem falava era um *capo* de verdade.”

O relato me deixou pasmo. Nas minhas bandas sempre agiram assim. Mas era estranho para mim ouvir aquelas mesmas palavras em Nova York. Nas minhas bandas você não se afilia apenas por grana, você se afilia principalmente para fazer parte de uma estrutura, para agir como num tabuleiro. Para saber exatamente que peão mover e em que momento. Para reconhecer quando está em xeque. Ou quando você é bispo, e você e seu cavalo foderam o rei.

“Acho arriscado”, disse a ele.

“É um equívoco”, ele insistiu.

“Não creio”, retruquei.

Eu rolava na cama de um lado para o outro. Não pegava no sono. Não era o relato em si que tinha me impressionado. Era toda a cadeia que me deixava perplexo. Eu havia sido contatado para escrever o relato de um relato de um relato. A fonte, entendo por ela o velho *boss* italiano, por instinto me parecia confiável. Um pouco porque, quando você está longe do seu país, quem fala a sua língua, quero dizer, exatamente a sua língua, com os mesmos códigos, as mesmas locuções, os mesmos vocábulos, as mesmas omissões, você reconhece imediatamente esse alguém como um dos seus, como uma pessoa que você pode ouvir. Depois porque aquele discurso se dera no momento certo, diante precisamente das pessoas que deviam ouvi-lo. Se verdadeiras, aquelas palavras teriam assinalado a mais temível das reviravoltas possíveis. Pela primeira vez, os chefões italianos, os últimos calvinistas do Ocidente, estariam adestrando as novas gerações de mexicanos e latino-americanos, a burguesia criminosa nascida do narcotráfico, a leva mais feroz e faminta do mundo. Uma mescla pronta a comandar os mercados, a ditar leis nas finanças, a dominar os investimentos. Extratores de dinheiro, construtores de riqueza.

Eu estava com uma ansiedade que não sabia administrar. Não conseguia ficar parado, a cama parecia uma mesa de madeira, o quarto parecia uma

toca. Queria pegar o telefone e ligar para o policial, mas eram duas da manhã e temi que ele me achasse louco. Fui até a escrivania e comecei a escrever um e-mail. Escrevi, mas precisava entender mais, queria ouvir diretamente a gravação. Aquelas palavras de adestramento eram o modo de estar no mundo não só de um afiliado da máfia, mas de quem quer que decidisse mandar nesta Terra. Palavras que ninguém pronunciaria com tamanha clareza, a não ser que não quisesse adestrar. Quando você fala em público de um soldado, diz que ele quer a paz e odeia a guerra, quando está a sós com o soldado você o ensina a atirar. Essas palavras queriam levar a tradição das organizações italianas para dentro das latino-americanas. Aquele rapaz não estava querendo enganar ninguém. Recebo um torpedo. O rapaz, o informante, tinha se espatifado contra uma árvore em alta velocidade. Nenhuma vendeta. Um carrão italiano que ele não sabia guiar. Contra uma árvore. Encerrado.

---

a Que segue a *omertà*, código de honra da Camorra. (N. T.)

b Um mundo dos que acreditam poder viver com [justiça, com leis iguais para todos], com um bom trabalho [dignidade, ruas limpas, as] mulheres [...]. (N. T.)

c E nós não nos deixamos foder por ninguém.

d Se você arrisca tudo, você ganha tudo, entendeu?

e Porque por mais que se tornem homens, [...].

f Você acredita no amor? O amor se acaba. Acredita no seu coração? O coração para. Não? Não amor e não coração? Então acredita na boceta?

g Ouça o que eu digo: [...].

h Não pensem que um amigo será sempre um amigo.

i Por quem me escondeu.

j Para fazer tremer um pobre cristão.

k O pobre cristão.

l Honrada Sociedade, como são chamadas as organizações mafiosas Cosa Nostra, Camorra e 'Ndrangheta. (N. T.)

m Depois, você pode escolher a forma. Pode mandar com dureza ou pode comprar o consentimento.

n Tudo o que você pode ver, você pode ter.

o Porque, afinal, um filho transviado Deus [sempre espera].

p Procurarão você. Irão atrás da sua família, dos seus aliados.

q Nem o tempo nem o dinheiro.

## 2. Big bang

Don Arturo é um senhor velhíssimo que se lembra de tudo. E fala de tudo com quem quer que queira ouvi-lo. Seus netos são bem grandes, já é bisavô, e aos pequenos prefere contar outras histórias. Arturo conta que um dia chegou um general, apeou do cavalo que a todos pareceu altíssimo, mas era simplesmente sadio numa terra de cavalos magros e de pernas artríticas, e juntou todos os *gomeros*, isto é, os camponeses que cultivavam papoula. A ordem foi imperativa: queimar todas as plantações. É assim que chega o Estado, só com ordens imperativas. Ou eles aceitavam, ou iriam presos. Dez anos. O pensamento de todos os *gomeros* foi cárcere, e já. Voltar aos cereais era pior que a prisão. Mas nos dez anos de cadeia os filhos não poderiam cultivar papoula, a terra seria confiscada ou, no melhor dos casos, forçada à seca. Os *gomeros* responderam apenas baixando os olhos. As terras e as papoulas deles seriam todas queimadas. Chegaram os soldados e derramaram óleo diesel nas plantações, nas flores, nas trilhas de mula, nos caminhos que levavam de um latifúndio a outro. Arturo contava como as terras vermelhas de papoulas se mancharam de preto, de um unguento denso e escuro. Galões que ensopavam o ar com um fedor asqueroso. Naquela época todo o trabalho era feito à mão, as grandes bombas de veneno ainda não existiam. Galões e fedor. Mas não é por isso que o velho Arturo se lembra de tudo. Ele se lembra porque foi então que aprendeu como se reconhece a coragem e como a covardia tem gosto de carne

humana. Os campos pegaram fogo lentamente. Não uma labareda veloz, mas faixa por faixa, fogo que contamina fogo. Milhares de flores, de caules, de raízes pegaram fogo. Todos os camponeses observavam, observavam também os soldados e o prefeito e as crianças e as mulheres. Um espetáculo doloroso. Depois viram subitamente, não muito longe, sair das plantas em fogo umas bolas urrantes. Pareciam chamas vivas que pulavam e depois agonizavam. Não eram chamas que de repente tinham se dotado de espírito e de movimento. Eram os animais que estavam escondidos entre as papoulas e não tinham ouvido o barulho dos galões nem sentido o fedor do óleo diesel, que não conheciam. Coelhos em fogo, cachorros errantes, até um burrico. Pegavam fogo. Não havia nada a fazer. O óleo diesel que queima a carne nenhuma água pode apagar, e a terra em torno ardia. Urravam e se consumiam na frente de todos. Não foi o único drama. Também pegavam fogo os *gomer*os que, bêbados, tinham adormecido enquanto derramavam o óleo diesel. Jogavam óleo diesel e bebiam cerveja. Depois adormeceram entre as plantas. O fogo também os pegou. Berravam muito menos do que os animais e se moviam balançando, como se o álcool no sangue alimentasse as chamas por dentro. Ninguém foi apagar seu fogo, ninguém correu com uma coberta. As labaredas eram altas demais.

Foi aí que Don Arturo começou a aprender. Ele se lembra de uma cadela pele e osso que corre para o fogo vivo. Entra e sai daquelas plantas infernais, tira fora dois, três, depois seis filhotes, espoja cada um na terra para apagar seu fogo. Queimados mas vivos, tossiam fumaça e cinzas. Estavam lesionados mas vivos. Andavam atrás dela, que passou diante dos espectadores do fogo. Parecia olhar para todos os presentes. Seus olhos se fixaram nos *gomer*os, nos soldados e em qualquer ser humano que ali estivesse, imóvel e mísero. Um animal sabe sentir a covardia. O medo, um animal respeita. O medo é o instinto mais vital, o mais respeitável. A covardia é uma opção, o medo, um estado. Aquela cadela tinha medo mas tinha se enfiado nas chamas para salvar os filhotes. Nenhum homem havia salvado outro homem. Tinham deixado todos morrer queimados. Assim



contava o velho. Não há idade para compreender. Ele entendeu logo, aos oito anos. E até os noventa anos conservou esta verdade: os animais têm coragem e sabem o que significa defender a vida. Os homens fingem coragem mas não sabem fazer outra coisa senão obedecer, rastejar, sobreviver.

Durante vinte anos foram apenas cinzas no lugar das flores de papoula. Depois Arturo lembra que veio um general. Mais uma vez. Nos latifúndios dos países de todo canto tem sempre alguém que se apresenta em nome de um potentado com galões, botas e um cavalo — ou um 4 × 4, dependendo da época em que o fato ocorre. Mandou os camponeses virarem novamente *gomer*os, disso se lembra Arturo. Basta de cereais, de novo papoula. De novo droga. Os Estados Unidos estavam se preparando para a guerra e antes dos canhões, antes dos projéteis, antes dos tanques, antes dos aviões e porta-aviões, antes dos galões e das botas, antes de tudo vem a morfina. Sem morfina não se faz guerra. Quem me lê, se esteve mal, muito mal, sabe o que é a morfina: trégua de dor. Sem morfina não se faz guerra, porque a guerra é dor de ossos quebrados e carnes laceradas antes de almas que se indignam com a violência. Para a indignação há tratados, passeatas, velas, piquetes. Para a carne que queima só uma coisa: a morfina. Quem me lê talvez pertença àquela parte do mundo que ainda vive tranquila. Conhece os gritos dos hospitais, das parturientes e dos doentes, das crianças que urram e dos ossos que se luxam. Mas nunca terá ouvido os urros de um homem atingido por uma bala, com os ossos arrebatados por uma metralhadora ou os estilhaços de uma explosão que o trespassaram arrancando-lhe um braço ou metade do rosto. Esses são urros, os únicos que a memória não esquece. A memória dos sons é lábil. Ela se liga às ações, às contestações. Mas os urros de guerra não vão embora. Despertam ao seu som sobreviventes e repórteres, médicos e soldados de carreira. Se você ouviu os urros de um homem que está morrendo ou ferido no rosto, é inútil gastar seu dinheiro com psicanalistas ou buscar carícias. São urros que você nunca esquecerá, e que só a química pode parar, atenuar, esconder. Quando os escutam, todos os camaradas do ferido se petrificam. Nada é mais antimilitarista do que o

urro de um ferido de guerra. Só a morfina pode apagá-lo e deixar os outros convencidos de que sairão sãos e salvos e vencerão ilesos a batalha. Assim, os Estados Unidos, que necessitavam de morfina para a guerra, pediram que o México aumentasse a produção de ópio e construíram até mesmo trechos de ferrovia para agilizar seu transporte. De quanto precisavam? Muito. O máximo possível. O velho Arturo tinha crescido. Estava com quase trinta anos e já quatro filhos. Não haviam queimado novamente as terras que estava lavrando, como tinha passado com seu pai. Sabia que aconteceria, que lhe pediriam, que lhe ordenariam mais cedo ou mais tarde. E quando o general foi embora, Arturo atravessou o campo e o alcançou. Parou a caravana e negociou. Contrabandearia uma parte do seu ópio: o grosso iria para o Estado, que o venderia depois ao Exército dos Estados Unidos, o resto era para o contrabando, para os ianques que tinham vontade de gozar do ópio e da morfina. O general aceitou em troca de uma porcentagem alta e com uma condição: “Você leva o ópio para o outro lado da fronteira”.

Arturo, o velho, é como uma esfinge. Nenhum filho seu é narco. Nenhum neto é narco. Mas os narcos o respeitam por ser o mais antigo contrabandista de ópio da zona. De *gomer*, Arturo tinha se tornado intermediador. Não cultivava, apenas fazia a ponte entre produtores e traficantes. Assim seguiu até os anos 1980, e foi só o início, porque naqueles anos grande parte da heroína que chegava aos Estados Unidos era administrada pelos mexicanos. Arturo tinha se tornado poderoso e bem de vida. Mas algo deteve sua atividade de intermediador de ópio. Foi a história de Kiki. Depois do caso Kiki, Arturo decidiu voltar a plantar cereal, abandonando o ópio e os homens da heroína e da morfina. Velha história, a de Kiki. Tem muitos anos. História que ele nunca esqueceu. E quando seus filhos disseram querer traficar cocaína, como ele por um tempo havia traficado ópio, Arturo compreendeu que tinha chegado o momento de contar a história de Kiki, uma história que é bom que todos conheçam. Levou seus filhos para fora da cidade e lhes mostrou uma fossa agora cheia de flores, quase sempre secas. Mas profunda. E contou. Eu tinha lido esta

história, mas nunca havia compreendido como fora determinante antes de conhecer Sinaloa, uma língua de terra, um paraíso onde se pagam penas dignas do pior inferno.

A história de Kiki está ligada à de Miguel Ángel Félix Gallardo, que todos conhecem como “El Padrino”. Félix Gallardo trabalhava na Polícia Judiciária Federal do México. Durante anos havia prendido contrabandistas, os tinha seguido, havia estudado seus métodos, descoberto seus percursos. Sabia tudo. Era o caçador deles. Um dia foi ver os chefes do contrabando e lhes propôs se organizarem, mas com uma condição. Escolhê-lo como chefe. Quem aceitou passou a fazer parte da organização, quem preferiu continuar agindo por conta própria foi deixado livre para fazê-lo. E depois assassinado. Arturo aceitou trabalhar com ele. Para Félix Gallardo, o tempo do distintivo tinha acabado e começava o do transporte de maconha e ópio. Começou a conhecer pessoalmente todas as rotas de acesso aos Estados Unidos. Palmo a palmo, por onde subir com os cavalos e caminhões e onde dispensá-los. Naquela época, no México, não havia cartéis. Foi Félix Gallardo quem os criou. Cartéis. Agora todos os chamam assim, até a garotada que não sabe direito o que essa palavra quer dizer. E no entanto na maior parte dos casos é de fato a palavra exata. Grupos que gerem cocaína e seus capitais, preços e distribuição. São isso os cartéis. Cartel, de resto, é um termo econômico que descreve os produtores que fazem um acordo e juntos decidem os preços, quanto produzir, como, onde e quanto distribuir. Isso vale para a economia legal e, portanto, também para a economia ilegal. Os preços no México, entre os cartéis do narcotráfico, eram decididos por um punhado de gente. El Padrino era considerado o czar mexicano da cocaína. Abaixo dele estavam Rafael Caro Quintero e Ernesto Fonseca Carrillo, vulgo “Don Neto”. Na Colômbia, os cartéis rivais de Cali e Medellín estavam em plena luta pelo controle do tráfico de cocaína e das rotas. Massacres. Mas Pablito Escobar, senhor de Medellín, também tinha um problema externo à Colômbia: a polícia americana que ele não conseguia corromper apreendia

demasiados carregamentos seus na costa da Flórida e no Caribe, para onde ele mandava quilos e mais quilos de pó. Os aeroportos se tornavam alfândegas em que se pagavam taxas altas demais, e ele perdia nisso uma enorme quantidade de dinheiro. Escobar decidiu então pedir ajuda a Félix Gallardo. Logo se entenderam, Escobar “El Mágico” e Félix Gallardo, El Padrino. E chegaram a um acordo. Os mexicanos transportariam a coca para os Estados Unidos: Félix Gallardo conhecia a fronteira, e os canais estavam abertos para ele. Conhecia as rotas da maconha: tinham sido as do ópio e viriam a ser as da cocaína. El Padrino confiava em Escobar, sabia que ele não lhe oporia nenhum rival, porque o *boss* colombiano não tinha força para construir um homem seu no México. Félix Gallardo não lhe havia garantido exclusividade. Daria prioridade a Medellín, mas se Cali e outros cartéis menores lhe pedissem para gerenciar o transporte dos seus carregamentos certamente também faria negócio com eles. Ganhar com todos sem se tornar inimigo de nenhum: difícil modo de vida mas, numa fase em que muitos necessitavam daquela passagem, era possível arrancar dinheiro de todos. Cada vez mais dinheiro.

Os colombianos tinham o costume de pagar cada carregamento em dinheiro vivo. Medellín pagava e os mexicanos o transportavam para os Estados Unidos em troca de pesos. Depois, dólares. El Padrino, no entanto, intuiu pouco tempo depois que o dinheiro podia se desvalorizar e que a cocaína era mais conveniente: distribuí-la diretamente no mercado norte-americano seria um senhor golpe. Quando o cartel colombiano começou a contratar mais remessas, El Padrino quis ser pago em mercadoria. Escobar aceitou, pareceu-lhe até conveniente. E como quer que fosse, não podia recusar. Se o carregamento fosse fácil de transportar e pudesse ser escondido nos caminhões ou nos trens, 35% do pó era dos mexicanos. Se o carregamento fosse complicado e precisasse passar pelas galerias subterrâneas, os mexicanos ficavam com 50%. Aquelas rotas impraticáveis, aquelas fronteiras, aqueles 3 mil quilômetros de México costurados nos Estados Unidos se tornaram o grande recurso de El Padrino. Os mexicanos

se tornaram verdadeiros distribuidores, e não apenas transportadores. Agora eles entregavam a coca aos *boss*, aos chefes locais, aos traficantes, às organizações americanas. Não eram só os colombianos. Agora os mexicanos também podiam aspirar a sentar à mesa do business. E dali a muito mais. Infinitamente mais. Também funciona assim no caso das grandes empresas: o distribuidor se torna muitas vezes o maior concorrente do produtor, seus ganhos maiores que os deste.

Mas El Padrino é hábil e compreende que é fundamental ficar na dele, ser *low profile*. Principalmente naqueles anos em que os olhos do mundo estão todos fixados em Escobar “El Mágico” e na Colômbia. Procura portanto ser prudente. Ter uma vida normal. De chefe, não de imperador. E fica atento a toda passagem, sabe que cada movimento deve ser bem azeitado. Que é preciso pagar cada posto de fronteira. Cada funcionário responsável por uma região. Cada prefeito de cada aldeia que se atravessa. El Padrino sabe que é preciso pagar. Pagar sempre, de modo que sua sorte seja concebida como a sorte de todos. E sobretudo que é preciso pagar antes que alguém possa falar, trair, dar com a língua nos dentes, ou oferecer mais. Antes que alguém possa se vender a um grupo rival ou à polícia. Ele próprio tinha sido policial. Por isso haviam encontrado uma pessoa que garantia a tranquilidade dos transportes: Kiki. Kiki era um tira que garantia impunidade, do estado de Guerrero ao da Baja California. A entrada nos Estados Unidos, depois, era moleza. Caro Quintero nutria por Kiki verdadeira veneração, hospedava-o com frequência em sua casa. Contava-lhe como deve viver um chefe, qual devia ser seu estilo de vida, o que devia mostrar a seus homens. Rico, abastado, mas sem ostentar. Você tem de fazer crer que, se você estiver bem, seus homens também estarão bem. As pessoas que trabalham ao seu redor também estarão bem. Deve fazer com que eles esperem que suas atividades cresçam, que seus negócios melhorem. Se, ao contrário, você mostrar que tem tudo, que pode ter tudo, vão querer te tirar alguma coisa, porque pensarão que além daquilo não se pode ir, que mais do que aquilo não se pode ter. É um equilíbrio tênue, e o sucesso está em não

ultrapassar nunca essa linha, em não ceder nunca aos apelos de uma vida feita de luxo.

Kiki fazia a droga passar onde quer que fosse com extrema facilidade, e o clã de El Padrino pagava de bom grado. Parecia ser capaz de corromper todo mundo, de fazer chegar sem percalços tudo o que tinha de atravessar a fronteira americana. Foi por causa dessa confiança máxima, a qual com o tempo Kiki havia conquistado, que começaram a falar de uma coisa que não se contava a ninguém. Essa coisa era El Búfalo. Depois do enésimo caminhão-reboque repleto de cocaína colombiana e de erva mexicana ter entrado nos Estados Unidos, Kiki foi levado ao estado de Chihuahua. Tinha ouvido falar mil vezes de El Búfalo mas não sabia o que era, se um codinome, uma operação, um apelido. El Búfalo não era o chefe dos chefes, não era um animal sagrado e venerável, se bem que, quando falavam dele, o faziam com uma atitude geralmente de reverência, comoção e sacralidade. Nada disso, ou melhor, mais do que isso tudo: El Búfalo era uma das maiores plantações de maconha do mundo. Mais de quinhentos hectares de terra e algo como 10 mil camponeses trabalhando neles. Todo movimento de protesto no mundo, de Nova York a Atenas, de Roma a Los Angeles, sempre se caracterizou pelo consumo de maconha. Festas sem *cannabis*? Manifestações sem *cannabis*? Impossível. A erva, símbolo de um barato leve, de sentir-se bem em grupo, de suave relaxamento e de amizade. Toda ou quase toda a erva que os americanos fumavam, toda a erva vendida e consumida nas universidades romanas e parisienses, toda a erva das manifestações suecas, dos piquetes alemães, toda a erva das *parties*, por um longo período era filha de El Búfalo, provinha de lá antes de ser transportada pelas máfias de meio mundo. Kiki deveria passar novos caminhões, novos trens cheios do ouro produzido em El Búfalo. E Kiki aceitou.

Na manhã de 6 de novembro de 1984, 450 soldados mexicanos invadem El Búfalo. Helicópteros começam a catapultar militares que arrancam as plantas e apreendem a maconha já colhida, fardos inteiros prontos para a

secagem e a trituração. Com os vários milhares de toneladas apreendidos e queimados, esvaíram-se na fumaça em El Búfalo 8 bilhões de dólares. El Búfalo e todas as suas plantações estavam sob o controle do clã do *boss* Rafael Caro Quintero. O campo funcionava sob a proteção de todas as forças de polícia e do Exército: era enorme e constituía o principal recurso econômico da região. Todos ganhavam com ele. Caro Quintero não podia acreditar que com todo o dinheiro investido para azeitar aquela máquina, para corromper a polícia e o Exército, pudesse ter lhe escapado uma operação militar de tamanha dimensão. Até os aviões militares que sobrevoavam aquele território o avisavam antes de levantar voo, pediam sua autorização. Ninguém conseguia compreender o que havia acontecido. Os mexicanos deviam ter sido pressionados pelos americanos. A DEA, a polícia antidrogas americana, devia ter se metido naquela operação.

Caro Quintero e El Padrino estavam preocupados. Entre os dois havia uma relação de grande confiança, eles eram os cofundadores da organização que tinha o monopólio do narcotráfico no México. Pediram a todos os que trabalhavam para eles, em todos os níveis de responsabilidade, que investigassem em suas folhas de pagamentos. Porque o que quer que houvesse acontecido, eles deveriam ter sabido antecipadamente. Em geral, quando tinha de se fazer uma apreensão, eles eram avisados, e eles mesmos providenciavam para que fosse encontrado um pouco de droga. Um pouco mais, se o policial que apreenderia tivesse à sua disposição as câmaras do telejornal ou quisesse fazer carreira. Um pouco menos, se não fosse um homem deles. Kiki falou com todos, falou com Don Neto, com os contatos políticos de El Padrino, foi a Guadalajara, onde todos os chefes tinham se reunido. Queria sondar os humores, compreender quais seriam os próximos movimentos dos líderes do cartel. Um dia estava indo encontrar sua mulher Mika. Não se encontravam com frequência para almoçar, só quando Kiki estava tranquilo e o trabalho não o assediava muito. Viam-se num lugar distante do escritório, num dos mais bonitos bairros de Guadalajara.

Kiki saiu da sala, deixando o crachá e a pistola na gaveta, e desceu à rua. Aproximou-se da sua picape e cinco homens, três diante do motor e dois posicionados perto da caçamba, apontaram suas pistolas para ele. Kiki ergueu as mãos, procurou reconhecer o rosto de quem o estava ameaçando. Deve ter tentado entender se eram pistoleiros que conhecia ou se era algum chefe que no passado ele havia prejudicado ou a quem havia feito algum favor. Provavelmente com as mãos na nuca foi posto num Volkswagen Atlantic bege. A mulher continuou a esperá-lo e não o vendo chegar telefonou para o escritório. Kiki foi levado à rua Lope de Vega. Conhecia bem aquela casa, com seus dois andares avarandados e quadra de tênis. Era uma das residências dos homens de El Padrino. Tinham-no descoberto. Porque Kiki não era o enésimo policial mexicano a soldo dos narcos, não era o tira corrupto e altamente capaz que tinha se tornado o alquimista de El Padrino. Kiki era um homem da DEA, a Drug Enforcement Administration.

Seu verdadeiro nome era Enrique Camarena Salazar. Americano de origem mexicana, tinha entrado para a DEA em 1974. Havia começado a trabalhar na Califórnia, depois foi despachado para o escritório de Guadalajara. Durante quatro anos Kiki Camarena mapeou a rede dos grandes traficantes de cocaína e maconha do país. Começou a pensar na hipótese de se infiltrar porque as operações de polícia levavam à detenção de *campesinos*, pequenos traficantes, motoristas, pistoleiros, quando o problema estava em outro lugar. Queria superar o mecanismo das grandes detenções, das detenções espetaculares em número mas insignificantes em importância. Entre 1974 e 1976, quando havia sido instituída uma força-tarefa entre o governo mexicano e a DEA para erradicar a produção de ópio nas montanhas de Sinaloa, houve 4 mil detenções, mas todos eram cultivadores e transportadores. Se não detivessem os chefes do tráfico, se não detivessem quem movia todos os fios, a organização estaria destinada a durar para sempre, a se regenerar continuamente. Kiki estava procurando se infiltrar cada vez mais no narcotráfico do Triângulo de Ouro, isto é, o território compreendido entre os estados de Sinaloa, Durango e Chihuahua,



zona de grande produção de maconha e ópio. A mãe de Kiki estava preocupada, era contrária a isso, não concordava com aquele trabalho, não queria que seu filho se pusesse sozinho contra o rei do narcotráfico mundial. Mas Kiki respondeu simplesmente: “Mesmo que eu seja apenas uma pessoa, posso fazer a diferença”. Era a sua filosofia. E era verdade. Tinham-no traído, a ele, Kiki. Pouquíssimos sabiam da operação e entre estes pouquíssimos alguém havia falado. Os sequestradores o levaram para um quarto e começaram a torturá-lo. Era preciso fazer um serviço exemplar. Ninguém jamais deveria esquecer como Kiki Camarena havia sido punido por ter traído. Ligaram um gravador e gravaram tudo, porque tinham de demonstrar a El Padrino que haviam feito o impossível para arrancar de Kiki tudo o que ele sabia. Porque durante os espancamentos e as torturas queriam que tudo o que ele dissesse fosse gravado para captar tudo o que ele deixava escapar, inclusive a mais insignificante das informações. Naquele momento tudo era útil. Queriam saber o que Kiki já tinha dito e quem eram os outros da sua equipe de infiltrados. Começaram com tapas na cara e no gogó para lhe tirar o fôlego. Quebraram-lhe o nariz e as arcadas superciliares enquanto era amarrado, com os olhos vendados. Kiki perdeu os sentidos, e seus torturadores chamaram um médico. Fizeram-no voltar a si com água gelada, lavaram seu sangue. Kiki chorava de dor. Não respondia. Perguntavam como a DEA conseguia obter informações, quem as passava. Queriam saber outros nomes. Mas não havia outros nomes. Não acreditavam nele. Ligaram fios elétricos em seus testículos e começaram a dar choques. Na fita gravada ouvem-se urros e tombos. Seu corpo era como que projetado no ar pela corrente elétrica. Depois, enquanto tinha mãos e pés amarrados numa cadeira, um dos torturadores premiu um parafuso contra seu crânio e começou a aparafusar. O parafuso entrava na cabeça espanando carne e ossos, provocando uma dor lancinante. Kiki apenas repetia: “Deixe em paz minha família”. “Eu lhes suplico, não façam mal à minha família.” A cada tapa, a cada dente que saltava, a cada choque elétrico, a dor se tornava insuportável à ideia de que pudesse se multiplicar em Mika,

Enrique, Daniel e Erik, sua mulher e seus três filhos. Nas gravações é a coisa que ele repete com maior frequência. Você pode ter qualquer tipo de relação com a sua família, mas quando sabe que ela pode pagar por sua responsabilidade, a dor se torna insuportável, e insuportável é a ideia que outro a sentirá por sua culpa, por uma opção sua.

Quando toma conta do corpo, a dor gera reações inesperadas, impensáveis. Você não diz a maior mentira esperando que possa terminar, porque tem medo de ser descoberta e de que aquela dor voltará, se isso é possível, mais lancinante ainda. A dor faz você dizer exatamente o que o torturador quer saber. Mas a coisa mais insuportável que acontece com você, quando sente uma dor que não consegue aguentar, é a perda total de orientação psicológica. Você se encontra caído no seu sangue, na sua urina, na sua baba, com os ossos quebrados. E apesar disso não tem opção, você continua confiando neles. Na razão, na inexistente piedade deles. A dor da tortura faz você perder a consciência e botar para fora, sem mediação, os medos finais. Faz você implorar piedade, piedade principalmente para a sua família. Como se pode pensar que quem é capaz de queimar os testículos de alguém e lhe enfiar um parafuso no crânio pode ouvir os rogos para poupar sua família? Kiki implorava e pronto, o resto não conseguia avaliar. Como se pode pensar que suas preces não seriam, ao contrário, um modo de alimentar a fome de vingança, a ferocidade deles?

Quebraram suas costelas. “Por favor, podem enfaixá-las?”, ouve-se a certa altura da gravação. Tinham furado seus pulmões e era como se tivesse lâminas de vidro esburacando a sua carne. Um deles preparou um braseiro, como se fossem grelhar um bife. Aqueceram um ferro ao rubro e enfiaram-no no reto de Kiki. Estupraram-no com um ferro em brasa. Os urros gravados são impossíveis de escutar, ninguém conseguiu não desligar o gravador. Ninguém conseguiu não sair do quarto em que a fita era ouvida. Quando a história de Kiki é contada, há sempre alguém que lembra como os juízes que ouviram aquelas fitas perderam o sono por semanas. Conta-se de policiais que vomitavam enquanto redigiam o relatório daquelas nove horas

de gravação. Alguns transcreviam chorando o que ouviam, outros tapavam os ouvidos e berravam: “Chegaaaa!”. Kiki foi martirizado enquanto lhe perguntavam como havia feito para administrar tudo. Enquanto lhe perguntavam nomes, endereços, contas-correntes. Mas era só ele o infiltrado. Tinha organizado tudo sozinho, com a anuência de alguns dos seus superiores e o apoio de uma pequena estrutura no México. A força da sua operação clandestina estava precisamente na sua ação solitária. Mas aqueles poucos policiais mexicanos, os pouquíssimos que sabiam da sua operação, testados e comprovados em anos de experiência, tinham se vendido. E tinham passado a informação a Caro Quintero.

Pareceu de repente que a polícia mexicana estava envolvida no fato. Resultou dos depoimentos que o sequestro tinha sido efetuado com a ajuda de policiais corruptos que estavam na folha de pagamento do cartel de Guadalajara. Mas Los Pinos, a residência presidencial mexicana, não fazia nada, não investigava, não dava respostas. Todo esforço era contido pelo governo mexicano, que diminuía o ocorrido, dizendo: “Vocês perderam apenas uma pessoa. Poderia ser em Guadalajara, tomando sol. Esta não é uma prioridade”. Não admitiam o sequestro. Mesmo Washington aconselhou a DEA a deixar para lá e aceitar o sucedido, já que as relações políticas entre México e Estados Unidos eram importantes demais para serem comprometidas com o desaparecimento de um agente. Mas a DEA não podia aceitar um fracasso do gênero e enviou a Guadalajara 25 homens para investigar. O que se seguiu foi uma grande caça ao homem para encontrar Kiki Camarena. El Padrino sentia que a atmosfera era sufocante. Ter tocado em Kiki tinha sido provavelmente um passo em falso. Mas quando você tem toda uma classe política aliada e, sobretudo, quando você acha ter previsto tudo nos menores detalhes, você tem a arrogância da força. E a força do dinheiro. Era preciso ser exemplar com Kiki. A confiança depositada nele tinha sido máxima e a punição tinha de ser inesquecível. Devia ficar na história para uma futura lembrança.

Um mês depois do sequestro, o corpo de Kiki foi encontrado nos arredores da pequena aldeia de La Angostura, no estado de Michoacán, cem quilômetros ao sul de Guadalajara, jogado na beira de uma estradinha rural. Ainda estava amarrado, amordaçado e com os olhos vendados. O cadáver estava marcado pela tortura. O governo mexicano mentiu, declarando que o corpo tinha sido encontrado por um camponês naquele lugar, metido num saco de plástico. As pesquisas do FBI sobre os vestígios de terra na pele confirmaram, ao contrário, que o corpo havia sido sepultado em outro lugar e posto ali somente num segundo momento. Don Arturo, o velho contrabandista de ópio, levava seus filhos à fossa em que havia sido sepultado o corpo de Kiki e onde depositava flores. E quando os netos e os filhos dos netos lhe pediam licença para entrar nos cartéis dos narcos, para trabalhar para os narcos, para dar terra aos narcos, Arturo não falava. Ele, outrora respeitado chefe do ópio, havia renunciado a tudo, mas seus descendentes se lamentavam e não compreendiam o porquê disso. Não compreendiam até que o velho levasse todos eles diante daquele buraco. E contava de Kiki e daquela cadela vista quando era garoto. Contava a história e mostrava assim de que matéria se compunha aquele seu não. Era seu modo de entrar no fogo e tirar de lá os filhotes. Don Arturo sabia que devia ter a coragem daquele animal.

A história de Kiki Camarena não deveria mais doer, talvez até não devesse mais ser contada porque já é bem conhecida. História aflitiva. História que muitos acreditarão ser marginal, ocorrida num pedaço de terra ignorado e desimportante. E no entanto é central. É a origem do mundo, me dá vontade de dizer. É preciso entender onde nascem os gemidos do planeta Terra contemporâneo, suas rotações, seus fluxos, seu sangue, sua ferocidade, seu percurso inicial. O que vivemos hoje, a economia que regula nossas vidas e nossas escolhas, é mais determinado pelo que Félix Gallardo “El Padrino” e Pablo Escobar “El Mágico” decidiram e fizeram nos anos 1980 do que pelo que decidiram e fizeram Reagan e Gorbachóv. Pelo menos, eu penso assim.

Diversos testemunhos sustentam que, em 1989, El Padrino convocou a um resort de Acapulco todos os mais poderosos narcos mexicanos da época. Enquanto o mundo se preparava para a queda do Muro de Berlim, enquanto era sepultado um passado feito de irmãos divididos e sofrimentos, de Guerra Fria, cortinas de ferro e fronteiras intransponíveis, naquela cidadezinha do sudoeste mexicano, sem fazer barulho, se planejava o futuro do planeta. El Padrino decidiu subdividir a atividade que controlava e atribuir os vários segmentos aos traficantes em que a DEA ainda não havia posto os olhos. Estruturou o território em zonas, ou *plazas*, cada uma confiada a homens que tinham o direito exclusivo de administrar o tráfico nos territórios a eles atribuídos. Quem quer que transitasse por uma região fora do seu controle tinha de pagar uma soma ao cartel hegemônico. Desse modo, os narcotraficantes não entrariam mais em conflito pelo controle das zonas estratégicas. O que Félix Gallardo criou foi um modelo de convivência entre cartéis.

Mas subdividir o território traria também outras vantagens. Haviam transcorrido quatro anos da história de Kiki, e para El Padrino aquela ainda era uma ferida aberta. Não conseguia acreditar que fossem capazes de ferrá-lo daquele jeito, daí ser fundamental reforçar a cadeia, evitar que um elo frágil pusesse de joelhos toda a organização, que não era mais única, logo não podia ser destruída de um só golpe pelas forças de ordem nem comprometida se os políticos traíssem a proteção que prestavam ou os ventos mudassem. A gestão autônoma das zonas permitia, além disso, maior capacidade empresarial de cada grupo, e os chefes poderiam controlar de perto suas *plazas*. Investimentos, pesquisas de mercado, concorrência: tudo isso criava mais oportunidades e trabalho. Em poucas palavras, El Padrino estava realizando uma revolução de cujo alcance em breve o mundo inteiro se daria conta: estava abrindo o capital da grande empresa da droga no México, repartindo o controle.

Contam que a reunião no resort não foi barulhenta, não houve cenas espalhafatosas, nenhum melodrama ou comédia. Eles chegaram,

estacionaram os carros e tomaram lugar nas mesas. Poucos guarda-costas, um menu de recepção imponente, de batismo. O batismo do novo poder narco. El Padrino chegou quando os outros já estavam comendo. Tomou assento e brindou. Um brinde com vários copos, um para cada território a ser atribuído. Levantou-se com um cálice na mão e pediu que Miguel Caro Quintero fizesse o mesmo: foi confiada a ele a zona de Sonora. Depois dos aplausos, beberam. O segundo copo foi para a família Carrillo Fuentes: “Para vocês, Ciudad Juárez”. Depois ergueu um novo copo e desta vez se voltou para Juan García Ábrego, a quem confiou a rota de Matamoros. Chegou a vez dos irmãos Arellano Félix: “Para vocês, Tijuana”. O último copo foi para a costa do Pacífico. Joaquín Guzmán Loera, vulgo “El Chapo”, e Ismael Zambada García, “El Mayo”, se levantaram antes de serem chamados: pleiteavam aqueles territórios, lá haviam sido vice-reis e agora, finalmente, eram eleitos reis. A repartição estava feita, o novo mundo criado. Talvez o relato seja uma lenda, mas sempre pensei que somente uma lenda assim podia conter a força simbólica necessária para dar vida a um verdadeiro mito fundador. Como um antigo imperador romano que convoca a sua descendência e atribui a cada filho uma porção das suas posses, El Padrino devia inaugurar com um gesto soberano a nova era, ou pelo menos fazer com que um relato desse tipo se difundisse, garantindo ao mesmo tempo para si uma espécie de seguro de vida.

Nasciam naquele momento os cartéis do narcotráfico, tal como existem hoje, mais de vinte anos depois. Nasciam organizações criminosas que não tinham mais nada a ver com o passado. Nasciam instituições com um território de competência no qual impunham tarifas e condições de venda, medidas de proteção e intermediação entre produtores e consumidores finais. Os cartéis do narcotráfico têm a faculdade e o poder de decidir sobre preços e influências com um acordo, sentados a uma mesa, com uma nova regra ou uma lei. Ou podem fazê-lo com TNT e milhares de mortos. Não existe um modo único para decidir sobre o preço e a distribuição da

cocaína: depende das condições, do momento, das pessoas envolvidas, das alianças, das traições, das ambições dos chefes, dos fluxos econômicos.

El Padrino manteria a supervisão das operações: ele era um ex-tira, cabia a ele ter os contatos, logo continuaria sendo o cabeça. Mas não teve tempo de ver seu plano aplicado. Logo depois que o cadáver de Kiki foi encontrado, quase quatro anos antes, ficou claro que seus colegas da DEA não dariam trégua enquanto não fizessem justiça pelo horror sofrido por um deles, por aquele que para muitos era o melhor. Pelo horror sofrido por Kiki. As relações entre o governo americano e o México se tornaram cada vez mais tensas. Os mais de 3 mil quilômetros que unem o México aos Estados Unidos, aquela longa língua de terra que, como dizem os transportadores, lambe o cu da América, e assim consegue introduzir ali o que bem entende, eram vigiados dia e noite com um rigor e uma intensidade nunca antes vistos. Um sócio de Rafael Caro Quintero confessara que o corpo de Kiki fora inicialmente sepultado no Parco La Primavera, a oeste de Guadalajara, e não onde havia sido encontrado. As amostras de terra correspondiam às que encontraram na pele da vítima. A roupa de Kiki fora destruída, a pretexto de que estava podre, mas evidentemente quiseram apagar as provas. Naquele ponto a DEA tinha dado vida à mais vasta investigação de um homicídio já empreendida pelos Estados Unidos até então. Foi batizada de Operação Lenda. A busca dos assassinos se transformou numa caça. Os agentes americanos seguiram toda pista possível. Foram presos cinco policiais que admitiram ter participado do desmascaramento de Camarena. Todos indicaram como mandantes Rafael Caro Quintero e Ernesto “Don Neto” Fonseca Carrillo, que foram presos.

Caro Quintero tentou escapar. Não podia admitir que o México, seu reino, o entregasse à DEA. Sempre havia comprado todos, e de fato pagou uma propina de 60 milhões de pesos a um comandante da Polícia Judiciária mexicana. Conseguiu chegar à Costa Rica. Mas quando você escapa não deve nunca pensar que poderá levar consigo a vida de antes. Você escapa e pronto. Ou seja, de certo modo você morre. Caro Quintero, no entanto,

havia levado consigo uma pessoa, sua noiva, Sara Cristina Cosío Vidaurri Martínez. Sara não era um *boss*. Não sabia viver escondida. Parece fácil poder viver longe, reconstruir uma identidade, no fundo você acha que basta pouco, que basta a grana. Viver escondido ou fingir sempre é uma tortura que te inflige uma pressão psicológica que só poucos podem suportar. Depois de meses de distância, Sara não aguentou mais e ligou para a mãe no México. A polícia sabia que mais cedo ou mais tarde ela faria isso e monitorava o telefone. Foi esse o erro que permitiu à DEA localizar o *boss*, sua casa, sua nova vida. Foram pegá-lo. Caro Quintero e Don Neto se recusaram a colaborar com a Justiça e puseram a responsabilidade do homicídio de Kiki no chefe, em El Padrino. Eles, admitiram, só se encarregaram do sequestro. Tratava-se provavelmente de um acordo feito com El Padrino, que no México gozava de apoio político de altos funcionários. Mas as organizações ensinam que só há uma regra: quem oferece mais. E nos quatro anos que se seguiram à morte de Kiki, a polícia americana começou a se aproximar e a derrubar cada proteção de Félix Gallardo. Para chegar a El Padrino era preciso isolar toda a rede que o defendia. Na política, entre os juízes, entre a polícia, entre os jornalistas. Muitos dos que tinham sido pagos pelos homens do clã de Guadalajara para oferecer proteção a El Padrino e aos seus foram presos ou demitidos. Entre os acusados estava inclusive o chefe do escritório mexicano da Interpol, Miguel Aldana Ibarra, depositário de muitas informações sobre as investigações e o tráfico de cocaína. Ele também estava na folha de pagamento de El Padrino: passava as informações primeiro aos narcos, depois aos seus superiores. El Padrino foi preso no dia 8 de abril de 1989. Alguns anos depois foi transferido para a prisão de segurança máxima de El Altiplano, onde ainda está cumprindo pena de quarenta anos.

Todos atrás das grades, El Padrino, Rafael Caro Quintero, Ernesto Fonseca Carrillo. Mas essas histórias estão destinadas a não acabar nunca, como ensina Caro Quintero, que, na noite de 9 de agosto de 2013, volta a respirar o ar fresco da liberdade. Um tribunal federal de Guadalajara



encontrou uma irregularidade “formal” no processo intentado contra Quintero pelo sequestro, tortura e homicídio de Kiki Camarena: o tribunal federal que julgou Caro Quintero não tinha alçada para fazê-lo, pois o agente da DEA não era um agente diplomático ou consular e, portanto, o processo deveria ter acontecido em um tribunal comum. Sutileza suficiente para fazer com que um dos maiores chefões mexicanos alçasse voo. Mas, sobre ele, nos Estados Unidos, ainda pairam acusações de vários delitos federais: por isso, o Departamento de Estado americano estabeleceu uma recompensa de 5 milhões de dólares para qualquer um que forneça informações que possam levar à sua captura. Os americanos o querem novamente atrás das grades, dessa vez, das deles.

O homicídio de Camarena e os acontecimentos que se seguiram representam um momento decisivo na luta contra o narcotráfico mexicano. Tornou-se claro o nível de impunidade de que os cartéis gozavam: sequestrar um agente da DEA à luz do dia, bem na frente do consulado americano, para depois torturá-lo e matá-lo, havia superado em muito tudo o que se havia ousado fazer até aquele momento. Camarena tivera uma grande intuição: havia compreendido antes dos outros que a estrutura havia mudado, que se tornara muito mais que um grupo de gângsteres e contrabandistas. Compreendeu que estavam combatendo verdadeiros empresários da droga. Compreendeu que o ponto de partida era romper as relações entre instituições e traficantes. Compreendeu que as detenções em massa da mão de obra eram no fundo inúteis se não se decapitavam as dinâmicas que possibilitavam irrigar de dinheiro os mercados e fortalecer os chefes. Kiki observava o nascimento dessa burguesia do crime, que não se conseguia pôr atrás das grades. A ele, interessavam mais esses fluxos de dinheiro do que os *killers* ou os pequenos traficantes. Tinha compreendido o que até hoje os Estados Unidos demoram para aprender: era preciso bater na cabeça, era preciso atingir os *boss*, os grandes chefes, os outros eram meros executores. E havia compreendido também que o mundo dos produtores

estava se enfraquecendo comparativamente ao dos distribuidores. É uma lei da economia, logo também uma lei do narcotráfico, uma lei que representa a essência mesma do comércio e das regras de mercado. Os produtores colombianos estavam entrando em crise. Estavam entrando em crise os cartéis de Medellín e Cali, assim como os grupos guerrilheiros das FARC, as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia.

A morte de Kiki despertou a opinião pública americana para o problema da droga como nunca havia acontecido antes. Depois que seu corpo foi encontrado, muitos americanos, a começar de Calexico, Califórnia, cidade natal de Kiki, começaram a usar fitas vermelhas, símbolo da dor, da profanação da carne. E pediram que as pessoas parassem de se drogar em nome do sacrifício feito por Camarena para combater a droga. Na Califórnia, e depois em todos os Estados Unidos, foi organizada a Red Ribbon Week, “Semana da Fita Vermelha”, que passou a ser celebrada todos os anos, em outubro, como campanha de prevenção contra as drogas. E a história de Kiki terminou na TV e no cinema.

Antes de ser preso, El Padrino tinha conseguido convencer os *boss* a renunciar ao ópio e se concentrar na cocaína proveniente da América do Sul e destinada aos Estados Unidos. Nem por isso as plantações de maconha e de papoula desapareceram do México. Permanecem, como permanecem o comércio e a exportação. Perderam porém importância, suplantadas pela cocaína e depois pelo *hielo*, o gelo, isto é, a metanfetamina. As decisões tomadas durante a reunião de Acapulco, poucos meses antes de El Padrino ser preso, fizeram crescer as organizações, mas, sem a direção e a autoridade reconhecida do chefe, começou uma disputa territorial ferocíssima entre os que haviam ficado soltos. Os cartéis começaram a guerrear já no início dos anos 1990. Uma guerra deflagrada longe dos ecos midiáticos, já que muito pouca gente acreditava na existência de cartéis do narcotráfico. No entanto, à medida que o conflito se tornava mais sanguinário, o nome de seus protagonistas conquistava fama e popularidade. Tubarões. Tubarões que, para dominar o mercado das drogas, que só no México hoje movimenta

entre 25 e 50 bilhões de dólares por ano, estão corroendo a América Latina desde seus alicerces. A crise econômica, as finanças devoradas pelos derivativos e pelos capitais tóxicos, o enlouquecimento das Bolsas: em quase toda parte estão destruindo as democracias, destroem o trabalho e as esperanças, destroem créditos e vidas. Mas o que a crise não destrói — ao contrário, fortalece — são as economias do crime. O mundo contemporâneo começa ali, nesse big bang moderno, origem dos fluxos financeiros imediatos. Choque de ideologias, choque de civilizações, conflitos religiosos e culturais são apenas capítulos do mundo. Mas se olharmos através da ferida dos capitais criminosos, todos os vetores e os movimentos se tornam diferentes. Se ignorarmos o poder criminoso dos cartéis, todos os comentários e as interpretações da crise parecem se basear num equívoco. Esse poder, temos de olhá-lo nos olhos, encará-lo bem, para compreendê-lo. Ele construiu o mundo moderno, gerou num novo cosmos. O big bang se iniciou aqui.

## Cocaína # 2

A heroína faz de você um zumbi. A maconha relaxa e deixa seus olhos injetados de sangue. A cocaína é outra história, é a droga performática. Com ela você pode fazer qualquer coisa. Antes que ela faça seu coração explodir, antes que seu cérebro vire mingau, antes que seu pau amoleça para sempre, antes que o estômago se torne uma chaga purulenta, antes de tudo isso você trabalhará mais, se divertirá mais, trepará mais. A cocaína é a resposta exaustiva à necessidade mais imperativa da época atual: a falta de limites. Com a cocaína você viverá mais intensamente. Se comunicará mais, primeiro mandamento da vida moderna. Quanto mais você se comunica mais é feliz, quanto mais se comunica mais goza a vida, quanto mais se comunica mais comercia sentimentos, mais vende, vende mais qualquer coisa. Mais. Sempre mais. No entanto, nosso corpo não funciona com os “mais”. A certa altura a excitação vai se aplacar e o físico voltará a um estado de tranquilidade. E é aí que intervém a cocaína. É um trabalho de precisão, porque deve se infiltrar entre as células, no ponto exato que as divide — a fissura sináptica —, e bloquear um mecanismo fundamental. É como quando você joga tênis e acaba de meter no seu adversário uma bola irrefutável rente à linha: nesse momento o tempo se congela e tudo é perfeito, a paz e a força convivem em você em total equilíbrio. É uma sensação de bem-estar desencadeada por uma gota microscópica de uma substância, o neurotransmissor, pingada bem na fissura sináptica. A célula se

excitou e contagiou aquela ao lado, e assim por diante, até envolver milhões delas num formigamento quase instantâneo. É a vida que acende. Agora você volta para a linha de fundo, e assim também faz seu adversário, estão prontos para disputar outro ponto, a sensação de pouco antes é uma reverberação distante. O neurotransmissor foi reabsorvido, os impulsos entre uma célula e a outra foram bloqueados. É aqui que aparece a cocaína. Ela inibe a reabsorção dos neurotransmissores, e suas células estão sempre acesas, como se fosse Natal o ano inteiro, com as luzinhas cintilando 365 dias sem parar. Dopamina e noradrenalina: assim se chamam os neurotransmissores que a cocaína ama loucamente e que não gostaria nunca de perder. A primeira é a que te permite ser o centro da festa, porque agora tudo é mais fácil. É mais fácil falar, é mais fácil paquerar, é mais fácil ser simpático, é mais fácil sentir-se querido. A segunda, a noradrenalina, tem uma ação mais sub-reptícia. Em torno de você tudo se amplificou. Cai um copo? Você ouve antes dos outros. Uma janela que bate? Você percebe primeiro. Te chamam? Você se vira antes de terem pronunciado por completo seu nome. É assim que funciona a noradrenalina. Aumenta seu estado de vigilância e de alerta, o ambiente a seu redor se enche de perigos e de ameaças, se torna hostil, você sempre espera sofrer um dano ou um ataque. As respostas de medo-alarme são aceleradas, as reações imediatas, sem filtro. É a paranoia, sua porta escancarada. A cocaína é a gasolina dos corpos. É a vida elevada ao cubo. Antes de te consumir, de te destruir. A vida a mais com que você parece ter se presenteado, você pagará com juro de agiota. Mais tarde, quem sabe. Porém mais tarde não conta nada. Tudo é aqui e agora.

### 3. Guerra pelo petróleo branco

O México é a origem de tudo. O mundo em que ora respiramos é China, é Índia, mas também é México. Quem não conhece o México não pode entender como funciona hoje a riqueza neste planeta. Quem ignora o México nunca compreenderá o destino das democracias transfiguradas pelos fluxos do narcotráfico. Quem ignora o México não encontra o caminho que reconhece o cheiro do dinheiro, não sabe como o cheiro do dinheiro criminoso pode se tornar um cheiro vencedor que pouco tem a ver com o fedor de morte, miséria, barbárie, corrupção.

Para entender a cocaína você tem de entender o México. Os saudosistas da revolução refugiados na América Latina ou envelhecidos na Europa olham para aquela terra como quem encontra uma velha amante hoje casada com um homem rico e a vê infeliz, enquanto lembra quando, pobre e jovem, se oferecia a ele com uma paixão que quem a comprou se casando com ela não terá nunca. O resto dos observadores enxerga simplesmente o que aparece: um lugar de violência terrível, uma perene e obscura guerra civil, a enésima terra que não acaba nunca de sangrar. Mas o México também repete uma história bem conhecida, de guerra que se alastra porque os senhores são fortes e o poder que deveria se impor a eles é podre ou fraco. Como na época feudal, como no Japão dos samurais e dos xoguns, como nas tragédias de Shakespeare. No entanto, o México não é uma terra remota afundada em si mesma. Não é uma nova Idade Média. Não se pode definir o

México. É apenas o México. O México e ponto. É agora, aqui. Aqui onde a guerra insana não tem mais confins. Aqui onde os senhores da guerra são os donos da mercadoria mais requisitada do mundo. É a guerra dos pós brancos que rendem tanto dinheiro, tanto, que são mais perigosos que os poços de petróleo.

Os poços de petróleo branco estão no estado de Sinaloa. Sinaloa é seu mar. Sinaloa com seus rios que descem da Sierra Madre ao Pacífico é uma terra tão preciosa que você não acredita que possa haver por lá mais que uma luz deslumbrante e pés na areia. Assim gostaria de responder o aluno interrogado pela professora de geografia sobre os recursos do território. Ópio e *cannabis*, senhora professora, deveria ele dizer em vez disso. Tanto que, se estas paredes aqui se mantêm de pé, é porque seus avós cultivavam maconha e ópio, e hoje seus filhos têm universidade e trabalho graças à cocaína. Mas se respondesse assim levaria uma bofetada na cara e nota zero no boletim, como se dizia nos meus tempos. É melhor responder como está escrito nos manuais de geografia: que as riquezas do território são a pesca, a carne e a agricultura biológica. Mas já no século XIX os mercadores chineses haviam levado o ópio para Sinaloa. O veneno negro, assim o chamavam. Sinaloa era cheia de ópio. A papoula pode ser cultivada em toda parte. Onde crescem os cereais pode crescer a papoula. A única condição é o clima: nem seco demais, nem úmido demais, nada de geadas, nada de granizo. Mas em Sinaloa o clima é bom, as chuvas de granizo quase impossíveis, e fica perto do mar.

Hoje o cartel de Sinaloa é o que comanda, o que parece ter desarticulado todos os concorrentes, pelo menos até a próxima reviravolta. Sinaloa é hegemônica. No seu território a droga oferece pleno emprego. Gerações inteiras mataram a fome graças à droga. Dos camponeses aos políticos, dos jovens aos velhos, dos policiais aos desempregados. É preciso produzir, escoltar, transportar, proteger. Todos capacitados e alistados, em Sinaloa. O cartel age no Triângulo de Ouro e, com 650 mil quilômetros quadrados sob seu controle, é o maior cartel mexicano. Sob a sua gestão se desenvolve uma

fatia importante do tráfico e da distribuição de cocaína nos Estados Unidos. Os narcos de Sinaloa estão presentes em mais de oitenta cidades americanas, com células principalmente no Arizona, Califórnia, Texas, Chicago e Nova York. No mercado americano distribuem cocaína proveniente da Colômbia. Segundo a Procuradoria-Geral dos Estados Unidos, entre 1990 e 2008, o cartel de Sinaloa foi responsável pela importação e distribuição nesse país de pelo menos duzentas toneladas de cocaína e de grandes quantidades de heroína.

O estado de Sinaloa é o reino de El Chapo, um homem que nos Estados Unidos tem mais poder que um ministro. Cocaína, maconha, anfetaminas: a maioria das substâncias que os americanos fumam, cheiram e engolem passou pelas mãos dos seus homens. Desde 1995, ele é o grande chefe da facção surgida em 1989 das cinzas do cartel de Guadalajara. El Chapo, isto é, “o Baixote”. Porque a altura foi sua sorte. Cento e sessenta e sete centímetros de decisão. Ninguém deve encará-lo de cima para baixo. Desenvolveu, em compensação, astúcia e fascínio, capacidade sedutora e liderança. El Chapo não se destaca de seus homens, não os domina, não os supera fisicamente. Em troca, ganha confiança eterna. Seu verdadeiro nome é Joaquín Archivaldo Guzmán Loera, nascido provavelmente em 4 de abril de 1957 em La Tuna de Badiraguato, uma aldeiazinha de poucas centenas de habitantes na Sierra, as montanhas do estado de Sinaloa. Como qualquer outro homem de La Tuna, o pai de Joaquín era criador de gado e agricultor, e deu ao filho uma educação feita de sovas e trabalho no campo. São os anos do ópio. Toda a família de El Chapo está envolvida na atividade: um pequeno exército, dedicado da alvorada ao crepúsculo ao cultivo da papoula. El Chapo faz sua ascensão passo a passo, porque antes de poder acompanhar os homens pelos caminhos impraticáveis que levam às lavouras tem de ficar com a mãe e levar o almoço para os irmãos mais velhos. Um quilo de goma de ópio, que o chefe de família devia colocar no ponto seguinte da cadeia, proporcionava à família 8 mil pesos, o equivalente a setecentos dólares de hoje. E esse ponto correspondia às cidades, talvez à própria capital de Sinaloa, Culiacán. Uma



operação nada fácil se você for apenas um camponês; uma operação mais viável por ser o camponês em questão, o pai de El Chapo, parente de Pedro Avilés Pérez — um peixe graúdo do narcotráfico. Com esses pressupostos, uma vez chegado aos vinte anos, o jovem Chapo podia entrever uma saída da pobreza que havia marcado a vida de seus antepassados. Naquela época, quem mandava em Sinaloa era “El Padrino”, Miguel Ángel Félix Gallardo. Com seus sócios, Ernesto “Don Neto” Fonseca Carrillo e Rafael Caro Quintero, controlava todos os carregamentos de droga que chegavam e partiam do México. Para o jovem El Chapo, entrar na organização foi um passo natural, e igualmente natural foi aceitar sem pestanejar o primeiro desafio verdadeiro: cuidar da movimentação da droga, dos campos à fronteira. El Chapo faz isso com sucesso, mas para ele não é uma vitória, é apenas outro passo rumo ao comando. Para chegar lá, no alto, não se deve ter dó de quem erra, não se deve parar diante das desculpas dos subordinados que não respeitaram os tempos. Se aparece um problema, El Chapo o enfrenta, depois o elimina. Se um camponês é atraído por um comprador com a carteira mais estufada, El Chapo o elimina. Se o motorista que guia o caminhão cheio de droga se embriaga na noite anterior e não entrega a remessa a tempo, El Chapo o elimina. Simples e eficaz.

El Chapo logo demonstrou ser uma pessoa confiável e em poucos anos se tornou um dos homens mais próximos de El Padrino. Com ele o jovem Joaquín aprendeu muitas coisas, entre elas a mais importante: como sobreviver no narcotráfico. De fato, assim como Félix Gallardo, El Chapo vivia uma vida tranquila, sem ostentações, sem excessos. El Chapo se casou quatro vezes, teve nove filhos, mas nunca se rodeou de penças de mulheres.

Quando El Padrino é preso e se desencadeia a corrida pela sucessão, El Chapo decide manter-se fiel a seu mentor. Age metodicamente, sem alardear poder. A seu lado quer parentes, quer que sejam os vínculos de sangue a constituir sua armadura. Para todos os outros, a regra é uma: quem erra paga com a vida. Transfere-se para Guadalajara, fora de Sinaloa, na mesma metrópole que havia sido a última residência de El Padrino, enquanto sua

organização tem sua base em Agua Prieta, uma cidadezinha de Sonora, cômoda justamente por ser na fronteira com os Estados Unidos. É uma escolha que fala por si; assim El Chapo permanece à sombra e à sombra governa um império que cresce desmedidamente. Quando viaja, o faz incógnito. As pessoas começam a comentar que o reconheceram, mas raramente é verdade. Para transportar a droga aos Estados Unidos, El Chapo e seus homens utilizam todos os meios disponíveis. Aviões, caminhões, caminhões-reboque, caminhões-tanque, carros, túneis subterrâneos. Corre o ano de 1993, quando se descobre um túnel ainda não completado, com quase 450 metros, escavado a vinte de profundidade, que devia ligar Tijuana a San Diego.

São anos de atentados e acertos de contas, fugas e homicídios. No dia 24 de maio de 1993, o cartel rival de Tijuana contrata alguns homens de confiança para desferir um golpe mortal no cartel de Sinaloa. Naquele dia, no aeroporto de Guadalajara são aguardados dois viajantes excepcionais: El Chapo Guzmán e o cardeal Juan Jesús Posadas Ocampo, que como arcebispo da cidade lançava-se constantemente contra o poder dos narcos. Os pistoleiros sabem que El Chapo anda num Mercury Grand Marquis branco, um *must* para os barões da droga. O prelado também anda num Mercury Grand Marquis branco. Os matadores de Tijuana começam a disparar contra o Mercury que acreditam ser o do *boss* de Sinaloa, alguns homens — talvez os guarda-costas de El Chapo — respondem ao fogo. Num instante, o estacionamento do aeroporto se transforma num inferno. O tiroteio deixa sete mortos, entre eles o cardeal Posadas Ocampo, mas El Chapo foge, consegue escapar do estacionamento ileso e sem ser incomodado. Anos a fio muitos se perguntaram se naquela manhã o acaso havia de fato pregado uma peça feia no sacerdote, ou se os matadores na realidade tinham querido eliminar o incômodo arcebispo de Guadalajara. Só recentemente o FBI declarou ter desvendado o mistério: trágico erro de pessoa.

No dia 9 de junho de 1993, El Chapo é preso. A prisão de segurança máxima de Puente Grande, para onde é transferido em 1995, se transforma

lentamente na nova base a partir da qual continua a dirigir seus negócios. Oito anos depois, porém, El Chapo não pode mais se permitir continuar detrás das grades: a Suprema Corte aprovou uma lei que torna muito mais simples a extradição para as prisões americanas dos mexicanos com penas pendentes além da fronteira. A transferência para uma penitenciária americana significaria o fim de tudo. El Chapo escolhe então a noite de 19 de janeiro de 2001. Está programada a visita de uma delegação de altos funcionários mexicanos disposta a pôr fim à degeneração do sistema carcerário. El Chapo não dá bola para ela: faz tempo que organiza sua fuga ao som do dinheiro para corromper os guardas. É um deles — Francisco Camberos Rivera, vulgo “El Chito” — que abre sua cela e o esconde no carrinho de roupa suja. Atravessam corredores vigiados e portões eletrônicos escancarados. Chegam ao estacionamento interno, onde só há um homem de guarda. El Chapo pula fora do carrinho e entra no portamalas de um Chevrolet Monte Carlo. El Chito liga o motor e o conduz para a liberdade.

Agora para todos El Chapo é um herói, uma lenda. Mas ele não faz outra coisa além de continuar a dirigir seu cartel com a ajuda dos seus mais íntimos colaboradores: Ismael Zambada García, vulgo “El Mayo”, Ignacio Coronel Villarreal, vulgo “Nacho”, morto no dia 29 de julho de 2010 durante um raide do Exército mexicano, e seu conselheiro Juan José Esparragoza Moreno, vulgo “El Azul” por causa da sua cor de pele extremamente escura. Desde o nascimento do cartel de Sinaloa, em 1989, por cerca de uma década eles foram os príncipes incontestes do narcotráfico mexicano.

Por alguns anos El Chapo também faz uma aliança com os Beltrán Leyva, uma família composta de cinco irmãos, craques em gerir propinas e intimidações e, sobretudo, em se infiltrar no sistema político e judiciário e nas forças policiais mexicanas. Possuem inclusive contatos nos escritórios da Interpol abertos na embaixada americana e no aeroporto da Cidade do México. É por isso que o cartel de Sinaloa decide recrutá-los. Os Beltrán Leyva são um pequeno exército de direção familiar, uma célula degenerada

que desde o fim dos anos 1990 se tornou útil aos grandes cartéis. El Chapo confia neles. Sempre estiveram do seu lado, mesmo quando a sua autoridade fora ameaçada. Por exemplo, dois anos depois da sua fuga, quando se abre um vazio de poder no estado de Tamaulipas, em particular na zona de Nuevo Laredo, que se torna cenário de uma guerra feroz pelo controle do corredor que conduz ao Texas. É um corredor estrategicamente fundamental porque leva diretamente para a célebre Interstate 35, a estrada em que transita 40% da droga que chega ao México. Mas os vazios não existem para os narcos. E se existem, têm vida breve. Ocupar o território é a primeira regra, e quando desaparece um chefe os pretendentes logo avançam. El Chapo confia a missão de se apossar da zona nordeste do México, antes que outros o façam, a Arturo, um dos cinco irmãos Beltrán Leyva, que funda o braço armado Los Negros e encontra o homem certo para comandá-lo.

Edgar Valdez Villarreal é chamado de “Barbie”, apelido dado ao rapagão de cabelos claros e olhos azuis do time de futebol americano de uma *high school* de Laredo: “Você parece o Ken, mas para mim vai ser a Barbie”, declarou o técnico. No entanto o sonho americano de Barbie não são o *college* e uma casa mais confortável do que a conquistada pelo pai imigrante. Seu sonho é um mar de dinheiro, e este se encontra do outro lado da fronteira, em Nuevo Laredo. O charme de Barbie é reforçado pelo passaporte americano. As mulheres lhe agradam e ele agrada às mulheres. Tem paixão pelos ternos Versace e carros de luxo. Não podia haver homem mais diferente de El Chapo, mas El Chapo sabe ir além da primeira impressão. Sente o cheiro do sangue que impregna a *plaza* de Nuevo Laredo e a ânsia de afirmação do recém-chegado. Los Negros deverão combater Los Zetas, sanguinário braço armado do cartel do Golfo, com vocação para o espetáculo macabro. Barbie aceita entusiasmado e decide empregar as mesmas armas dos seus adversários: um filminho postado no YouTube onde se veem homens ajoelhados, alguns sem camisa, todos com sinais evidentes de espancamento. Se Los Zetas usam a internet para difundir a ferocidade,

Los Negros farão a mesma coisa numa escalada do horror que das ruas às páginas da web se autoalimenta e se reproduz infinitamente.

O medo e o respeito andam de braços dados, são as duas faces da mesma moeda: o poder. A moeda do poder tem uma face acesa e brilhante, e uma face apagada e opaca. Uma fama sanguinária incute medo nos rivais, mas não respeito, a pátina luminosa que permite abrir todas as portas sem que seja necessário arrombá-las. É toda uma questão de atitude: para ser o primeiro, você deve ser capaz de transmitir que o é. É um jogo de três cartas em que você é a banca, que sempre ganha. Por isso El Chapo nunca se contenta, não se detém na posição alcançada. Assim, depois de ter se lançado na conquista de Nuevo Laredo, decide que também quer a *plaza* de Ciudad Juárez, outro posto avançado decisivo nos confins com os Estados Unidos, tradicionalmente controlado pelos Carrillo Fuentes.

Mais uma vez quem entra em ação são Los Negros. Em 11 de setembro de 2004, Rodolfo Carrillo Fuentes, que com o irmão Vicente comanda o destino do cartel de Juárez, é assassinado no estacionamento de um complexo de salas de cinema em Culiacán, coração do reino de Sinaloa. Está acompanhado da mulher, mas o guarda-costas que os protege não pode fazer nada contra os pistoleiros de El Chapo, que disparam de todas as direções, crivando de balas o casal. É uma afronta que traz em si uma mensagem muito clara: Sinaloa tinha respeito pelo *boss* do cartel de Juárez, Amado Carrillo Fuentes — o primogênito dos irmãos Fuentes —, mas não respeita sua família. O passo para a guerra aberta é curto, e de fato a vingança do cartel de Juárez não se faz esperar. Vicente ordena a morte de um dos irmãos de El Chapo, Arturo, vulgo “El Pollo”, que no dia 31 de dezembro é assassinado na prisão de segurança máxima de Almoloya de Juárez. Para El Chapo é um golpe duro, que no entanto não o faz retroceder em suas metas. Vicente não tem o estofo nem os contatos do irmão e não goza do respeito que os outros narcos tinham por Amado: um sujeito como ele não pode assegurar o governo de uma *plaza* importante como a de

Juárez. Durante anos essa cidade fronteira se transforma no teatro de uma guerra em que valia tudo entre os homens de El Chapo e os dos Carrillo Fuentes. Mas no fim El Chapo levará a melhor, minando os alicerces de seus inimigos históricos de Juárez.

Quem havia transformado o cartel de Juárez, de uma organização de bandidos, num clã de cavalheiros que gostavam de vestir ternos italianos Brioni e Versace, foi Amado Carrillo Fuentes, anos antes. A aparência acima de tudo, mesmo quando você está com algemas nos pulsos e se faz imortalizar pela mídia apinhada do lado de fora da sua mansão num cândido moletom Abercrombie com a sigla NY costurada no peito, como fez em 2009 o filho de Amado, Vicente Carrillo Leyva. Amado havia crescido em estreito contato com os cartéis. Seu tio era Ernesto Fonseca Carrillo, vulgo “Don Neto”, *boss* do cartel de Guadalajara e sócio de El Padrino. A violência era seu pão de cada dia. Mas quem cresce se nutrindo de violência sabe que ela é um recurso e que, como todos os recursos, deve ser degustada, para não correr o risco de inflacioná-la. A grana às vezes pode ser mais eficaz, e o respeito que Amado tinha conseguido construir ao longo do tempo também era fruto das lutas gratificações que dava a seus homens, dos carros esporte presenteados aos poderosos, das generosas doações para a construção de igrejas, como a que dizem que mandou erguer em sua aldeia natal, Guamuchilito.

Amado havia herdado o cartel, fundado nos anos 1970 por Rafael Aguilar Guajardo, que desde então conseguira se impor com brutal ferocidade na luta pelo controle do tráfico de drogas entre México e Estados Unidos. Rival desde sempre de Tijuana e do Golfo, o cartel tinha conseguido se aproveitar da sua posição estratégica na fronteira com o território estadunidense e a cidade americana de El Paso. Uma tradição forte, a ser salvaguardada com atenção. Amado era o homem certo. Cauteloso, paciente, esperto, movia as suas peças sem sujar as mãos. Sua arma preferida eram os investimentos. Irrigar os canais certos para se assegurar uma vantagem insuperável, como uma frota inteira de Boeing 727 que usava para transportar cocaína da

Colômbia ao México. Mas para cobrir o último trecho — do México aos Estados Unidos — os Boeings não eram obviamente adequados. Amado se servia de meios mais ágeis e menores, como os Cessnas, precisamente os da companhia de táxis aéreos Taxceno (Taxi Aéreo del Centro Norte), de que se torna acionista majoritário. Foi então que começaram a chamá-lo de “El Señor de los Cielos”, o Senhor dos Céus.

A guerra da cocaína era travada à sombra de rubricas contábeis. A saída mais consistente — 5 milhões de dólares por mês — era destinada às propinas dadas aos policiais, funcionários e militares de todo o México, aos estipêndios, aos presentes. Outra rubrica consistente eram as despesas de representação, como o chamado Palácio das Mil e uma Noites, comprado por Amado em Hermosillo, estado de Sonora. Situado provocadoramente a poucas centenas de metros da residência do governador, o Palácio das Mil e uma Noites é uma mansão cafona cujas cúpulas em formato de cebola lembram as igrejas ortodoxas russas e o Kremlin, e cuja brancura, hoje escondida por milhares de pichações que cobrem as paredes, remetem aos palácios dos marajás. Um refúgio dourado e inacessível, até mesmo para os colaboradores mais íntimos, que antes de serem recebidos pelo *boss* tinham de passar pelas garras do “Flaco”, o “diretor administrativo” de Amado, além de responsável pelas relações públicas do cartel de Juárez com as instituições políticas e militares. Conta-se que, quando era menos conhecido, o Senhor dos Céus gostava de aparecer no Ochoa Bali Hai, um dos restaurantes mais famosos da Cidade do México, sentar perto dos banheiros e pedir três pratos de frutos do mar e tudo o que desejassem os guarda-costas de prontidão do lado de fora. Depois se levantava, pagava em dólares e, dando uma lauta gorjeta para o *maître* e os *garçons*, saía do modo que tinha entrado, como um cliente qualquer. Mesmo quando foi parar na cadeia pela posse de armas ilegais e furto de automóvel, não renunciou às comodidades: vinhos caros, mulheres lindas e total acesso a seus contatos.

Ninguém conhecia os movimentos de Amado, que se deslocava continuamente entre suas inúmeras residências espalhadas por todo o país.

Excentricidade e ostentação, compensadas por opções financeiras prudentes e obsessão pela segurança, faziam dele o traficante perfeito. Bonito e feroz, inteligente e seguro de si, corajoso e de bom coração. Uma espécie de herói dos tempos modernos. Estreitou relações com alguns *boss* de Guadalajara, obteve o controle de aeroportos e pistas clandestinas, corrompeu José de Jesús Gutiérrez Rebollo, diretor do Instituto Nacional de Luta contra a Droga, que com seus homens se tornou seu braço armado, valendo-se da sua densa rede de informações para varrer inimigos e concorrentes em troca de propinas milionárias. Projetou inclusive estipular um acordo com o governo federal: ao México, 50% de suas propriedades, sua colaboração para aplacar a violência entre cartéis, a garantia de que a droga não infestaria o país mas só os Estados Unidos e a Europa; a Amado, paz e tranquilidade para tocar seus negócios.

Mas não deu tempo.

No dia 2 de novembro de 1997, na autopista del Sol, que liga a Cidade do México a Acapulco, a polícia fez uma descoberta macabra. Três cadáveres em tambores cheios de cimento foram identificados como sendo de três renomados cirurgiões plásticos desaparecidos semanas antes. Uma vez desprendidos do cimento, os corpos revelaram as torturas a que foram submetidos antes de serem liquidados: olhos arrancados e ossos quebrados. Tinham sido espancados tanto que tiveram de amarrar o corpo de um deles para manter os músculos juntos. Dois haviam sido mortos por asfixia, estrangulados com fios; o terceiro tinha sido liquidado com um tiro na nuca. Qual fora sua culpa? Ter tido a coragem de operar Amado Carrillo Fuentes, que, como muitos narcos, quis mudar o semblante. Quatro meses antes, em 4 de julho de 1997, o Senhor dos Céus morria no quarto 407 do Hospital Santa Monica da Cidade do México, depois de uma intervenção de cirurgia plástica e lipoaspiração a que tinha se submetido com nome falso. Uma dose excessiva de Dormicum, um forte sedativo utilizado na fase pós-operatória, lhe foi fatal. Seu coração, já debilitado pelo consumo de cocaína, não resistiu. Na realidade nunca se soube se foi homicídio, negligência ou causas



naturais. O fim inexplicável de um soberano leva consigo lendas de imortalidade mas também maledicências não mais reprimidas. Alguém disse que Amado foi morto pela sua vaidade, no entanto é mais provável que tenha querido mudar seu aspecto para fugir das forças da ordem e de seus inimigos. Destino irônico o do chefe de Juárez: havia passado a vida se escondendo e foi na tentativa de não se fazer encontrar que a perdeu.

A morte de Amado criou um grande vazio. O poder no cartel foi assumido por seu irmão, Vicente, mas as relações entre os Carrillo Fuentes e os grupos rivais se tornaram cada vez mais precárias. Em 2001, depois de El Chapo Guzmán fugir da prisão, muitos membros do cartel de Juárez resolveram segui-lo e passar para o de Sinaloa. No dia 9 de abril de 2010, a Associated Press difundiu a notícia de que o cartel de Sinaloa havia vencido a batalha contra os homens de Juárez. Mas o epitáfio midiático não impediu que o cartel de Juárez continuasse sua guerra. Uma guerra que tornou Ciudad Juárez o lugar mais perigoso e violento do mundo, com quase 2 mil homicídios por ano.

Em julho de 2010, numa rua do centro da cidade, um carro-bomba carregado com dez quilos de explosivo, acionado por uma chamada de telefone celular, matou um agente da Polícia Federal, um médico e um músico que moravam ali. Os dois últimos tinham saído à rua, depois de ouvir disparos, para ajudar uma pessoa que jazia ferida no chão, vestida com um uniforme da polícia, mas que na realidade, como revelaram mais tarde os narcos detidos, era apenas uma isca para chamar a atenção dos federais. Junto do local do atentado foi encontrada uma mensagem escrita num muro com spray preto: “O que aconteceu na rua Dezesesseis de Setembro acontecerá com todas as autoridades que continuam apoiando El Chapo. Cordialmente, o cartel de Juárez. Seja como for, temos outros carros-bomba”.

“Carne assada! Carne assada!”, pode-se ouvir todos os dias quando se anda pelas ruas apinhadas de Ciudad Juárez. Não fosse o tom excitado e a adrenalina que transparece nas vozes, pareceria o diálogo entre dois mexicanos que combinam o churrasco dominical. Mas não, é o código

usado pelos narcos para indicar os assassinados. Porque entrementes a matança prossegue imperturbada. Corpos decapitados e mutilados. Corpos expostos em público com a única finalidade de garantir o status quo do medo. Corpos como o do advogado Fernando Reyes, sufocado com uma sacola de plástico, golpeado várias vezes com uma pá na cabeça, depois jogado numa fossa onde foi coberto primeiro de cal viva e em seguida de terra.

“Carne assada! Carne assada!”

El Chapo não permite que os outros intuem sua raiva. Não é útil. É, sim, útil punir com a morte quem merece. No entanto, mesmo quando aplica essa sentença definitiva, não tolera que transpareça a menor emoção. É um sanguinário racional, El Chapo. “El Mochomo” — como são chamadas em Sinaloa as formigas vermelhas do deserto que tudo devoram e a tudo resistem — é seu oposto. Instintivo, passional, agressivo. Gosta da vida boa e cerca-se de mulheres. Suas casas vivem um vaivém contínuo. El Mochomo é Alfredo Beltrán Leyva, aquele a quem os irmãos confiaram o papel mais à vista. Mas El Chapo sabe que Alfredo é um perigo. Pavoneia demais, e assim fazendo se torna um alvo fácil, característica que se concilia mal com viver se escondendo. Um dia o alerta sobe a um grau decisivo: El Chapo fica sabendo que os Beltrán Leyva estão negociando com Los Zetas. A cisão é inevitável. Mas, entre narcos mexicanos, as separações, mesmo consensuais, são sempre acompanhadas por um rio de sangue.

Alfredo Beltrán Leyva é preso em Culiacán em janeiro de 2008, junto com três membros do seu corpo de segurança. Encontram-no de posse de quase 1 milhão de dólares, relógios de luxo e um pequeno arsenal, entre outras coisas, com várias granadas de fragmentação. É um golpe duro para Sinaloa, porque Alfredo supervisiona o tráfico de droga de larga escala, se ocupa da lavagem de dinheiro da organização e corrompe agentes de polícia. É o ministro de Relações Exteriores do cartel. Apesar disso, para os irmãos Beltrán Leyva — que começaram a se vingar assassinando o policial federal

responsável pela prisão —, por trás da detenção de Alfredo deve estar o próprio El Chapo, que está procurando se livrar dos ex-amigos. É preciso responder à altura, e é fácil entender onde golpear.

Édgar Guzmán López tem apenas 22 anos, mas diante de si já se abre uma brilhante carreira. É filho de El Chapo. Foi com uns amigos dar uma volta num shopping center de Culiacán. Uma olhada nas vitrines e outra nas *chicas*. Um dia tranquilo. Estão chegando ao carro deixado no estacionamento quando veem avançar em sua direção quinze homens envergando uniformes e coletes azuis à prova de bala. Da maneira como se movem parecem um exército, e os rapazes ficam imóveis, petrificados. Antes de os homens abrirem fogo, os rapazes têm tempo de ler um escrito impresso em seus coletes: Feda, Forças Especiais de Arturo. Estão sob o comando de Arturo Beltrán Leyva, dito “El Barbas”, que alguns anos antes havia usado seus dons militares para formar Los Negros. Preparou a ruptura com o cartel de Sinaloa criando uma unidade com a mesma estrutura e disciplina do Exército e dos corpos especiais da polícia, que usam armas pesadas parecidas com as da Otan (como o fuzil-metralhadora P90) e cuidam da proteção dos chefes e da eliminação dos matadores dos cartéis rivais. Estamos em 2008. Com o sangue do filho de El Chapo, Arturo Beltrán Leyva funda, com os quatro irmãos, um cartel que leva seu nome. Mexem com cocaína, maconha e heroína, graças também ao controle dos principais aeroportos dos estados de México, Guerrero, Quintana Roo e Nuevo León. Entre as suas atividades também estão o tráfico de seres humanos, a exploração da prostituição, a lavagem de dinheiro por meio de hotéis, restaurantes e resorts, a extorsão, os sequestros e o tráfico de armas. Do sul ao norte do continente americano administram corredores por onde passam toneladas de droga. São um cartel pequeno e novo, mas determinado a conquistar uma fatia consistente de poder. As autoridades mexicanas querem, no entanto, sufocar no nascedouro os negócios da família e não deixam escapar a ocasião oferecida por uma festa organizada por Arturo no inverno de 2009.

Para El Barbas, uma festa de Natal não pode ser chamada assim se faltar entretenimento. Portanto, não olha para as despesas e chama à sua casa, num dos bairros mais exclusivos de Cuernavaca, no estado de Morelos, artistas como Los Cadetes de Linares e Ramón Ayala, vencedor de dois Grammy Awards e de dois Latin Grammy, e autor de mais de cem álbuns. A eles soma uns vinte seguranças. As Forças Especiais da Marinha mexicana cercam o edifício. O tiroteio deixa pelo chão vários corpos. Não o de Arturo, que consegue escapar. A Marinha mexicana permanece no seu encalço e quase uma semana depois o localiza num outro bairro residencial. Desta vez Arturo não pode fugir, a Marinha faz as coisas com aparato: duzentos marines, dois helicópteros e dois pequenos blindados do Exército. É uma batalha que dura quase duas horas, ao fim da qual Arturo e quatro de seus homens são mortos. Circula na internet a foto do cadáver de El Barbas: calças abaixadas deixam ver a cueca e a camiseta arregaçada mostra o torso nu coberto de amuletos e notas de pesos e dólares. É a humilhação final do inimigo. Os homens do Exército negarão ter tocado no corpo, mas é fortíssima a suspeita de que as técnicas de humilhação, tão caras aos novos cartéis, como Los Zetas e dos próprios Beltrán Leyva, também contagiaram os homens pagos para pôr fim neles. Exército e narcos, cada vez mais parecidos.

Logo depois da morte de Arturo Beltrán Leyva vem a vingança: são mortos quatro parentes de um dos marines que havia perdido a vida na operação. Nesse meio-tempo, diante do túmulo de El Barbas, enterrado no cemitério Jardines del Humaya, em Culiacán, é depositada uma cabeça decapitada. Uns dez dias depois, o irmão de Arturo, Carlos Beltrán Leyva, é preso pela Polícia Federal mexicana em Culiacán: parado pela polícia, havia mostrado um distintivo falso. Segundo boatos, tinha sido novamente El Chapo a fornecer informações às forças policiais para que o capturassem. Depois da morte de Arturo, explodem no cartel lutas internas pela liderança: de um lado, os lugares-tenentes Edgar Valdez Villarreal, “Barbie”, e Gerardo Alvarez-Vazquez, vulgo “El Indio”; de outro, a facção comandada por Héctor

Beltrán Leyva, “El H”, e seu homem de confiança Sergio Villarreal Barragán, ex-agente da Polícia Federal mexicana, vulgo “El Grande” ou “King Kong”, por causa dos seus mais de dois metros de altura. Todos serão presos, salvo Héctor, que hoje controla as redes do que resta do cartel e sobre o qual pesam uma recompensa de 5 milhões de dólares oferecida pelos Estados Unidos e outra de 30 milhões de pesos oferecida pelo governo mexicano. Ele é uma espécie de gênio financeiro, que depois de anos de anonimato conseguiu assumir o controle do grupo graças a seu talento no business e por manter boas relações com seus novos aliados, Los Zetas.

A guerra entre Beltrán Leyva e seus velhos sócios de Sinaloa não pôs a ferro e fogo apenas Culiacán e Sinaloa, chegou a Chicago, nos Estados Unidos, onde operam os gêmeos Margarito e Pedro Flores, dois americanos de origem mexicana. A frota de caminhões deles liga Los Angeles às cidades do Meio Oeste 24 horas por dia, sete dias por semana. São distribuidores sérios e eficientes. Garantem aos que encomendam carregamentos a partir de duas toneladas de cocaína e heroína por mês, da fronteira às margens do lago Michigan. Mas o problema deles é a voracidade. De fato, trabalham com o cartel de Sinaloa, mas não desdenham das relações com os Beltrán Leyva. Quando El Chapo fica sabendo, manda alguns homens a Chicago com a missão de impedir que seu monopólio da distribuição seja posto em risco por cartéis rivais. Enquanto os Flores recebem ameaças de Sinaloa, a DEA fica de olho nos gêmeos e os prende em 2009. Graças aos depoimentos de Margarito e Pedro, que se tornam informantes, os americanos acrescentam algumas peças ao complexo quebra-cabeça dos movimentos de El Chapo e dos Beltrán Leyva.

Poucos meses antes, o governo americano havia desferido outro golpe no rei de Sinaloa, prendendo nos Estados Unidos 750 membros do cartel. Um exército: os presidentes americanos falam pouco no assunto, mas há legiões inteiras de integrantes da organização dentro das suas fronteiras. No decorrer dos 21 meses da operação foram apreendidos mais de 59 milhões de dólares em dinheiro vivo, mais de doze toneladas de cocaína, mais de sete

toneladas de maconha, mais de quinhentos quilos de metanfetaminas, cerca de 1,3 milhão de pílulas de ecstasy, mais de oito quilos de heroína, 169 armas, 149 veículos, três aviões e três barcos em vários estados dos Estados Unidos, da costa oeste à leste. Um grande sucesso, que no entanto revelou ser uma vitória de Pirro. As autoridades americanas conseguiram ficar de olho no cartel de Sinaloa e o que viram foi uma multinacional com articulações e ramificações em todo o mundo, em cuja direção se encontram superexecutivos que administram relações em cada canto do planeta. Dirigentes narcos pagos pelo cartel de Sinaloa servem de pontos de contato em numerosos países da América do Sul. Ante o silêncio da mídia, El Chapo está conquistando a África ocidental e, segundo algumas investigações, está entrando na Espanha.

Para El Chapo a droga é um instrumento, e o domínio total dos 608 quilômetros de fronteira entre o México e o estado do Arizona é o motor da sua economia pessoal. Se for preciso embarcar em novas aventuras, tudo bem, mesmo que tenha de lidar com o *hielo*. Que não é gelo, mas cristais de metanfetamina. Seis, doze horas, ou até mais, é quanto dura o efeito da metanfetamina. Custa menos que a cocaína, te consome antes, e quando você exagera vem o efeito parasita: você sente como se houvesse vermes se mexendo debaixo da pele, se coça até sangrar como que para abrir o corpo, a fim de expulsar esses hóspedes maléficos. Mas esse é o efeito secundário de uma droga que, no mais, tem as mesmas consequências da cocaína, só que mais extensas e piores. A demanda não para de crescer, mas falta um chefe, alguém que saiba transformar uma oportunidade num rio de dinheiro. El Chapo entende o negócio: o cartel de Sinaloa está pronto. Tem o homem certo, capaz de gerenciar o novo business: Ignacio Coronel Villarreal, que se torna “o Rei do Cristal”. Para produzir metanfetaminas bastam as substâncias químicas corretas e laboratórios clandestinos. Tendo bons contatos na costa do Pacífico, fazer chegar os carregamentos “precursores” da China, Tailândia e Vietnã não é difícil. O negócio é muito rentável: você investe um dólar em matéria-prima e tira dez nas esquinas.

É a técnica de Sinaloa. Sua capacidade empresarial. A velocidade em farejar todo novo business. Sinaloa coloniza. Sinaloa vai sempre além. Sinaloa quer comandar. Só ela. Só eles.

Na terra em que o narcotráfico é a principal força econômica em termos de faturamento, o líder mais poderoso dessa atividade vale mais do que um ministro. El Chapo tem uma visão clara do seu tempo: o mundo ocidental não tem chance, os direitos estão em contradição com o mercado, portanto, ele entende que os países ocidentais precisam de “territórios” sem leis, sem direitos. O México tem a cocaína, os Estados Unidos têm os consumidores; o México tem a mão de obra barata, os Estados Unidos precisam dela; o México tem soldados, os Estados Unidos têm as armas. O mundo está repleto de infelicidade? Lá vem a resposta: cocaína. El Chapo entendeu isso. E, assim, tornou-se o rei. No mundo internacional do narcotráfico, ele tem a autoridade mística do papa, obtida com uma campanha de consenso social que o tornou tão abonado quanto Obama, e é um gênio para encontrar novos espaços de mercado, o que o transforma no Steve Jobs do pó.

Por isso, 22 de fevereiro de 2014 será lembrado como uma data que fez a história do México e do mundo inteiro. Nesse dia, Joaquín Guzmán Loera, vulgo El Chapo, o traficante mais procurado do mundo, foi capturado com um colaborador. Às 6h40, hora local, no apart-hotel Miramar, no centro de Mazatlán, estado de Sinaloa, graças a uma megaoperação conduzida pela Marinha mexicana em colaboração com a DEA, na qual foram usados dois helicópteros e seis unidade terrestres de artilharia, entretanto, nem um tiro foi disparado. O foragido mais perigoso do México, cuja cabeça valia uma recompensa de 5 milhões de dólares, estava escondido em Sinaloa. Nos treze anos em que esteve foragido, talvez nunca tenha saído dali, daquela terra que lhe proporcionou grandeza e ofereceu proteção.

A operação militar que visava sua captura já fora iniciada cerca de dez dias antes: as forças de segurança conseguiram identificar várias habitações em Culiacán, a sua fortaleza, nas quais El Chapo costumava ficar. Ele, que sempre foi um mestre na construção de túneis para levar a droga para os

Estados Unidos, conseguiu desfrutar dessa arte também para se esconder: algumas dessas casas, de fato, estavam ligadas por galerias subterrâneas. Os militares quase pegaram o chefão várias vezes, mas ele sempre conseguiu escapar. Nos meses precedentes, muitos membros do cartel de Sinaloa foram presos: assim, o círculo em volta de El Chapo foi se tornando cada vez menor. No começo da semana, a polícia havia feito uma incursão na casa de sua ex-mulher, Griselda López: ali foram encontradas algumas armas e um túnel que terminava na rede de esgoto. Era exatamente o esgoto que El Chapo usava para se deslocar de um lado a outro da cidade, de túnel em túnel, de esconderijo em esconderijo.

O que mais surpreendeu é que El Chapo foi apanhado em um apart-hotel de Mazatlán, ou seja, em uma cidade turística: ele não havia se escondido nas montanhas da serra, como muitos acreditavam. Todavia, mesmo na cidade, El Chapo não exagerou: um prédio comum, com um saguão bastante despojado e um quarto simples, como ele sempre viveu.

Sua captura foi acompanhada no México com uma apreensão semelhante à de uma final da Copa do Mundo e maior do que a de uma campanha eleitoral para presidente. Durante anos, surgiram notícias de falsas detenções e de sua possível morte. Por isso, em 22 de fevereiro, ninguém conseguia acreditar que aquilo realmente tivesse acontecido. No Twitter, milhares de mensagens: “Será que é ele mesmo? Então, onde estão as provas?”, “Enquanto eu não vir a foto de El Chapo algemado, não acredito”, “El Chapo continua a ser El Chapo, não o capturaram!”. Bastante gente não escondia a própria desilusão nem o apoio ao líder de Sinaloa, e inúmeras dessas mensagens estavam em inglês. Foi até criada a hashtag #FreeChapo, Chapo livre. Mensagens que revelam o estado real do mundo de hoje muito mais do que vários artigos e reuniões políticas.

A confirmação da captura de El Chapo foi tão conturbada quanto a captura em si. No início, eram apenas boatos: a notícia foi divulgada às 9h54 pela Associated Press, a qual havia recebido a informação de um funcionário americano que quis permanecer anônimo. Mas, durante horas, não houve



ratificação por parte das autoridades mexicanas. Nesse meio-tempo, porém, os boatos sobre a prisão de El Chapo começam a pulular nos sites de todo o mundo. Uma entrevista coletiva anunciada pelas autoridades mexicanas para as 11h30 é anulada pela Secretaria de Estado, o que faz pensar que o homem preso não é realmente El Chapo. Todavia, passa a circular a foto de um homem com o torso nu e de bigode, preso por um militar vestindo uniforme camuflado. O homem lembra mesmo El Chapo, mas já se passaram treze anos desde as últimas fotos oficiais; poderia ser alguém parecido. A espera pela confirmação da identidade deixa todos em suspense. Às 12h08, o ministro do interior, Miguel Ángel Osorio Chong, anuncia uma nova entrevista coletiva para as 13h. Será que vão desmentir ou confirmar? A dúvida diminui quando, às 12h33, as autoridades mexicanas confirmam à CNN a captura de El Chapo. Mas, por enquanto, nada de comunicado oficial. Os fãs de El Chapo ainda podem esperar que se trate de um terrível equívoco. Às 13h20, sua foto desaparece da lista dos mais procurados da DEA. É a confirmação americana. Antecede por alguns minutos a confirmação mexicana, dada pelo presidente Enrique Peña Nieto, que, com um tweet, exprime gratidão pelo trabalho das forças de segurança. Na verdade, é uma autocelebração pelo golpe mais importante desde o início do seu mandato. Às 14h04, um helicóptero da Polícia Federal pousa diante dos jornalistas reunidos no hangar da Marinha. Na entrevista coletiva, as autoridades ratificam o que todos já sabem: El Chapo foi capturado. Explicam onde e como aconteceu a prisão. O Procurador Geral da República lista as pessoas presas e os bens confiscados: treze homens, 97 armas longas, 36 armas curtas, dois lançadores de granadas, 43 veículos, dezesseis casas e quatro fazendas. Só falta um detalhe: o protagonista. E eis que, às 14h11, ele entra em cena: os fotógrafos o imortalizam enquanto ele atravessa a área de manobras para subir em um helicóptero da Polícia Federal. Jeans preto, camisa branca, cabelos e bigode bem cuidados. Parece um pouco cansado e de forma alguma atrevido no momento em que os militares da Marinha em uniforme camuflado o seguram pelos braços e abaixam sua cabeça.

Nenhuma apresentação à mídia, apenas essas poucas imagens como confirmação da prisão. Às 15h, é noticiado que El Chapo foi trancafiado no Penal del Altiplano, o cárcere que fica em Lamoloya de Juárez, no estado do México.

Há alguns anos, El Chapo também mantém uma nova ligação com os Estados Unidos. Em agosto de 2011, a jovem esposa Emma, cidadã americana, deu à luz duas gêmeas nascidas com toda a tranquilidade em uma clínica em Lancaster (perto de Los Angeles), acompanhada pela polícia antidrogas, que não pôde fazer nada porque a moça, então com 22 anos, não tinha antecedentes criminais. Ela foi acompanhada até lá pelos homens de El Chapo. A única precaução: a mulher deixou em branco o nome do pai nas certidões de nascimento das meninas. Mas todos sabem de quem elas são filhas. Depois da confirmação da prisão de El Chapo, ao lado das mensagens exultantes das autoridades mexicanas e americanas, apareceram também nas redes sociais mensagens de pessoas comuns, que veem em El Chapo um herói, um benfeitor, um deus mexicano. A reação mais difundida é a incredulidade: “El Chapo é esperto demais para se deixar capturar”, “El Chapo é inteligente demais para ser pego”, “Impossível que ele tenha sido preso a dois passos da sua fortaleza”. Como se ele tivesse decidido também isso, que era chegado o momento de ser capturado. As hipóteses são várias: El Chapo, talvez tendo se tornado “relevante demais politicamente”, intuiu que se deixar capturar podia ser o único meio para que seu cartel continuasse a fazer negócios. Ou então entendeu que estava prestes a explodir uma guerra e sair de cena evitaria que ele fosse assassinado pela nova geração de Sinaloa, já pronta para tomar seu lugar. Alguém, sussurrando, insinua até que o seu fiel escudeiro, El Mayo, também foragido, temendo ser morto ou preso, vendeu a cabeça do grande chefe. Havia dias, de fato, que a imprensa esperava a prisão iminente de El Mayo, mas quem acabou preso foi El Chapo. A única certeza é a ambiguidade. De qualquer maneira, é difícil acreditar que essa prisão tenha sido apenas fruto de uma

ação da polícia porque, como se sabe, em Sinaloa nada acontece se não for graças à vontade de El Chapo. O rei morreu, viva o rei.

## 4. Mata amigos

Matamoros, no estado de Tamaulipas, nordeste do México, se ergue na margem meridional do rio Bravo e é ligada à cidade texana de Brownsville por quatro pontes. Essas pontes são como quatro oleodutos através dos quais o petróleo branco é bombeado para os Estados Unidos. Quem manda aqui é o cartel do Golfo, um dos mais ferozes. Em 1999, a quantidade de cocaína que o grupo conseguia introduzir mensalmente nos Estados Unidos chegava a cinquenta toneladas, e seu poder de controle tinha se difundido do golfo do México a parte do Pacífico, zonas conquistadas com a violência, a corrupção e os acordos com outros grupos de traficantes. Eram o número um. E o número um deles era Osiel Cárdenas Guillén.

El Padrino chega por último e se torna o número um, abençoando com uma série de brindes os novos chefes do território. Osiel tinha ouvido um milhão de vezes essa história. Claro, as versões dela mudavam de boca em boca, instáveis como os dias bonitos de abril, mas a essência do discurso era sempre a mesma: o novo mundo tinha sido criado. Osiel havia nascido com a raiva dentro de si. Brigão quando pequeno, agressivo quando adolescente, violento quando jovem. Uma raiva cega e sem razão, que ele cultivava e alimentava constantemente e que uma inteligência brilhante tornava sádica e demoníaca.

“Se você pode ter o mundo, por que se contentar com um pedaço?”, dizem que replicava ao incauto interlocutor que pela enésima vez o enchia a

paciência com a história de El Padrino e da divisão. Quem não responderia do mesmo modo, se tivesse nascido de um casal que, indiferente à miséria em que vivia, continuava imperturbavelmente a desovar filhos que depois deixava se espojando no chão junto com as galinhas esqueléticas? Osiel inventou seu próprio mundo, que devia ser o mais distante possível do caos que o circundava. Já aos catorze anos era ajudante de um mecânico pela manhã, e de tarde trabalhava numa *maquiladora*, onde com mais de duzentas pessoas montava os componentes dos aspiradores de pó que algum casal ianque usaria poucos quilômetros mais ao norte.

Se a raiva encontra a sede de desforra, há dois desenlaces possíveis: a frustração ou a ambição desmedida. Osiel optou pela segunda. Na *maquiladora* havia conhecido uma moça esperta, com duas pérolas no lugar dos olhos, mas ele se envergonhava quando a convidava para sair, porque não podia se dar o luxo de ter um carro para buscá-la nem de bancar uma noitada num restaurante, por modesto que fosse. Começou a passar droga. Trabalho rápido, bem remunerado, arriscado o bastante para garantir a descarga de adrenalina tão necessária a ele. Para os atravessadores iniciantes, quem for mais inescrupuloso ganha mais em liderança. A crueldade é essencial para conservar o poder. Sem a crueldade você pode parecer fraco, e seus adversários se aproveitam disso. É como entre os cães, quem rosna mais forte se torna o cabeça da malta.

Suas relações com as forças da ordem começaram a ficar mais constantes. Em 1989, aos 21 anos, foi preso pela primeira vez sob a acusação de homicídio, mas pôde sair um dia depois, pagando fiança. No ano seguinte estava de novo atrás das grades sob a acusação de lesão e ameaça, mas também neste caso não passou de uma tocata e fuga. Aos 25 anos foi preso no Texas, em Brownsville, acusado de tráfico de drogas, porque no momento da detenção tinha consigo o que bastava para tal imputação: dois quilos de cocaína. Condenado a cinco anos de prisão, se safou mais uma vez graças a uma troca de prisioneiros entre o México e os Estados Unidos. Uma

vez na pátria, tudo seria mais fácil, e de fato, um ano depois, em 1995, Osiel foi solto.

Todos os grandes líderes criminosos têm uma coisa em comum: a vontade de se dotar de uma aura de fascínio. A vontade de encantar, de seduzir. Pouco importa se o objetivo é uma mulher a levar para a cama ou se é desbancar um atravessador rival convencendo seus comparsas de que esse pilantra merece isso. Uma vez encontrada a brecha que conduz à vontade dos homens que você tem à frente, está no papo. Osiel sabia que poderia cortar mãos, ameaçar familiares ou queimar lojas, mas sabia também que tocar os pontos sensíveis era a maneira mais veloz de obter o que queria. Quem não o temia o adorava, e quem não o adorava saía disparado de rabo entre as pernas mal ouvia seu nome. Osiel conseguiu se infiltrar na Polícia Judiciária Federal fazendo o papel de *madrina*, de informante, conquistando pouco a pouco aquela proteção que lhe permitia se movimentar em liberdade. Agora podia manter sob controle as duas frentes do campo e, enquanto isso, travar conhecimento com os homens do cartel do Golfo. Conheceu Salvador Gómez Herrera, dito “El Chava”, que se tornou chefe do cartel do Golfo depois da captura de Juan García Ábrego. E este também lhe contou a história de El Padrino, que erguera o cálice e brindara à atribuição do canal de Matamoros.

Na segunda metade dos anos 1990, o cartel do Golfo é permeado por lutas pela sucessão. Eram muitos a dar como esfacelada a organização, que alguns anos antes — depois da prisão de El Padrino e da era de ouro de García Ábrego à frente do cartel — era uma das mais poderosas. Mas tinha no seu encaixo a polícia, além do FBI e dos cartéis rivais. Fundado nos anos 1970 por um personagem de nome altissonante, Juan Nepomuceno Guerra, que no período da Lei Seca contrabandeava bebidas alcoólicas para os Estados Unidos, o cartel parecia ter suas horas contadas. Cai García Ábrego, preso pelas autoridades mexicanas e extraditado depois para os Estados Unidos, onde está pagando onze penas de prisão perpétua. Fracassa o irmão de García Ábrego, Humberto, fraco demais. Cai Sergio “El Checo” Gómez,

traído por uma conjura orquestrada por sua escolta e seus sócios. Cai Óscar Malherbe de León, logo preso. Cai Hugo Baldomero Medina Garza, “O Senhor dos Caminhões”, também preso: ponto final para as toneladas de cocaína que todos os meses transportava para os Estados Unidos escondidas nas caixas de verdura ou nas embalagens de frutos do mar. A polícia festeja a queda dos deuses, mas enquanto isso El Chava e Osiel se tornam amigos e cúmplices. Parecem inseparáveis, desdobram-se em esforços e acumulam poder e dinheiro. Porém não basta, pelo menos para Osiel. Não se pode ascender ao poder em dobradinha, e ele sempre repete para quem se obstina em lembrar a história de El Padrino: “Se você pode ter o mundo, por que se contentar com um pedaço?”. E assim, depois de terem sido presos juntos e de terem corrompido os agentes penitenciários para poder fugir, Osiel mata El Chava. Naquele dia de 1998 obtém dois resultados: o controle absoluto do cartel do Golfo e um apelido — “El Mata Amigos”.

Você é alguém que mata os amigos. Talvez seja capaz de matar também seus pais, seus irmãos, seus filhos. O que você tem a temer? Se não tem vínculos, se não tem nada a perder, você é invencível. E se tem uma mente brilhante, tem um futuro radioso à sua frente. El Mata Amigos reestrutura a organização e a faz entrar no século XXI. A proteção é assegurada pela corrupção. Até o 21º Regimento de Cavalaria Motorizada de Nuevo Laredo estava a seu serviço. Eficientes. Recebiam uma denúncia: uma remessa de cocaína havia sido amontoada nos galpões de uma fábrica abandonada nos limites do deserto. Precipitavam-se para lá em grande exibição de força, seguidos por um bando de jornalistas complacentes; uma rápida e incruenta irrupção, ninguém presente, só alguns quilos de pó branco. Mas nunca uma detenção. Fotos, apertos de mão e sorrisos. Belo e limpo trabalho.

Enquanto isso, a fronteira entre México e Estados Unidos era isolada dia após dia, hora após hora. “Um tal de Osiel não sei quê...”. São essas as palavras que se trocam as autoridades antidrogas mexicanas. É um fantasma, o Mata Amigos. Mas a sinuosa língua de Tamaulipas, que lambe o cu da América, é cobiçada também por outras organizações, que declaram guerra

ao cartel do Golfo. São os irmãos Valencia juntos com o cartel de Tijuana, o cartel de Juárez de Vicente Carrillo Fuentes e até Los Negros, o esquadrão da morte a serviço de Sinaloa. Todos combatendo o cartel do Golfo. Uma verdadeira guerra. Cidades como Nuevo Laredo, Reynosa e Matamoros se transformam em campos de batalha. Não há hora do dia ou da noite em que não ocorram execuções e sequestros, pelas ruas é fácil encontrar cadáveres esquartejados e descartados em sacos de plástico. A escalada de violência e mortes aumenta a pressão nacional e internacional para que se proceda logo à prisão de Osiel Cárdenas Guillén. Osiel é enfim preso e quatro anos depois extraditado para os Estados Unidos. O cartel se transforma numa estrutura descentralizada, com dois senhores da droga dividindo seu controle: o irmão de Osiel, Antonio Ezequiel Cárdenas Guillén, vulgo “Tony Tormenta” (morto em 5 de novembro de 2010 pelo Exército mexicano em Matamoros), e Jorge Eduardo Costilla Sánchez, vulgo “El Coss” (preso pela Marinha mexicana em Tampico em 12 de setembro de 2012). Dois líderes que no entanto não conseguem pôr fim às lutas internas que devoram o cartel. E, de fato, uma vez acabado o reino deles, é a vez de Mario Armando Ramírez Treviño, vulgo “El Pelón”, o Careca, ou “X20”, que, todavia, é preso em Reynosa em 17 de agosto de 2013. De quem é a vez agora? A DEA aposta em um desses três: Luis Alberto Trinidad Cerón, vulgo “El Guicho”, Juan Francisco Carrizales, vulgo “El 98”, e Alberto de la Cruz Álvarez, vulgo “El Juanillo”. Mas sempre há espaço para um outro irmão de Osiel, Homero Cárdenas Guillén, vulgo “El Majadero”, o Estúpido.

Hoje o cartel do Golfo continua desfrutando da sua proximidade da fronteira americana. É uma eficiente máquina de fazer dinheiro, que o Departamento de Estado americano tentou refrear estabelecendo em 2009 uma recompensa de 50 milhões de dólares para quem fosse capaz de fornecer informações úteis à captura dos dois líderes e de outros quinze membros do cartel. Qualquer método é bom para transportar toneladas e toneladas de cocaína, inclusive túneis subterrâneos, que também são empregados para o tráfico de pessoas. São os novos correios da droga, que



em troca da miragem de uma vida nova do outro lado da fronteira carregam até meio milhão de dólares em entorpecentes. Ou utilizam os ônibus que vão pela Interstate 35, a rodovia que, da cidade fronteira de Laredo, Texas, chega a Minnesota, ou pela Interstate 25, que começa a quarenta quilômetros de El Paso, sempre no Texas, e leva para o norte, até Wyoming. Os ônibus são meios de transporte perfeitos para os narcos, porque não costumam ser muito controlados pelas máquinas de raios X. Mas o cartel do Golfo não despreza modalidades mais criativas, como a ferrovia ou os submarinos: velozes, seguros, capazes de transportar quantidades estratosféricas de pó.

“No coração de todo homem há um desejo desesperado de uma batalha a ser travada, de uma aventura a ser vivida e de uma beleza a ser salva.” Essas palavras do escritor e ativista cristão John Eldredge sempre agradaram a Nazario Moreno González, um dos chefes mais poderosos da Família Michoacana, que havia decidido adaptá-las. Moreno González pregava o direito divino de eliminar os inimigos e nunca se separava da Bíblia e de seus ensinamentos. “É melhor morrer combatendo de peito aberto do que viver a vida toda ajoelhado e humilhado”, escrevia Moreno partindo das frases do revolucionário mexicano Emiliano Zapata. Ou: “É melhor ser um cachorro vivo do que um leão morto”. Para alguns, ele era “El Chayo”, para outros, “El Mas Loco”, o mais louco. Mas será lembrado por todos como o chefe mexicano que morreu duas vezes. Em dezembro de 2010, de fato, as autoridades mexicanas disseram que o chefe da Família havia sido assassinado pela Polícia Federal em Apatzingán. Para esclarecer os acontecimentos, até mesmo o então presidente Felipe Calderón se prontificou, explicando que Nazario Moreno González foi surpreendido pelas forças de segurança durante uma festa organizada por alguns membros da Família e morreu durante o tiroteio que se instaurou. Apesar de seu cadáver não ter sido recuperado porque, segundo relatos oficiais, fora levado embora por membros da Família, ninguém duvidou dessa versão dos fatos.

Pelo menos até outubro de 2011, quase um ano mais tarde, quando foi preso Mario Buenrostro Quiroz, chefe de “Los Aboytes”, grupo de sequestradores ligado à Família Michoacana. Durante o interrogatório, Buenrostro revelou que El Chayo estava vivo e que, nesse ínterim, tornara-se o chefe dos Cavaleiros Templários, grupo dissidente que se separou da Família. A partir daquele momento, os boatos sobre El Chayo se tornaram cada vez mais frequentes e foram confirmados em 9 de março de 2014, quando, em um combate armado em Tumbiscatío, em Michoacán, as brigadas especiais do Exército e da Marinha mataram um homem que resistira à prisão com o uso da força. As impressões digitais e o teste de DNA não deixaram dúvidas dessa vez: tratava-se de Nazario Moreno González, oficialmente morto mais de três anos antes. Ao longo de todo aquele período, ele pôde continuar comandando sem ser incomodado, da sua fortaleza em Michoacán, sem sequer ter de se preocupar com uma eventual captura: afinal de contas, ninguém persegue um morto.

Michoacán fica na costa do Pacífico. Os *gomeros* de Sinaloa haviam levado para lá suas papoulas, e foram eles que instruíram os *campesinos* sobre como cultivá-las. Michoacán-Sinaloa-Estados Unidos: durante anos foi essa a rota. Anos de abusos e de sequestros, que levaram à criação de uma organização de seguranças privados, La Familia.

A Família Michoacana nasceu para proteger, para repelir a violência, para defender os mais fracos. Por alguns anos, o cartel do Golfo, que estava se expandindo naquelas áreas, confiou a ela o papel de suporte paramilitar. Mas hoje La Familia é um cartel independente, especializado no tráfico de metanfetaminas, de que se tornou o maior fornecedor para os Estados Unidos. Aquele que por décadas foi um território que atraía os traficantes, por causa dos morros que lhes ofereciam um refúgio natural e por desembocar no Pacífico, o que facilitava o transporte, mas sobretudo pelas vastas extensões de terras férteis na chamada Tierra Caliente, perfeita para as plantações de maconha, é hoje pontilhado de laboratórios de metanfetaminas. Segundo Michael Braun, ex-diretor operacional da DEA, La

Família tem no México laboratórios especializados capazes de produzir até cinquenta quilos de metanfetaminas em oito horas. La Familia também tem regras severíssimas para a venda da droga: nunca para os próprios membros e nunca para os mexicanos. É uma moral ao contrário, que encontra espaço nas faixas que o cartel pendura nas suas zonas de influência. “Somos contrários ao uso de entorpecentes e dizemos não à exploração das mulheres e das crianças.”

Para comemorar seu ingresso como cartel independente no mundo do narcotráfico mexicano, La Familia escolhe uma estreia em grande estilo: na noite de 6 de setembro de 2006, vinte homens vestidos de preto e com o rosto coberto por uma touca ninja irrompem na discoteca Sol y Sombra de Uruapán, a cem quilômetros de Morelia, capital de Michoacán. Armados até os dentes, disparam tiros para o ar e berram para os clientes e as dançarinas que se remexem em cima dos cubos se jogarem no chão. Em meio ao terror geral, sobem correndo para o segundo andar do local, abrem sacos de lixo pretos e fazem rolar cinco cabeças decapitadas no piso da pista de dança. Antes de ir embora os bandidos deixam uma mensagem no assoalho, ao lado das cabeças cortadas: “La Familia não mata por dinheiro, não mata mulheres, não mata pessoas inocentes. Só morre quem merece morrer. Saibam todos: esta é a justiça divina”. É o cartão de visita com que a Família Michoacana se apresenta ao México.

Para os membros da organização, o território é sagrado e eles não toleram que seja conspurcado por drogas e doenças. Uma visão que os torna bem parecidos com as organizações italianas, que prendem e punem quem vende droga nas suas zonas. O bem-estar social preconizado pela Família Michoacana é *sui generis*. Eles lutam contra a dependência química de uma maneira singular e marcial: vão às clínicas de reabilitação de adictos, incentivam-nos a se desintoxicar de todos os modos, até com ajuda de orações. Se não aceitam, matam-nos. Os encontros de oração têm um papel importante para a organização porque deles, além da conduta, depende a carreira dos membros. O cartel dá dinheiro a camponeses, empresas, escolas

e igrejas e faz propaganda nos jornais locais para obter apoio social. Foi justamente num jornal local, *La Voz de Michoacán*, que La Familia anunciou em novembro de 2006 sua existência: “Algumas das nossas estratégias às vezes são fortes, mas esse é o único modo de impor a ordem no estado. Talvez alguns não compreendam neste momento, mas sabemos que nas zonas mais atingidas compreendem nossas ações, porque é possível combater esses delinquentes que vieram para cá de outros estados e que não deixaremos mais entrar em Michoacán para cometer crimes”. La Familia é como um estado paralelo dentro do estado de Michoacán. Financia projetos para a comunidade, controla a microcriminalidade, reprime as disputas locais. E aplica a taxa de proteção às atividades comerciais: cem pesos por mês para o pequeno comércio, 30 mil para uma concessionária de automóveis. Muitas vezes as empresas se veem obrigadas a fechar as portas e deixar a atividade nas mãos da organização, que a utilizará para lavar dinheiro sujo.

Apesar de se inspirar em valores religiosos, La Familia é conhecida por seus métodos extremamente violentos: seus membros torturam e matam os rivais. “Queremos que o presidente Felipe Calderón saiba que não somos seus inimigos, que o estimamos. Estamos abertos para o diálogo. Não queremos que Los Zetas entrem em Michoacán. O que queremos é paz e tranquilidade. Sabemos que somos um mal necessário [...]. Queremos chegar a um acordo, queremos chegar a um pacto nacional.” Quem falou assim em um telefonema ao programa *Voz y Solución*, apresentado pelo jornalista Marcos Knapp no canal local da Michoacán CB Televisión, foi Servando Gómez Martínez, vulgo “La Tuta”. Gómez é um membro do alto escalão do cartel, um dos sócios de Moreno González, que chegou a propor ao presidente Calderón uma aliança para eliminar os concorrentes mais temíveis. Mas o governo se recusou a negociar. Apesar disso, La Familia é um dos cartéis que cresceram mais velozmente nos anos da guerra da droga no México. De Michoacán seu poder se difundiu aos estados limítrofes de Guerrero, Querétaro e México. E seus tentáculos estão envolvendo também

os Estados Unidos. De fato, em outubro de 2009, as autoridades federais americanas divulgaram os resultados de uma investigação que durou quatro anos sobre a atividade da Família nos Estados Unidos, denominada Projeto Coronado. Dela se originou uma das grandes operações contra os cartéis mexicanos da droga atuando no território americano. Mais de 3 mil agentes em ação numa só batida que durou dois dias e que envolveu autoridades locais, estaduais e federais. Trezentos e três homens foram presos em dezenove estados americanos. Sessenta e dois quilos de cocaína, 330 quilos de metanfetaminas, 440 quilos de maconha, 144 armas, 109 veículos e dois laboratórios clandestinos apreendidos, junto com 3,4 milhões de dólares em dinheiro vivo. Em novembro de 2010, La Familia apresenta outro pacto: se propõe a dismantelar seu próprio cartel contanto que o governo do estado, o governo federal e a Polícia Federal se empenhem em garantir a segurança de Michoacán. A proposta apareceu na forma de um comunicado em panfletos enfiados debaixo da porta de casas e lojas, nas cabines telefônicas, em faixas penduradas nas ruas e em cartas enviadas a blogs, emissoras de rádio, jornais e agências nacionais e internacionais. Na mensagem se diz que La Familia foi criada para suprir a falência do governo em prover segurança aos seus cidadãos e é composta de homens e mulheres de Michoacán dispostos a dar a própria vida para defender o estado. Mas também desta vez o governo de Felipe Calderón, nascido justamente em Michoacán, se recusa a firmar um acordo com o cartel e a abrir negociações.

A luta entre La Familia e Los Zetas reduziu Michoacán a um território de guerra. Foi na sua capital, Morelia, que em 15 de setembro de 2008, véspera do Dia da Independência, se registrou o que é considerado o primeiro ato de narcoterrorismo da história mexicana. Pouco depois de o governador Leonel Godoy ter feito soar o sino da Independência e repetido por três vezes “Viva o México!”, duas granadas de fragmentação explodem na praça apinhada de gente que assistia à cerimônia, provocando oito mortes e mais de cem feridos, todos pessoas comuns. Até os inocentes se tornam vítimas da guerra dos narcos. As autoridades apontam o dedo contra La Familia, que de seu

lado expõe faixas em que culpa Los Zetas: “Velhacos é o termo para os que minam a paz e a tranquilidade do país. O México e Michoacán não estão sós. Obrigado, Zetas, por seus atos vis”.

O atentado de Morelia assinalou a passagem entre a velha e a nova guarda. Entre os métodos de El Chapo e os dos Zetas e da Família. Primeiro havia regras. Se você traía El Chapo, era justificado e ponto final. Nenhum estardalhaço macabro e revoltante. Hoje a ferocidade é sistematicamente aberta. À violência extrema se soma a humilhação pública. El Chapo, porém, entendeu na hora. No dia seguinte ao atentado se apressa a pôr em circulação via e-mail um comunicado de desmentido assinado também por El Mayo: “Nós, de Sinaloa, sempre defendemos o povo, sempre respeitamos as famílias dos chefes e dos pequenos correios, sempre respeitamos o governo, sempre respeitamos as mulheres e as crianças. Quando o cartel de Sinaloa reinava em toda a República não havia execuções, sabem por quê? Porque sabemos trabalhar e temos sentimentos. Logo vocês verão mais sinaloenses em Michoacán (recuperaremos todo território que nos foi tomado e mataremos todos aqueles que ofenderam a família de Sinaloa), e nem o governo nem os cartéis nos deterão”.

Los Zetas e La Familia exibem a ferocidade e a usam como embaixadora; Sinaloa só recorre à ferocidade quando necessário. É o desafio entre pós-modernidade e modernidade. Entre gritos e silêncio. As regras do jogo mudaram. Os atores se multiplicam. Nascem velozmente, devorando territórios e regiões inteiras. É a loucura dos novos cartéis. Estruturas mais flexíveis, velocidade de execução, familiaridade com a tecnologia, ostentação dos massacres, obscuras filosofias pseudorreligiosas. E uma fúria de empalidecer todos os que os precederam.

Um bairro residencial de Cancún. Um furgão abandonado faz alguns dias começa a atrair a atenção dos moradores, que chamam a polícia: “O furgão fede a carne podre”. Quando os agentes abrem a porta traseira descobrem três cadáveres, manietados e com sacos plásticos na cabeça. Junto deles um bilhete: “Somos o novo grupo Mata Zetas, e somos contra o sequestro e a

extorsão, e combateremos contra eles em todos os estados, por um México mais limpo”. Assinado: “cartel de Jalisco Nova Geração (Los Mata Zetas)”. Só mais tarde se descobrirá que antes de serem mortos os três foram filmados em vídeo, postado no YouTube, em que são interrogados por alguns homens de touca ninja e fuzis de assalto. Assim se apresenta o cartel de Jalisco Nova Geração, ou seja, Los Mata Zetas. O cartel mais jovem.

No dia 29 de julho de 2010, morre Ignacio Coronel Villarreal, líder do cartel de Sinaloa no estado de Jalisco, sócio de El Chapo e tio de Emma Coronel, atual mulher de El Chapo. É morto num tiroteio com o Exército mexicano em Zapopan, estado de Jalisco. Seus comparsas desconfiam que foi traído pelo próprio cartel e, assim, decidem se separar para formar um novo. Entre os fundadores de Jalisco Nova Geração estão Nemesio Oseguera Ramos, vulgo “El Mencho”, Erick Valencia, “El 85”, e Martín Arzola, “El 53”: todos ex-membros do cartel do Milênio, então ramo de Sinaloa. Tem início uma valsa de alianças e rupturas. No início de 2011, o cartel de Jalisco Nova Geração resolve tomar a capital do estado de Jalisco, Guadalajara. Todos contra todos. Mas passam poucos meses e o cartel torna a se aliar com Sinaloa. Agora lutam contra Los Zetas pelo controle de Guadalajara e Veracruz, mas também são ativos nos estados de Colima, Guanajuato, Nayarit e Michoacán. El Chapo está se servindo dessa guerra para combater as células dos Zetas presentes em seus territórios, ele e os seus se consideram um “grupo justo” que age em oposição ao mal, representado pelos Zetas.

É uma guerra em que Los Zetas e Jalisco se enfrentam abertamente. No dia 20 de setembro de 2011, no centro de Veracruz, 35 cadáveres — 23 homens e doze mulheres — são encontrados amontoados em dois caminhões, à luz do dia. As vítimas apresentam sinais de tortura e têm as mãos amarradas, algumas com um saco na cabeça. São todos membros dos Zetas. Num videocomunicado difundido na internet depois do massacre, cinco homens de touca ninja estão sentados a uma mesa coberta com uma toalha. Diante deles há garrafas de água, como numa coletiva de imprensa. E é isso mesmo. Uma entrevista coletiva para reivindicar o crime: “Queremos

que as forças armadas confiem em nós quando dizemos que nosso único objetivo é pôr fim nos Zetas, somos guerreiros anônimos, sem rosto, mas orgulhosamente mexicanos...”. Dias depois, os corpos sem vida de 36 pessoas são encontrados em três casas na Boca del Río, sempre no estado de Veracruz. Em 24 de novembro, a poucos dias da inauguração da Feira Internacional do Livro em Guadalajara, a polícia descobre dentro de três furgões os corpos de 26 pessoas, mortas por asfixia e golpes no crânio. No dia 22 de dezembro, nas primeiras horas da manhã, três ônibus públicos são atacados por narcotraficantes na rodovia 105, em Veracruz: o balanço é de dezesseis mortos, entre eles três cidadãos americanos, residentes no Texas, vindos ao México para passar as férias de Natal. No dia seguinte, em Tampico Alto, estado de Veracruz, são encontrados dez corpos: torturados, manietados, quase todos sem cabeça. Os massacres não param nem no dia de Natal: ao lado de Tampico, na fronteira de Tamaulipas com o estado de Veracruz, alguns soldados do Exército descobrem os cadáveres de treze pessoas num caminhão-reboque durante um controle de rotina. Na cena são encontradas também faixas que remetem a lutas entre grupos rivais. O elenco de atrocidades poderia continuar por muito tempo, mas equivaleria a pôr condecorações no peito dos membros do cartel de Jalisco.

Primeiro de julho de 2012. O México acaba de eleger um novo presidente, Enrique Peña Nieto. Entre as suas prioridades destacou a luta contra o narcotráfico, que nos últimos cinco anos produziu mais de 50 mil mortes. Vinte e quatro horas depois da sua eleição, às dez da manhã, em Zacazonapán, no México central, um grupo de cerca de quarenta pistoleiros para quatro rapazes entre quinze e dezesseis anos, que distribuem droga por conta da Família Michoacana. Outros membros da Família aparecem no local. Deflagra-se um tiroteio. Durante uma hora a confusão e o terror se espalham entre as pessoas. As escolas interrompem as aulas à espera da chegada do Exército e da polícia, que confirmarão as mortes: pelo menos oito pessoas. Mas consegue se salvar “El Tuzo”, considerado o braço direito



armado de Pablo Jaimes Castrejón, vulgo “La Marrana”, a porca, suposto líder da Família Michoacana na zona meridional do estado do México, um dos narcos mais procurados por sequestro, extorsão, homicídio e tráfico. Entre os quarenta pistoleiros também há perdas, mas para eles são vítimas necessárias, imoladas por um fim superior.

Os quarenta pistoleiros pertencem a um cartel fundado pouco mais de um ano antes, em outro episódio da loucura homicida ilimitada a que o narcotráfico destinou o México. É o cartel dos Cavaleiros Templários: saídos da Família, que para eles perdera seus valores ao se dedicar a práticas consolidadas de furtos, sequestros e extorsões, os Cavaleiros Templários têm um código de honra bem rígido. Os membros da ordem devem lutar contra o materialismo, a injustiça e a tirania. Travam uma batalha ideológica para defender os valores sociais fundadores da ética. Juram proteger os oprimidos, as viúvas, os órfãos. É proibido abusar das mulheres, dos menores, ou fazer uso do poder para enganá-los. A prática do sequestro com o fim de obter dinheiro é severamente proibida. Para matar é necessária uma autorização, já que ninguém deve tirar a vida pelo gosto de tirá-la ou por dinheiro: primeiro é preciso ver se há razões suficientes, e só então se poderá passar ao ato. Um Cavaleiro Templário não pode ser dominado pelo sectarismo nem por uma mentalidade mesquinha. Deve promover o patriotismo e demonstrar orgulho por sua terra. Deve ser humilde e respeitável. Para todos os membros da ordem é vetado o consumo de drogas. O templário deve ser um exemplo de cavalheirismo para todos. E deve sempre buscar a verdade, porque Deus é Verdade. Quem trair ou quebrar a regra do silêncio será punido com a morte, sua família sofrerá a mesma sorte e suas propriedades serão confiscadas.

É uma paródia delirante, como se vê, que no entanto encobre um grupo muito jovem e agressivo, em luta contra o cartel de origem, hoje debilitado, para se apossar das suas terras sem desdenhar dos estados limítrofes. Seus membros se sentem onipotentes a ponto de declarar guerra aos Zetas. Como a ordem cavaleiresca medieval, fundada em Jerusalém para proteger os

peregrinos na Terra Santa depois da Primeira Cruzada, esses novos templários se sentem investidos de uma missão divina. Quem entra no grupo, eleito por um conselho composto dos irmãos mais experientes, não poderá abandonar “a causa”, a partir do momento em que se submete a um voto que deverá respeitar à custa da própria vida. Os membros devem participar das cerimônias nas quais se vestem como os templários: elmos, túnicas brancas e uma cruz vermelha no peito. No campo, o cartel distribuiu um manual em que são resumidos seus princípios, que convergem no objetivo cardeal de “proteger os habitantes do estado livre, soberano e laico de Michoacán”. É um cartel que ostenta intenções purificadoras, enquanto organiza um exército para se impor no negócio das anfetaminas. São bem equipados e não têm medo de desafiar abertamente as autoridades.

Sangue chama sangue. Não é um modo de dizer. A linfa do sangue é o próprio sangue. A história dos cartéis mexicanos demonstra que as tentativas de combater a violência com a violência só levaram a um incremento dos mortos por assassinato. Durante os anos da presidência de Vicente Fox, entre 2000 e 2006, o governo mexicano havia adotado uma atitude fundamentalmente passiva em relação ao narcotráfico. As tropas enviadas para a fronteira com os Estados Unidos para enfrentar as operações dos cartéis eram insuficientes e mal equipadas. As coisas mudaram em 11 de dezembro de 2006, quando o presidente Felipe Calderón, que acabara de tomar posse, enviou 6500 soldados federais ao estado de Michoacán para pôr fim à violência causada pelo narcotráfico. Era uma declaração de guerra entre dois Estados contrapostos. De um lado, o México; de outro, o narcoestado. Dois Estados que ocupam o mesmo território, mas o segundo devora tudo o que encontra. O narcoestado tem um apetite ilimitado, e Calderón sabe: por isso deflagra a guerra da droga. Não pode permitir que um Estado parasita imponha suas próprias leis. A luta contra o narcotráfico envolve mais de 45 mil soldados, que se somam às forças de ordem normais, locais e federais. Mas sangue chama sangue, e os cartéis ameaçados responderam aos golpes recebidos com uma exacerbação das brutalidades.

A julgar pelas cifras, Calderón não conseguiu vencer sua guerra. O último boletim oficial publicado pelo governo mexicano sobre a narcoguerra é de 11 de janeiro de 2012 e fala de 47 515 pessoas mortas por violência ligada ao crime organizado entre dezembro de 2006 e 30 de setembro de 2011. O pior é que o número de mortos aumentou exponencialmente: em 2007, as mortes ligadas ao narcotráfico foram 2826; em 2008, subiram para 6838; em 2009, chegaram a 9614; em 2010, a nada menos que 15 273; em 2011, só até setembro, já eram 12 903, e ainda faltavam três meses para o fim do ano. O novo ministro do Interior do governo Peña Nieto, Miguel Ángel Osorio Chong, em meados de fevereiro de 2013 declarou que seriam cerca de 70 mil os mortos da narcoguerra mexicana nos seis anos de Felipe Calderón, acrescentando que é impossível dar uma cifra precisa, pois “no fim da legislatura precedente se deixou de fazer a contabilidade oficial” das vítimas da guerra da droga, assim como falta um registro das pessoas desaparecidas e dos corpos não identificados no necrotério. Mas há quem sustente que os mortos dessa guerra suja são muito mais que isso. A contabilidade da morte é uma ciência imprecisa, algumas vidas suprimidas sempre lhe escapam. Quantas são as vítimas encontradas nas narcovalas comuns? Quantos corpos foram dissolvidos no ácido? Quantos cadáveres foram queimados e desapareceram para sempre? Muitas vezes os alvos são os políticos, em todos os níveis: local, regional ou estadual. Durante esses anos de guerra da droga, 31 prefeitos mexicanos foram assassinados, dos quais treze apenas em 2010. As pessoas honestas hoje têm medo de se candidatar, sabem que mais cedo ou mais tarde os cartéis chegarão e procurarão pôr em seu lugar figuras mais palatáveis. As contas do massacre estão em contínua atualização. Só em 2012, de 1º de janeiro a 31 de outubro, chega-se a 10 485 mortos. Mas são estimativas, e associações como o Movimento pela Paz com Justiça e Dignidade, fundado pelo poeta e ativista Javier Sicilia depois da morte do filho pelas mãos de narcos, afirmam que o balanço das vítimas da guerra da droga é na realidade muito mais pesado.

Números e cifras. Eu vejo somente sangue e dinheiro.

## Cocaína # 3

Pegue um elástico e comece a esticá-lo. No início quase não há resistência. Você o alonga sem dificuldade. Até alcançar a extensão máxima, quando o elástico arrebenta. A economia de hoje funciona como esse elástico. Ele é como o comportamento segundo as regras de concorrência leal e a lei. No princípio, tudo era fácil, os recursos disponíveis, o mercado pronto para ser invadido por qualquer nova mercadoria capaz de tornar a sua vida mais bonita e mais cômoda. Quando você comprava, sentia ter dado um salto para um futuro melhor. Se você produzia, percebia a mesma dimensão. Rádios. Automóveis. Geladeiras. Lavadoras. Aspiradores. Calçados elegantes e calçados esportivos. Barbeadores elétricos. Peles. Televisores. Viagens. Roupas de grife. Micros portáteis. Celulares. Você não precisava puxar muito o elástico das regras. Hoje estamos próximos do ponto de ruptura. Todo nicho de mercado foi conquistado, toda necessidade, satisfeita. As mãos que seguram o elástico vão sempre mais além, recusam a saturação esticando-o mais um milímetro, na esperança de que esse esforço não seja o último. No limite, você se prepara para transferir sua fábrica para o leste ou tenta trabalhar sem declarar de modo a fugir dos impostos. Procura esticar o elástico o máximo possível. É a dura vida do empreendedor. Apenas um Mark Zuckerberg nasce a cada século. Pouquíssimos podem gerar riqueza apenas a partir de uma ideia; e, por mais vencedora que seja, essa ideia não gera um conjunto sólido de atividades. Os

outros são obrigados a uma guerra de posição para colocar bens e serviços que talvez durem o tempo de um bater de asas. Todos os bens são obrigados a se submeter à regra do elástico. Todos menos um. A cocaína. Não existe mercado no mundo mais rentável que o da cocaína. Não existe investimento financeiro no mundo que frutifique como investir em cocaína. Nem mesmo as altas recordes de ações são comparáveis aos “juros” que rende o pó. Em 2012, ano de lançamento do iPhone 5 e do iPad míni, a Apple se tornou a empresa mais capitalizada que já se viu numa lista de ações. As ações da Apple subiram 67% num só ano. Um aumento notável para os números da finança. Se você tivesse investido mil euros em ações da Apple no início de 2012, agora você teria 1670 euros. Nada mal. Mas se tivesse investido mil euros em cocaína no início de 2012, você teria agora 182 mil euros: cem vezes mais do que investindo na ação recordista do ano!

A cocaína é um bem refúgio. A cocaína é um bem anticíclico. A cocaína é o verdadeiro bem que não teme nem a escassez de recursos nem a inflação dos mercados. Há muitíssimos cantos do mundo que vivem sem hospitais, sem web, sem água corrente. Mas não sem pó. Diz a ONU que em 2009 foram consumidas 21 toneladas de cocaína na África, catorze na Ásia, duas na Oceania. Mais de 101 toneladas em toda a América Latina e Caribe. Todos querem, todos consomem, todos os que começam a usá-la precisam dela. As despesas são mínimas, colocá-la é imediato, altíssima a margem de lucro. A cocaína se vende mais facilmente do que o ouro, e seus ganhos podem superar os do petróleo. O ouro necessita de mediadores e de tempo para as contratações; o petróleo de poços, refinarias, oleodutos. A cocaína é o último bem que permite a acumulação originária de capitais. Você poderia descobrir uma fonte de petróleo bruto no jardim da sua casa ou herdar uma mina de coltan, columbita-tantalita, que daria para abastecer todos os telefones do mundo, mas não passaria, saindo do zero, às luxuosas vilas da Costa Esmeralda com tanta velocidade quanto através do pó. Da rua ao topo com uma fabriquetta de parafusos? Da miséria à opulência com carros? Um século atrás, sim. Hoje até as grandes multinacionais que produzem bens

primários ou os últimos colossos da indústria automobilística não podem fazer mais senão resistir. Reduzir custos, prospectar toda a periferia do planeta para aumentar as exportações, que em todos os setores estão se revelando cada vez menos ampliáveis. Esperar, principalmente, que os balanços positivos façam as ações e debêntures da empresa irem bem, porque é para estas que se deslocou uma parte cada vez mais consistente do ganho.

Não existem papéis cotados em Bolsa capazes de gerar o lucro da cocaína. O investimento menos arriscado, a especulação mais antecipadora, movimentos rapidíssimos de monumentais fluxos de dinheiro, que conseguem influir nas condições de vida de continentes inteiros, não obtêm uma multiplicação de valor nem de longe comparável. Quem aposta na cocaína acumula em poucos anos riquezas que em geral as grandes holdings conseguiram em décadas de investimentos e especulações financeiras. Se um grupo empresarial conseguir pôr as mãos na cocaína, deterá um poder impossível de alcançar com qualquer outro meio. Uma aceleração que nenhum outro motor econômico pode proporcionar. Por isso, onde a cocaína é a economia de escala, não existe nada além do choque feroz e violento. Aqui não há mediação. Ou tudo ou nada. E tudo dura pouco. Não dá para fazer tráfico de cocaína com sindicatos e projetos industriais, com subsídios do Estado e normas impugnáveis pelos tribunais. Você vence se for o mais forte, o mais esperto, o mais organizado, o mais armado. Para qualquer empresa vale a regra de que, quanto mais esticar o elástico, mais você consegue se impor no mercado. Se você conseguir esticar esse elástico ainda um pouco mais com a coca, então poderá vencer em qualquer outro setor. Só a lei pode arrebentar o elástico. Mas mesmo quando a lei descobre a raiz criminosa e tenta extirpá-la, é difícil encontrar todas as empresas legais, os investimentos imobiliários e as contas bancárias que foram adquiridos graças à tensão extraordinária obtida pelo pó branco.

A cocaína é um bem complexo. Por trás do seu candor se esconde o trabalho de milhões de pessoas. Nenhuma delas enriquece como as que

sabem se colocar no ponto certo da cadeia produtiva. Os Rockefeller da cocaína sabem como nasceu seu produto, passo a passo. Sabem que em junho se semeia e que em agosto se colhe. Sabem que a semeadura deve ser feita com uma semente proveniente de plantas de pelo menos três anos e que as colheitas de coca são feitas três vezes por ano. Sabem que as folhas colhidas devem ser postas para secar até 24 horas depois de cortadas, senão se estragam e não se vendem mais. Sabem que o passo seguinte é cavar dois buracos no terreno. No primeiro, junto com as folhas secas, deve se acrescentar carbonato de potássio e querosene. Sabem que depois é preciso socar bem esse *mix* até obter uma sopa esverdeada, o carbonato de cocaína, que, uma vez filtrado, deve ser transferido para o segundo buraco. Sabem que o ingrediente que vem a seguir é o ácido sulfúrico concentrado. Sabem que o que se obtém assim é o sulfato básico de cocaína, a *pasta básica*, que é posta para secar. Sabem que os últimos passos comportam acetona, ácido clorídrico, álcool absoluto. Sabem que é preciso filtrar novamente. E pôr de novo para secar. Sabem que se obtém o *cloridrato de cocaína*, comumente chamado de cocaína. Sabem, os Rockefeller do pó, que para obter mais ou menos meio quilo de cocaína puríssima são necessários: trezentos quilos de folhas e um punhado de operários em tempo integral. Tudo isso os empresários da cocaína sabem, como qualquer gerente de empresa. Mas sabem principalmente que a massa de camponeses, passadores e transportadores que arranjam um trabalho um pouco mais rentável do que podem tentar conseguir em outro ramo continua a ter os dois pés enterrados na miséria. É a mão de obra, uma maré de serviços intercambiáveis na perpetuação de um sistema de exploração e enriquecimento em benefício de poucos. E acima desses poucos estão os que tiveram a clarividência de compreender que na longa viagem da coca, das folhas colombianas aos narizes do consumidor ocasional, o verdadeiro dinheiro se faz com a venda, a revenda e a gestão dos preços. Porque se é verdade que um quilo de cocaína na Colômbia é vendido a 1500 dólares, no México é vendido a entre 12 mil e 16 mil, nos Estados Unidos a 27 mil, na

Espanha a 46 mil, na Holanda a 47 mil, na Itália a 57 mil e no Reino Unido a 77 mil; se é verdade que os preços por grama vão de 61 dólares em Portugal a 166 dólares em Luxemburgo, passando por oitenta dólares na França, 87 na Alemanha, 96 na Suíça e 97 na Irlanda; se é verdade que de um quilo de cocaína pura se tira em média, com a mistura, três quilos que serão vendidos em doses de um grama; se tudo isso é verdade, também é verdade que quem comanda a cadeia inteira é um dos homens mais ricos do mundo.

Novas burguesias mafiosas gerenciam hoje o tráfico de cocaína. Através da distribuição conquistam o território onde é comercializada. Um *war game* de dimensões planetárias. De um lado, os territórios de produção que se tornam feudos onde não cresce mais nada além de pobreza e violência, territórios que os grupos mafiosos mantêm sob controle, distribuindo esmolas e caridade que fazem passar por direitos. Não pode haver desenvolvimento. Só prebendas. Se alguém quer se emancipar, não deve clamar por direitos, mas buscar a riqueza. Uma riqueza que deve saber conquistar. Desse modo se perpetua um único modelo de afirmação, do qual a violência é tão só o veículo e o instrumento. O que se impõe é poder produzido e contido em pureza, como a própria cocaína. De outro lado, países e nações onde se possam fincar, bem no centro do mapa, suas bandeiras. Itália: presente. Inglaterra: presente. Rússia: presente. China: presente. Em toda parte. Para as famílias mais fortes, o pó funciona com a facilidade de um caixa eletrônico. Tem um shopping center à venda? Você importa a cocaína e um mês depois tem o dinheiro para concluir a transação. A cocaína é a resposta universal para a necessidade de liquidez. A economia do pó cresce desmesuradamente e chega a toda parte.



## 5. A ferocidade se aprende

Há anos me pergunto de que serve alguém se ocupar de mortos e tiroteios. Tudo isso vale a pena? Por que motivo? Você vai ser chamado para dar alguma consultoria? Vai dar um curso de seis semanas em alguma universidade, melhor ainda se prestigiosa? Vai se lançar na batalha contra o mal acreditando ser o bem? Vão lhe dar o cetro de herói por alguns meses? Você vai ganhar alguma coisa se alguém ler as suas palavras? Vai ser odiado por aqueles que, ignorados, as disseram antes de você? Vai ser odiado por aqueles que não disseram aquelas palavras, ou as disseram mal? Às vezes, acho que é uma obsessão. Às vezes, me convenço de que, nessas histórias, mede-se a verdade. Talvez o segredo seja esse. Segredo não para alguma outra pessoa. Segredo para mim. Escondido de mim mesmo. Deixado de lado nas minhas palavras públicas. Seguir os percursos do narcotráfico e da lavagem de dinheiro faz com que você se sinta capaz de medir a verdade das coisas. Entender os destinos de uma eleição política, a queda de um governo. Escutar as palavras oficiais começa a não ser mais suficiente. Enquanto o mundo tem uma direção bem precisa, tudo, no entanto, parece se concentrar em algo diferente, talvez banal, superficial. A declaração de um ministro, um acontecimento minúsculo, a fofoca. Mas quem decide tudo é outra coisa. Esse instinto está na base de todas as escolhas românticas. O jornalista, o narrador e o diretor gostariam de contar como é o mundo, como é realmente. Dizer aos seus leitores, aos seus espectadores: não é como vocês

achavam, é assim. Não é como vocês acreditavam, agora vou abrir a ferida através da qual vocês podem espiar a verdade suprema. Mas ninguém jamais consegue totalmente. O risco é acreditar que a realidade, a verdadeira, pulsante, determinante, está completamente escondida. Se você tropeça e cai nessa, começa a achar que tudo são conspirações, reuniões secretas, associações e espiões. Que nada jamais aconteceu como parece ter acontecido. Essa é a idiotice típica de quem narra. É o início da miopia de um olho que se julga são: fazer o círculo do mundo quadrar nas suas interpretações. Mas não é assim tão simples. A complexidade está justamente em não acreditar que tudo está escondido ou que tudo é decidido em salas secretas. O mundo é mais interessante do que uma conspiração entre serviços de inteligência e seitas. O poder criminoso é uma mistura de regras, desconfiança, poder público, comunicação, ferocidade, diplomacia. Estudá-lo é como interpretar textos, como se tornar entomologista.

Porém, apesar de todos os meus esforços, não está claro para mim por que alguém decide se ocupar dessas histórias. Dinheiro? Fama? Posição? Carreira? Tudo infinitamente inferior ao preço a ser pago, ao risco e ao insuportável murmúrio que acompanhará os seus passos, aonde quer que você vá. Quando você conseguir narrar, quando entender como tornar cativante a sua narrativa, quando souber dosar exatamente estilo e verdade, quando as palavras saírem do seu tórax, da sua boca, e tiverem um som, você será o primeiro a se sentir incomodado. Será o primeiro a ter ódio de você. E não será o único. Até mesmo quem lhe dá ouvidos, ou seja, quem opta por fazê-lo sem nenhuma coerção, vai odiá-lo porque você estará mostrando algo nojento. Porque aquela pessoa se sentirá sempre posta diante de um espelho: por que não fui eu que fiz isso? Por que não fui eu que o disse? Por que eu não o entendi? A dor se torna aguda e o animal ferido muitas vezes ataca: é ele que mente, e o faz para despistar, por corrupção, por fama, por dinheiro. Narrar o poder criminoso permite que você folheie prédios, parlamentos, pessoas como se fossem livros. Você pega um prédio

de cimento e imagina que é construído por milhares de páginas e, quanto mais você puder folhear aquelas páginas, mais poderá ler quantos quilos de cocaína, quantas propinas, quanto trabalho clandestino existe naquela estrutura. Você imagina que é possível fazer isso com tudo o que vê. Imagina que é possível folhear qualquer coisa que esteja à sua volta. A essa altura, você poderá entender muitas coisas, mas chegará um momento no qual você vai querer manter todos os livros fechados. No qual você não vai aguentar mais folhear as coisas.

Você pode pensar que se ocupar de tudo isso seja uma maneira de redimir o mundo. Reestabelecer a justiça. E talvez em parte seja isso mesmo. Mas talvez, e sobretudo nesse caso, você também deve aceitar o peso de ser um pequeno super-herói sem um pingote de poder. De ser, no fundo, um ser humano patético que superestimou as próprias forças simplesmente porque nunca havia se deparado com o seu limite. A palavra dá a você uma força muito superior à força que o seu corpo e a sua vida podem conter. Mas a verdade, obviamente a minha verdade, é que só existe um motivo para você decidir se envolver nessas histórias de marginalidade e traficantes, de empreendedorismo criminoso e massacres. Fugir de todas as consolações. Decretar a inexistência absoluta de qualquer bálsamo para a vida. Saber que o que você vai saber não vai fazer com que você se sintam melhor. No entanto, você procura sabê-lo o tempo todo. E, quando passa a saber, começa a desenvolver um desprezo pelas coisas. E com coisas quero dizer exatamente as coisas, os objetos. Você passa a saber exatamente como as coisas são feitas, qual é a sua origem, que fim vão ter.

E, mesmo ficando mal, você convence a si mesmo de que só é possível entender este mundo decidindo estar dentro dessas histórias. Você pode ser um divulgador, um cronista, um magistrado, um policial, um juiz, um padre, um assistente social, um professor, um militante antimáfia, um escritor. Pode saber fazer bem o seu ofício, mas isso não significa necessariamente que você, por vocação, na sua vida, quer estar dentro desses acontecimentos. Dentro significa que eles consomem, dão vida a você e

fazem apodrecer todas as coisas do seu cotidiano. Dentro significa que você tem na cabeça os mapas das cidades com os canteiros de obras, os mercados do tráfico, os lugares onde foram firmados pactos e onde aconteceram homicídios de pessoas importantes. Você não está dentro só porque está na rua ou porque se infiltra como Joe Pistone durante seis anos em um clã. Está dentro porque essas coisas são o sentido da sua existência. E, há anos, foi isso o que decidi. Não apenas porque cresci em um território no qual tudo era decidido pelos clãs, não apenas porque vi a morte de quem se opunha ao seu poder, não apenas porque a difamação dissolve nas pessoas qualquer desejo de se opor ao poder criminoso. Estar dentro do tráfico do pó é a única perspectiva que me permite entender as coisas até o fundo. Olhar a fraqueza humana, a fisiologia do poder, a fragilidade das relações, a inconsistência das ligações, a força desmedida do dinheiro e da ferocidade. A absoluta impotência de todos os ensinamentos voltados para a beleza e a justiça, dos quais me alimentei. Percebi que o pó era o eixo em torno do qual tudo girava. A ferida tinha somente um nome. Cocaína. O mapa do mundo era traçado, sim, pelo petróleo, aquele que é preto, do qual estamos acostumados a falar, mas também pelo petróleo branco, como é chamado pelos chefões nigerianos. O mapa do mundo é construído em cima do combustível, o dos motores e o dos corpos. O combustível dos motores é o petróleo, o dos corpos é a cocaína.

“Os sérvios. Precisos, impiedosos, meticulosos na tortura.”

“Bobagem. Os tchetchenos. Têm lâminas tão afiadas que, sem perceber, você já está no chão dessangrado.”

“Amadores em comparação com os liberianos. Eles arrancam o seu coração com você ainda vivo e depois o comem.”

É um jogo tão velho quanto o mundo. O ranking das crueldades, as dez mais dos povos mais ferozes.

“E os albaneses? Não se contentam em matar você. Não, cuidam também das gerações futuras. Apagam tudo. E para sempre.”

“Os romenos põem uma sacola na sua cabeça, amarram os seus pulsos no pescoço e deixam que o tempo siga o seu curso.”

“Os croatas pregam os seus pés e você não pode fazer nada além de suplicar que a morte chegue o mais depressa possível.”

A escalada de sangue, terror e sadismo continua por um bom tempo, até a indefectível lista de esquadrões especiais: os legionários franceses, El Tercio espanhol, o Bope brasileiro.

Estou sentado atrás de uma mesa redonda. Em turnos, os homens à minha volta dão os testemunhos de suas experiências e elencam as especificidades culturais dos povos que mais conhecem depois de terem atuado em seus territórios durante missões de paz. Esse jogo sádico e um pouco racista é um ritual, mas, como todos os rituais, é necessário. É a única maneira que eles têm para dizer a si mesmos que o pior já passou, que eles conseguiram, que, dali em diante, começa a vida de verdade. A vida melhor.

Fico em silêncio. Como um antropólogo, devo interferir o mínimo possível para que o ritual aconteça sem empecilhos. Os convidados têm a expressão séria e, quando um deles toma a palavra, não encara quem está à sua frente nem quem estava falando antes. Cada um conta a própria história como se estivesse falando consigo mesmo em um cômodo vazio, tentando se convencer de que aquilo que viu era o mal absoluto.

Em todos estes anos, já ouvi dezenas de rankings desse tipo, em reuniões, congressos, jantares, na frente de pratos de massa ou em tribunais. Muitas vezes, não passavam de listas de crueldades cada vez mais inumanas, mas, à medida que esses episódios se acumulavam na minha cabeça, punha-se em marcha um denominador comum, um traço cultural que voltava obstinadamente e com insistência. À crueldade era atribuído um lugar de honra no patrimônio genético das populações. Ao cometer o erro de fazer coincidir gestos de ferocidade ou de guerra com todo um povo, a criação de rankings desse tipo se torna o equivalente de mostrar os músculos esculpados após horas intermináveis na academia. Mas, também atrás dos músculos exibidos para impressionar os próprios adversários, existe uma

rígida e codificada preparação. Não existe improvisação, tudo deve ser minuciosamente projetado. Educado. O que torna o homem um homem de verdade é a educação. É o que aprendemos que faz diferença.

A ferocidade se aprende. Não é inata. Por mais que um homem possa crescer com propensões a ela, possa ter tido uma família que lhe deixou como herança rancor e violência, a ferocidade é ensinada, a ferocidade é aprendida. A ferocidade é algo passado do mestre ao aluno. O impulso não basta, deve ser canalizado e adestrado. Um corpo é instruído a livrar-se da alma, mesmo que você não acredite em alma, mesmo que você ache que é uma bobagem religiosa, fantasia, mesmo que, para você, tudo seja fibra, nervos, veias e ácido láctico. No entanto, algo existe. Senão, como você chamaria aquele freio que, no último minuto, impede que você vá até o fim? Consciência. Alma. Os nomes são muitos, mas, a despeito de como queiramos chamá-la, é possível comprometê-la, forçá-la. Pensar que a ferocidade é intrínseca ao ser humano é cômodo e faz o jogo de quem quer limpar a consciência sem antes prestar contas.

Quando um soldado termina a sua narrativa, quem está ao seu lado não espera que as palavras surtam efeito e começa a falar. O ritual prossegue e, também desta vez, todos parecem concordar silenciosamente que alguns povos têm mesmo aquele impulso no sangue, não há nada a ser feito, o mal nasce conosco. À minha direita, um soldado transmite estar particularmente ansioso para que chegue a sua vez. Mexe-se sobre a cadeira de plástico emitindo leves rangidos que, ao que parece, só eu percebo, pois nenhum dos seus colegas levanta a cabeça em momento algum na nossa direção. É claro que não se trata de um novato indisciplinado: ostenta a barba comprida de quem pode se dar o luxo de usá-la e as divisas indicam que ele já passou por muitos cenários perigosos. Outra anomalia: ele balança a cabeça. Até penso estar entrevedo um pequeno sorriso de escárnio. É um elemento perturbador do ritual e, agora, eu também não vejo a hora de que seja a vez dele. Não preciso esperar muito porque, na metade de uma vívida descrição

da extração de unhas por parte de algum serviço secreto do Leste, o homem à minha direita interrompe a discussão.

“Vocês não entenderam porra nenhuma. Não sabem nada de coisa alguma. Só leem as histórias das revistas de fofocas, só assistem ao telejornal das oito. Vocês não sabem nada.”

Depois, remexe freneticamente em um dos bolsos das calças militares e retira um smartphone, passa os dedos nervosamente pela tela tátil até que apareça um mapa geográfico. Aumenta, desloca, aumenta novamente e, por fim, mostra aos outros uma nesga do mundo.

“Pronto, os piores estão aqui.”

O dedo aponta para uma região da América Central. O ritual foi rompido. Guatemala. Todos estão surpresos.

“Guatemala?”

O veterano responde com uma única palavra, desconhecida para os outros: “Kaibil.”

Eu ouvira aquele nome ser pronunciado nos testemunhos dos anos 1970, mas ninguém se lembrava mais dele.

“Oito semanas”, recomeça o soldado barbudo, “oito semanas e tudo o que existe de humano no ser humano desaparece. Os Kaibiles descobriram uma maneira para anular a consciência. Em dois meses, pode ser extraído de um corpo tudo o que o diferencia dos animais. O que faz com que ele distinga maldade, bondade, moderação. Em oito semanas, você pode pegar São Francisco e transformá-lo em um assassino capaz de matar animais a dentadas, sobreviver bebendo só mijo e eliminar dezenas de seres humanos sem sequer se preocupar com a idade das vítimas. Bastam oito semanas para aprender a combater em qualquer tipo de terreno e em qualquer condição atmosférica, e para aprender a se deslocar rapidamente quando atacado pelo fogo inimigo.”

Silêncio. Acabei de assistir a uma heresia. Pela primeira vez, o paradigma da ferocidade inata foi abatido. Preciso encontrar um Kaibil. Começo a ler. E descubro que os Kaibiles são o esquadrão de elite antissubversão do Exército

guatemalteco. Nascem em 1974, quando é criada a Escola Militar que se tornaria o Centro de Adestramento e Operações Especiais Kaibil. São os anos da guerra civil guatemalteca, anos em que as forças do governo e paramilitares, apoiadas pelos Estados Unidos, se veem enfrentando primeiro guerrilheiros desorganizados e, depois, o grupo rebelde Unidade Revolucionária Nacional Guatemalteca. É uma guerra sem trégua. Nas malhas dos Kaibiles caem estudantes, trabalhadores, profissionais liberais, políticos da oposição. Qualquer um. Aldeias maias são arrasadas, os camponeses são trucidados e os seus corpos, abandonados para que apodreçam sob o sol inclemente. Em 1996, após 36 anos e mais de 200 mil mortos, 36 mil desaparecidos e 626 massacres comprovados, a guerra civil na Guatemala finalmente termina com a assinatura dos acordos de paz. O primeiro presidente do pós-guerra, Álvaro Arzú, decide então, a pedido dos Estados Unidos, transformar o exército anti-insurreição, considerado a melhor força antissubversiva da América Latina, em um eficaz instrumento contra o narcotráfico. Em 1º de outubro de 2003, é oficialmente criado o pelotão antiterrorismo Batalhão de Forças Especiais Kaibil.

Segundo a definição deles mesmos, os Kaibiles são “máquinas para matar”, adestradas através de provas horripilantes, pois o valor deve ser sempre comprovado, dia após dia, horror após horror. Beber o sangue de um animal que foi morto por um deles pouco antes e cujos restos crus foram devorados reforça o Kaibil, dá-lhe potência. Faz tempo que a Comissão de Esclarecimento Histórico Guatemalteca começou a se interessar por essas práticas, tendo redigido um documento intitulado *Memória do silêncio*. Esse relatório lembra que 93% dos crimes documentados na Guatemala nos 36 anos de guerra foram cometidos pelas forças de segurança e pelos grupos paramilitares, sobretudo pelas Patrullas de Autodefensa Civil e pelos Kaibiles. Segundo o documento, durante o conflito armado interno, o esquadrão dos Kaibiles cometeu atos de genocídio.

Entre os massacres mais cruéis está o de Las Dos Erres, um vilarejo do departamento de Petén que, entre 6 e 8 de dezembro de 1982, foi arrasado,



tendo seus habitantes sido assassinados. Em 6 de dezembro, quarenta Kaibiles entraram no vilarejo para recuperar dezenove fuzis perdidos em uma emboscada precedente armada pelos guerrilheiros e não pouparam ninguém: mataram homens, mulheres e crianças, violentaram garotas, provocaram abortos nas mulheres grávidas dando coronhadas com os fuzis e pulando sobre suas barrigas, jogaram crianças vivas nos poços ou as mataram a bordoadas, algumas foram enterradas vivas. As menores foram assassinadas por esmagamento contra paredes ou árvores. Os cadáveres foram jogados nos poços ou abandonados nos campos. Fala-se de mais de 250 mortos, embora 201 tenham sido documentados. Setenta tinham menos de sete anos. Antes de ir embora do vilarejo, os soldados levaram consigo duas garotas de catorze e dezesseis anos que foram poupadas e as obrigaram a vestir uniformes militares: ficaram com elas por três dias, nos quais as violentaram repetidamente. Quando se cansaram, estrangularam-nas.

Não é difícil encontrar um Kaibil: o orgulho deles é forte demais. Desde que ouvi aquele soldado, não dei trégua a mim mesmo e comecei a fazer pedidos. Pedidos para me encontrar com um combatente Kaibil. Indicam-me um empregado doméstico que trabalha na casa de empresários milaneses. É gentil, marca um horário e nos encontramos na rua.

Conta que é um ex-jornalista; na carteira, guarda as fotocópias de alguns dos seus artigos. Ele os relê de vez em quando ou então os mantém ali como testemunho da sua vida anterior. Conhece um Kaibil. Não quer falar de outra coisa.

“Eu conheço. Um Kaibil dificilmente se torna um ex-Kaibil, mas esse fez coisas ruins.” Não quis especificar o que eram essas coisas ruins.

“Você não vai acreditar em nada do que ele vai dizer, nem eu acredito, porque, se o que ele diz é verdade, eu não conseguiria dormir...”

Então piscou um olho para mim: “Sei que é verdade, mas espero que não seja tão verdadeiro assim”.

Em seguida me passa um número de telefone. Me despeço do empregado doméstico-jornalista e disco o número. Responde uma voz gélida, mas que se diz lisonjeada pelo meu interesse. Ele também marca um encontro em um lugar público. Chega Ángel Miguel. Pequeno, olhos maias, vestido com elegância como se tivesse um encontro com uma câmera de televisão. Tenho apenas um caderninho e isso não o agrada muito. Mas decide não ir embora. A voz gélida do telefone deu lugar a um modo de falar afetado. Durante a nossa conversa, nunca abaixa os olhos e nunca faz gesto algum que não seja estritamente necessário.

“Fico contente por você ser *maricón*”, ele começa.

“Não sou *maricón*.”

“Impossível, tenho a prova. Você é *maricón*, mas não fique envergonhado.”

“Se eu fosse gay, não ficaria envergonhado, pode ter certeza. Mas do que estamos falando?”

“Você é *maricón*, não notou tudo... isso...”

Vira o pescoço alguns graus para a esquerda sem desviar os seus olhos dos meus e, naquele instante, como se estivesse respondendo a um chamado ancestral, uma garota dá um passo para a frente. De fato, eu não a havia notado. Estava totalmente absorvido pelo Kaibil.

“Se você não reparou nela é porque é *maricón*.”

Louríssima, atochada em um vestido que funciona como uma segunda pele, equilibrada sobre saltos vertiginosos. E, apesar de tudo isso, nem um fio de maquiagem — talvez tenha decidido que os olhos claros salpicados de escamas douradas são suficientes para dar destaque ao seu rosto. É a namorada dele. Apresenta-se, é italiana e está contente por estar ali acompanhando aquele homem que talvez ela tenha confundido com um herói de guerra.

“Você precisa se tornar *cuas*. Sem se tornar *cuas*, você não sabe o que significa a fraternidade na batalha.”

Entendo que Ángel Miguel não gosta de perder tempo. Decretou que sou homossexual e me apresentou a namorada. Para ele, isso é suficiente, agora, pode começar a sua história. Li em algum lugar que, no idioma queqchi, *cuas* significa exatamente isso: irmão. Mas só agora entendo que a acepção não diz respeito a uma relação biológica. *Cuas* não é o irmão de nascimento, *cuas* é o irmão que é escolhido para você.

“Uma vez, durante o adestramento, pedi a uns Kaibiles que me deixassem um pouco de comida. O meu *cuas* ficou branco como um cadáver. Os Kaibiles jogaram a comida no chão e começaram a pisoteá-la. Depois, nos amarraram e disseram: ‘Cisquem, galinhas’. Se esticávamos demais a língua, eram chutes e gritos: ‘Nada de pastar, cisquem, franguinhos!’. No adestramento, se um dos *cuas* erra, ambos são punidos, se um dos dois acerta, ambos recebem comida abundante e uma cama. Os *cuas* são quase como noivos. Uma vez, eu e o meu *cuas* estávamos na barraca e o meu *hermano*, à noite, começou a encostar no meu pau. No início fiquei incomodado, depois entendi que tínhamos de fazer tudo... dividir a solidão, o prazer... mas não metemos... só tocamos...”

Fala quase sem tomar fôlego, como se precisasse expor no menor intervalo possível um discurso preparado de antemão. A namorada anui orgulhosa. As fagulhas douradas nos olhos agora estão ainda mais luminosas. Eu gostaria de interrompê-lo e dizer que alguns minutos antes ele havia me chamado de *maricón*, mas decido que é melhor não interferir no seu fluxo de consciência.

“Lá, você aprende o que é um irmão guerreiro. Dividimos o rancho, ficamos juntos quando faz frio, pedimos para levar porrada até sair sangue para manter o nervosismo adestrado.”

Deixar de ser homem, deixar de ter as suas melífluas qualidades e seus imperfeitos defeitos. Tornar-se um Kaibil. Viver odiando.

“Na entrada do Centro de Adestramento dos Kaibiles, em Poptún, no departamento de Petén, existe uma escrita: ‘Sejam bem-vindos ao inferno.’

Mas acho que poucos leem a outra escrita: ‘Se eu avançar, me siga. Se eu parar, me empurre para a frente. Se eu recuar, me mate.’”

A minha fonte certamente não tem o físico do Rambo, mas, apesar disso, cita com segurança os mestres estrangeiros que, a partir dos anos 1980, ajudaram no adestramento dos jovens Kaibiles: boinas-verdes, *rangers* sobreviventes do Vietnã, comandos peruanos e chilenos. Embora alguns estejam convencidos de que isso não passa de uma lenda, durante a guerra civil na Guatemala dizia-se que as decapitações eram a assinatura distintiva deles nos massacres, assim como o seu canto de guerra: “*Kaibil, Kaibil, Kaibil! Mata, mata, mata! Qué mata Kaibil? Guerrillero subversivo! Qué come Kaibil? Guerrillero subversivo!*”.

“A primeira fase do adestramento dura vinte dias”, continua Ángel Miguel, “depois vem a segunda fase, de 28 dias. Na selva. Rios, pântanos, campos minados. Essas são as casas dos Kaibiles. E, assim como você ama a sua casa, o Kaibil ama a dele. E, por fim, a última semana. A última etapa para se tornar um Kaibil de verdade. Você aprende a se alimentar com o que tiver, com o que encontrar. Baratas, cobras. Aprende a conquistar o território inimigo, aniquilá-lo e apossar-se dele.

“Para chegar ao fim do curso é necessário ficar dois dias sem dormir em um rio com água até o pescoço. Eu e meu *cuas* ficamos encarregados de um filhote de vira-lata com olhar meigo. Nos disseram para tomar conta dele, que faria parte da fraternidade. Tínhamos de levá-lo a todos os lugares e alimentá-lo. Demos um nome ao bichinho e estávamos nos apegando a ele quando o nosso chefe nos disse que teríamos de matá-lo. Uma facada de cada um, na barriga. Já estávamos no fim do adestramento e não fizemos muitos questionamentos. O chefe nos disse então que tínhamos de comê-lo e beber o seu sangue. Assim demonstraríamos a nossa coragem. Executamos aquela ordem também, era tudo muito natural.

“O Kaibil sabe que para sobreviver não é necessário beber, comer nem dormir. São necessários munição e um fuzil eficiente. Éramos soldados, éramos perfeitos. Não combatíamos por uma ordem, não teria sido

suficiente. Pertencíamos a algo, e isso é mais forte do que qualquer imposição. Só um terço de nós chegou ao fim. Os outros fugiram ou foram caçados. Outros ainda adoeceram ou morreram.”

O mundo dos Kaibiles é sobretudo simbólico. O medo, o terror, a fraternidade, a solidariedade entre os *cuas*. Tudo pode e deve ser ostentado através de um hábil jogo de referências e significados, através da invenção de acrósticos. A partir da própria palavra *cuas*: C = camaradagem, U = união, A = apoio, S = segurança. Ou então com a frase que exprime a filosofia dos Kaibiles, que diz: “O Kaibil é uma máquina para matar quando forças ou doutrinas estranhas atentam contra a pátria ou o Exército”. O Kaibil também nunca deve se separar, por motivo algum, da própria boina de cor púrpura que exibe o brasão da tropa: um mosquetão de alpinismo, representando união e força, um punhal (símbolo da honra) cuja empunhadura apresenta cinco marcas que retratam os cinco sentidos, e a inscrição “Kaibil” em letras maiúsculas amarelas. “Kaibil” em língua mam significa “que tem a astúcia e a força de dois tigres”. O nome deriva do grande Kaibil Balam, rei mam que resistiu corajosamente aos conquistadores espanhóis no século XVI, às tropas de Gonzalo de Alvarado. Justo as tropas que ostentavam com orgulho o nome que era o símbolo da aguerrida resistência dos maias contra os conquistadores se tornaram um instrumento de extermínio do seu próprio povo. Desvirtuando a lenda, o nome assumiu hoje a conotação de terror.

“No final das oito semanas fazem um jantar. Grelhas enormes, fumegantes, o fogo constantemente alimentado, e durante toda a noite são jogados nas chapas filés de carne de jacaré, iguana e cervo. Existe até o costume de pegar à força o ministro da Defesa guatemalteco e atirá-lo em uma lagoa onde vivem jacarés (mesmo que seja a quilômetros de distância, o pessoal do governo é um bando de cagões!). Depois desse jantar, você pode exibir o brasão dos Kaibiles. O punhal se destaca sobre um fundo azul e preto. O azul é o dia: o Kaibil opera no mar ou no céu. O preto é o silêncio das operações noturnas. Há uma corda na diagonal: as missões terrestres. E, por fim, saindo do punhal, uma chama que arde eternamente. A liberdade.”

O imobilismo de Ángel Miguel é interrompido por um gesto fulminante. Ele levanta a mão e afasta os dedos.

“Olfato. Audição. Tato. Visão. Paladar.”

Os cinco sentidos que o perfeito Kaibil deve desenvolver e manter sempre em alerta para sobreviver. E para matar.

“União e força.”

Olho para Ángel Miguel. Ele não é mais um Kaibil, mas ainda mantém o vazio nos olhos. Quem encontra um Kaibil encontra apenas uma máquina de guerra, quem se relaciona com um Kaibil se relaciona com a ausência. É isso que mais assusta. Embora mal chegue a 1,60 metro, Ángel Miguel me esquadrinha da cabeça aos pés. O discurso sobre o adestramento e a fraternidade insuflou seu orgulho e agora ele se destaca, dominando a mim e à namorada. Tenho uma pergunta e talvez este seja o momento certo para fazê-la, agora que meu interlocutor se sente tão invulnerável.

“O que você pode me dizer da relação entre os Kaibiles e o narcotráfico?”

A Anistia Internacional começou a sinalizar esse fenômeno em 2003, em um relatório no qual denunciava dezenas de casos de participação de militares e policiais na rede do tráfico de drogas, além de atividades ilícitas como furtos de carros, tráfico de crianças para adoções ilegais e operações de “limpeza social”. Ainda em 2003, Washington incluiu a Guatemala na lista dos países “descertificados”, visto que entre 2000 e 2003 o governo guatemalteco apreendeu apenas um quinto da cocaína confiscada três anos antes.

Ángel Miguel, se é que se ressentido do golpe, não deixa transparecer. Então, busco uma reação na namorada, mas ela também permanece imóvel, com exceção de um leve deslocamento do próprio peso de um salto para outro. Convenço-me de que ela também deve ter passado por um adestramento antes de se envolver com ele. Em seguida, Ángel Miguel finalmente abre a boca: “União e força”, repete, e depois se cala.

Para ele o mantra dos Kaibiles é suficiente — fico imaginando se o recurso a essas duas palavras não significa que de alguma maneira a minha

pergunta abriu uma brecha. Tento descobrir.

“É verdade que alguns ex-combatentes fizeram carreira nos cartéis mexicanos?”

Há alguns anos, as autoridades mexicanas indicam um número crescente de ex-Kaibiles e ex-militares guatemaltecos que são contratados por organizações criminosas locais. Para estas últimas, utilizar ex-militares é muito vantajoso, pois permite arregimentar jovens já adestrados e com experiência, economizando tempo e dinheiro na sua formação. Um ex-Kaibil pode se revelar útil aos cartéis graças à sua habilidade no manejo de armas e à familiaridade com operações em montanhas e bosques. Um ex-Kaibil sabe sobreviver em condições muito difíceis e sabe se deslocar tanto em Petén, no norte da Guatemala, quanto no sul do México, duas regiões com condições climáticas bastante semelhantes. A situação se torna ainda mais preocupante devido à desmobilização do Exército guatemalteco ocorrida nos últimos anos, quando o efetivo passou de 30 mil para 15 mil homens. Muitos soldados abandonaram o Exército com uma indenização e se viram desempregados. Alguns começaram a trabalhar em agências particulares de segurança e foram mandados para o exterior como mercenários, talvez no Iraque. Mas outros acabaram alimentando células criminosas.

Alguma coisa se mexe. Ángel Miguel esfrega o polegar contra o indicador como se estivesse enrolando um cigarro invisível, e no canto dos seus olhos surgem finas rugas que eu não havia notado anteriormente. A namorada também não parece mais monolítica. Olha à sua volta e encrespa os lábios nervosamente.

Com as minhas perguntas inverti a relação de poder que todos os Kaibiles devem manter com os subordinados. Porque, para Ángel Miguel, é isso que eu sou: um subordinado que deve ouvir com admiração as palavras do seu superior. Ao telefone, antes de marcar o encontro e se despedir, Ángel Miguel me passou uma lista de princípios que naquele momento achei que fosse pura propaganda, mas que agora, na silenciosa compostura que ele

continua a ostentar, entendo que violei. Um Kaibil deve “conquistar a confiança dos seus subordinados, orientar os seus esforços, esclarecer os objetivos, inspirar segurança, criar união entre as equipes, ser um exemplo de moderação em todos os momentos, manter viva a esperança, sacrificar-se pela vitória”. Com duas perguntas simples sobre o passado e o presente dos Kaibiles, impedi que ele doutrinasse também a mim.

A ferocidade se aprende. Agora tenho certeza disso. Ángel Miguel não enrola mais o seu cigarro imaginário e também as rugas no canto dos seus olhos foram substituídas pela tez lisa e ambarina. A educação para o mal aplinou os encrespamentos das minhas perguntas e reestabeleceu o sólido pertencimento a uma fraternidade de sangue e de morte.



## 6. Z

Ángel Miguel me deixou com uma vontade insatisfeita. Falou-me da ferocidade, retratou o aprendizado da violência com relatos horripilantes. Contudo, limitou-se a interpretar um papel, o do combatente na reserva que relembra a era dourada do seu adestramento. E isso não é suficiente. Quero afundar as mãos na ferocidade, remexer onde dói mais e depois ver o que ficou grudado nos meus dedos. Porque, se a ferocidade realmente pode ser ensinada, e aprendida, preciso vê-la em ação. Entender como funciona e até que ponto pode ser eficaz. Quero voltar aonde a ferocidade vingou e se desenvolveu, aonde encontrou uma combinação de variáveis que a transmutou em instrumento de poder. Quero voltar ao México. À casa de Osiel Cárdenas Guillén, o *boss* do cartel do Golfo.

Osiel é famoso por não cometer erros e não perdoar quem erra. Mas um deslize até mesmo ele acaba cometendo, e com as pessoas erradas. Estamos em novembro de 1999. Um agente da DEA, Joe DuBois, e outro do FBI, Daniel Fuentes, estão a bordo de um Ford Bronco com placa diplomática; no banco da frente, um informante do cartel do Golfo dorme com a cabeça amassada contra a janela. O informante leva os dois agentes para dar um passeio pelas casas e locais frequentados pelos chefões do cartel do Golfo em Matamoros. Estão inspecionando a região. Ele não acorda nem quando o Ford Bronco freia bruscamente e do lado de fora ouvem-se vozes conhecidas até demais: “Aquele homem é nosso, gringos!”

O carro dos agentes é cercado por outros veículos dos quais sai uma dúzia de integrantes do cartel com as AK-47 em riste. Depois, Osiel salta do seu Jeep Cherokee e, armado, aproxima-se da janela de um dos dois agentes e aponta o revólver para a cara dele. Os americanos então revelam a própria identidade e mostram os distintivos. Mas Osiel não dá a mínima para quem eles são. É a primeira vez que se expõe assim, sabe que é um risco, mas não tem outra escolha, o informante não deve falar. O tempo congela, os atores em cena se desafiam sem mostrar muito os músculos; um lance errado e aquilo que parece uma negociação pode se transformar em uma carnificina. Em seguida, o agente do FBI joga verde: “Se não nos deixar ir embora, o governo dos Estados Unidos vai ficar no seu encalço até a tumba”.

Osiel cede, grita para os gringos que aquele território é dele, que eles não podem controlá-lo e que não devem mais aparecer naquela região; depois, manda os seus homens recuarem. O agente do FBI e o da DEA suspiram aliviados.

É o começo do fim. As autoridades americanas estabelecem uma recompensa de 2 milhões de dólares pela cabeça de Osiel, que fica paranoico. Vê inimigos por toda parte, até seus colaboradores de maior confiança podem ser *madrinas*, informantes. Precisa aumentar a potência de fogo e decide comprar um exército. Não quer cometer imprudências e escolhe soldados corrompidos e desertores do esquadrão de elite do Exército mexicano, o Gafe, Grupo Aeromóvil de Fuerzas Especiales. Ironia do destino, o Gafe tinha exatamente o dever de encontrar delinquentes como ele. Os homens do Gafe são durões: foram moldados segundo o modelo das Forças Armadas americanas e adestrados por especialistas em táticas subversivas de Israel e da França. Entre esses Rambos mexicanos está Arturo Guzmán Decena. Tem algumas características em comum com Osiel: cínico, ambicioso, impiedoso. Arturo, com outros trinta desertores, se inscreve na folha de pagamento de Osiel. Tropas pagas para combater traficantes juram fidelidade àquele que pouco antes era o inimigo a ser abatido: o assassino de amigos paga mais do que o governo mexicano. Assim nasce o exército

privado de Osiel, que é batizado de Los Zetas, pois Z era o código usado pelos soldados do Gafe para se comunicar via rádio. O tenente Arturo Guzmán Decena torna-se Z1.

A violência é um ser autofágico, degrada voluntariamente a si mesma para se renovar. No território massacrado do México, os Zetas são como uma célula que se aniquila para renascer mais forte, mais potente, mais destrutiva. A escalada de atrocidades aumenta a pressão nacional e internacional para que aconteça logo a prisão de Osiel Cárdenas. E a prisão é realizada pelo Exército mexicano em 14 de março de 2003 após um tiroteio em Matamoros. Osiel é trancafiado na penitenciária de La Palma. Mas, atrás das grades de uma prisão de segurança máxima, sua liderança não sofre nenhum arranhão, a ponto de naquela mesma prisão nascer uma aliança entre o cartel do Golfo e o cartel de Tijuana. Da cela, Osiel pode dar ordens, mas não pode manter sob controle os seus homens e muito menos os Zetas, que começam a exibir caprichos de emancipação cada vez mais evidentes. Os Zetas são atraídos pelos lados mais impiedosos das organizações criminosas: assumiram o pior dos esquadrões paramilitares, o pior da máfia, o pior do narcotráfico.

Do ponto de vista militar é difícil competir com os Zetas: usam coletes à prova de balas, alguns utilizam capacetes de kevlar e seu arsenal inclui fuzis de assalto AR-15 e milhares de *cuernos de chivo* (chifres de cabra, que é como chamam os AK-47), pistolas-metralhadoras MP5, lançadores de granadas, granadas de fragmentação como as utilizadas na Guerra do Vietnã, mísseis terra-ar, máscaras antigás, aparelhos de visão noturna, dinamite e helicópteros. Em fevereiro de 2008, uma incursão do Exército na fazenda El Mezquito, às portas de Miguel Alemán, uma centena de quilômetros a oeste de Reynosa, revelou 89 fuzis de assalto, 85 355 cartuchos de munição e explosivo suficiente para demolir edifícios inteiros. O nível de profissionalismo dos integrantes do Los Zetas é altíssimo, e eles utilizam um moderno sistema para interceptações. As habilidades tecnológicas os

tornam inapreensíveis, pois eles usam sinais de rádio codificados e Skype em vez de telefones normais.

Dentro da organização vigora uma hierarquia muito rígida. Cada local tem um chefe e o seu próprio contador, o qual administra as finanças da célula que, além da droga, explora diversos nichos da economia criminosa: furtos, extorsões, sequestros. Segundo fontes mexicanas e americanas, dentro dos Zetas existe uma divisão precisa de papéis, cada um com seu título:

- as Janelas, *las Ventanas*, são garotos cuja tarefa é dar o alarme quando identificam policiais que metem o bedelho nas áreas do tráfico;
- os Falcões, *los Halcones*, se ocupam das áreas de distribuição;
- os Leopardos, *los Leopardos*, são prostitutas adestradas para extorquir informações preciosas dos clientes;
- os Espertos, *los Mañosos*, cuidam dos armamentos;
- o Comando, *la Dirección*, é a mente do grupo.

Trata-se de uma organização piramidal e eficiente, que não deixa nada a invejar aos modelos vencedores das máfias italianas.

Ángel Miguel talvez não conhecesse a história de Osiel, mas certamente não podia ignorar que as relações entre os Zetas e os Kaibiles haviam sido muito próximas. Os guatemaltecos adestraram os soldados do Gafe, que em seguida se tornaram Zetas. Depois, uma vez independentes, os Zetas começaram a recrutar Kaibiles, ou seja, os mestres de antigamente. As competências dos guatemaltecos são preciosíssimas, mas existe uma coisa que os Zetas aprendem sozinhos: flertar com as câmeras de televisão. É só digitar no YouTube “Los Zetas Execution Video” e aparecerá uma lista de vídeos postados diretamente pelos integrantes do grupo. A ferocidade funciona quando se propaga como um contágio, de boca em boca, de pessoa a pessoa. Decapitações, sufocamentos, esfolamentos são o seu departamento de marketing. Os vídeos das bestialidades são a sua assessoria de imprensa. Os Zetas amam especialmente as serras elétricas: as cabeças cortadas que eles agitam no ar são o seu cartão de visita. Querem que as vítimas gritem e

sabem fazê-las gritar muito bem. Os seus gritos devem chegar a toda parte, devem ser os embaixadores dos Zetas no México e no mundo. Possuem também uma característica que os distingue dos outros cartéis: não têm um território, um posicionamento físico, raízes geográficas. Trata-se de um exército pós-moderno que precisa produzir sobretudo uma imagem que crie postos avançados. O terror deve conquistar o vilarejo. Os mujahedin entenderam antes deles que as decapitações podiam ser a marca de fábrica das atrocidades, e os Zetas não demoraram muito a incorporar a mesma técnica.

A internet é a caixa de ressonância preferida, mas os Zetas não desdenham os velhos métodos, como as faixas que penduram nas aldeias e cidades mexicanas. “O grupo operacional Los Zetas quer você, soldado ou ex-soldado. Oferecemos um bom salário, comida e proteção para a sua família. Não seja mais vítima de abusos e não passe mais fome.” As chamadas narcofaixas prometem benefícios e dinheiro aos soldados que decidem se alistar nas filas dos Zetas, veiculam mensagens dirigidas à população, são usadas para intimidar inimigos e governo. “Mesmo com o apoio dos Estados Unidos, eles não conseguirão nos deter, porque aqui quem manda é Los Zetas. O governo de Calderón deve chegar a um acordo conosco, porque se não o fizer seremos obrigados a derrubá-lo e a tomar o poder à força.”

As faixas funcionam e também são exploradas por cartéis inimigos dos Zetas, como a Família Michoacana, que em fevereiro de 2010, justamente por meio de uma faixa, anuncia a criação de uma frente de resistência para combater os Zetas e convida os cidadãos a participarem: “Gentil convite a toda a sociedade mexicana para se unir em uma frente comum para pôr fim aos Zetas. Nós já estamos agindo contra os Zetas. Vamos nos unir contra as feras do mal”.

Resortito e El Bigotito sabem que, nos ônibus que percorrem a linha Cárdenas-Comalcalco-Villahermosa, as crianças não esperam outra coisa

que não eles. Resortito e El Bigotito são dois palhaços. Piadas, brincadeiras com água, imitações, truques. As crianças morrem de rir e voltam para casa sempre um pouco mais tarde porque aqueles dois são realmente talentosos. Resortito e El Bigotito angariam toda vez alguns trocados, nada demais, mas é melhor do que mendigar. E as risadas cristalinas fazem com que se sintam satisfeitos, saciados.

Um mal-entendido, uma brincadeira cruel que sai de controle ou um atentado preciso e estudado. O motivo é imperscrutável, mas o fato é que começa a circular um boato. Talvez falso. “As perucas de palhaço escondem informantes do Exército.” Resortito e El Bigotito continuam a se levantar cedo e ir para a rodoviária. Desde que eles surgiram, as crianças vão à escola com mais boa vontade. Então, em 2 de janeiro de 2011, os corpos sem vida dos dois palhaços são encontrados à beira de uma estradinha no campo. Foram torturados e depois exterminados com tiros de fuzil. Próximo aos cadáveres, em uma folha de papel, uma breve mensagem de reivindicação: “Isto aconteceu comigo porque eu era um espião e achava que a Sedena me protegeria”. A Sedena é o Ministério da Defesa do México. Embaixo da frase, uma marca identifica os responsáveis. FEZ, Forças Especiais Zetas.

Não tem limites a brutalidade dos Zetas: cadáveres balançam pendurados nas pontes das cidades diante dos olhos das crianças, em plena luz do dia; corpos decapitados e desmembrados são encontrados perto das caçambas de lixo ou abandonados pelas ruas, muitas vezes deixados com as calças arriadas para uma última humilhação; narcofossas são descobertas nos campos com dezenas de cadáveres amontoados. As cidades tornaram-se cenários de guerra, e em todo o México o código de conduta das pessoas é apenas um: a violência.

Sim, a violência. É para ela que sempre voltamos. Uma palavra que tem cheiro de instinto, de primitivo, e que os Zetas — assim como os Kaibiles — souberam direcionar para o caminho da educação. Rosalío Reta foi um aluno deles. Nascido no Texas com o sonho de se tornar o Super-Homem,

Rosalío vai parar com treze anos em um campo de adestramento militar dos Zetas em um rancho no estado de Tamaulipas. No início, é uma brincadeira.

“A sua superarma será o laser.”

“Mas o Super-Homem não usa laser...”

“Não importa. Com o laser você aponta, aperta o gatilho e todos somem na sua frente.”

É assim que ele recebe seu primeiro revólver, e depois de seis meses de treinamento Rosalío está pronto para a prova de fidelidade: em uma casa segura do cartel, um homem amarrado a uma cadeira está à sua espera. Rosalío nada sabe sobre aquele homem, ele foi condenado por um motivo desconhecido. Rosalío não faz perguntas, entregam-lhe um revólver calibre 38, idêntico ao que ele usou durante seis meses para atirar em silhuetas de papelão. Ele só precisa apertar o gatilho. A descarga de adrenalina é uma corrente elétrica. Como Super-Homem, Rosalío se sente invencível. Pode voar, pode deter os projéteis, pode ver através das paredes. Pode matar.

“Eu achava que era o Super-Homem”, ele confessa quando é preso, diante dos juízes do tribunal de Laredo, no Texas. “Gostei de ter feito aquilo, de ter matado aquela pessoa. Depois, tentaram tirar o revólver de mim, mas era como querer tirar um doce de uma criança.”

Dois anos se passam e com dois coetâneos — Gabriel e Jessie — Rosalío chega à Ilha Encantada dos Zetas: uma bela casa em Laredo alugada para eles pelo cartel, todo tipo de comprimidos, um console de videogames ligado a uma TV de plasma. No início, o objetivo é abater homenzinhos de cristal líquido. Dias e dias com um controle remoto na mão simulando estar ao volante de um carro que zune por cidades americanas fictícias. Naquela realidade, você pode fazer o que quiser. Pode matar qualquer um sem consequências e sem remorsos. No máximo, vai ficar com os olhos avermelhados. Para Rosalío e os dois amigos, a realidade do jogo se sobrepõe à vida real, tudo se torna possível e o medo desaparece. Os Niños Zetas estão prontos. Os acordos são claros: quinhentos dólares por semana pelas espreitas e por outros servicinhos, mas o dinheiro de verdade é ganho

com os trabalhos especiais. Há homens que devem ser eliminados, mas não basta matá-los, é necessário degolá-los. A essa altura, a remuneração aumenta, são bônus de 50 mil dólares por vez. Quatro anos e 28 homicídios mais tarde, ao ser preso, Rosalío não demonstra aos agentes que o interrogam nem medo nem arrependimento. Só uma sombra passa sobre o rosto do garoto com então dezessete anos: quando ele fala de uma missão em San Nicolás de los Garza. Errou o alvo e provocou uma carnificina, causando a morte de quatro pessoas e ferindo 25, nenhuma delas ligada ao crime organizado.

“Errei”, diz Rosalío, “e agora eles vão me fazer pagar.”

“Eles” são os seus ex-instrutores, os Zetas.

Em 2002, Arturo Guzmán Decena, “El Z1”, é assassinado em um restaurante de Matamoros. Sobre o seu túmulo é posta uma coroa de flores com os dizeres: “Você sempre estará em nossos corações. Da sua família, Los Zetas”. Após a sua morte, é substituído por Heriberto Lazcano Lazcano, conhecido como “El Lazca”: nascido no dia de Natal de 1974, ele também vem dos esquadrões especiais do Exército e é procurado pelas autoridades federais do México e dos Estados Unidos por homicídio múltiplo e tráfico de drogas. No México, para quem dá informações que podem levar à sua prisão, está prevista uma recompensa de 30 milhões de pesos (aproximadamente 2,5 milhões de dólares americanos). O Departamento de Estado americano chega a quase 5 milhões de dólares.

El Lazca é famoso por sua técnica favorita de homicídio: tranca a vítima em uma cela e a fica observando morrer de inanição. A morte é paciente, exatamente como El Lazca, que, seguindo os passos de Guzmán Decena, reforça e amplia o grupo. São instituídos campos de treinamento para recrutas na faixa entre quinze e dezoito anos de idade, para ex-agentes da polícia local, estadual e federal, e são recrutados ex-Kaibiles.

Sob a liderança de El Lazca, Los Zetas passam, com o tempo, de mero braço armado a papéis de maior decisão dentro do cartel do Golfo. Agora se



sentem fortes: querem ser independentes. Em fevereiro de 2010, depois de conflitos armados e assassinatos, o processo se conclui. Los Zetas, um cartel independente a essa altura, se posicionam contra os seus “chefes” precedentes, o cartel do Golfo, e se aliam aos irmãos Beltrán Leyva e aos cartéis de Tijuana e Juárez. Independência, poder e terror. Parecem ser esses os ingredientes fundamentais dos Zetas, aos quais, porém, seria um erro atribuir falta de engenhosidade e criatividade. É justamente o FBI que considera esse cartel um dos mais tecnologicamente avançados, capaz de lavar aproximadamente 1 milhão de dólares ao mês durante dois anos através de contas no Bank of America.

El Lazca é um *boss* jovem, mas já é considerado um mito, uma lenda. Procurado e temido, teve êxito em uma empreitada sobre-humana, quase divina: morreu e ressuscitou. Em outubro de 2012, uma denúncia anônima é recebida pela Marinha militar mexicana. El Lazca está assistindo naquele momento a uma partida de beisebol em um estádio em Progreso, no estado de Coahuila. Um presente inesperado. No cerco das forças de segurança, El Lazca perde a vida. É um triunfo. Depois de El Chapo, El Lazca é o traficante mais procurado. Um lance incrível.

Dias mais tarde, um comando Los Zetas rouba o corpo do chefe do necrotério. Os exames da Polícia Científica no cadáver ainda não haviam sido finalizados. As impressões digitais fizeram com que as autoridades alardeassem o sucesso da ação, mas uma outra série de análises ainda tinha de ser feita, inclusive a definitiva: o teste de DNA. Mas o corpo desaparecera e talvez os Zetas ainda tivessem um *boss*. Ou, de qualquer forma, uma outra lenda incrível a contar para alimentar sua fama. Miguel Ángel Treviño Morales, vulgo “El Z40”, se torna o líder dos Zetas. O seu currículo é perfeito. El Z40 ganhou experiência no grupo desde a sua criação e é conhecido pela técnica do “assado”: elimina o adversário da vez enfiando-o em um barril de gasolina ao qual, em seguida, atea fogo. Mas o comando de Miguel Ángel Treviño Morales dura pouco porque, em 15 de julho de 2013,

é preso em Nuevo Laredo pela marinha mexicana. Está aberta a caça ao novo *boss*.

O centro do poder econômico da organização reside na cidade limítrofe de Nuevo Laredo, no estado de Tamaulipas. Mas eles já se espalharam por todo o país, na costa do Pacífico, nos estados de Oaxaca, Guerrero e Michoacán, na Cidade do México, ao longo da costa do Golfo, nos estados de Chiapas, Yucatán, Quintana Roo e Tabasco. Em Nuevo Laredo, eles têm o controle total do território, com sentinelas e postos de controle em aeroportos, rodoviárias e nas estradas principais.

As leis da sua ditadura criminosas são as extorsões, os decretos são os sequestros e as torturas, e a Constituição é composta de decapitações e desmembramentos. Muitas vezes, políticos e policiais se tornam os alvos dos matadores do cartel a fim de atemorizar o governo e dissuadir os cidadãos de assumir cargos públicos.

São duas da tarde de 8 de junho de 2005 e um ex-tipógrafo de 56 anos, Alejandro Domínguez Coello, entra em serviço como chefe da Polícia Municipal de Nuevo Laredo. “Não estou ligado a ninguém”, declara. “O meu único compromisso é com os cidadãos.” Seis horas mais tarde, enquanto está subindo na sua picape, um comando dos Zetas descarrega no veículo trinta projéteis de grande calibre. O cadáver não é identificado logo porque o rosto de Domínguez Coello estava completamente desfigurado por tiros de arma de fogo.

Em 29 de julho de 2009, às cinco da manhã, dois carros param na frente da casa de Jesús Antonio Romero Vásquez, vice-comandante da Polícia Intermunicipal de Veracruz-Boca del Río: uma dezena de homens dos Zetas, armados com fuzis de assalto com lançadores de granadas de 40 mm, invade sua casa. Levam menos de cinco minutos para matar Romero Vásquez, sua mulher (também oficial de polícia) e o filho de sete anos do casal. Depois, ateam fogo à casa, matando as outras três filhas. A maior tinha quinze anos.

Rodolfo Torre Cantú, candidato do Partido Revolucionário Institucional a governador do estado de Tamaulipas, foi assassinado em 28 de junho de

2010, a seis dias das eleições. Os assassinos, armados com fuzis AK-47, atacaram o automóvel no qual ele viajava rumo ao aeroporto de Ciudad Victoria, a capital do estado de Tamaulipas; ele estava indo a Matamoros para encerrar a campanha eleitoral. Também morreram quatro pessoas que viajavam com Torre Cantú e outras quatro ficaram feridas. Segundo algumas testemunhas, o carro dos assassinos — um 4 × 4 — tinha o inconfundível Z pintado nos vidros. Mas, depois que esse depoimento apareceu nos jornais, um homem que se qualificou como “assessor de imprensa dos Zetas” entrou em contato com vários jornalistas para desmentir a notícia, ou seja, para dizer que os Zetas não eram responsáveis pelo homicídio de Torre Cantú. As investigações ainda estão em curso, mas os Zetas permanecem entre os maiores indiciados.

Quando realizam operações, os Zetas usam roupas escuras, pintam o rosto de preto, dirigem SUVs roubados e muitas vezes trajam uniformes da Polícia Federal ou da Agência Federal de Investigação, a AFI. Camuflados como militares, no início de 2007 matam, em Acapulco, cinco oficiais de polícia e dois assistentes administrativos. Em 16 de abril de 2007, em Reynosa, quatro agentes da AFI são parados por seis homens com roupas de policiais ministeriais de Tamaulipas, talvez Zetas disfarçados, talvez policiais corruptos pagos pelo cartel, que viajam a bordo de cinco SUVs armados com R-15, fuzis de uso exclusivo das Forças Armadas. A acusação promovida contra quatro agentes federais é a de ligação com o “bando rival”. De fato, alguns dias antes, os agentes invadiram a discoteca El Cincuenta y Siete de Reynosa pouco antes do espetáculo da cantora Gloria Trevi e levaram algemados sete matadores a serviço dos Zetas. Dois dias depois, os agentes da AFI são parados por falsos agentes ministeriais, obrigados a entrar em um SUV e depois surrados. Levam-nos para China, uma cidadezinha de Nuevo León conhecida como uma das fortalezas da organização, a fim de matá-los, mas não percebem que um deles, Luis Solís, traz no bolso um celular: em um momento de distração dos sequestradores, Solís pega o celular e digita o

número do comandante Puma na base da AFI: “Fomos sequestrados pelos Zetas, estão nos levando para China e vão nos matar”.

A mensagem chega ao destino e é ouvida. Nesse meio-tempo, os quatro são transferidos para uma *casa de seguridad*, um daqueles lugares usados pelos Zetas para torturar as vítimas antes de matá-las. Lá, levam socos e chutes até mesmo de um Zeta ilustre, “El Hummer”, o chefe dos Zetas da zona de Reynosa. Os sequestradores estão convencidos de que os policiais são forças armadas a serviço de um cartel rival e querem fazê-los confessar. Sem atingir seu objetivo, drogam as vítimas e depois as levam para outra *casa de seguridad*. É chegado o momento de usar a corrente elétrica. Quando sabem que as forças federais os estão procurando por toda parte, decidem se desfazer deles, e milagrosamente os libertam. “Escapamos graças à mão de Deus”, parece que foi o comentário depois da libertação.

Quando matam os inimigos, os Zetas são sádicos, as vinganças são exemplares: os corpos são queimados, fechados em barris cheios de óleo diesel, desmembrados. Em janeiro de 2008, em San Luis Potosí, durante uma blitz que levou à prisão de Héctor Izar Castro — conhecido como “El Teto” e tido como líder da célula local dos Zetas —, são encontradas armas de todo tipo, 65 pacotes de cocaína, algumas imagens de Jesús Malverde, considerado o padroeiro dos narcotraficantes, e três remos com a letra Z em relevo, usados para bater nas vítimas e deixar impressa em sua pele a marca dos agressores. E não apenas isso: para aterrorizar ainda mais os rivais, muitas vezes a genitália das vítimas é cortada e enfiada em sua boca, os cadáveres decapitados são pendurados em pontes. Nos primeiros dias de janeiro de 2010, Hugo Hernández, 36 anos, é raptado no estado de Sonora, levado a Los Mochis, no adjacente Sinaloa, assassinado e cortado em sete pedaços pelos homens de um cartel rival. O rosto da vítima é esfolado, grudado em uma bola de futebol e deixado em uma sacola plástica perto da prefeitura com um bilhete: “Feliz Ano Novo, porque este para você será o último”. Outras partes do corpo são encontradas em dois recipientes de plástico; no primeiro, o busto, no segundo, os braços, as pernas e o crânio

sem rosto. O desmembramento dos cadáveres torna-se a sintaxe dos Zetas. Dão sumiço nos corpos ocultando-os em túmulos já ocupados, ou então se livram dos cadáveres enterrando-os nos cemitérios clandestinos construídos nas suas fortalezas ou abandonando-os em valas comuns. Muitas vezes, enterram as vítimas ainda vivas. Ou então as dissolvem em ácido.

Os Zetas são assassinos sanguinários, porém têm uma característica em comum com qualquer garoto que vive a milhares de quilômetros de distância: uma paixão chamada televisão, perigosa educadora. Filmes violentos e reality shows são as referências culturais, e estes últimos encontraram uma aplicação horripilante durante o segundo massacre de San Fernando, um vilarejo a 140 quilômetros da fronteira entre México e Estados Unidos, onde os Zetas param numerosos ônibus que trafegam pela rodovia 101, obrigam os passageiros a descer e a lutar entre si como gladiadores, armados com pedaços de pau e facas. Quem sobrevive garante um lugar entre os Zetas. Quem sucumbe é enterrado em valas comuns. Como as que foram descobertas em San Fernando na primavera de 2011, com 193 corpos que apresentavam fortes golpes na cabeça.

Essa sádica carnificina aconteceu poucos meses depois do chamado Primeiro Massacre de San Fernando. Outras mortes inocentes, outras narcofossas. O dia é 24 de agosto de 2010. Setenta e dois imigrantes clandestinos provenientes da América do Sul e Central tentam atravessar a fronteira dos Estados Unidos no estado de Tamaulipas. A história chega até nós graças a um 73º clandestino de origem equatoriana. Ele conta que, na altura de San Fernando, ele e seus companheiros são alcançados por um grupo de mexicanos que se apresentam como Los Zetas. O comando reúne os clandestinos em uma fazenda e começa a massacrá-los. Um a um. Eles não haviam pagado o “pedágio” para atravessar a fronteira naquela região ou, muito mais provavelmente, não tinham se submetido aos pedidos dos Zetas: que trabalhassem para eles. Mas os Zetas não aceitam negativas. Começam a atirar na cabeça dos clandestinos, sem piedade. O equatoriano é ferido no pescoço e se finge de morto, mas depois consegue fugir e alcançar

milagrosamente um posto de verificação do Exército mexicano. Os soldados, seguindo as indicações do clandestino, chegam à fazenda, onde travam um combate com os Zetas e no final descobrem os 72 cadáveres — 58 homens e catorze mulheres. Amontoados uns sobre os outros.

Os Zetas são mestres, mas estão aprendendo à própria custa que podem ser superados pelos discípulos. Se à brutalidade acrescentamos a humilhação, a ferocidade dá mais um passo evolutivo, pois o mal é impresso no corpo, e do corpo se propaga como um incêndio, tornando-se imortal. É o caso de alguns cartéis rivais dos Zetas, que, depois de decapitarem o corpo do inimigo, substituem sua cabeça pela de um porco e em seguida postam o vídeo na internet.

A ferocidade se aprende. A ferocidade funciona. A ferocidade tem regras. A ferocidade marcha como um exército de ocupação. Los Zetas e Ángel Miguel são as duas faces da mesma moeda. Agora também sei isso.

## Cocaína # 4

Como uma coisa sagrada com nome impronunciável,  
como a amante secreta que não sai da sua cabeça,  
como uma superfície vazia sobre a qual toda palavra pode ser escrita,  
assim é aquela que você procura/ evoca/ lembra de mil maneiras.  
Cada um de seus nomes é um desejo, uma pulsão,  
uma metáfora, uma alusão irônica.  
Ela é uma brincadeira e um desespero, é quem você quer  
em qualquer momento, em qualquer lugar, a qualquer hora.  
Por isso, nos Estados Unidos, você pode chamá-la 24/7  
como a *drugstore* embaixo da sua casa,  
você a chama de *Aspirin* porque é como aquela efervescente  
que faz bem ou, na Itália, *Vitamina C*  
porque é o seu modo de tratar do resfriado.  
O “C” é a sua letra  
você também a indica apenas pela inicial  
ou a denomina *Charlie*  
seguindo o alfabeto dos pilotos e radioamadores.  
Ou então pede a terceira letra, *Number 3*,  
no *take-away* dos desejos.  
Digita *C-game*, *C-dust*, chama-a de *Caine*,  
segunda sílaba igual à do nome de Caim.

Pega um “C” qualquer no feminino:  
*Corinne, Connie, Cora, Cory* ou mais do que todas *Carrie*,  
a garota que pega e leva você embora.  
Ela é um *Cadillac*, um *Viaje* (viagem),  
a carreira que em turco se torna *Otoban*, autoestrada,  
*A Veloz, Ligeira; Ускоритель, uskoritel*, o acelerador,  
*Энергия*, pura energia e *Dinamite*.  
Ela é a *Vacana*, a *Bomba*, a *Vamba*.  
É *Bagulho, Balaco, Bafo* e *Beleza*.  
Ama o “B” explosivo e sensual.  
*Blast, Bump, Boost, Bomb, Bouncing Powder*,  
pó que faz você quicar até o céu,  
no mundo hispânico *Bailar* até amanhecer.  
E quando você está paranoico demais para falar,  
use o 256 que no teclado do celular  
é igual a BLO porque em inglês *Blow* significa “cheirar”.  
Ela faz você se sentir grandioso,  
é *Big Bloke, Big C, Big Flake, Big Rush*.  
Faz você se sentir como um deus  
e *Dios* é como você a chama na América Latina,  
mas também *Diablo* ou *Diablito*.  
A caspa do diabo, *Devil’s Dandruff*, é coca em pó,  
*Devil’s Drug* é o crack e você o fuma  
com o *Devil’s Dick*, o pau do diabo.  
A coca normal pode se tornar *Monster*,  
*Mijo de Gato, Uma volta na casa dos horrores*,  
mas o que você gosta de evocar,  
o que você procura, é exatamente o contrário:  
*Paradise, Alas de Ángel, Pó de estrelas*,  
*Pó Feliz, Pó de Ouro, Star Spangled Powder*,  
*Heaven Dust* ou *Haven Dust*, um oásis de paz a ser aspirado.



*Happy Powder, Happy Dust, Happy Trail,*  
o caminho para você ficar feliz.  
Ela é *Dream e Beam*, raio de luz.  
É *Aire* porque deixa você leve como o ar,  
é *Sopro, Soplo* em espanhol  
ou simplesmente *Sobre* porque faz com que você fique sempre para cima.  
Você a chama de *Angie* como a sua angélica amiga  
ou *Aunt Nora* como a tia das tortas feitas em casa.  
No Brasil é *Gulosa*,  
em outros lugares faz lembrar muitos doces que as crianças adoram:  
*Icing*, o rico glacê do seu bolo de aniversário,  
*Jelly e Jam*, vidros secretos de geleia,  
*Candy e Candy C*, as balas, *Bubble Gum, Double Bubble*,  
a bola dupla que você só consegue fazer com os melhores chicletes.  
*Granita, Mandorlata, Cubaita, Dolcetto,*  
*California Cornflakes, Bernie's Cornflakes* ou *Cereal*.  
Os flocos de cereais derivam dos *Flakes*,  
flocos de neve, porque a cocaína é sempre neve.

<i>Snow</i>		<i>Snö</i>	
<i>Schnee</i>	<i>Снег</i>		<i>Sne</i>
<i>Neige</i>			
<i>Neive</i>			

A cocaína é neve em qualquer lugar em que cai neve,  
mas você também pode chamá-la de *Florida Snow*  
porque é milagrosa como uma tempestade de neve em Miami.  
É Свежий — *svezhij*, fresco  
e pode se transformar em *Ice*, o gelo que sobe pelas suas veias.  
É *Snow White e Branca de Neve*, a mais bela de todas...  
Você não a inveja porque a alinha

sobre o espelho, espelho meu.

Ou então, nada mais é do que *Bianca*,

*Blanca*,

*Blanche*,

*Branca e Branquinha* no Brasil

*Beyaz Ten*, pele branca na Turquia

Na Rússia белая лошадь — *Belaia loshadj*, Cavalo branco

*White Girl*, *White Tornado*, *White Lady*,

*White Dragon*, *White Ghost*, *White Boy*, *White Powder*

*Polvere bianca*, *Polvo blanca*, *Poudre*, *Pudra*, em turco

ou tudo o que se parece com ela, como o açúcar,

*Sugar*, *Azúcar*, *Toz şeker*, o açúcar fino que recobre o *lokum*.

Mas também se parece com farinha,

*Мука*, *Mukà*, na Rússia, ou 白粉 — *Bai fen* na China.

É tudo o que a lembra como som,

como *Cocco*, *Coconut*, *Coco* em francês — кокос — *kokos*

ou Кекс — *Keks*, o *plumcake* russo, mas sobretudo Кокс — *Koks*

que é sempre *Koks* em alemão e em sueco,

nome antigo que ficou sem disfarce

porque para aquecer você ela ainda existe,

mas não existem mais as velhas estufas a carvão

e quando você diz *Coke* (que é como você a chama também em francês)

não pensa mais em um combustível para pobres.

Assim ela se tornou *Coke*,

mas foi a Coca-Cola que fez alusão à *Coca*

e portanto ela assumiu todas as maneiras típicas

como a famosa bebida é chamada: *Cola* em dinamarquês,

*Kola* em sueco e em turco,

кока na Sérvia e na Rússia.

Às vezes, não sei por que, se transforma em animal.

Você pode chamá-la de *Coelho*, talvez por ser mágica

como o que sai da cartola, ou *Krava*, vaca, em croata;  
em espanhol é *Perico* ou *Perica*, o papagaio,  
talvez por tornar você mais loquaz,  
às vezes o *Gato* que ronrona.  
Você a chama de *Farlopa*, que é a gíria mais comum,  
ou *Calcetin*, meia, ou é a *Cama*  
que faz com que você sonhe, a *Terra* que está embaixo dos seus pés.  
Se você comprar a mais barata  
torna-se o seu velho amigo *Paco*, por aqui *Fefê*,  
assim como em russo você pode chamá-la de *коля*, *Kolia*,  
nos Estados Unidos se torna *Bernie*, mas também *Cecil*,  
um nome mais soberbo, você pode evocá-la com *Henry VIII*,  
o grande rei inglês, pode mimá-la  
chamando-a de *Baby* ou *Bebé* em espanhol,  
mas ela mais do que qualquer outra droga  
é *Love Affair* com uma linda senhora,  
*Fast White Lady*, *Lady*, *Lady C*,  
*Lady Caine*, *Lady Snow*, *Peruvian Lady*  
ela é a *Dama blanca* ou então *Mujer*,  
a mulher por antonomásia,  
ela é *Girl* e *Girlfriend*, a sua garota,  
ou então *Novia*, a sua namorada.  
Igual a ela não existe outra  
portanto você pode chamá-la até de *Mama Coca*,  
ou então diz apenas *She* ou *Her*,  
ela nada mais é do que ela mesma e ponto final.  
Ela consome os seus nomes como consome os seus amantes  
por isso esta lista não passa de uma prova,  
mas você pode chamá-la como quiser,  
ela sempre atenderá ao seu chamado.

## 7. O *pusher*

“O gosto na língua é amargo e vai ser como se você tivesse levado uma injeção de anestésico local.”

É a modalidade mais difundida de consumo na cultura andina. Você tira a nervura principal das folhas, depois põe certa quantidade na boca e mastiga até formar uma espécie de bolinha. Quando estiver bem molhada de saliva, adicione um punhado de cinzas, levemente alcalinas e obtidas pela combustão das plantas, que têm diversos nomes, sendo *tocra* e *llipta* os mais conhecidos.

“Se você usa *bazuca* está ferrado, porque é o descarte da extração da cocaína, que é fabricada com substâncias químicas prejudiciais ao homem.”

É a droga dos presidiários porque custa muito pouco. O *basuco* costuma ser enviado para a prisão nas asas de um pombo-correio. Alguém de fora põe um saquinho embaixo das asas, prende com um grampo e adentra o pombo para voar até a janela da prisão onde algum detento ficará muito feliz em recebê-lo, para si mesmo ou para passar adiante. Às vezes enchem tanto as asas que, por causa do peso, os pombos acabam batendo nos muros da penitenciária. As substâncias com as quais o *basuco* é fabricado são da pior qualidade: pó de tijolo, acetona, inseticida, chumbo, anfetaminas, gasolina vermelha. É um produto intermediário. Depois do corte, extrai-se a pasta das folhas. É o produto da segunda fase da produção, o produto bruto, mas tem quem não se importe muito com isso.

“Se você quer neve, então acrescente ácido clorídrico à pasta e a trate com acetona ou etanol.”

É o cloridrato de cocaína. Nessa forma, tem o aspecto de escamas esbranquiçadas de gosto amargoso, que são trituradas até virar pó branco. É cheirado, ou no máximo injetado, geralmente vinte, trinta, cinquenta miligramas, até chegar a doses de cem miligramas para quem está acostumado.

“Se você quer crack, então acrescenta à neve uma solução aquosa de amoníaco, hidróxido de sódio ou bicarbonato de sódio, ou seja, substâncias básicas, e depois filtra tudo.”

O crack é fumado em cachimbos especiais, geralmente de vidro, é esquentado e depois os vapores são inalados. Ou então, mais comumente, é fumado junto com outras substâncias como maconha, tabaco, fenilciclidina, mas antes é bem esmigalhado. Faz efeito logo, em pouquíssimos segundos, e provoca uma forte dependência. Dizem que o crack é o sonho do traficante e o pesadelo do dependente de drogas.

“Se o composto anterior é dissolvido com éter ou solventes voláteis, então você tem o *freebase*, mas antes de usá-lo deve esperar que o solvente evapore.”

Como no caso do crack, para inalá-lo são necessários cachimbos especiais (o cachimbo de água ou narguilé). O efeito do *freebase*, também chamado de rock, é imediato, assim que atinge o cérebro causa euforia, mas logo em seguida você se torna irascível. Até mesmo porque os efeitos acabam em poucos minutos, dando vontade de uma nova dose.

“*Erythroxylaceae*. Esse é o nome da matéria-prima. Se você conseguir dizer sem gaguejar, ganha cinquenta euros.”

O impronunciável nome latino dessa família de plantas é o denominador comum de todas as formas de consumo. Ela tem mais de 250 espécies, e duas me interessam especialmente: a *Erythroxylum coca* e a *Erythroxylum novogranatense*. As folhas dessas plantas contêm de 0,3% a 1,4% de alcaloides: o principal é aquele que, agindo no cérebro, produz os efeitos do

pó. É necessário esperar um ano e meio antes de fazer a primeira colheita de folhas. Duas são as espécies de *Erythroxylaceae* das quais se obtém a cocaína: a primeira provém dos Andes peruanos, mas agora também prospera nas zonas tropicais das regiões orientais do Peru, Equador e Bolívia. A sua variedade principal, e mais difusa, é a coca boliviana, chamada de *huánuco*, que também é a de melhor qualidade: tem folhas grandes e consistentes, verde-escuras com pontas amareladas. A segunda espécie de *Erythroxylaceae*, por sua vez, vem das áreas montanhosas da Colômbia, do Caribe e do norte do Peru, regiões mais áridas e secas: dela existem duas variedades principais, a coca colombiana e a peruana, chamada de *truxillo*; em relação ao *huánuco*, tem folhas mais finas e delgadas, verde-claras com as pontas quase cinza. Não há diferenças particulares entre as espécies. Mas não são necessários grandes testes de laboratório para reconhecê-las. É só pôr um punhado na boca e mastigar: se você sente um leve efeito anestésico, então são as folhas certas, as que contêm o alcaloide. São a *huánuco* e a *truxillo*, as protagonistas do comércio planetário.

Tantos nomes para dizer apenas um.

Tantos nomes para dizer apenas um: cocaína. Cocaína que viaja do produtor ao consumidor. Das folhas ao pó branco que é traficado com um rápido roçar de mãos. Da química à vida nas ruas. Do camponês andino a um traficante que, depois de ter me explicado os seus produtos, me fala de economia. Quando o encontro, sinto-me como se tivesse sido atualizado sobre um capítulo fundamental da existência.

“O alvo. Você circula por Milão, Roma, Nova York, Sydney e precisa fazer um *slalom* entre homens embalados em um terno selecionado por um fashion manager, como é chamado quem entende desse assunto, quem escolhe um tecido de boa qualidade, decide quantas listras quer, a distância e, em seguida, manda bordar as iniciais nas camisas. Moda-business. Uma mão no bolso, a outra segurando o iPhone, os olhos direcionados para dois metros à frente dos pés, só para não tropeçar ou para evitar um cocô de cachorro. Se você não desvia, eles esbarram em você, mas não podem pedir

desculpa nem esboçar um gesto de cortesia porque perderia o *flow*, e tudo vai pelos ares. Com o tempo você aprende a passar no meio deles, como naqueles velhos videogames em que tínhamos de evitar os asteroides que vinham na nossa direção e, com um leve toque no joystick, manobrávamos a navezinha — da mesma maneira, você gira o busto, os ombros seguem o movimento e ficam de lado, assim, você passa encostando nos paletós de cashmere e seu olhar cai sobre as mangas, falta um botão, e eles veem que você notou e pensam que você acha que eles esqueceram e que, por isso, não são verdadeiros cavalheiros, mas eu sei que a casa aberta é uma das características dos ternos feitos sob medida, é o símbolo de pertencimento a uma elite. Apresso o passo, eles seguem em frente e conversam, deixam fugir as palavras, e aquela que chega até os meus ouvidos com insistência é *alvo*. O alvo deve ser identificado, selecionado, atingido, bombardeado, revelado.”

É assim que ele fala comigo. Trabalhou muito vendendo. Não nas ruas. O *pusher* quase nunca é como o imaginamos. Repito sempre quando escrevo, quando falo com alguém dessas coisas: não é como imaginamos. Os *pushers* são os sismógrafos do gosto. Sabem como e onde vender. Quanto mais talentoso for, mais será capaz de subir e descer os degraus sociais. Não existe um *pusher* para todos. Tem quem venda na rua, com um salário mensal e uma região estabelecida, traficando para desconhecidos. Tem o *pusher* que entrega em domicílio, basta uma mensagem pelo celular. Existem os *pushers* garotos. Nigerianos, eslavos, magrebinos, latinos. Assim como uma senhora da aristocracia nunca entraria em um isolado supermercado de baixo custo na periferia, existem *pushers* para todo tipo de cliente, *pushers* para cavalheiros e para desesperados, para estudantes ricos e para trabalhadores precários, para os tímidos e para os extrovertidos, para os distraídos e para os medrosos.

Existem os *pushers* que recebem a mercadoria das “bases”, que em geral são formadas por quatro ou cinco pessoas. São células independentes com fortes relações com as organizações criminosas porque recebem delas a droga a ser vendida. As bases são intermediários entre os *pushers* de rua e as

organizações; de fato, são elas que fornecem a droga já malhada para ser vendida no varejo e são elas que constituem uma espécie de seguro para as organizações: se a base entra em falência ou se os seus integrantes são presos, o nível superior não é atingido porque quem está embaixo não possui informações específicas de quem está em cima. O *pusher* burguês, no entanto, tem uma relação direta com um afiliado, mas não de tipo salarial. Uma espécie de consignação. Quanto mais vende, mais ganha. E é raro que retorne com alguma devolução. A força de um *pusher* burguês reside no fato de, com o tempo, criar uma mão de obra pessoal. Dá nomes falsos aos clientes, mas, se já é conhecido, procura uma clientela selecionada. Quando pode, prefere assumir traficantes de “circuito”. O circuito é composto de pessoas que trabalham com outra coisa: o *pusher* as abastece e elas utilizam os próprios contatos para criar uma clientela afeiçoada, geralmente composta de amigos, namoradas, amantes. Os funcionários do *pusher* burguês nunca dão pó a novas pessoas. Cria-se uma organização estratificada, na qual o *pusher* conhece apenas as pessoas mais próximas e nunca consegue ter uma visão da cadeia como um todo. Dessa maneira, se alguém por acaso falar, só uma pessoa sofrerá as consequências. É sempre assim no mundo do pó. Que se saiba o menos possível.

Na base da distribuição está o varejista, aquele que fica na estação ou na esquina da rua. É como um distribuidor de gasolina. Muitas vezes tem na boca bolinhas de pó enroladas em celofane ou em papel-alumínio. Se a polícia aparece, ele as engole. Outros não querem correr o risco de o celofane se abrir e de o estômago, àquela altura, se tornar um tormento de dor — portanto, guardam as bolinhas no bolso. Os varejistas fazem fortuna no fim de semana, no Dia dos Namorados ou quando o time local vence alguma coisa. Quanto mais motivos para festejar, mais eles vendem. Como os bares e pubs.

O *pusher* que está me ensinando como escolher um alvo está acostumado a se considerar um farmacêutico, mais do que um traficante de cocaína.



“A cada negócio corresponde um alvo, a fórmula do sucesso está em encontrar o alvo certo; uma vez encontrado, você precisa descarregar a potência máxima de fogo, soltar o napalm e captar necessidades e desejos, é o objetivo do homem moderno que se veste segundo os cânones do fashion manager. É cansativo ter de lidar com um mercado fragmentado no qual os nichos se multiplicam, nascem e morrem em uma semana, e são substituídos por outros que talvez durarão até menos, e você precisa ter à disposição as armas em tempo, senão corre o risco de lançar o seu precioso napalm em um terreno vazio. Eu atraio o alvo. Aliás, os alvos, no plural, porque, embora o produto seja apenas um, as necessidades são muitas. Esta manhã fui procurado por uma mulher que deve ter sido bonita há alguns anos, agora é pele e osso, tem um aspecto doentio, eu não transaria com ela nem pago, o único sinal de vida são as veias em relevo que sulcam os antebraços, as panturrilhas, o pescoço, por baixo, está tudo flácido, parece pele de galinha. Me disseram que se chama Laura, sem dúvida um nome falso, tinha duas belas maçãs do rosto, altas e redondas, que iluminavam o seu semblante, gosto muito de maçãs do rosto, são as guardiãs das feições, dão acesso e afastam, dependendo do caso. No caso de Laura eram um convite à intimidade, e de fato ela me disse que na academia ouviu dizer que para emagrecer existe um método rápido, agradável e, no geral, pouco arriscado. É verdade, respondi, por que você deveria comprar aqueles aparelhos futuristas para fazer abdominais ou ir correr à noite e, em seguida, comer apenas proteínas porque um sabichão francês decidiu que é assim que deve ser? As maçãs do rosto-guardiãs relaxaram e Laura sorriu para mim. Desde então, eu a vejo toda semana e às vezes as belas maçãs do rosto parecem ter sido lixadas, agora, as doces guardiãs do seu rosto são ameaçadoras alabardas.

“Foi Laura que me apresentou o Especialista, um daqueles esnobes que se vestem de maneira desleixada, com o casaco Moncler cheio de rasgos e queimaduras, e que, quando cumprimentam, mesmo sendo o primeiro encontro, puxam você em sua direção, o ombro direito deles contra o seu

ombro esquerdo, como uma saudação tribal e de pertencimento, e dão um tapinha nas suas costas, tudo muito cool. Nunca quis revelar o próprio nome, nem mesmo um falso, me chame de amigo, me dizia, como se estivéssemos em um beco do Bronx, por pouco não rio na cara dele, mas me seguro, e preciso me esforçar ainda mais quando diz que quer a perolada. O Especialista se refere ao produto mais precioso, 95% puro ou mais: ao tato, a perolada é finíssima, quase cremosa, e tão cândida que parece brilhar exatamente como uma pérola. Nunca a vi, alguns dizem que não existe, outros dizem que é tão rara porque ainda é produzida artesanalmente por um punhado de *campesinos* que usam dois instrumentos: o tempo e a paciência. O tempo para que as folhas amadureçam e a paciência para esperar o momento certo do ano para colhê-las. Mas isso não é tudo, já que depois você precisa amassar tudo à mão, acondicioná-la com óleo virgem, sem impurezas e não nocivo, tratá-la com acetona, éter e etanol, nunca com ácido clorídrico e amoníaco, se você não quiser correr o risco de estragar o princípio ativo. Seguindo o procedimento certo — dez dias de trabalho, suor e maldições —, obtém-se a tão almejada tonalidade perolada. Claro que tenho da perolada, digo ao Especialista, nem tento desviá-lo para algo mais plausível como a escamada, que não é pura como a perolada, mas que já passou pelas minhas mãos e posso dizer que o seu brilho realmente lembra as escamas de um peixe recém-pescado, e nem sonho em empurrá-lo para variedades mais brutas como a amendoada ou a stone, embora seja 80% pura, e me recuso a levar em consideração variantes tipo mijo de gato ou mariposa. Sujeitos como o Especialista têm uma vontade de ferro e, por sorte, competência zero, senão não voltaria depois de eu ter empurrado para ele um produto qualquer malhado com pó de vidro. Brilhava, disse todas as vezes, e eu concordo com ar de cumplicidade, já nem preciso mais fingir, é muito natural. Obviamente, não digo sempre sim, não posso me dar o luxo de espalhar o boato de que posso arranjar de tudo, corro o risco da inflação, de não ter controle sobre os meus alvos e aí alguém tem um enfarte.”

O pó pode ser alterado — na gíria, “malhado” — com diversas substâncias. Essas substâncias são acrescentadas à droga na fase de produção ou então, em níveis menores, são misturadas ao pó, ao produto final. Existem três tipos diferentes de produtos para malhar a droga: substâncias que provocam os mesmos efeitos psicoativos — nesses casos, fala-se de adulteração ativa; substâncias que reproduzem alguns dos efeitos colaterais da cocaína, são as adulterações cosméticas; e, por fim, produtos que incrementam o volume sem causar efeitos prejudiciais, as adulterações inertes. Tem gente que pensa que está cheirando droga de qualidade, mas na verdade está asfaltando as narinas com concreto. Nas adulterações ativas, são misturados à cocaína anfetaminas ou outras substâncias estimulantes, como a cafeína, que aumentam e prolongam o efeito do entorpecente, como no caso da gessada, uma cocaína de baixa qualidade que é melhorada e “vestida” com anfetaminas. Nas adulterações cosméticas são usados remédios e anestésicos locais como a lidocaína e a efedrina, que reproduzem alguns efeitos colaterais da cocaína. Quando você quer apenas aumentar o volume da droga para obter mais doses e, portanto, ganhar mais, são usadas substâncias comuns e inócuas como farinha ou lactose. A substância mais usada para essas adulterações inertes é o manitol, um laxante tão brando que é próprio para crianças e idosos, e que só tem em comum com a cocaína o aspecto.

“Um dos meus clientes mais apegados acabou de voltar dos Estados Unidos. Diz que lá o bagulho tem 30% de princípio.”

“Princípio?”

“É, 30% de princípio ativo. Mas para mim isso é papo furado. Eu sei que em Paris existem lugares em que o princípio ativo chega a 5%. Na Itália, alguns *pushers* vendem bolinhas de pó com um princípio ativo quase inexistente. Mas são picaretas.”

Nesses anos vi de tudo no mundo da distribuição. A média na Europa vai de 25% a 43%; os últimos lugares são ocupados pela Dinamarca, com 18%, e

pela Inglaterra e o País de Gales, com 20%. Mas são números que podem mudar a qualquer momento.

O dinheiro de verdade é ganho na adulteração porque é nessa fase que uma carreira de pó se torna preciosa e que as narinas são destruídas. Em Londres, certos *pushers* burgueses usam garagens para esconder o pó de qualidade a ser posto no mercado quando, por causa das apreensões, falta droga e todos a malham, reduzindo a sua qualidade. A essa altura, o pó realmente bom pode ser vendido pelo quádruplo do valor normal. A adulteração se torna o fator discriminador em uma economia na qual a demanda e a oferta flutuam tão repentinamente. O distribuidor, com o consentimento da família mafiosa, pode adulterar a droga. A base, em casos extremos, pode adulterá-la, mas só se for autorizada pelo distribuidor. O *pusher* que malha a droga é um *pusher* morto.

“Fiz cursos, me enfiei num daqueles consultórios onde quem quer parar é ameaçado com informações do tipo ‘25% dos enfartes nas pessoas entre dezoito e 45 anos são causados justamente pelo meu produto’. Pra mim, nesses cursos dizem muita merda. Mas alguma coisa eu aprendi: age sobre os neurônios, rompe o equilíbrio do sistema nervoso e com o tempo o danifica. Resumindo, acaba com o cérebro. Não só isso, o pó também é perigoso para o coração: basta um ‘chorinho’ a mais para causar um colapso, e se o produto é regado com um Long Island, um belo Negroni ou um Jack Daniels, ou então acompanhado de comprimidinhos azuis, bem, então é como pisar no acelerador numa curva. Você também precisa levar em consideração que a cocaína é um vasoconstritor, ou seja, estreita os vasos sanguíneos, anestesia. Todos esses efeitos se manifestam quase imediatamente, dependendo de como você consome a droga: se você injeta, ela faz efeito antes que você perceba; se você fuma crack ou *freebase* é um pouco mais lento, mas mesmo assim bastante rápido; se você cheira, a pancada vem no instante seguinte.”

Pergunto quais são os bons momentos.

“Os bons momentos? Assim que cheira, você se sente desperto, sua atenção e sua energia aumentam, o cansaço diminui, você nem sente a necessidade de dormir, comer ou beber. Mas não é só isso, ele melhora a sua percepção de si mesmo, você se sente alegre, tem vontade de fazer coisas, fica eufórico e, se estiver com alguma dor, ela passa. Você perde todas as inibições, portanto, sua vontade de fazer sexo e sua iniciativa aumentam. E o pó não te faz se sentir como um drogado. Um viciado em heroína não tem nada a ver com um viciado em cocaína. Quem cheira tem um hábito, não é um drogado. Satisfaz uma necessidade e depois segue seu caminho.”

Mas logo passa para os momentos ruins.

“Quem usa com frequência sofre de taquicardia, ataques de ansiedade, é fácil cair em depressão, você se torna irascível por nada, às vezes quase paranoico. Como você dorme e come pouco, tende a emagrecer. Se você cheira muito e por muitos anos, corre o risco de ferrar as narinas, conheço gente que teve que reconstruir o septo nasal por causa do pó. E também conheço gente que bateu as botas: uma dose a mais e teve um enfarte. No fundo, são coisas conhecidas, eu não descobri a pólvora, mas quando ouvi que o meu produto te faz brochar fiquei mal, quer dizer, eu não tenho problemas desse tipo, mas muitos clientes me visitam exatamente por isso e voltam agradecidos, com a corda toda, contam que trepam por horas a fio, que têm orgasmos que os abalam até a raiz dos cabelos, que fazem coisas que só viram nos filmes pornôs e que jamais sonharam em fazer, enfim, um bando de tarados que antes de me conhecer gozavam em dois minutos e agora se divertem. Eu precisava entender, mas não podia perguntar diretamente a eles, os homens não gostam de falar de certas coisas, então perguntei a uma amiga, uma mulher durona que às vezes me pede um pouco de pó, mas só porque está terminando a faculdade de medicina e precisa estudar de madrugada porque de dia ela trabalha como caixa pra pagar a mensalidade. Comigo ela usa o apelido Butterfly porque tem uma borboleta tatuada na nádega, eu pedi pra ela me mostrar porque não acreditava, mas ela sempre se negou. Marcamos encontro sempre no mesmo

lugar, e como de costume ela vive com pressa porque tem mil coisas pra fazer, mas eu paro, pergunto como vão as coisas com o namorado e pisco um olho, me sinto um idiota, mas não sei como abordar o assunto, e por sorte ela entende e pergunta por que tenho esse interesse, o que eu tenho a ver com aquilo. Eu digo que é só curiosidade, que me importo com ela, e ao pronunciar a palavra prazer pisco novamente, mas desta vez me sinto menos idiota, sinto que captei a sua atenção. Seja claro, ela rebate, e àquela altura explico a situação, que ouvi dizer que o produto não funciona tão bem para aquelas coisas e que estou fazendo uma espécie de pesquisa de mercado, só isso. E ela faz uma coisa estranha, pega a minha mão e me arrasta para um bar, pede duas cervejas e acende um cigarro, o barman a vê e tenta dizer que é proibido fumar, mas ela diz pra ele não encher o saco e ele se refugia atrás do balcão servindo café e cappuccino. Ela me conta do namorado, no início era grandioso: ela, um prazer louco, e ele, ereções dignas do Livro dos Recordes, o resultado eram performances de dar inveja a Rocco Siffredi, depois, a derrocada. O pinto dele, ela me diz, flácido como uma linguiça cozida por tempo demais, demora horas para ficar duro e, se ela tenta tocá-lo, ele não sente praticamente nada, é como se o calor tivesse desaparecido e os vasos sanguíneos bombeassem água gelada. Ele está muito deprimido, só fica se desculhando, mesmo quando está sozinho não consegue se masturbar, então começou a tomar Viagra, primeiro, uma dose pequena, apenas 25 miligramas, depois, aumentou para cem miligramas, mas não teve jeito, só fica meio duro e ele não consegue gozar. Não há o que o faça gozar, e toda aquela energia que não consegue explodir é dolorosa, dói pra burro, e também ficar trepando horas esperando que ele finalmente jorre não é muito divertido. Agora, ele está se tratando com um andrologista, confessou que usa o meu produto e o médico nem piscou, diz que todos o procuram com o mesmo problema e que a única solução é largar o produto, mas não é fácil. Butterfly fala desenfreadamente e eu junto as peças do quebra-cabeça, entendo que estou criando um exército de deprimidos sexuais que não fazem outra coisa além de aumentar as doses na esperança de fazer o

negócio endurecer. Caralho, eu gostaria de exclamar naquele momento se não fosse tão inapropriado. Depois, Butterfly me diz que as mulheres também usam o produto por esse motivo porque ficam excitadas, a mil por hora, mas do ponto de vista sexual é um desastre porque o produto, entre os seus efeitos secundários, também é um ótimo anestésico, passar um pouco no siso que está nascendo é uma coisa, mas parar de atingir o orgasmo, o que normalmente já não é em si muito fácil, é outra história totalmente diferente. Para não falar, continua Butterfly, das coisas que você faz e depois se arrepende, como daquela vez em que o namorado dela confessou que uma noite estava meio chapado e acabou ficando com um transexual, sempre teve aquela fantasia, mas nunca teve coragem. Coragem, repito, e Butterfly concorda, e em seguida, depois de um breve silêncio, pergunto se daquela vez ela vai me mostrar a tatuagem e ela sorri, fica entre as mesas, desabotoa as calças e abaixa a calcinha, de fato, nunca tinha mentido para mim.

“Não parei de andar abrindo caminho entre os homens vestidos segundo os últimos ditames moda-business e não parei de receber os meus alvos, mas também não parei de descobrir o que existe por trás do produto, vejo caras novas e as velhas desbotam e se perdem sabe-se lá onde. É um trabalho de merda.”

Um trabalho de merda que ele sabe fazer. Fala como se a sua cabeça já tivesse avaliado os prós e os contras da profissão e decidido guardar para si os contras. Como a paranoia. Há *pushers* que mudam de celular e de chip uma vez por semana. Basta uma desatenção de um cliente e você está ferrado. Existem *pushers* que vivem como freiras enclausuradas: contato com o exterior só quando necessário e drástica redução da vida privada. As namoradas são perigosíssimas, intuem facilmente o seu cotidiano e podem se vingar revelando-o ou falando a respeito com alguém. Existem aqueles ainda mais angustiados, que passam o tempo livre apagando os rastros: nada de carteira de identidade nem de conta corrente, abolido o caixa eletrônico e ai de quem assina um pedaço qualquer de papel. Angústia e paranoia. Para

anestesiá-las, existem *pushers* que usam a mesma droga que traficam, e acabam alimentando-as. Existem *pushers*, como o que está na minha frente, que falam como corretores da Bolsa: “Vendo Ferraris, e não utilitários. A verdade é que com os utilitários você se arrebenta antes; com as Ferraris, pode durar um pouco mais”.

Existem *pushers* de rua que podem ganhar 4 mil euros por mês, com alguns prêmios por produção se venderam bem. Mas os *pushers* burgueses podem chegar a ganhar até 20 mil, 30 mil euros por mês.

“O problema não é a quantidade de dinheiro que você ganha, é que parece impossível qualquer outro tipo de trabalho porque você acha que está jogando tempo fora. Com uma troca de mãos, você ganha mais do que com meses de trabalho, seja lá qual for. E não basta saber que você será preso para que você escolha outra profissão. Mesmo que me oferecessem um trabalho que me permitisse ganhar o mesmo que ganho hoje, acho que eu não o escolheria porque, certamente, ocuparia uma parte maior do meu tempo. Isso também vale para os coitados que vendem na rua. Para chegar a ganhar a mesma quantia, levariam mais tempo de qualquer maneira.”

Olho para ele e pergunto se pode me confirmar o que percebi escutando as suas histórias, ou seja, que ele despreza os próprios clientes.

“Sim, no início eu gostava deles porque me davam o que eu precisava. Com o tempo, você olha pra eles e entende. Entende que você poderia ser eles. Você se vê de fora, e isso dá nojo. Não gosto dos meus clientes porque eles se parecem demais comigo, ou com aquilo que eu me tornaria se decidisse me divertir mais. E isso, além de nojo, me dá medo.”



## 8. A bela e o macaco

O vazio é a gasolina da evolução. Uma trajetória que se interrompe não esgota a própria energia, reivindica outra, diferente, que ocupe o espaço vago. Como na física, tudo se transforma, nada se destrói. A história do narcotráfico na Colômbia é uma história de vazios, é uma história de transformações, é uma história de capitalismo.

Hoje, aquele vazio fervilha como um pedaço qualquer de grama sob a lente de um entomologista. Centenas de microcartéis. Grupos armados que dão a si mesmos nomes de times esportivos de vilarejos. Guerrilheiros comunistas cada vez mais reduzidos ao papel paradoxal de latifundiários, gestores do cultivo e das primeiras fases de processamento. Cada um reserva para si a própria fatia, a própria especialidade: produz, distribui, envia até a etapa sucessiva. Cada um defende o próprio habitat de selva, montanha, litoral ou fronteira. Tudo é desconectado, fragmentado, pulverizado. As porções de território, a ampliação do poder e das alianças que fazem com que hoje ainda corra sangue parecem infinitesimais em comparação com a época dos grandes cartéis.

Porém, se hoje a Colômbia do narcotráfico parece a terra dos liliputianos para Gulliver, o problema ainda reside nos olhos do observador. Ou melhor, na sua mente, na sua memória. Os olhos veem o que esperam ver ou então percebem o seu desvio. Veem o que existe com base no que não existe mais. E, se não há mais grandes desafios e grandes massacres, se não há mais

atentados contra candidatos à presidência ou presidentes eleitos com o financiamento dos cartéis, se a Colômbia não é mais um narcoestado e os seus grandes protagonistas morreram ou foram condenados a passar a vida na prisão nos Estados Unidos, é possível pensar que a guerra foi vencida. Talvez ainda não totalmente, mas que está no bom caminho para ser levada a cabo.

Ou então o olhar pode ficar preso no passado: já que “cocaína” e “Colômbia” permanecem sendo sinônimos de uma denominação de origem considerada tão implícita quanto uísque escocês ou caviar russo, o imaginário continua a conceber os narcotraficantes colombianos como os mais poderosos, ricos e temíveis do mundo. Mas nenhuma pessoa comum conhece mais os nomes dos maiores traficantes ou das maiores organizações que atuam na Colômbia hoje em dia. No entanto, depois de décadas de esforços para debelar os traficantes colombianos, a fatia de mercado perdida pelo país é muito inferior à que se poderia esperar na época da globalização dos fluxos comerciais. Esse é o aparente paradoxo que gera a extrema dificuldade para focalizar o quadro atual nas suas dimensões reais.

Os supostos liliputianos não são mais os senhores absolutos da cocaína, mas calcula-se que a Colômbia continue a produzir cerca de 60% da cocaína consumida no mundo. E a coca continua a se arraigar em cada gleba cultivável de terra colombiana.

Como é possível? O que significa isso?

A primeira resposta é elementar, princípio básico do capitalismo. Se a demanda permanece, se a demanda, aliás, continua a crescer, seria absurdo zerar a oferta, ou até mesmo reduzi-la drasticamente.

A segunda resposta é que, ao declínio dos cartéis colombianos, correspondeu a ascensão dos cartéis mexicanos e de todos os novos atores fortes da economia criminosa. Hoje, o cartel de Sinaloa age sobre a produção de coca, pasta-base e cocaína na Colômbia como fazem as multinacionais para o cultivo e o processamento das frutas.

Mas tudo o que eu disse até aqui não explica detalhadamente o que aconteceu na Colômbia. E entender isso é importante. É importante porque a Colômbia representa uma matriz da economia criminosa e as suas transformações mostram toda a capacidade de adaptação de um sistema no qual permanece fixa uma única constante: a mercadoria branca. Passam os homens, desmantelam-se os exércitos, mas o pó permanece. Essa é a síntese da história colombiana.

No início havia Pablo. Antes dele havia um comércio crescente e um país geograficamente ideal para produzir, estocar e transportar cocaína. Mas estava nas mãos dos “caubóis do pó”: fracos demais para impor a lei do mais forte. Há um vazio, e Pablo logo o preenche. O primeiro passo evolutivo do narcotráfico na Colômbia parte exatamente daqui, de um jovem ambicioso e determinado a enriquecer até se tornar mais importante do que o presidente do seu país. Começa do nada, acumula dinheiro, ganha respeito, concebe a primeira rede de distribuição de cocaína com a utilização de pequenas embarcações e aviões monomotores. Para garantir proteção e segurança, recorre ao velho ditado colombiano “*Plata o plomo*”, dinheiro ou chumbo — se você é um policial ou um político, aceita ser corrompido ou morrer. O negócio do pó é simples para o chefe de Medellín: é só dar uma volta nos *barrios* pobres para arregimentar os rapazes necessitados dispostos a qualquer coisa, ou então corromper alguém aqui, alguém ali, pagar um banqueiro condescendente para ajudá-lo a trazer de volta o dinheiro lavado. Ele mesmo diz: “Todos têm um preço. A coisa importante é entender qual é”.

O vazio é rapidamente preenchido, o sistema Colômbia se torna um monopólio cuja rede de distribuição atinge todos os pontos mais importantes do continente americano. Tudo em grande estilo: voos intercontinentais abarrotados de toneladas de pó, alfândegas condescendentes que deixam passar milhares de contêineres de flores cheios de pó branco, submarinos para os grandes carregamentos, até mesmo uma galeria subterrânea ultramoderna que começa em Ciudad Juárez e aflora em

El Paso, Texas — propriedade privada de um bilionário que vive a mais de 4 mil quilômetros de distância. A Colômbia manda, Pablo Escobar manda. Mas o chefe de Medellín faz acordos com o chefe de Guadalajara. O México olha, aprende, embolsa a sua porcentagem e espera a própria vez.

No início dos anos 1980, Pablo já ganha meio milhão de dólares por dia, tem dez contadores. O cartel de Medellín gasta 2500 dólares por mês em elásticos para prender as pilhas de dinheiro. É o capitalismo nas suas origens. Grandes concentrações de ricos empresários que ditam lei e se infiltram em cada gânglio da sociedade. É um capitalismo tradicionalista, no qual os chefes de empresas competem para ostentar o poder e o ganho sem regatear nas doações à população. Pablo manda construir quatrocentas casas populares, dá de presente ao povo um zoológico espetacular dentro da sua propriedade Hacienda Nápoles. Capitalistas-Robin Hood, sem escrúpulos, sanguinários e impiedosos, podres de ricos e gastadores. Todavia, capitalistas de fraldas no topo de estruturas rigidamente piramidais. Homens que se sentem gigantes, que veem a si mesmos como a encarnação de um poder soberano, o único legítimo, conquistado com chumbo e dinheiro. Pablo até se oferece para saldar toda a dívida pública da Colômbia porque o país já é seu, porque o governo de Medellín é mais forte e rico do que o de Bogotá. Assim, se o Estado os enfrenta, eles se sentem convocados para uma guerra frontal: carros-bomba, carnificinas, atentados contra políticos e juízes inimigos. É assassinado o candidato à presidência, o favorito nas eleições. Como os *corleonesi* nos mesmos anos, Escobar e os seus fiéis também não compreendem que exatamente aquilo que julgam ser um exercício demonstrativo de sua força representa o seu ponto fraco. Cortada a cabeça, o corpo se decompõe. Com a queda de Pablo, a sua organização morre e deixa um vácuo.

Se tem uma coisa que o capitalismo demonstrou é que revoluções e tragédias nunca foram capazes de abatê-lo. Arranharam-no, mas o seu espírito nunca enfraqueceu. O vácuo aberto por Pablo é o prenúncio do segundo passo evolutivo da história do narcotráfico colombiano. É

necessário adaptar-se às mudanças, incorporar as mutações sociais e econômicas, libertar-se da tradição e cruzar a soleira da modernidade. A nova espécie já está pronta, já proliferou colonizando regiões cada vez mais extensas, já aproveitou o fato de não ter perdido muito sangue na luta pelo comando e de ter encontrado ao seu lado aliados naturais poderosos. Agora, só deve apoderar-se de tudo. Até os mais insignificantes deslocamentos incidem sobre o futuro. Pablo era machão, símbolo de uma sexualidade chamativa e jamais domada. Rompe-se até esse estereótipo dominante graças a um dos chefões do novo e preponderante cartel de Cali, Hélder “Pacho” Herrera. Homossexual declarado, Pacho não teria conseguido avançar um metro sob a guia de Pablo. Mas, para os irmãos Rodríguez Orejuela, que fundaram o cartel, negócios são negócios e, se um homossexual é capaz de abrir o caminho para o México e instalar algumas células de distribuição diretamente em Nova York, pouco importa com quem ele dorme. Até mesmo as mulheres são aceitas. As mulheres sabem e podem fazer tudo, desde a lavagem do dinheiro sujo até negociações importantes, e a palavra “ambição” não é mais proibida. Desaparecem até os velhos ditados de Medellín e as mulheres não são mais descritas como capazes apenas de gastar dinheiro e estragar os negócios.

Outra diferença: alguns soldados de Pablo eram quase analfabetos, nem sequer sabiam quem era o maior escritor colombiano vivo, Gabriel García Márquez, prêmio Nobel de literatura. Orgulhavam-se de ser um poder nascido do povo que devia se identificar com o povo. Os chefes de Cali recitam versos de poetas colombianos do século XX e sabem dar o valor certo a um MBA (Master in Business Administration). Os novos narcotraficantes são capitalistas como os velhos narcotraficantes de Pablo, mas se aprimoraram. Identificam-se com a elite do Novo Mundo, amam espelhar-se nos Kennedy, que lançaram as bases da própria ascensão com a importação de uísque em um país sedento depois da era proibicionista. Comportam-se como honestos homens de negócios, vestem-se com elegância, sabem transitar por ambientes de alto nível e circulam livremente

pelas cidades. Chega de bunkers e de casas superluxuosas escondidas sabe-se lá onde. Os novos narcotraficantes amam a luz do sol porque é ali que os negócios são feitos.

Muda também o modo de traficar, que deve garantir a segurança das expedições através de empresas falsas e da exploração dos canais legais nos quais é fácil infiltrar a mercadoria ilegal. E também os bancos. Primeiro, o Banco de los Trabajadores, depois, o First Interamericas Bank of Panama, institutos de crédito prestigiosos e estimados que os novos narcotraficantes usam para lavar o dinheiro proveniente dos Estados Unidos. Mais espaço conquistado na economia legal, mais espaço de manobra para ampliar o business do pó. Empresas de construção, indústrias, sociedades de investimento, estações de rádio, times de futebol, concessionárias de automóveis, centros comerciais. O símbolo da nova mentalidade é uma cadeia moderna de drugstores à americana, farmácia e drogaria ao mesmo tempo, que leva o nome programático de *Drogas la Rebaja*.

A estrutura piramidal de Pablo está ultrapassada, é um simulacro manco, um dinossauro extinto. Agora, as narcoempresas fixam “metas de produção”, verdadeiros planos plurianuais. No cartel de Cali, cada um tem sua própria tarefa e um objetivo único e simples: ganhar dinheiro. Como em uma multinacional externamente monolítica e internamente flexível, o cartel de Cali é dividido em cinco partes porque cinco são as áreas estratégicas: política, segurança, finanças, assistência jurídica e, obviamente, narcotráfico.

A violência e o terror não são abandonados, *plata o plomo* continua a ser a palavra de ordem, mas se o primeiro pode jorrar sem limites, o segundo convém que seja medido melhor, utilizado com mais profissionalismo e raciocínio. Antes, os exércitos de capangas eram compostos de jovens arrancados da pobreza; agora, são ex-membros e integrantes corrompidos das Forças Armadas. Mercenários contratados e bem adestrados. A política se torna um dos muitos setores da sociedade a ser financiado, de maneira que o dinheiro injetado em seus aparatos funcione como anestésico e o Congresso permaneça paralisado e incapaz de constituir uma ameaça e, ao

mesmo tempo, de condicionar a sua operação. Rompeu-se também a última e frágil conexão que unia os narcotraficantes às suas terras. Para fazer negócios é necessário ter paz no país, uma paz fictícia e de fachada que de vez em quando precisa de uma sacudida, de um acontecimento para que os colombianos entendam que quem manda, embora não seja visto, está sempre presente. Mestre nisso é Henry Loaiza Ceballos, vulgo “O Escorpião”, que num dia de abril de 1990 ordena o uso de motosserras para destroçar centenas de *campesinos* que, algum tempo antes, sob a diretiva do pároco de Trujillo, padre José Tiberio de Jesús Fernández Mafla, haviam organizado uma marcha de protesto contra o conflito armado e a favor da melhoria das condições de vida no campo. O corpo do padre Tiberio foi encontrado despedaçado em uma pequena alça do rio Cauca. Antes de morrer, ele foi obrigado a assistir ao estupro e ao homicídio da sobrinha. Em seguida, Escorpião Loaiza ordenou que cortassem os dedos das suas mãos para que ele os comesse; obrigaram-no a comer os dedos dos pés e, por fim, os órgãos genitais. No seu túmulo, no parque em memória das vítimas de Trujillo, consta uma inscrição com a frase, profética, pronunciada pelo sacerdote durante a sua última Páscoa: “Se o meu sangue puder contribuir para que em Trujillo nasça e floresça a paz de que tanto precisamos, eu o derramarei de bom grado”.

O uso da violência no Novo Mundo permanece sempre exagerado, mas, fora isso, os parceiros italianos, que souberam tecer uma privilegiada trama de negócios com a Colômbia, se dão muito bem com os novos fornecedores. Ligados à própria terra como os homens de Medellín, os calabreses, todavia, compartilham com os homens de Cali a característica mais saliente de sua ascensão, quase como se fossem companheiros de percurso há muito tempo: comandar e prosperar sem fazer barulho demais. Não desafiar o poder oficial, mas usá-lo, esvaziá-lo, manipulá-lo.

O narcoestado se expande e fortalece os músculos, não mata um candidato à presidência malquisto, prefere comprar os votos para eleger um

do seu agrado, contagia cada canto do país e, como uma célula tumoral, o altera à sua imagem em um processo infeccioso para o qual não há tratamentos conhecidos. Todavia, a evolução reivindica as próprias vítimas. Cali tornou-se inchada demais, todos já perceberam, inclusive os Estados Unidos e a magistratura não subornada. Mas a sua queda corresponde quase a uma lei física: quando não é mais possível crescer, basta pouco para explodir ou implodir, e o México, o primo norte-americano, está ganhando espaço de ação. O narcoestado presidido pelo cartel começa a vacilar e perde pedaços. *It's evolution, baby*. Um novo vácuo, a terceira etapa do cartel narcocapitalista.

O fim do cartel de Cali é a última verdadeira revolução do capitalismo dos narcotraficantes colombianos. Com ela, desmorona o sistema da estrutura mastodôntica e da penetrabilidade, talvez o único elemento, além da violência endêmica, que unia a era de ouro de Cali e a era de ouro de Pablo. É como um feixe de luz violenta que atinge pela primeira vez os cantos escuros, as baratas fogem em todas as direções, espalham-se convulsivamente, aqueles que antes eram amigos se tornam inimigos e salve-se quem puder. Alguns trãnsfugas do cartel de Cali convergem para o cartel de Norte del Valle, que desde o início é uma pálida cópia de quem o precedeu. Brutais sem carisma, ávidos sem perícia especial nem inventividade empresarial, incapazes de controlar as rivalidades internas, eles ficam tão assustados com a extradição e a traição dos delatores que se tornam paranoicos. Mas os tempos não são mais os de antes. Os tempos mudaram porque o capitalismo mudou, e os primeiros a perceber são justamente os colombianos.

O resto do mundo está otimista, às vezes eufórico. Está se encaminhando para o novo milênio convencido de que a paz, a democracia e a liberdade estão destinadas à vitória planetária. O presidente Clinton é reeleito para o segundo mandato em novembro de 1996, e alguns meses mais tarde, no Reino Unido, Tony Blair, líder dos trabalhistas, se torna primeiro-ministro com a certeza de que, para se manter em dia com a modernidade, é



necessário conjugar instâncias social-democratas e um espaço mais amplo para o livre mercado. Desde os primeiros meses de 1997, em Wall Street, o índice Dow Jones continua a atingir níveis jamais vistos e o Nasdaq, o primeiro mercado de valores mobiliários inteiramente eletrônico e dedicado a ações de empresas de tecnologia como Microsoft, Yahoo!, Apple e Google, incha ainda mais. Afinal de contas, Steve Jobs acabou de voltar para o comando da Apple com a certeza de que poderá fazê-la sair da crise e, como sabemos, tem todo o êxito possível.

Para se manter em sintonia com os tempos, o Ocidente eufórico pede cada vez mais cocaína. O pó é uma mancha branca no otimismo e é identificado com a Colômbia. Não é aceitável que, na época das trocas sem fronteiras e do capitalismo mais criativo, ainda exista uma nação tão rica de recursos, mas subjugada por uma monocultura criminosa. O cartel de Cali foi abatido, o narcoestado foi rompido. Os guerrilheiros marxistas barricados na selva ou nas montanhas com os seus reféns representam um anacronismo que não tem mais nenhuma razão para existir. Quem derrotou o bloco mundial comunista acha que só falta um esforço concentrado para que a Colômbia também possa voltar para a comunidade do mundo livre.

Os Estados Unidos não dão peso suficiente àquilo que, embaixo do seu nariz, se tornou o México; ou melhor, percebem esporadicamente, através de relatórios cotidianos que terminam sobre esta ou aquela escrivania, de alarmes desconexos pela estabilidade e a segurança pública. Mas, cegados pelo otimismo, não conseguem, ou não querem, entender que o que está emergindo não é outra coisa senão o lado sombrio do mesmo capitalismo global do qual se orgulham de ter aberto todas as portas e rompido todos os vínculos. Eles mesmos estão com o olhar preso no passado. A partir de uma trama já conhecida, querem conduzir a história da Colômbia para um final feliz. Mas o que acontece e acontecerá será totalmente diferente.

As histórias latino-americanas são complexas. Não funcionam como as histórias contadas em Hollywood, nas quais os mocinhos são bons e os

vilões são maus. Nas quais, se você é bem-sucedido, é porque fez por merecer graças ao seu talento, que no fundo só pode ser o fruto da sua virtude moral. Por isso é mais fácil compreender a transição colombiana seguindo duas histórias de sucesso.

A primeira é a história de uma mulher. A garota mais bonita e famosa do país. Aquela que todos os homens sonham em possuir, com a qual todas as moças querem se parecer. Foi garota-propaganda exclusiva de uma marca de lingerie e da cerveja mais popular da Colômbia. Deu o próprio nome a uma linha de produtos de beleza difundida em toda a América Latina. Natalia Paris. Rosto meiguíssimo, cabeleira dourada, pele resplandecente cor de mel. Pequena como uma menina, mas com seios e glúteos explosivos. A perfeição feminina em miniatura. Foi ela quem criou um novo modelo de beleza, o mesmo mix de ingenuidade brincalhona e sedução supersexy que Shakira — baixa, loura e colombiana como ela — soube impor a todo o mundo graças à sua voz potente e ao seu rebolado desenfreado. Contudo, a estrela de Natalia brilhou antes. E, nas últimas duas décadas, acompanhou a história colombiana.

A outra história é a de um homem que, quando pequeno, recebeu um apelido que não lhe faz jus: “El Mono”, o macaco. Não faz lembrar os traços grotescos de um guariba ou de um cuatá, as espécies mais comuns na Colômbia; no máximo, nos olhos um pouco encovados, tem algo que lembra o olhar de um gorila, algo fixo que pode se tornar temível. É filho de uma colombiana e de um italiano que partiu de Sapri para construir uma vida melhor no Novo Mundo. Tem o mesmo nome do pai, Salvatore Mancuso. Realizou o sonho de integração e sucesso que os imigrantes transmitem aos filhos, o sonho americano. Mas o fez a seu modo.

A Bela e o Macaco nascem nas cidades do Norte, a parte mais povoada e evoluída do país, e em famílias que souberam conquistar o bem-estar relativo da classe média. O pai de Natalia é um piloto que morre quando ela tem apenas oito meses, mas a mãe tem integridade, princípios vigorosos e, sobretudo, exerce uma profissão, é advogada, o que salvaguarda a sua

autonomia econômica. O pai de Salvatore, que é o segundo de seis filhos, dá duro como eletricitista, e após anos de labuta consegue montar uma loja de consertos de eletrodomésticos e depois uma oficina de automóveis.

Os pais economizam para que os filhos frequentem boas escolas, o que também é uma maneira para protegê-los o máximo possível das más companhias, da violência nas ruas. Natalia vai para um internato de freiras, nas férias vai estudar em Boston, inscreve-se no Instituto de Artes para se tornar publicitária. Mas, enquanto isso, a sua carreira de modelo decola. Não se sabe muito bem quando a iniciou realmente, porque ainda criança havia posado para uma marca de fraldas. Depois, na adolescência, consegue o primeiro contrato importante graças ao sorriso radiante que promove uma pasta de dente *made in USA*. Por fim, torna-se a imagem da cerveja Cristal Oro, presença solar em minibiquíni que seduz nas paredes das casas, nas revistas passadas de mão em mão nos cabeleireiros, nos grandes outdoors ao longo das estradas. Está por toda parte, admirada e conhecida como uma modelo jamais havia sido na Colômbia. O sonho mais comum de qualquer garota colombiana bonita era, e ainda é, se tornar a rainha da beleza. A eleição da Miss Colômbia desencadeia um delírio que começa muito antes da final. Na praia de Cartagena das Índias desembarca o circo da imprensa e, às crianças em idade escolar da cidade, são até concedidas semanas de férias. A pequena coroa posta sobre a cabeça da vencedora é banhada em ouro 24 quilates e tem, no centro, uma esmeralda, a pedra nacional. Ao longo do ano em que detém o título de Miss Colômbia, a moça é recebida até pelo presidente da República.

Mas existem centenas de concursos menores. Em cada lugar em que são organizados, a chegada das aspirantes é um acontecimento muito esperado pela população. As pessoas na Colômbia desejam ardentemente um colírio para os olhos, uma compensação para a dura vida cotidiana, algo para esquecer as violências, as injustiças, os escândalos políticos que parecem nunca acabar. Os colombianos são pessoas alegres, têm aquela alegria vital que nasce como antídoto do fatalismo.

No entanto, não é só isso o que explica a proliferação do fenômeno. Na América Latina, e em especial nos países do narcotráfico, os concursos de beleza também são feiras de cavalos de raça, nas quais se exibem os exemplares que já fazem parte de uma escuderia. Muitas vezes, a competição já está fraudada desde o início: vence a candidata que pertence ao proprietário mais poderoso. O maior presente que se pode dar a uma mulher é comprar uma coroa de rainha da beleza, uma prenda que também ressalta o prestígio daquele que escolheu aquela candidata. Foi assim com Yovanna Guzmán, eleita “Chica Med” quando já estava ligada a Wílber Varela, vulgo “Sabão”, um dos líderes do cartel de Norte del Valle. Mas também quando as coisas acontecem dessa forma, as garotas menos sortudas podem ter a esperança de ser notadas pelos outros traficantes que foram até lá para selecionar a amante do momento ou então de ter mais sorte no próximo concurso.

Mas não foi essa tarimba que favoreceu a ascensão de Natalia, que de repente se viu mais invejada do que a Miss Colômbia. A mãe nunca a teria deixado se expor em um contexto no qual todas as atenções equivalem a um risco. As pessoas que circulam em torno de um set são fáceis de manter sob vigilância. Ela acompanha Natalia a todos os compromissos, atua como manager e guardião. E se no aniversário de dezoito anos a presenteia com um acréscimo de dois números no tamanho dos sutiãs, não imagina que, com esse investimento suplementar na já vencedora imagem da filha, vai torná-la a precursora de uma epidemia que tomará conta do país nos anos seguintes. Até as meninas das regiões rurais mais míseras e dos *barrios* mais abandonados começarão a se prostituir a fim de juntar dinheiro para aquelas próteses mamárias transformadas em pré-requisito para cair nas graças de um *boss*, única perspectiva de salvação ao seu alcance. É essa a história narrada em *Sin tetas no hay paraíso*, a série televisiva colombiana vista e adaptada em versões mais adocicadas em meio mundo, mas originariamente baseada em uma rigorosa reportagem feita por Gustavo Bolívar Moreno no

departamento meridional de Putumayo, região tradicional de cultivo da coca.

Lucia Gaviria, esse é o nome da mãe de Natalia, está sempre alerta. A oportunidade que a sorte deu à filha deve ser aproveitada plenamente enquanto durar, mas seria um grave erro contar apenas com isso. Quando jovem, ela também desfilou e posou para algumas fotos de moda, mas, sem o diploma de direito, sabe-se lá como teria se virado depois de ter enviuvado. É necessário manter a cabeça no lugar e os pés no chão, voltar-se para objetivos seguros e sólidos. A mãe de Natalia é uma mestra e um exemplo de que a beleza é um bem efêmero, de que uma mulher colombiana deve preservar e conservar com outros meios a capacidade de ser a artífice da própria vida. Agora, ela tem um segundo companheiro e um segundo filho: uma família normal, com o orgulho de sê-lo em uma época e em um lugar arrebatados pela loucura mais desenfreada.

A Colômbia é o país das mil faces. Somos cegados pelo sol que reflete a cal das paredes, um segundo depois somos acometidos pelas cores de um pôr do sol que incendeia a paisagem. Se a Colômbia desorienta, Montería encontra vitalidade na sua contradição. É uma cidade às margens do rio Sinú, capital do departamento de Córdoba. Os casebres e os arranha-céus despontam violentos entre as árvores tropicais, com dezenas de etnias diferentes amontoadas lá dentro, empenhadas em uma convivência muitas vezes impossível.

É aqui que nasce e cresce Salvatore Mancuso, em uma casa construída pelo pai com as próprias mãos. Desde pequenos, os filhos homens vão caçar com ele, fascinados pelo seu tesouro: um pequeno arsenal do qual é proibido chegar perto. Don Salvador — como se tornou para o registro civil graças a um erro do Departamento de Imigração — cria os filhos com firmeza. A relativa tranquilidade econômica e social deve ser defendida também com regras de educação que nunca devem ser desafiadas.

Mas no final a severidade paterna é premiada. Também no caso do Macaco, as alegrias se limitam à infância, quando Salvatore foi elevado a chefe do bairro e as outras crianças, em homenagem aos pelos que despontam em seu corpo antes que no dos amigos, atribuem-lhe aquele apelido suspenso entre a admiração e a inveja. Ou à temporada de motocross nos anos 1980, quando conquistou o primeiro lugar no campeonato nacional e fez com que os irmãos Bianchi, os concidadãos italianos concessionários da Yamaha em Montería, também se tornassem campeões de vendas.

Como a mãe de Natalia, Don Salvador também percebe que é necessário conceder a um rapaz a gratificação daqueles momentos de glória transitória, desde que isso não comprometa o percurso ao qual já foi encaminhado. Salvatore é um bom filho. Forma-se e vai estudar nos Estados Unidos; se não consegue se graduar na Universidade de Pittsburgh não é por falta de empenho, mas porque sente saudade demais de casa. Sobretudo de Martha, com a qual se casou quando não tinha nem dezoito anos, e do pequeno Gianluigi, que tem apenas alguns meses. Don Salvador insiste, gostaria muito que o filho tenaz construísse uma vida nos Estados Unidos, mas, diante dos argumentos de um jovem pai de família, só lhe resta ceder. Salvatore volta para a Colômbia e, com Martha, muda-se para Bogotá para terminar os estudos universitários.

Depois, os projetos do segundo filho novamente divergem das ambições do pai, que mais uma vez não será capaz de detê-lo: Salvatore não quer ser engenheiro, quer se tornar agricultor e criador de animais, um verdadeiro colombiano à moda antiga. Claramente, também quer vingar o pai, que havia comprado uma propriedade depois de três décadas de sacrifícios, mas que, recusando-se a ceder às extorsões dos guerrilheiros, teve de revender a sua amada *finca*. O que dizer para impedir que um filho teimoso queira levar a cabo o que você não conseguiu realizar? Que é perigoso demais, difícil demais? Os Mancuso são pessoas orgulhosas, e no final Salvatore, formado em agronomia, volta para Montería e se estabelece na fazenda

Campamento, que Martha acabara de herdar do pai. A terra é rica, a casa é uma joia a ser valorizada. Don Salvador é fiador do empréstimo que o filho deve utilizar para transformar a sua empresa em um sonho lucrativo e impecável. É necessário levantar ao raiar do dia, trabalhar tanto ou mais do que os *campesinos*. Mostrar o que significa aplicar a filosofia do pai é um trabalho árduo. Dois anos se passam e o exemplo da *hacienda* Campamento não suscita apenas a admiração dos outros agricultores; os guerrilheiros se sentem atraídos e seu apetite se torna famélico.

O país onde Salvatore começa a ganhar certa reputação entra nos anos 1990 como um faroeste gangrenado. Há anos que no departamento de Córdoba já se perdeu a conta das violências da guerrilha: extorsões, fuzilamentos e furtos de reses, sequestros de inocentes, entre os quais mulheres e crianças. A guerrilha aproveita a ausência da política e a incapacidade da força pública de se impor. Uma década antes, os criadores de animais e agricultores do departamento de Antioquia reuniram-se pela primeira vez em Medellín para encontrar juntos uma solução para o problema. Nasce a Associação Camponesa do Médio Magdalena. Nada de revolucionário, mas a concretização de um decreto de 1965 que dava a possibilidade aos camponeses, com a ajuda das autoridades, de pegar em armas e se defender. Militares e agricultores de braços dados em uma guerra total na qual não importa o monopólio da força que caracteriza todos os Estados modernos, mas apenas a identificação de um inimigo comum a ser aniquilado. Apesar disso, a situação dos camponeses de Antioquia e Córdoba continua a ser alarmante. O valor da terra e dos animais despenca a um quinto do que era.

Salvatore Mancuso sabe muito bem de tudo isso, assim como também conhece uma a uma as siglas, os quadros de pessoal e a presença territorial dos insurgentes. Durante anos, escutou todas as histórias de abuso, recolheu todos os exemplos sobre a possibilidade de enfrentar aqueles bandidos parasitas que engordam seus sonhos subversivos com os frutos do trabalho das pessoas honestas. Está pronto. Se um imigrante eletricitista esgotado por

uma vida de trabalho não sucumbiu, não vai ser o filho, no auge das suas forças e disposto a morrer por sua terra e seus homens, que vai ceder. Que eles se apresentem, se tiverem a ousadia.

O sol surgiu há pouco, os raios oblíquos borrifam de ocre a terra na frente de Salvatore. Aproximam-se três sombras, emergem em contraluz e assumem as feições de guerrilheiros. Salvatore pega o fuzil e, sem pensar duas vezes, aponta para eles. Os guerrilheiros dizem que o chefe deles o está esperando, mas Salvatore se recusa a segui-los.

Na *finca* de Salvatore trabalha Parrita, um garoto esperto com apenas doze anos de idade. Ele não tem medo de nada e os homens gozam dele, dizem que, depois de crescido, vai ter medo, que a Colômbia ensina você a respeitar quem é mais forte. Mas Parrita dá de ombros quando ouve essas palavras. É atrevido e Salvatore gosta dele; manda chamá-lo, entrega ao garoto um radiotransmissor e pede que siga os três guerrilheiros, encontre a base deles e fique de tocaia até nova ordem. Enquanto isso, Salvatore se organiza, convence o coronel do batalhão Junín de Montería a emprestar-lhe homens e, seguindo as indicações de Parrita, acha os três e os mata.

Salvatore Mancuso tomou as rédeas do seu destino. Voltar atrás não é mais possível, a não ser aceitando a perda de tudo o que foi construído. De fazenda em fazenda, difunde-se a história do jovem *hacendero* que desafiou a escória terrorista como ninguém antes jamais havia ousado fazer. Nem mesmo Pablo Escobar, quando reagiu ao rapto da filha de Don Fabio Ochoa Restrepo, grande criador de cavalos e chefe de uma família criminosa que entrou para o alto escalão do cartel de Medellín, e criou um grupo denominado MAS — Muerte a Secuestradores — de acordo com o seu gosto vulgar. O homem mais poderoso da Colômbia gritava as suas ameaças, entupia os vingadores de armas e dinheiro. O filho de um imigrante não mandou outros em seu lugar, partiu em silêncio para fazer justiça. Agora, o exemplo a ser imitado não é mais o da sua empresa agrícola, mas o dele mesmo. Os militares de Montería obtiveram as licenças para transformar a sua propriedade em um fortim armado e forneceram homens para a sua



escolta. Arrebatados, passam a chamá-lo de *cacique*, pois é isso que ele é agora, um chefe reconhecido pela comunidade. Há um homem em especial que se une a Salvatore como um irmão: o major Fratini, vice-comandante do batalhão que o havia socorrido na sua primeira desforra contra os guerrilheiros. Compartilham a origem italiana e o interesse por fuzis e bons vinhos.

Juntos, armam um plano militar. Em um mapa, fracionam a região, atribuindo a cada área tarefas de vigilância e patrulhamento. Os agricultores se mantêm em contato via rádio de maneira a assinalar qualquer presença suspeita e a se deslocar sempre escoltados por militares. A experiência de autodefesa engrena, o prestígio de Mancuso continua a crescer.

Todavia, Salvatore nunca perde de vista o objetivo de tudo isso. Leva o próprio trabalho para casa todas as noites na própria pele. E justamente em uma dessas noites recebe a má notícia: o major Fratini, empenhado em defender um grupo de *contras* sob ataque, a bordo de um helicóptero, foi abatido e raptado pelo EPL, Exército Popular de Libertação, uma das tantas siglas que identificam os grupos da guerrilha colombiana. No dia seguinte é encontrado: foi torturado até a morte. Imagens que não podem ser esquecidas. Imagens que aprofundam o sulco no qual Salvatore Mancuso se meteu.

A garota louríssima que agora é destaque também nas embalagens de sabonetes e nos cadernos de escola usados em toda a Colômbia tornou-se, em sua cidade natal, mais do que nunca, uma presença amiga que proporciona leveza e conforto. Para o resto do mundo, Medellín perdeu o único personagem que a tornava conhecida, Pablo Escobar, mas, para os seus habitantes, a estrela constante de Natalia certifica a continuidade das coisas bonitas e boas, atenuando a ansiedade que o fim do chefe da Colômbia criou. Sim, porque se de um lado pode existir alívio, do outro existe medo. Medo do vazio. Não do vazio em si, mas de quantas pessoas se apresentarão para preenchê-lo. Pablo Escobar foi assassinado no mesmo ano

em que o major Fratini, o amigo fraterno do Macaco. Agora que o rei está morto, todos os que foram seus inimigos podem ganhar espaço. Avançam os guerrilheiros, Cali ganha corpo, enche o peito a organização paramilitar que o cartel rival havia subvencionado para tirar Pablo de jogo, e que semeou o terror sobretudo em seu feudo de origem: Los Pepes, acrônimo de Perseguidos por Pablo Escobar, nome que parece uma resposta sarcástica ao grupo chamado Morte aos Sequestradores. O que vão fazer agora aqueles homens treinados e equipados para o massacre? Vão embora? Vão querer administrar uma parte do território? A única coisa certa é que não é possível esperar que se dissolvam. Os exércitos irregulares não se desmantelam sozinhos.

Essa preocupação é compartilhada pelo governo. Não existe mais o grande antagonista do Estado, mas os focos de conflito estão aumentando e isso é ruim. Ruim para os colombianos, naturalmente, mas também para uma liderança que gostaria de melhorar a própria imagem graças ao fim do herói negativo mais renomado. Porém, pode ressurgir o perigo de uma guerra civil, e das piores. Os presidentes que se sucedem têm consciência dos limites do próprio poder. Não podem fazer mais do que tentar promover um equilíbrio das forças que se furtam ao seu monopólio. Precisam dos recursos dos contrarrevolucionários para combater os sucessos da guerrilha, mas ao mesmo tempo os grupos paramilitares deveriam ser de alguma maneira refreados. No modelo inaugurado por Salvatore Mancuso e, a essa altura, seguido por um número crescente de *hacenderos*, eles acham que finalmente divisam a direção certa. É necessário dar mais um passo na legalização da autodefesa de maneira que também as formações nascidas como braços armados dos cartéis, as mais ferozes e bem equipadas, possam ter algum interesse em participar do projeto. Assim, em 1994, é publicado um decreto que regulamenta a vigilância e a segurança privada e a sua colaboração com o Exército, permitindo a utilização de armas de propriedade exclusiva dos militares também por parte dos grupos que agora se chamam Convivir, que significa Cooperativas de Vigilância e Segurança

Privada. Mancuso é o chefe da Convivir Horizonte e ampliou o quadro de pessoal original com uma dezena de homens armados com revólveres, fuzis e metralhadoras.

Agora que tem todo o direito, ele quer demonstrar o próprio valor e vingar o amigo que o iniciou no ofício das armas. Com um batalhão do Exército, caminha durante trinta dias na floresta comendo enlatados para evitar fogueiras que poderiam alertar os inimigos. No trecho da cordilheira que separa Córdoba da língua setentrional de Antioquia se deparam com uma montanha. As paredes íngremes assustam e muitos dão meia-volta. Incentivados pelo Macaco, porém, chegam ao topo em uma formação suficiente para entrar de surpresa na fortaleza das Farc naquela região. eclode um combate com armas de fogo, Salvatore e seus homens sobrevivem.

No mesmo território de Mancuso atua um exército privado que, com a lei dos Convivir, adotou um novo nome, Autodefensas Campesinas de Córdoba y Urabá, para poder oferecer legalmente proteção armada aos agricultores e criadores de animais. Pertence aos irmãos Castaño, que têm nas costas um longo histórico de ódio implacável contra a guerrilha. São ricos de berço, mas foi exatamente isso que marcou suas vidas — serem filhos de Don Jesús, um criador de animais muito estimado como político e tão convencido do direito de comandar dos proprietários de terras a ponto de ter sido um dos primeiros que as Farc foram pegar em sua *finca* para dar uma lição. Parece que se passaram séculos em uma espera infinita desde aquele dia, treze anos antes, quando eles souberam que, apesar do resgate, o pai nunca mais voltaria para casa. O buraco negro de suas existências. Desde então estão em guerra, uma guerra que não pode por princípio fazer prisioneiros. Combateram sozinhos, pagando uma centena de homens prontos a tudo. Os irmãos os mandaram para a região em que Don Jesús era mantido como refém e ordenaram que massacrassem, empalhassem, destroçassem todos os seres humanos encontrados nos arredores para que os comparsas dos

infames entendessem a lição. Fizeram uma aliança com Escobar, deixando que Carlos, o mais jovem dos irmãos Castaño, se unisse a Muerte a Secuestradores, saindo de lá como um homem feito ao qual nenhum método de guerra suja era estranho.

Mas depois romperam com Don Pablo, que na sua paranoia megalomaniaca mandou matar alguns dos amigos deles. Entendendo que ele também queria matá-los, aceitaram o convite dos irmãos Rodriguez Orjuela de Cali e fundaram Los Pepes. Forneceram a matilha na batida de caça contra o ex-aliado, massacraram os seus sócios e parentes. E agora quase voltaram ao ponto de partida: uma formação antiguerrilha maior e mais rica do que as outras.

Na última década, os irmãos Castaño enriqueceram ainda mais. Os barões da coca pagaram muito bem. Além disso, os barões da coca amam recompensar os seus capangas fazendo com que participem dos negócios. Sustentar uma guerra permanente custa caro. As Farc e todos os outros malditos comunistas já os teriam triturado, aniquilado todos os seus apoios, se os guerrilheiros não financiassem a sua insurreição anticapitalista com o dinheiro do pó. Mas os subversivos se tornaram mais despudorados, mais fortes do que antes. Na guerra vigora o princípio de que é necessário enfrentar o inimigo com armas iguais. Quem trafica manda.

Quando os irmãos Castaño propõem a Salvatore que unam as suas forças, ele demora a responder. Preferiria seguir em frente como fez até agora, talvez porque conheça as antigas ligações dos Castaño com o narcotráfico. Mas, um dia, na estrada entre Montería e a sua propriedade, ao voltar para casa com a esposa, Gianluigi e seu segundo filho de apenas dois anos, Salvatore se depara com uma obstrução no caminho: uma emboscada das Farc, uma tentativa de sequestro. Esconde a agitação para não assustar ainda mais as crianças, mas, alguns dias mais tarde, diz a Martha que não pode continuar sozinho. Aceita fundir o seu grupo com a organização dos Castaño. E, por fim, quando chega o primeiro mandado de prisão por homicídio, abandona para sempre a *finca* Campamento. A partir daquele

dia, em 1996, não é mais Salvatore Mancuso. Apenas El Mono, o Macaco, El Cacique, Santander Lozada, Triple Zero e qualquer outro nome de batalha adotado. Não é mais um cultivador de arroz e um criador de cavalos, mas um senhor da guerra clandestino.

Quando, com aproximadamente trinta anos, o Macaco está realizando a terceira escolha determinante da sua vida, a bela Natalia tem pouco mais de vinte anos. A mãe sempre repete para si mesma que a filha ainda parece uma menina toda vez que vai acordá-la para mandá-la para a escola ou acompanhá-la a um compromisso matutino e a vê levantar da cama cheia de bichos de pelúcia com a cara amarrada por causa do cansaço, metida em seu pijama de malha fina. Porque, como para todas as mães, ela será sempre a sua menina. Mas também porque a natureza foi generosa com Natalia, transmitindo-lhe os seus genes, dando-lhe um corpo que resiste ao tempo. Uma menina despreocupada. Ingênua e alegre. E isso porque ela, Lucia Gaviria, soube proteger das garras do tempo a outra natureza da sua filha, aquela interior. O dinheiro ganho trouxe ainda mais despreocupação, como é justo que seja, mas como não é garantido que aconteça. Ao lado da horda de bichos de pelúcia surgiu um armário repleto de sapatos e roupas. Cremes. Perfumes. Algumas joias. Nada mais.

Natalia Paris já se acostumou a ser uma estrela assim que põe os pés fora de casa. Já se acostumou a ver pelas ruas da Colômbia garotas que parecem um exército de clones. Já se acostumou aos flashes dos paparazzi atrás de cada esquina, a rejeitar as investidas dos homens com um “não” suave e firme ao mesmo tempo. Nenhum dos rapazes que namorou jamais a fez perder um compromisso sequer, e muito menos a cabeça.

Lucia Gaviria começa a aplacar um pouco a própria agitação. Agora, em Medellín, respira-se melhor do que alguns anos atrás. Ela não precisa mais ir a um funeral porque a filha da sua melhor amiga foi eviscerada por um carro-bomba e, depois, não fica mais sem coragem de ligar para a mesma amiga por algum tempo porque, afinal de contas, a sua própria filha ainda está viva. E Natalia não pede mais para ir à discoteca com os amigos da

escola e volta para casa contando que, enquanto estavam na pista de dança, começou um tiroteio. Assustada, claro, mas já não tanto. Quando você cresce em determinados lugares, acaba por se adaptar de alguma maneira à realidade que está à sua volta. Doña Lucia percebe que as redomas de vidro são de uma fragilidade patética.

Mas também se passaram os primeiros tempos, quando o sucesso repentino ameaçava destruir o equilíbrio precário de uma adolescente. No fundo, foi a própria celebridade que ajudou Natalia. Uma estrela goza de menos liberdade de movimento do que uma pessoa comum. Para conduzir uma vida sustentável, ela começa a frequentar sempre os mesmos lugares, nos quais, pelo menos em boa parte, as outras pessoas aprendem a fingir que não a estão notando ou a tratá-la normalmente.

Assim, na vigilância de Lucia Gaviria insinua-se um ponto de sombra. A academia de ginástica. Para Natalia, manter-se em plena forma faz parte dos requisitos profissionais; além disso, ela adora atividades físicas. Frequenta sobretudo aulas femininas, aeróbica e danças latino-americanas que substituem as noitadas nas discotecas, uma exposição que se tornou extenuante demais. Agora, gostaria de tentar aprender a mergulhar. A academia oferece um curso de uma semana em Santa Marta, a famosa cidade turística no mar do Caribe. Os peixes tropicais não assustam Doña Lucia, nem mesmo o respirador e os cilindros. Os tubarões no mar são muito menos perigosos do que os tubarões em terra.

Ver Natalia tirando a máscara e as nadadeiras e, com um gesto decidido, despindo a roupa de mergulho deve ser uma experiência quase mística. No entanto, ela não percebe a maneira como todos a olham. No grupo está um homem que, desde a primeira saída, lhe causa o mesmo efeito. Ele tirou o equipamento, arrumou-o e mergulhou da borda do bote. Ela gostaria de ir atrás dele, mas não ousa. Espera que ele dê o primeiro passo, dando-lhe um sinal mínimo, algumas frases, um pedido de socorro. Ele já é um mergulhador tarimbado, aliás, tem a carteirinha de instrutor. Tirou-a na Califórnia, onde morou a trabalho. O curso organizado pela academia de

ginástica era apenas uma oportunidade para retomar a prática do esporte predileto.

É o que ele conta algumas noites mais tarde quando a leva para jantar em um bistrô romântico. Medellín não é como Los Angeles, onde, se você quer recarregar as baterias, pode desafiar as ondas em cima de uma prancha de surfe, correr na praia, nadar até o horizonte e voltar.

“Tenho uma ligação com a minha cidade e a minha família, mas isso me faz falta — o oceano, a vida ao ar livre.”

Natalia já está muito apaixonada. Mas agora está convencida de que Julio é o homem mais maravilhoso que poderia ter conhecido. Não se sente nem um pouco constrangida de ficar grudada nele no barco e de beijá-lo e se enroscar em seu corpo no meio da água. O amor é um triunfo da vida que deve ser ostentado.

Lucia, de início, pensa simplesmente que as férias fizeram bem à filha. Logo, porém, intui que aquela felicidade irreprimível não pode ser o mero efeito benéfico do sol do Caribe. Aí tem romance, mas deve ser uma paixão um pouco especial porque a filha, estranhamente, não fala a respeito. Tem um acesso de ansiedade e o descarta imediatamente. Natalia sempre foi impulsiva, entusiasmada. É leonina, signo ao qual se atribui paixão, mas o fogo, mais cedo ou mais tarde, acaba por se consumir. É melhor esperar, confiar nela. Lucia acha que conhece suficientemente a filha para saber que será ela a tocar primeiro no assunto.

De fato, pouco tempo se passa e Natalia não consegue mais se conter. Quando fala de Julio, de como ele é bonito, esportivo, atencioso e elegante, seu rosto se ilumina de tal maneira que a mãe precisa tomar fôlego antes de começar a fazer algumas perguntas. Fica realmente triste de arrancá-la da nuvem em que está velejando.

“Quantos anos ele tem?”

“Não sei. Trinta, 35...”

“Tem certeza de que não é casado?”

“Mamãe, o que você está dizendo! Ele morava em Los Angeles e acho que voltou pra ajudar a família.”

“E o que exatamente ele estava fazendo em Los Angeles?”

“Não perguntei.”

“Então, você não sabe exatamente o que o seu Julio faz da vida?”

“Sei lá, negócios de algum tipo. Ele é rico, de família rica. Tem uma casa linda e outros imóveis, talvez um hotel, uma propriedade no campo.”

“Talvez. Mas você não sabe como ele enriqueceu. Ou como a família dele enriqueceu.”

“Não, mamãe, e não me interessa! Você não pode pensar sempre assim, tudo calculado, tudo racional. Isso não tem importância alguma quando você ama alguém!”

Começa a chorar e corre para se trancar no quarto. Lucia Gaviria fica sentada na cadeira da cozinha, aniquilada. Tem uma sensação horrível, fica sem fôlego. Pega um copo d'água que a ajuda a se acalmar e se dedica aos estúpidos afazeres domésticos ainda a serem executados.

A única pergunta que ousa fazer no dia seguinte diz respeito ao sobrenome do escolhido. Tenta se mostrar desenvolta, mas sabe que Natalia não vai cair nessa. Com aquela informação de registro civil, encaminha-se como toda manhã para o tribunal. Está indo ao encontro do seu drama.

Julio César Correa. É um traficante. Ganhou experiência como capanga ao lado de Pablo Escobar. A função transparece no apelido: Fierro. Julio Fierro. Em toda a América hispânica, o “ferro” designa armas de fogo. Nos novos tempos, ele soube construir a independência do matador profissional e começou a participar diretamente do business da cocaína, tornando-se um *traqueto*, um traficante. Sabe-se lá se foi por causa da morte de Don Pablo que ele foi mudar de ares nos Estados Unidos, fica pensando Doña Lucia. Mas agora voltou. Voltou em tempo para fazer com que Natalia, que não quer dar ouvidos à razão, perca a cabeça. Ela confessou que na cidade Julio circula armado, mas em seguida logo gritou:

“Que mal tem isso? Todo mundo faz a mesma coisa!”



Já fala com a mãe só aos berros.

Lucia impôs regras taxativas, horários rigidíssimos para que a filha volte para casa, muito mais restritivos do que quando ela era menor de idade. Mas, quando está sozinha a esperá-la, fica remoendo a própria culpa. Por que ela achou que os tubarões no mar são menos perigosos do que os tubarões em terra? Por que a deixou participar daquele maldito curso de mergulho?

Anos se passam. A mãe de Natalia está esgotada por causa da guerra que está travando em vão. Tem crises de choro cada vez mais frequentes, que apenas em parte são uma forma de fazer chantagem emocional com a filha. Julio procurou todas as ocasiões para acalmá-la, para garantir que estava muito apaixonado, para jurar que sempre terá o máximo respeito por Natalia e seus entes queridos. É verdade que ele parece ser um homem sincero e educado, muito diferente dos *traquetos* horrorosos e vulgares com os quais ela cruza ocasionalmente no tribunal. Mas Doña Lucia sempre manteve uma cortesia glacial. Ela precisa resistir, precisa romper aquele vínculo.

Todavia, sua filha continua tão louca por ele quanto no primeiro dia. E tudo o que Doña Lucia faz — as crises de choro, as ameaças, as brigas furiosas — só resulta em afastamento. Aproximando-a ainda mais de Julio.

Uma manhã, Natalia aparece com uma cara assustadoramente séria, os olhos inchados e avermelhados. Está numa fase ainda mais nervosa, dorme mal. Não abre a boca até que entra na cozinha o padrasto, o companheiro de Doña Lucia, que a criou como pai desde criança:

“Natalia quer dizer uma coisa a você.”

“Estou grávida, mamãe. De quatro meses.”

É uma catástrofe e Lucia Gaviria é a última a saber na família. Durante uma semana, não lhe dirige a palavra.

Mas não pode se comportar assim. Percebe claramente que, pela primeira vez em todos aqueles anos, Natalia também está assustada. Deixou de viver no reino dos contos de fadas. Não existem fadas em Medellín e ela não pode

deixá-la sozinha agora. Assim, um dia vai comprar para a filha um par de tênis, calçados que a manterão confortável nos meses a seguir, quando a criança na barriga começará a pesar. Deixa a caixa sobre a cama com um bilhete: “Que Deus a abençoe”. As duas choram naquela noite. Natalia no seu quarto, a mãe na sala. Mas a porta é fina demais para que elas não se escutem.

Natalia tem um contrato para a nova campanha da Cristal Oro e as filmagens estão marcadas para quando ela estiver no sétimo mês. Caberá a Lucia Gaviria rescindi-lo? Sob qual pretexto?

Com Julio, está furiosa como nunca, embora ele faça tudo o que se espera de um homem colombiano. Diz que quer se casar com Natalia, que esperar um filho dela é a coisa mais bonita que aconteceu na sua vida e que, no final, tudo vai ficar bem. Sua filha segue-o de perto como pode. No entanto, a partir de certo momento, a felicidade de Natalia não parece mais o avesso do medo. Volta a dormir melhor, seu aspecto aos poucos se torna mais radiante. Doña Lucia atribui tudo isso às mudanças hormonais da gravidez, até ir falar com ela novamente.

“Está tudo resolvido, mamãe. Em breve vamos para os Estados Unidos começar uma nova vida!”

Uma nova vida? Nos Estados Unidos?

Os States são o espectro de todos os traficantes, tanto que o lema dos narcos colombianos nos anos 1980 era: “Melhor um túmulo na Colômbia do que uma prisão nos Estados Unidos”. Além disso, pressionado justamente pelos Estados Unidos, em 1997 o Estado colombiano alterou a própria Constituição para reestabelecer a extradição. Sua filha às vezes é tão ingênua que parece tonta.

Mas tudo o que Natalia disse se revela verdadeiro.

Menos de um mês depois, ela vai para a Flórida. Não precisou fazer nada além das malas. Julio pensou em todo o resto: a mansão na praia, os vistos, os outros trâmites de entrada para quem quer se estabelecer no país. Ou melhor, quem cuidou em grande parte de tudo isso foram os seus novos

contatos ianques, que não são importadores de pó branco. Mas os seus antagonistas por excelência: a DEA de Miami.

Julio César Correa é um dos primeiros narcos colombianos a concluir uma tratativa que oficialmente nunca existiu. Exatamente por seu caso representar um início que pretende ser um exemplo incentivador, também será um dos mais afortunados: nenhum dia na prisão, nenhum processo pendente por ter inundado as ruas norte-americanas de pó. Em troca de alguns milhões de narcodólares a serem devolvidos aos cofres dos Estados Unidos e, sobretudo, de informações preciosas.

A empreitada na qual a DEA de Miami embarcou parece a ação de uma pessoa ensandecida. O pesadelo nascido da mente de algum conspirador que vê por toda parte em ação as forças do mal e da corrupção. Um plano ao qual nenhuma pessoa equilibrada daria crédito. A “polícia do mundo” não pode conceder anulações ou reduções de penas estratosféricas para quem praticou crimes gravíssimos que dizem respeito à sua jurisdição.

Mas o primeiro problema dos agentes em Miami é exatamente esse. Atrair um narco e apresentar-lhe a proposta é um risco insustentável. Eles mesmos seriam os primeiros a pensar em uma cilada. O contato enviado na frente talvez nunca pudesse voltar para casa. O escritório da DEA precisa de um intermediário mais sofisticado.

Baruch Vega é um fotógrafo de moda colombiano que vive em Miami. Trabalhou para Armani, Gucci, Valentino, Chanel, Hermès, todas as maiores *maisons* de moda e marcas de cosméticos. Segundo dos onze filhos de um trompetista de Bogotá que se mudou para um planalto no meio das montanhas no nordeste da Colômbia, em Bucaramanga, venceu aos quinze anos um concurso da Kodak. Imortalizou um pássaro que emergia de um lago com um peixe ainda inteiro no bico. Os pais, todavia, impõem que ele estude engenharia. Na Universidade de Santander, alguém o arregimenta para a CIA e ele é enviado ao Chile: o governo de Salvador Allende deve cair.

Baruch Vega detesta aquele trabalho. Para escapar, resgata o seu talento fotográfico. Chega a Nova York nos anos 1970, fotografa as principais top

models, como Lauren Hutton e Christie Brinkley. Consegue obter o que mais importa na sua terra: sucesso, dinheiro, mulheres. O fato de ter conquistado tudo isso nos Estados Unidos aumenta o seu prestígio. Toda vez que volta para a Colômbia, Vega chega com uma escolta de garotas dignas de capas de revistas. Esse é o seu cartão de visita. E é por isso que, ao longo da sua dupla carreira de fotógrafo e agente secreto, Baruch Vega conheceu de perto muitos dos chefões dos cartéis colombianos e se viu frequentando as casas dos narcos do porte dos irmãos Ochoa, sócios de Escobar no cartel de Medellín.

O primeiro encontro com Julio Fierro acontece em um hotel em Cartagena, justamente durante os dias da eleição da Miss Colômbia. Vega faz a sua parte. Diz que conhece agentes da DEA com os quais é possível chegar a um acordo. É só pagar: a disponibilidade dos policiais gringos e mais uma porcentagem pelo seu serviço.

Nada é crível para um narco se não for pago. Quanto mais alto é o preço, mais segurança dá. Baruch Vega é a melhor garantia posta sobre a mesa de negociações. O que quer um homem que consegue ganhar dinheiro com um trabalho digno de inveja? Mais dinheiro. Um homem que arrisca a vida para ter mais dinheiro é um homem que merece respeito. Respeito e confiança. Como prova da sua confiabilidade, Vega organiza viagens a Miami com o seu “avião particular”, que depois resultará ter sido pago pela DEA. A presença a bordo de um agente antidrogas garante que haverá no aeroporto outros policiais amigos prontos para acompanhar os narcos — muitos no topo da lista dos procurados — através dos controles sem inspeções. Um passeio para levar suas mulheres ao restaurante mais em voga, enchê-las de presentes e depois voltar para casa. Assim, da próxima vez, o adeus à Colômbia e ao narcotráfico deveria se tornar definitivo.

O marido de Natalia se mostrou muito útil para a realização de um salto qualitativo na iniciativa de Vega e dos seus companheiros da DEA. Organizam no Panamá o primeiro de muitos grandes encontros entre traficantes e agentes antidrogas. Uma espécie de cúpula ou “Convention”. De

fato, é exatamente assim que os chamam. Julio Fierro chega da Flórida ao lado de Baruch Vega e dos homens da DEA. O fotógrafo organizou todos os detalhes. Encheu o avião com as beldades de sempre, reservou as suítes do Hotel Intercontinental, até tomou providências para que aquele dia difícil terminasse em lazer no local certo, com agentes e narcos esvaziando garrafas de champanhe entre mulheres disponíveis.

Mas o prato principal está nas mãos de Julio. Ele saca um passaporte colombiano e o faz circular entre os ex-rivais e aliados. Os gringos lhe forneceram uma nova identidade e o visto regular. Graças aos Estados Unidos, Julio Fierro agora é um homem que não deve mais esperar um túmulo na Colômbia. A reação em cadeia que provocará aquele gesto representa um ponto importante da história colombiana recente. Para a história de Natalia, porém, o evento central é outro: Mariana, nascida em Miami, cidadã americana.

A história romanesca das negociações entre a DEA e os traficantes é na verdade menos incrível do que parece à primeira vista. Na Colômbia, a situação está complicadíssima. O governo está deslegitimado como nunca, incapaz de ter algum peso no país e de representá-lo no exterior. Sob alguns aspectos, os Estados Unidos podem se aproveitar de tal fraqueza. Durante o último ano de governo do presidente Ernesto Samper Pizano, processado por ter sido eleito graças ao apoio do cartel de Cali, é alterado o artigo 35 da Constituição, que reestabelece a tão esperada — ou temida — extradição. O presidente colombiano sabe que não tem mais nada a perder.

Por enquanto, os Estados Unidos não podem obter mais nada pelas vias oficiais. Os encontros “por debaixo dos panos” promovidos pela DEA de Miami não revelam o seu sentido se considerados fora do contexto: ou seja, junto com a nova situação jurídica. A ameaça concreta da extradição sem nenhum desconto torna repentinamente apetecível a alternativa de quase impunidade oferecida em troca de colaboração e restituição de grandes somas de dinheiro ilícito. Corroer por dentro as organizações do narcotráfico, preparar os golpes decisivos com as informações obtidas,

fomentar um clima de desconfiança que acarrete cansativas disputas internas: é esse o objetivo. Giovanni Falcone já havia indicado que os criminosos arrependidos representam a arma mais temível nas mãos da Justiça para sobrepujar as máfias. Mas na Itália, mesmo com notável resistência, foi possível regulamentar severamente a gestão dos colaboradores da Justiça. Para os Estados Unidos, os problemas são vários: uma ampla cultura *law & order*, a soberania internacional que não pode ser abertamente comprometida, o próprio fato de abordar cidadãos não americanos. E, por fim, a urgência de fazer alguma coisa contra o poder da cocaína, que, apesar do desmembramento dos dinossauros colombianos do narcotráfico, só faz crescer. Fazem parte do alvo da DEA todos os expoentes do verdadeiro poder: chefões ainda com domínio nos velhos cartéis, integrantes do alto escalão dos cartéis em ascensão, traficantes prontos para o que der e vier, como Julio Fierro. Mas também os homens das Autodefensas dos irmãos Castaño e Mancuso, que estão se revelando uma ameaça cada vez mais temível.

Depois da queda do cartel de Cali, os paramilitares tiveram um aumento dos pedidos para fornecer serviços de proteção aos grupos emergentes como o cartel de Norte del Valle. Mas o seu envolvimento com o narcotráfico está atingindo uma autonomia sistemática que acompanha o ritmo do domínio territorial. Já gerenciam todas as etapas da cadeia de produção: do controle dos cultivos às rotas de transporte e às negociações com os compradores. Metade dos *cocaleros* do departamento de Córdoba está submetida a eles e a outra metade, aos guerrilheiros de esquerda. Agora estão organizados para enfrentá-los com a força de um exército contraposto a outro. Em 1977, os grupos de autodefesa se confederaram dando vida às AUC, Autodefensas Unidas de Colombia, capitaneadas por Carlos Castaño. El Mono é cofundador da organização e comandará a maior formação militar das AUC, o Bloque Catatumbo, que chegará a ter 4500 homens.

O conflito está se tornando cada vez menos um embate ideológico e cada vez mais uma guerra total de conquista. Eliminados os vernizes de

nacionalismo de extrema direita e de marxismo revolucionário, o que está acontecendo na Colômbia prefigura a atual barbárie pós-moderna mexicana. As AUC são “pais nobres” da Família Michoacana e dos Cavaleiros Templários. Cada vez com mais frequência, atacam os vilarejos situados nas regiões controladas pela guerrilha e exterminam os seus habitantes. Usam instrumentos primitivos como facões e motosserras para desmembrar e decapitar os camponeses, mas planejam as operações com o cálculo frio dos militares, aproximando-se do local da ação em aviões militares utilizados para atravessar centenas de quilômetros, prontos para partir novamente uma vez terminado o massacre.

Tudo isso não é mais tolerável. A opinião pública começa a não aceitar mais as legitimações dos massacres que repetem o coro do apoio à guerrilha. A estratégia do equilíbrio de forças opostas se revelou um desastre: pouco mais de seis meses depois da fundação das AUC, o Tribunal Constitucional Colombiano declara ilegítima a parte do decreto que havia regulamentado as cooperativas de vigilância e segurança privada. Os grupos paramilitares deveriam entregar as armas militares concedidas e comprometer-se a respeitar os direitos humanos.

Mas já é tarde demais. Sob o comando de Carlos Castaño estão mais de 30 mil homens, e a receita obtida com o tráfico de cocaína é mais do que suficiente para abastecê-los de todo tipo de meio bélico. O fato de terem sido declarados “fora da lei” só serve para aumentar a sua ferocidade. Nos velhos westerns hollywoodianos, o herói com o revólver nunca se transforma no *outlaw* mais impiedoso. Na pátria do pó, porém, aconteceram coisas muito piores. El Mono se transformou em um dos principais estrategistas do horror.

El Aro é um vilarejo minúsculo de sessenta casas que mais parecem cabanas, com tetos de zinco e portas podres. Em comparação com seus concidadãos, Marco Aurelio Areiza, que possui duas lojas de produtos alimentares, é um homem rico. Mas como o vilarejo se encontra em um território controlado pelas Farc, é também um homem que arrisca a vida

todos os dias. Marco Aurelio nunca negou que vendia comida aos guerrilheiros. Seria considerado louco se afirmasse o contrário: quem sonharia em dizer “não” a homens armados que saem da floresta? Nas terras martirizadas da Colômbia, a regra não escrita é colaborar com quem empunha uma arma, a despeito do uniforme trajado. De fato, Marco Aurelio também colabora com o exército de Salvatore Mancuso, que o acusa de apoiar os guerrilheiros. É um interrogatório falso porque o vilarejo e seus habitantes foram condenados à morte dias antes. El Aro é um posto avançado a ser conquistado como cabeça de ponte para penetrar nas zonas de controle das Farc. O seu destino também deve ser uma advertência para todos os outros vilarejos.

Os 150 homens do Bloque Catatumbo de Mancuso torturam e matam dezessete pessoas, queimam 43 casas, roubam 1200 reses, obrigam 702 habitantes a deixar suas casas. Marco Aurelio é torturado e o seu corpo, dilacerado. Quando a polícia chega a El Aro, encontra Rosa María Posada, a mulher de Marco Aurelio, que vela o marido. E não quer que os filhos vejam o seu corpo martirizado.

Todos estão convencidos de que na Colômbia está acontecendo uma mudança drástica. Está se iniciando uma campanha eleitoral que reaviva a esperança dentro do país e também na Casa Branca. Há um candidato que ostenta em seu currículo tanto a derrota nas eleições anteriores por um punhado de votos comprados pelo cartel de Cali quanto o fato de ter milagrosamente escapado vivo de um sequestro no final dos anos 1980, quando se candidatou a prefeito de Bogotá, cargo que, em seguida, desempenhou após a sua libertação. O político malquisto dos barões da droga parece ser o homem certo para guiar o país.

Andrés Pastrana promete um processo de pacificação e colaboração estreita com os Estados Unidos. Vence abrindo as portas à Grande Aliança para a Mudança e convida a dela participarem os parlamentares de todos os



partidos políticos. Finalmente, também na Colômbia é chegado o momento do otimismo e das grandes negociações.

O novo presidente, como prometido, negocia ao mesmo tempo com as Farc e com os Estados Unidos. O fato de isso não gerar a oposição imediata de Washington não se deve tanto à administração democrata de Clinton quanto talvez ao clima mundial, que está confiando ao máximo no êxito das tratativas. Negocia aquele que se sente forte, destinado a vencer a batalha do estado de direito. Nos ensanguentados territórios da Bósnia-Herzegovina são implementados os acordos assinados em 1995, em Dayton. O processo de paz entre Israel e Palestina está sendo retomado a pequenos passos, no caminho dos acordos traçados em Oslo. Mas o exemplo mais encorajador vem provavelmente do Reino Unido: os governos de lados opostos estão negociando com sucesso uma trégua permanente e o desarmamento do IRA. Na Irlanda do Norte, o fim do longuíssimo e dilacerante conflito já está próximo. “Paz” se tornou uma palavra que passa facilmente pelos lábios.

Porém, todos os ambiciosos planos que serão implementados na Colômbia se revelarão um fracasso parcial. Porque ali não mandam ilegalmente apenas homens com objetivos políticos contrários. Os homens podem ser postos de lado de várias maneiras. Mas, enquanto continuar a ser a mercadoria mais procurada, a cocaína dificilmente morrerá. A experiência de Pastrana de conceder aos guerrilheiros uma “zona de distensão” pouco menor do que o Estado do Rio de Janeiro se revela desde o início um risco mal ponderado. As Farc fazem o que querem no território concedido e, em troca, nem sonham em participar de negociações sérias: não dão nenhuma trégua, aliás, intensificam a militarização. Sequestros com finalidade extorsiva ou política, ataques nas cidades, controle do pó: tudo permanece como antes. A desilusão se abate sobre a popularidade do presidente. Quando, em 2002, os guerrilheiros sequestram um voo de carreira para raptar um senador, Pastrana entende que é chegado o momento de declarar as negociações de paz encerradas. Volta-se à guerra: a “zona de distensão” deve ser imediatamente reconquistada. Depois de três dias, as Farc raptam

Ingrid Betancourt. A candidata às iminentes eleições presidenciais pelo Partido Verde Oxígeno queria levar o seu programa aos colombianos daquela área, convencida de que nenhum conflito armado deveria privá-los de seus direitos fundamentais como cidadãos. No entanto, o seu cativeiro se estenderá por 2321 dias, até que em 2 de julho de 2008 as forças do Exército colombiano conseguem libertá-la.

Para o novo presidente Álvaro Uribe, a linha a seguir é a do punho de ferro. O Estado deve mostrar os músculos e reconquistar o país. O mundo, afinal de contas, não é mais aquele de antes. Em um único dia, junto com as Torres Gêmeas, desmoronou o otimismo. Agora, a única resposta possível parece ser a guerra. Na Colômbia, a “guerra ao terror” coincide com a guerra contra as drogas. Não existe vitória possível que não seja uma vitória sobre o narcotráfico.

Por isso, apesar da descontinuidade, há um aspecto central na atuação de Pastrana que será mantido por seu sucessor: o grande pacto estipulado com os Estados Unidos para debelar a produção e o comércio de cocaína. O Plano Colômbia. Pouco depois da sua eleição em 1998, Pastrana anunciou enfaticamente que estava negociando com os Estados Unidos um “Plano Marshall para a Colômbia”. Como no pós-guerra na Europa, bilhões de dólares deveriam chegar para renovar o país, ajudar os colombianos a libertá-lo da cocaína, apoiar os *campesinos* que tivessem aceitado a reconversão dos campos para cultivos legais muito menos rentáveis. Mas o plano efetivo, assinado em 2000 por Bill Clinton e depois reconfirmado por George W. Bush até o final do seu mandato, segue outra direção. Uma lenta e custosíssima transformação social e econômica logo parece utopia. Falta dinheiro, confiança, consenso. Falta tempo. É necessário mostrar logo os resultados para aprovar os novos financiamentos. Portanto, aposta-se quase tudo na opção mais imediata: a força.

O uso da força se traduz, em primeiro lugar, na guerra à cocaína. Só se poderá cantar vitória quando na Colômbia não crescer mais uma folha sequer de coca. Os cultivos devem ser erradicados, bombardeados até a

saturação com fumigações aéreas, esterilizados através do uso de herbicidas agressivos. Do ponto de vista ambiental, o preço é altíssimo. O ecossistema das florestas virgens é comprometido, o solo e os lençóis freáticos ficam repletos de venenos, a terra colombiana é queimada ou poluída, incapaz de, no curto prazo, gerar qualquer fruto que tenha valor. Do ponto de vista social, as consequências são igualmente graves. Sem alternativa, os camponeses abandonam em massa as regiões destruídas e começam a cultivar a coca em áreas do país cada vez mais inacessíveis. O fracionamento dos cultivos e a fragilidade dos *campesinos* deslocados favorecem o controle dos barões da droga. Além disso, os narcos investem em qualquer método que aumente a fertilidade dos campos, conseguindo até dobrar o número de colheitas anuais.

O resultado é que, depois de anos de política literalmente de terra arrasada, a produção colombiana ainda representa mais da metade de toda a coca consumida no mundo.

A outra parte da força prevista no Plano Colômbia está direcionada para os homens. Materializa-se em apoio militar para reforçar as ações do Exército colombiano contra os barões da droga e o narcoterrorismo. Logística, armas e equipamentos, envio de forças especiais, inteligência, treinamento. Na véspera do atentado às Torres Gêmeas, a Casa Branca incluiu as AUC na lista negra das organizações terroristas, mas isso não bastou para romper seu bom e antigo relacionamento com o aparato militar e com uma parte do establishment econômico e político. O presidente Uribe, que goza do respeito dos paramilitares, negociará uma desmobilização das Autodefensas, mas o sucesso só será aparente. Os muitos que não pretendem abrir mão nem das armas nem da coca continuarão o seu domínio de terror sob novas siglas.

Mesmo com a duríssima guerra contra a guerrilha, e tendo conseguido obter grandes desmobilizações e matado, um depois do outro, os principais líderes das Farc, Uribe não foi capaz de resolver o problema na raiz. As Farc hoje ainda contam com 9 mil integrantes, o ELN, com outros 3 mil, mas

sobretudo ainda controlam uma parte considerável da produção de cocaína, tendo se estabelecido cada vez mais maciçamente também no seu processamento. Se é verdade que o Plano Colômbia com a sua utilização de forças militares contribuiu para o enfraquecimento dos guerrilheiros, paradoxalmente, graças à fragmentação e ao deslocamento das plantações de coca, as Farc se reconfirmaram como um dos maiores atores do narcotráfico colombiano.

Por fim, se hoje a Colômbia não é mais o país perigosíssimo que era dez ou vinte anos atrás, esse resultado pode ser atribuído à política internacional antidroga na América do Sul apenas na medida em que estamos dispostos a aceitar que, também por seu intermédio, o conflito se deslocou para o norte, para o México, onde a violência aumenta e se torna infinitamente mais cruel.

Mas para entender mais de perto o que deu errado precisamos dar um passo atrás, até o período confuso da transição, o período dilacerado entre esperança e incertezas, o período em que os destinos do Macaco e da Bela acabam se cruzando.

Natalia vive feliz em Miami, cuida da filha recém-nascida e seu único desprazer é que a mãe sempre tenta convencê-la a deixar o marido. Interessa-se pouco pelo que Julio faz e pelos motivos que, vez por outra, o levam a viajar de uma hora para outra. Agora ele também está empenhado em controlar os peixes grandes do narcotráfico que estão vindo à tona para negociar a rendição com os Estados Unidos; especialmente desde que uma operação conjunta da DEA e da polícia colombiana resultou na maior batida policial desde os tempos do narcoestado. Cerca de trinta prisões, entre as quais a de Fabio Ochoa, integrante histórico e de destaque do cartel de Medellín que estava traficando cocaína com novos sócios. O nome Operation Millennium é muito revelador do valor exemplar que lhe foi atribuído, ainda mais porque a sua execução coincide com os últimos meses do milênio que está para acabar. Os Estados Unidos já estão projetados no futuro, na ratificação do Plano Colômbia. Respaldados pelo acordo sobre

extradição e pela colaboração do novo governo colombiano, decidem mandar um sinal que possa ser ouvido distintamente por todos: até pelos narcos mexicanos cuja periculosidade crescente a agência antidroga começa a compreender. De fato, a operação envolve também as autoridades mexicanas. Exatamente aí é dada a ordem de captura de Armando Valencia, vulgo “Maradona”, que, com Alejandro Bernal, um colombiano de Medellín que no passado tivera uma ligação quase fraterna com o “Senhor dos Céus” Amado Carrillo Fuentes, estava gerindo uma nova e importante aliança para a importação de cocaína.

O mal deve ser cortado pela raiz, ou seja, na Colômbia. Esse é o erro fundamental na base dos esforços americanos. Você pode extirpar uma planta, não um desejo de bem-estar que cria dependência e muito menos a avidez humana. A cocaína não é um produto da terra, mas dos homens.

Os Estados Unidos, porém, crenes de que a guerra contra a cocaína equivale à guerra contra os cartéis colombianos, alardeiam a vitória inicial. Fabio Ochoa é o grande troféu ostentado na primeira página, mas na mira da operação policial havia outros chefões. Escaparam da captura por um triz. Como é possível? O escritório da DEA que coordenou a Operation Millennium não está em contato com o grupo de Miami. Todavia, Baruch Vega é contatado para apurar se existem delatores que trabalham para os barões da droga. O onipresente fotógrafo marca um encontro no solo neutro de um país centro-americano com os seus novos informantes: um deles é Julio Fierro, o outro, um membro das AUC que traficava por conta de Carlos Castaño.

A política oficial do bastão se completa perfeitamente com a oficiosa da cenoura. Há uma fila de interessados em entender como funciona o que os agentes da DEA de Miami denominaram, com ironia burocrática, de Programa para a Reabilitação dos Narcotraficantes. Ao mesmo tempo, a certeza de que estão aumentando os traidores de grande calibre semeia discórdia entre os narcos, sobretudo no cartel de Norte del Valle e nas fileiras cerradas das Autodefensas.

Justamente no auge dessa febril agitação subterrânea, Natalia Paris recebe um convite fabuloso. Ofereceram-lhe para ser a madrinha de Colombiamoda, o mais importante evento de moda do seu país. Ela desfila usando um vestidinho branco que seria um vestido de noiva, se não tivesse preso na parte de trás um par de enormes asas de seda, e enverga entre os cabelos soltos uma coroa de flores. Natalia está com 28 anos, tem uma filha que ainda não sabe andar; porém, mais uma vez, parece uma menininha. O olhar vaga pela plateia como se quisesse abraçar o público da Colômbia que a recebeu de volta de maneira calorosa, mas os seus olhos cor de avelã procuram uma pessoa em especial. Julio havia prometido que a encontraria para não deixá-la sozinha sob os olhares desejosos dos outros homens. Os dois até tinham intenção de aproveitar a volta clandestina para realizar o batizado de Mariana. Mas Julio Correa, vulgo Fierro, desaparece.

Natalia passa meses na Procuradoria entre interrogatórios e tentativas de identificação do marido nas fotos dos cadáveres encontrados, às vezes montes de carne destrocada, que são colocadas sob os seus olhos. Em vão. A cada vez que não é ele, Natalia sente um momento de alívio, uma esperança absurda e martirizante. Já se sabe com certeza que ele foi sequestrado, mas ainda poderia estar vivo. É necessário continuar a ter esperança, rezar, abraçar a menina, afastar todos os pensamentos acerca do que o seu pai sofreu.

Os bens de Julio César Correa na Colômbia acabam sob sequestro. O visto americano de Natalia Paris é revogado. Os contratos publicitários são cancelados. É o fim, a repetição zombeteira de um destino. Sua mãe lhe avisara, ela sabia muito bem o que significava ficar sozinha com uma menina de oito meses. Doña Lucia tinha razão.

Exatamente nesse momento, Natalia descobre em si a integridade materna. Deve reagir, não pode se deixar abater. Pouco antes que o mundo desabasse sobre sua cabeça, ela lançou um creme bronzeador com o próprio nome. Viaja por todo o país para promovê-lo, dando autógrafos, fechando acordos para que o produto vá para as prateleiras dos supermercados. Com

esse primeiro passo, consegue se reerguer. Aos poucos, volta a ser o que ainda é hoje: um ícone da Colômbia e um dos sex symbols da América Latina. Mas a partir daquele momento transforma-se também em empresária de si mesma. Uma empresária que sabe que precisa gerir o tempo que avança. Fica furiosa se alguém a faz notar a própria idade e, quanto mais os anos passam, mais ela reduz a própria idade. O corpo é a sua empresa e não pode correr o risco da obsolescência.

O corpo de Julio Fierro nunca foi encontrado.

O mistério do seu desaparecimento fez surgir um mar de suposições sobre quem poderia tê-lo eliminado. As suspeitas recaíram especialmente sobre o cartel de Norte del Valle, que gozava de péssima fama e havia sido um dos principais alvos dos Estados Unidos, com os quais Fierro estava colaborando. Só muito recentemente a verdade sobre a morte de Julio Fierro parece ter vindo à tona. Uma verdade atroz, porque esclarece acontecimentos aterradores.

Segundo as revelações de diversos colaboradores das AUC, uma vez sabido que Fierro se encontrava na Colômbia, reuniram-se Carlos Castaño, El Mono e um chefe chamado Daniel Mejía, vulgo “Danielito”. No final do encontro, Castaño ordenou que o infame fosse pego na localidade próxima a Medellín onde estava se escondendo e levado de helicóptero para algum lugar no departamento de Córdoba. Ali foi torturado com várias finalidades, entre as quais a de ceder algumas de suas propriedades aos sequestradores. Quando Julio finalmente foi assassinado (segundo algumas pessoas, com uma motosserra e depois de ter sido levado de volta a Medellín), Danielito teve a tarefa de se ocupar do cadáver. Não foi uma escolha casual.

Daniel Mejía pertencia ao bloco militar daquela região, mas sobretudo havia sido encarregado de implementar a nova ideia das Autodefensas para ocultar eficazmente o número de homicídios imputáveis à organização. Apesar da perpetuação incansável de massacres, as AUC continuavam a desfrutar da reputação de autênticos patriotas colombianos, não simples

criminosos desprovidos de qualquer escrúpulo. O porta-voz da honra das Autodefensas era o comandante Carlos Castaño. Toda vez que alguém rotulava os seus homens de narcotraficantes, ele ficava furioso e respondia com desmentidos indignados. Obviamente, desmentia também todo o resto.

“Nós nunca matamos inocentes. Só temos raiva da guerrilha, e não das pessoas que têm ideias diferentes das nossas. Não usamos motosserras.”

Não se tratava apenas de hipocrisia cínica. Como costuma acontecer com as personalidades autoritárias, Carlos Castaño vivia em uma realidade apartada e manipulada a seu bel-prazer, e se esforçava para defendê-la de todos os dados que a contradiziam. A acusação que mais o irritava era a de ser conivente com o narcotráfico. Pode parecer estranho, pois os seus irmãos, praticamente desde sempre, “complementavam” a renda com a cocaína. Mas esse foi exatamente o alicerce do seu castelo de mentiras: a coca não era a finalidade, mas apenas um meio, a mesma justificativa adotada pela guerrilha, que em parte, porém, tinha bases mais críveis.

No entanto, a força cada vez maior da sua organização estava soprando como um vento impetuoso contra aquela construção fantasiosa. Em certas áreas ficava impossível distinguir entre narcos e paramilitares. A região de Medellín era uma delas. Daniel Mejía já era o braço direito do *boss* sanguinário Don Berna, que, tendo açambarcado os restos do império de Escobar, havia aderido às AUC por transparente conveniência. Danielito teria assumido a sua sucessão como chefe do novo cartel Oficina de Envigado. Juntos, matavam como em qualquer guerra da droga para submeter com o terror e eliminar a concorrência.

Da urgência para que essa situação não se tornasse evidente demais nasceu o novo projeto. Danielito começou a construir fornos crematórios. Neles queimavam-se até vinte cadáveres por semana. Segundo a declaração de alguns ex-soldados das AUC, Julio Fierro também foi incinerado em um desses fornos. Finalmente, por amarga ironia do destino, o próprio Daniel Mejía teve esse mesmo fim, assassinado pelo outro ex-paramilitar com o qual assumira o comando da Oficina de Envigado.



De qualquer maneira, é aproximadamente na época do sequestro e do homicídio do marido de Natalia Paris que Carlos Castaño começa a não conseguir mais controlar o seu desagrado. Sem nunca participar das reuniões organizadas por Baruch Vega, contatou o advogado de Miami envolvido nas negociações com a DEA, o mesmo que em seguida defenderia El Mono. Agora ele também tem uma mulher jovem e uma filha, nascida com uma doença genética raríssima. Só nos Estados Unidos conseguiriam tratá-la.

Todavia, Carlos Castaño ainda se sente comandante demais para decidir pôr a salvo a própria família sem vacilar. Em 10 de setembro de 2001, causou aos familiares a vergonha de ser tachado de chefe de uma organização terrorista por um país que sempre admirou muito. Terrorista e narcotraficante. Ele precisa eliminar aquela mancha insuportável: de si mesmo e das suas Autodefensas. Assim, no início de 2002, convoca uma centena de comandantes provenientes de todas as regiões do país. Prepara bem o discurso, conta com o seu prestígio e o seu poder carismático. Depois do que aconteceu em Nova York e Washington, os ianques nos caçarão como ratos. Não podemos mais nos dar ao luxo de cometer massacres. Não devemos mais nos envolver com o tráfico de cocaína. Só assim conseguiremos salvaguardar a sobrevivência e a honra da nossa organização.

O silêncio com que suas palavras são recebidas não provém de uma reação de aprovação tácita. O supremo comandante entende que muitos não têm intenção alguma de segui-lo em seu percurso. Um tapa que dói tanto a ponto de fazer com que ele deixe a direção das AUC. A essa altura, Carlos Castaño está como um jaguar ferido na selva colombiana. Dá patadas a torto e a direito, recorre à internet para denunciar com nome e sobrenome alguns dos seus ex-subordinados declarando-os “envolvidos irresponsavelmente nas atividades do narcotráfico” e acrescentando que “a penetração do narcotráfico em alguns grupos de autodefesa é insustentável e de conhecimento das agências de inteligência americanas e colombianas”.

Uma bala perdida, um perigo mortal.

Afirma que dali em diante quer cuidar da família, mas está mentindo. Ou, aliás, está dizendo apenas uma parte da verdade, visto que o grande Carlos Castaño não se rebaixa a dizer mentiras. O advogado de Miami vai encontrá-lo cada vez com mais frequência. Está negociando a rendição, a traição.

Em abril de 2004, Carlos Castaño desaparece. Circulam lendas sobre o destino no exterior no qual ele teria se refugiado para construir uma nova vida e suposições sobre quem poderia ter mais interesse em eliminá-lo. Somente dois anos e meio mais tarde, os seus restos mortais são encontrados no lugar mais banal. Ele estava sepultado no terreno da *finca* Las Tangas, onde ele e o irmão Fidel haviam criado o primeiro grupo paramilitar contrarrevolucionário. Foi daquela *finca* que tudo partiu e também foi ali que tudo terminou para Carlos Castaño. Foi o seu irmão Vicente a dar a ordem para a sua morte.

A saída de cena de Carlos Castaño favorece ainda mais a ascensão de El Mono. Ele não é apenas o vice-comandante das Autodefensas. É também o mais lúcido e capaz. Não parece nem um pouco nervoso por causa do pedido de extradição que o ameaça. Não se deixa contagiar pela raiva venenosa com a qual, já depois da renúncia ao comando, muitos outros chefes cuspiam em cima do nome de Carlos Castaño. É necessário raciocinar com a cabeça fria, pensar no conjunto da organização e dos seus homens. Isso significa não esconder de si mesmo os problemas, mas resolvê-los de outra maneira.

Será El Mono a iniciar a negociação com o governo de Uribe. Para estabelecer os contatos, manda como embaixador o bispo de Montería, o seu conselheiro espiritual que o conhece desde a infância. Em julho de 2003 é assinado o primeiro acordo. As AUC assumem o compromisso da desmobilização total, da cessação de todas as hostilidades e da colaboração nos inquéritos. O Estado colombiano oferece em troca grandes benefícios jurídicos. Muitas sentenças pendentes são suspensas, grande parte dos inquéritos sobre os desmobilizados é abandonada, ao passo que, para os

crimes como narcotráfico e violações dos direitos humanos, pelos quais há o risco de se passar o resto da vida na cadeia, as penas são reduzidas a poucos anos.

El Mono também é um ótimo assessor de imprensa. A poucos dias do acordo, dá uma entrevista à mais importante revista semanal da Colômbia — *Semana* —, explicando por que só agora as AUC aceitaram negociar: “Pela primeira vez, um governo tenta fortalecer a democracia e as instituições do Estado. Nós sempre reivindicamos a presença do Estado, a sua responsabilidade. Empunhamos um fuzil porque a responsabilidade dele faltou. Coube a nós substituí-lo, tomar o seu lugar nas várias regiões em que tivemos um controle territorial e agimos como autoridade de fato”.

Manipula com astúcia também o tema delicado do narcotráfico. Não tenta negar, mas repete que os seus homens só cobram a taxa de proteção da cocaína, como todos os outros. Na verdade, também nesse campo, representa um líder muito mais hábil e ambicioso. A origem italiana, tão malvista de início, revelou-se útil a Mancuso. É ele que conduz as negociações com os calabreses, os maiores e mais confiáveis compradores no mercado colombiano desde os tempos de Don Pablo Escobar.

Assim, no momento, tudo parece igual a antes. Aliás, melhor do que antes. Depois de anos de vida clandestina, Salvatore pode votar para Martha e os filhos, dos quais os menores não o reconhecem. Todavia, ele é que tem dificuldade em reconhecer Gianluigi: tornou-se um homem e está prestes a lhe dar um neto. Salvatore é até recebido no Parlamento, onde defende a causa histórica das Autodefensas trajando terno escuro e gravata vermelha com listras oblíquas brancas: um modelo de elegância italiana.

El Mono escolhe o seu território na fronteira com a Venezuela para realizar a sua rendição pessoal e a dos homens sob seu comando direto. Todos entregam as armas. É um momento de solene comoção que prepara o clima para o discurso:

“Com a alma inundada de humildade, peço perdão ao povo colombiano, peço perdão às nações do mundo, inclusive aos Estados Unidos da América,

se os ofendi com ações ou omissões. Peço perdão a cada mãe e a todos aqueles aos quais causamos dor. Assumo a minha responsabilidade pelo papel de líder que desempenhei, pelo que eu poderia ter feito melhor, pelo que poderia ter feito e não fiz, erros certamente causados pelas minhas limitações humanas e pela minha inexistente vocação para a guerra.”

Enfim, depois de quase dois anos, é acompanhado pela sua escolta até a delegacia de Montería para se entregar. Enquanto isso, o Tribunal Constitucional declarou inconstitucionais alguns benefícios legais que eram fruto das negociações com o governo, mas El Mono não tem medo da lei nem das prisões colombianas. Da penitenciária de segurança máxima de Itagüí, de fato, consegue comandar as suas tropas e administrar os negócios quase como Escobar em seus anos de reclusão.

As AUC, oficialmente extintas, estão se comportando como uma mancha de óleo em uma superfície d’água na qual é derramado meio copo de bicarbonato. Uma parte realmente se desagrega, o resto se recompõe isoladamente. Alguns chefes se entregam contando que vão se beneficiar das vantagens acordadas — entre eles não faltam meros narcotraficantes que se fazem passar por chefes militares. E, mesmo com eles comandando da prisão, do lado de fora os homens restantes se misturam em proporções variáveis: paramilitares e narcos órfãos dos grandes cartéis. Autodenominam-se Aguilas Negras, como o grupo capitaneado pelo fratricida Vicente Castaño, Oficina de Envigado, Ejército Revolucionário Popular Antiterrorista Colombiano (Erpac), Rastrojos, Urabeños, Paisas. Unem-se e dividem-se, conhecem um único agregador: a cocaína. Está nascendo a nova Colômbia, a feroz terra de Lilliput. A era de El Mono chega ao fim.

O réu Salvatore Mancuso Gómez se apresenta perfeitamente barbeado e em um terno risca de giz apropriado para um casamento ou uma reunião de negócios. Estamos em 15 de janeiro de 2007. Sentado ao lado do procurador, tendo à sua frente um microfone e um gravador, pega um

laptop, coloca-o sobre a mesa e o liga. Começa a ler. O tribunal é invadido por nomes, articulados um após o outro com distanciamento profissional. Quando termina é possível contar pelo menos trezentos nomes, recitados em rigorosa ordem cronológica. É a lista dos homicídios pelos quais assume pessoalmente a responsabilidade, como autor material ou mandante. Em relação a alguns, a Justiça colombiana já o havia absolvido.

O tribunal fica desconcertado. Por que ele fez aquilo?

Por que, depois de ter chegado ao fim da lista, passa aos massacres que ordenou ou ajudou a planejar?

La Granja, julho de 1996.

Pichilín, dezembro de 1996.

Mapiripán, julho de 1997.

El Aro, outubro de 1997.

La Gabarra, três incursões, maio-agosto de 1999.

El Salado, fevereiro de 2000.

Tibú, abril de 2000.

Em todas essas ações, declara o réu Mancuso Gómez, não estávamos sozinhos. Havia militares de alta patente que nos davam ajuda logística e pelotões inteiros de soldados. Havia expoentes políticos — como o senador Mario Uribe Escobar — que nunca deixaram de dar o próprio apoio.

Por que ele faz isso, logo ele, um homem com a sua inteligência, com os seus dons de comando? — perguntam a si mesmas muitas das pessoas citadas. Depois, ele é extraditado para os Estados Unidos, lance que atenua as reverberações da sua voz na Colômbia, mas que não serve para calá-la.

De agora em diante, não se salva ninguém.

O mundo das altas esferas colombianas fazia negócios e colaborava com os paramilitares. Procuradores, políticos, policiais, generais do Exército: alguns para obter uma fatia do ganho do mercado da cocaína, outros para garantir votos e apoio. E não é tudo. Segundo os testemunhos de Mancuso, as companhias petrolíferas, as indústrias de bebidas, as madeireiras, as empresas de transportes e as multinacionais de bananas tiveram relações

com as Autodefensas. Todas, sem exceção, pagavam altas somas de dinheiro aos paramilitares em troca de proteção e também para poder continuar a trabalhar naquelas regiões. Havia anos que as AUC estavam presentes em todos os pontos da cadeia de produção.

Mancuso fala na televisão, no programa *60 Minutes*, da rede CBS. Depois, apagam-se os refletores e o detento Mancuso é levado de volta para a sua cela na penitenciária de segurança máxima de Warsaw, Virgínia. Além da americana, a Justiça colombiana também o espera. Muito provavelmente, passará o resto da vida na prisão.

El Mono morreu. A coca está viva.

## 9. Caldeirão do Diabo

iago, Bruno e Felipe inventaram um jogo. Sentam-se no banco geralmente usado pelas crianças menores quando se reúnem para cantar o que Felipe, sem papas na língua, define como musiquinhas de merda e começam a contar histórias. Nenhum dos três sabe quem foi o primeiro a iniciar aquele ritual que já se estende há mais de um ano. iago, que tem a pele mais escura e é o mais taciturno, juraria que foi Bruno porque aquele baixinho não fica calado um segundo, e iago sabe disso porque dorme na parte de cima do beliche dele e não há como fazer com que se cale mesmo quando as luzes já foram apagadas horas antes. De fato, aquele banco atrás da cozinha, que emana um fedor que gruda na pele como se fosse papel mata-moscas, se tornou a sede do clube. Não existem introduções infantis para a sessão do dia: quem está a fim simplesmente abre a boca e começa a contar histórias. Afinal, no Buraco, em São Paulo, não há muito para fazer.

“Meu pai era o chefe do Caldeirão do Diabo. Passou meses na solitária, comendo baratas e bebendo o próprio xixi. Depois conseguiu fugir e se juntou com um amigo colombiano. Agora estão riquíssimos”, diz Bruno.

“E como é que você veio parar aqui?”, indaga Felipe, que faz sempre a mesma pergunta, embora conheça a resposta.

“Aconteceu um erro no hospital. Trocaram a minha ficha com a de um garoto de São Paulo. Mas logo vão vir me buscar, e quando eu voltar para o Rio vamos dançar funk a noite inteira.”

iago faz que sim com a cabeça e parece realmente acreditar naquilo. Felipe, por sua vez, ostenta um bocejo como se estivesse dizendo “quantas vezes ainda vamos ter de ouvir essa babaquice” e arranca uma farpa do banco, que está começando a apodrecer.

“Você fala como se o seu pai fosse o Fernandinho Beira-Mar”, diz Felipe. “Seu pai, no máximo, era um dos que levavam os carrinhos de mão cheios de dinheiro e ajudavam o Fernandinho a contar.”

iago continua a fazer que sim com a cabeça; para ele, uma versão tem o mesmo valor da outra. Bruno coça a têmpora direita pensativo e depois passa para o outro lado. “É, você tem razão”, sentencia.

“Meu irmão mais velho era o Bicho-Papão mais poderoso do bairro”, diz Felipe. “Uma vez fui fazer a coleta com ele e a gente se salvou de um tiroteio por milagre. Ele disse que, quando eu sair daqui, vou virar no mínimo uma Torre.”

“Uma Torre? Claro... Sem ter sido Soldado antes? Quem acredita nisso?”, chia Bruno. Quando os outros falam, ele não consegue parar quieto e fica mexendo a bunda no banco. O resultado são calças puídas e um novo apelido: Bunda Pelada.

Felipe contorce a boca e arranca outra farpa. “É, antes vou ser Soldado, mas depois é claro que vou virar Torre.”

“Tá bom”, diz Bruno.

“Tá bom”, diz iago. É a vez dele, mas hoje ele não está nem um pouco a fim. Ontem chegou um casal de italianos que pegou José, que achava que não havia mais esperança: ele tinha doze anos, e quem alguma vez se interessou em adotar um garoto tão grande? Mas a esta hora ele provavelmente está subindo a escada de um avião que vai levá-lo sabe-se lá para onde, do outro lado do oceano. Desde que pôs os pés no Buraco — que é como os maiores chamam o orfanato —, iago parou de frequentar aquele seu concidadão com quem jogava bola na rua: José era fraco demais para sobreviver ali, era melhor procurar a proteção de outros. Ultimamente, mal se cumprimentavam, e quando alguém perguntava a iago se era



verdade que aquele neguinho com pouco mais de 1,50 metro de altura era do seu bairro ele respondia que não, que era uma das muitas histórias falsas que circulavam por ali. Mas hoje ele está contente pelo seu velho amigo e finge se esquecer de que acabou de completar treze anos.

Bruno e Felipe conhecem José, e se obrigassem Thiago a contar a própria história por outros motivos eles decidiriam, nesse caso, ficar em silêncio por alguns segundos e depois recomeçariam a rodada. Um fala e o outro escuta, até intervir para redimensionar a narrativa. Porque esse é o objetivo da brincadeira: suavizar a fantasia sem reduzi-la a escombros. É a resposta automática desencadeada no cérebro das crianças abandonadas. O passado deve ser substituído por uma realidade domesticada e satisfatória, que, porém, também deve ficar impressa na cabeça de quem ouve. Não é um jogo entre adversários aguerridos, mas uma academia na qual se constrói um passado que consiga pôr à prova um casal de ocidentais que foram até o Brasil para coroar o próprio sonho de ter um filho. Felipe, Thiago e Bruno não podem correr o risco de ser abandonados outra vez, e se aquela mamãe e aquele papai brancos como leite não forem capazes de enfrentar as histórias que eles inventaram para dar um sentido às suas vidas nas favelas, então é melhor ficar no orfanato. É uma guerra psicológica sutil para a qual os meninos se preparam misturando retalhos de conversas ouvidas sabe-se lá onde, que, por sua vez, remetem a histórias contadas sabe-se lá por quem, tendo como protagonistas narcotraficantes ricos e poderosos à frente de exércitos que aterrorizam cidades inteiras e mantêm em xeque um país sem fim. Tudo isso é centrifugado e em seguida destilado, pronto para ser usado como prova final com os novos pais: vocês são capazes de aceitar as minhas fantasias?

Fantasias? Os mais de 200 milhões de brasileiros moram em um país que, na geopolítica do pó, parece uma voragem. A sua posição privilegiada o torna um ponto de trânsito perfeito para a cocaína. Segundo o International Narcotics Control Board, cerca de 25% das duzentas ou trezentas toneladas

de cocaína consumidas anualmente na Europa passam pela África e pelo Brasil. Uma nação que tem fronteiras com os três maiores produtores de cocaína do mundo (Colômbia, Peru e Bolívia) e que, por causa da crescente repressão na Colômbia, se tornou um ponto de partida alternativo e mais seguro para os carregamentos de cocaína destinados à Europa. Mas nos últimos anos, junto com a economia brasileira e os salários da classe média emergente, o consumo de cocaína também aumentou, levando o país para o segundo lugar no ranking dos maiores consumidores da droga no mundo, atrás dos Estados Unidos, que detêm o primeiro lugar.

A cocaína chega ao Brasil vinda do oeste, do noroeste e do sudoeste. Vem da Colômbia, do Peru e sobretudo da Bolívia através do Paraguai. E, no final, envereda pela porta de saída a leste. É tratada, embalada e enviada. Transportada pelos meios mais disparatados: dos mais clássicos, como navios porta-contêineres e aviões comerciais, aos mais futuristas, como os narcosubmarinos, obras-primas de engenharia que requerem know-how e dinheiro, muito dinheiro. Mas isso não falta aos traficantes. Cinco milhões de dólares é o montante que o clã chefiado pelo goiano Mário Sérgio Machado Nunes — 30 anos de experiência no setor e um mandado de prisão da Interpol por tráfico de drogas — havia antecipado ao colombiano Henry de Jesús López Londoño, vulto “Mi Sangre”, chefe dos poderosos Urabeños, para a construção de um sofisticado submarino para transportar drogas até o outro lado do Oceano Atlântico. Tudo fora planejado nos mínimos detalhes: alguns engenheiros colombianos seriam enviados à planta de uma mineradora africana, onde aconteceria a construção do navio. Embora o grupo já tivesse começado a buscar as peças a serem montadas, o projeto acabou não sendo realizado. Culpa, talvez, da prisão repentina de Mi Sangre, que aconteceu em outubro de 2012 perto de Buenos Aires. Machado Nunes nunca mais viu os 5 milhões de dólares que havia dado como adiantamento nem o submarino encomendado. Riscos do ofício, desprezíveis, no final das contas, para uma organização que, segundo as investigações da Polícia Federal, faturava mais de 5 milhões de reais por

semana e havia acumulado um patrimônio de 100 milhões de reais em hotéis, mansões, terrenos, casas de praia e fazendas. Tudo graças à cocaína, que era comprada no Peru, Colômbia, Bolívia e Paraguai e distribuída em mais de trinta países estrangeiros — dos Estados Unidos à Holanda, da Espanha aos Emirados Árabes, da Itália à China — com o auxílio dos homens que conseguiram corromper em portos, aeroportos, alfândegas e polícias. Era tanta cocaína a ser transportada que, além do submarino, a organização também planejara comprar um Boeing 737, primeiro passo rumo ao objetivo final: fundar uma empresa aérea de fachada, especializada em voos internacionais, a fim de transportar a droga do Brasil para vários continentes sem levantar suspeitas. Em maio de 2014, uma operação da Polícia Federal brasileira chamada “Águas Profundas” pôs fim a esses ambiciosos projetos.

Mas, a cada ano, cerca de metade das oitenta a 110 toneladas da droga que transitam pelo Brasil ficam dentro das suas fronteiras para satisfazer um exército de 2,8 milhões de consumidores de cocaína e derivados. Escolhendo um deles ao acaso, poderíamos encontrar um mendigo das favelas ou um novo-rico de terno e gravata que trabalha no quadragésimo andar de um arranha-céu de São Paulo. Os cheiradores no Brasil não têm um rosto só, mas têm uma idade que está diminuindo inexoravelmente. Um alvo mais jovem significa ter de lidar com uma geração perdida e com as estratégias de marketing dos narcotraficantes, estudadas ad hoc, como os papalotes de cocaína vendidos com a foto de Amy Winehouse, que se tornou um mito entre a garotada devido aos seus excessos e à sua vida desregrada, ou como os números de telefone dedicados à entrega da droga em domicílio. Você liga para um número, escolhe a droga e a quantidade e recebe a mercadoria comodamente em casa, como se fosse uma pizza ou um sushi. Pó delivery.

País de trânsito e país de consumo. Mas se você é um dos dez maiores produtores de substâncias químicas do mundo e não tem concorrentes nesse campo na América Latina, então pode dar a sua opinião também sobre a

produção de cocaína. Você exporta acetona, querosene, permanganato de potássio e anidrido acético aos seus primos colombianos, peruanos e bolivianos (esses últimos especialmente afeiçoados ao limítrofe Brasil, já que não possuem saída para o mar), todos elementos fundamentais ao processo de refino da coca. Um país com três dimensões, que aproveita quase toda a longuíssima cadeia de montagem da cocaína e que internamente é dilacerado por uma guerra sem fim entre os grupos criminosos que disputam os territórios do tráfico.

“Está chegando o Caldeirão do Diabo! Está chegando o Caldeirão do Diabo!” Para Bruno, esse lugar mítico se adapta a qualquer circunstância, até mesmo quando ele corre pela faixa direita do campo de futebol improvisado, cheio de pedras e buracos, e lança a bola para o centro num cruzamento que deveria terminar na cabeça do atacante, mas que na maioria das vezes sai rolando para além do gol, delimitado por dois chinelos cambetas. Nas suas histórias, a figura do pai muda frequentemente de posição geográfica e temporal, mas o único elemento fixo e irremovível permanece sendo o Caldeirão do Diabo. Os companheiros de time xingam Bruno pela enésima bola perdida, mas ele não dá a mínima e volta para a defesa, gritando ordens que ninguém respeita, e espera até interceptar uma outra bola e sair no contra-ataque. Bruno sabe o que é uma ordem e uma regra porque nasceu no meio delas, como um dos 69 143 habitantes “oficialmente recenseados” do grupo de catorze favelas do Complexo do Alemão, na zona norte do Rio de Janeiro. Mas como pode funcionar uma história cujo protagonista é um dentre tantos? Ser um qualquer ali no orfanato equivale a uma condenação à morte. Todavia, quando todos dormem e ele não tem mais ninguém para perturbar com os seus gritos estridentes e petulantes, Bruno pensa novamente nas partidas de futebol que jogava em um campo parecido com aquele no qual ele hoje se afirma. Sente saudade daquele campo e do seu bairro. Nada podia acontecer sem que o Comando Vermelho quisesse, o que garantia uma certa tranquilidade. Eles eram a justiça e os juízes; eram também os policiais e os serviços sociais. Se você ficava doente, eles o

levavam para o hospital e, se não tivesse o que comer, eles matavam a sua fome. Não pediam muito em troca, apenas silêncio. Deve ter sido nos muros da favela que Bruno leu pela primeira vez a sigla “CV”, Comando Vermelho, e deve ter sido de um daqueles homens que circulavam armados em volta do campinho de futebol que ele ouviu as palavras “Caldeirão do Diabo”. Desde então, eles é que são os seus pais, e pouco importa se por trás daquelas palavras só existe o vazio.

Até 1994, ano em que foi fechado e demolido, o Caldeirão do Diabo era o instituto penal de segurança máxima Cândido Mendes, em Ilha Grande, uma das ilhas situadas diante do litoral do Estado do Rio de Janeiro, onde, nos anos 1970, nasceu o Comando Vermelho. Foi um parto ditado pela sobrevivência. O Brasil estava sob o jugo de uma ditadura feroz e as prisões estavam se enchendo de prisioneiros políticos. Mas, para a ditadura, a divergência não devia ser apenas reprimida, mas eliminada. Seria intolerável se os prisioneiros políticos formassem uma frente comum, talvez para pedir anistia. Sua presença, por si só, significa admitir a presença de uma luta armada no país, então, é melhor equipará-los aos presos comuns e segregá-los nas mesmas prisões, nas mesmas celas, cumprindo as mesmas penas. Uma única laia indistinguível que, além de tudo, deve enfrentar a pesada crise financeira do sistema penitenciário brasileiro. Para reagir às condições de vida desumanas, os prisioneiros se unem e, permeados pela ideologia que anima os dissidentes, criam uma milícia que amalgama prisioneiros políticos e criminosos comuns, que param de se matar entre si porque agora têm o Estado para abater. A ideologia logo some e no seu lugar ficam as regras e uma estrutura que permite a quem pertence ao Comando Vermelho sentir-se parte de uma frente comum organizada e poderosa, na qual é possível se instruir, discutir, encontrar os recursos para melhorar a qualidade de vida atrás das grades e, sobretudo, pensar em um futuro depois do cárcere. “Paz, justiça e liberdade” era o lema deles, e Bruno também deve ter lido essas palavras em algum muro, pois às vezes é possível ouvi-lo murmurar “Paz, justiça e liberdade” como um mantra. Os outros garotos

zombam dele, dizem que ele não consegue ficar calado nem quando está sozinho, e quem vai querer adotar um garoto que fala sozinho? Mas a paz, a justiça e a liberdade valem para quem vê no Comando Vermelho a oportunidade de continuar a luta política mesmo na escuridão das celas. Para todos os outros, são pouco mais do que bobagens, valem para quem pode viver de política. Mas, uma vez lá fora, é preciso se virar, então, convém aproveitar a organização do Comando. Quando você está na rua é melhor fazer parte de um grupo que sabe ser compacto e que, quando necessário, dá proteção. No final dos anos 1970, o Comando Vermelho também conquista as ruas do Rio de Janeiro. No início, a estrutura militar do Comando é útil para organizar roubos a bancos e furtos para engordar a “tesouraria” do grupo. Os proventos beneficiam quem ainda está atrás das grades. Depois, nos anos 1980, chega o pó e muda tudo. A cocaína sempre muda tudo. Os colombianos sabem que o Brasil é um território imenso, capaz de estocar a mercadoria antes que ela decole para outras praias ou zarpe de um dos portos e portilhos espalhados pelos mais de 7 mil quilômetros de costa atlântica. O Comando se candidata logo: ele garantirá segurança e proteção aos colombianos. O Comando conhece as favelas e sabe que ali dentro o Estado não existe. O Comando Vermelho será o Estado. Tem as competências necessárias, os homens e os recursos financeiros. A escola do cárcere criou os narcotraficantes modernos em uma nação na qual a prisão de um criminoso não é considerada o seu fim, mas uma passagem ritual e formativa imprescindível.

Também na Itália o cárcere com frequência se transformou em um apêndice do poder, de onde líderes mafiosos continuaram a dar ordens apesar da detenção. Mas no Brasil há algo mais. No Brasil, a prisão é muitas vezes um escritório a partir do qual os chefes dos maiores grupos criminosos podem comandar os próprios homens dentro e fora da penitenciária sem que a sua liderança seja questionada.

Nos anos 1990, o Comando Vermelho dá um salto de qualidade. O poder dos chefões do jogo de azar clandestino, os bicheiros, está declinando, e a

população de mais de metade das favelas do Rio se vê sob o controle do Comando Vermelho. As pessoas agora reconhecem uma autoridade, pouco importa se eles são traficantes. O Comando garante a paz e isso é suficiente. A lei deles deve ser respeitada e se, por exemplo, você for pego abrindo o bico para um jornalista enxerido será punido com o “colar”: uma fita de borracha colocada em volta do peito e dos braços que deixa queimaduras indeléveis. Assim, da próxima vez que você sentir vontade de falar do que acontece no bairro, é só se olhar no espelho para a vontade passar. Os colombianos também reconhecem no Comando um parceiro confiável e as Farc estreitam cada vez mais os laços com esses brasileiros que lembram muito os Zetas mexicanos: uma rede de células independentes que replicam uma estrutura interna idêntica e observam as mesmas regras.

O Comando tentou aliciar Bruno pouco antes de ele ir parar no orfanato. O menino parecia esperto e era miúdo; no campo, não pegava nenhuma bola, mas, nossa, como corria! Era perfeito para ser uma sentinela. Geralmente, as sentinelas são dotadas de fogos de artifício e pequenos pavios; assim que veem um policial, avisam os outros com um belo estouro. É um trabalho seguro e, se tudo der certo, também é a porta de entrada para uma carreira no Comando. Bruno não tem como não aceitar, mas não é por medo que tenta ganhar tempo. O pessoal do Comando é a sua família, eles o protegem e Bruno pode circular sossegado e até deixar a porta de casa aberta. É o pessoal do Bope que o aterroriza. Ele já viu com os próprios olhos os carros blindados pretos do Batalhão de Operações Policiais Especiais, as forças especiais da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro.

“Os Caveirões! Os Caveirões!” Quando você ouve alguém gritar essa palavra é melhor fugir porque estão chegando os carros blindados do Bope, os Caveirões, como são chamados pelos moradores das favelas por causa da carroceria esquadrada na qual se destaca o símbolo do Bope: um crânio sorridente sobre um fundo composto de duas pistolas cruzadas e um punhal. As modalidades de intervenção do Bope certamente não são as da Polícia Pacificadora, que tenta envolver jovens e adultos em projetos

educativos para arrancá-los do narcotráfico e assim levar novamente a presença do Estado às favelas. O Bope não se sente constrangido em utilizar armas de alto calibre durante as incursões nas favelas, e sem dúvida não por causa de danos colaterais. O seu objetivo é semear o medo entre os inimigos do Estado, pois o terror é uma rede com uma malha finíssima na qual os vilões certamente ficarão emaranhados. É isso, Bruno não quer se ver na situação desagradável de não saber para onde fugir, para os braços de quem deveria protegê-lo — o Comando — ou para os braços de quem deveria arrancá-lo dos seus protetores. Porque ele também ouviu o relato do que aconteceu perto dali, na Baixada Fluminense, quando, em 2005, agentes da Polícia Militar alcoolizados começaram a atirar a esmo, deixando no chão 29 transeuntes. Bruno não conhecia os mortos daquele dia, o dia da Chacina da Baixada, mas sabe que podia ser aquele garoto de catorze anos assassinado enquanto jogava fliperama em um bar ou aquele jovem de dezessete anos que voltava para casa de bicicleta.

“Uma vez, conheci de verdade o Fernandinho Beira-Mar”, diz Iago.

Silêncio.

“Conheci um cara que tinha conhecido ele.”

Silêncio.

“Um cara que tem um daqueles bilhetes cheio de letras amontoadas escritos por Fernandinho e que ninguém consegue entender.”

“Ah, tá...”, diz Felipe. “Quando você ainda estava mamando no peito da sua mãe, Fernandinho já estava apodrecendo na cadeia.”

“É, em Campo Grande”, acrescenta Bruno, que coleciona as histórias dos traficantes como se eles fossem santos.

E Fernandinho é um pouco santo para aqueles que, como Iago, nasceram na favela Beira-Mar de Duque de Caxias, perto do Rio, à qual o traficante deve o seu apelido. É ele o *boss* mais famoso do Comando Vermelho e certamente o que ganhou mais dinheiro, se é verdade a história de que a “firma” de tráfico de drogas que ele administrava em diversas



favelas faturava, no auge do seu esplendor, algo como 300 mil dólares por mês.

Bruno mal consegue se conter. Não é a sua vez de falar, mas ele gostaria muito de enumerar os sucessos de Fernandinho, porém deve esperar queiago encontre as palavras para dizer que, se admira tanto o chefe do Comando, não é por causa do dinheiro ou dos carros, mas porque, como ele, Fernandinho foi criado por uma mãe muito jovem que dava um duro danado para dar um futuro ao filho.

“Vocês sabiam que ele só tinha 22 anos quando derrotou o Nadinho?”

Felipe e Bruno sabem. Mas deixam que ele conte assim mesmo.

Fernandinho dá o seu primeiro passo no mundo do crime roubando as armas do Exército, no qual acabara de se alistar, e assaltando bancos e lojas. Vai parar na cadeia e ali aprende as regras. Quando sai, consegue tirar do seu caminho Nadinho, o traficante que comanda a sua favela de origem. Dali em diante, é a ascensão de um *boss* com ambições desenfreadas. Nos anos 1990, se abastece diretamente na Colômbia, onde paga mil dólares por quilo de cocaína para revendê-la pelo triplo em São Paulo. Cria uma teia de colaboradores para a distribuição da mercadoria e, por volta do final dos anos 1990, estende o seu tráfico aos Estados Unidos e à Europa. No meio desses eventos, alimenta a aura mítica que o circunda, fugindo misteriosamente de uma prisão de segurança máxima e deslocando-se entre Uruguai, Colômbia, Bolívia e Paraguai para não deixar rastros.

“Fernandinho é um jaguar que ninguém consegue pegar. São necessários mil policiais e vinte aviões para apanhá-lo. Mas ele conhece cada centímetro da selva onde se esconde e escapa, até ser cercado pelo Exército colombiano que, para segurá-lo, atira de todas as direções. Acertam as suas pernas, os braços, abrem dois buracos na barriga e uma bala arranca a sua orelha, mas Fernandinho continua a correr e ninguém consegue segui-lo. Só depois de uma semana conseguem prendê-lo, mas só porque um dos seus compadres deu com a língua nos dentes e revelou o lugar onde ele tinha se escondido.”

Foi mais ou menos assim, só que os homens utilizados na sua captura na Colômbia em 2001 eram duzentos e os aviões de apoio, dois, mais três helicópteros Black Hawk e quatro MI. Também é verdade que Fernandinho se destacou na fuga do Exército, mas os tiros que as Forças Armadas acertaram foram só quatro, um dos quais fraturou o seu úmero.

Uma formação tão desmedida era mais do que justificada para um homem que controlava quase 70% do tráfico de drogas no Brasil. Segundo os jornais colombianos, a sua relação com as Farc era tão próxima que o pacto entre eles se baseava em um eficaz escambo: dois quilos de cocaína por um fuzil. Fernandinho recebia armas da Europa e do Paraguai e depois as vendia às Farc, perfazendo um total anual calculado em 10 mil armas e 3 milhões de projéteis em troca de duzentas toneladas de cocaína. Uma das muitas joint ventures internacionais entre potências criminosas que, segundo as declarações do traficante brasileiro nos interrogatórios depois de sua prisão, eram apoiadas e auxiliadas pelo establishment brasileiro.

“Uma vez li um dos seus bilhetes. Ele precisava de duas toneladas de café.”

“E o que ele ia fazer com duas toneladas de café, iago? Isso é invenção da sua cabeça...”

“Juro por Deus, Felipe! Era uma tira de papel cheia de coisas escritas. Não dava para entender nada, mas tenho certeza que li duas toneladas de café.”

Na gíria, café é maconha, e essa é só uma das tantas palavras presentes no dicionário dos traficantes quando eles querem mandar ordens para fora da prisão. Naqueles pedacinhos de papel, às vezes com apenas um centímetro de largura, Fernandinho — já detido na prisão de Campo Grande — continuava a comandar a sua organização. Desde as estratégias mais complexas — como as alianças com os paramilitares ou os sequestros de personalidades importantes — até os simples “pedidos” para os seus homens — como toneladas de “café” ou lotes de armas —, tudo circulava naqueles bilhetinhos que iago jurava ter segurado nas mãos. Um método simples, mas seguro, que permitiu a Beira-Mar continuar a dominar o mercado brasileiro — mas não apenas o brasileiro — da droga mesmo de dentro da

cadeia. Hoje ele tem 47 anos, teve onze filhos de mulheres diferentes, casou-se na prisão com Jaqueline Alcântara de Moraes — sua companheira histórica —, estuda teologia por correspondência depois de ter sido fulgurado por um discurso sobre a fé do capelão da prisão e cumpre uma pena de oitenta anos por homicídio duplo e tentativa de homicídio de uma terceira pessoa — com ordens via celular diretamente da prisão — que vão se somar aos outros 120 anos aos quais ele já havia sido condenado em vários estados do Brasil por tráfico de drogas e homicídio. Fernandinho é um verdadeiro mito que, antes das armas, utiliza a fama de louco sanguinário construída durante anos de carreira.

“Primeiro, ele começa pelos dedos das mãos. Um de cada vez. Depois passa para os dos pés. Sempre um de cada vez. E, se não é suficiente, corta tudo aquilo que desponta do corpo.”

“Até o pau?”

“No final, porque senão você sangra até morrer e não consegue mais falar.”

“Hum... Mas é melhor não dizer logo essas coisas aos seus pais.”

Felipe nunca fala do pai. Os homens da sua vida sempre foram primos, tios, irmãos, amigos e conhecidos. Ele não pode falar a respeito depois de ter visto o que o pai fez com a mulher.

“Meu irmão, quando estava no xadrez, era um Piloto e me disse...”

“Mas o teu irmão não era um Bicho-Papão?”, pergunta Bruno.

“Meu irmão mais velho era uma Torre, o do meio era um Avião e me disse...”

“Mas era teu Irmão ou teu Primo?”

“Era meu irmão mais velho, eu era pequeno demais para ter um Irmão. E ele me disse que ...”

“Mas será que você não era só um Primo?”

“Chega, Bruno. Não era ninguém, entendeu? Ninguém!”

Em São Paulo, onde Felipe nasceu, todos conhecem o significado das palavras “Irmãos”, “Primos”, “Chefia”, “Torre”, “Bicho-Papão”, “Piloto”, “Soldado” e “Sintonias”. E todos sabem posicioná-las na intrincada estrutura do Primeiro Comando da Capital, o grupo criminoso fundado em 1993 na prisão de Taubaté, conhecida como Piranhão, a uma centena de quilômetros de São Paulo. Como no caso do Comando Vermelho, o objetivo no início era melhorar a vida no cárcere, mas não apenas isso: era necessário lavar com sangue a carnificina que acontecera alguns meses antes na prisão do Carandiru, na capital. A Polícia Militar interveio para controlar uma revolta que eclodiu no cárcere e 111 detentos foram mortos; a partir daquele dia, Misael Aparecido da Silva, vulgo “Misa” ou “Baianão”, Wander Eduardo Ferreira, vulgo “Eduardo Gordo” ou “Cara Gorda”, Antônio Carlos Roberto da Paixão, vulgo “Paixão”, Isaías Moreira do Nascimento, vulgo “Isaías Esquisito”, Ademar dos Santos, vulgo “Dafé”, Antônio Carlos dos Santos, vulgo “Bicho Feio”, César Augusto Roriz da Silva, vulgo “Cesinha”, e José Márcio Felício, vulgo “Geleirão”, juraram vingança.

Do Comando Vermelho pegam o lema “Paz, justiça e liberdade”, ao qual associam a simbologia oriental do yin e do yang. Os detentos da capital — assim chamados porque transferidos da prisão de São Paulo onde aconteceu o massacre — querem se impor através de equilíbrio e sabedoria, consertando as distorções com a pacata serenidade de quem viu a iluminação.

“Yin e yang?”, pergunta Iago, “o que isso quer dizer?”

“Que você pode matar sem se sentir culpado.”

Os oito da capital elaboram um estatuto composto de dezesseis itens que resumem obrigações, direitos, deveres e tarefas dos Irmãos, ou seja, dos membros do PCC, que, para entrar no grupo, tiveram de superar um trâmite ritual que imita o das máfias italianas: apresentação por parte de um padrinho, juramento sobre o estatuto, perfuração do indicador de forma que uma gota de sangue caia em um copo do qual iniciado e padrinho beberão, declaração de fidelidade eterna ao padrinho e ao PCC. A essa altura, você é

um Irmão, que, junto com outros Irmãos, forma a família do PCC. Fora dessa esfera ficam os Primos, que não gozam do direito de pertencimento, mas dão o próprio apoio. No topo, um Comando toma as decisões, que são transmitidas ao nível inferior, as Torres, das quais dependem os Pilotos, responsáveis pelas cadeias (as “faculdades”, como são chamadas as “universidades” do crime e da vida), pelos Soldados, os executores materiais das ordens, e pelas Sintonias, as sinapses desse imenso cérebro, que servem para manter os contatos entre os membros das organizações dentro e fora da prisão. O primo de Felipe era um Bicho-Papão, uma figura intermediária na hierarquia do PCC que desempenha a função de tesoureiro, recolhendo os proventos das atividades do grupo. O trabalho do Bicho-Papão não é simples porque a contabilidade do PCC é intrincada e composta de mil ramificações, pois aos membros é solicitado que financiem o grupo de acordo com a própria condição: aqueles que estão em “cativeiro” contribuirão menos, enquanto os que estão em liberdade tributam a si mesmos, nem que sejam quinhentos reais por mês. Depois há a “loteria do crime”, uma verdadeira rifa da qual participam os detentos e suas famílias: por quinze reais é possível ganhar até um apartamento. Esses córregos de dinheiro confluem em seguida para as contas correntes de titularidade de pessoas de confiança dos líderes do Comando.

O dinheiro nunca é suficiente. As revoltas na prisão, os atentados, os “programas sociais” nas favelas para atrair para o próprio lado a população e assegurar a lei do silêncio, os advogados que assistem os membros do grupo sob processo, os funerais dos afiliados caídos “em serviço” e o suborno dos guardas carcerários drenam recursos, e para reequilibrar o balancete são necessárias medidas excepcionais como o assalto ao Banco Central do Brasil em Fortaleza, em 2005.

“Esses caras escavaram um túnel com mais de oitenta metros de comprimento durante três meses”, conta Felipe. “Lá em Fortaleza é tudo areia e eles não tiveram muita dificuldade. Um abria caminho com a picareta e depois um outro levava a terra embora. Já pensou? Três meses de joelho a

quatro metros de profundidade! E eles também dormiam e comiam lá dentro. Enfim, aquilo tinha virado a casa deles. Depois de mais de oitenta metros, chegam ao banco e esperam o dia de fechamento, assim podem levar para o túnel uma britadeira e quebrar o chão de concreto armado por baixo. Depois está tudo pronto. Pegam o dinheiro e voltam pelo túnel. Enganaram todo mundo! Os policiais não perceberam nada enquanto os caras estavam escavando ali embaixo dos pés deles!”

“E você quer fazer a mesma coisa aqui?”, pergunta Iago, que ouve falar daquele projeto há meses.

“Claro. Como se chama aquele filme que mostraram pra gente da outra vez?”

“*Asas da liberdade*”, responde Bruno, que, entre outras coisas, se gaba de ser um cultor do cinema americano.

“Isso mesmo. Ali o cara cava um túnel com uma merda de um martelinho! Se ele consegue, a gente também pode conseguir. A gente precisa arrumar uns talheres. No começo, uma faca pode funcionar, depois a gente vai ter de usar colher.”

“E onde a gente vai pôr a terra?”, pergunta Iago, que acha que aquela ideia extravagante é um dos muitos voos da fantasia de Felipe, exatamente como a história do primo que é um Bicho-Papão.

“Você não lembra do filme? A gente esconde nos bolsos, depois vem para o pátio e espalha sem dar na vista. Simples, né?”

“Simples, né?” é o que também deve ter dito Raimundo Laurindo Barbosa Neto, acusado de ser um dos chefes do bando ligado ao PCC que assaltou o Banco Central do Brasil em Fortaleza. É simples levar a cabo um plano complicadíssimo como o dos túneis e afinar um golpe cujo valor era tão alto que a polícia pesava o dinheiro roubado em vez de contá-lo: 3,5 toneladas. Menos simples é fugir da polícia quando você é pego em flagrante durante o planejamento de outros golpes com a mesma técnica.

Para prosperar e se difundir, o PCC aproveitou a incapacidade do governo brasileiro de combatê-lo. Primeiro, o Estado negou a sua existência, depois, com a intenção de enfraquecer o grupo, resolveu mandar os seus líderes detidos para prisões nos quatro cantos do país. Mas o PCC nasceu seguindo o rastro do Comando Vermelho e obtém força de uma organização fragmentada e horizontal, com várias células capazes de se coordenar de maneira independente e ao mesmo tempo sincronizada com a vontade do grupo. E a diáspora, em vez de ser a sua cruz, se transforma na sua força. O PCC se torna em poucos anos a maior organização criminosa brasileira, dentro e fora da prisão. E isso fica claro para todos quando, em fevereiro de 2001, o PCC comanda a maior revolta de detentos jamais ocorrida: 30 mil prisioneiros em 29 penitenciárias no Estado de São Paulo se rebelam ao mesmo tempo. É uma revolta tecnológica porque coordenada em tempo real através de uma central telefônica clandestina — as chamadas Centrais Clandestinas do PCC — que filtrava os telefonemas recebidos e os desviava para os celulares dos afiliados, permitindo que os detentos estabelecessem contato entre uma prisão e outra e com o exterior.

Quem dá as diretrizes mais importantes durante a revolta, por telefone, é o líder Idemir Carlos Ambrósio, o “Sombra”, surrado até a morte cinco meses mais tarde na prisão de Taubaté, vítima de uma disputa interna pelo controle da organização. A liderança passa para José Márcio Felício, o “Geleirão”, e César Augusto Roriz da Silva, o “Cesinha”. Todavia, o reino de “Geleirão” e “Cesinha” dura pouco. Ambos, detidos na penitenciária de Bangu, têm ideias bastante claras sobre como manter em suas mãos as rédeas do PCC: terror e violência. Uma modalidade profundamente arraigada nesses grupos criminosos, mas levada ao excesso pelos dois, que em novembro de 2002 são expulsos. Oficialmente, a abordagem drástica adotada pelos dois é malvista; oficiosamente, a culpa é das mulheres. No PCC, as mulheres podem desempenhar os mesmos papéis dos colegas de sexo masculino e até mesmo fazer carreira. Como Maria do Pó, apelido de Sônia Aparecida Rossi, mas chamada por todos naquele ambiente de a

“Professora” porque conhece perfeitamente todos os tipos de cocaína, a sua disciplina: graças ao seu espírito empreendedor no mundo do narcotráfico, ela chegou a ameaçar até mesmo Fernandinho Beira-Mar na lista dos maiores traficantes do Brasil.

No caso de Petronilha e Aurinete — respectivamente as mulheres de “Geleião” e “Cesinha” —, a tarefa a ser realizada podia parecer simples, mas na verdade era muito delicada: mensageiras dos líderes. Do cárcere onde estavam presos os maridos para o exterior. Contudo, as duas mulheres não se dão muito bem, disputam o papel de primeira-dama do PCC e seus contínuos bate-bocas freiam a operação do grupo. A situação não pode continuar assim e Marco Willians Herbas Camacho, o “Marcola”, um alto expoente do PCC, manda a ex-mulher Ana Maria Olivatto — que também é sua advogada — até a prisão para se encontrar com “Geleião” e “Cesinha”. Mas Ana não chega a tempo: é assassinada a tiros na porta de casa. Segundo a polícia, a mandante do crime foi Aurinete, mulher de “Cesinha”. Essa é só uma das muitas versões que circulam sobre esse “homicídio cor-de-rosa”, à qual se sobrepõem, como muitas vezes acontece, boatos de traições, delações e colaborações com a Justiça. O que é certo é que, com isso, é decretada a expulsão e a condenação à morte dos dois líderes por “Marcola”, que assume o comando do PCC. “Geleião” e “Cesinha” têm a sorte de residir em prisões nas quais o PCC não manda e se safam, chegando a fundar um novo grupo, o Terceiro Comando da Capital. Mas o PCC, como todas as organizações criminosas, não esquece. Quatro anos mais tarde, no verão de 2006, “Cesinha” é transferido para a penitenciária de Avaré: poucas semanas depois é apunhalado por um companheiro de cárcere com uma estaca de madeira. Talvez não seja um acaso o fato de a penitenciária de Avaré ser dominada pelo PCC.

Enquanto isso, “Marcola”, apesar das posições de fachada, continua no enalço dos seus dois odiados predecessores e manda matar o juiz Antônio José Machado Dias, conhecido como “Machadinho”, em pleno dia e a apenas



três quadras do tribunal em que trabalhava. O juiz estava cuidando de vários processos, nos quais o próprio “Marcola” figurava como réu.

Os garotos do Buraco nunca perguntam aos próprios companheiros “Como você veio parar aqui?”. Todos sabem, e o que aconteceu com um deles também aconteceu com todos os outros. O abandono é uma ferida que você carrega por toda a vida, e quando você não tem nada pode se tornar a única coisa em comum em um lugar como o orfanato. Não se pode falar do único vínculo que mantém unidos os meninos porque isso significaria rompê-lo. Felipe tem uma razão a mais para não falar a respeito. Ele não foi abandonado. Foi sua mãe que o entregou ao orfanato, junto com os irmãos; não aguentava mais, não depois daqueles quatro meses de guerra em São Paulo. Precisava se afastar o máximo possível. Ao chegar, Felipe era pouco mais do que uma criança, mas já conhecia as palavras “pátrio poder”. Se você é largado ali enquanto espera tempos melhores, então pode esquecer uma adoção nacional ou internacional.iago e Bruno, por outro lado, sonham com países distantes e famílias amorosas, e Felipe não pode ficar para trás. A brincadeira deve continuar.

Entre maio e agosto de 2006, a cidade de São Paulo é submetida a ferro e fogo pelo PCC. “Marcola” está empenhado em alimentar um dos seus apelidos — “Playboy” — comportando-se como um homem de bem, vestindo-se de maneira impecável até mesmo na prisão e usando uma linguagem correta e educada. Ele sempre promoveu o PCC como se fosse uma mera organização política e para isso se disfarça de intelectual experiente e íntegro. Usa elegantes óculos de leitura e cultiva o estudo e os bons livros. Ganha consenso entre os detentos, enchendo-os de regalias. Amado pelas mulheres (casou-se em 1990, na prisão, com uma advogada conquistada de trás das grades) e temido pela polícia, à qual envia uma provocação — “Eu posso matar vocês. Vocês não podem me matar” —, o “Playboy” está para sofrer um forte golpe. O estado, por motivos de

segurança, ordena a transferência de quase oitocentos supostos integrantes do PCC para a prisão de segurança máxima de Presidente Venceslau, 620 quilômetros a oeste de São Paulo. E não só isso: esses detentos devem descontar a pena em regime de isolamento. É uma decisão intolerável, até porque aquela estrutura, segundo o PCC, não é adequada para garantir a sobrevivência de todos aqueles prisioneiros com um mínimo de dignidade. É necessário reagir logo. Em uníssono, como se estivessem respondendo a um sinal que só eles podem ouvir, os membros do PCC assumem o controle de mais de setenta penitenciárias espalhadas por todo o estado. Mas não é uma revolta como as do passado. Quem paga a conta não são apenas os guardas carcerários e quem teve o azar de se encontrar no lugar errado no momento errado. A violência nascida na prisão invade São Paulo. No campo de batalha, enfrentam-se os integrantes do PCC e a polícia. Sob o fogo das armas pesadas morrem mais de 150 pessoas entre criminosos, forças de segurança e civis. Os cidadãos se trancam em casa. Mesmo acostumados com brutalidades, nunca teriam sonhado com uma guerra civil cabal. Felipe passa uma semana inteira de maio barricado nos trinta metros quadrados do barraco dividido com a mãe e os quatro irmãos. Recebeu uma ordem categórica para não pôr a cabeça para o lado de fora por motivo algum. Felipe obedece e passa o tempo na janela, esperando que as duas irmãs adormeçam para ter livre acesso à televisão. Pelo menos assim ele vê alguma coisa da guerra que está acontecendo lá fora. Na noite de 12 de agosto, Felipe não consegue de jeito nenhum pegar no sono, está entediado na frente de *Será que ele é?*, o filme transmitido pelo *Supercine* naquele dia.

No intervalo, uma mensagem em vídeo. Um inconfundível membro do PCC com uma balaclava e um colete à prova de balas diante de uma inscrição que diz “O PCC luta pela injustiça carcerária. Paz e justiça” está falando das prisões brasileiras, descritas com uma expressão eficaz: “depósito humano”. O homem explica que a guerra não é contra a população. Os inimigos são o Estado e o seu braço armado, a polícia. É preciso lutar por um sistema

carcerário que garanta condições de vida humanas, e ele termina o monólogo com uma frase: “A luta é nós e vocês”.

Vocês? Nós? De quem é a luta? São perguntas que Felipe continua a se fazer mesmo quando o intervalo termina e o *Supercine* começa novamente. De que lado ficar? Quem são os mocinhos? Quem são os bandidos? Perguntas às quais Felipe não tem tempo de responder porque, alguns dias mais tarde, as portas do Buraco se abrem para ele.

Hoje o PCC tem milhares de membros em todo o país e controla quase todo o tráfico no estado de São Paulo. É uma organização em contínuo crescimento que zomba das tentativas de repressão porque, quanto mais se procura esmigalhá-la para torná-la inócua, mais as escórias expulsas constituem novas células, que, por sua vez, se multiplicam, formando uma massa compacta e aguerrida.

Quem são os mocinhos? Quem são os bandidos? É o que Felipe se perguntava e o que eu também me pergunto. Também nessas histórias é impossível não procurar um horizonte moral, uma bússola que não nos deixe em uma calmaria que torna todos iguais, todos maus, todos bons. Uma bala mata a despeito de quem aperta o gatilho, e a luta pelo controle dos mercados do tráfico envolve civis “bons” e civis “maus”. Como é possível traçar uma linha de demarcação quando a polícia combate o crime desafiando-o para ver quem tem mais poder de fogo? Como é possível ser claro quando os grupos paramilitares nascidos para enfrentar os traficantes lá onde eles são mais fortes — nas favelas — se transformam em grupos criminosos que muitas vezes nada têm a invejar dos seus supostos inimigos? Porque é isso que são as milícias, surgidas no final dos anos 1970 graças ao empenho de cidadãos cansados de ser os danos colaterais de uma guerra infinita, mas que se transformaram em temíveis concorrentes dos narcotraficantes no controle das comunidades através da extorsão em troca de proteção, com o beneplácito da política que, até quando foi possível, sempre as considerou um mal menor.

Talvez seja um exercício que nem vale a pena tentar fazer. Ou talvez, antes, seja necessário introduzir todos os personagens dessa história.

Os inimigos do Comando Vermelho e do PCC, aliados, são os Amigos dos Amigos e o Terceiro Comando Puro. Em 1998, a demanda de droga no Rio aumenta progressivamente e Celso Luis Rodrigues, o “Celsinho da Vila Vintém”, e Ernaldo Pinto de Medeiros, o “Uê”, ex-membros do Comando Vermelho, arregimentam policiais, soldados corruptos, ex-soldados e alguns membros do Terceiro Comando (também nascido graças a uma cisão do Comando Vermelho anos antes) e fundam os Amigos dos Amigos, uma organização que procura obter consenso entre os moradores das favelas usando dinheiro e uma oferta de serviços diversificada, mais do que intimidações e violência. Um pouco de gás para o barraco significa a garantia de um esconderijo seguro no caso de uma blitz. Alto-falantes novos para a roda de samba do bairro significam que ali só se trafica a droga dos Amigos. A estratégia tem êxito e os Amigos conquistam as favelas dos concorrentes uma depois da outra, como acontece na Rocinha, na zona sul da cidade, onde o novo grupo instala a própria cidadela, que resistirá até 2011, quando a polícia conseguirá libertá-la depois de uma grande operação.

Em 2002, apesar do assassinato de “Uê”, um dos dois fundadores, em uma emboscada no presídio de Bangu 1, orquestrada, segundo os investigadores, por Fernandinho Beira-Mar, líder do Comando Vermelho, os Amigos dos Amigos se impõem como uma das maiores organizações de narcotraficantes do Rio, exercendo o próprio domínio em grande parte da zona noroeste da cidade.

Diogo e Bruno ainda falam a respeito, embora alguns anos tenham se passado. No início, eram círculos amplos, como uma ave de rapina à espera do momento certo para o ataque; depois, o helicóptero começou a seguir trajetórias imprevisíveis, deslocando-se para a direita e logo em seguida para

a esquerda, voltando depois para o lugar de onde tinha saído, em uma dança na qual cada passo era diferente. E a certa altura desapareceu. Escondeu-se atrás de uma nuvem que ficava cada vez mais escura com o passar das horas e dali não despontou mais. Lá de baixo, Iago e Bruno não conseguiam enxergar no helicóptero o símbolo da Polícia Militar e não podiam imaginar que as manobras inexplicáveis eram para evitar as balas ensandecidas do tiroteio que se consumava uns cinquenta metros mais embaixo, na favela de Morro dos Macacos, entre os Amigos dos Amigos e o Comando Vermelho.

Não se deve confundir a estratégia “social” dos Amigos com uma modalidade diferente de controle do território. Os moradores da favela certamente são aliados, mas quando a vida do líder, “Nem”, está em perigo, o instrutor de funk, o professor ao qual foram dados quadros reluzentes e a senhora idosa que não precisa mais sair para fazer compras — porque quem se ocupa disso agora é aquele garotão simpático e gentil que as más línguas dizem que é traficante — podem se tornar úteis como escudos humanos. Quando a Polícia Militar entra nas favelas controladas pelos traficantes, tudo pode acontecer. Pode eclodir uma guerra entre duas facções dotadas de armas pesadas, ou então tudo pode transcorrer pacificamente, como na noite de 9 de novembro de 2011, quando a polícia invadiu a Rocinha. De qualquer maneira, para os moradores, o resultado é sempre o mesmo: terror. Naquela noite de novembro, “Nem” foi pego no porta-malas de um Toyota Corolla parado em uma blitz perto da favela. O motorista tentou proteger o seu chefe de todas as maneiras — primeiro, com uma desculpa cheia de furos sobre uma suposta imunidade diplomática do veículo, que segundo ele transportava nada menos que um importante político africano; depois, usando o clássico repertório dos criminosos, oferecendo uma propina conspícua. Mas para Antônio Francisco Bonfim Lopes, o “Nem”, os dias como líder haviam chegado ao fim.

Cerca de dois anos antes, um outro líder vê a própria queda. Chama-se Nei da Conceição Cruz, o “Facão”. Desde 2002 é o chefe do Terceiro Comando Puro, uma organização nascida no Complexo da Maré (um

conjunto de favelas na zona norte do Rio) depois que Fernandinho Beira-Mar se aproveitou de um levante na penitenciária de Bangu 1 para acertar as contas com os chefões de alguns grupos rivais, especialmente do Terceiro Comando. Suspeitas de traição recaíram sobre “Celsinho”, líder dos Amigos dos Amigos, então aliados do Terceiro Comando. Nasceu uma disputa interna: alguns membros do Terceiro Comando formaram o Terceiro Comando Puro, outros, por sua vez, uniram-se aos Amigos dos Amigos. Desde então, o Terceiro Comando Puro ganhou terreno no tráfico de drogas da cidade carioca, obtendo o controle de muitas bocas de fumo nas favelas da zona noroeste do Rio. Mas, em meio à captura do líder histórico “Falcão”, em outubro de 2009, aos ataques desferidos pelas milícias e às “ocupações” da Polícia Pacificadora — à qual foi confiada a tarefa de limpar a cidade do Rio de Janeiro para torná-la mais habitável, segura e apresentável também para a última Copa do Mundo e agora para as Olimpíadas de 2016 —, a conquista de território está cada vez mais difícil.

E, agora, faço a mesma pergunta: quem são os mocinhos? Quem são os bandidos?

“Tim Lopes era bom”, diz Bruno.

“E quem é Tim Lopes?”, pergunta Felipe, natural de São Paulo, que nunca ouviu o nome daquele jornalista do Rio.

“Minha mãe cantava o tempo todo para mim aquela música do Milton Nascimento. Sabem qual é? Aquela que diz: ‘O que importa é ouvir a voz que vem do coração. Pois seja o que vier, venha o que vier...’”

Iago e Felipe tapam os ouvidos. Eles já têm de aturar aquela voz de rato o dia inteiro e agora ainda se põe a cantar...

“Tudo bem, tudo bem. É a música que cantaram no enterro dele. Minha mãe dizia que foi uma pena terem matado aquele homem tão bom.”

Bruno tem razão. Tim Lopes nasceu em uma favela do Rio com uma ideia, um talento e um problema. A ideia era que escrever sobre os problemas que afligiam o Brasil e mostrá-los ao mundo era o primeiro passo

para voltar a erguer o país. O talento era a sua capacidade de desenterrar as melhores histórias das ruas e dar-lhes visibilidade. O problema era o nome. “Já imaginou a cara do leitor quando vir no final do artigo Arcanjo Antonino Lopes do Nascimento? No mínimo, ele para de ler e passa para o horóscopo”, disse um dia o seu primeiro editor. Do sobrenome, guardou apenas Lopes, o nome foi resolvido pela sua semelhança com o cantor Tim Maia.

Nos anos 1990, Tim começa a ganhar os primeiros prêmios pelas suas corajosas reportagens. Se disfarça, assume identidades falsas, introduz microcâmeras ocultas nas vielas mais perigosas do Rio e fala com todos. Sem nunca perder o sorriso e aquela paixão febril pelas coisas bonitas da vida, como correr na orla e sambar. De um lado estão o sol, as praias e todas aquelas coisas que recheiam os folhetos sobre o Brasil; de outro está a parte negra do seu trabalho. Essa parte negra, mesmo se você fingir que não existe, mesmo se você tiver um combustível inesgotável de moralidade para empurrá-lo sempre para frente, acaba sendo corrosiva. Tim percebe os primeiros sintomas na vez em que se disfarça de vendedor ambulante de água e esconde uma microcâmera no isopor. Quer filmar as gangues de rua que atacam os transeuntes. Tudo acontece em um piscar de olhos. Um menino se aproxima de um casal, saca uma faca, um taxista percebe o roubo, puxa um revólver e começa a atirar para assustá-lo e obrigá-lo a fugir. O menino sai correndo no meio do tráfego, mas não consegue desviar de um ônibus, que o pega em cheio.

Tim filma tudo, perplexo, e aquela pergunta que todos os jornalistas a certa altura fazem a si mesmos e que, no passado, mal o havia tocado começa a atormentá-lo: será que vale a pena? Todo esse risco para quê? Será que os moradores das favelas vivem melhor depois de todas as minhas reportagens?

Tim sente a necessidade de ir embora, de se isolar em algum lugar distante para pensar e, uma vez na vida, não se importar com os problemas

que nem o Estado consegue resolver. Mas ouve um pedido de socorro. Os moradores da favela de Vila Cruzeiro, sob o jugo do Comando Vermelho, não sabem mais em quem confiar. Quem são os mocinhos? Quem são os bandidos? Sem dúvida, o pessoal do Comando não é bom e o mesmo pode ser dito da polícia, inerte e muitas vezes corrupta e conivente com os grupos criminosos. Resta Tim. Ele é bom. Nele você pode confiar, embora, como diz o pessoal da favela, ele seja “do asfalto”, ou seja, vive onde as ruas são asfaltadas, e não como ali na Vila Cruzeiro, onde tudo é desconexo, tornando necessário fazer um *slalom* entre as pedras. O comportamento dos traficantes da Vila Cruzeiro já está intolerável. Cruzar com o tráfico à luz do dia infelizmente é coisa comum; o pessoal do Comando está de olho nas garotas menores de idade da favela. Quem se recusa a fazer sexo com eles durante os bailes funk paga caro. Tim precisa documentar os costumes bárbaros do Comando e escancará-los para a opinião pública. Escolhe a técnica já testada: identifica uma boca de fumo, certifica-se de que não tem consigo objetos como celular e documentos que possam identificá-lo caso alguém desconfie (Tim já é um rosto conhecido no Rio e também precisa se proteger da fama) e se mune da microcâmera de sempre, camuflada no cinto. Mas, naquela noite, justamente as precauções e o “currículo jornalístico” traem Tim.

André da Cruz Barbosa, o “André Capeta”, e Maurício de Lima Bastos, o “Boizinho”, dois homens do Comando, se aproximam daquele tipo estranho apoiado no balcão do bar.

“Que porra de luz é essa?”

“Sou jornalista, posso explicar.”

Mas, sem documento, como podem acreditar nele? E, mesmo que acreditassem, Tim continuaria sendo um maldito bisbilhoteiro. É melhor levá-lo até o chefe, Elias Pereira da Silva, o “Elias Maluco”. “Elias Maluco” está na Grota, a mesma favela à qual Tim havia dado visibilidade em uma das suas reportagens mais famosas, que, além de ter lhe rendido os prêmios de sempre, contribuiu para a prisão de diversos traficantes. “Elias Maluco”



deve ter pensado em uma dádiva do céu quando viu chegando os dois capangas que arrastavam o jornalista bisbilhoteiro.

Segue-se uma série de torturas e humilhações depois de um falso julgamento improvisado em um morro abandonado do Complexo do Alemão. O “tribunal penal” dos traficantes se reúne para deliberar uma decisão já tomada: Tim deve morrer. Para o pessoal do Comando, ele é um espião e existe um ritual preciso a ser seguido no caso de espiões. As preliminares podem variar muito — no caso de Tim, foram usados cigarros para queimar seus olhos e uma espada ninja para mutilá-lo —, mas o final é sempre o mesmo: o micro-ondas. Trata-se de um cilindro composto de pneus empilhados, dentro dos quais é colocada a vítima. Depois, despeja-se gasolina e ateia-se fogo. Uma pira dos narcotraficantes.

É um final que, antes de Tim, muitos conheceram. Todos culpados, como Kiki Camarena, por não terem abaixado a cabeça. De Tim sobraram apenas alguns fragmentos de ossos e objetos pessoais, entre os quais a inseparável microcâmera. E, por fim, restou aquela estrofe cantada no seu funeral, que iago e Felipe não escutaram até o fim.

*O que importa é ouvir  
A voz que vem do coração  
Pois seja o que vier, venha o que vier  
Qualquer dia, amigo, eu volto  
A te encontrar  
Qualquer dia, amigo,  
a gente vai se encontrar.*

## 10. A árvore é o mundo

A árvore é o mundo. A árvore é a sociedade. A árvore é a genealogia de famílias ligadas por relações dinásticas seladas com sangue. A árvore é a conformação a que tendem os grupos empresariais cotados na Bolsa que dispõem de ramos diversificados. A árvore é a ciência.

A árvore também é uma árvore de verdade. No mito transmitido pelos antigos ela é um carvalho arraigado na ilha de Favignana, mas o que encontrei lá foi um castanheiro verde e vivo, embora seu enorme tronco cinzento e gretado seja oco que nem uma gruta. Até a data da Epifania, essa gruta natural costuma abrigar um presépio com os reis magos, vindos do Oriente, e o arcanjo Gabriel, que vela do alto, sentado numa raiz brotada como uma trave. Durante séculos a árvore deu guarida às ovelhas quando as tempestades desabavam nas montanhas, aos cães e aos burros, que podiam ao menos se enfiar ali com as patas dianteiras e a cabeçorra. Inclusive aos homens: pastores, caçadores, bandoleiros. Foi o que pensei enquanto me encolhia naquela cavidade, aspirando o cheiro de musgo e de terra, de resina e água represada. A árvore sempre esteve ali, naquele desfiladeiro quase sobre a cumeada de Aspromonte. Os homens vieram depois e assimilaram sua forma e seus significados. Parece simples, mas não é nem um pouco.

A árvore da 'Ndrangheta cobre quase o mundo inteiro. Essas palavras não deveriam suscitar mais nenhum escândalo, nariz torcido, expressões de incredulidade ou indiferença. Já não deveriam levantar a suspeita de que

quem lança o alarme está pintando o lobo muito maior ou mais sombrio do que ele é, visto que muitas vezes se trata de um lobo conterrâneo de quem deve caçá-lo, um lobo das montanhas da Calábria. Agora. Hoje. Mas esse hoje começou faz poucos anos, anos circunscritos a apenas três datas: 2007 — massacre do feriado de Ferragosto no restaurante Da Bruno, de Duisburg, como epílogo da vendeta entre as famílias de San Luca que estourou durante as festas de Carnaval de 1991; 2008 — inclusão da 'Ndrangheta Organization na lista divulgada pela Casa Branca das Narcotics Kingpin Organizations, as organizações do narcotráfico que constituem um perigo para a segurança dos Estados Unidos e cujos bens são imediatamente bloqueados; 2010 — Operação Crime-Infinito, coordenada pela DDA [Direzione Distrettuale Antimafia] de Milão e de Reggio Calabria. Mais de trezentas detenções. Difusão do vídeo da reunião na província de Milão, realizada no Circolo Giovanni Falcone e Paolo Borsellino de Paderno Dugnano, que documenta o domínio calabrês no Norte da Itália, e da filmagem feita no santuário de Polsi, que revela a estrutura completamente hierárquica de toda a organização.

Mas nada disso foi suficiente. Um dia, folheando os jornais, deixei escapar uma risada seca, como quando a gente se descobre objeto de um deboche pesado, mas que não nos causa surpresa. “Assine você também contra Saviano, que acusa o Norte de mafioso.” Era meados de novembro de 2010, numa semana em que eu tinha falado sobre uma 'Ndrangheta transplantada nas regiões setentrionais, mostrando e comentando o material que já era de domínio público havia quatro meses. Logo pensei que não há pior cego do que aquele que não quer ver. E imaginei que esse provérbio também podia ter sido dito pelos chefões calabreses para confirmar que tudo continuava como sempre, nenhum problema.

A 'Ndrangheta deve aquilo que ela é hoje tanto aos deméritos alheios quanto aos próprios méritos. Um de seus maiores méritos foi ter protegido seu crescimento de modo que só de vez em quando ela fosse percebida por algum episódio pontual. Jamais o todo, jamais a extensão de toda a coroa,

muito menos a evidência de seu perímetro na profundidade das raízes. Foi assim até chegar à própria árvore, graças à dimensão excessivamente espalhada para ser compreendida pelo olhar, fazendo sombra sobre si. Por uma boa década ela sumira de vista até dentro da Itália. O Estado parecia ter vencido em todas as frentes: tinha derrotado o terrorismo, dobrado a máfia siciliana depois do período das bombas, ocupado manu militari não somente a Sicília, mas também a Campanha, a Puglia e a Calábria, acusada de envolvimento no assassinato de Antonio Scopelliti, juiz empenhado no megaproceto contra a Cosa Nostra. No entanto, aquele homicídio exemplar alimentou um perigoso equívoco: foi visto como mais uma prova de subalternidade dos calabreses aos sicilianos. E mais: no imaginário coletivo, a 'Ndrangheta continuava sem ter um rosto ou, se tivesse um, este se confundia mais facilmente com o da Anônima Sarda. Bandos de pastores que arrastavam seus reféns para Aspromonte ou para Gennargentu, tratando-os pior do que animais, enviando orelhas cortadas para pedir os resgates. Eles mesmos animais, capazes de acrescentar uma fonte de terror a um país já sangrento demais e desestabilizado nos anos 1970, mas graças exclusivamente à disputa pelo controle geográfico de territórios mergulhados no atraso total. Essa era a imagem que se fixara nas mentes, uma ideia que depois nenhum conhecimento novo conseguiria corrigir.

Isso também era cômodo para a 'Ndrangheta. Com a nova lei sobre o congelamento de bens, os sardos tinham sido derrotados, e assim também se pensava a respeito dos calabreses. Até em Reggio Calabria os mafiosos tinham parado de massacrar-se entre si, e desse modo a paz parecia triunfar justa e definitivamente em toda parte. Em vez disso, na Calábria havia uma *pax* mafiosa. Uma mudança de estratégia, uma retirada tática. A 'Ndrangheta tinha decidido renunciar aos sequestros, não se deixar enredar pela Cosa Nostra em fracassadas estratégias contra o Estado, precaver-se do derramamento de sangue em guerras fratricidas. A árvore, que já vinha crescendo havia tempo, deveria medrar em silêncio: as raízes continuavam escavando a terra da Calábria com obras públicas como aquelas para a

Salerno-Reggio Calabria, a coroa a expandir-se no tráfico internacional de drogas, agora sobretudo de cocaína.

A árvore, que desde tempos ainda mais remotos incluía da simples *'ndrina*\* à Onorata Società, também trazia em si a resposta para a crescente exigência de coesão e coordenação. Durante mais ou menos um século os afiliados transferiam seu significado simbólico de pai para filho, do chefe mais velho ao novo afiliado. “O tronco representa o chefe da sociedade; o subtronco, o contador e o chefe de jornada; os galhos, os camorristas de sangue e represália; os ramos, os rapazes de rua ou apontadores; as flores representam os recrutas; as folhas representam os canalhas e traidores da *'Ndrangheta* que acabam apodrecendo aos pés da árvore da ciência”, lê-se em um código encontrado no ano de 1927, em Gioiosa Jonica. A transmissão oral produziu muitas variantes, mas a substância permanece sempre a mesma. Os chefes são a base do tronco ou o próprio tronco, do qual as hierarquias brotam se subdividindo em ramos cada vez mais distantes e frágeis.

Os chefões das famílias mais influentes não precisavam senão aplicar o modelo preexistente. A *'Ndrangheta* tornou-se integralmente hierárquica. Mas não como imitação da cúpula da Cosa Nostra, conforme erroneamente se dirá quando, em 2010, foi comprovada a existência de um chefe eleito no santuário de Polsi. Se a estrutura siciliana é representável por uma pirâmide, com uma simplificação geométrica, a árvore calabresa resulta numa figura especularmente invertida: um triângulo de ponta para baixo, ou melhor, um v cujas linhas podem continuar se alongando e alargando ao infinito.

Era isso que estava acontecendo. Ao longo de uns bons dez anos. Na Itália, o Partido Socialista e a Democracia Cristã tinham desmoronado, sucederam-se nove governos tanto de direita quanto de esquerda, de Berlusconi a Ulivo,\*\* planta bem mais frágil que a *'ndranghetista*. Nesse meio-tempo, Pablo Escobar tinha sido assassinado na Colômbia e os calabreses remanejaram seus intermediários para Cali. Depois o cartel de Cali também ruiu, e era preciso tocar os negócios com os que sobraram ou

todos os que começavam a entrar, na consciência de que nada era tão imutável quanto sua honradíssima sociedade, fértil como sua árvore mitológica e real. A Itália só foi forçada a se recordar da 'Ndrangheta em 2005, quando o vice-presidente do Conselho Regional, Francesco Fortugno, foi assassinado em Locri e pela primeira vez os rapazes da região lançaram o grito coletivo: “Matem-nos todos”. Mas o choque não durou muito, como sempre ocorre com as histórias do Sul, consideradas manifestações de um problema endêmico e circunscrito a territórios sem esperança, nada que diga respeito de perto ao resto do país.

A árvore se tornara enorme. Não teria sido difícil percebê-la. Teria bastado acompanhar as notícias das páginas policiais com um mínimo de atenção constante. Teria sido suficiente deter-se simplesmente em um único episódio reportado na seção nacional dos jornais. Uma história em que a árvore se revela por inteiro. Uma folha se desprendera dela. Antes mesmo que tivesse tocado o chão, essa folha foi recolhida no ar pelos investigadores. Este era o acontecimento raro, porque a folha em si não teria constituído nenhum perigo. Até hoje o número de 'ndranghetistas que decidiram colaborar com a Justiça não passa de cem, e os chefões se contam nos dedos de duas mãos. É muito difícil dar as costas a uma organização que coincide com a família em que você nasceu ou à qual está ligado por meio de um casamento ou de um batismo, ou da qual pelo menos fazem parte quase todas as pessoas de seu círculo de conhecidos desde a infância. É quase impossível despegar-se de uma árvore quando você se tornou um galho dela. Mas aqui não se tratava de um galho, nem sequer de um ramo pequeno. Somente uma folha que nunca passara disso, isto é, aquilo que nas versões mais elaboradas do mito representa os “sócios correspondentes”, as pessoas que margeiam a organização sem serem afiliadas a ela. E mesmo assim ela só se tornou sócia depois de uma longa hesitação.

A folha que, ao cair, expôs toda a árvore se chamava Bruno Fuduli. Bruno era um rapaz quando teve de assumir uma herança e se responsabilizar por sua família. O destino dos primogênitos. Nas *'ndrine* a sucessão dinástica por antiguidade é uma daquelas leis férreas que evitam a eclosão de lutas pelo poder caso um mandachuva morra ou termine na prisão. No caso de uma empresa familiar isso é uma prática difundida, não apenas na Calábria ou no Sul. O filho maior é o primeiro a ser introduzido na firma: para dar uma mão, aprender e frequentemente também para levar aquelas novas ideias a que as gerações mais jovens tiveram acesso.

Bruno tinha pouco mais de vinte anos quando seu pai morreu, deixando-lhe a Filiberto Fuduli em Nicotera, uma cidadezinha antiga, voltada para o mar Tirreno e para a longa, famosa praia branca que no verão se enche de turistas. Tinha herdado ainda um rombo de meio milhão de liras, mas estava convencido de que se sairia bem apostando tudo na competitividade e na renovação.

O mármore, o granito e todas as pedras que seu pai trabalhava artesanalmente tinham voltado à moda naqueles anos. Havia tanto pedidos corporativos quanto para casas particulares, além da demanda inabalável por parte dos cemitérios. Bruno se lança: atualiza a gama de materiais, muda o nome e a razão social da empresa e depois abre outras duas, em sociedade com o cunhado. Porém, toda essa atividade se choca com mais um obstáculo. Além das dívidas, Bruno herdou também outro aspecto da atividade paterna. Furtos, vandalismo, dolo evidente. Mas justamente ali onde, naquelas terras, seria de esperar uma maior flexibilidade, aquele rapaz ambicioso permaneceu fiel à teimosia do velho Filiberto. Em vez de apresentar-se às pessoas certas e “conseguir um lugar ao sol”, vai até a polícia e denuncia.

Para a família que controla toda a província de Vibo Valentia ele equivale ao incômodo de uma mosca que perturba o repouso da sesta num dia abafado de verão. Os Mancuso estão ali desde sempre. Podem ostentar uma sentença de 1903, quando seu bisavô Vincenzo foi condenado por

associação criminosa. Agora atuam em todo tipo de tráfico ilícito e são ainda favorecidos pelas ótimas relações de vizinhança com as famílias da planície de Gioia Tauro. Os Piromalli controlam o território diretamente envolvido na construção do porto e do polo siderúrgico, os Mancuso, as pedreiras em Limbadi e arredores, das quais são extraídos todos os minerais. Podem perfeitamente desprezar os trocados que o jovem Fuduli se recusa a desembolsar. Mas a arrogância dele representa um mau exemplo. Renovar os pedidos de pagamento, ou seja, as ações intimidatórias, é algo que se faz por rotina e por princípio, na esperança de que o rapaz aprenda a baixar aquela cabeça dura. Questão de tempo. O tempo não é apenas o melhor remédio, mas também o melhor cobrador dos proventos.

Os débitos. Por muitos anos Bruno consegue administrá-los, mesmo com as despesas e as perdas suplementares infligidas pela prepotência contra os que não se deixam dobrar. Trabalha feito um louco, dá a alma para pagar os juros, mas a espada de Dâmocles continua pendendo sobre sua empresa. Basta pouco para que o precário equilíbrio desmorone. Basta uma dificuldade a mais, algum cliente que passe cheques sem fundos ou que simplesmente não pague. E é isso o que acontece no final dos anos 1980, momento em que a economia de todo o país começa a declinar, encaminhando-se lentamente para a crise que explodirá em 1992. Uma situação que está se repetindo na Itália, mas muito mais intensamente. Assim, um belo dia o banco informa a Fuduli que, na falta de garantias, se vê obrigado a cortar sua linha de crédito. Ele não tem outra escolha: ou declara falência, ou segue adiante por outros meios.

As pessoas que contata não têm problemas em lhe emprestar, mas as taxas que lhe pedem chegam aos 200% ou até mais. Ele se vê enforcado. Os agiotas dos Mancuso se tornam cada vez mais ameaçadores. Mas de repente lhe surge a mão estendida de um homem que dispõe de recursos ilimitados: Natale Scali, *boss* de Marina di Gioiosa Jonica, narcotraficante de longo curso. Bruno é o rapaz de quem ele precisa: um jovem empreendedor adestrado por um aprendizado de anos, que lançou mão de todos os



recursos para defender os próprios negócios. Fuduli é inteligente, dinâmico, determinado. Sabe se mover com competência, fala bem espanhol. Tem uma folha corrida imaculada, inclusive embelezada com denúncias recorrentes por intimidações extorsivas. Scali lhe diz isso sem rodeios. Sem pressa, e o gratificando a seu modo, a cada encontro lhe repete que precisa de uma pessoa como ele, de uma pessoa limpa. Por uma soma que nenhum banco concederia — 1 bilhão e setecentas mil libras —, ele lhe pede um favor que toma a forma de uma passagem aérea. Um mandado de prisão obriga Scali à clandestinidade de uma casa-bunker no sul da região, mas antes, quando ia cuidar pessoalmente dos negócios em Bogotá, hóspede do irmão de um governador, levava uma vida de nababo. Bruno só precisa renovar seus velhos contatos, pode até tomar aquilo como umas férias.

Natale Scali se move com o instinto do empreendedor esperto e previdente. Assim como outras famílias da costa jônica, os Aquino-Scali-Ursino se especializaram a tal ponto na importação da cocaína colombiana que tinham um representante fixo in loco: Santo Scipione, chamado de “Papi”, enviado diretamente de San Luca, a “mamma” — a “mamma” na qual tudo tem origem. É ela quem dita as regras, é ela quem lhe dá bofetadas, é ela que pune, acaricia, dá recompensas; e com ela todos os problemas devem ser discutidos. Se em algum lugar do mundo houver problemas entre os filhos de 'Ndrangheta, é a “mamma” de San Luca quem os resolve. Santo Scipione está em contato permanente com Natale Scali, mas começou a se concentrar num canal privilegiado que não cobre todas as necessidades. Estabeleceu-se em Montería, lugar que oferece a acolhida de uma grande comunidade italiana e acima de tudo continua sendo a cidade de um homem cada vez mais crucial para as trocas ítalo-colombianas, ainda que Salvatore Mancuso seja oficialmente uma eminência parda. Mas para todo clandestino a casa é a casa: o lugar onde está sua família, sua gente e, enfim, o território ao qual você pertence e que lhe pertence. Os calabreses trabalham com as AUC desde seu nascimento. Colocar no centro de suas bases um agente comercial próprio é um gesto de deferência e de agilização

das tratativas que só pode ser acolhido com benevolência. El Mono se esconde nas paragens. O mundo inteiro é um vilarejo.\*\*\*

Ao voltar de Bogotá, Bruno descobre que Scali debitou em sua conta 600 milhões em juros, a serem pagos com uma nova viagem e mais outra. Agora sua tarefa não é apenas fazer visitas de representação, mas contatar novos fornecedores. As tratativas que ele ajuda a encaminhar se traduzem no envio de toneladas de cocaína para a Calábria. Natale Scali acertou em cheio. Mas quando ele se oferece para resolver a situação da dívida se apropriando da empresa de Fuduli e recebe como resposta um “não, obrigado”, eles se separam serenamente. Não é um problema para Scali, apenas para Bruno. À legião de usurários que giram na órbita dos Mancuso agora se juntou um *boss* em pessoa da região próxima da Locride.

As cidades da Calábria são pequenas, e a 'Ndrangheta é feita de ramos interligados. Há um pequeno ramo da grande árvore que precisa ser rearranjado. Vincenzo Barbieri, traficante dos Mancuso, saiu faz pouco tempo da cadeia e precisa cumprir o resto da pena em prisão domiciliar. A solução é tão simples e fácil que Diego Mancuso, um dos chefes da *'ndrina* de Vibo, intervém apenas para pedir o favor de que Barbieri seja contratado para um trabalho de reabilitação na firma de Fuduli, a Lavormarmi. O resto segue seu curso por si: Bruno termina sendo driblado, e suas empresas, cada vez mais endividadas, caem nas mãos dos que tinham acabado de pôr os pés ali dentro. Talvez ele se iludisse achando que podia bancar o jogo com Barbieri e o compadre ficha limpa que ele trouxera consigo, até porque os dois afirmavam que não queriam ter nenhum tipo de relação com os Mancuso.

Vincenzo Barbieri e Francesco Ventrìci formam uma estranha dupla, algo que vai além e que é diferente de dois irmãos de sangue fiéis à Onorata Società. O mais jovem, Ventrìci, talvez nem seja afiliado ritualmente à organização, simplesmente está próximo dela — mesmo porque sempre esteve próximo, muito próximo de Barbieri. Os dois parecem uma daquelas duplas inseparáveis que se formam nos pequenos vilarejos do Sul da Itália.

Cidadezinhas como San Calogero, afundadas no tédio dos bares onde se reúnem todos os homens do local e a permissão de poder frequentá-los já representa uma espécie de rito de passagem. Onde certos juvenzinhos se grudam na figura mais admirada até quando, mais crescidos, sua aberta reverência e emulação se transformam na solidez de um laço afetivo. Ventrisci se casa com uma prima de Barbieri e a partir daí os dois se tornam compadres de verdade, compadres de batismo dos filhos. É assim que os sócios indesejados de Fuduli se apresentam depois de se reencontrarem em San Calogero. Barbieri é o proprietário legal de uma empresa que produz salões de festa, com seu aspecto bem cuidado e burguês que lhe valeu o apelido de “U Ragioniere”, O Contador. Ventrisci é um rapagão de olhinhos rasgados e papada, daí o rótulo imediato, “El Gordo”, que deve ter sido dado a ele por algum amigo colombiano do compadre. As falcatruas que eles fazem através das empresas e dos serviços de Fuduli se tornam o teste decisivo de sua parceria.

Mas o eixo paradoxal continua sendo Bruno. Bruno, que agora se vê servo de dois senhores e à mercê de outros tantos. Bruno, que continua fazendo voos transoceânicos, tratando ou intermediando para Scali e os vibonenses, avaliando novos contatos, novas rotas, novos métodos de transporte, conquistando cada vez mais a confiança privilegiada de seus interlocutores sul-americanos. Vai encontrá-los em Cuba, no Panamá, na Venezuela, no Equador, mas também na Itália ou na Espanha. A cada dia se torna mais seguro e desenvolvido, preciso e organizado. Um *partner* com quem se trabalha com alegria e amizade. E se por telefone se falar sobre festas e o número de convidados para definir os montantes e as quantidades de pó, isso não exclui que ele seja realmente convidado para elas.

Mas as viagens de negócio são estafantes. Se você opera num certo ramo, a Colômbia é uma selva mortal, mesmo quando você se hospeda nos melhores hotéis da capital ou é hospedado nas mansões mais luxuosas. E, depois da queda do cartel de Cali e de Medellín, os que lhe fazem o melhor preço são os mais perigosos. As AUC, as Farc. Ferrenhos inimigos associados

na produção e venda de cocaína no atacado. Mas também pelo fato de que podem sequestrá-lo e fazê-lo desaparecer quando bem quiserem. A essa altura, só lhe resta rezar à *Maronna 'ra Muntagna*, a Nossa Senhora da Montanha, rogando-lhe a graça de que seus contatos na Calábria providenciem a tempo os pagamentos atrasados. A Colômbia é um Aspromonte sem fim. Papi, o de San Luca, poderia ter lhe explicado isso se Scali os tivesse colocado em contato, coisa que ele evitou fazer a todo custo. Mas Fuduli aprendeu sozinho que seus conterrâneos têm muito orgulho de ser os únicos clientes aos quais os colombianos não pedem nem mesmo uma porcentagem de adiantamento. São homens honrados, homens de palavra. A palavra, é claro: mas além disso é necessário o sinal em carne e osso, mantido até o pagamento do último narcodólar. Quem sabe da próxima vez não caberá a ele pagar?

Já faz anos que Bruno leva essa vida. Contratar, supervisionar o processo para que os blocos de mármore, de *piedra muñeca*, sejam transformados em algo que pareceria queijo suíço, se não fossem quadrados: blocos cheios de furos cilíndricos que depois vão ser preenchidos com tubos de plástico recheados de cocaína e em seguida selados por uma massa feita de restos. O próximo passo é contatar as sociedades colombianas de exportação, as firmas de fachada dos narcotraficantes, para a retirada da mercadoria destinada a uma de suas empresas. Por fim, após voltar à Calábria, desembaraçar a carga na alfândega de Gioia Tauro e transportá-la para uma pedreira próxima de San Calogero. Talvez esse seja o momento crítico. O momento em que se encontra diante daqueles blocos de mármore de vinte toneladas que, se tivessem permanecido incólumes, uma vez cortados e laminados, revelariam toda sua beleza: a cor dourada, vibrante de veios, tão semelhante ao travertino. No entanto ele, ex-proprietário da Lavormarmi e dono de fachada da Marmo Imeffe, o homem a quem aquelas encomendas são remetidas, agora deve ensinar os operários cúmplices como retirar dali os cilindros sem que eles sofram nem mesmo um arranhão. Salvar a droga. Recuperar justamente a escória dos tesouros da Terra que eras geológicas

contribuíram para formar e que agora valem o mesmo que uma lata vazia. De fato ele prefere quando o pó vai parar dentro de flores, de mantas de couro fedorentas, de latas de atum. Mas nesses casos ela não desembarca na Itália, nem chega perto dos seus olhos.

Quando Barbieri ou Ventrisci lhe diz que ele agora pode ir para casa, porque tudo o que vem em seguida não lhe diz respeito, no habitual trajeto feito de carro Bruno tomba no vazio. Um vazio lúcido. Não é esta a vida que ele queria. Não é esta a vida pela qual estaria disposto a terminar na cadeia ou assassinado. Se sente velho. Tem quase quarenta anos e se parece com aqueles blocos perfurados: um casamento falido, uma empresa já perdida e as outras que não consegue recuperar. Se sente decrépito quando pensa que fora capaz de servir de fachada para os chefões de Limbadi, os mesmos que, justamente em Nicotera, tinham sediado o lendário encontro de cúpula com a Cosa Nostra, no qual os calabreses votaram unanimemente contra a proposta de Totò Riina de declarar guerra ao Estado. Na época ele era apenas um rapaz com um pequeno negócio, com um capital de giro ridículo para os Mancuso. Apesar disso ele resistiu durante anos. Depois o esmagaram sem necessidade nenhuma, só pelo gosto de espremê-lo como uma laranja colhida na planície de Rosarno. E ele agora está se deixando espremer como o último dos clandestinos.

Não é isso. Ele não é isso. Se não tinha medo quando era jovem, não deveria ter medo agora, quando já tinha aprendido que todos, na Calábria ou na Colômbia, têm sobre a cabeça uma mão que pode esmagá-los a qualquer momento, por punição, erro ou arbítrio. Quem sabe por quanto tempo carregará pensamentos desse tipo, ruminando-os até a náusea. O fato é que, um dia, Bruno se decide. Vai de novo à polícia, agora não para denunciar uma intimidação, mas a si mesmo: o papel que ele cumpre, suas viagens, suas encomendas de mármore e seu conteúdo. De início há certa incredulidade. É preciso que haja confirmações, o aval de autoridades superiores. Mas, com base nas investigações já em curso, os ROS [Raggruppamento Operativo Speciale] compreendem que as declarações de

Fuduli são precisas e verdadeiras. Durante dois anos ele atua como uma “fonte confidencial”. Depois dá mais um salto: se torna colaborador da Justiça. Um colaborador oculto. Uma figura que parece inconcebível na terra mãe da 'Ndrangheta. Um infiltrado.

A investigação com a qual Fuduli colaborou foi batizada de Operação Decolagem e ainda hoje é considerada a mãe dos grandes inquéritos sobre o narcotráfico transnacional envolvendo famílias calabresas. A folha se desprende, a árvore está visível. Mas visível não significa arranhada. O trabalho que envolveu investigadores e forças policiais da Itália, Holanda, Espanha, Alemanha, França, a DEA norte-americana, o Judiciário colombiano, a Venezuela e a Austrália, e que resultou em prisões na Lombardia, Piemonte, Ligúria, Emilia Romagna, Toscana e Campanha, além da apreensão de cinco toneladas e meia de cocaína, do ponto de vista do poder econômico e operacional das organizações não passou de uma ranhura na cortiça. O principal valor dessa operação foi cognitivo. Até as apreensões são vistas sobretudo como a prova de que os carregamentos chegaram em tal país, partiram de tal outro, às vezes com escalas e baldeações ao longo da rota. São uma mensuração plausível da árvore, ou pelo menos de muitos de seus galhos principais.

A partir do ano 2000, pelo porto de Gioia Tauro passam três contêineres vindos de Barranquilla, Colômbia, a bordo de navios de linha da companhia dinamarquesa Maersk Sealand. Todos destinados às empresas de Fuduli, todos lotados de mármore contendo respectivamente 220, 434 e 870 quilos de cocaína. Outro contêiner com uma carga de 434 quilos de droga, sempre ocultada em blocos de mármore, é expedido de Barranquilla em março de 2000 e chega em agosto ao porto de Adelaide, Austrália. É destinado a Nicola Ciconte, um homem de raízes calabresas, mas nascido em Wonthaggi, cidade agrícola a sudeste de Melbourne. Depois de algum tempo, a polícia australiana consegue rastrear cerca de dois terços da carga, já armazenados por um calabrês. Então se começa a bater na Itália, mas com

prudência estratégica. O que importa não é a quantidade de droga apreendida, mas o fato de que ali se revela outra modalidade de transporte e, sobretudo, que conduz diretamente a outra ramificação, a da Lombardia. Em 23 de janeiro e 17 de março de 2001, no aeroporto milanês de Malpensa, são apreendidos 12,1 quilos e 18,5 quilos de cocaína que viajavam em dois voos de carreira provenientes de Caracas, Venezuela. Há um funcionário da SEA, a empresa que tem a concessão do terminal, encarregado de pegar da esteira transportadora as malas em que a droga está escondida, um homem de San Calogero. As filiais dos Mancuso e dos Pesce de Rosarno se prepararam para rápidos fornecimentos nas praças de Milão, onde a demanda por pó é inexaurível. Passa quase um ano até que se aborde de novo um navio. Em 10 de janeiro de 2002, no porto de Vigo, na Galícia, fez-se a inspeção de um contêiner que zarpara do Equador com 1698 quilos de cocaína escondida em latas de atum ao óleo para o setor de restaurantes, destinadas à Conserva Nueva de Madri. Bruno Fuduli, que negociara entre colombianos, vibonenses e espanhóis, manteve os agentes da polícia informados.

O dia 3 de abril de 2002 marca uma data importante. A primeira grande ação na Itália. O destino final teria sido Gioia Tauro, mas o carregamento terminou por engano no porto de Salerno, onde foi apreendido. Dessa vez o contêiner partira de La Guajira, Venezuela, e os 541 quilos de cocaína estavam enfiados nos estrados de suporte das placas de granito endereçadas à Marmo Imeffe.

Mais um ano de espera e de calma aparente. Até que chega o golpe mais importante, desferido na principal porta de entrada da droga na Europa. Na noite de 3 para 4 de junho de 2003, as autoridades espanholas interceptam ao largo das ilhas Canárias o pesqueiro *Alexandra*, com 2591 quilos de cocaína a bordo. A mercadoria provavelmente tinha sido embarcada na costa da África ocidental, talvez em Togo ou no Benin, onde as *'ndrine* dispõem de infraestrutura para a estocagem e o transbordo da droga.

Mas não acaba aí. A próxima ação atravessa todo o Atlântico até chegar ao mar do Norte. Em 29 de outubro de 2003, no porto de Hamburgo, é

interceptada uma carga que tinha sido expedida do porto de Manaus, Brasil, passando pelo porto de Rijeka, Croácia, com 255 quilos de cocaína inserida em forros de material plástico. As escalas aumentam a segurança do narcotráfico, visto que a cada vez o contêiner muda de número. O que chegara a Hamburgo deveria ser entregue à Ventrans de San Lazzaro di Savena, empresa de Francesco Ventrici que, em 2002, um site do setor de autotransportes elegera a “empresa do mês” por sua “seriedade, confiabilidade e precisão”. O homem dos Mancuso figurava como empresário exemplar na cidade próxima a Bolonha onde fixara residência.

Somente em 28 de janeiro de 2004, depois de mais de três anos, chega-se ao porto de Gioia Tauro. É quando ocorre a apreensão de um carregamento de 242 quilos de cocaína que zarpara de Cartagena, escondida nos blocos de *piedra muñeca* destinados à Marmo Imeffe. É o ato final, o momento em que os investigadores tiram a máscara. Nesse preciso momento também estão prestes a ser executados os mandados de prisão. A Operação Decolagem está encerrada.

Colômbia, Venezuela, Brasil, Espanha, Alemanha, Croácia, Itália, África, Austrália. Os primeiros pontos seguros a assinalar no mapa. Mas não são todos, nem poderiam ser. Quando os investigadores repetem que só confiscaram 10% da cocaína destinada ao mercado europeu, cota equivalente a um risco empresarial inferior ao das mercadorias furtadas nos supermercados ou aos cheques sem fundo recebidos por um pequeno ou médio negócio, apenas expressam a parte de amarga verdade que podem comunicar publicamente. Claro, é difícil encontrar as cápsulas que viajam nos corpos, as remessas ocultadas com métodos cada vez mais sofisticados, interceptar embarcações que viajam em alto-mar ou atracam à noite, em frente a qualquer ponto de uma costa. É difícil até quando já se colheram informações detalhadas. Seja como for, na maioria das vezes os narcotraficantes conseguem se safar bem debaixo do nariz daqueles que os perseguem. Mas também há outro aspecto, mais complicado. O Estado, com seus braços executivos e judiciários, deve ser capaz seja de tirar a droga das



ruas, seja de conter e se possível desarticular as organizações que a comercializam. Mas esses dois objetivos entram em atrito. Caso se atue sempre nos mesmos portos, os traficantes terão a certeza de que estão na mira. Mudarão de rota, de cargas de fachada, farão o desembarque em locais imprevisíveis, em portos menos vigiados. No caso da Operação Decolagem, os investigadores dispunham de um trunfo extraordinário: o infiltrado que sabia informá-los em tempo real sobre novas remessas e novas destinações. Mas em regra isso não acontece. É possível que, numa determinada investigação, já tenham sido realizadas extensas interceptações, mas os cuidados tomados pelos traficantes tornam complicadíssimo identificar as rotas e os pontos de desembarque. O rastro periga se perder, e com ele toda a investigação, que precisa se apoiar em dados comprovados.

Até quando se está a par de quase tudo, como nesse caso, qualquer ação deve de todo modo ser bem pesada. Fingir. Fingir que se tratou de um golpe de sorte. Não está descartado que a outra parte perceba o truque. Mas o essencial nesse jogo de pôquer entre policiais e bandidos é simplesmente não elevar demais o nível de alarme. Não por muito tempo. Os investigadores pelo menos têm sempre uma certeza. Os traficantes podem deixar passar uma rodada, mas nunca desistir da partida. Numa vez se ganha, noutra se perde. Diante das exigências do mercado, o cálculo dos riscos se relativiza.

Quem sabe quanto Bruno ponderou sobre o caminho que escolhera no dia em que decidiu cruzar a soleira da delegacia da província de Vibo Valentia. Nunca o suficiente. Esperava escapar à agiotagem que o asfixiaria e também à probabilidade cada vez mais clara de acabar na prisão por muitos anos. Depois, quando se tornou colaborador e até auxiliar da Polícia Judiciária com o codinome “Sandro”, sabia que receberia ajuda e proteção para refazer a vida, longe do lugar em que o consideravam um infame, uma folha que deve apodrecer aos pés da árvore. A certeza mais definitiva. Se me descobrem, me matam. Caso venham a saber somente mais tarde quem os

traiu, vão me procurar até o fim. Pensamentos nítidos. Porém muito genéricos, abstratos. Não conseguia imaginar antecipadamente a angústia a que se expunha, dia após dia, justamente na condição de folha caída nas mãos de quem começava a interferir nos fluxos da linfa. Uma escolha sempre transcende o cálculo, extrai força e inelutabilidade de sua zona cega. Você nunca sabe quando precisará pagar. Não compreende realmente o que está fazendo, o que já foi feito. Esta é a certeza que eu também amadureci em seis anos e meio. Frequentemente eu acordo e ela me esmaga como um soco no esterno. Depois me levanto, tento liberar a respiração e digo: no fundo é certo que seja assim.

Na realidade, Bruno começa a se dar conta dos riscos e das tribulações a que está se expondo já no dia seguinte à primeira expedição — a única viagem tranquila, apesar de uma troca recíproca de reféns entre Calábria e Colômbia. No entanto, Natale Scali fica sabendo que Barbieri o forçara a revelar suas “trilhas”. Então ele convoca U Ragioniere e lhe faz ameaças, além de pegar os últimos vinte quilos de pó, que pretende pagar por menos da metade do preço de compra. A essa altura é Barbieri a dizer que quer Scali morto. A segunda remessa é um cambalacho: mercadoria já malhada, que na Calábria ninguém quer. O carregamento australiano teria sido o mais lucrativo, se a maior parte dele não tivesse sido apreendida, porque o preço no mercado de lá é muito alto. Primeiro os narcos acharam que foram trapaceados. Depois, uma vez lida a notícia em um artigo na internet, insistiram que cabia a eles se encarregar da mercadoria somente até a liberação da alfândega no porto. Bruno corre, apara as arestas, negocia descontos. Mas àquela altura, embora pareça incrível, as dívidas começam a pesar sobre suas importações de mármore e cocaína. E visto que Fuduli já se expôs com os agiotas, Barbieri e Ventrisci lhe ordenam contrair novos empréstimos e, o que é pior, com figuras ligadas aos Mancuso ou às suas famílias vassalas. Os donos da província, mantidos do lado de fora dos portões da empresa, agora aparecem nas janelas.

Para consertar tudo, teria bastado que os 870 quilos recebidos em Gioia Tauro em maio-junho de 2000 e revendidos em bloco a um comprador da força de Pasquale Mirando, *boss* de Platì, não tivessem gerado outros problemas. Porém, justamente por causa daquele carregamento se cria um delírio. Um delírio que nasce em um minicartel colombiano e contagia aquele inaugurado por dois compadres vibonenses. Os fornecedores do pó são uma empresa familiar de três a quatro irmãos. Mas dois deles se odeiam. Felipe, encarregado das vendas e dos transportes, alimenta um profundo rancor por Daniel, que leva adiante a produção e pode ser considerado o patrão do negócio. “Na Colômbia morre mais gente de inveja que de câncer, essa é uma expressão deles”, Bruno dirá aos juízes comentando aquele caso que os deixou atônitos. A inveja fere e devora, mas o lucro mantém a união como a mais venenosa das colas. Felipe é mantido à distância desempenhando funções em que pode desafogar sua índole violenta e suas ânsias de cabotino. Porém, a inveja não espera mais que uma orla macia para sair das anfractuosidades em que se oculta. São os vibonenses com sua inexperiência e a vontade indomável de ter para si os bilhões já embolsados por Marando. Felipe reclama uma pequena cota do pagamento para si, dizendo que pretende arruinar o irmão e prometendo que ele se incumbirá de enfrentá-lo. Ventrìci, que, diferentemente de Barbieri, pode deslocar-se para os encontros, será o primeiro a ceder. “Vamos pagar esses 6 milhões e depois eles se viram”, diz a seu sócio. Para Daniel as contas não fecham, ele quer sua parte, não está nem aí para o dinheiro dado ao irmão. Ele quer o dinheiro só para si.

Daniel encontra um meio de fazer-se ouvir, mesmo se mantendo nas “cozinhas” escondidas de sua terra. Envia embaixadores armados para dar um ultimato a Ventrìci e, mais importante, lhe manda pessoalmente um fax da Colômbia com uma foto de sua casa acompanhado de outro, em que lhe informa que daria 2 milhões de dólares a seus amigos do ETA para explodi-la nos ares com ele dentro. Ventrìci, El Gordo, arrogante até aquele momento, agora está aterrorizado. Pede a Bruno que encontre em Cuba um narco com

quem tem relações mais confidenciais, Ramiro, o qual lhe confirma o fato de que Daniel vende mercadoria aos terroristas bascos, mas exclui a possibilidade de que o ETA se mobilize para resgatar o crédito.

As águas se acalmam. Para Bruno isso causa um efeito estranho. Ele viu passarem a perna no homem que lhe tomou a firma por meio de métodos e razões que ele conhece bem demais. Inclusive recebeu a enésima confirmação de que, nas hierarquias de respeito entre os narcos, ele se encontra um degrau acima de seus dois aspirantes a manipulador de fantoche. Agora eles também compreenderam que, se comparada à Colômbia, a Calábria parece um parque de diversões. É fácil se achar corajoso quando se tem por trás a organização. É fácil quando se está agarrado à árvore como às saias da mãe, ou quando justamente se experimenta uma rebeldia de adolescente. No fim é sempre a árvore que controla cada folha que se movimenta. Ele então decidiu que já não se deixaria controlar — e fez bem.

De fato, as hostilidades só se aplacaram graças à intermediação dos galhos de peso. Natale Scali e Pasquale Marando deram garantias aos irmãos colombianos pela insolvência. Assim, a dívida colombiana dos compadres Ventrisci-Barbieri se transferiu para as mãos deles. Que os *boss* possam levá-los na corda curta por um rombo de apenas 6 milhões de dólares evita um mar de enxaquecas do qual eles não têm nenhuma necessidade. Suas prioridades são muitas, e mais urgentes. Na Colômbia, por exemplo, os habituais problemas nos pagamentos estão incomodando Papi Scipione. Não lhe bastaram a experiência e a autoridade conquistadas na área para evitar que, depois de já ter assumido há mais de um mês um narco de sua confiança, os paramilitares queiram se impor a ele também. Negociar com as AUC apresenta enormes vantagens econômicas, mas basta um contratempo — que para os traficantes comuns seria objeto de uma serena discussão — e você periga seriamente terminar numa vala. Santo Scipione espera que venham buscá-lo. “Porque não tenho para onde escapar, para lugar nenhum”, diz com um suspiro de angústia a Natale Scali, cujo telefone já está

grampeado. O *boss* de Gioiosa Jonica quer salvar a vida de Santo Scipione: “A vida de um calabrés vale mais que uma dívida com esses sujeitos que não sabem manter a palavra. Primeiro lhe pedem dois, depois querem quatro”. Até os paramilitares confiam em sua palavra e sobretudo em sua solvência. Os reféns retornam para casa. Mas dessa vez o veterano dos narcos calabreses ficou apavorado.

Às vezes recorrer à experiência pode nos pregar grandes peças. Confia-se excessivamente na percepção daquilo que já foi experimentado com sucesso, peca-se de forma míope ao sopesar os elementos não assimiláveis. Talvez essa seja uma das causas pelas quais, curiosamente justo com as famílias de Marina di Gioia Jonica, sempre os Aquino-Coluccio, se atribua o maior erro cometido pela 'Ndrangheta depois do massacre de Duisburg: fazer negócio com o cartel do Golfo. Mais precisamente com os Zetas, no início ainda um braço militar do “Mata Amigos” Osiel Cárdenas. Para piorar, fazer negócio a partir de Nova York, depois que os narcos mexicanos já se tornaram o inimigo número dois dos Estados Unidos, e num momento em que até importações diretas de heroína dos talibãs para a Europa passariam mais facilmente que um pequeno tráfico que partisse do coração da América do Norte. Não que os calabreses não tenham tentado agir com a máxima prudência. Eles só enviaram remessas microscópicas, às vezes tão reduzidas que poderiam ser expedidas pelo correio expresso; quanto às contratações, nunca saíram da Big Apple. Seja como for, terminam do mesmo jeito, com a DEA nos calcanhares. Em 2008 começam as prisões, tornando-se pública a substância do grande projeto investigativo “Reckoning” (que, do lado italiano, é coordenado pela DDA de Reggio Calabria e se chama Operação Solar). A 'Ndrangheta é imediatamente punida com sua inclusão na lista negra do governo norte-americano. É um duro golpe. Desproporcional do ponto de vista da organização calabresa. De fato a prudência não dizia respeito apenas à agência antidrogas americana, mas também aos novos parceiros. Nenhuma grande abertura de comércio, mas sim uma fase de

teste que permitiu que se criasse a ocasião propícia. Nada mais que a tentativa de consolidar um canal suplementar de fornecimento, em parte seguro e simples, em parte cheio de insídias.

Os colombianos nunca tiveram interesse em gerir pessoalmente as praças europeias nem capacidade para tanto, motivo pelo qual os calabreses preferem cultivar sua tradição de importadores diretos. Entretanto, o problema entre calabreses e mexicanos é a concorrência. A força de ambos nasce da gestão de toda a cadeia distribuidora do narcotráfico, principalmente a de cocaína. Além disso, ambos souberam desfrutar o enfraquecimento da Colômbia, ou seja, do país produtor. Só que agora a fragmentação dos cartéis colombianos e sua crescente subalternidade aos mexicanos estão tornando os negócios da 'Ndrangheta mais complicados e inseguros. Disso nasce a exigência de colocar à prova uma outra estratégia a fim de adaptar-se à nova realidade econômica, mas sem correr muitos riscos. O que os calabreses temem acima de tudo é que os mexicanos possam desembarcar na Europa e invadir suas praças. Uma importação através dos Estados Unidos — território sujeito a um forte controle antidrogas — parece ser absurda, mas representa um risco menor do que a perda do controle direto do tráfico para o Velho Continente. A agressividade comercial dos cartéis mexicanos, e não a militar, representa o pesadelo da 'Ndrangheta. O outro aspecto não lhe é de todo indiferente, seja porque se sente expressão de um Velho Mundo mais são e civilizado, seja porque manter relações com gente capaz de uma agressividade inimaginável aumenta os riscos secundários legados ao negócio. Mas já experimentou a parceria com os colombianos que faziam coincidir o controle do território com os massacres sistemáticos e, por anos, tiraram disso o máximo proveito. Por isso não se pode descartar que, para o aval da experiência nova-iorquina por parte dos chefes de Marina di Gioiosa Jonica, o confronto entre AUC e Zetas tenha desempenhado algum papel, especialmente num momento em que estes últimos ainda não se apresentavam como um cartel independente e poderosíssimo.

Procuro as fotografias da árvore próxima ao santuário de Polsi. Lamento não o ter observado mais demoradamente, não o ter perscrutado bem como se constituía lá no alto, onde terminavam seus ramos. Eu estava com minha escolta e um policial calabrês que me servia de guia. Ele me disse: “Tour especial pelos lugares da 'Ndrangheta”. Eu podia tirar algumas fotos com o celular, entrar na árvore e deter-me ali por mais tempo, mas depois é preciso partir para a próxima etapa. Eu era um turista especializado e guiado por quem frequentemente ia àquelas bandas para cumprir mandados de prisão, investigar ou procurar esconderijos subterrâneos. Não podia postar-me a distância para contemplar a árvore como um poeta devaneante em busca de inspiração. Para dizer a verdade, isso nem me passou pela cabeça. Depois de anos em que passo dias inteiros na companhia de minha escolta, nem mais me dou conta de que cada comportamento meu se conforma a um código de grupo. Mas é normal. Todos levamos dentro de nós nossos códigos, não apenas os homens das forças militares ou da 'Ndrangheta.

Com uma foto na minha frente na qual revejo a mim mesmo dentro da árvore, me vem à mente Santo Scipione, que saiu de Aspromonte para trabalhar como agente das *'ndrine* na Colômbia. Agora está na cadeia, mas há muitos outros como ele na América Latina, na África ocidental e quem sabe em quantas partes do mundo ainda não suficientemente localizadas no mapa dos comércios ilegais. Lugares infames, lugares perigosos nos quais se estabelece apenas para fazer negócio. Penso que Papi Scipione poderia me dizer que não há nenhuma diferença entre o que ele fazia por conta da Onorata Società e o que os diretores das multinacionais faziam pagando as AUC a fim de obter condições de trabalho otimizadas, como confirmou de uma prisão de Varsóvia seu atacadista Salvatore Mancuso. Não existe risco a minimizar senão o empresarial. O risco pessoal lhe é correspondido em dinheiro. Se por azar você vai mal, se, por exemplo, estiver justamente numa plataforma de petróleo atacada por terroristas islâmicos e acabar debaixo dos escombros, a sociedade sempre encontrará alguém que, por dinheiro, estará disposto a substituí-lo. Mas essa pobre gente não podia pegar um

telefone e falar com seu chefe — imagino Papi explicando. A 'Ndrangheta não é simplesmente uma sociedade com uma sede central e empresas esparsas. É uma árvore cujos galhos externos se comunicam com o tronco, que é acolhedor e cavo.

Bruno Fuduli tornou-se cada vez mais indispensável para aquela árvore da qual ele nunca fez nem jamais quis fazer parte. É essa a loucura de seu caso. Natale Scali também o arregimenta novamente a seu serviço: seja por uma questão de princípio com Ventrici e Barbieri, seja porque compreendeu que é realmente bom naquilo. E, visto que os dois compadres não o preocupam, seu fantoche é o último a achar que precisa temer. Assim, enquanto as investigações estão em curso, a vida de Bruno parece não apenas dupla: tornou-se tripla. Ali na Calábria não deveria representar mais que uma roda útil à engrenagem. Na Colômbia, ao contrário, sobe cada vez mais alto na consideração dos homens importantes. Não trata apenas com os narcos, mas diretamente com os altos escalões das AUC. Agora lhe convém apropriar-se do provérbio colombiano de que se morre mais de inveja que de câncer. Compreende que precisa ficar mais atento sobre o que conta de suas viagens do que sobre o que cala de seu segredo indizível. Somente aos *carabinieri* e aos juízes ele pode e deve falar tudo, minuciosamente. Fuduli está descerrando um mundo novo em cada detalhe. É o primeiro, talvez não só na Itália, a dar um rosto à nova realidade do narcotráfico. Ele fala de um guerrilheiro das Farc que vive na floresta, na fronteira com o Equador, e vai a Bogotá exclusivamente para negociar coca e providenciar material para a fabricação de explosivos. Descreve um paramilitar que negocia pó para as AUC e se apresenta como “Rambo”. Fala dos traficantes não mais como os senhores da Colômbia, mas como pequenos empreendedores espremidos e sugados em relações de subserviência bem piores do que as que ele mesmo está suportando. Recorda as histórias que seu amigo Ramiro lhe contou: a fuga de Cali com toda a família quando, encerrada a hegemonia do cartel, o óbolo não bastara para aplacar a fome de conquista dos recém-chegados, na



última vez em que tivera de escapar feito uma lebre porque não tinham “chegado a um acordo” com as AUC sobre a gestão das “cozinhas”. *Cocinas, cocinero, negocio*. Cozinhas, cozinheiro, negócio (ou seja, “comércio”). Bruno toma emprestado do espanhol um léxico intraduzível, palavras que exalam trabalho e rivalidade quase de oficinas medievais.

Os investigadores italianos estão pisando em terra virgem. Fazem esforço para acompanhá-lo dentro de uma realidade que não é aquela que eles conhecem: o cartel de Medellín, o cartel de Cali. Agora, ao contrário, não faria a menor diferença se você vem de Medellín ou de Cali; para o sistema de poder que gira em torno da cocaína, o que importa acima de tudo é se você é paramilitar ou guerrilheiro. Fuduli frequenta a Colômbia desde 1996. A relação confidencial começa um ano antes de os Estados Unidos declararem as AUC uma organização terrorista, cujas ligações com o narcotráfico até então eram objeto apenas de uma forte suspeita. Já as Farc, embora fossem havia tempos alvo de maciças ajudas militares, ainda passam por um exército subversivo, que se financia por meio de rapinas e de sequestros.

Por isso não surpreende que, nas declarações feitas por Fuduli aos juízes, a primeira passagem em que ele cita Castaño e Mancuso coincida com um momento de total confusão. Ao final não se consegue estabelecer se, ao lado de Ramiro e de seu irmão, fora convocado “por parte da patrulha” do supremo comandante e de seu vice, ou se os narcos tinham negociado o nihil obstat para a expedição depois barrada em Salerno com um lugar-tenente cujo nome de guerra era “Boyaco”. A transcrição obviamente acentua o efeito de estranhamento de Fuduli, que vagueia entre explicações sobre os paramilitares em geral e Carlos Castaño, que “agora ... no fim das contas se autoacusou, e o condenaram de vez”. De todo modo, o texto contido nas fitas parece indicar aqueles mal-entendidos que surgem quando o interlocutor dá por certo determinadas informações que, do outro lado, se revelam menos claras. Talvez o interrogado esperasse uma pergunta mais precisa do que aquela “Mancuso quem?”, à qual responde com um lacônico:

“Mancuso colombiano”. Certamente eu teria tido curiosidade de poder acompanhar mais a fundo o relato e o olhar de uma testemunha tão anômala, inclusive nas passagens que não apresentassem nenhuma utilidade pontual para os fins da investigação. Mas o fato é que a Operação Decolagem demonstrou a ligação entre as AUC e a 'Ndrangheta, e foi a primeira investigação a chegar a esse resultado. No entanto, as palavras de Fuduli têm um sabor diferente dos telefonemas entre Santo Scipione e Natale Scali. Um sabor estranho, um gosto antigo. Não aquele das narrativas de quem viajava em busca de tesouros ou explorava terras incógnitas para estudá-las, mas de quem terminara ali por vontade de outros. Frequentemente me faziam lembrar os relatos dos primeiros missionários enviados ao continente americano.

Entretanto há um ponto específico sobre o qual os interrogadores passam e repassam sem que Fuduli possa lhes fornecer alguns elementos essenciais. Ele conta que, em fins do ano 2000, Felipe lhe teria proposto um encontro com um traficante que dispunha de embarcações capazes de entregar carregamentos diretamente ao largo da costa jônica. Fornecimentos enormes, recebidos tanto da guerrilha quanto dos paramilitares. A proposta também seduz Natale Scali. Ele designa um de seus homens para integrar a delegação composta de Bruno e um primo homônimo de Francesco Ventrici, confeitoiro de profissão que agora se presta ao papel de refém. O destino não é a Colômbia nem os países fronteiriços, como Venezuela, Equador, Brasil ou Panamá. Os calabreses viajam num charter turístico até Cancún, depois vão até a Cidade do México e finalmente chegam a Guadalajara. Vão buscá-los de carro no aeroporto e os levam a uma *finca* no interior. Aguardam a chegada de um personagem que Felipe apresenta apenas como “meu padrinho”.

Fuduli não consegue dizer seu nome e sobrenome. Não sabe se o “padrinho” é mexicano ou colombiano. Disseram-lhe que é foragido, mas ele ignora em que país o homem é procurado. Felipe é um tipo desconfiado e com manias de grandeza, como se revelará mais tarde. Portanto, se diz que

seu “padrinho” é “um dos tubarões do México”, não é o caso de acreditar nele. Mas Ramiro, muito mais confiável, confirma a Bruno que ele prepara a cada quinze dias o carregamento e a pista de decolagem para que Felipe possa levar quatrocentos quilos de cocaína até uma pista particular e parecida com aquela. Diz ainda que aqueles voos de baixa altitude são feitos a cada quinze dias simplesmente porque os cartéis da família colombianos, juntos, não conseguem lotar o avião toda semana.

Há ainda outro aspecto interessante nessa história. Os peixes pequenos de Vibo acabaram excluídos do comércio. Os narcos usaram o pretexto de que o Ventrice confeiteiro — de quem pediram até o passaporte — chamaria a polícia para denunciar seu sequestro e a polícia, conseqüentemente, invadiria o alojamento deles. Por isso, não queriam ter mais relação nenhuma com ele nem com o pessoal de Vibo. O confeiteiro, então, é mandado de volta para a Itália via embaixada. No entanto, segundo Fuduli, os negócios prosseguiriam com os representantes da Locride. Negócios que deviam partir de 1500 quilos na primeira entrega até chegar às seis toneladas. Além disso, o homem encarregado de negociar para Natale Scali, que chegara ao México vindo da Alemanha, não representava um emissário qualquer. Sebastiano Signati é de San Luca, afilhado da família Pelle-Vottari, que ficara famosa por ter sido alvo do massacre de Duisburg. Mas já na época das conversas de Guadalajara o *boss* Antonio Pelle, apelidado de 'Ntoni Gambazza, ocupava o posto de Chefe do Crime, o cargo máximo de toda a árvore.

Os juizes de Catanzaro não encontrarão provas suficientes sobre os negócios com o “padrinho residente no México”, ainda que um cidadão mexicano figure entre os condenados em primeira instância no processo. Não parece improvável que a própria 'Ndrangheta tenha decidido fazer pouco caso ou mesmo ignorar os primeiros acordos de Signati, considerando-se os riscos dos negócios mexicanos. Entretanto, à luz de mais de dez anos passados da transcrição dos depoimentos, à luz das

comprovações feitas pelas operações Reckoning e Solar, o relato de Fuduli parece de fato a crônica do primeiro desembarque dos calabreses no México.

Quando penso em Bruno, quando repasso suas palavras, me pergunto o que significa atravessar um destino por engano. Não por acaso, porque a diferença entre fato e casualidade só depende dos pontos de vista: das explicações sobre o significado de nossas vidas que podemos nos dar ou refutar. Por erro. O erro de ter aceitado uma proposta, aquela de Natale Scali. O erro que ele quis apagar quando decidiu colaborar com os juízes. Porém, durante quase uma década, Bruno Fuduli continuou vivendo naquele erro. Não era um broker independente, nem afiliado a uma *cosca*. Subia nos aviões para adentrar terras tropicais de fronteira, terras de ninguém repletas de minas, medo e miséria. E, justo no final, se viu prisioneiro por duas semanas em um barraco na savana de Bogotá, a 3500 metros de altitude, vigiado dia e noite por paramilitares armados até os dentes. O problema dessa vez é o carregamento dos vibonenses apreendido em Hamburgo, no valor de 3 milhões de dólares. Os colombianos querem ser pagos, querem receber pela mercadoria que enviaram. Os calabreses se negam, querem pagar apenas pelo que receberam. Natale Scali não pode mais intervir. Foi preso em Marina di Gioiosa Jonica. Nem Pasquale Marando, que acabou assassinado sem deixar vestígio do cadáver. Pouquíssimo antes do fim, o duplo jogo está se transformando numa roleta-russa com mais de uma bala no tambor. Bruno perde dez quilos, só lhe dão água. Depois começa a passar muito mal. É transferido para um apartamento da capital, os sequestradores estão temerosos pela vida do refém. De lá, em vez de chamar seus contatos na Calábria, comete o erro de avisar aos *carabinieri*. Os ROS se articulam com a polícia colombiana, que em 12 de janeiro de 2004 consegue aproveitar a ocasião certa para levá-lo embora sem disparar um tiro sequer. As AUC virão prender Ramiro, o meterão no mesmo buraco, e finalmente os vibonenses saldarão a dívida. A vida dupla do infiltrado está para terminar.

As investigações judiciais também se inspiram no léxico metafórico da árvore e se propagam em galhos. Depois da Operação Decolagem, virão a Decolagem Bis, a Decolagem Três e a Decolagem Money, que por sua vez acabará se entrelaçando com outras três operações. Há um denominador comum que as une: os rastros da coca não desaparecem e muitas vezes se tornam determinantes para reforçar as acusações. Mas a isso se acrescenta a ecografia mais fina e complexa dos fluxos capilares que nutrem a árvore da 'Ndrangheta. Para os investigadores, a recomendação de seguir o dinheiro — *follow the money* — continua sendo a mais difícil de ser realizada. Culpa de leis e de instrumentos inadequados, de cumplicidade generalizada, de sensibilidade insuficiente e, portanto, de pouca pressão pública sobre o assunto. Fruto de uma lógica da informação segundo a qual uma apreensão de droga vale pelo menos dez linhas, o arresto de algum imóvel ou a interdição de alguma empresa, apenas uma nota nas páginas locais, se bem que a atenção sobre o aspecto econômico das atividades mafiosas na Itália tenha crescido bastante. As notícias chegam, mas não se veem. E menos ainda se vê o dinheiro.

O dinheiro não é somente aquela entidade abstrata, quase mística em sua volatilidade, que pode ser transferida em quantidades infinitas com um simples clique, de uma ponta a outra do planeta. Investida nos fundos mais crípticos, nos títulos mais arriscados. Não para a 'Ndrangheta e para as máfias em geral. Dinheiro é dinheiro. Em cédulas, maços, malas lotadas, depósitos secretos. O dinheiro possui matéria, peso, número que pode ser contado pelos dedos, e cheira a mofo. Continua conservando aquele odor mesmo quando vai parar nas contas mais inalcançáveis. É o fruto do trabalho, os frutos da árvore. Não se desdenha nenhum método para lavá-lo, reinvesti-lo, fazê-lo dar também seus frutos. Os grandes sistemas de lavagem por meio de financeiras dispostas como caixas chinesas se colocam ao lado do simples levantamento de um quarto e sala ou da compra de lotes de terreno agrícola.

No caso da Operação Decolagem, a primeira descoberta relativa ao rastro do dinheiro é inacreditável, tanto pelo volume quanto pela elementaridade do método de lavagem. Os vibonenses compraram uma cartela da Superenalotto. Em maio de 2003 foi sorteado o bilhete de 5 + 1, que teria sido comprado no bar Poker de Locri. A revendedora pertence ao sogro de um rapaz, Nicola Lucà, que faz lavagem de dinheiro para os Mancuso. Ele logo contata o ganhador para oferecer-lhe os mais de 8 milhões de euros em troca do bilhete. Em seguida abre novas contas no Unicredit de Milão e de Soverato para receber os créditos da Sisal, ou seja, do Estado italiano. Para Nicola Lucà a vitória fácil na Superenalotto assinala o momento de máxima notoriedade midiática, ao passo que sua ascensão nas hierarquias da 'Ndrangheta ocorre sem que se perceba. Transferido para o Norte, se torna contador da “filial” — uma célula da 'Ndrangheta — de Cormano, que o elege para representá-la na cúpula da organização na Lombardia: Lucà era um dos que brindavam junto a outros chefes das filiais lombardas no Circolo Giovanni Falcone e Paolo Borsellino de Paderno Dugnano, durante a reunião de outubro de 2009, cuja filmagem em vídeo se torna a peça mais acessada na rede sobre a investigação Crime-Infinito.

A 'Ndrangheta também se oculta assim: com uma densidade de afiliados que na Calábria alcança os 30%, com picos de mais do dobro no coração de Aspromonte, e difusão capilar para fora da terra de origem. Simplesmente são muito numerosos para que qualquer um que não se ocupe deles por profissão possa memorizar quem são, onde estão e o que fazem. A estrutura da árvore é coberta pela exuberância da folhagem que cresce em torno das ramificações demasiado finas e intrincadas.

A 16 mil quilômetros de sua base, reencontramos Nicola Ciconte, cidadão australiano. A Itália pede sua extradição desde 2004. O pedido mais recente foi feito em 2012, depois da última sentença de Catanzaro que o condenou a 25 anos. Por ora, circula serenamente pelos bares da Gold Coast, o paraíso mundial dos surfistas, onde se estabeleceu subindo de Melbourne ao longo da costa oriental. Desde a expedição dos mármore negociada por Fuduli

para o porto de Adelaide, Ciconte cumpriu em seu país uma pena por fraude, trapaceou uma ex-namorada, provocou a falência de uma sociedade imobiliária. Coisas pequenas se comparadas ao que fez pela terra a que permanece mais ligado. Mas, para a história do continente nos Antípodas, isso não representa nada de extraordinário.

A Austrália é a tal ponto uma colônia da 'Ndrangheta que constitui — ao lado do Canadá — um “Crime” por si, dividido em seis “mandamentos”, que se articula diretamente ao de Polsi e participa de suas decisões. Até os códigos para a afiliação e as passagens para as “castas superiores” foram reproduzidos na Austrália. A 'Ndrangheta leva as próprias regras para todo canto do mundo. Mudam as atividades ilegais a que ela se dedica ao longo do tempo, ao passo que os códigos permanecem sempre iguais em toda parte. Sua força, capaz de extrair o máximo proveito da globalização, se funda num duplo vínculo: de um lado, feito de sangue e de terra natal; de outro, disciplinado pelas ligações imateriais dos ritos e das leis.

Desde o início do século xx as *'ndrine* chegaram à Austrália com os imigrantes honestos, mas se estabeleceram principalmente depois da Segunda Guerra. Começaram a reinvestir o dinheiro sujo enviado da Itália em atividades legais e desenvolveram o cultivo da maconha, para a qual havia um espaço interminável, terreno fértil e condições climáticas favoráveis. Mais tarde chegou a cocaína, e todas as famílias presentes passaram a participar do negócio: desde as originárias de Platì às de Sinopoli e de Siderno, ligadas à poderosa filial canadense.

Nicola Ciconte continuou mantendo estreitos contatos com Vincenzo Barbieri, que, de acordo com as investigações, lhe expediu outros quinhentos quilos de cocaína, dessa vez da Itália. Mas o que ele mais fez foi lavar dinheiro. Durante a maior parte de sua vida, seu trabalho oficial foi o de broker — broker financeiro. Portanto Barbieri se dirigia a ele para fazer chegar ao hemisfério Sul não apenas cocaína, mas também, ou principalmente, o dinheiro. Ciconte foi outro contato que frequentemente criou alguns problemas de confiabilidade para o Contador. Mas ao final faria

a transferência do dinheiro via Hong Kong e outros canais offshore para depositá-los limpinhos nos bancos da Austrália e até da Nova Zelândia. No perímetro mensurável da árvore calabresa só faltam as ilhas menores do Pacífico. Talvez porque ali haja poucos bancos.

Vincenzo Barbieri foi assassinado em março de 2011, no mais clássico estilo da máfia. Um Audi A3 cinza se aproxima dele no final da tarde, quando ele tinha acabado de sair de uma tabacaria em frente à qual tinha um encontro. Descem dois *killers* de rosto coberto e descarregam nele uma pistola calibre 7,65 e uma escopeta. A escopeta não serve para matar, mas para estraçalhar com suas balas as carnes da vítima em sinal de desprezo. Disparam-lhe na cabeça e voltam para o carro, que ficara com o motor ligado. Em meio ao pânico se cerram imediatamente as portas das lojas, enquanto os passantes se escondem nos bares para escapar tanto do tiroteio quanto do perigo de ter visto demais. Trata-se de um mecanismo bem azeitado, de uma competência atávica, embora fizesse muito tempo que não ocorriam execuções desse tipo em San Calogero. Barbieri não morava ali fazia anos, mas o mataram no centro de sua cidade, em meio a vielas estreitas e sinuosas, sem se preocupar com as pessoas nas ruas ou com as câmeras de segurança. O carro foi encontrado quatro dias depois, incendiado, a poucos quilômetros de distância. Tudo como num roteiro de cinema, tudo exemplar.

Quem quis matar Barbieri? Ou quem quis mais do que outros? Por que justamente naquele momento? Qual foi a culpa que fez a balança pender para a sentença capital? O Contador cometera muitos erros condenáveis pela 'Ndrangheta. O giro de importações por meio das empresas e da pessoa de Fuduli já tinha começado com muitas irregularidades e incorreções. Mas os “homens de honra”, até onde podem, preferem resolver os conflitos com dinheiro — tão mais silencioso e útil — em vez de recorrer ao chumbo. Ele pensou que se serviria de um fantoche, que por fim se revelou o pior dos infames. No entanto Vincenzo Barbieri trabalhara bastante. Com seu



compadre Francesco Ventrici, o Gordo, partira inclusive para a conquista da vermelha e opulenta Emilia Romagna.

Lá no Norte é possível se mover com mais folga nos negócios e, além disso, o estilo de vida é bem mais relaxado e liberal. Ninguém vai dizer nada se você construir um casarão rústico para abrigar a família, se convocar reuniões particulares na adega, se gozar o luxo nababesco dos salões, sob o auspício bendito de um grande retrato a óleo de seu pai. Depois, à noite, você faz meia horinha de estrada entre a nova cidade de província e a cidade antiga, para retirar-se em sua prisão domiciliar. Como faz Ventrici, que dos dois foi quem continuou com os gostos mais rústicos e provincianos. Nem sequer vão fazer cara feia se você passar para outros sua garagem repleta de Porsches, Mercedes e Maseratis, ou se preferir morar em pleno centro, num palacete na via Saffi, em Bolonha. Como faz Barbieri, que acaba sendo interrogado em junho de 2009, depois de ter sido flagrado com 118 295 euros em espécie e detido por transações financeiras ilegais. É o primeiro sinal de problema em tantos anos. Aos juízes de Bolonha ele traz à memória a primeira vez em que foi preso na Emilia, que se seguira à deflagração da Decolagem. Hospedara-se por vários meses no apartamento 115 do Grand Hotel Baglioni, o único de categoria superluxo na capital. Daí surge a inspiração para batizar a nova investigação de Golden Jail, em homenagem ao conforto cinco estrelas em que o interrogado já na época transcorria seus dias sob vigilância da Justiça.

Mas U Ragioniere e El Gordo não sabem disso, assim como não o sabem os bolonheses que os encontram ou os auxiliam nos negócios. Barbieri pode desfrutar da confiança que inspira bancando o papel do grão-senhor abastado, de origem meridional; Ventrici, o tipo complementar do novo-rico, que no fundo continuou sendo um homem simples e grande trabalhador. Nenhum dos dois corresponde à imagem estereotipada do mafioso. De resto, na Emilia Romagna não parece particularmente excepcional que gente de todo aspecto se revele cheia da grana. Assim os dois continuam comprando, comprando e comprando, enquanto alimentam

projetos de expansão cada vez mais ambiciosos. Ventrisci controla a Futur Programm, imobiliária de San Lazzaro di Savena afiliada à agência Gabetti. Barbieri, sem nem mesmo discutir o preço, investiu no King Rose Hotel de Granarolo, um três estrelas com 55 quartos situados comodamente perto da Feira de Bolonha. Além disso, cotas da loja de decoração Cherri Fashion, o bar Montecarlo na via Ugo Bassi, imóveis, terrenos para construção, alguns com obras já em andamento.

Apesar de estarem muito melhor ali, distantes das regras da Calábria, especialmente daquela tácita que, assim como na Colômbia, aconselha a ter mais cuidado com a inveja do que com o câncer, os laços com a terra de origem são sempre mantidos. Não é questão de sentimento, mas de business. De conveniência, sinergia, logística. Francesco Ventrisci controla a construtora M5, que pode inclusive trabalhar na Emilia, a Union Frigo Transport Logistic e a VM Trans, que substituiu a Ventrans embargada graças à Operação Decolagem. Todas registradas na Calábria, embora a empresa de transportes tenha uma sucursal em Castel San Pietro, na província de Bolonha. Continua sendo uma potência com seus caminhões. Na Calábria trabalhavam em exclusividade com a Lidl, já anos antes de terem a Ventrans confiscada. O inconveniente não impediu a entrada no contrato da nova empresa, até quando a Decolagem Três decretou-lhe o sequestro de bens. Estamos em 26 de janeiro de 2011, pouco menos de uma década desde o início das relações. Mas em 2009 surge um momento difícil. A multinacional do *hard-discount*, por razões de custo, decide se aproximar de outras linhas. Ventrisci grita “ou nós ou os outros” e suspende retiradas e entregas. As denúncias começam a chover. Motoristas maltratados, ameaças verbais que partem de pernas quebradas para chegar ao assassinato. “Você não deve descarregar o material, é seu patrão que deve vir descarregar, assim nós o queimamos vivo... seus outros colegas já foram avisados...”

A primeira empresa renuncia ao trabalho. A Lidl tenta mais uma vez com uma firma da Úmbria, a quem paga escoltas armadas para acompanhar os caminhoneiros até a Calábria. Mas a violência não para. Por fim, como

revelou a Decolagem Três, os dirigentes da Lidl se encontram com o dono da VM Trans em Massa Lombarda, na província de Ravena. Ventrìci se imbuì do papel de grande *boss* e pronuncia a frase: “Vocês querem guerra, mas na Calábria nem mesmo o papa vence a guerra”. Para o caso de as palavras não bastarem, no mesmo dia os caminhoneiros que estavam reabastecendo o ponto de venda de Taurianova foram agredidos com armas em punho. Os dois enviados com as pistolas escapam assim que veem a escolta dos seguranças se aproximar. Mas a Lidl Itália dispõe de muitos deles. Muitas complicações, muitas perdas. Assim, restabelecem a relação de exclusividade com Ventrìci até quando ele também termina incriminado por esse episódio. O empreendedor criminoso foi capaz de dobrar a Lidl constringindo-a, como escrevem os magistrados, “à força, e devido às condutas violentas e ameaçadoras acima descritas, a rever as próprias estratégias organizativas, a renunciar aos benefícios econômicos garantidos, inclusive em termos de preços concorrenciais, pela utilização de mais linhas para os transportes na Calábria”.

El Gordo exhibe o gosto pelas frases de efeito, exageradas, até nas negociações mais importantes. Ele trabalha com uma Família, não é um cigano, e em vinte anos de tráfico de cocaína ele jamais pagou 30 mil euros por quilo. É esse o teor de sua resposta aos colombianos que vieram encontrá-lo no casarão rústico da Emilia Romagna, a fim de discutir as divergências que estão bloqueando um carregamento de 1,5 tonelada no Equador. O piloto alemão Michael Kramer, que já embolsou 100 mil euros de antecipação, no último instante se recusa a transportar a droga até Liubliana, na Eslovênia. Ventrìci mais uma vez o elimina, temendo que aquele vira-casaca pudesse ser um espião pelo fato de ter engajado um infiltrado da DEA. Depois matam Barbieri e decidem congelar a primeira grande empresa de narcotráfico planejada sem o Contador. O resto fica por conta da magistratura, que de janeiro a agosto de 2011 faz chover sobre eles mandados de busca e apreensão, de Catanzaro a Bolonha.

Vincenzo Barbieri, assim como o compadre ou ex-compadre, tinha organizado um círculo de importações com parentes próximos e cúmplices recrutados pessoalmente. Queria fazer as coisas em grande escala, designara até um agente na Colômbia, um jovem que constituiu família ali e abriu o restaurante La Calabrisella. No departamento de Meta, para onde se transferiram muitos que estavam nos campos e nas “cozinhas” da coca, aquele nome evocativo não só de uma canção popular, mas também da maconha cultivada na Calábria, adquire o gosto acre do sarcasmo. Mas dessa vez seus negócios não correm tranquilos. Em setembro de 2010, um carregamento de quatrocentos quilos acaba apreendido ainda na Colômbia, e em novembro é a vez de uma tonelada inteira, que chegara a Gioia Tauro dentro do revestimento de máquinas agrícolas. Barbieri, que estava variando os sistemas de ocultamento experimentados com Fuduli, manda vir do Brasil outros 1200 quilos de droga puríssima, escondida em conservas de palmito. O contêiner é apreendido no porto de Livorno em 8 de abril de 2011, quando o comprador já estava morto.

Mesmo depois de morto, o Contador consegue provocar um escândalo de proporções inéditas. É a primeira vez que seu nome se destaca em todas as mídias sem desaparecer logo em seguida na massa repetitiva das notícias sobre a máfia. A DDA de Catanzaro abriu um novo filão a partir da investigação matriz, a operação Decolagem Money. A opinião pública toma conhecimento dos fatos em 29 de julho de 2011. Em dezembro de 2010, Vincenzo Barbieri teria convocado ao King Rose Hotel de Granarolo o diretor de um banco de San Marino para entregar-lhe dois carrinhos lotados de cédulas. Aquele 1,3 milhão de euros acabou numa conta aberta em seu nome no Credito Sammarinese, seguido de um montante análogo depositado na conta de um parente e transmitido graças à intermediação de alguns notáveis de Nicotera. Mas não é tudo. A instituição bancária, atingida por graves problemas de liquidez causados pela crise financeira, está à venda por uma cifra fixada em 15 milhões de euros. O Credito Sammarinese já está em negociações com um banco brasileiro, mas o Contador teria prometido

cobrir a mesma soma, acendendo assim a hipótese de um projeto de escalada 'ndranghetista. A Procuradoria, coadjuvada nas investigações pelo Judiciário de San Marino, solicitou o indiciamento do ex-diretor Valter Vendemini, do presidente e fundador Lucio Amati, e dos intermediários calabreses e titulares das contas ainda vivos. Por fim o Credito Sammarinese foi forçado à liquidação.

O indiciamento por suspeita de lavagem de dinheiro foi expedido. Porém tarde demais, em 31 de janeiro de 2011, cinco dias após os juízes de Catanzaro mandarem prender mais uma vez Barbieri, incriminado no âmbito da investigação Decolagem Três. Como admitiu numa entrevista, Vendemini recebeu a notícia, se assustou e tentou se proteger. Àquela altura ele devia finalmente ter consultado a internet, já que afirmou na televisão, meio a título de justificativa, que “os Barbieri do caso, esses aqui, já tinham experiência financeira em nível internacional, na Nova Zelândia”.

A emboscada a Barbieri aconteceu pouco antes que ele pudesse retornar a Bolonha. A hipótese é que ele teria exagerado ao querer fazer tudo a seu modo, ou ao expor toda a árvore — especialmente os Mancuso, postos na berlinda por todos os jornais e telejornais a cada nova notícia que dizia respeito a ele. Ou por ambos os motivos. A clamorosa apreensão em Gioia Tauro de novembro de 2010, que só poderia ter resultado em investigações, representou um prejuízo enorme para a serenidade dos negócios de toda a organização. Além disso, não é improvável que também na Calábria estivessem a par da trama de San Marino e que considerassem um erro grosseiro abrir uma conta no próprio nome em um paraíso fiscal a pouco mais de cem quilômetros de casa.

Vincenzo Barbieri e Francesco Ventrici foram pintados pela imprensa em termos cada vez mais superlativos: *boss* poderosíssimos, maiores brokers do narcotráfico, criminosos de imensa periculosidade. Importaram toneladas de droga, é verdade. Porém, se vistos de perto, parecem uns homens de nada. Ávidos trapalhões de inteligência mediana. Trapaceados por uma vítima escolhida. O que os torna fortes são apenas o exercício da violência e

muito, mas muito mais, a cocaína. O dinheiro do pó. O dinheiro do pó pronto para comprar bancos em crise. O dinheiro do pó transformado em 44 caminhões prontos para abastecer os pontos de venda de uma multinacional e traduzir-se em outros lucros milionários. Lavando dinheiro se ganha, e se ganha muito. Tudo se resume a isso.

No entanto, o que me causa mais mal ainda é saber que suas vidas medíocres encontraram mais espaço, encheram mais páginas do que outras histórias. Histórias extraordinárias como a de Bruno Fuduli. Nos jornais de circulação nacional houve apenas uma breve menção anônima a um infiltrado quando a Operação Decolagem se tornou pública. Depois, anos mais tarde, uma chamada de poucas linhas quando El Mono se torna notícia com suas revelações feitas numa cadeia dos Estados Unidos. E nada mais. Invisível. Invisível como quase todos os que pagam as palavras oferecidas à Justiça com o silêncio. Que pagam com um desenraizamento definitivo a ofensa que causaram à árvore regada pelo medo e nutrida pelos negócios. Eles. Não os outros. Não homens como Ventrisci e Barbieri, que entram e saem das prisões como numa transferência segundo as regras do jogo de avanços e recuos. Para depois cumprirem o grosso das penas acumuladas na própria casa, no lugar onde escolheram viver, circundados pelos afetos, inseridos na sociedade. Em condição de cultivar negócios legais e ilegais, com dinheiro aos montes para investir e gastar em qualquer desejo ou necessidade. Somente os killers e os *boss* condenados a um regime especial ou forçados a conciliar clandestinidade e comando levam seguramente uma vida pior do que quem contribuiu para denunciá-los.

Entretanto eles mantêm o respeito.

Respeito: palavra manchada pelo uso que fazem dela todas as máfias do mundo. Macaqueada pelos bandos juvenis mais desastrados e ferozes. *Respecto*. Gritam as Maras centro-americanas quando massacram um novo afiliado. *Respect*. Escandem gangsta-rappers gordos, carregados de correntes de ouro e cercados de garotas rebolando o traseiro. Respeito, irmão.

Contudo, essa palavra violada e ridicularizada continua significando algo de essencial. A certeza de possuir, de direito, um lugar no mundo e entre os outros, onde quer que nos encontremos. Até no nada de um buraco subterrâneo ou no vazio de uma cela solitária.

Já quem se coloca do lado da justiça muito frequentemente perde até essa certeza. O que lhe resta? Uma escolha de liberdade pode transmudar-se na mais radical solidão? Pode um ato de justiça ser recompensado com a infelicidade? Invisíveis. Como fantasmas. Como as sombras do Averno. Penso muitas vezes nisso quando, dentro de mim, tento acertar as contas com quem me acusa de ter tido demasiada repercussão pública. Nada substitui os amigos que se perdem, as cidades abandonadas, as cores, os sabores, as vozes, o uso de um corpo que pode movimentar-se livremente, caminhar, sentar-se numa mureta para olhar o mar, sentir o vento que entra pelas roupas. A atenção pública pode pesar como uma espécie de prisão. Mas ela também é parente do respeito. A atenção lhe transmite a ideia de que sua existência conta para os outros. Diz que você existe.

Bruno Fuduli depõe no processo. Mostra a cara a seus agiotas e aos sócios que lhe foram impostos, mas também aos narcos colombianos dos quais se tornara amigo. Depois retorna para a sombra. Alguém o convida para uma transmissão televisiva no porto de Gioia Tauro. O encontro é marcado na estação de Salerno, escolha casual, porque não se poderia revelar o local de residência de Fuduli, nem enquadrar seu rosto. Para à beira-mar para fazer a entrevista. Bruno veste calça comprida e camisa branca de linho cru, parece um gigante de talhe robusto em comparação ao jornalista e à jovem de tênis de ginástica que o acompanha. A voz também é muito profunda, de barítono, e se mantém sempre tranquila. Não se embaraça quando diz que tem medo e que sofre de insônia. Não trai nenhuma emoção enquanto narra sobre os dez homens armados de pistolas e metralhadoras que o vigiaram quando ele foi feito refém na Colômbia. Como se fosse a constatação de um fato inelutável, diz por fim que um dia lhe acontecerá alguma coisa. Será procurado, já o estão procurando, mais cedo ou mais tarde será assassinado.

A 'Ndrangheta pode agir até quinze ou vinte anos depois, mas não se esquece. Poucos minutos para resumir uma vida. Um corpo enquadrado sem rosto. Depois, de novo, nada. Até dois anos mais tarde.

Nos primeiros dias de dezembro de 2010 a DDA de Catanzaro deflagra a Operação Overloading. Ela marcaria o final de uma investigação como tantas outras sobre o narcotráfico, caso não estivessem envolvidos alguns personagens anômalos: um coronel dos *carabinieri* a serviço em Bolzano e um jovem e riquíssimo proprietário de imóveis de Roma apelidado de “Pupone”, assim como Totti, nas conversas interceptadas pela Justiça. O primeiro foi acusado de cuidar da retirada de algumas malas no aeroporto de Fiumicino, com a posterior distribuição das bagagens aos destinatários na capital. O segundo, de ter participado do financiamento de remessas de cocaína graças à amizade com Antonio Pelle, sobrinho de 'Ntoni Gambazza, que acabara de morrer. Alguns meses mais tarde se saberá que o rapaz passou em 22 disciplinas do curso de arquitetura na Universidade de Reggio Calabria graças à ajuda de alguns docentes.

Os primeiros compradores daquele carregamento importado foram duas *'ndrine* da costa tirrena do Cosentino, aliadas entre si, mas, embora temíveis, menores. Seu objetivo inicial era abastecer as próprias zonas de competência para depois comerciar o excedente da mercadoria na região Norte. Mas os Muto de Cetraro e os Chirillo de Paterno Calabro querem fazer as coisas dentro dos conformes. Por isso arregimentam Bruno Pizzata, o maior narcotraficante de San Luca, ligado por laços de sangue aos Strangio, mas em estreitíssimas relações também com os Pelle. Aqui estão presentes ambas as famílias, interligadas pelo ramo Pelle em contato com Er Pupone e Francesco Strangio, cunhado de Pizzata e homônimo do *boss* “Ciccio Boutique”. O profissional estabelece que, por enquanto, as expedições via navio são demasiado lentas, complicadas e antieconômicas. Então se decide por entregas aéreas partindo da Venezuela e do Brasil até Amsterdam, Roma ou Espanha, utilizando “mulas” que ingerem cápsulas ou transportam malas de fundo falso. Pizzata está constantemente em viagem entre a América do



Sul, Espanha, Holanda e Alemanha. Passou ali boa parte de sua vida, e lá se refugia mais uma vez depois de ter escapado da captura pela Operação Overloading; até que o encontram, em fevereiro de 2011, enquanto jantava na pizzaria La Cucina de Oberhausen, cidade muito próxima de Duisburg, em pleno feudo de San Luca.

Pizzata leva uma vida excessivamente agitada e complicada para poder ocupar-se de tudo. Por isso delega a Francesco Strangio a maior parte da coordenação na Itália, reservando-se o direito de acompanhar pessoalmente alguns aspectos mais estratégicos, como as relações com Pupone, jovem com trânsito nos ambientes sofisticados de Roma que pode se revelar muito útil. Depois ele toma conhecimento de que os Bellocco de Rosarno estariam prestes a se encontrar com um agente colombiano na Itália, capaz de conseguir enormes quantidades de “material”, como costuma se referir à cocaína por telefone. Assim, lá pelo fim de 2008, os dois grupos decidem estreitar uma aliança comercial. O homem que favoreceu aquele contato precioso para as famílias de San Luca e de Rosarno se chama Bruno Fuduli.

Bruno é preso por narcotráfico e condenado a dezoito anos de reclusão em 16 de maio de 2012. Como é possível? Como é possível que a folha fadada a apodrecer na terra volte a infiltrar-se entre os ramos da árvore? Como é possível que, numa transmissão televisiva que foi ao ar no final de outubro de 2008, ele se declarasse certo de que o encontrariam e matariam e, pouco depois, retomasse contato com os velhos conhecidos colombianos e clientes da 'Ndrangheta? Os juízes não lhe concederam nenhuma redução de pena, por mais que ele tivesse colaborado nas investigações, sentindo-se representantes da Justiça traída e do Estado enganado.

Consultei os documentos do processo para tentar entender esse ponto. Os papéis reconstituem os fatos, as datas e as provas, desdobram a sucessão de cada detalhe, mas não podem revelar a alma de uma pessoa, muito menos de uma pessoa tão capaz de esconder suas intenções sem sequer se contradizer. Os documentos dizem que Bruno conseguiu, mais uma vez, tripudiar do Estado. Encontrou-se com o intermediário dos narcos, até o

hospedou em sua casa natal na Calábria, e o acompanhou de perto nos encontros com Pizzata e Francesco Strangio, quase sempre nas vizinhanças da Estação Central de Milão. Depois o mandaram viver sob proteção em Fiorenzuola d'Arda, no Piacentino, não muito distante. Mas os homens de San Luca e de Rosarno nunca mais o verão. Torna-se diretor e organizador oculto. Avalia custos e rotas, pensa nos sistemas de transporte, apara arestas, tranquiliza. Só precisa de uma única pessoa disposta a agir como intermediário com os compradores. Nesse caso também, provavelmente, um velho conhecido: Joseph Bruzzese, marmorista de profissão, mas que também é dono de um currículo criminal que o qualifica entre as famílias calabresas. Foi ele quem propôs a nova “rota” a um lugar-tenente dos Bellocco. Assim, o mecanismo concebido por Fuduli se pôs em movimento.

Ninguém se dá conta da incrível evolução da história de Bruno Fuduli, salvo alguns jornais da Calábria. Falam de um “retorno ao velho amor, o crime”, “à sua paixão originária: a cocaína”. São pródigos em aspas para palavras como “infiltrado”, “cantador”, “garganta profunda”, “infame”. Com sua linguagem experimentada, cheia de ironias ambíguas, exalam contentamento pelo fato de o “superarrepentido ainda estar na cadeia. Em isolamento”. Chegam a imbuir-se de indignação pela infidelidade de um homem que se entregara ao Estado, a fim de diluir a verdadeira razão do escândalo: o infiltrado conseguira insinuar-se nos negócios da 'Ndrangheta que dá as cartas. São os mesmos jornais que, por outro lado, deram um grande destaque a outro episódio, o único documentado da vida de Fuduli entre o final do processo e o início do retorno ao narcotráfico.

Na manhã de 21 de maio de 2007, uma manifestação antimáfia desfila pelo centro de Vibo Valentia. Escolheram aquele dia porque coincide com a inauguração da nova loja de ótica de Nello Ruello que, depois de sofrer dez anos de extorsões e agiotagem, decidiu denunciar os agiotas, tornando-se testemunha da Justiça. No palco, entre as autoridades, estão o prefeito e o governador da província, um subsecretário do Ministério do Interior, o presidente da Comissão Antimáfia, Francesco Forgione, e o fundador de

Libera, dom Luigi Ciotti. Entre o público, uma centena de estudantes, militantes dos sindicatos e das associações antimáfia, alguns cidadãos vibonenses e bem poucos comerciantes. Infelizmente uma manifestação bem característica das terras da máfia. Contudo, durante os comícios finais, ocorre um pequeno incidente. Um homem sobe nos alambrados que cercam a praça Municipal e começa a gritar. “Onde está meu dinheiro? Onde estão minhas cinco toneladas de cocaína?” Os jornais locais o fotografam. Publicam a imagem de Bruno Fuduli que, aos gritos, ergue o braço esquerdo em sinal de protesto, enquanto é detido pelos agentes de polícia. Está trajando mais uma vez roupas de linho claro, desta vez um terno completo, com o paletó, e traz os olhos cobertos por óculos escuros. Mais tarde o entrevistam.

Fuduli diz que ele mesmo iniciara, havia dois anos, as práticas para ter acesso aos fundos previstos para as vítimas do *racket* e da agiotagem, solicitados para implementar uma nova atividade, mas ainda não vira um centavo. Conta que tinha ido a Vibo apenas com a mãe e o irmão porque escolhera sair do programa de proteção. Há uma entrevista em especial que é aterrorizante desde o título: “Não colabore com a Justiça, eles te enganam”. Em seguida, as palavras de Fuduli: “Ajudei a mandar para a prisão 140 pessoas, a descobrir cinco toneladas de cocaína e o tráfico entre a Calábria e a Colômbia, mas agora os mandei tomar no...”.

O resto do discurso também não deixa dúvidas. O Estado arruinou sua vida, diz Fuduli, abandonando-o com proventos de fome, menos de mil euros. Tem uma ação de despejo em curso, uma irmã que sofre gravemente de estresse, uma mãe idosa. Está tão desesperado que decidiu expor-se em pleno centro de Vibo Valentia. Quando indagado se alguma vez pensara em passar para o outro lado, ele responde: “Pensei, sim, e me arrependi de não o ter feito, tendo em vista o que aconteceu comigo por ter colaborado com a magistratura”. No intervalo de dez dias lhe foram concedidos tanto a ajuda econômica solicitada, quanto um empréstimo para a nova atividade econômica. Mas talvez já fosse muito tarde. Com seu gesto deliberado para

fazer-se ver e ouvir naquela praça, ele não fez simplesmente dar vazão ao seu desespero e à sua raiva. Também pronunciou palavras inequívocas para aquela terra. Teria sido suficiente uma abjuração mais suave e convencional, um simples lamento por ter sido deixado sozinho pelo Estado. No entanto o ex-agente duplo declarou com todas as letras suas intenções de trair. Bruno Fuduli nunca pecou por falta de determinação ou coragem. É justo que pague por sua escolha.

Há um diálogo interceptado durante a operação seguinte da DDA de Milão em que Pizzata evoca um episódio de suas viagens à Colômbia. Ele conta que um narco apelidado de “O Tio” teria cortado as mãos de alguém que roubara a mercadoria. “Meu Deus”, responde o cunhado Francesco Strangio, “nós somos mais flexíveis quanto a essas coisas. Quando já aconteceu um fato desse tipo em nossas zonas? Nunca. Melhor uma fuzilada. Mas não aquelas torturas.”

Talvez Bruno Fuduli também tenha apostado suas fichas no leque de possibilidades que se abriria entre aquela propalada flexibilidade e o fuzilamento já posto na conta. Talvez seu jogo não mirasse apenas os narcodólares, mas muito mais alto: mostrar-se, mais uma vez, tão capaz e confiável nos grandes tráficos como já se revelara antes. Àquela altura, quem sabe, poderia até se arriscar a sair de novo ao ar livre. Talvez Fuduli tenha tentado recuperar a própria vida com a cocaína, mas jamais saberemos se ele o conseguiria.

---

\* *'Ndrina*, cujo plural é *'ndrine*, é a unidade de organização básica da *'Ndrangheta* e equivale às *famílias* da máfia siciliana. (N.T.)

\*\* *Ulivo* [oliveira] foi uma coalizão de centro-esquerda atuante na Itália entre 1995 e 2007. (N. T.)

\*\*\* *“Tutto il mondo è paese”*, provérbio italiano que indica familiaridade mesmo entre aqueles mais distantes. (N. T.)

## Cocaína # 5

É a questão de matemática mais complicada que se poderia formular. Mais difícil que a Conjetura dos números primos gêmeos ou que os Problemas de Landau. Mais misteriosa que os círculos no trigo. Com mais variáveis que uma equação diferencial de derivadas parciais. No fundo, a pergunta que lhe é feita se resume numa relação simples: cocaína apreendida/cocaína produzida. É uma fração. Coisa de escola fundamental. Basta recolher os dados, você diria. Tudo bem. De onde partimos? Dos dados do World Drug Report de 2012? O.k., leia a tabela. A diferença de toneladas de cocaína apreendida entre 2010 e 2009 é equivalente a 38: 694 contra 732. Uma montanha de pó substancialmente irrelevante no oceano de droga mundial. Daí se pode deduzir que as apreensões nos últimos anos não sofreram uma alteração significativa. Mas recue um pouco mais. Retroceda até os anos entre 2001 e 2005. Está vendo que as apreensões se elevam até alcançar o ápice em 2005? Dado interessante, não é? Poderia querer dizer que depois de 2005 aconteceu alguma coisa. Talvez os traficantes tenham ficado mais espertos, talvez tenham desenvolvido novas metodologias de exportação bem debaixo do seu nariz. Talvez. Mas é provável que você não tenha levado em consideração outra variável. Nos últimos anos a pureza da droga diminuiu. Sempre de acordo com o World Drug Report, em quatro anos — de 2006 a 2010 — a cocaína apreendida nos Estados Unidos passou de um índice de pureza de 85% para 73%. As pessoas

aspiram toneladas de porcaria. Mas essa consideração não prejudica seus cálculos. O pó produzido é 100% puro, mas o que termina nas ruas, debaixo de sua janela, é bem menos. Então como é possível comparar esses dois dados? Como você vai pôr como numerador um dado que se refere a uma coisa e como denominador um dado referente a outra? Você não tem a impressão de escutar aquela velha frase que sua professora de escola repetia sempre? “Não se somam peras com maçãs!”, ou seja: “Não se compara pó puríssimo com pó misturado!”. De resto, a quanto chega o montante de cocaína produzida? Continue a leitura do relatório. A estimativa oscila de 788 a 1060 toneladas. Um tanto amplo, não acha? Além disso, considerando-se que a diferença corresponde à produção total de um país, não lhe vem a impressão de estar caminhando sobre areias movediças? A menos que você não queira encontrar um mínimo denominador comum de pureza, pode-se dizer que seu problema é dos grandes. Eu poderia até lhe dizer que não se pode garantir que, depois de uma apreensão, se declare publicamente uma porcentagem de pureza; e poderia ainda inocular-lhe a suspeita de que alguns desses dados poderiam ser lançados duplamente, quem sabe devido a apreensões levadas a cabo por várias polícias empenhadas numa única operação e, ao final, contabilizadas como individuais. Se você preferir ignorar essas últimas variáveis e se propuser a efetuar o cálculo, vai verificar que, colocando como numerador 694 toneladas de cocaína apreendida (de cuja pureza não se sabe nada) e, como denominador, um valor oscilante entre 788 e 1060 toneladas (sobre cuja pureza não se discute), chegará a um resultado que varia entre 65% e 88%. Você acha um pouco excessiva essa diferença de 23 pontos percentuais para que o resultado seja confiável? Estou de acordo. Não que ninguém nunca tenha tentado fazer esse cálculo antes de você. O próprio World Drug Report — desta vez, porém, o de 2011 — fez uma tentativa nesse sentido. O resultado foi de 46% a 60%. “Somente” catorze pontos de incerteza. No entanto, apenas dois anos antes, eis que a porcentagem finalmente pôde se sustentar sobre duas pernas, e aqui está um número: 41,5%. Quer saber como o calcularam? Inventando um índice de

pureza média da cocaína vendida nas ruas equivalente a 58%. Pode-se confiar nessa hipótese? Talvez sim. Ou talvez não, como defendem muitos, entre eles “Liberá”, que toma um determinado ano — o de 2004 — e começa a fazer alguns cálculos, não tão diferentes destes que você está fazendo no momento. A cocaína produzida naquele ano seria correspondente a 937 toneladas, das quais se devem subtrair as toneladas apreendidas (490) e consumidas (450) nas Américas. A esse resultado se devem ainda subtrair 99 toneladas, relativas às apreensões no resto do mundo. O resultado? Um número negativo: -102 toneladas. Mas ainda não acabou, porque o pó também é cheirado — e muito — pelos europeus, numa cifra equivalente a cerca de trezentas toneladas. Em suma, revendo um pouco de aritmética, resulta que, segundo os dados de 2004, pouco mais de quatrocentas toneladas faltaram à chamada. Desaparecidas sem deixar vestígios. Um dos tantos mistérios da humanidade, ao lado do monstro do lago Ness. Um imenso buraco negro que, a depender das tabelas levadas em consideração, pode chegar a setecentas toneladas, caso se confie nos dados fornecidos pela DEA, por exemplo.

Pronto, agora você já sabe tudo o que precisa saber. Agora lhe cabe se armar de uma santa paciência e de uma calculadora. Estou certo de que você vai conseguir resolver o problema.

O quê?

Sua cabeça está dando voltas?

A minha também.

## 11. O peso do dinheiro

Existem duas espécies de ricos. Aqueles que contam o dinheiro e aqueles que pesam o dinheiro. Se você não pertence à segunda espécie, não sabe realmente o que é o poder. Isso eu aprendi com os narcotraficantes. Também aprendi que a cidadania dos narcotraficantes varia no mundo, mas que esses mesmos homens articulam seus gestos, movimentos e pensamentos como se nunca tivessem saído de suas terras. Regras antigas, que auxiliam a estar no mundo moderno sem se perder. É a regra que permite às organizações italianas negociar todo-poderosas com os narcos sul-americanos e os cartéis mexicanos, comprando toneladas de droga apenas na base da palavra.

Os colarinhos-brancos do narcotráfico se despiram das roupas de pastores de Aspromonte e, graças a uma ilimitada disponibilidade de dinheiro, estão colonizando o mercado da droga. Porém, as regras de Aspromonte, as regras de sangue e de terra, continuam sendo suas coordenadas morais, seu guia na ação. Mas agora eles também conhecem as regras da economia e sabem como se mover no mundo, o que é indispensável para garantir um faturamento anual de bilhões de euros. Por isso é complicado tentar descrever os homens que governam o narcotráfico mundial. Caso se transfira a matéria para as mãos dos roteiristas, surgirão personagens que passam do engomado ao dialeto, dos palácios de mármore à fedentina das ruas, personagens com o fascínio da ambiguidade e com a inquietude das próprias contradições. Mas isso é ficção: na realidade a



burguesia do narcotráfico é, no geral, mais sólida e tranquila do que a média das famílias burguesas industriais. As famílias mafiosas estão habituadas a concentrar suas forças, a suportar e a reagir aos contragolpes; ausência e distância representam a norma. Cobrir e ocultar o que não se deve revelar não equivale a um bom comportamento que facilmente se desfaz, mas a uma necessidade primária. Eles estão preparados para a dor, para a perda, para a traição: por isso mesmo são mais fortes. Não escondem de si mesmos a violência que é viver neste mundo. E querem vencer, em tudo.

Quando me pergunto quem poderia ser o arquétipo do manager do pó emergem dois nomes que são como os polos opostos de um mesmo campo magnético. O Norte e o Sul. O homem do Norte é o protótipo do empreendedor que se fez por si, confiando apenas na própria força e no próprio instinto para os negócios. O homem do Sul é um burguês da capital que experimentou a possibilidade de ir além de uma vida segura como empregado numa grande empresa do Estado e a agarrou. Ambos são transversais a qualquer pensamento político e moral. Se for preciso ser democrático e transgressivo, eles sabem sê-lo. Se for mais útil se apresentar como rígidos conservadores, se encontram igualmente à vontade. Homens de negócio capazes de seduzir pessoas de sólida moral, aproveitando-se de microscópicas fissuras, de fraquezas imperceptíveis. Corrompem sem que o corrompido jamais se sinta um pecador, conseguindo fazer a corrupção passar como se fosse uma praxe comum e sem peso, algo que no fundo todos fazem.

O homem do Norte transmite em primeiro lugar solidez e determinação, o homem do Sul tem maneiras mais brilhantes e mundanas, mas ambos se apresentam como senhores de meia-idade e de riqueza mediana. O mesmo vale para o modo como escolheram ser chamados: banal, até meio ridículo. Acima de qualquer suspeita. Bebè e Mario.

O mais jovem nasceu há 61 anos numa cidadezinha da Lombardia, Almenno San Bartolomeo. Bergamo fica a poucos quilômetros, mas é preciso ainda menos tempo para atravessar o Brembo e começar a subir pelo

vale que, para os próprios lombardos, sintetiza o atraso da província, a Val Brembana. Seu nome de batismo é Pasquale, provavelmente em memória de um avô de Brindisi, depois Claudio, para que o menino também tenha um nome mais moderno. O sobrenome é Locatelli, mais ou menos como todos daquelas bandas. Mais tarde se torna Mario, mais uma vez como qualquer um.

Pasquale Locatelli é um rapaz de vinte anos quando começa a ganhar experiência com incursões pela Lombardia rica, entre Milão e Verona, para roubar carros de alta cilindrada. Trabalha com gente de Milão, gente crescida na *ligèra*, a velha marginalidade ainda muito popular nas canções em dialeto, mas a essa altura o Bar del Giambellino e o Palo della Banda dell'Ortica já pertencem a um passado nostálgico. A cidade se tornou zona de guerra — trapaças políticas e criminalidade comum se confundem e às vezes se entrelaçam, sobe vertiginosamente a frequência de assaltos à mão armada e de sequestros, os mortos por homicídio são em média 150 ao ano. Quem não ascende à estrela do crime, como Renato Vallanzasca, Francis Turatello “Cara de Anjo” e seu ex-vice Angelo Epaminonda, quem não acaba em prisão perpétua por assassinato e outros delitos graves, pode seguir tranquilamente por seu caminho.

Locatelli compreende isso, compreende que o crime que remunera não é aquele dos exaltados anos 1970. Passa a concentrar-se em todos os “serviços” essenciais para quem revende automóveis roubados, estabelece uma rede de contatos que vão da Áustria à França, aprende línguas estrangeiras e ao final falará umas quatro. Já raciocina como um empreendedor projetado em um cenário internacional. Os negócios ilegais são negócios como qualquer outro, o que conta é confiabilidade e previdência. Sobre Milão está baixando uma paz enganosa, ao mesmo tempo frisante e cremosa como as comidas e as bebidas em voga. O homem que se passará por Mario, mas também será conhecido como “Diabolik”, compreende que ali, onde há cada vez mais dinheiro e uma vontade ilimitada de diversão, ali está se abrindo um novo mercado. Há a moda e o design, há as TVs privadas, empreendedores

emergentes e muitos filhinhos de papai cheios da grana. Na cidade e na região mais rica da Itália, o pó representa um vício a que mais pessoas podem ter acesso do que em outros lugares. Locatelli se lança na mercadoria que, uma vez adquirida, necessita de mais outra, antecipadamente. Por seu histórico de tráfico, pegou uma condenação convertida em regime de liberdade condicional, e foram as restrições ao seu raio de ação que o induziram a começar a vida de foragido. Ele tenta alargar sua fortuna onde sabe que pode facilmente encontrar seus próximos clientes, na Côte d'Azur. Estabelece-se numa mansão em Saint-Raphaël, localidade mais exclusiva e tranquila que a vizinha Saint-Tropez. As pessoas o conhecem como Italo Salomone e cada um cuida de sua vida, como é hábito entre proprietários muito ricos. Não sabem que a polícia francesa o está cercando desde que apreendeu, no aeroporto de Nice, uma mala proveniente da Colômbia carregada de pó escondido em um fundo falso. Dois tribunais da região já tinham até condenado Pasquale Locatelli a vinte e a dez anos por tráfico de droga, mas as sentenças foram proferidas na ausência do imputado. Italo Salomone continua sendo um italiano como tantos outros que gozam o clima e a vida despreocupada. Até que, após três anos de investigações, policiais conseguem prendê-lo em sua mansão, onde também encontram um estoque de 41 quilos de cocaína colombiana.

O ano é 1989.

No mesmo período Bebè está reformando uma velha chácara em Valsecca, aos pés dos Alpes de Bergamo, a meia hora de distância de Brembate di Sopra, a última residência de Locatelli na Itália. A localidade não foi escolhida pelo desejo de tranquilidade e de ar puro da montanha. Foi escolhida para ser transformada numa refinaria de heroína branca, a mais valiosa e rara, que conserva um nicho de mercado nos Estados Unidos, e também para usá-la como mercadoria de troca com os narcos. Segundo o arrependido Saverio Morabito, *ex-boss* proeminente da 'Ndrangheta em Milão, no final dos anos 1980 estes ofereciam 25 quilos de pó colombiano puríssimo por um quilo de heroína branca de Bergamo.

Bebè é Roberto Pannunzi, romano de mãe calabresa, hoje com quase setenta anos, ex-funcionário da Alitalia emigrado na juventude para o Canadá, assim como tantos meridionais naqueles anos. Lá os calabreses trabalham duro: construção civil, transportes, lixo, restaurantes. Mas a presença maciça de imigrados também é explorada pelos poderosos senhores de Siderno. “U Zi”, O Tio Antonio Macrì, conseguira em pouco tempo controlar o tráfico de droga no Canadá, instaurando ótimas relações igualmente com a Cosa Nostra norte-americana. Com seu assassinato na Calábria em 1975 desencadeia-se a primeira guerra da ’Ndrangheta, mas o império empresarial construído no ultramar não sofre danos. Macrì havia criado e adquirido atividades comerciais de todo tipo, principalmente de importação-exportação, o que o ajudou a estabelecer excelentes contatos nos portos mais importantes. Nos anos 1980, a polícia canadense considerava a organização que ele deixou a seus herdeiros a presença ’ndranghetista mais forte de todo o Canadá. Em Toronto, Roberto Pannunzi redescobre as próprias origens maternas justamente graças a Antonio Macrì. Zi’ ’Ntoni gosta daquele rapaz de bastos cabelos negros, rosto redondo e olhar altivo. Roberto é respeitoso e, acima de tudo, fiel. Fica perto dele e aprende. Ambicioso, obedece não como um servo, mas como quem confia que, obedecendo, pode aprender mais. Fica em silêncio e abaixa a cabeça porque quer crescer para comandar. Ainda naquele período em Toronto, ele conhece Salvatore Miceli, siciliano, ponto de referência da Cosa Nostra para o tráfico de entorpecentes. Os dois se tornam amigos e, depois, “compadres”.

Por intermédio de Miceli, Pannunzi obtém da Cosa Nostra heroína refinada em Palermo, faz com que ela seja transportada para Siderno, de onde o carregamento zarpa para Toronto de navio, escondido entre placas de cerâmica. Ali, quem espera o desembarque da mercadoria são os irmãos Vincenzo e Salvatore Macrì, sobrinhos de Zi’ ’Ntoni.

Pannunzi se torna hábil. Não se contenta com o material que seus primeiros contatos lhe dispensam. Quer a melhor relação qualidade-preço e consegue — por isso mesmo o rapaz agrada. Desfruta as amizades de

Antonio Macrì a fim de encontrar os maiores fornecedores que, atrás daquele sobrenome, percebem confiabilidade e segurança. Sozinho jamais teria podido se aproximar da aristocracia da heroína, mas aprende a utilizar os contatos de Macrì nos portos de meio mundo. Se um grupo não consegue achar um contato, Roberto o providencia. Coloca-se à disposição de todos, organiza expedições, faz o carregamento desembarcar em zonas do mundo aonde a heroína não chega. E quando os grupos lhe pedem substâncias melhores a preço mais baixo, ele contata especialistas capazes de resolver o problema. É ele quem promove o encontro da *cosca* italiana dos Alberti com os Marsigliesi, os quais enviam um químico a Palermo para montar uma refinaria de heroína.

Mais uma vez é ele que, no momento em que Pasquale Marando — o *boss* de Platì encarregado do tráfico de droga no Norte da Itália — precisará passar à clandestinidade, se oferecerá como intermediário entre as famílias de Marina di Gioiosa Jonica e as de Platì, coração da 'Ndrangheta em Aspromonte. Ele une, não divide. É esse o objetivo de Pannunzi.

Para ligar-se ainda mais a seus financiadores, assim que ele põe os pés de novo na Itália se casa com Adriana Diano, que faz parte de uma das famílias mais proeminentes de Salerno. Embora tenham se separado em pouco tempo, casar-se, misturar o sangue, sempre é algo bem mais vinculante que um simples contrato. Em Roma ele administra oficialmente uma loja de roupas. Roberto também tem senso de ironia: dá o nome à loja de “a Papoula”, em homenagem a sua colaboração com os mais destacados traficantes de heroína da Turquia. Na realidade está à disposição das *cosche* calabresas. Após ter tirado proveito dos contatos de Antonio Macrì, Bebè ganha independência, cresce. O dinheiro que a 'Ndrangheta recolheu com os sequestros agora deve crescer por meio do narcotráfico. Roberto está pronto. Compreendeu onde deve investir.

O homem do Sul e o homem do Norte viajam em linhas espaçotemporais paralelas, sem jamais se cruzar. Ou quem sabe sim, mas não existe prova de um contato entre eles. Locatelli está ligeiramente à frente, não tanto por ter

começado sua carreira a partir de um ponto mais próximo de Milão, até hoje a melhor praça para a comercialização de cocaína. A geografia miúda conta pouco quando os movimentos se dão num tabuleiro planetário. Não, a melhor ventura do bergamasco se explica sobretudo pelo fato de que ele é o dono da própria empresa, livre para estabelecer cada novo investimento, único responsável pelos riscos que assume. Já Pannunzi se assemelha mais a um *top manager* engajado numa grande holding. A conquista de um novo mercado deve avançar com prudência: sem perder cotas do velho mercado de referência, sem pôr em risco um centésimo do faturamento gigantesco. A ideia de expandir a comercialização da cocaína a partir de um ganho no qual a competência calabresa com a heroína pode ser desfrutada ao máximo é o típico achado de um ótimo manager que sabe convencer seus sócios. Depois Pannunzi põe tudo em prática: para localizar a chácara, contata Morabito e sobretudo uma *'ndrina* muito enraizada na Lombardia, os Sergi de Platì; por fim, importa da França os melhores químicos, mais uma vez dois homens dos Marsigliesi que já tinham trabalhado para a Cosa Nostra e que sabem garantir a excelência do produto.

Enquanto Pannunzi lança as bases para a gestão de uma joint venture do pó, Locatelli está respondendo a um processo por narcotráfico internacional que o levará à prisão de Grasse para cumprir uma pena de dez anos. Da cadeia ele vê somente um recorte da amena paisagem que se estende sob a colina da antiga cidadezinha conhecida como “a capital mundial dos perfumes” — o mar em frente a Cannes pode ser apenas intuído. Mas ele não precisa disso: Diabolik é um homem de ação e pensamento rápidos. Quebra o próprio braço. É preciso tratá-lo num hospital, mas os franceses não são ingênuos, desconfiam de que aquele incidente possa não ser casual. Por precaução não o enviam a Nice, mas a Lion, a quase quinhentos quilômetros de distância, longe da costa que ele percorrera palmo a palmo. O detido desce do camburão e se encaminha para o hospital. Depois de alguns passos se materializam três homens armados e mascarados que desarmam os agentes da escolta e desaparecem num raio, levando consigo o

prisioneiro. Encerrou-se uma época. Locatelli não deixa nenhum rastro e atravessa a fronteira com a Espanha. Torna-se Mario, Mario de Madri: o homem de referência dos narcos colombianos na Europa, o proprietário de uma frota naval para o tráfico internacional de cocaína.

O empreendedor e o manager convergem. São os pioneiros, os homens que criam do nada a figura que não existia na economia do narcotráfico: o broker. Colocam em contato os quatro cantos do mundo. Istambul, Atenas, Málaga, Madri, Amsterdam, Zagreb, Chipre, Estados Unidos, Canadá, Colômbia, Venezuela, Bolívia, Austrália, África, Milão, Roma, Sicília, Puglia, Calábria. Criam um moto-perpétuo e tecem uma rede intrincada e cerradíssima, um emaranhado caótico que apenas um olhar mais atento é capaz de revelar a inapreensível mobilidade de sua mercadoria. Tornam-se riquíssimos. E também levam riqueza aos que se dirigem a eles. Sempre em movimento, precisam encontrar incessantemente novos canais. Suas vidas se assemelham cada vez mais ao jogo de enigma em que se unem os pontos, aquele que, na nossa infância, conseguíamos fazer nos raros momentos em que os pais se afastavam das palavras cruzadas e nos passavam a caneta: somente ao final era possível admirar o desenho, depois de articular todos os pontos. Com Pasquale Locatelli e Roberto Pannunzi ocorre a mesma coisa. Seus tráficos só se tornam evidentes depois de se unirem os pontos que eles foram capazes de conectar. Porque quem faz a droga girar redesenha o mundo.

O mundo é redesenhado a partir de uma diferença que ninguém estabeleceu planejadamente, uma inovação que, se tivesse sido proposta em abstrato, acabaria sendo rejeitada. Nenhuma organização criminosa se diria disposta a compartilhar uma margem considerável dos lucros e a conceder um papel não subalterno e não marginal a quem não faz parte dela. O percurso é gradual, o salto de qualidade se cumpre simplesmente porque acontece. Ou melhor, a certa altura, já aconteceu.

Mario de Madri conquistou a confiança dos colombianos quando estes ainda estavam no ápice de sua força. Vai para lá e para cá com um guarda-costas e uma secretária particular, aprendeu com Pablo Escobar a nunca dormir mais de duas noites no mesmo lugar, troca de celular com a frequência com que as pessoas comuns trocam de meias. Mas não é um homem nem do cartel de Medellín nem do cartel de Cali. E isso se revela uma vantagem não só para ele, mas também para os monopolistas do pó que, na Colômbia, iniciaram uma guerra impiedosa que assinalará seu lento declínio.

Bebè Pannunzi se ligou às famílias de Siderno e de Platì, o fez inclusive através do sangue e da descendência, mas nunca se afiliou a uma *cosca*. Não é um 'ndranghetista, não é um camorrista, não é um mafioso. Amalgama grupos heterogêneos numa única sociedade de investimento. Calabreses, sicilianos, grupos baseados no Salento e outros ainda. Cria uma joint venture da droga, capaz de incrementar os contatos e a força contratual em relação ao que um clã isolado poderia obter. Uma organização estratificada com um vínculo associativo firme e uma nítida divisão entre posições de comando e de subalternidade. É um broker hábil, capaz de construir com facilidade enormes operações financeiras e transportar quantidades de pó impensáveis para uma única *cosca*. Sem essa nova figura, a aquisição de cocaína continuaria funcionando da velha maneira: a família mafiosa manda um homem de confiança para a América do Sul, paga antecipadamente uma parte da carga, deixa seu homem nas mãos dos narcos como penhor, arriscando-se a perdê-lo caso algo dê errado e impeça o pagamento. Depois contata um intermediário que se ocupará do transporte.

Pannunzi muda todas as cartas da mesa. Transfere-se para a Colômbia. Aprendeu o que havia para aprender no estreito contato com as 'ndrine, sabe que chegou a hora de transmitir o exemplo e o ensinamento. Introduce no ofício o filho Alessandro, que se casa com a filha de um *boss* de Medellín. Por telefone o chama de "Miguel" e fala em espanhol, para desorientar eventuais espões indesejados. A filha Simona fica noiva de Francesco



Bumbaca, que para o sócio se tornara a pessoa de confiança. Francesco será apelidado de “Joe Pesci” ou “Il Finocchietto”. No início dos anos 1990, Pannunzi usufrui o poder dos cartéis colombianos, que transformaram a selva de seu país em um território pontilhado de aeroportos particulares. Para a 'Ndrangheta seria conveniente ter um avião de carga para as viagens intercontinentais, e Bebè o consegue para eles.

Ele pode se permitir uma frota aérea para transportar a mercadoria branca. Recolhe milhões e milhões de euros de diversas organizações. Serve pessoalmente de fiador aos cartéis, obtendo desse modo descontos enormes sobre os montantes. Garante o envio e a chegada dos carregamentos nos portos. Sabe até quem cuidará do pó quando a mercadoria chegar a seu destino. Quanto mais numerosos são os acionistas, menos custoso é o quilo do produto. Distribui as perdas decorrentes das apreensões. Pode permitir-se inclusive o monitoramento da qualidade. Viaja, faz novos contatos, encontra clientes. Em toda parte. Busca financiadores, capitais: mais tarde ele decidirá onde e como comprar a cada vez. Procura bons transportadores, costas seguras, cidades-depósito.

Locatelli age especularmente. Ele, que está mais próximo dos fornecedores, mantém sua base na Europa a fim de oferecer mais agilidade no contato com os clientes. Negocia com todos: as famílias de Bagheria e de Gela, as 'ndrine de San Luca e de Platì, os clãs mais poderosos da área norte de Nápoles. E trata de tudo, fiel a seu instinto empreendedor: o *core business* são o pó e cada vez mais a lavagem de dinheiro, mas seria estupidez não usufruir plenamente da proximidade com o Norte da África, transportando haxixe para lá do estreito de Gibraltar, uma das bases de seu poderio naval. Além disso, recorre a velhas relações e experiências para pôr de pé uma rede internacional de comércio de carros roubados. Mas são os acontecimentos em um país mais distante que a Península Ibérica que permitem a Mario de Madri dar um salto sucessivo. Ele é um dos primeiros a captar as imensas possibilidades implicadas nas tensões e depois nas guerras da ex-Iugoslávia. Drogas, armas, dinheiro: a partir desses três elementos ele pode criar uma

triangulação dos negócios, fazê-los saltar da Espanha à América, da América aos Bálcãs, com refrações na Itália, escalas na África e assim por diante.

O bergamasco também estrutura seu business como uma empresa familiar, expandida a poucos colaboradores de muita confiança. Família restrita e homens contratados e mantidos sob perene pressão e controle, hierarquias blindadas, *omertà*. A empresa de Bergamo, embora não tivesse na base nenhuma ligação histórica, foi assumindo cada vez mais os traços da organização mafiosa, e com isso também assume sua impermeabilidade vitoriosa. Mas o modelo de funcionamento das máfias não é mais que uma declinação peculiar do modelo empresarial dominante na Itália. Assim como para os mafiosos de fato, o entrelaçamento de afetos e negócios periga se tornar o calcanhar de Aquiles. Em 1991, os *carabinieri* descobrem que Locatelli, quando está na Itália, é sustentado por sua companheira, Loredana Ferraro, em Nigoline de Corte Franca, uma cidadezinha do Bresciano. Estão prontos para acionar a armadilha, mas Diabolik chega até um carro e parte a toda velocidade, transformando os vinhedos da Franciacorta num inédito cenário de perseguição hollywoodiana e escapando à captura. Loredana continua sendo sua companheira e, assim como os dois filhos, compartilha seus interesses e seu destino: uma década mais tarde, ela também será presa na Espanha, última da rede de Mario a terminar nas mãos da Justiça.

Homens como Bebè e Mario, mas também os próprios *boss* que sugaram com o leite materno as regras ancestrais da família, muitas vezes se revelaram vulneráveis justamente por causa de uma relação feminina. O que os compromete não são as mulheres que podem ser compradas por uma noite, mercadoria como tantas outras, a que eles podem se permitir escolhendo a de melhor qualidade. São aquelas a quem se ligam, com quem estabelecem uma relação de confiança. A peça que, a certo momento, dá a impressão de poder conduzir Pannunzi se chama Caterina. Não é uma jovem qualquer, suscetível ao fascínio e ao poder do maduro homem de negócios, nem Bebè jamais teria tido a disponibilidade de compartilhar a

substância real da própria vida, se a parceira não tivesse apresentado todas as garantias para se tornar uma verdadeira cúmplice. Caterina Palermo tem um pedigree reconfortante: é irmã de um mafioso da mesma *cosca* de Miceli. Os investigadores descobrem que ela reservou um voo Madri-Caracas e começam a segui-la. Uma vez desembarcada na capital da Venezuela, Caterina chega a uma localidade situada na fronteira com a Colômbia, país em que seu companheiro se estabelecera naquele período. O encontro amoroso estava marcado para acontecer ali, mas, alertado por não se sabe qual informante, Pannunzi não comparece. A mulher e os policiais voltam para a Itália compartilhando ao menos naquela vez o mesmo sentimento: desilusão.

O broker do Norte e o broker do Sul são o Copérnico e o Galileu do comércio de cocaína. Com eles se modifica o movimento de rotação dos negócios. Antes era a cocaína que rodava em torno do dinheiro. Agora é o dinheiro que entrou na órbita da cocaína, atraído por seu campo gravitacional. Quando acompanho seus rastros, tenho a impressão de folhear um manual que coincide com o raio de ação de duas pessoas singulares. Mario e Bebè assumem em si todas as características do broker vencedor. Em primeiro lugar, uma disponibilidade ilimitada de dinheiro, pré-requisito indispensável para poder ditar as condições de um negócio. Formidáveis capacidades administrativas. Visão ampla aliada a grande precisão ao definir cada detalhe. São excelentes na mediação e aprenderam a resolver problemas. Garantem fornecimento a todos os que podem pagar e conseguem cair em suas graças. Sabem que é melhor se manterem distantes de escolhas políticas, sentenças de morte, recurso à violência. Querem apenas movimentar matéria branca, e para fazerem isso só precisam de dinheiro e boas relações. Os grupos criminosos, grupos até rivais, lhes concedem essa liberdade porque eles lhes dão lucro.

Além de tudo tiveram intuição, uma qualidade que você não compra e não aprende, e por isso mesmo não tem preço. Nasce-se assim, e eles

nasceram com uma dose de intuição muito superior à da média. A intuição é antes de tudo empatia, saber colocar-se na situação de quem está à sua frente, farejar hábitos, pontos fracos, resistências. Para Bebè e Mario, o cliente é um livro aberto. Sabem onde atingi-lo, sabem como convencê-lo. Sabem que, se ele hesitar, chegou o momento de fazer pressão; que, caso se mostre excessivamente seguro, então é preciso mostrar quem é que tem a chave do cofre. Passam com desenvoltura de uma língua a outra, de uma cultura a outra; sabem ser uma esponja, transformar-se, sentir-se cidadãos da parte do mundo onde se encontram. Sabem apresentar-se como humildes intermediários ou demonstrar autoridade, fascínio, simpatia. Isto é a intuição: conhecer a natureza dos homens e saber manipulá-la.

Mas intuição é também previdência. Se os brokers financeiros tivessem aprendido com os brokers do pó, provavelmente não teriam batido contra o muro de concreto da crise. Pannunzi e Locatelli intuíram que a heroína, como mercado de massa, estava acabando. Entenderam isso enquanto o mundo ainda consumia toneladas dela e as máfias italianas ainda investiam tudo em heroína. A cocaína invadirá o mundo e se tornará mais onipresente, mais difícil de deter — e eles já estarão lá, bem antes dos outros.

Em duas ocasiões a polícia consegue pôr as mãos neles, mas os dois brokers sempre acham uma maneira de resolver qualquer problema. Não ordenam assassinatos. Têm muito dinheiro, sabem se defender, sabem como não deixar pistas. Não atraem a atenção midiática, poucos jornalistas os conhecem, somente um grupo restrito de iniciados sabe quem eles são e qual sua verdadeira importância. E, se forem libertados, a opinião pública não se indignará.

O ano de 1994 poderia ter sido seu *annus horribilis*, no entanto o ciclone que os atinge não tem força para tirá-los do chão. Em janeiro Pannunzi é detido em Medellín, onde vive há quatro anos. E não basta o milhão de dólares que Bebè oferece aos policiais para deixá-lo escapar. Espantosamente eles não aceitam o trato. Bebè fica numa prisão colombiana à espera da extradição para a Itália, para onde é transferido em dezembro.

Nesse meio-tempo está amadurecendo a última fase de uma megaoperação coordenada pelas três polícias internacionais, inclusive a DEA norte-americana e o FBI, que leva o nome inequívoco de Operação Dinheiro. Segundo os documentos da DEA, a operação, que durou dois anos, levou à prisão de 116 pessoas na Itália, Espanha, Estados Unidos e Canadá. No fim das contas, entre um continente e outro foram apreendidos cerca de 90 milhões de dólares em espécie e uma quantidade incrível de cocaína: nove toneladas. Em 6 de setembro de 1994, Locatelli está jantando em um famoso restaurante da capital ibérica — Adriano —, cercado pelo círculo dos mais íntimos: a secretária suíça Heidi, que, assim como ele, viaja com documentos falsos; e seu braço direito na Itália, o advogado da Puglia Pasquale Ciola. À mesa também está o procurador substituto de Brindisi, Domenico Catenacci. Pouco tempo antes ele havia pensado em entrar na política, mas no último momento renuncia ao plano de candidatar-se e se transfere para Como. Na capital de Lariano, comuna da província de Roma, acontece uma coisa inaudita: os dois juízes convocados para cumprir a ordem terminam, um depois do outro, acusados de associação criminosa. Catenacci sofre a suspensão de suas funções, mas durante o processo será capaz de demonstrar que não tinha ideia de quem fosse Pasquale Locatelli e será absolvido. Já Mario é detido e levado a uma prisão madrilenha. Além da liberdade, perde também quatro embarcações de sua frota, já prontas para alcançar a costa da Croácia carregadas de droga e armamentos, e muitas outras peças de seu império.

A Operação Dinheiro é um sucesso clamoroso, de que se vangloriaram simultaneamente o chefe da DEA, numa margem do oceano, e o ministro do Interior da Itália, na outra. Dois anos de investigações e de operações ultrassecretas. Agentes infiltrados em dois continentes e, como isca central, um banco aberto por procuração num paraíso fiscal do Caribe, para lavar os narcodólares. Um banco de verdade, registrado regularmente, com uma sede elegante, funcionários qualificados que sabem atender os clientes em muitas línguas e com uma competência exemplar. Mas controlado

integralmente pela DEA. O RHM Trust Bank oferece taxas de juros paradisíacas, especialmente aos clientes mais endinheirados. Os colombianos ficam gulosos. Um consultor financeiro da DEA consegue estabelecer relações com Carlos Alberto Mejía, o “Pepe”, um narcotraficante ligado ao cartel de Cali que organiza os fornecimentos para os Estados Unidos e a Europa, mostrando-lhe as credenciais do RHM Trust Bank. O banco se localiza em Anguila, uma ilha britânica que dá garantia de seriedade e é de fácil acesso. Os narcos estão habituados a uma vida de luxo e ao dinheiro que vai e vem como chuvas tropicais. Mejía em especial adora gastá-lo numa paixão antiga de sua terra: cavalos. Os *Paso fino* são uma raça autóctone da Colômbia que remonta à chegada dos espanhóis montados naqueles animais desconhecidos, gigantescos, que aos olhos assombrados dos índios os faziam parecer deuses. Na época em que imperam os reis da cocaína, o mais bonito e famoso se chama Terremoto de Manizales, o corcel do irmão de Pablo Escobar. Porém, justamente no período em que o infiltrado da DEA se aproximava de Carlos Alberto Mejía, um grupo inimigo rapta Terremoto, matando seu tratador. Ele será encontrado alguns dias depois, abandonado numa ruazinha de Medellín e castrado por vingança. Sabiam que a mutilação causaria uma dor mais atroz que a morte de muitos homens, um duro golpe na imagem dos Escobar. Mas não o suficiente. Segundo uma lenda que circula na Colômbia, dezesseis anos depois de sua castração, Terremoto teria propiciado o nascimento de um cavalo idêntico, clonado por uma empresa especializada nos Estados Unidos.

Mejía também possui um haras de raros *Paso fino* e, além disso, uma valiosa coleção de obras de arte, à qual, no entanto, parece menos afeiçoado. Decide confiar três pinturas aos intermediários do banco: um Picasso, um Rubens e um quadro de Joshua Reynolds, pintor inglês do século XVIII. Os especialistas que poderão admirá-los, depois de apreendidos, avaliarão as obras em 15 milhões de dólares. Mas o negócio de fato é a lavagem de dinheiro. Haveria, para começar, quase 2,5 milhões de dólares provenientes do narcotráfico na Itália a serem reinvestidos, dinheiro que chegará por um

homem de confiança do sócio italiano de Mejía que opera na Espanha e na Itália.

É assim que os agentes da DEA topam de repente, e sem o terem previsto, com os rastros de Pasquale Locatelli. O objetivo era atingir a organização do narcotráfico mais poderosa do mundo naquele momento, o cartel de Cali. Mario de Madri vem à tona quase do nada. No entanto, ele e sua organização se mostram incrivelmente difíceis de ser agarrados. Jamais uma ligação que possa ser rastreada. Esquemas de lavagem tão rápidos que é impossível acompanhar suas passagens. Justamente por causa do “sócio italiano” as investigações chegam a um ponto morto. Então os investigadores decidem pôr em seu encalço um agente *undercover*, bastante peculiar. Faz inspeção no serviço central operacional da polícia italiana. Tem uma formação financeira afinada em anos de pesquisas, mas nunca se engajou numa missão confidencial. É jovem, nem 27 anos de idade, mas de presença impecável. Fala fluentemente diversas línguas. Conhece os métodos mais sofisticados de lavagem. É uma mulher.

Parece muito mais o achado de um filme de ação produzido em Hollywood do que uma fuga pelas estradinhas da pacífica Franciacorta com os *carabinieri* nos calcanhares. Lá fora, no mundo real, mulheres bonitas, jovens e ainda por cima capazes de assumir uma nova identidade sem titubear raramente existem. No início os próprios colegas americanos e italianos pensam assim e ficam em dúvida, mas por fim todos se convencem das vantagens que a infiltrada pode oferecer. Então, depois de um curso intensivo e personalizado na DEA, nasce Maria Monti, uma especialista em finanças internacionais com um enorme desejo de ascender em meio a uma impiedosa concorrência masculina. Maria Monti transmite uma feminilidade vital, uma ambição tão faminta quanto quase inocente. Como tantas jovens de hoje, ela se mostra muito competente, melhor do que os homens, e com grande vontade de ser testada. Para aqueles com quem entrará em contato, trabalhar a seu lado é um prazer em todos os sentidos.

Existe uma regra básica para dar vida a uma ficção perfeita ou aproximar-se o mais possível dessa perfeição: fixar-se naquilo que realmente pertence à pessoa que deve transformar-se em outra. Maria Monti se assemelha à policial que conquistou a confiança e o respeito dos colegas quase como se representasse seu obscuro duplo. As qualidades fundamentais e os recursos de uma pessoa permanecem os mesmos, independentemente de qual uso se queira fazer deles. Depois há a escolha. Quase nunca se cumpre num momento lúcido, preciso. Mas acontece. A escolha caracteriza tudo, bombeia em círculo os açúcares do desejo, alimenta o sangue, se torna metabolismo. Aqui tudo isso é somente por fingimento. O coração escondido sob os paletós aderentes dos tailleurs de grife continua hospedando o tipo mais perigoso de coragem: aquele alimentado pela curiosidade, pela vontade indomável de conhecer, que não perde o ânimo diante do imprevisto e do desconhecido.

Maria é catapultada num vórtice de voos em classe executiva, trasladados em táxis ou carros de luxo, hotéis e restaurantes para poucos eleitos. A dimensão de irrealidade atenua sua ânsia. O risco é que ela passe muito tempo nisso, que baixe a guarda distraída com o excesso de novidade e de luxo que, ao contrário, deve administrar com a indiferença de quem já se habituou. Mas isso não acontece. A infiltrada não se esquece nem por um segundo de que é apenas a vanguarda de uma esquadra que segue seus sinais por meio do GPS escondido em sua pasta executiva, pronta a socorrê-la num raio mínimo, em caso de necessidade. Mas o perigo que ela está correndo permanece muito real. Os primeiros que ela deve contatar são os narcos, gente acostumada a fazer uso da violência impunemente. No entanto, a distância que ela mantém de sua vida e de seus laços, e até a necessidade de servir-se do inglês e do espanhol em parte lhe facilitam a entrada em seu papel.

Miami tem um porto imenso, chamam a cidade de “a capital mundial dos cruzeiros”. À sombra nos navios de sete andares da Royal Caribbean e da Carnival, também estão atracados iates que somente o porte dos monstros



flutuantes consegue redimensionar. Maria deveria concluir sua transação em um lugar mais cheio de gente, mas seus clientes sul-americanos não chegam. Então alguém a acompanha até o porto, a conduz a um iate e levanta âncora. Ela está no meio do oceano na companhia de homens que tentam impressioná-la com seu transatlântico particular, o agente que a espera no banco do cais já não pode ajudá-la, agora só pode contar consigo. É tudo maravilhoso, ela concorda, mas eu vim aqui *for business, not for fun*, desculpem se o humor não é dos melhores.

Locatelli é de outra cepa. Mario de Madri também recebe Maria pela primeira vez num iate ao largo da Costa do Sol, perto de Marbella, onde se estabeleceu com Loredana, mas sua natureza pragmática investe tanto no poder sedutor ou intimidatório da ostentação quanto na privacidade absoluta que seu meio flutuante lhe concede. O esperto broker quer estudar com calma aquela jovem que, compreensivelmente, caíra nas graças de seus sócios colombianos. Maria percebe isso, por um instante se sente nua, depois saca toda a competência e a desenvoltura de que é capaz. Fala de taxas de juros, ações, fundos de investimento. Discute as potencialidades e os riscos de se apostar na *new economy*, propõe umas duas transações para faturar com flutuações cambiais. Conseguiu. O chefe se convenceu de que é uma boa interlocutora, as remessas de dinheiro a ser reinvestido por meio do banco nas Antilhas podem continuar em ritmo galopante.

Contudo, os momentos de medo não terminaram de todo. No dia em que recebe uma valise com 2 milhões de dólares, Maria se dá conta de que alguém a está seguindo. Não pode correr o risco de se deixar roubar ou, pior ainda, de se deixar descobrir enquanto sobe no carro de um colega, como tinha sido combinado. Não faz ideia se o homem às suas costas é um mal-intencionado que não sabe de nada ou se é uma sombra mandada para monitorá-la. Então ela para um táxi e circula, circula por horas e horas, atravessando a cidade ao longo e ao largo.

É na Itália que paradoxalmente ela sente mais medo. Em Roma os encontros são marcados em lugares muito frequentados: o Hotel Jolly, o Bar

Palombini no all'Eur. E se por infelicidade alguém a reconhecesse, lhe fizesse um sinal, pronunciasse seu verdadeiro nome? Também a prepararam para essa possibilidade: é preciso reagir como se se tratasse de um engano. Um olhar firme, rápido, a perplexidade de um instante, e pronto. Mas Maria não está segura de que seria capaz de manter a frieza necessária. Às vezes se insinua uma angústia até mais sub-reptícia: não se pode excluir inteiramente que, entre seus muitos contatos, possa vaziar alguma informação a seu respeito. O “contínuo” chamado “Polifemo” é um milanês com ar de empregado humilde, registrado em cartório com o nome de Mario Di Giacomo. Mas ele deve tratar com o homem de confiança da organização de Locatelli na praça romana, Roberto Severa, elemento de destaque da Banda della Magliana, homem a quem Locatelli delegou reinvestimentos consideráveis numa cadeia de supermercados e em algumas atividades da capital. É ele que a inunda de dinheiro a ser lavado o mais rapidamente no Caribe: 671 800 000 de liras e mais 50 mil dólares, depois mais duas parcelas de 398 350 000 e 369 450 000 liras, tudo isso no arco de um mês e meio.

Mas o verdadeiro articulador dos negócios de Locatelli na Itália é um personagem com o aspecto reconfortante de um advogado de província, Pasquale Ciola. Assim como Bebè Pannunzi, Mario de Madri também descobriu sabe-se lá quando as próprias origens maternas e suas vantagens. Graças a Ciola, que tem assento no Conselho de Administração, ele consegue servir-se de um banco inteiro, a Caixa Rural e dos Artesãos de Ostuni. E, haja vista seus crescentes interesses nos Bálcãs, sempre por intermédio do advogado de Brindisi ele está aperfeiçoando a aquisição de mais um banco, agora em Zagreb, o ACP. A Puglia é a parte da Itália mais próxima da outra margem do Adriático. Pasquale Ciola aprendeu a fazer tudo com a máxima prudência. Para encontrar Locatelli na Espanha, transforma a viagem em inocentes férias em família. Leva em sua Mercedes o filho e a ex-mulher, para nos melhores hotéis ao longo do trajeto, atravessa a Península Ibérica montando etapa por etapa um itinerário “turístico”: Málaga, Costa do Sol, Alicante. Somente após quatro dias ele toma a

autoestrada para Madri e chega a tempo para o jantar no restaurante Adriano.

Aqui termina a missão de Maria e dos colegas que estiveram no encalço do advogado até o momento longamente esperado. É o próprio Locatelli quem se apresenta com uma bolsa contendo 130 milhões de liras em espécie. Entretanto, passado o dia em que foram celebrados como heróis por todos os noticiários, assim que a adrenalina cedeu ao cansaço e se voltou à normalidade e ao esquecimento, os policiais italianos se perguntaram até que ponto foi decisivo o golpe que eles conseguiram infligir a Locatelli. Sabem que ele ainda possui ao menos cinco grandes embarcações na Croácia, em Gibraltar e em Chipre, bens que se revelaram intocáveis. Seu patrimônio permanece incalculável. Da prisão madrilenha ele continuou telefonando para cá e para lá, tocando em frente tranquilamente seus negócios e honrando a piada do *boss* da Camorra, Maurizio Prestieri, que, a propósito de outra prisão espanhola, disse que ela “parecia uma colônia de férias”. A única coisa que talvez pudesse desmoronar seu império seria um regime de reclusão que realmente o isolasse.

Mais uma vez, as vidas de Locatelli e de Pannunzi parecem replicar-se como em um jogo de espelhos ou um teatrinho de sombras chinesas. Por ironia do destino, ambos conseguirão escapar do sistema penitenciário mais rígido que há na Europa destinado a mafiosos ou narcotraficantes: o da Itália. Depois que foi transferido para a Itália, Bebè acabou sendo libertado: esgotamento do prazo da prisão preventiva. Em 1999 ele é detido de novo por associação mafiosa e, durante um período de prisão domiciliar obtido por motivos de saúde, faz como Diabolik fizera dez anos antes: foge de uma clínica romana, mas sem nenhuma necessidade de um comando armado. Tal como Mario, ele escolhe a Espanha para passar seu tempo de foragido: a Espanha, que naquele período está em pleno boom imobiliário, o lugar ideal onde narcotraficantes de todo o mundo podem se encontrar e comprar, comprar, comprar tijolos e toneladas de pó.

Na Itália ele mantém uma cerrada rede que na capital orbita em torno de Stefano De Pascale, homem ligado no passado ao bando da Magliana, como apoio romano de Locatelli. Toda vez que passo pela via Nazionale me pergunto por que justamente ali, na agência Top Rate Change, um associado da organização trocava em dólares e outras moedas centenas de milhões de liras que De Pascale administrava para Pannunzi. De Pascale era o conselheiro de Pannunzi, não se limitava a executar suas ordens, mas também lhe oferecia opiniões e sugestões, além de manter sua contabilidade e coordenar as relações com clientes e fornecedores. O homem que eu conhecia sobretudo pelo apelido de Spaghetto era a *longa manus* de Bebè em Roma, a quem as *cosche* calabresas que negociavam com Pannunzi podiam recorrer para qualquer coisa.

Em janeiro de 2001, detido por um mandado de captura internacional, Bebè volta à Colômbia, onde adquire uma mansão dotada de todos os confortos. Escolha típica: não é apenas ostentação de riqueza, é a demonstração de que se chegou à sociedade dos homens que podem se permitir os bens de maior prestígio e sofisticação. Contata os traficantes e se aventura nos campos onde se cultiva a coca, chegando até os locais das refinarias. O moto-perpétuo e sem tropeços não o faz baixar a guarda, e na Colômbia ele igualmente seleciona seus colaboradores com extrema sagacidade. Sabe por experiência própria que agora o mundo é um só, e que em lugar nenhum se pode deixar a imprudência levar a melhor.

A força de Pannunzi está na absoluta impossibilidade de penetrar em seu sistema. Toda sua rede criminosa opera usando códigos e ardis que fazem os investigadores bater a cabeça contra um muro. Como se lê nos documentos da investigação Igres, da DDA de Reggio Calabria, Bebè não comete “nunca um erro, nunca um ‘passo em falso’, nunca um nome de batismo, um endereço, um local de encontro expressado com clareza durante as inumeráveis conversas; sempre rodeios metáforas, símiles, nomes em código para indicar amigos, horários e encontros. Enorme prudência e atenção, sobretudo na troca incessante de números telefônicos, indispensável para o

prosseguimento dos contatos: autênticos códigos secretos criptografados, concebidos pelos réus para tal fim, jamais um número de celular explicitado com clareza, sempre cifras aparentemente incompreensíveis”.

Para conhecer Roberto Pannunzi é necessário mergulhar no emaranhado inextricável de sua linguagem. Os nomes de seus homens são sempre meros apelidos de fachada: o Garotinho, o Louro, o Contador, o Sobrinho, o Lobinho, o Comprido, o Relojoeiro, o Velhinho, o Cachorrinho Cachorrão, o Tintureiro, o Bonezão, o Ratinho, o Tio, o Parente do Tio, o Irmão do Parente, a Tia, o Bobo, o Compadre, Sangue, Alberto Sordi, a Garota, os irmãos Rolo, o Rapaz, Miguel, o Amigo, o Barriga, o Senhor, o Baixinho, o Geômetra. Espelinhos que refletem fragmentos de realidade distorcida. Sabendo que era interceptado, ele informa endereços, nomes e números de telefone da maneira mais cifrada possível.

“21.14 — 8.22.81.33 — 73.7.15. São iniciais, três iniciais, entendeu?”

“Depois, de novo, hífen: 18.11.33. — K 8.22.22.16 — 7.22.42.81.22. K.11.9.14.22.23. — : 18.81.33.9.22.8.23.25.14.11.11.25 — (+6) (+6) é o número.”

“Depois ainda 11.21.23.25.22.14.9.11.21.11. Esta é a cidade.”

“Depois, mais uma vez, o número do escritório: +1, -2, (não sei se é necessário o zero ou não) -3, -7, =, -7, +6, -3, +5, +3, +4.”

A extrema prudência às vezes torna difícil a compreensão das mensagens pelos próprios associados. Mas é uma precaução indispensável. Pelo menos seis foragidos estão ligados por essa rede: Roberto Pannunzi, seu filho Alessandro, Pasquale Marando, Stefano De Pascale, chamado “o Spaghetto”, Tonino Montalto e, por fim, Salvatore Miceli, o compadre de Trapani.

Os números de telefone são comunicados por meio de sequências alfanuméricas preestabelecidas, as chamadas são efetuadas de cabines telefônicas ou com cartões telefônicos sempre diferentes. Nunca se comparece a um encontro com um carro que esteja em nome da pessoa. O pó é designado como “documentos bancários”, “cheques”, “faturas”, “empréstimos”, “móvel”, “leão na jaula”. E para saber quantos quilos foram

encomendados? Basta falar em “horas de trabalho”. O mundo secreto e sombrio de Pannunzi é imenso. Uma voragem onde é fácil ser tragado. Não há em que se agarrar, e aqueles poucos que parecem emergir logo se despedaçam, substituídos por outros ainda mais crípticos. Somente uma perturbação anômala pode dar forma ao informe, um erro que permita dispersar o nevoeiro apenas o suficiente para discernir uma presa concreta. Uma vez descoberta, é preciso agarrar-se a ela e não largá-la.

A perturbação chega com o nome do Baixinho, cujo verdadeiro nome é Paolo Sergi, expoente das *'ndrine* de Platì. O Baixinho comete uma pequena leviandade: usa o próprio celular, que é interceptado pelos investigadores. Uma desatenção fatal, porque é a partir dali que os homens do Grupo Operacional Antidroga da Guarda Fiscal de Catanzaro conseguem penetrar na rede. Paolo Sergi se torna uma chave mestra, e será justamente ele que batizará a investigação Igres da Antimáfia italiana, que é apenas “Sergi” lido ao contrário.

Graças ao descuido cometido pelo Baixinho, a névoa se torna menos densa. O desenho que se entremostra revela um sistema lógico; os becos sem saída e as cortinas de fumaça em que os investigadores se debateram se exibem tal como são: poeira nos olhos. Fragmentos distorcidos de realidade começam a se recompor em imagens coerentes. O que emerge é uma força econômica gigantesca. A partir das interceptações, os investigadores conseguem traçar o quadro de conjunto: uma organização complexa, dividida em dois troncos principais, um calabrés e outro siciliano, em que cada um dos membros tem tarefas precisas e diferentes. Pannunzi, definido pelos investigadores como “carismático que não aceita ser contestado”, se ocupa de tudo, da aquisição à distribuição da mercadoria, providenciando enormes quantidades de cocaína para o mercado italiano. Seu principal fornecedor na Colômbia é o narcotraficante conhecido pelo nome de “Barba”, que consegue expedir-lhe imensos carregamentos de pó. Entre Barba e Pannunzi há um acordo de cavalheiros. Coisa que chega a ser inacreditável, já que a prática prevê garantias em carne e osso, além das

pecuniárias. Mas em Bogotá Pannunzi é considerado e respeitado, e a *'ndrina* para a qual trabalha representa uma garantia. A disponibilidade dos Marando-Trimboli é tão impressionante que, nos telefonemas interceptados, o próprio Pannunzi às vezes se surpreende com as cifras que os *boss* da Locride conseguem sacar continuamente para financiar seus negócios.

Da Colômbia, Roberto envia instruções ao filho Alessandro. Salvatore Miceli e os homens da *cosca* de Mariano Agate organizam a transferência da América do Sul para a Sicília e o transbordo ao largo das ilhas Égadi, onde algumas embarcações de Mazara del Vallo, aproveitando a oportunidade de poder confundir-se com os outros pesqueiros, estão prontas para resgatar o carregamento. A presença dos sicilianos tem a garantia da máfia local para o desembarque da droga na costa de sua competência, ou seja, a de Trapani. O próprio Miceli reconhece a competência dos Pannunzi — pai e filho — no narcotráfico, tanto que numa conversa com seus compadres sicilianos ele diz: “Sem nenhuma ofensa para nós, nesse ramo eles podem nos dar aulas...”.

Rosario Marando e Rocco Trimboli, por sua vez, tratam da distribuição nas praças de Roma e Milão. Contatam os clientes por telefone e estabelecem os termos da compra e venda valendo-se de uma linguagem rica em metáforas futebolísticas. Ao telefone os dois *boss* de Platì perguntam a seus interlocutores se querem “reservar um campo para uma partida de futebol soçaité”. Às vezes o cliente responde que quer “jogar”, mas que “todos os outros jogadores estão fora de Roma”: isso quer dizer que todos os que habitualmente compram a droga em parceria com ele estão fora da cidade naquele momento. Então ele pergunta se é possível adiar a “partida” para a segunda-feira seguinte, ou seja, se a entrega pode ser reagendada para aquele dia.

A cada dez dias Rocco Trimboli organiza uma viagem de carro para o destino da venda, uma espécie de “entrega em domicílio”. A cocaína, geralmente uns dez quilos por viagem, é dividida em tijolinhos e escondida no fundo falso do automóvel. Francesco e Giuseppe Piromalli, conhecidos

como os “irmãos Rolo”, que operam como “representantes” em Roma, são tão poderosos que podem permitir-se devolver a mercadoria caso ela não se mostre à altura das expectativas. Certa vez Francesco Piromalli se lamentou com Rosario Marando de que “a massa tinha muito molho”, de que havia “muito óleo nas conservas”: metáforas para dizer que o pó continha muita mistura. Piromalli devolve a mercadoria sem deixar de fazer um comentário desdenhoso. Se quisesse material napolitano, disse, iria comprá-lo ali ao lado, e não na Calábria. O material napolitano é aquele que se encontra em Scampia, o pó que os cartéis camorristas importam na maior praça de comercialização da Europa. Mas é de qualidade inferior se comparado àquele que os calabreses negociam. Em Scampia, é malhado a ponto de poder ser vendido no atacado: é o único lugar onde isso ocorre sem necessidade de um mediador. Você vai, compra e pode levar embora até um quilo de cocaína de qualidade razoável por um bom preço. Livre distribuição. Em qualquer outro lugar, para quantidades superiores a doses individuais ou pouco mais, há a necessidade de um contato com os chefes da estrutura do negócio, quando não com os próprios dirigentes do crime.

À parte esses pequenos inconvenientes, a organização da compra, do transporte, da partição e da distribuição final do pó é uma máquina perfeitamente lubrificada, rígida em sua hierarquia, mas flexibilíssima quando se trata de adaptar-se aos imprevistos.

Como no rocambolesco episódio do *Mirage II*. Precisa-se de uma embarcação que atravesse o oceano com um carregamento de cocaína colombiana a bordo. Precisa-se de um armador. Encontra-se um que também é capitão de longo curso, Antonio Gofas. Ele é chamado de “o Cavaleiro”, um nome que parece uma garantia. Seu currículo também é uma garantia, visto que nos anos 1980 ele transportava heroína para ser refinada na Sicília. Agora o Cavaleiro também passou para a cocaína. O armador possui uma embarcação mercantil, a *Muzak*, mas para os sicilianos o custo é excessivo. Já os calabreses não pensam duas vezes antes de desembolsar 2,5 bilhões de liras. Agora a organização tem o navio de que



precisa. Entretanto mudam seu nome: o *Muzak* se torna o *Mirage II*, nome que soa mais melodioso aos ouvidos italianos. Gofas é competente e dispõe de uma tripulação confiável.

O *Mirage II* deve aportar na Colômbia e carregar o pó, circum-navegar o continente sul-americano a fim de evitar as rigorosas inspeções no canal do Panamá e então rumar para a Sicília, onde o carregamento seria entregue a alguns pescueiros ao largo de Trapani. Uma embarcação enorme que fende os oceanos, portos que aguardam contêineres: tudo decidido em 2 de março de 2001, em um hotel próximo de Roma, em Fiumicino, que se chama justamente Hotel Roma. Aqui são acertados todos os detalhes: a rota a ser seguida desde a Colômbia, o exato trecho de mar onde a mercadoria seria recuperada, as modalidades de transbordo entre a nave-mãe e os pescueiros de Mazara, os nomes em código e a frequência de rádio utilizada. Após cerca de um ano e meio de tratativas e preparativos, finalmente o *Mirage II* pode zarpar.

Mas antes de chegar à Colômbia o navio sofre uma avaria e naufraga ao largo de Paita, no Peru. O capitão relata a tragédia, pragueja pelo defeito no motor, não sabe o que fazer. Pannunzi, que acompanha de longe as operações, fareja logo algo esquisito: o grego provocou o afundamento. Não confia em sua versão, sente cheiro de trapaça. Não acredita em fatalidade ou tragédia. Para ele, se há empenho e dinheiro, o acaso não pode exercer nenhum papel. O acaso se enfrenta.

O problema é que Gofas, o Cavaleiro, aparentemente fazendo jus a seu apelido, enviara aos fornecedores um de seus homens como garantia. É um refém dos narcos. Além disso, o navio foi a pique *antes* de ser carregado com a preciosa mercadoria. Mas esses elementos, que deporiam em favor de um infortúnio sem culpados, só fazem aguçar as dúvidas de Pannunzi. Ele desconfia que o capitão tenha calculado com cínica esperteza os riscos que correria caso burlasse seus temíveis clientes, a fim de embolsar o seguro que estava estipulado para o *Mirage II*. Na Colômbia, o grego seria sacrificável diante do ganho a ser obtido. Se assim fosse, Pannunzi certamente

conseguiria descobri-lo. O que, para um armador engajado no setor da cocaína, significaria o fim da carreira, com certeza a prisão e provavelmente a morte.

Mas no momento é preciso fingir que está tudo bem, levar para o caixa dos financiadores o butim da seguradora e ao mesmo tempo organizar imediatamente uma nova expedição. Representados por Miceli, os sicilianos escalam um turco, Paul Edward Waridel, dito “o Turco”, que na época da Pizza Connection se ocupava da remessa da heroína da Turquia para a Sicília. Waridel também tem bons contatos na Grécia, conhece quem pode incumbir-se do transporte via mar de qualquer tipo de mercadoria. Agora, como dizem os fora da lei, “a prática está dividida em três”: três contêineres enviados de Barranquilla com escala na Venezuela e destino a Atenas. Cerca de novecentos quilos escondidos entre a mercadoria de fachada, sacos de arroz: quantidade suficiente para compensar a perda do *Mirage II* e assegurar um lucro considerável. É assim que fazem os narcotraficantes quando um carregamento vai mal: recuperam a perda com um mais volumoso ainda.

Mas em Pireus a polícia grega intercepta um dos três contêineres que haviam acabado de chegar e apreende 220 quilos de cocaína puríssima, escondida no meio do arroz. Misteriosamente não se dá conta dos outros dois, que ficam na alfândega do porto grego. Nesse meio-tempo os fornecedores colombianos se veem mais uma vez sem um centavo, porque de praxe a droga seria paga no momento da entrega aos calabreses. Não basta ter como refém um homem de confiança de Gofas, e assim eles deduzem que sua vida talvez não tenha nenhum valor. Então eles sequestram Salvatore Miceli, o representante da Cosa Nostra responsável pelo transporte e entrega final às *'ndrine*. Barba, o colombiano que tratou com Pannunzi, cobra um crédito de vários milhões de dólares. Miceli começa a temer pelo pior. Pede ao filho Mario que venda alguns terrenos e bens móveis da família, mas sobretudo que fale imediatamente com Epifanio Agate, filho do *boss* Mariano Agate, na prisão de Áquila, para que ele pressione Waridel.

A Cosa Nostra está em apuros. A organização criminosa mais vigiada do mundo, a mais citada, parece não conseguir administrar a situação. Os trapanenses não têm o dinheiro. O vigarista turco comunicou que, para desembaraçar os dois contêineres da alfândega e transportar a mercadoria até a Itália, precisará de 400 mil dólares. Pannunzi intervém. Movimenta-se rapidamente para salvar o companheiro e desbloquear o carregamento. Manda dois expoentes de seu grupo a Lugano para entregar o dinheiro nas mãos de Waridel, que, por sua vez, deve levá-lo para Atenas. Mas o turco, assim como antes dele o grego, está armando um golpe. Talvez queira apropriar-se também do pó, talvez apenas manter para si o dinheiro destinado à alfândega. Depois de embolsar a soma, diz que os quilos restantes da mercadoria desapareceram do porto de Pireus e agora se encontrariam numa localidade imprecisa do território africano, bem guardados por um compatriota seu, um homem de confiança. Ao telefone, para referir-se à África, deixa escapar uma expressão involuntariamente poética: “na parte oposta aos touros”, isto é, diante da Espanha.

Calabreses e sicilianos compreendem que Waridel está passando a perna neles. Mas a vingança vai ter de esperar, antes de tudo os negócios. Então organizam uma enésima viagem, dessa vez da Namíbia para a Sicília. No final de setembro de 2002, a embarcação que transporta a droga está ao largo das ilhas Égadi, mas não se vê nem a sombra dos pescadores sicilianos que deveriam recuperar o carregamento. Passa o primeiro dia e o comandante não recebe nenhum sinal de resposta. Passa também a segunda noite e tudo continua em silêncio. O comandante espera até a terceira noite. Tenta entrar em contato seguindo os procedimentos acordados, mas nada. Por fim se descobre o improvável: os trapanenses estavam usando uma frequência de rádio diferente. Tinham entendido mal. Pannunzi não pode verificar cada passagem, indivíduo por indivíduo. Não é um chefe mafioso, é apenas um broker — e, se erra como broker, isso só acontece porque outro errou nos aspectos operacionais.

Salvatore Miceli está com medo. Os colombianos não confiam mais. As desculpas dos italianos agora valem menos que zero. Miceli é finalmente posto em liberdade quando Pannunzi em pessoa se torna fiador da transação. Mas Bebè está decepcionado com o amigo que pôs em risco até sua reputação. Os *boss* da 'Ndrangheta estão ainda mais furiosos. Consideram o siciliano corresponsável pela confusão que ameaça mandar pelos ares a enorme operação, da qual eles ainda precisaram resgatá-lo gastando milhões de dólares. A essa altura os sicilianos são afastados. Fora Cosa Nostra. Agora quem se responsabiliza pela situação é apenas Pannunzi, que decide que o carregamento deverá ser recebido na Espanha. Não é um problema: também ali ele tem seus contatos, e lá está Massimiliano Avesani, chamado “o Príncipe”, é um milionário romano ligado a Pannunzi e às *'ndrine* calabreses. Há vários anos é o respeitado proprietário de um estaleiro naval em Málaga. Pannunzi percebeu que as polícias de meio mundo conseguiram interceptar a expedição e agora tentam seguir seu percurso. Mas desta vez os calabreses e seus cúmplices não cometem erros, usam uma linguagem altamente cifrada e mudam frequentemente os números de telefone. Os investigadores perdem qualquer vestígio. Em 15 de outubro de 2002 o navio chega à Espanha e a tortuosa viagem do pó termina nas mãos seguras de Avesani.

Nesse meio-tempo a Guarda Fiscal de Catanzaro descobriu outra possível pista. Enquanto a prudência nas comunicações telefônicas na Itália e na Colômbia beirava o delírio, os investigadores conseguiram rastrear várias chamadas que remetiam a um número fixo sempre igual. Mas estava registrado na Holanda. Pertencente ao escritório de Leon van Kleef, advogado de Amsterdam. Ele e seus sócios são tão famosos que mereceram um retrato patinado no popular semanário *Nieuwe Revu*. Como sempre, o contato é Pannunzi, que se vale de amizades em comum, além do *savoir-faire* do homem de negócios e cosmopolita. Assim, nos gabinetes repletos de arte contemporânea localizados em um bairro sofisticado de Amsterdam se reúnem mafiosos, *'ndranghetistas* e narcos colombianos para discutir

serenamente sobre seus negócios. Na investigação se fala de um carregamento de cerca de seiscentos quilos, cocaína de uma qualidade que, segundo o próprio Pannunzi, é “algo nunca visto, uma coisa de sonho”. Batizam a transação de Negócio das Flores, em homenagem ao produto de exportação holandês mais conhecido internacionalmente. Mas, caso tenha sido Bebè a propor o codinome, poderia tê-lo escolhido pelo gosto suplementar de aludir à febre das tulipas que se desencadeou na Holanda do século XVII, e que foi a primeira bolha especulativa da história. A cocaína se tornou aquele multiplicador exponencial de dinheiro que na época tinham sido os bulbos das tulipas, e parece coerente que ele seja negociado na mesma praça. Paolo Sergi e o siciliano Francesco Palermo se deslocam entre a Itália e Amsterdam para conduzir as tratativas, cada vez mais difíceis. A carga é reduzida a duzentos quilos, mas Alessandro Pannunzi, em conversas com o pai por telefone, está preocupado com a possibilidade de que não consigam cobrir toda a aquisição com a liquidez de que dispõem, e que talvez tenham de reduzir mais ainda. No fim das contas o Negócio das Flores fracassa por um tropeço banal. Mesmo dispondo da cifra necessária, os Marando não conseguem convertê-la em dólares a tempo. Os “holandeses” não aceitam outras moedas e, não faltando interessados naquela mercadoria de qualidade excepcional, acabam cedendo o produto a algum outro.

Leon van Kleef foi interrogado inutilmente pela Antimáfia italiana e se defendeu alegando que, em um lugar frequentado por uma clientela internacional, um advogado não tem como saber sobre o que as pessoas estão falando na antessala. De resto, ele tem um nome a zelar, a reputação de duas décadas de um escritório criminalista que a revista holandesa definiu como “o preferido por muitos criminosos de primeiríssimo plano”. Os próprios advogados se apresentam em seu elegante site dizendo sem rodeios que são especialistas em causas envolvendo homicídio, homicídio culposo, extorsão, fraude e lavagem de dinheiro. O advogado Van Kleef, especializado na clientela hispanófila, decidiu manter-se até o fim na defesa do acusado.

Mas a Justiça holandesa não prevê delitos como o apoio externo a uma organização criminosa. Esse tipo de delito, chamado de “cooperação externa com associação mafiosa”, existe apenas na Itália. Por fim a DDA de Reggio Calabria também decidiu não insistir no processo, talvez tranquilizando aqueles que, nos Países Baixos, tinham considerado seu caso “kaiano”.

O que de fato pareceu quase uma paródia do romance de Franz Kafka, entretanto, foram as vicissitudes de um advogado bem menos astucioso e renomado. Depois do jantar infeliz no restaurante Adriano de Madri, durante dezessete anos Pasquale Ciola continuou vivendo serenamente em sua casa de Ostuni, recorrendo de sentença após sentença e confiando na lentidão da máquina judiciária italiana. Somente em fevereiro de 2011 chega o veredito definitivo do Supremo Tribunal que o condena a sete anos e dois meses. O advogado, já com quase oitenta anos de idade, prepara a mala e se deixa conduzir ao cárcere da capital.

Já Mario de Madri resiste a anos de prisão, como um chefe mafioso de antiga estirpe. Da Espanha é transferido para a prisão de Grasse, a mesma de onde conseguira escapar quase uma década antes. Agora os franceses estão atentíssimos, mas em 2004 devem extraditá-lo para Nápoles devido a um dos numerosos processos que pesam sobre ele. É justamente na Itália que Locatelli é solto por uma sentença do Tribunal Superior. Ele não perde um minuto sequer antes de desaparecer novamente na “terra dos touros”. Ali ele é preso em 2006 com passaporte e cartões de crédito em nome de um cidadão esloveno e mais 77 mil euros em dinheiro vivo. Mas os juízes espanhóis decidem liberá-lo por um vício formal, concedendo-lhe a liberdade condicional, script que se repete a apenas dois meses de distância, com a única diferença de que o homem detido inutilmente agora se faz passar por cidadão búlgaro.

Locatelli sempre encontra novas maneiras de recuperar-se dos incidentes de percurso, grandes ou pequenos, e trilhar novos caminhos, continuando a expandir seu negócio. Seus dois filhos que ficaram na Itália agora são

homens formados, capazes de levar adiante os interesses de uma empresa tão grande e dinâmica. O melhor disfarce para que possam ser cada vez mais úteis é contribuir produzindo dinheiro sujo enquanto oficialmente fazem dinheiro limpo, de preferência aos montes. A família Locatelli é proprietária da Lopav Spa, firma que produz pavimentações em Ponte San Pietro, a poucos quilômetros de Brembate di Sopra. A empresa goza das melhores credenciais, expandiu bastante graças à sua competitividade e competência, contribuiu do modo mais exemplar para a riqueza da região. Não é culpa dos filhos — que, arregaçando as mangas, oferecem um trabalho honesto a muitos — se o pai, desaparecido quando eram crianças, se tornou um mau elemento. Assim raciocinam as pessoas daquelas bandas: tanto a gente simples quanto a que goza de algum prestígio. Não se pergunta de onde surgiram dois rapazes com menos de trinta anos e o financiamento necessário para impor a empresa deles, em menos de uma década, como a líder no setor em nível nacional. São empreendedores, são competentes, e só. Todos se sentem tranquilos quando a Lopav ganha regularmente uma licitação de 500 mil euros para construir o contrapiso e os pavimentos externos das casas antissísmicas em Áquila, e também outra para a pavimentação do novo centro comercial de Mapello. Em Brembate e Ponte San Pietro alguns até se sentem orgulhosos quando leem no site oficial da empresa que “as vítimas do terremoto de Áquila caminharão sobre ‘terra bergamasca’”.

Mas quase simultaneamente ao início dos trabalhos em Abruzzo, a DDA de Nápoles expede um mandado de captura internacional contra Pasquale Locatelli, acusado novamente de associação com vistas ao narcotráfico internacional. Dessa vez a pista vem de seus clientes na Campanha, o clã Mazarella, que por seu intermédio se abasteceu de cocaína e haxixe. Através da operação coordenada pela Guarda Fiscal napolitana, em colaboração com a Interpol e a polícia espanhola, conseguem prendê-lo no aeroporto de Madri em maio de 2010, depois de um rastreamento das pegadas do filho que estava indo encontrá-lo na Espanha. Mas o

desconcerto é ainda maior quando, cinco meses depois, Patrizio e Massimiliano também são levados para a cadeia sob a acusação, baseada em várias escutas, de terem tido uma participação muito ativa tanto na lavagem de dinheiro quanto nos pagamentos estratosféricos entregues nas mãos dos traficantes.

Locatelli criou um mecanismo capaz de funcionar perfeitamente. Com ele foragido. Com ele preso. Pasquale Locatelli tem consciência de que a cocaína transpassa as pessoas e se adapta aos vácuos; por mais que tentem detê-lo, ele é o Galileu do pó. Podem condená-lo, “no entanto — o pó — se move”.

Agora parece inacreditável, mas em 5 de abril de 2004 a polícia italiana descobriu Roberto Pannunzi em um bairro elegante de Madri, em companhia do filho Alessandro e do genro, Francesco Bumbaca. Mais uma vez é extraditado para um cárcere italiano. E aqui ele se sai com uma de suas típicas mágicas. Por motivo de saúde, em 21 de fevereiro de 2009 ele é transferido para o centro clínico da prisão de Parma, em regime de vigilância especial. Em seguida, uma “cardiopatia isquêmica pós-infarto” faz com que ele obtenha prisão domiciliar por um ano. O tribunal indica a policlínica de Tor Vergata como lugar idôneo para o tratamento do prisioneiro. No entanto, a defesa usa do seu direito de indicar um local diferente de comum acordo com a acusação e, após passar alguns meses numa clínica em Nemi, na província de Roma, Pannunzi escolhe uma clínica particular da capital, Villa Sandra. A mídia se esquece dele, a opinião pública não o conhece e, portanto, não o considera um perigo. A política italiana está distraída com outras coisas. Assim, dois meses antes que expire o prazo da prisão domiciliar, Pannunzi consegue pela segunda vez escapar de uma clínica e sumir sem deixar rastros. O mais incrível, porém, é que sua fuga só é descoberta por acaso. Em 15 de março de 2010, os *carabinieri* realizam seu controle periódico: Pannunzi não está mais lá. Seu quarto não tinha sido vigiado, ninguém sabe ao certo quando teria fugido: ele deveria cumprir uma pena de dezesseis anos e meio, e já tinha sido condenado a outros dezoito em primeira instância. Um homem condenado à prisão em



regime fechado, mas que não era sequer mantido sob vigilância; um homem que escapa com tranquilidade, que consegue comprar silêncios e voos intercontinentais. O Estado italiano não deveria permitir internações em clínicas particulares a homens de recursos econômicos ilimitados, como Pannunzi. Como diz Nicola Gratteri, o magistrado que o persegue há anos, Roberto Pannunzi “faz parte daquele grupo de pessoas entre as quais o dinheiro não se conta, mas se pesa”. Se você conta o dinheiro, não o possui ou não tem o bastante. Somente se você for capaz de pesá-lo, pode por sua vez estar certo de seu peso.

Isso os traficantes sabem.

Mas a liberdade de Bebè acaba logo, em 5 de julho de 2013, quando é preso em um shopping de Bogotá. No bolso, tem uma carteira de identidade venezuelana falsa, com o nome de Silvano Martino, e, ao mostrar aquele documento aos policiais, nega ser o narcotraficante italiano que eles estão procurando. Mas as fotos de prontuário fornecidas pelas autoridades italianas não deixam dúvida alguma, é ele. Aquela noite, nos noticiários colombianos, o seu rosto aparece atrás dos jornalistas que anunciam a captura de “*um dos chefões do narcotráfico mais procurados da Europa*”. Sobre a sua cabeça, pairavam quatro ordens de captura por tráfico de drogas e associação mafiosa, e, para a Interpol, ele era classificado como “alerta vermelho”. Depois das fotos de praxe, nas quais os agentes colombianos o expõem como um troféu, Pannunzi é embarcado em um voo para Fiumicino via Madri. A bordo, não é o único VIP: lá também está Raffaella Carrà, a mais famosa *showgirl* da televisão italiana, que, como todos os outros passageiros, não está ciente da presença do *boss*. As imagens da sua chegada em Fiumicino o mostram com a mesma polo branca de mangas compridas que ele estava usando no vídeo da prisão na Colômbia, a última malha que ele usou como homem livre. Agora, Pannunzi deve descontar uma pena de doze anos, cinco meses e vinte e seis dias de reclusão. Ao longo da sua carreira criminosa, foram-lhe atribuídos diversos epítetos: “príncipe do narcotráfico”, “broker mais procurado da Europa”, “Pablo Escobar

italiano”, “rei das fugas”. Mas eu prefiro defini-lo como “o Copérnico do pó” porque ele entendeu o que ninguém antes havia compreendido: não é o mundo da cocaína que deve girar em torno dos mercados, mas os mercados que devem girar em torno da cocaína.

Para prendê-lo, foi necessária a colaboração das forças de segurança italianas com a DEA e a polícia colombiana, e cerca de dois anos de investigações coordenadas pela procuradoria de Reggio Calabria. Talvez não tenha sido por acaso que, dois dias antes da prisão de Bebè, “o Príncipe”, Massimiliano Avesani, o seu contato na Espanha, foi preso em Roma. Ele também tinha no bolso documentos falsos, uma habilitação em nome de Giovanni Battista, sem antecedentes criminais, mas, após ter sido levado para a delegacia, ele teve de admitir a sua verdadeira identidade. Considerado o contato entre os grupos mafiosos calabreses e a criminalidade romana, Avesani foi preso em 2011 em Montecarlo, mas tornou-se foragido para escapar de uma condenação de quinze anos por tráfico internacional de drogas. Todavia, ele não estava longe: o seu covil era um elegante apartamento no bairro Torrino, ao sul de Roma, no qual a polícia encontrou outros documentos de identidade em branco que teriam sido úteis para que ele continuasse foragido. Aos policiais, parece ter dito com orgulho: “Vocês tiraram a sorte grande”. Na verdade, para realmente tirar a sorte grande, ainda faltava um número, que seria extraído dois dias mais tarde, com a prisão de Bebè Pannunzi do outro lado do mundo. Talvez tenha sido a mão do próprio Avesani a sortear esse número vencedor: com a queda de Avesani, Pannunzi podia ter perdido a proteção.

Um dia eu gostaria de encontrar Roberto Pannunzi. Olhá-lo nos olhos, não lhe perguntar nada porque ele nada me diria, ou diria apenas lorotas, historinhas sem substância, para levar no bico um jornalista de historinhas sem substância. Eu gostaria de entender principalmente uma coisa: como ele consegue a serenidade que traz dentro de si? Vê-se que não parece atormentado. Não mata. Não destrói vidas. Como um bom broker do narcotráfico, apenas transfere capitais e coca em pó sem nem mesmo tocá-

la. Como outros fazem com o plástico ou o petróleo. Eles também não geram acidentes nas estradas, poluição irreversível do planeta, até guerras que se arrastam durante décadas? Por acaso os petroleiros perdem o sono? Perdem o sono os produtores de plástico? Perdem o sono os gestores delegados das multinacionais de informática que, sabendo como são montados seus produtos, ou que o monopólio do coltan está na raiz dos massacres que se sucedem no Congo? Aí está: Pannunzi — tenho certeza — raciocina assim. Mas eu gostaria de ouvir que justificativas ele aduziria, uma por uma. O que ele conta para si para poder se dizer: “Sou apenas um broker: me deem dinheiro e eu lhes fornecerei a mercadoria. Assim como todos”. Tudo se resume a isto. Nem pior nem melhor que seus semelhantes.

## 12. Operação lavagem de dinheiro

O que você sente quando vai ao banco em que é cliente e precisa passar pela porta blindada, que se abre apenas para uma pessoa por vez? Que pensamentos lhe passam pela cabeça, enquanto espera na fila do caixa para fazer uma ordem de pagamento, depositar um cheque, trocar dinheiro em notas miúdas para poder dar o troco aos fregueses de seu bar ou aos clientes de sua loja? Quando quer fazer um financiamento para a casa própria e precisa dar como garantia o salário de seu pai, porque tanto você quanto sua mulher vivem de serviços temporários? O que aprendeu a associar a palavras como *spread* e *rating*, crise de liquidez e déficit? Quais os termos que conhece, entre *hedge fund*, *subprime*, *credit crunch*, *swap*, *blind trust*, e de quais você sabe explicar o significado? Você, que sabe que faz parte dos 99% que detêm a mesma riqueza do 1% restante, crê também que sua dificuldade cada vez maior para conseguir atravessar o ano é culpa principalmente do capitalismo financeiro? Você acredita que os bancos, capazes de obter bilhões concedidos pelos Estados, ou seja, no fundo concedidos por você mesmo, mas que não lhe renovam o crédito, são um Moloch colossal dominado por uma corja invisível e intocável de especuladores e altos dirigentes que ganham mais do que os maiores astros do cinema e do futebol? Em parte você está errado. Não existe nenhum poder oculto a oprimi-lo, nenhuma Spectre formada nas melhores

universidades, de hábitos de uma riqueza nunca demasiado ostentada, de modos sóbrios e pacatos.

Já contei algumas histórias que tentam mostrá-lo. Como as vicissitudes de um mafioso de médio porte que talvez quisesse assumir um banco por quinze miseráveis milhões de euros, milhões compostos de notas impregnadas de mofo, que seriam confiscadas depois de tiradas do bagageiro e contadas uma por uma. Mencionei alguns narcotraficantes que tiveram o azar de se dirigir à instituição financeira errada, não apenas para aplicar as rendas obtidas com o tráfico, mas também para vender obras-primas de arte: um Reynolds, um Rubens e um Picasso. Para cada caso desses, há todos os outros traficantes que não escolhem errado o banco offshore ou aquele situado no centro das maiores praças financeiras.

Os bancos e o poder dos bancos são feitos pelos homens, como todo o resto. Se o poder se revelou tão destrutivo, a culpa não é apenas do broker cheirado e ansioso, nem do funcionário individual corrupto, mas de todos: desde o *trader* com autorização para jogadas de alto risco e a equipe de especialistas que adquirem no mercado global os títulos que irão para os fundos oferecidos pela própria instituição financeira deles, até o funcionário que propõe algum para pôr em segurança suas economias e até o nível do caixa. São eles, todos juntos, que executam as diretrizes dos bancos, e são quase sempre indivíduos honestos. Honesto não apenas como alguém que não comete ilícitos, mas como quem acredita agir para o bem do banco, sem por isso prejudicar o cliente. Às vezes apenas um pouco menos honestos, não porque decidem sozinhos por interesse próprio, mas porque fazem como sempre se fez, cumprindo diretrizes tácitas, sempre no interesse do banco. Isso também ocorre tanto em cima quanto embaixo, isso também vira sistema. Assim se chega àquele mecanismo planetário que, a você, pode parecer uma espécie de complô, mas que na realidade funciona muito mais segundo as modalidades definidas como “banalidade do mal”.

No entanto, se a engrenagem é composta de inúmeros homens devotados e banais, esse mesmo mecanismo pode também começar a emperrar graças

a algum cisco. Por exemplo, o homem que, se o Onze de Setembro não tivesse ocorrido, teria permanecido para sempre na sala úmida de um comissariado londrino. As Torres acabam de desmoronar e os Estados Unidos estão se recuperando. George W. Bush promulga o Patriot Act, que tem entre as suas finalidades impedir, identificar e perseguir a lavagem internacional de dinheiro e o financiamento do terrorismo. Com essa lei foram estabelecidas várias medidas especiais, que os bancos dos Estados Unidos devem adotar em relação a jurisdições, instituições ou contas bancárias suspeitas de envolvimento na lavagem de dinheiro sujo. Maior transparência nas atividades financeiras e em seus balanços, limitações às operações interbancárias e penas maiores contra os transgressores. A política antiterrorismo americana passa também por aqui.

Quatro anos depois, um inglês de impertinente topete louro atravessa a porta de um dos colossos do sistema de crédito americano, o Wachovia Bank. Seu nome é Martin Woods e acaba de ser contratado como agente sênior no programa contra a lavagem de dinheiro nos escritórios de Londres. É detalhista e preciso, quase maníaco em sua paixão pela ordem. É a pessoa certa para um banco que quer se ater escrupulosamente ao protocolo antilavagem de dinheiro. Mas Martin não é apenas um zeloso funcionário que conhece aritmética e contabilidade. Martin é um ex-agente da Divisão Anticrime britânica. Isso lhe dá uma vantagem enorme sobre seus homólogos nos bancos do mundo todo: Martin conhece os homens. Sabe falar com eles, sabe interpretar os sinais, sabe avaliar as nuances dos humores. Sua grade pessoal de avaliação das pessoas é composta de graduações de cor, sendo o dinheiro apenas uma das muitas variáveis em jogo. A cor do verdadeiro e do falso, além da cor dos dólares. Martin é perfeito — e perigoso.

No palco dessa história já entraram três atores. Um país atacado que reage; um dispositivo que quer eliminar as ameaças combatendo-as pelo ângulo do dinheiro; um homem que quer fazer seu trabalho. Falta um quarto e imprescindível ator: um DC-9. O avião aterrissa em Ciudad del

Carmen, estado de Campeche, e lá estão a esperá-lo os soldados mexicanos: a bordo encontram 128 malas pretas com cocaína, correspondendo a 5,5 toneladas, por um valor de cerca de 100 milhões de dólares. Uma apreensão estratosférica, um murro direto que atinge o narcotráfico em cheio. Mas os responsáveis pelo inquérito ficam realmente boquiabertos quando descobrem que aquele DC-9, de propriedade do cartel de Sinaloa, tinha sido comprado com o dinheiro lavado num dos maiores bancos dos Estados Unidos: o Wachovia, justamente.

Enquanto os investigadores escavam o passado do DC-9 aterrissado no México, Martin já está esmiuçando os documentos dos clientes do Wachovia. É o que deve fazer um investigador e também um funcionário com as atribuições para as quais foi contratado. Enfiar o nariz nos papéis e se entupir de números e datas, depois juntar tudo e verificar se não há discrepâncias. Martin descobre que há algo de errado com os cheques de viagem usados no México. Um turista certamente não precisaria de tanto dinheiro. Depois, seus olhos caem nos números de série estranhamente sequenciais. E as assinaturas, então, por que se parecem tanto? Ele informa seus superiores sobre os casos suspeitos; muitos se referem às casas de câmbio mexicanas. Martin se gruda ao telefone, manda e-mails, pede encontros e reuniões para discutir relatórios que envia com obstinada determinação. Sente cheiro de queimado e as notícias que chegam do México e dos Estados Unidos apenas lhe confirmam isso. Os controles contínuos das autoridades americanas sobre as atividades do Wachovia levam o banco a interromper as relações com algumas casas de câmbio; as que sobrevivem a esse corte decidem recuar. Sob o fogo externo, o colosso bancário vacila e reage com uma operação de limpeza. No interior, porém, tudo fica em silêncio. O silêncio e a marginalização são as formas mais temíveis de assédio moral. Martin, de seu lado, escreve novos Suspicious Activity Reports, relatórios sobre atividades suspeitas. E a quem o adverte de que jamais vai receber resposta e que, se continuar assim, acabará se metendo em encrencas, ele rebate em seu estilo: abaixando os olhos e

sorrindo. Após o enésimo relatório caído no vazio, recebe uma mensagem: o último relatório enviado é irregular, porque o raio de ação de Martin não pode ultrapassar os Estados Unidos e o México. É o início do fim de seu trabalho: os entraves se multiplicam, a vida no escritório se torna impossível. Martin não pode mais ter acesso aos arquivos importantes. O Wachovia passou ao contra-ataque, o silêncio já não é eficaz e é preciso fazer algo para calar aquele intrometido.

Do outro lado do Atlântico, os agentes que investigam o DC-9 descobrem que, desde 2004, vários bilhões de dólares passaram dos “caixas” do cartel de Sinaloa para as contas bancárias do Wachovia. Constata-se que o banco, durante três anos, não respeitou o protocolo antilavagem na transferência de 378,4 bilhões de dólares. Desse total, pelo menos 110 milhões vieram do narcotráfico, entrando nos circuitos bancários internacionais. Era assim. O dinheiro vinha das casas de câmbio. O cartel mais rico do mundo enviava dinheiro como se fosse um exército de *mamacitas* que tiravam do colchão suas economias ou de avós que vendiam um pedacinho de terreno para sustentar os rapazes nos Estados Unidos. Depois, aquelas mesmas agências abriam contas que eram gerenciadas pela filial do Wachovia em Miami. Assim eram depositados no México milhões de dólares em dinheiro vivo, que a seguir eram remetidos via transferência eletrônica para as contas do Wachovia nos Estados Unidos, para comprar títulos ou bens. Muitas vezes eram os próprios cartéis do narcotráfico que depositavam o dinheiro nas casas de câmbio. Por exemplo, cerca de 13 milhões de dólares foram depositados e transferidos para contas bancárias no Wachovia, para comprar aviões que seriam usados no tráfico de drogas. Nesses aviões foram apreendidas mais de vinte toneladas de cocaína.

Em inglês existe uma boa expressão para “denunciar”, *blow the whistle*, literalmente “soprar o apito”. Martin soprou seu apito com todo o fôlego que tinha nos pulmões, e o Wachovia, a certa altura, entendeu que, para silenciar o homem do apito, teria de lhe cortar a cabeça. O assédio moral na empresa lhe dá uma prensa mortal, Martin sofre um esgotamento nervoso e passa



por tratamento psiquiátrico. Está fora do jogo, mas, com as forças que lhe restam, faz uma última tentativa. Ele soube que haverá uma reunião na Scotland Yard, e espera que lá estejam presentes colegas com mente aberta o suficiente para ouvi-lo. À sua mesa senta-se um representante da DEA americana, homem jovial e de olhar curioso. Martin não pensa duas vezes e lhe despeja sua história. Confia-se totalmente a um desconhecido, empurra uma pedra pelo precipício, na esperança de criar uma avalanche. E a pedra rola. Rola até 16 de março de 2010, quando o vice-presidente do Wachovia põe sua assinatura no documento jurídico em que o banco admite ter fornecido serviços bancários a 22 casas de câmbio no México, recebendo o dinheiro através de depósitos e cheques de viagem.

Era praticamente aquilo que Martin Woods havia denunciado quatro anos antes, em seu próprio prejuízo. Nos anos mais difíceis, Martin acusara o Wachovia de assédio moral: o máximo que conseguira obter foi uma indenização pela demissão, com o compromisso de não divulgar os termos do acordo. Um triste epílogo, pelo menos até março de 2010, poucos dias depois da assinatura do documento do Wachovia. É aí que Martin finalmente consegue sua revanche. Recebe uma carta de John Dugan, superintendente da Casa da Moeda dos Estados Unidos, que cuida da vigilância sobre os bancos por encargo do Departamento do Tesouro. “Não só as informações que o senhor nos forneceu”, escreve Dugan, “ajudaram nossas investigações, como também, ao denunciá-las, o senhor demonstrou grande coragem e integridade. Sem o empenho de pessoas como o senhor, ações como esta contra o Wachovia não seriam possíveis.”

As autoridades concedem ao Wachovia Bank uma *deferred prosecution*, isto é, a instauração do processo é adiada para o final de um período, durante o qual o banco é posto à prova: se se ativer à lei pelo prazo de um ano e satisfizer a todas as obrigações previstas no documento jurídico assinado, as acusações serão retiradas. Provavelmente pensam agir com senso de responsabilidade. Naquele período delicado, com o país se recuperando arduamente da pior crise financeira desde 1929, não se pode

correr o risco de que mais um grande banco quebre e se reinicie a catástrofe. O período de “prova” termina em março de 2011: a partir daquele momento, o Wachovia está outra vez limpo, em ordem. Teve de pagar ao Estado o equivalente a 110 milhões de dólares, em confisco, por ter consentido, violando as leis antilavagem, transações ligadas ao tráfico de drogas, além de ter sido multado em 50 milhões de dólares. Um valor enorme, mas ridículo se comparado aos lucros de um banco como o Wachovia, que em 2009 giravam em torno de 12,3 bilhões de dólares. Lavar vale a pena. Nenhum funcionário ou dirigente precisou conhecer uma prisão por dentro, nem por um único dia. Nenhum culpado, nenhum responsável. Só um escândalo que logo caiu no esquecimento.

Mas é preciso ler nas entrelinhas e voltar à história de Martin, que com sua corajosa obstinação conseguiu obter muito mais do que diz uma sentença. A reticência das autoridades demonstrou que existe uma ligação estreitíssima entre os bancos e os 70 mil mortos da narcoguerra mexicana. Há mais, porém. Martin remexeu na lama, sujou as mãos com os números para reativar as defesas do sistema bancário norte-americano. Foi apenas um raio em céu sereno. Mas, no pano de fundo, desencadeiam-se raios e trovões. Depois do Onze de Setembro, os controles se tornaram muito rígidos, mas, com a grande crise financeira que estourou justamente no decorrer das investigações de Martin, o clima mudou. Seguiu-se a sentença que determinou 150 anos de reclusão para o megatrapaceiro Bernard Madoff, seguiu-se também a decisão contra o *trader* francês Jérôme Kerviel que, além de uma pena de cinco anos, teria de devolver à Société Générale uma quantia de quase 5 bilhões de euros, a importância que detonou. Contudo, eles, que frequentemente se dizem bodes expiatórios do sistema, causaram perdas enormes a pessoas físicas, a empresas e à coletividade como um todo. Os narcodólares que afluem nos caixas, pelo menos à primeira vista, parecem não causar danos; pelo contrário, injetam o oxigênio vital que é chamado de liquidez. Tanto que, em dezembro de 2009, o então responsável pelo Escritório sobre Droga e Crime da ONU, Antonio Maria

Costa, emitiu uma declaração chocante. Segundo disse, pôde apurar que os ganhos das organizações criminosas foram o único capital de investimento líquido à disposição de alguns bancos para evitar a falência. Os dados do Fundo Monetário Internacional são impiedosos: entre janeiro de 2007 e setembro de 2009, o montante de títulos podres e empréstimos sem retorno dos bancos norte-americanos e europeus é de 1 trilhão de dólares. E, além desses prejuízos, houve falências e intervenções em instituições de crédito. No segundo semestre de 2008, a liquidez tinha se tornado o problema principal do sistema bancário. Como ressaltou Antonio Maria Costa, “era o período em que o sistema mostrava-se praticamente paralisado, devido à relutância dos bancos em conceder empréstimos”. Apenas as organizações criminosas pareciam ter quantidades enormes de dinheiro vivo para investir, para lavar.

Já sinto que, a esta altura, alguém começará a achar que sou um obcecado. Poderiam me objetar que o problema não é tanto o dinheiro das máfias, e sim o sistema financeiro. O dinheiro se dilata como matéria gasosa. Basta explodir essa bolha e em pouquíssimo tempo se desfaz uma nebulosa de grandeza tão sideral que os narcodólares de entrada se tornam quase inexpressivos. Foi exatamente o que aconteceu em 15 de setembro de 2008, com a avalanche iniciada pela falência do Lehman Brothers, avalanche que só foi possível deter com a injeção de bilhões de dinheiro público. Mas, para o enrosco de que estou falando, aquele acontecimento nascido entre os arranha-céus de Wall Street, que aparentemente fica a uma enorme distância dos vilarejos pobres da Calábria, da selva colombiana e até dos povoados decadentes e perpetuamente sangrentos da fronteira mexicana, na verdade não o é de forma alguma. Como se sabe, o Lehman Brothers investira valores enormes naqueles *subprimes* que não passavam de um artifício para revender como títulos rentáveis os financiamentos imobiliários que muitos signatários não conseguiam honrar. Lucro obtido sobre a dívida. Quando a corda se rompeu, muita gente que havia comprado casa própria naquele sistema acabou ficando na rua. E, acima de tudo, decidiram daquela vez que

o próprio banco, inchado de coisa nenhuma, também podia falir. Tão logo se desencadeiam as consequências catastróficas daquela decisão, é uma correria para salvar todos os bancos e seguradoras que tinham agido, alguns mais, outros menos, da mesma maneira que o Lehman Brothers. Mas mesmo o socorro dos governos não passa de uma medida de emergência para um sistema que funciona baseado em tais dinâmicas. O nó do problema é a liquidez. A alquimia das finanças contemporâneas se baseia na transubstanciação do dinheiro, passando do estado sólido ao líquido e ao gasoso. Mas essa proporção entre sólido e líquido continua a ser sistematicamente insuficiente. No Ocidente desenvolvido, fecharam-se as fábricas e o consumo tem sido alimentado à base de várias formas de endividamento, como cartões de créditos, leasing, crediários e financiamentos. Por outro lado, quem dispõe dos maiores lucros obtidos com uma mercadoria que é paga totalmente à vista, no ato da compra? Os traficantes de drogas. Não só eles, sem dúvida. Mas o dinheiro vivo das máfias pode ser crucial para que o sistema financeiro continue de pé. Este é o perigo.

Uma pesquisa recente de dois economistas da Universidade de Bogotá, Alejandro Gaviria e Daniel Mejía, revelou que 97,4% da arrecadação proveniente do narcotráfico na Colômbia são pontualmente lavados por circuitos bancários dos Estados Unidos e da Europa através de várias operações financeiras. Centenas de milhões de dólares. A lavagem se dá por meio de um sistema de pacotes de ações, um mecanismo de caixas chinesas pelo qual o capital circulante é transformado em títulos eletrônicos e transferido de um país para o outro. Quando o dinheiro chega a outro continente está praticamente limpo e, acima de tudo, impossível de ser rastreado. Assim, os empréstimos interbancários foram sistematicamente financiados com o dinheiro proveniente do tráfico de drogas e outras atividades ilícitas. Alguns bancos se salvaram apenas por causa desse dinheiro. Grande parte dos estimados 352 bilhões de narcodólares foi absorvida pelo sistema econômico legal, totalmente lavada.

Trezentos e cinquenta e dois bilhões de dólares: os lucros do narcotráfico são superiores a um terço do prejuízo do sistema bancário denunciado pelo Fundo Monetário Internacional em 2009, e são apenas a ponta visível ou perceptível do iceberg rumo ao qual nos dirigimos. Os bancos, que se tornaram donos da vida de um enorme número de pessoas, capazes de impor condições aos governos mesmo dos Estados mais ricos e democráticos, agora estão como reféns. E também o problema agora não está mais a uma grande distância, em países pobres como o México e a Colômbia, não fica mais num Sul ao mesmo tempo cúmplice e vítima de sua própria ruína, lá embaixo na Sicília, na Campanha e na Calábria. Quero anunciar em voz alta, para que saibam, para que tentem prever as consequências.

Como fez Martin, o *whistleblower* do Wachovia, a quem os elogios das autoridades americanas não facilitaram a vida no ambiente financeiro. Ele teve de se estabelecer sozinho, abrindo duas empresas de consultoria sobre a questão antilavagem: a Woods M5 Associates e depois a Hermes Forensic Solutions. Mas Woods queria voltar a trabalhar para uma instituição financeira importante. Assim, entrou em contato com o Royal Bank of Scotland, que fora um dos dez maiores do mundo, o segundo do Reino Unido — isso antes da crise de 2008, quando se torna um dos colossos a serem salvos a qualquer custo. O governo britânico deteve temporariamente quase 70% dele e, assim, o banco escocês precisava fazer de tudo para reconquistar a confiança dos investidores. Podemos até imaginar que uma das maneiras de mostrar suas intenções de respeitar todas as normas de correção com o máximo rigor teria sido contratar um homem como Martin Woods. Mas em julho de 2012 o Royal Bank of Scotland retira inesperadamente a proposta já firmada em contrato. Descobriu apenas pouco tempo antes as denúncias de Martin contra o Wachovia. Alguns dias depois, estoura o escândalo Libor, que revela que alguns dos maiores bancos, entre eles o Royal Bank of Scotland, tinham manipulado durante anos o

London Interbank Offered Rate, a taxa de referência europeia para os empréstimos interbancários.

Martin, mais uma vez, não se rende e entra com uma ação. Perde novamente. O juiz britânico decide rejeitar a denúncia devido a uma sutileza jurídica: como a relação de trabalho não chegara a se iniciar, conforme sustentava o banco, Woods não estava habilitado a recorrer à Justiça Trabalhista para fazer valer os seus direitos. Martin, nesse meio-tempo, começou a prestar consultoria no âmbito do crime financeiro para a gigante da informação Thomson Reuters. Até agora, nenhum banco pensou em contratá-lo.

Hoje, Nova York e Londres são as duas grandes lavanderias de dinheiro sujo do mundo. Não mais os paraísos fiscais, as ilhas Cayman ou a Isle of Man. E sim a City de Londres e Wall Street. Segundo as palavras da diretora da Seção Antilavagem do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, Jennifer Shasky Calvery, durante uma sessão do Congresso americano em fevereiro de 2012: “Os bancos nos Estados Unidos são usados para receber grandes quantidades de capitais ilícitos, ocultos entre os bilhões de dólares que são transferidos diariamente de um banco a outro”. Os centros do poder financeiro mundial sobreviveram graças ao dinheiro do pó.

Lucy Edwards é uma executiva brilhante. É vice-presidente do Bank of New York em Londres e casada com Peter Berlin, o diretor da Benex Worldwide, uma empresa britânica. Lucy foi convidada para uma conferência de dois dias sobre os serviços financeiros para os clientes escandinavos, europeus orientais e russos. Ela é perfeita para o papel porque, como o marido, nasceu na antiga União Soviética e depois se naturalizou no contexto anglo-saxão onde se estabeleceu. O seu nome em Leningrado era Lyudmila Pritzker. Em 1977, em primeiras núpcias, casou-se com um jovem marinheiro mercantil americano, Brad Edwards, e mudou definitivamente o próprio nome para Lucy Edwards. Ela não tem dúvidas sobre o conteúdo de sua apresentação, que se intitula “Lavagem de dinheiro:

desenvolvimentos recentes e regulamentações”. Enquanto Lucy fala para uma plateia cada vez mais atenta, as autoridades inglesas, há anos empenhadas nas investigações sobre as organizações criminosas russas, informam às autoridades americanas que a Benex utiliza uma conta no Bank of New York como canal para transferir volumes significativos de dinheiro. E não só. A Benex é coligada à YBM Magnex, uma empresa de fachada de propriedade de um dos mais poderosos chefões da máfia russa: Semion Mogilevich.

O FBI descobre que Mogilevich “lava” bilhões de dólares sujos através do Bank of New York. Um fluxo constante e velocíssimo de dinheiro entrando e saindo, que, no entanto, não incomodou muito o banco — este se restringiu a fazer um *relatório de atividade suspeita*. Um rio de dinheiro, que se mostrou útil também para irrigar as campanhas eleitorais de alguns políticos russos. Os procuradores de Nova York chegam à conclusão de que o ciclo da lavagem consistia em transferências ilícitas de 7 bilhões de dólares, que iam da Rússia para contas americanas e depois eram remetidos para outras contas ao redor do mundo, usando uma série de empresas de fachada.

No caso do Bank of New York, a única pessoa que acabou sendo presa, e por duas semanas, foi Svetlana Kudriavceva, uma funcionária do banco que mentira a um agente do FBI sobre uma bonificação de quinhentos dólares mensais que recebia de Peter Berlin e sua esposa. O banco se safa com uma multa de 38 milhões de dólares e o compromisso de passar a respeitar as práticas antilavagem.

A técnica de Mogilevich e de seus camaradas se reproduz facilmente em diversos contextos, como na Itália, por exemplo. Estamos em 1999: a Procuradoria de Rimini mantém sob vigilância as contas correntes de dois ucranianos e um russo que, como se lê na investigação, estavam no comando “de uma organização criminosa que opera para garantir o controle do território da Emilia Romagna e de Marche”. Benex International, Bank of New York, Banca di Roma e Banca di Credito Cooperativo de Ospedaletto, na Emilia Romagna. Mais de 1 milhão de dólares passou por essas contas.

Um milhão de dólares murmurantes e prontos para serem utilizados pela máfia russa na Itália.

Lucy Edwards sabe conferir interesse a um tema maçante como o da regulamentação antilavagem. É ótima oradora e sabe dosar informalidade e seriedade. Em mais de uma ocasião, também consegue arrancar algumas risadas. Lucy termina a apresentação. Depois dos aplausos, muitos a esperam na saída do palco, onde entreteve um número expressivo de representantes dos clientes mais importantes do Bank of New York. Querem lhe apertar a mão e dar os parabéns. Foi realmente bem.

Restam a Lucy dois meses; depois, seu banco terá de demiti-la. Junto com o marido Peter Berlin, ela ajudou a lavar toneladas de dinheiro. Também se safará com uma simples multa de 20 mil dólares e seis meses de prisão domiciliar, depois de se declarar culpada de lavagem de dinheiro, fraude e outros crimes federais graves. A mulher que percorria o mundo explicando como combater a lavagem de dinheiro, lavava em segredo. Muitas vezes me perguntei como se sentiria ao final de cada discurso e se, depois de descoberta, tentou se justificar, encontrar um sentido para seu jogo duplo.

Quem sabe se Lucy não continua a fazer conferências sobre a prevenção de lavagem de dinheiro, pois histórias para contar não lhe faltariam. Os sistemas de controle vazam água por todos os lados. Nos meses desatentos do verão de 2012, quando as portas do Royal Bank of Scotland se fecharam a Martin Woods, vários dos maiores bancos americanos e europeus acabaram na mira de investigações nos Estados Unidos, entre os quais se destaca o Bank of America, que, segundo o FBI, fora usado pelos Zetas para lavar seus narcodólares. Em 12 de junho de 2012, os agentes federais prendem sete pessoas, entre as quais há uma figura importante. José Treviño Morales é irmão de Miguel, naquele momento, o *boss* de maior destaque do cartel mais feroz do México, mas nos Estados Unidos aparece como empresário dedicado a uma atividade muito apreciada nos estados do Sul: cria cavalos de corrida, que participam das competições mais importantes, vencendo com frequência. É assim que ele esconde e reinveste o dinheiro sujo. Mas,



para chegar a essa forma de lavagem lucrativa e gratificante, estimada em cerca de 1 milhão de dólares mensais de financiamentos, o dinheiro precisa chegar a alguma conta americana. O Bank of America se mostra disposto a colaborar com os investigadores e não é acusado de nenhum crime. Até agora não lhe aconteceu nada.

É extremamente difícil trazer à luz um caso de lavagem, bem como apurar sua natureza e o grau de negligência das normas. Quase sempre é como segurar um punhado de areia na mão: os grãos sempre acabam escapando. E se algum chega a ficar na mão, é mais por acaso do que por qualquer outra coisa. Foi o que aconteceu com um descuidado trapaceiro chamado Barton Adams, oficialmente médico especialista em tratamento da dor na Virgínia Ocidental. É descoberto movimentando centenas de milhares de dólares, resultantes de fraudes ao sistema de saúde e de evasão fiscal, entre as contas do banco HSBC nos Estados Unidos e suas filiais no Canadá, Hong Kong e Filipinas. O HSBC é um colosso: o quinto banco no mundo em termos de valor de mercado, com agências em todos os menores municípios do Reino Unido e presença em 85 países estrangeiros. Como Martin com seu caso Wachovia, Barton também faz uma pedra rolar. Mas, desta vez, involuntariamente. Em 16 de julho 2012, uma comissão permanente do Senado americano confirma as indiscrições que já circulavam fazia meses: o HSBC e seu braço americano, o HBUS, expuseram o sistema financeiro americano a uma grande série de riscos de lavagem, financiamento do narcotráfico e terrorismo. Segundo um relatório da comissão, o HSBC teria usado o HBUS para ligar aos Estados Unidos suas filiais espalhadas pelo mundo, fornecendo a seus clientes serviços em dólares, movimento de capitais, câmbio de moeda e outros instrumentos monetários, sem respeitar plenamente as leis bancárias americanas. Por causa de controles insuficientes, o HBUS teria permitido que o dinheiro do narcotráfico mexicano e do terrorismo entrasse em território americano. Considerando que o HBUS fornece 1200 contas a outros bancos, entre os quais mais de oitenta filiais do HSBC, é fácil entender que tais serviços, sem

políticas antilavagem adequadas, podem se converter numa enorme via de entrada de capitais ilícitos nos Estados Unidos.

As investigações da comissão do Senado revelaram que o HBUS ofereceu serviços bancários (*correspondent banking services*) ao HSBC do México, tratando-o como um cliente de baixo risco, embora situado num país com grandes problemas de lavagem de dinheiro e tráfico de drogas. Entre 2007 e 2008, a filial mexicana transferiu 7 bilhões de dólares em dinheiro vivo para o HBUS, superando todos os outros bancos mexicanos e gerando inúmeras suspeitas de que haveria entre esses valores os ganhos provenientes da venda de drogas nos Estados Unidos. No final de 2012, declarando-se muito descontente com o ocorrido, o banco aceitou pagar uma sanção de quase 2 bilhões de dólares: menos de um terço dos valores provenientes apenas dos cartéis mexicanos.

Não são apenas os bancos com sede em Wall Street ou na City de Londres que mantêm relações privilegiadas com os chefes do narcotráfico. Os bancos de lavagem estão espalhados por todo o planeta, às vezes com sede em lugares um tanto inquietantes. É o caso do Líbano, através do qual, segundo os magistrados de Catanzaro, o australiano Nicola Ciconte também teria movimentado o dinheiro dos calabreses de Vibo. Um dos maiores bancos é o Lebanese Canadian Bank, de Beirute: filiais espalhadas por todo o Líbano, um escritório de representação em Montreal, no Canadá, e mais de seiscentos funcionários. Ele oferece uma ampla gama de serviços financeiros e contas correspondentes em bancos do mundo todo. Em 17 de fevereiro de 2011, o Departamento do Tesouro americano declarou que existem motivos válidos para considerar que o Lebanese Canadian Bank está envolvido em atividades de lavagem de dinheiro para o grupo Hezbollah e, portanto, está sujeito às medidas restritivas previstas no Patriot Act. Segundo o Tesouro, o banco libanês teria favorecido, por falta de controle e cumplicidade empresarial, as atividades de lavagem de uma rede criminosa que traficava droga da América do Sul para a Europa e o Oriente Médio, passando pela África ocidental, e lavava 200 milhões de dólares por mês através de suas

contas. Descobriram-se diversos executivos coniventes que executavam as operações. Segundo os procuradores de Manhattan e a DEA, o Lebanese Canadian Bank teria participado num esquema que, entre janeiro de 2007 e o início de 2011, transferiu pelo menos 248 milhões de dólares para os Estados Unidos. O dinheiro provinha do narcotráfico e de outras atividades criminosas do grupo do chefe das drogas Ayman Joumaa no Líbano, e era utilizado para comprar carros de segunda mão nos Estados Unidos. Depois, esses carros eram vendidos na África ocidental, declarados por valores muito inflados na entrada, para mascarar o dinheiro sujo dos cartéis colombianos e mexicanos que se somava ao dinheiro proveniente dos carros. Todos esses montantes acabavam canalizados para algumas agências de câmbio em Beirute e de lá seguiam para contas no LCB, bem como, em parte, para contas do Hezbollah, organização que os Estados Unidos consideram terrorista e cada vez mais envolvida com o narcotráfico.

O dinheiro das drogas e da lavagem não só indica alianças cada vez mais estreitas entre organizações terroristas e criminosas, mas representa também uma interligação ainda mais complexa e generalizada, e talvez até mais perigosa: o vínculo com a corrupção que se situa em todos os níveis e, por isso, é dos mais escorregadios. Um caso em particular mostra enfaticamente as dificuldades nessa área: o fato de ter se arrastado por mais de uma década apenas lhe dá ainda mais destaque. Em 15 de novembro de 1995, uma elegante senhora mexicana, Paulina Castañon, quer ter acesso a seu cofre particular num dos mais antigos bancos privados de Genebra, o Pictet Cie. Infelizmente, dizem-lhe os impecáveis funcionários, o sistema de segurança do *caveau* está com uma avaria. É uma maneira de ganhar tempo, até chegarem os agentes suíços que receberam um alerta da DEA com um mandado de prisão. A cliente é, com efeito, a esposa de Raúl Salinas de Gortari, irmão do ex-presidente da República do México, que mantém um passaporte falso no cofre. No México, circulam rumores insistentes de que Raúl teria contato com toda a elite do narcotráfico mexicano e colombiano.

Está sendo investigado, em primeiro lugar, pela DEA e também pela procuradora-geral suíça Carla Del Ponte, uma mulher que já correria risco de vida em Palermo, junto com Giovanni Falcone, com quem estava colaborando nas investigações sobre a Pizza Connection. A acusação é de que Raúl Salinas teria embolsado salgadíssimas taxas de trânsito sobre a cocaína, cobrando um pouco de todos: do cartel de Medellín ao de Cali, até os cartéis mexicanos surgidos da divisão territorial decidida pelo Grande Chefão, e talvez em especial o cartel do Golfo. As estimativas se aproximam de 300 milhões de dólares ao todo que foram parar em contas no exterior, dos quais de 90 milhões a 100 milhões em contas na Suíça entre 1992 e 1994. Especificamente, os fundos tinham sido transferidos através do Citibank do México para contas *private banking* nas filiais de Londres e Zurique e nos mais prestigiosos bancos suíços, como SBC, UBS, Banque Privée Edmond de Rothschild, Crédit Suisse, Julius Baer. O gigante americano teria auxiliado Salinas nas transações, embaralhando a rastreabilidade do dinheiro. De que maneira? Antes de mais nada, abrindo uma conta na filial de Nova York em nome de Salinas. Através do Cititrust, uma fiduciária sua nas ilhas Cayman, o Citibank montou a sociedade de investimentos Trocca com sede também no paraíso fiscal, para manter o patrimônio de Salinas. Para ocultar ainda mais o nome de Salinas, o Citibank criou outra sociedade, a Tyler, que era a principal acionista da Trocca e, em nome desta última, abriu duas contas de investimentos no Citibank London e no Citibank Switzerland. Além do mais, teria não só dispensado as referências bancárias do cliente e a compilação *know your customer*, mas também permitira que Raúl Salinas usasse outro nome para realizar as transferências. Nenhum documento americano o identificava como proprietário ou beneficiário da Trocca, nem ligava Salinas ao dinheiro da Trocca transferido do México para Nova York e de lá para Londres e a Suíça.

Quem realizava periodicamente as transferências do México era Paulina, que o vice-presidente da divisão México do Citibank apresentara a seus colegas mexicanos com o nome falso de Patricia Ríos. Com essa identidade,

a senhora depositava na conta do Citibank México cheques sacados de pelo menos cinco bancos mexicanos, para que fossem convertidos em dólares americanos e transferidos para a sede de Nova York. Lá, o dinheiro acabava numa *concentration account*, isto é, uma conta depósito para a qual afluem capitais de diversos clientes e filiais do banco, que depois são encaminhados para os vários destinos finais.

Parece bastante irônico que o golpe tivesse partido justamente do país mais renomado pela antiga tradição do sigilo bancário, a Suíça, onde os procedimentos judiciais contra Salinas prosseguiram por muitos anos. Continuaram mesmo depois que Carla Del Ponte se tornou procuradora do Tribunal Internacional para a ex-Iugoslávia em Haia, dedicando-se aos crimes de Slobodan Milosevic, e terminaram num processo em que o juiz suíço sentenciou que as estruturas do Estado mexicano protegem o narcotráfico e que o dinheiro não podia ter origens lícitas. De fato, o dinheiro ficou congelado nos bancos suíços à espera do pronunciamento da Justiça mexicana sobre as ligações entre Salinas e os cartéis. Mas as provas não foram suficientes sobre esse ponto crucial e o caso foi encerrado. Assim, em 2008, a Confederação Helvética decide entregar ao Estado mexicano 74 milhões de dólares, que a essas alturas foram corrigidos para 130 milhões, e devolver outro tanto a terceiros que haviam confiado dinheiro a Raúl Salinas. E não foi tudo, pois, em 19 de julho de 2013, um juiz federal mexicano o absolve do crime de enriquecimento ilícito. Não há provas suficientes de que a fortuna de Salinas foi criada através de atividades ilegais.

O problema que surge dessa história interminável é a falta de instrumentos e muitas vezes de interesse em chegar ao dinheiro sujo, mesmo quando a acusação recai não num reconhecido membro de uma organização criminosa, mas num expoente daquela elite e daquele aparato institucional que fazem funcionar a máquina do lucro limpo. O dinheiro da cocaína compra, em primeiro lugar, políticos e funcionários. Depois, por meio deles, a proteção dos bancos.

## 13. Os czares rumo à conquista do mundo

“Costa Amalfitana, Sardenha, Costa do Sol, Toscana, Malta, Ibiza. Aqui é tudo Rússia!” Quem fala é um homem que conhece bem a diferença entre o frio penetrante de Moscou e o calor revigorante da costa italiana. Um russo como tantos outros, um daqueles que invadem a Itália na época em que o verão pede roupa de banho e protetor solar. Os russos estão em toda parte, você olha e vem uma espécie de reflexo automático: russos, mafiosos russos... Como se todo russo rico fosse um criminoso. Mas a máfia russa, a máfia com “j”, é uma presença forte e complexa, difícil de entender e de conhecer. Nós a conhecemos por clichês, pelo relato de ex-presidiários cobertos de bárbaras tatuagens, ex-pugilistas de nariz quebrado, ex-*specnaz* brutais, traficantes com os olhos injetados de vodca e drogas de quinta categoria. A Mafija é outra coisa, muito diferente. Para entender, temos de olhar as famílias poderosas, observar sua força. São famílias ligadas não pelo sangue, mas pelo interesse comum da organização. E, como todas as famílias, possuem um álbum de retratos. Há de tudo nele: a cor do passado, os rostos dos parentes distantes, os instantâneos dos momentos importantes, os lugares preferidos.

A Mafija russa também deve ser folheada, e várias vezes tentei folhear a vida de “ e Brainy Don”, o chefe de cérebro arguto. Mais do que qualquer outro, é ele que mostra como hoje é inconcebível comandar sem atirar, e também igualmente inconcebível atirar sem saber investir. É ele que procuro

entender nos menores detalhes, para demonstrar principalmente a mim mesmo como os grandes negócios estão ligados à grande criminalidade e como qualquer outro caminho hoje parece inútil, quase impossível. Nas alucinações em minha obsessão de seguir suas pegadas, infinitas vezes julguei vê-lo nos bares à beira-mar ou sentado à mesa, bêbado, junto com outros afilhados. Alucinações. Mas às vezes é preciso atender às alucinações e então eu mergulho na história. Tenho uma coleção de fotos dos protagonistas, uma espécie de álbum que reuni em todos esses anos; preciso começar por algo concreto. e Brainy Don. Não parece mafioso, parece russo, isso sim, mas também poderia passar por americano, alemão, espanhol, húngaro. À primeira vista é apenas um senhor obeso, avançado em anos, mas isso já é uma máscara, um disfarce impecável feito de gordura. Nossa tendência é pensar que as pessoas com tão pouca agilidade física também têm pouca agilidade mental. Inofensivas. Inócuas. Não é assim, é preciso olhar melhor. Em sua foto mais famosa, está segurando um cigarro que acaricia com os dedos gorduchos. Não olha para a objetiva, mas para um ponto acima da cabeça do fotógrafo. A camisa e o colete de ótima confecção mal conseguem conter seus 130 quilos, que forçam o tecido criando dobras e rugas. Atrás dele, uma pequena lareira emoldurada por uma faixa de lajotas de mármore, na frente um computador portátil e elegantes óculos de leitura de finíssima armação. Completam o quadro uma poltrona de escritório e um cinzeiro transparente, o qual sugere que o cigarro que ele está segurando não é o primeiro do dia. É um homem de negócios, um homem poderoso e rico, que comanda numerosas empresas dos mais variados setores. É um homem seguro de si, autoritário e dedicado ao trabalho. Tem milhares de empregados sob suas ordens, balanços a conferir e rubricar, decisões importantes a tomar. e Brainy Don se chama Semion Judkovich Mogilevich. Em 20 de janeiro de 2011, a revista *Time* o colocou no topo dos dez maiores chefões mafiosos de todos os tempos, com Al Capone, Lucky Luciano, Pablo Escobar e Totò Riina a seguir. Segundo as agências de segurança americanas e europeias, ele é um dos principais chefes

da Mafija, o eixo da máfia russa no mundo, um dos vértices absolutos do crime organizado.

A reconstituição de seu perfil permite entender como os crimes mais violentos — extorsões, homicídios, tráfico de armas e drogas, prostituição — se harmonizam plenamente com os crimes dos empresários, políticos, financistas. Mas há mais: traçar a irresistível ascensão de Don Semion ou Don Seva, como também é chamado, permite fotografar o mundo onde caíram todas as fronteiras e onde todas as energias criminosas acabam por se entrelaçar e convergem para o único fim do máximo lucro.

Mogilevich nasce em Kiev em 30 de junho de 1946, numa família judaica ucraniana que imaginamos típica da época soviética: não religiosa, burguesa em sentido lato. Formou-se em economia na Universidade de Leopoli, uma das mais antigas da Europa Oriental, e depois se mudou da Ucrânia para Moscou. Lá organiza funerais. As funerárias são empreendimentos seguros. As pessoas nunca deixam de morrer, e as máfias do mundo todo metem as mãos nas funerárias. São ótimo instrumento de lavagem de dinheiro e excelente alicerce para construir fortunas. As máfias jamais renunciam à concretude. À matéria. Terra, água, cimento, hospitais, morte. Nos anos 1970, Mogilevich passa a integrar um grupo criminoso que se dedica à contrafação, pequenas fraudes e furtos de pouca monta. Miudezas em relação ao que se tornará mais tarde, mas os mecanismos de rua dão um treinamento fundamental para aprender a mandar, sobreviver, conquistar confiança. Ele passa seu tempo nos aeroportos e nas estações trocando rublos por dólares, vendendo perfumes e bolsas às senhoras que querem imitar os estilos ocidentais e vodca “negra” aos maridos fiéis às tradições russas. Pouco depois, será preso por um crime muito comum: tráfico ilegal de dinheiro. Fica na prisão duas vezes, num total de sete anos. É sua sorte. Na prisão, estreita laços com alguns criminosos russos poderosos, amigos que o acompanharão por toda a vida. Sua carreira criminosa sofre uma guinada quando o governo da União Soviética permite que mais de 150 mil judeus soviéticos emigrem para Israel. Para as famílias judaicas é uma



corrida contra o tempo. Podem partir, mas tem de ser imediatamente: objetos preciosos, colares e brincos transmitidos de geração em geração precisam ficar para trás. Mogilevich percebe que uma oportunidade dessas não surge duas vezes. Então, ocupa-se da venda dos bens dos judeus emigrantes, comprometendo-se a enviar o dinheiro aos proprietários em seus novos endereços. Muitos acreditam e lhe confiam seus pertences. Mas esse dinheiro jamais chegará aos legítimos destinatários: a fortuna acumulada vai se tornar a base financeira de sua carreira criminosa.

Segunda página do álbum, uma outra foto famosa, 3 × 4. Um homem que olha a objetiva com ar de desafio. Está de peito nu, com uma expressão de surpresa: a boca levemente aberta, as sobrancelhas quase invisíveis levantadas e os olhos como que duas amêndoas esmagadas. Os traços são vagamente asiáticos e profundas rugas sulcam a testa de uma têmpera à outra. Mas o que mais chama a atenção são duas tatuagens idênticas que aparecem nas clavículas. São duas estrelas de oito pontas, com um olho no centro. É o símbolo da autoridade, do poder. A foto é de Vjacheslav Kirillovich Ivankov, chamado “Yaponchik”, o “Japonesinho”. Nasce em 1940 na Geórgia, mas seus pais, russos, logo decidem se mudar para Moscou. Em 1982, ele é preso por porte ilegal de armas de fogo, assalto e tráfico de drogas, e condenado a catorze anos de prisão na Sibéria. Anos em que passa a *vor*, no exato momento em que começa a declinar o regime que os vira nascer. *Vor* vem de *vor v zakone*, literalmente “ladrão na lei”, isto é, um criminoso que ganhou a honra de comandar segundo as regras. Teria de ficar na cadeia até 1995, mas os tentáculos da Mafija estão por toda parte e em todos os setores, da política ao esporte, das instituições ao espetáculo. Em 1990, dois personagens célebres, um cantor considerado o Frank Sinatra russo, e também com amizades perigosas, e um ex-campeão russo de luta greco-romana que usa uma associação de atletas aposentados como fachada para interesses mafiosos montam uma campanha apoiada por várias personalidades do mundo da política, cultura e esportes: Ivankov já expiou suficientemente suas culpas, é hora de soltá-lo. Por fim vem também a mão

pesada de Semion Mogilevich: cobre de dinheiro o juiz encarregado do caso e envolve um alto funcionário soviético. O Japonês sai da prisão em 1991.

A Cortina de Ferro caiu, a União Soviética desmorona, muda a Rússia, muda a capital. Explodem as vinganças: russos contra tchetchenos. O sangue não para de correr, mas corre mais por interesse do que por ódio étnico. Ivankov é um *vor* à antiga, que não delega tarefas e quando é preciso não hesita em sujar as mãos. Assim, começa a liquidar tchetchenos e seus amigos nos negócios, um por um. Mas uma regra elementar é que, quanto mais se mata, mais aumenta a probabilidade de que alguém, mais cedo ou mais tarde, retribua o serviço. E não só. Toda aquela mortandade e toda aquela barafunda começam a incomodar a “cúpula” da Mafija, que decide mandar Ivankov para os Estados Unidos. Dois coelhos com uma cajadada: relativa tranquilidade em casa e um business para montar nos States. Com as fronteiras abertas, já é fácil. Basta pedir na Embaixada americana em Moscou um visto com quinze dias de validade. Vjacheslav Ivankov embarca como consultor cinematográfico de uma empresa comandada por um magnata russo que reside há anos em Nova York, com seu passaporte verdadeiro, mal passado um ano depois de sair da prisão em sua pátria, que recentemente voltara a ser integrante oficial do mundo livre. A União Soviética se dissolvera fazia apenas dois meses e meio.

Quando Ivankov chega a Nova York está tudo preparado. A começar pelo dinheiro, que o Japonês investe imediatamente para construir sua nova vida. Por apenas 15 mil dólares, compra um casamento de fachada, com uma cantora russa residente nos Estados Unidos. Ele se estabelece no bairro de Brighton Beach, no Brooklin, onde uma grande quantidade de judeus da União Soviética havia começado a se instalar desde os anos 1970 e que por isso é chamado de Little Odessa. Há mar e há praias, mas engana-se quem pensa num ambiente animado por rabecas e balalaicas. A coisa mais típica que os imigrantes trouxeram para os cortiços de tijolos imundos de poluição dos escapamentos é a máfia, a Mafija com o “j”.

A terceira foto do álbum de família mostra um outro bairro. O fotógrafo foi hábil: conseguiu suavizar a miséria com um jogo de reflexos cromáticos entre o céu incendiado pelo crepúsculo e o laguiño gelado no limite do bairro. Mas mesmo o artista mais talentoso é impotente contra o temerário impulso vertical dos prédios populares que recobrem violentamente a linha do horizonte. Despontam repentinos na periferia ocidental de Moscou, no centro de um parque imenso violentado por uma rodovia de quatro pistas que o corta de ponta a ponta. De longe parecem coelheiras para gigantes, anônimas em sua falsa brancura manchada pela poluição, patéticas em sua tentativa de aparentar alguma importância como centro habitacional. É Solntsevo, um bairro operário que as autoridades soviéticas decidiram construir em 1938. Tinham senso de humor, aquelas autoridades. *Solntse* em russo significa “sol”, mas em Solntsevo (que se pronuncia “Solnzieva”) a luz se choca com os prédios e é a sombra que reina incontestemente. Foi aqui que nasceu a Solntsevskaya Bratva, a irmandade de Solntsevo.

Suores e corpos que se entrechocam. Tal é a linfa da Solntsevskaya e tal é o nome de seu fundador: Serguei Mikhailov, chamado de “Michas”, nativo do bairro. Com um passado dividido entre pequenos biscates e pequenas fraudes que lhe trazem o risco constante de ser preso, nos anos 1980 Michas aproveita seu gosto pela luta e reúne todos os que sentem a mesma paixão. É o início de uma organização esportiva? Ou o núcleo de um futuro exército?

Nesse meio-tempo, Michas é preso duas vezes: uma por extorsão e outra pelo assassinato do dono de um cassino. Mas, por falta de provas, não chega a ser condenado. Enquanto isso, cresce a Solntsevskaya Bratva, como é batizado o pelotão de fiéis a Michas. Suor e luta. Violência e força. A organização atrai seus semelhantes. Lutadores, marginais, homens dispostos a tudo. É preciso se unir para se defender de outras gangues, é preciso treinar os músculos para sobreviver. Há fusões com outras organizações, como a Orechovskaya, e em poucos anos a Solntsevskaya Bratva se converte numa potência capaz de estender sua influência além do bairro, chegando a pôr as mãos nas finanças e empresas.

O principal negócio é a “proteção”, que nos anos 1990 assume proporções que não têm mais nada do *pizzo* italiano. Segundo o FBI, a rede austríaca Julius Meinl precisa pagar 50 mil dólares por mês para gerenciar seus supermercados na Rússia. A Coca-Cola responde que não cede a chantagens e no dia seguinte recebe uma visita com metralhadoras e lança-granadas nas portas de sua nova fábrica perto de Moscou, num ataque em que os seguranças saem gravemente feridos. A empresa prestou queixa às autoridades russas, mas o caso ainda continua em andamento. Segundo a Interpol, outras multinacionais atingidas foram a IBM, Phillip Morris e curiosamente Cadbury, Mars e Hershey’s, como se houvesse uma doçura toda especial nos ganhos extorquidos às fábricas de chocolate.

A máfia russa surgiu por obra de homens que souberam aproveitar com inteligência e ferocidade as novas oportunidades, mas também porque tem atrás de si um histórico de estruturas e regras com as quais ela pode dominar na Grande Desordem. Transitando durante anos pelas sarjetas criminosas do mundo, pude constatar que o que faz as máfias crescerem é sempre isso: o vazio de poder, a pusilanimidade, a podridão de um Estado em comparação a uma organização que oferece e representa ordem. Muitas vezes, são impressionantes as semelhanças entre as máfias mais distantes. As organizações russas foram fortalecidas pela repressão stalinista, que amontoou nos gulags milhares de criminosos e dissidentes políticos. É lá que nasce a sociedade dos *Vory v zakone*, que em poucos anos passam a controlar os gulags de toda a União Soviética. Uma origem, portanto, que não tem nada em comum com as organizações italianas — mas a característica principal que lhes permitiu sobreviver e prosperar é a mesma: a regra. A regra tem muitas declinações e se explicita em ritos e mitologias, se concretiza em preceitos que devem ser seguidos à risca para que o indivíduo possa ser considerado um digno filiado da organização, e estabelece as condições para entrar e integrar a entidade. Tudo é codificado e tudo existe dentro da regra. A honra e a lealdade igualam o camorrista ao *vor*, assim como a sacralidade de alguns gestos e a administração da justiça

interna. Também os ritos se assemelham e pouco importa se ocorrem em momentos diferentes nas respectivas organizações. A base do ritual, isto é, da passagem de um estado a outro, é igual, porque igual é a vontade de criar uma outra realidade, com códigos diferentes, mas igualmente coerentes. O camorrista e o *vor* são batizados e apadrinhados, suas transgressões são punidas, são premiados quando obtêm resultados. São vidas paralelas que muitas vezes se sobrepõem. A evolução do comportamento e a abertura à modernidade também são similares. Se outrora um *vor* era um asceta que abominava todos os prazeres terrenos e todas as formas de imposição, a ponto de tatuar os joelhos para mostrar que jamais se ajoelhariam diante das autoridades, hoje todos os luxos e ostentações são permitidos. Viver na Côte d'Azur não é mais pecado.

Os chefões russos usam grifes das cuecas às malas, gozam de proteções políticas, têm controle sobre nomeações e contratações públicas, oferecem festas astronômicas sem qualquer intervenção da polícia. Os grupos estão cada vez mais organizados: cada clã tem um *obscak*, uma caixa comum para onde é canalizada uma porcentagem dos proventos de crimes como extorsão e assaltos, que será utilizada para cobrir as despesas dos *vory* que acabam presos ou para pagar propinas a políticos e policiais corruptos. Têm como subordinados soldados, exércitos de advogados e habilidosíssimos brokers.

No período comunista, os *vory* trabalhavam lado a lado com a elite da União Soviética, exercendo sua influência em todos os pontos do aparato estatal. Durante o período de Brejnev, aproveitaram a grande estagnação da economia comunista e criaram um impressionante mercado negro: a Máfija podia atender a todos os desejos de quem pudesse pagá-los. Diretores de restaurantes e lojas, dirigentes das empresas estatais, funcionários do governo, políticos: todos traficavam. Dos alimentos aos remédios, todo e qualquer artigo era negociado no mercado negro. Os *vory* conseguiam o que era proibido ao povo em nome do socialismo e levavam para as casas dos dirigentes do partido os bens do “capitalismo porco”. Assim estreitou-se a

aliança entre *nomenklatura* e criminalidade, destinada a ter enormes consequências.

A queda do comunismo deixou um abismo econômico, moral e social que a Mafija estava pronta para preencher. Gerações de pessoas sem trabalho, sem dinheiro, literalmente passando fome: as organizações russas podiam recrutar legiões de mão de obra. Policiais, militares, veteranos da guerra afegã ofereciam-se irrestritamente. Ex-membros da KGB e funcionários do governo soviético puseram suas contas bancárias e seus contatos a serviço das atividades do crime organizado, incluído o tráfico de drogas e de armas. A transição para o capitalismo não se proveu de leis nem de infraestruturas adequadas. As irmandades, por seu lado, tinham dinheiro, agilidade, cupidez, capacidade de intimidação: quem podia se opor a elas? Os chamados “novos russos”, aqueles que, com a abertura dos mercados, estavam conseguindo enriquecer a um ritmo vertiginoso, acharam conveniente depositar uma “taxa” para assegurar proteção a suas empresas contra outros grupos e, quando necessário, alguma ajuda para resolver pendências com devedores e concorrentes. Os peixes miúdos só podiam abaixar a cabeça; entre os extorsionários havia quem circulasse com tesouras e um dedo cortado: “Se não pagar, faço o mesmo com você”. O Ocidente recebia apenas alguns ecos de violência excessiva, e quanto ao resto estava desatento e desiludido. Até mesmo as doações dos Estados Unidos e dos países europeus para fortalecer a sociedade civil pós-soviética contribuíram indiretamente para engordar a Mafija. Eram transferidas preferencialmente para organizações não governamentais, no receio de que pudessem, de outra maneira, acabar nos bolsos dos ex-comunistas e devolver força ao velho regime e aos velhos burocratas. Mas, assim, muitas contribuições foram interceptadas pelos grupos criminosos e jamais chegaram a seu destino.

Com a entrada em vigor de uma nova lei no setor bancário, novos bancos se multiplicaram como cogumelos. Os mafiosos não precisavam mais corromper os dirigentes das velhas instituições. Com o dinheiro que não

faltava e algum laranja, podiam abrir um banco, dando emprego a amigos e parentes, inclusive gente recém-saída do cárcere. Por fim, houve o grande plano de privatização que deveria dar a todos os cidadãos uma cota de participação nas empresas soviéticas, desde as gigantes do setor de energia até os hotéis de Moscou. O valor das ações distribuídas era pequeno para quem já tinha dinheiro e poder, enorme para quem não sabia como obter o indispensável para atravessar o ano. Os pobres revendiam as ações até por preço inferior a seu valor para quem podia açambarcá-las, fortalecendo a elite de executivos e burocratas ex-soviéticos e mafiosos. O que havia entre a Mafija e o governo era uma relação simbiótica duradoura e eficiente: as propinas agradavam a todos porque todos precisavam de dinheiro para sobreviver. A Mafija se tornou o Estado.

Em 1993, apenas em Moscou ocorreram 1400 homicídios ligados ao crime organizado, além de um aumento impressionante no número de sequestros e explosões. Moscou foi comparada à Chicago dos anos 1920. Empresários, jornalistas, famílias dos criminosos. Ninguém estava a salvo. Disputava-se o controle das fábricas, das minas, do território. Empresas e sociedade eram obrigadas a aceitar algum acordo com o crime, do contrário seriam eliminadas. Para o ex-agente do FBI Robert Levinson, que se ocupou em sua carreira da máfia ítalo-americana, siciliana, colombiana e russa, esta última era a mais violenta que já havia conhecido. Mas há uma novidade: os russos não raro têm diploma universitário, falam muitas línguas, apresentam-se como engenheiros, economistas, cientistas, executivos. São sanguinários instruídos, e quando os outros países no exterior começaram a entender isso já era tarde demais. A Mafija não se limitou a preencher o vazio de poder na Rússia. Seus homens mais temíveis já estão em outras partes e pondo em prática, à sua maneira, sua ideia de um novo mundo.

“A morte nos acompanha”, é o que gosta de repetir Serguei, um dos companheiros mais próximos a Mogilevich. Serguei é um homenzinho de aspecto insignificante, que se veste como um maltrapilho e por isso tem uma

enorme habilidade em passar despercebido. Don Semion o despreza, mas ele lhe é útil, pois um indivíduo, para ser intocável, deve ser imune a ameaças. E Serguei o é. Todos na cidade sabem que ele anda com uma pasta. Poucos conhecem o conteúdo. O próprio Mogilevich não fala a respeito, nem com a esposa. Uma vez Serguei foi sequestrado por um concorrente de Mogilevich, um empresário em disputa para ganhar concorrências públicas para a prefeitura de Moscou. Serguei não opõe resistência e se deixa arrastar até o porão escuro de um prédio anônimo na periferia de Moscou. Nenhuma súplica, nenhum pedido para deixá-lo ir, nenhuma alusão às represálias de seu poderoso chefe. Basta abrir a maleta, e no dia seguinte — a habitual roupa amarrotada, o ar desvairado e indiferente — bate à porta de Mogilevich. “Como conseguiu?”, pergunta-lhe o *boss*, que, em honra à ocasião, se digna a levantar os olhos e as mãos do computador. Serguei se aproxima da escrivaninha e ali põe a pasta. *Tlac, tlac* e com um rápido movimento do pulso gira a fechadura 180 graus. Mogilevich não pestaneja ao se rever junto com o próprio Serguei numa das raras férias no mar Negro. Não lembrava que Serguei tirara uma foto daquela cena no balneário, de aparência tão inócua, mas que garante ao fotógrafo que ninguém lhe toque num fio de cabelo. Sorri, fecha a pasta e gira a fechadura outros 180 graus.

Pode ter sido o sequestro de Serguei ou a insegurança de Moscou, atormentada pela guerra entre gangues, que sugeriu a Mogilevich que seria aconselhável sair da cidade. Dinheiro não falta, já acumulou vários milhões de dólares, obtidos em grande parte graças à sua arma mais perigosa: a perspicácia para os negócios financeiros. Assim que a perestroika abriu as portas à iniciativa privada, ele passou a constituir várias empresas, oficialmente dedicadas à importação e exportação de combustível, bem longe dos zimbórios da praça Vermelha: numa das ilhas offshore no canal da Mancha. Uma se chama Arigon Ltd, a outra Arbat International: no caso desta última, metade é controlada por Mogilevich, a outra metade é dividida entre o Japonêsinho e os chefes da Solntsevo, Mikhailov e Averin. Com as ótimas relações de amizade postas no papel, resta-lhe apenas fazer as malas.



Em 1990, Mogilevich decide se transferir para Israel com seus homens de maior confiança. São a vanguarda da segunda onda de imigração judaica da União Soviética, que é também a segunda onda de importação de mafiosos, depois daquela dos anos 1970 da qual o próprio Mogilevich soube se aproveitar. Assim, não foram apenas inocentes vítimas de discriminação que deixaram o país, mas também milhares de criminosos dos quais a KGB ficou muito feliz de se livrar. Muitos deles foram para os Estados Unidos, colonizando a “Little Odessa” à qual Ivankov chegará em 1992, ou acabaram em lugares ainda mais diversificados. Mas continuaram a manter boas relações, como numa grande rede mundial, bastando a Don Semion e ao Japonêsinho inserir-se nela, sem perder os contatos com as irmandades russas.

Mogilevich adota a cidadania israelense e estreita relações com grupos emergentes russos e israelenses que percebem seu talento para gerir os complexos mecanismos financeiros internacionais. Seu império se expande graças aos lucros das atividades ilegais — drogas, armas, prostituição. Mas também cresce reinvestindo o dinheiro em atividades legais como discotecas, galerias de arte, fábricas e empresas de diversos tipos, inclusive serviços de catering kosher internacional. Segundo um documento do FBI, ele possui um banco israelense com filiais em Tel Aviv, Moscou e Chipre, que lava dinheiro para grupos colombianos e russos.

Porém, a Terra Prometida se mostra pequena para Don Semion: já no ano seguinte casa-se com uma moça húngara, Katalin Papp, acrescenta o passaporte húngaro ao ucraniano, ao russo e ao israelense e se muda para Budapeste. Trabalha oficialmente como negociante de cereais, mas na verdade funda uma organização criminosa que leva seu nome, com cerca de 250 membros e uma estrutura hierárquica aos moldes das máfias italianas, de modo que muitos dos filiados são seus parentes. Budapeste se mostra um refúgio seguro e, com a proteção de políticos e policiais corruptos, os negócios podem prosperar sem muitos percalços. Mogilevich sabe que a tranquilidade sempre tem um preço, que às vezes nem é em dinheiro.

Em 1995, dois coronéis do serviço de segurança do presidente russo, disfarçados, vão encontrá-lo na Hungria, onde, por razões de prudência, está apenas um sócio israelense de Mogilevich para fornecer o que vieram procurar: informações confidenciais para utilizar na campanha eleitoral. As palavras do FBI são mais eloquentes do que qualquer imagem: “Mogilevich consegue cair nas graças da polícia fornecendo informações sobre as atividades de outros grupos criminosos russos, dando assim a impressão de ser um bom cidadão disposto a colaborar”.

Don Semion adota em sua linha de ação outros cuidados que o mantêm longe dos problemas. Jamais participa das operações cotidianas de seu grupo, não suja as mãos, dificultando ao extremo o trabalho das forças da ordem e da Justiça que tentam pegá-lo. Além disso, paga a ex-policiais húngaros para mantê-lo informado sobre as investigações da polícia a seu respeito. Graças a suas qualidades empresariais, a suas competências financeiras, aos sócios extremamente talentosos e treinados e à utilização de uma tecnologia de vanguarda, Mogilevich se torna um dos chefões mais poderosos do mundo. Chega a criar um exército particular, composto principalmente de veteranos *specnaz* e ex-combatentes no Afeganistão, famosos pela brutalidade. Para o business da prostituição, usa como fachada uma rede de clubes noturnos, os Black and White Clubs, que gerencia em colaboração com a Solntsevskaya e a Uralmasevskaya, outro grande grupo criminoso russo. Em 1992, Mogilevich organiza uma reunião estratégica com os principais chefões russos do ramo no Atrium Hotel de Budapeste e apresenta uma proposta: investir 4 milhões de dólares obtidos com o negócio da prostituição abrindo outros clubes Black and White no Leste Europeu. Don Semion recruta moças da antiga União Soviética, arranja empregos de fachada para elas e põe as jovens para trabalhar nesses clubes. Encarrega-se também da proteção delas, com um grupo de seguranças. O negócio funciona: as moças são bonitas e rendem fortunas. No mesmo período, Mogilevich entra em contato com as organizações latino-americanas: suas moças são ideais para o tráfico de drogas. São elas que

abraçam os ricos do Oriente e do Ocidente, são elas que lhes tiram a roupa e os fazem gozar. E Don Semion, que é chamado também de “Papai”, sente-se realmente um pai. Para ele, levá-las à prostituição é uma espécie de *welfare*: as moças não caem nas mãos de alcoólatras e talvez até consigam poupar algo para o futuro.

Às vezes, porém, Papai é obrigado a se zangar. Há um outro russo, Nikolai Sirokov, que disputa com ele o controle da praça da prostituição em Budapeste e anda pela cidade protegido pelos seus lacaios. Mas tem uma fraqueza. Para ele, as mulheres não são apenas negócios e nunca são suficientes. É preciso encontrar uma moça de classe, de uma beleza irresistível, colocá-la diante dele como uma joia preciosa demais para cedê-la aos clientes e esperar que indique a meta. No final de 1993, Mogilevich assesta o golpe. Sirokov é eliminado em Budapeste junto com dois guarda-costas. Fim da concorrência na capital do Danúbio.

Mas Mogilevich não gosta de lançar mão desses modos brutais e cede de bom grado a algum grupo ao qual tenha se associado. e Brainy Don prefere especular. E arremete tão logo o Muro de Berlim dá sinais de ceder, trocando os rublos por uma moeda forte, o marco alemão.

Em 1994, Mogilevich consegue se infiltrar no Inkombank, gigante bancário russo com uma rede de contas nos maiores bancos do mundo (Bank of New York, Bank of China, UBS e Deutsche Bank), e assume seu controle, o que lhe permite ter acesso direto ao sistema financeiro mundial e lavar sem esforço os lucros de seus negócios ilícitos. Em 1998, o Inkombank será desmantelado justamente pela conduta imprópria de seus dirigentes, com violação das leis bancárias e descumprimento das obrigações para com seus credores. Os negócios estão crescendo e Mogilevich começa a ser objeto de várias investigações ao redor do mundo, da Rússia ao Canadá. Mas o *vor* lava sua identidade, tal como lava dinheiro. Seva Moguilevich, Semon Yudkovich Palagnyuk, Semen Yukovich Telesh, Simeon Mogilevitch, Semjon Mogilevcs, Shimon Makelwitsh, Shimon Makehelwitsch, Sergei Yurevich

Schnaider, ou simplesmente “Don Seva”. É um fantasma com o dom da ubiquidade e senso de ironia.

Como no caso da trapaça dos ovos Fabergé.

No início de 1995, sempre em sociedade com a Solntsevo, ele adquire joalherias em Moscou e Budapeste, como atividade de fachada para traficar com pedras preciosas, antiguidades e obras de arte russas de igrejas e museus russos, inclusive o Hermitage de São Petersburgo. Mas o projeto é muito mais ambicioso e sofisticado, a ponto de utilizar a mais aristocrática casa de leilões do mundo: a Sotheby's. Mogilevich e seus sócios compram um galpão às portas de Budapeste, enchem com moderníssimos maquinários para restaurar joias antigas e engastar pedras preciosas. Do lado de fora do galpão, os braços apoiados na barriga saliente, Mogilevich assiste à montagem. Agora é necessário encontrar artistas capazes de dedicar seus talentos a reproduzir os ovos de ouro mais famosos de todos os tempos: os Fabergé. Don Semion aciona sua rede de contatos e no prazo de uma semana contrata dois escultores russos de fama internacional. Promete-lhes muito dinheiro e trabalho garantido. Obviamente, terão de ficar num galpão na periferia de Budapeste pelos próximos meses, mas sempre é melhor do que o que encontrariam em sua terra natal. Os ovos originais a serem restaurados, confiados por colecionadores ou museus de toda a área ex-soviética, chegam à fábrica de Budapeste, onde os dois escultores produzem réplicas perfeitas, que são remetidas de volta para a Rússia. Nesse ínterim, os ovos autênticos encontram seus canais para chegar a Londres e são colocados no mercado pelos leiloeiros da Sotheby's, que ignoram ser o último elo operacional de um plano tão criminoso quanto zombeteiro.

Mogilevich sempre mostrou talento para as fraudes e montou algumas de proporções gigantescas, como o roubo de bilhões de dólares do erário de três Estados da Europa Central — República Tcheca, Hungria e Eslováquia —, vendendo-lhes gasolina camuflada como combustível para aquecimento, evitando assim pagar a pesadíssima taxa sobre combustível para automóveis, cobrada por esses Estados. Dessa forma, em vez de ir para a receita desses

países, o dinheiro foi para o bolso de Don Seva e de sua organização. Quando um criminoso húngaro envolvido nesses negócios começa a colaborar com os investigadores e a mencionar o nome de Don Seva, a resposta é inequívoca. Em pleno centro de Budapeste, explode um carro-bomba que mata o informante, seu advogado e dois transeuntes, fere umas vinte pessoas e reduz a rua frequentada por turistas a um cenário de devastação bélica. Um atentado inédito pela violência indiscriminada, um aviso exemplar que abala a opinião pública. Dizem que foram os russos, mas não o calmo “businessman” de mais de cem quilos.

Mogilevich decide ficar em Budapeste mesmo após a morte da esposa em 1994. Como para toda a Mafija, um dos pilares de sua fortuna é o tráfico de armas. Mas agora ele dá um salto espetacular. Obtém uma licença de compra e venda legal de armas e, por meio da fábrica de armas húngara Army Co-Op, adquire duas fábricas: a Magnex 2000, que produz magnetos, e a Digep General Machine Works, uma fábrica estatal privatizada que produz balas, morteiros e armas de fogo. Com isso adquire o controle efetivo da indústria bélica húngara. Vende armas para o Afeganistão, Iraque, Paquistão. Fornece ao Irã material roubado da Alemanha Oriental por vários milhões de dólares. Mogilevich é o senhor da guerra.

Outra foto do álbum russo. Ivankov, o Japonêsinho, aparece envelhecido. Com entradas pronunciadas na testa, barba e cabelos grisalhos, levemente corcunda. Engordou alguns quilos e tem um ar cansado. Mas os olhos, as duas frestas que lhe valeram o apelido, continuam iguais. Os óculos azulados não conseguem esconder sua fúria. Enquanto Mogilevich faz negócios, ele não perde tempo. Com seus conhecimentos, sua reputação e sua experiência, o Japonêsinho montou operações internacionais de tráfico de armas, jogos de azar, prostituição, extorsão, fraude e lavagem de dinheiro, usando métodos mais sofisticados e mais modernos do que os dos russos de Nova York. Estabeleceu ligações com a máfia italiana e os cartéis da droga colombianos. E para garantir sua proteção, seu poder de fogo e sua

capacidade de intimidação, constituiu um exército de quase trezentos homens, na maioria ex-combatentes da guerra no Afeganistão. Em curto espaço de tempo, assume o controle da máfia judaico-russa em Nova York, que de pequeno grupo de extorsionários de bairro se transforma numa empresa criminosa multibilionária. E os gângsteres da velha guarda, assustados com sua reputação, veem-se obrigados a aceitá-lo. Segundo as autoridades americanas, Ivankov é o mafioso russo mais poderoso dos Estados Unidos. Foi ele que ampliou os negócios da Mafija em Miami, onde fornece heroína e serviços de lavagem de dinheiro ao cartel de Cali em troca de cocaína, que depois remete para a Rússia. A ex-União Soviética começa a ter uma fome voraz de pó e o Japonêsinho quer aquele mercado. Para isso, não hesita em recorrer a qualquer tipo de arma. Até então, a cocaína na Rússia é negócio de dois criminosos da antiga União Soviética: o *vor* georgiano Valeri “Globus” Glugech’s e Serguei “Sylvester” Timofeev. O primeiro é um pioneiro da importação da droga para Moscou; o segundo, depois de um breve interlúdio na Solntsevo, já colabora com Ivankov. O Japonêsinho quer as fatias de mercado deles e não pretende se deter diante de nada. Tenta persuadir Globus e Sylvester que dali por diante será ele, o Japonêsinho, a assumir o comércio da coca. Mas no final é obrigado a matar os dois: Globus é assassinado perto de um de seus pontos em Moscou, enquanto Sylvester explodirá em mil pedaços ao ligar o motor de seu carro.

A concorrência acabou, Ivankov venceu. Sua atividade logo atrai a atenção do FBI, até então acostumado a se ocupar principalmente da máfia ítalo-americana e ainda pouco equipado para lidar com os russos. Em 1995, Ivankov está com 3,5 milhões de dólares nas mãos, referentes a uma extorsão, ou melhor, a uma “recuperação de créditos”. Dois executivos russos de passado obscuro que trabalham em Wall Street, Aleksandr Volkov e Vladimir Volosin, fundaram uma sociedade de investimentos em Nova York, a Summit International, que recebe também um investimento do Banco Chara de Moscou no valor, justamente, de 3,5 milhões de dólares. A sociedade de investimentos de Volkov e Volosin é apenas um gigantesco

esquema de Ponzi: os dois prometem uma taxa de lucro de 120% ao ano aos investidores, predominantemente imigrantes russos, mas na verdade não investem nada e gastam o dinheiro com mulheres, viagens e cassinos. Quando o presidente do banco pede a devolução do dinheiro investido, os dois executivos recusam. Então o banco de Moscou pede ajuda a Ivankov, que se encarrega da questão. Em junho, Ivankov e dois de seus asseclas sequestram os dois *traders* num bar do Hotel Hilton de Nova York e os levam para o restaurante russo Troyka em Nova Jersey. Lá fazem ameaças, dizendo que, se não assinarem documentos comprometendo-se a devolver os 3,5 milhões, não sairão vivos do restaurante. Os *traders* aceitam, não têm outra opção, e assim salvam a vida. O Japonês venceu novamente, ou pelo menos é o que pensa, pois ainda não sabe que os dois sequestrados, tão logo foram soltos, avisaram o FBI. Ivankov é preso em Brighton Beach alguns dias mais tarde, no amanhecer de 8 de junho de 1995, enquanto dorme com a amante. Naquele mesmo dia, são detidos vários homens de sua organização, entre eles seu braço direito. Também algemado, também rodeado de agentes do FBI, o Japonês exibe sua arrogância e atrevimento. Grita, xinga, dá pontapés. Solta ameaças e frases de efeito: “Devoro meus inimigos no jantar”.

É condenado por extorsão a nove anos e oito meses na prisão federal de Lewisburg, Pensilvânia. Passam-se quatro anos e fica claro que aquele cárcere não é suficiente para alguém como o Japonês, que não tem problemas para que lhe tragam drogas e, segundo o FBI, para enviar ordens a seus asseclas do lado de fora. Aguardam-no as grades da penitenciária de segurança máxima de Allenwood.

Aproximadamente no mesmo período em que Ivankov é preso nos Estados Unidos, também no Velho Mundo as forças da ordem começam a se empenhar para deter a exuberância dos russos expatriados. Na noite de 31 de maio de 1995, uma fila interminável de clientes entra no restaurante U Holubu, em Praga, para uma noite especial. Ninguém percebe que do lado

de fora estão estacionados dois grandes caminhões frigoríficos. São totalmente brancos, sem nada escrito, e qualquer um com olhar mais atento notaria que os pneus não apresentam nenhum sinal de uso. Talvez os convidados estejam com pressa de entrar. Há um jantar em homenagem a um amigo, e parece que o artista de variedades russo é realmente hilariante. Algumas horas antes, no centro operacional da Divisão Especial contra o Crime Organizado da República Tcheca, um diligente funcionário expôs uma ideia um pouco extravagante.

“Preciso de dois caminhões frigoríficos. E tenho pressa.”

“Pode-se saber para quê?”

“Limpeza. Muito discreta.”

Embora a divisão esteja enfrentando dificuldades financeiras, a proposta é aceita. Assim, o agente telefona para um primo, dono de uma concessionária de furgões. No restaurante, o show já começou. Duzentas pessoas riem espalhafatosamente de uma piada do artista de cabaré, que deixa o palco entre os aplausos. É a vez da cantora russa. As taças tilintam aos repetidos brindes do público alegre, à espera. As luzes da sala se apagam e faz-se silêncio. Os refletores iluminam cordas que descem lá de cima, alguns espectadores esfregam as mãos antegozando sedutoras acrobacias. O primeiro a baixar ao palco é um musculoso agente da Divisão Especial. Está com a metralhadora apontada, e quando passa os olhos pela plateia fica perplexo ao se dar conta de que a sala está cheia de figurões. Assim que se recompõe, e depois que os colegas se juntam a ele, o agente grita a todo volume que não se movam, embora imagine que o restaurante vá se transformar num matadouro no minuto seguinte. O público, porém, não atira, não abre a boca, não pisca um olho. Os detidos saem do restaurante em ordem, mantendo a compostura e guardando silêncio. Entre eles estão também duas moças da boate Black and White. Só então alguém percebe aqueles caminhões, ainda mais reluzentes em sua brancura à lua cheia. No interior deles, os agentes da Divisão Especial contra o Crime Organizado suspiram aliviados. Lá estão os chefões da Solntsevo e outras figuras da elite



da Mafija que, não estando armados, serão liberados no dia seguinte; mas falta Mogilevich. “Meu avião se atrasou”, responde com a impassibilidade de um leão-marinho a um entrevistador. Este não se deixa intimidar e pergunta se as moças de seus clubes iam para a cama com os clientes. Mogilevich olha para ele como se fosse um menino tonto: “Não havia camas. Apenas mesas. Era um daqueles lugares onde se fica de pé”.

e Brainy Don agora opera incontestemente na Ucrânia, Reino Unido, Israel, Rússia, Europa e Estados Unidos, e também mantém relações com organizações na Nova Zelândia, Japão, América do Sul e Paquistão. O aeroporto internacional de Sheremetyevo de Moscou está sob seu controle total. Seus negócios não têm limites: segundo um relatório do FBI, um de seus assistentes, instalado em Los Angeles, chegou a se encontrar com dois russos de Nova York ligados à família Genovese para montar um plano de despejo de lixo tóxico hospitalar americano na Ucrânia, na área de Tchernobil, provavelmente pagando propina às autoridades locais para a descontaminação. A imaginação do Don não tem limites. Estamos em 1997, e Mogilevich tem nas mãos várias toneladas de urânio enriquecido, ao que parece um dos muitos presentes da Queda do Muro. Os depósitos estão cheios de armas e basta encontrar uma maneira de açambarcá-las primeiro.

e Brainy Don organiza um encontro na estação termal de Karlovy Vary, lugar que muito lhe agrada. Do outro lado da mesa estão os compradores, distintos senhores do Oriente Médio. Tudo parece correr bem, mas as autoridades tchecas impedem a consumação do negócio.

Em 1998, um relatório do FBI identifica a lavagem de dinheiro como a principal atividade de Don Semion nos Estados Unidos e revela sua participação e a da Solntsevo na YBM Magnex International, uma empresa com sede na Pensilvânia e ramificações na Hungria e Grã-Bretanha, que oficialmente produz magnetos industriais. Avaliada em cerca de 1 bilhão de dólares e cotada na bolsa de Toronto, a empresa contava entre seus maiores acionistas com duas mulheres de nome Ljudmila: a mulher de Serguei

Mikhailov e a mulher de Viktor Averin, os dois chefões da irmandade moscovita. Mogilevich e seus camaradas haviam descoberto que a Bolsa canadense era pouco regulamentada: assim, uma empresa cotada em Toronto seria uma cobertura perfeita para dar entrada e esconder capitais ilegais da Mafija nos mercados norte-americanos. No decorrer de apenas dois anos, o valor das ações da YBM Magnex subiu de poucos centavos para mais de vinte dólares. No papel, os investidores estavam ganhando uma fortuna e a empresa chegou a ser incluída no índice dos trezentos títulos mais importantes negociados na Bolsa de Toronto. Mas em maio de 1998 o FBI faz uma visita aos escritórios da YBM em Newtown, Pensilvânia, e apreende tudo: discos rígidos, faxes, faturas, recibos de despachos. O preço das ações despenca no passar de pouquíssimas horas, e Mogilevich é acusado de fraude contra os investidores americanos e canadenses. Na prática, a organização fazia negócios com empresas de fachada, “caixas dentro de caixas”, entidades vazias que servem apenas para fazer o dinheiro circular. Quem confirmou as suspeitas das forças da ordem foi a própria YBM em Newtown: uma empresa que declarava um faturamento de 20 milhões de dólares e mais de 150 funcionários não poderia ter como sede uma pequena ala de um ex-prédio escolar. A gigantesca fraude custou aos investidores mais de 150 milhões de dólares.

A YBM Magnex recebera diversos milhões de dólares da Arigon Ltd, que entre suas várias atividades dedicava-se à venda de combustíveis à empresa ferroviária estatal ucraniana. Mogilevich mantém ótimas relações com o ministro da Energia ucraniano e com as empresas desse setor em seu país natal. Além do mais, era a Arigon a proprietária dos clubes noturnos Black and White de Mogilevich em Praga. Através da Operação Sword, lançada pela National Criminal Intelligence britânica, revelou-se que a Arigon Ltd é, na verdade, uma empresa offshore registrada numa ilha do canal da Mancha e, ademais, o eixo das operações financeiras de Mogilevich. Segundo os investigadores, o mecanismo é o seguinte: o dinheiro sujo obtido por ele e por outros chefões russos através de suas atividades ilegais na Europa

Oriental conflui para empresas como a Arbat International (de propriedade do Japonês, da Solntsevo e de Mogilevich) e dali é transferido para a Arigon, às vezes passando pelas empresas de Mogilevich em Budapeste. A Arigon, por sua vez, serve-se de certo número de contas correntes em Estocolmo, Londres, Nova York e Genebra, das quais saem transferências bancárias para proprietários de empresas de fachada ao redor do mundo, também em Los Angeles e San Diego, em nome de colaboradores de Mogilevich. Através da Arigon, portanto, o dinheiro é lavado e entra legalizado no mercado, indo para outros projetos. Graças à Operação Sword sabemos que, dos mais de 30 milhões de libras esterlinas que irrigaram os bancos londrinos, 2 milhões foram depositados no Royal Bank of Scotland. Eram destinados à Arigon e vinham de uma origem russa não muito bem identificada. No final, a Operação Sword acabou não dando em nada, porque a polícia russa não conseguiu ou não quis fornecer à Scotland Yard a prova de que aquele dinheiro era fruto de atividades criminosas. Assim, as acusações de lavagem de dinheiro caíram, mas houve consequências. Posso apenas imaginar a surpresa de Mogilevich quando, pouco tempo depois desses fatos, abriu um envelope vindo do Ministério do Interior e leu que sua presença não era mais apreciada no Reino Unido.

Conforme os negócios de Mogilevich se estenderam, porém, novas ramificações e filiais da Arigon foram abertas ao redor do mundo. Praga, Budapeste, Estados Unidos, Canadá: são eficientíssimas lavanderias de dinheiro sujo.

“Por que abriu empresas nas ilhas do canal da Mancha?”, perguntou um entrevistador a Mogilevich.

“O problema é que não conhecia outras ilhas. Na escola, quando nos ensinaram geografia, naquele dia eu estava doente.”

A história da Rússia é a história de homens que souberam aproveitar a transição após a queda do comunismo. Homens que navegaram sem bússola durante os anos 1990. Cabelos compridos, olhar altivo, grosseiro. A foto que

tenho diante de mim jorra energia por todos os poros e prova como é acertado seu apelido, cuja origem remonta a um episódio de alguns anos antes. Quando rapazinho, para chamar a atenção, jogou-se do quarto andar do prédio onde morava com sua família, que se mudou da Ucrânia para Israel nos anos 1970. Ele sobreviveu, mas a partir daquele dia Ludwig Fainberg ganhou o apelido de Tarzan.

Em Israel, presta o serviço militar na Marinha, mas seu 1,86 metro de altura e sua musculatura desenvolvida não bastam para lhe garantir a aprovação no exame para se tornar oficial, seu grande sonho.

Em 1980 se muda para Berlim Oriental. Ele tem um contato que pode lhe arranjar um diploma universitário em medicina, capaz de enganar qualquer um. Tarzan se contenta com um diploma de técnico de odontologia, mas aquela folha de papel não é suficiente para que consiga fazer dentaduras e aparelhos, e ele é demitido de sete centros odontológicos em seguida. A essas alturas, não lhe resta opção senão se juntar aos compatriotas mafiosos, e Tarzan escolhe o bando das trapaças e contrafações. Depois se muda para o Brooklin, onde abre uma videolocadora em Brighton Beach. Lá, casa-se com uma moça de “puro sangue mafioso”, como dizem na Rússia: o avô na Rússia era mafioso, assim como o homem com quem se casara anteriormente. Sempre nos Estados Unidos, Tarzan ajuda seu amigo de infância Grisa Roizis, dito “o Canibal”, chefe de um grupo de russos no Brooklin, a gerenciar algumas lojas de móveis que na verdade são fachadas para o tráfico internacional de heroína, que envolve também as famílias ítalo-americanas Gambino e Genovese. Torna-se amigo de alguns sujeitos importantes da família Colombo. Mas, quando a situação em Brighton Beach se torna incerta demais e muitos dos seus amigos são mortos, decide ir embora. Em 1990 se muda para Miami, a segunda cidade em número de mafiosos russos nos Estados Unidos. Lá, desde os anos 1970 os taxistas russos estão envolvidos em esquemas de extorsão, drogas, jogos de azar, prostituição, tráfico de joias e fraudes bancárias. Na Flórida, Tarzan abre diversas atividades, entre elas o Porky’s, um clube de striptease cuja chamada

é “*Get lost in the land of love*”, perca-se na terra do amor. Na verdade, pouco amor circula por ali: enquanto o FBI o mantém sob observação do alto de um prédio do outro lado da rua, ele é imortalizado em alguns vídeos em que aparece batendo em algumas bailarinas no lado de fora do clube. Chega a atirar uma delas no chão e a obriga a comer areia.

As bailarinas não têm salário fixo, vivem de gorjetas e comissões sobre as bebidas, que são progressivamente redimensionadas. Tarzan se vangloria de que basta apontar com o dedo qualquer moça de qualquer revista para adultos e seu agente vai buscá-la, para trazê-la ao clube e “trepar com ela até cansar”.

Entre um gole de vodca e um striptease, no Porky’s ocorrem reuniões entre os russos e os narcotraficantes colombianos ou seus intermediários. Entre os vários amigos de Tarzan, de fato, há personagens como Fernando Birbragher, um colombiano com ótimas relações com o cartel de Cali, para o qual ele lavou mais de 50 milhões de dólares no começo dos anos 1990, e com Pablo Escobar, para quem comprou um iate e automóveis esportivos. Ou ainda Juan Almeida, um dos maiores traficantes de cocaína colombiana na Flórida, que mantém contato com os cartéis colombianos através de uma autolocadora de carros de luxo em Miami e outras atividades de fachada. Juntos, Almeida e Tarzan gozam a vida a bordo de seus iates e às vezes decidem de uma hora para outra ir almoçar um bom prato de mariscos em Cancún, no México, a bordo de um helicóptero.

Mulheres, sucesso, dinheiro. Tarzan tem tudo, mas há o chamado do mar. O mar que, desde a infância em Odessa, é para ele o espaço infinito, a possibilidade ilimitada. Ainda se enfurece por não ter sido aceito na Marinha; assim, se o mar não o quer, será ele a conquistá-lo. O plano é simples: arrumar para os narcos colombianos um submarino soviético da classe Tango. Tarzan é um admirador desses velhos submarinos. Acompanhou de longe a construção e sabe que os aperfeiçoamentos feitos são realmente fantásticos: maior poder de fogo, capacidade de operar em oceano aberto. Sem dúvida, esses submarinos moderníssimos também

ficaram ultrapassados com o tempo. Mas Tarzan está apaixonado e o coração não aceita ordens. O problema é que Tarzan é um grande tagarela que adora se exhibir. Um dia no Babuchka, outro restaurante de sua propriedade em Miami, seu amigo Grisa Roizis lhe apresenta Aleksandr Jasevich, um traficante de armas e heroína que na verdade é um agente da DEA disfarçado. Tarzan não sabe que seu amigo também está colaborando com a DEA. Depois de uns dois pratos e alguma vodca, já contou de suas ligações com os colombianos e os negócios que está fechando para os narcos, inclusive o do submarino.

Algun tempo depois, Roizis, o Canibal, se tornaria ponto de referência para os jovens casais italianos sem dinheiro. Perto de Nápoles, para onde se muda após sua colaboração com a DEA, ele abre uma loja de móveis cujo grande atrativo são os preços baixíssimos. Cozinhas completas e paredes aparelhadas ao alcance de todos os bolsos. Fazem fila do lado de fora da loja: noivos dispostos a dar o grande passo que, para decorar o futuro ninho de amor, contribuirão inconscientemente com a lavagem do dinheiro sujo do Canibal, que com uma das mãos selará acordos com a máfia italiana e com a outra continuará a colaboração com a DEA. O Canibal sempre gostou do cheiro de serragem, tanto que instalou seu próprio escritório a poucos metros do recebimento das mercadorias, onde os ajudantes russos, que trouxe consigo, descarregam dia e noite móveis e eletrodomésticos. Até mandou fazer uma escrivaninha para si, com algumas chapas simples de compensado. Quem o visita ali fica fascinado com seu cacoete: passa voluptuosamente a palma da mão na superfície da madeira e depois leva os dedos ao nariz. Aos mais próximos, diz que o aroma inebriante lhe lembra a infância. Outra coisa que lhe agrada muito é enganar os compatriotas honestos que operam em território italiano. Muitos empresários russos serão extorquidos por ele, até que a polícia italiana consegue reconstituir seus movimentos e capturá-lo em Bolonha, enquadrando-o por associação mafiosa.

Mas, voltando ao negócio do submarino, o advogado de Tarzan afirma que seu cliente é apenas um fanfarrão, que gosta de se vangloriar de coisas que na verdade não podia fazer nem oferecer. Para os investigadores, porém, o caso era a enésima prova de uma aliança já consolidada entre o crime organizado da ex-União Soviética e os narcos colombianos, em virtude da qual estes forneciam aos russos a droga a ser transportada e distribuída na Europa; os russos, em troca, garantiam armas aos colombianos e lavavam os narcodólares para eles, principalmente entre Miami, Nova York e Porto Rico. Com sua atividade, Tarzan contribuiu decisivamente para criar uma ligação entre a Mafija e os cartéis colombianos. Embora o negócio do submarino jamais tenha sido concluído, outros deram certo naqueles mesmos anos. Por exemplo, o dos cem quilos de pó escondidos em caixas de camarão liofilizado provenientes do Equador com destino a São Petersburgo, ou aquele do lote de helicópteros M18 do Exército soviético tão cobiçados por Almeida: Tarzan o ajudou a adquiri-los pela módica quantia de 1 milhão de dólares cada. “Neles vão voar os homens de Escobar”, consta que Tarzan dizia a todos, “até tivemos de esvaziar por dentro, tirar os bancos e encontrar mil maneiras para caber a maior quantidade de droga possível.”

Suas atividades criminosas na Flórida, ademais, não se resumiam ao Porky's. Possuía imensas plantações de maconha nos Everglades, tendo no meio delas um campo de pouso para os aviões com cargas da erva jamaicana.

Tarzan foi acusado de trinta crimes, entre os quais formação de quadrilha, tráfico de armas e fraude eletrônica. Corria o risco de receber uma sentença de prisão perpétua, mas resolveu negociar com a Justiça americana. Em troca de seu testemunho contra Almeida e informações contra alguns nomes importantes da Mafija, retiraram todas as acusações, exceto a de extorsão. Ao final, foi condenado a apenas 33 meses de prisão, sendo depois extraditado para Israel. Ficou somente com algumas centenas de dólares, uma pálida miragem da fortuna que construía em quase duas décadas de vida americana.

Depois de ser solto, declarou numa entrevista ao History Channel, para um documentário sobre a Mafija: “Vamos atrás de negócios, vamos atrás de riquezas. Ganhar dinheiro está em nosso sangue e às vezes não nos preocupamos com como fazemos”.

A história de Tarzan é a ponta do iceberg que revela o crescente interesse da Mafija pelo tráfico de drogas. Antes da transição, a União Soviética tinha um papel muito marginal ao longo da cadeia de distribuição e consumo de drogas. Mas, nos anos que se seguiram ao fim do comunismo real, a demanda de drogas na Rússia teve um crescimento constante. O que impressiona, aliás, é justamente a velocidade com que o fenômeno cresceu, sobretudo entre os jovens. Por seus preços relativamente acessíveis, o consumo de heroína na Europa ocidental sempre estivera ligado a condições de marginalização. Na Rússia, porém, ela começou a ser usada por jovens de todas as classes sociais, não especialmente carentes ou pobres. Era uma onda irrefreável, que ampliou as fronteiras do mercado, chegando às partes mais remotas do país. Também a variedade de drogas aumentou: para se chapar ou esquecer seus problemas, os consumidores russos podiam ter acesso a todas as substâncias, como qualquer rapaz americano ou europeu.

Na era soviética, a maior parte das drogas presentes na Rússia era constituída de derivados da *cannabis* e do ópio de produção local, produtos desviados das indústrias farmacêuticas para o mercado ilícito de entorpecentes. E a tal ponto que, em algumas regiões do país, o que se fazia era cheirar substâncias tóxicas como cola, acetona e gasolina. Ou se usavam anestésicos fortes com efeitos alucinógenos. Com a queda do regime, as drogas importadas começaram a proliferar, os preços caíram e, por fim, entraram no país o ecstasy e a cocaína, as drogas do Ocidente. Esta última, pelo menos de início, ficou restrita a quem podia pagar o equivalente a três salários mensais russos. Foi uma invasão de substâncias, que encontrou terreno fértil também graças à desagregação dos Estados limítrofes. Guerras, fronteiras abertas e um exército de imigrantes clandestinos, incapazes de



encontrar trabalho na economia legal. Para muitos — como no mundo todo —, o tráfico se tornou o único meio de subsistência. Mas a passagem decisiva foi a abertura para os países do hemisfério ocidental, em primeiro lugar os Estados Unidos e o Canadá, depois a América Latina e o Caribe. Aquela área do mundo tinha grande demanda por armas; a Rússia, uma notável oferta de armamentos bélicos soviéticos. Aquela área do mundo tinha uma oferta maciça de drogas e grande experiência na lavagem de dinheiro; a Rússia, uma demanda sólida e constante de drogas e de saída para capitais sujos. O jogo estava feito. No início foi apenas uma convergência, uma troca simétrica entre as margens do oceano: os arsenais soviéticos garantiam crescente poder e riqueza do crime organizado no império soviético, enquanto o pó branco operava da mesma forma nos cartéis centro e sul-americanos. Mas os contatos de negócios, com suas necessidades comuns de reinvestimento e lavagem de dinheiro, fortaleceram as ligações. Na América Latina e no Caribe, em especial, os russos encontraram as mesmas condições de fragilidade estatal que haviam favorecido o crescimento da Máfia: corrupção, ilegalidade ampla e difusa, porosidade do sistema bancário, juízes condescendentes. A isso se acrescenta a facilidade com que os chefões russos podiam obter a cidadania, graças à complacência de alguns Estados.

As organizações russas se mostraram úteis aos narcotraficantes por fornecerem redes e métodos de lavagem de dinheiro menos arriscados, serviço pelo qual recebiam até 30% dos lucros. Prostituição, extorsões, agiotagem, sequestros, fraudes de todos os tipos, contrafações, pornografia infantil e furtos de automóveis foram os campos privilegiados da atividade dos mafiosos russos na América Latina. A Solntsevskaya, a Izamailovskaya, a Poldoskaya, a Tambovskaya e a Mazukinskaya estão em casa no México, assim como outras células mafiosas de países que faziam parte do bloco soviético: Lituânia, Polônia, Romênia, Albânia, Armênia, Geórgia, Croácia, Sérvia e Tchecôquia.

O multimilionário Mogilevich foi declarado *persona non grata* na Hungria, Reino Unido, República Tcheca e outros países ocidentais. Mas nem com essa decisão os Estados ocidentais podem desfazer o que ele e seus colegas conseguiram criar nos poucos e decisivos anos de liberdade em que não foram incomodados. Pouca diferença faz que ele tenha voltado para a Rússia, tal como o Japonês que, saindo da prisão americana, fora extraditado devido a um processo pelo assassinato de dois turcos, cometido nas vésperas de sua partida para a América. Mas, depois do processo, do qual foi absolvido por falta de provas, Ivankov pôde mergulhar novamente nas ruas de Moscou: todas as testemunhas declararam que nunca o tinham visto. Assim viveu, sem dar notícias de si, até que em julho de 2009 foi assassinado diante de um restaurante tailandês. Havia se iniciado uma nova onda de vinganças, ele se envolvera e dessa vez não conseguira escapar ileso. Num cemitério, cercado do lado de fora pelas forças da ordem por temor a represálias do grupo rival, cerca de mil pessoas se reuniram em cantos e orações ortodoxas. Em seu túmulo foram depositadas coroas oferecidas pelas fraternidades de toda a ex-União Soviética, desde a Geórgia até o Cazaquistão. Os *vory* de todo o país chegaram para dar o último adeus a um dos seus, um dos últimos chefões da velha guarda. Faltava Mogilevich, que, tendo saído pouco tempo antes da prisão, preferiu talvez ficar longe dos velhos amigos.

Por que, depois de passar anos sem ser incomodado, a ponto de poder até ser entrevistado pela BBC, Mogilevich veio a ser preso em 2008 por acusação de evasão fiscal, perpetrada graças a uma rede de lojas de cosméticos, é um mistério. Talvez também uma brincadeira involuntária, que reflete o humor russo, apreciador do grotesco e do absurdo: como na obra-prima de Nicolai Gógol, na qual o conselheiro Tchitchikov concebe uma fraude macabra comprando *Almas mortas*, ou seja, os servos da gleba que, mesmo tendo passado para uma vida melhor, ainda não tinham sido eliminados dos registros. Provavelmente, o pequeno Semion estava muito bem preparado naquele dia na escola, quando fizeram uma sabatina sobre esse romance

fundamental da literatura russa. A zombaria, dessa vez, remete à “polícia do mundo”, ou seja, os americanos que, como se sabe, conseguiram prender Al Capone justamente por problemas fiscais. Em 2009, o FBI inclui Mogilevich na lista dos dez criminosos mais procurados, ao lado dos assassinos dos cartéis mexicanos, pedófilos, exterminadores de famílias. Há acusações bem mais graves, como formação de quadrilha, mas a que recebe maior destaque é a fraude da YBM Magnex. Não importa o motivo pelo qual ele seja capturado; basta uma acusação que encontre enquadramento jurídico. É a técnica utilizada desde os tempos de Chicago que continuou a dar frutos, porque o regime implacável das penitenciárias americanas às vezes é mais temido do que a morte: os cartéis colombianos começaram a se desmanchar depois que os narcos passaram a ser extraditados para os Estados Unidos. Agora Mogilevich já está preso em Moscou, mas os Estados Unidos não têm um tratado de extradição com a Rússia. Por fim, ele é solto sob fiança, ou seja, pagando pelo menos uma vez na vida à luz do sol e da lei. O porta-voz do Ministério do Interior declara que, ademais, no fundo a acusação não é tão grave para que seja necessário prolongar o encarceramento. Cerca de dois anos depois, os juízes decidem até anular todas as acusações. Por que então Semion Mogilevich foi mantido na prisão moscovita por um ano e meio? As inferências que circulam são inúmeras. A mais delicada se refere à disputa entre Rússia e Ucrânia quanto ao fornecimento de gás; nessa disputa, ao lado da Gazprom e da Na ogaz Ukrainy, as duas gigantes controladas pelos respectivos Estados, atua uma terceira empresa registrada na Suíça: a RosUkrEnergó, 50% da qual pertence à Gazprom, enquanto a outra metade pertence a um oligarca ucraniano, Dmitro Firtas. A RosUkrEnergó, aliás, é o trunfo que permite pôr fim às hostilidades que em 2006 resultaram num breve período durante o qual a Rússia interrompeu seu fornecimento à Ucrânia, com prejuízos enormes para o resto da Europa, visto que o abastecimento de energia passa pelo gasoduto ucraniano. A RosUkrEnergó paga o preço pedido pela Gazprom e revende a um terço para a Ucrânia, mas consegue bancar esse desequilíbrio porque também se

abastece com o gás turcomeno, mais barato, e principalmente porque tem licença para vender no mercado mundial sem atrelamento dos preços. Em 2008, Julia Timochenko, cuja ascensão ao cargo de primeira-ministra está ligada a seu papel na Revolução Laranja, inicia uma queda de braço com Vladimir Putin. Um dos pontos em que Timochenko não quer ceder é a exclusão da RosUkrEnergó, já que não haveria nenhuma necessidade de intermediários entre a Gazprom e a Na ogaz. Mas a crise ainda não atingiu o ápice. No início de janeiro de 2009, por causa das dívidas da companhia energética ucraniana para com a Gazprom e a RosUkrEnergó, a Rússia interrompe outra vez o fornecimento de gás para a Ucrânia e reduz drasticamente o fornecimento para o resto da Europa, ameaçando pôr de joelhos toda a economia do continente e deixar seus cidadãos sem aquecimento nos rigores do pleno inverno. A Eslováquia decreta estado de emergência. A crise se prolonga por mais de duas semanas e começa a se tornar preocupante também para os países que conseguem suprir a falta por outros canais de fornecimento. Em 17 de janeiro, após negociações cada vez mais nervosas em Moscou, nas quais estão envolvidos os vértices da União Europeia, finalmente os primeiros-ministros da Rússia e da Ucrânia chegam a um acordo decenal, em que se estabelece também a exclusão da RosUkrEnergó. Mas é exatamente por causa desse acordo arrancado com tanta determinação que Julia Timochenko será processada em 2011 e, ao final, condenada a sete anos de reclusão por abuso de autoridade, delito descriminalizado em fevereiro de 2014 pelo Parlamento ucraniano. Já o ex-presidente Yanukovich — deposto durante a revolta popular conhecida como Euromaidan —, que derrotou Timochenko nas eleições de 2010, cuidou para que fosse paga uma indenização bilionária pelo prejuízo dos fornecimentos perdidos nos acordos anteriores, obtida na Justiça pela RosUkrEnergó.

Don Semion passa na prisão quase todo o período da guerra do gás russo-ucraniana em suas fases mais dramáticas. Mas o que isso tem a ver? Julia Timochenko já declarara na BBC em 2006: “Não temos nenhuma

dúvida de que a pessoa de nome Mogilevich está por trás de toda a operação RosUkrEnergó”. Sua voz é uma das mais enfáticas entre as inúmeras acusações que durante anos vêm caindo no vazio, até que aparece um documento diante dos olhos da opinião pública ocidental. É um dos arquivos secretos publicados pela WikiLeaks, um texto transmitido de Kiev em 10 de dezembro de 2008 pelo embaixador americano William Taylor. Informa sobre um encontro com Dmitro Firtas, o oligarca ucraniano da RosUkrEnergó, em que ele o avisava que Timochenko pretendia eliminar sua empresa por uma lógica de interesse pessoal e de luta política interna, e para isso ela estaria disposta a fazer concessões a Putin, fortalecendo sua influência sobre a Europa. Mas, a seguir, como que para retirar preventivamente qualquer arma de descrédito do adversário, o magnata do gás acrescenta outra coisa. “Ele admitiu suas ligações com o personagem do crime organizado russo Semion Mogilevich, afirmando que precisara da ajuda de Mogilevich para entrar nos negócios. Declarou categoricamente que não cometera absolutamente nenhum crime ao construir seu império econômico e sustenta que os observadores externos ainda não tinham condições de entender o período de anarquia que reinava na Ucrânia após o colapso da União Soviética.” Há outra mensagem confidencial transmitida a cabo, anterior ao encontro, que cita vínculos entre Firtas e Mogilevich, sugeridos pela participação de ambos nas mesmas sociedades offshore e pela contratação do mesmo advogado para a incumbência. Esses vínculos já haviam sido encontrados numa empresa de gás intermediária anterior, a Eural Trans Gas. Mas é precisamente aquele advogado que processa o *Guardian* quando este publica os documentos divulgados por Julian Assange, resultando num artigo intitulado “WikiLeaks liga o chefe da máfia russa ao fornecimento de gás para a UE”. Na retificação que o diário londrino é obrigado a publicar em 9 de dezembro de 2010, “para esclarecer qualquer mal-entendido ou erro de tradução ocorrido durante o encontro com o embaixador”, Firtas desmente qualquer ligação maior com Mogilevich, além de um simples conhecimento superficial.

O negócio do gás é uma atividade que diz respeito aos interesses vitais de todo um continente. Os lucros da RosUkrEnergó, somente para os anos 2005-6, alcançaram 1,6 bilhão de dólares, sendo que quase metade vai para o bolso de Firtas e de quem tenha participação em seus lucros. Qual a conexão entre o gás natural e a cocaína? Nenhuma, à primeira vista. A não ser um fator essencial: a dependência. O pó cria dependência, o gás usado para aquecer nossas casas nem precisa criá-la. Os negócios a que se dedicam os que ganharam dinheiro de verdade, aquele dinheiro que se pode pegar, folhear, cheirar, estão sempre ligados, em sua origem, a necessidades irrenunciáveis. Até e Brainy Don, o homem das fraudes e caixas chinesas financeiras, sabe muito bem disso.

Peter Kowenhoven é um agente especial e supervisor do FBI escolhido para responder na TV por que incluiu Mogilevich entre os dez criminosos mais perigosos, visto que não é um assassino nem um *serial killer* psicopata.

Sua resposta é lapidar: “Ele tem um poder de acesso tão grande que, com um único telefonema, uma única ordem, pode influenciar a economia global”.

## Cocaína # 6

A City de Londres é um pulmão que se enche e se esvazia. Como um fole, bombeia pessoas durante o dia, de segunda a sexta-feira, quando os escritórios e a Bolsa estão abertos. Um fervilhar de existências revestidas por caríssimos ternos risca de giz ou tailleurs Armani. Depois vem a noite e as formigas que tinham invadido o centro de Londres durante o dia transferem-se para o exterior do pulmão. Ele fica contraído e esvaziado, como uma bola de futebol murcha.

É a economia que inspira e expira. É a economia que respira a grandes haustos. Segura o fôlego durante horas e depois solta o ar; quando soa a hora do almoço, as formiguinhas que algumas horas antes estavam em segurança nos escritórios invadem as ruas em busca de comida. Restaurantes da última moda, cubículos anônimos mobiliados com cadeiras e mesas de plástico transparente. Ou *sushi bars* elegantes e pubs que emanam um perfume acre de carvalho. Todos são tomados de assalto. A economia precisa de carboidratos e precisa de combustível; fala-se tanto de despersonalização, mas o turbocapitalismo ainda é gerido por homens e mulheres de carne e osso. Homens e mulheres que precisam se alimentar. Se tiver de trabalhar à tarde você escolhe uma salada, pois de outra forma não vai render. Um prato de macarrão ou uma sopa, porque, para administrar o dinheiro do mundo, é necessário absorver muita, muita energia. Ou pizza, porque o dia é longo e há tempo para uma refeição como deve ser. Você faz parte de um exército

que, entre a uma e as duas da tarde, invade o Leadenhall Market, que se parece tão pouco com os vários filmes onde figurava como pano de fundo. Um exército que se movimenta com rapidez e precisão. Você entra numa cantina, encontra um lugar para sentar com os colegas e pega um cardápio na mesa. Escarafuncha a lista que já conhece de cor, se detém nos pratos que já provou mil vezes e depois salta diretamente para a lista de vinhos. Há alguns caríssimos, importados, muitos italianos. Põe o indicador no primeiro nome da lista e desce rapidamente; faz com perícia, como se procurasse algo em especial, depois o dedo sobe de novo, você para num Sauvignon, hesita e enfim fecha o menu com um golpe seco. Decidiu. Chama o garçom e menciona um vinho. Que não está na lista. Que nunca esteve na lista. Mas o garçom assente e se retira em silêncio. Não é um engano, não é uma alucinação. É um código. Um vinho que não consta da lista é um grama de pó. Se você trabalha no mundo das finanças precisa se nutrir, tem de ser rápido e eficiente, precisa saber tomar as decisões certas numa fração de segundo. Assim é, dia após dia, de segunda a sexta, da uma às duas, no lugar onde o tráfico e o consumo de cocaína viraram endêmicos. A City, o coração das finanças mundiais, onde se vive e se morre de taxas de câmbio, índices, cotações. Entre um sanduíche de mozzarella e uma pizza quatro estações, gramas de cocaína que passam sem ser incomodados e se somam em quilos de pó para ser usado mais tarde, no banheiro do escritório ou diretamente no dos bares onde comeu. A tarde é longa. A noite é longa. Desde que estourou a crise, o consumo também aumentou. Previsível. Todos os dias, as notícias que chegam são ruins. Como dar conta? O almoço terminou. Bem abastecido, pronto para enfrentar a segunda parte do dia com espírito renovado e otimismo nas nuvens, você pede a conta. Tudo vem faturado certinho. A salada *niçoise*, o arroz à cantonesa, a pizza de massa especial e o vinho que não consta do cardápio. E por que não? É um almoço de trabalho. Está certo incluir suas despesas.



## 14. Rotas

Sinto falta do mar. As praias onde passava meus verões, sujas e lotadas, retumbando com o berreiro dos vendedores ambulantes que vendiam coco, *taralli*, mozzarelas, bebidas, raspadinhas. As mães que chamavam os filhos aos gritos, os rádios no máximo transmitindo o jogo e a nova música napolitana, as bolas que caíam nas toalhas, enchendo-as de areia, ou acertavam a cabeça da pessoa mais errada. Boiar na água turva, já quente como uma banheira, ficar de molho por séculos. Até da pele ardida sinto falta, o atrito com os lençóis, ignorando os arrepios, sem conseguir fechar os olhos até tarde. A saudade nos prega essas peças, a gente sente falta de coisas que, nos detalhes, preferia nunca mais rever.

Sinto mais falta ainda do mar que, mais tarde, eu singrava em pequenos barcos. Gostava de ganhar algum dinheiro daquela maneira, a respiração mudava a cada vez que me afastava da costa e havia só a extensão azul, o cheiro salgado, o fedor das redes e do óleo combustível. Se o mar se encapelava, eu começava a ficar enjoado e muitas vezes vomitava. Mas isso, agora, é uma lembrança preciosíssima, um atestado de que realmente estive no mar, uma prova que ainda trago no estômago.

Cresci movido a livros sobre o mar. Eu ficava fascinado com a lista dos navios da *Iliada*, e desde moleque sentia intuitivamente a *Odisseia* como uma exploração do perímetro daquilo que é humanamente possível conhecer. Um homem arguto e corajoso, que valia por todos, circunscrevera

a área. Descobri e jamais deixei de amar os tufões e as calmarias que põem à prova os capitães de Joseph Conrad, perdi-me na perseguição obsessiva a Moby Dick, demônio de alma humana encarnado num cachalote. Na época eu torcia pelo grande cetáceo ou me sentia um Ismael, o único que sobrevivera ao naufrágio do *Pequod* para cumprir a tarefa de narrar. Agora sei que tenho a mesma obsessão do capitão Ahab. Minha Baleia Branca é a cocaína. Ela também é incapturável e ela também sulca todos os oceanos.

Sessenta por cento da cocaína apreendida nos últimos dez anos foi interceptada no mar ou em portos. É o que diz um relatório da ONU de título sucinto, mas expressivo: “O mercado transatlântico da cocaína”. Sessenta por cento é bastante, é muito. Porque todas as outras vias de transporte também são batidas, sempre. A divisa entre México e Estados Unidos, o maior consumidor do mundo da substância branca, é como uma peneira. Não se passa um segundo sem que alguém cruze a fronteira com o pó nas fraldas do nenê ou na torta da avó para os netinhos. Passam cerca de 20 milhões de pessoas por ano, mais do que qualquer outra fronteira no planeta. Os americanos conseguem controlar no máximo um terço dos mais de 3 mil quilômetros, mesmo havendo uma cerca de quinhentos quilômetros, helicópteros, sistemas de luz infravermelha. Nada disso consegue deter o fluxo de clandestinos que arriscam a morte nos desertos e engordam os *coyotes*, os contrabandistas de seres humanos controlados pelos cartéis mexicanos. Aliás, criou-se uma dupla fonte de lucro: se você não tiver 1500 ou dois mil dólares para pagar o *coyote*, pode pagar levando pó na bagagem.

Impossível controlar todas as pessoas, carros, motos, caminhões, ônibus de turismo que fazem fila nos 45 postos oficiais. Passam desde veículos preparados da maneira mais sofisticada até simples latinhas de café ou porções de pimenta que, com seu cheiro forte, conseguem enganar os cães farejadores. Os narcos prendem a cocaína com imã debaixo dos carros com licença para atravessar a fronteira numa autopista rápida, certos de que o melhor transportador é aquele que não sabe disso. Uma vez atravessada a fronteira, dão um jeito de recuperá-la. Catapultam a cocaína do deserto de

Sonora para o deserto do Arizona, transpondo a cerca com engenhos que fazem lembrar os de Leonardo da Vinci. Ela é transportada voando de noite em asas-deltas pintadas de preto como morcegos de pesadelo ou batmóveis: 2 mil dólares para o piloto e risco de morte se a carga destinada ao outro lado da fronteira se desenganchar, desequilibrando o ultraleve. Acharam um homem espatifado num campo de verduras próximo a Yuma, no Arizona. A metade da cocaína que transportava, que ficou na gaiola metálica numa das asas, mostrou que não se tratava de um acidente de esporte radical.

O mesmo vale para o transporte aéreo. Em todo o mundo, a cada instante, há uma mula entrando num voo comercial. E, no mesmo instante, dúzias e dúzias de caixas marcadas como uma mercadoria totalmente diferente são embarcadas em aviões de carga.

No entanto, todo esse moto-perpétuo, esse frenesi ubíquo e pulverizado, não chega nem perto da quantidade de pó transportada por mar. Para a Europa, a porcentagem é ainda maior: 77% de 2008 a 2010. E o mercado europeu de cocaína está quase alcançando o dos Estados Unidos. O mar é o mar. Os oceanos constituem mais da metade da superfície terrestre, um outro mundo. Se você quiser trabalhar no mar, precisa se submeter à sua lei e à lei dos homens do mar: *“Pe’ mare nun ce stanno taverne”* [No mar não há tavernas], como dizem em minha terra. Nem celulares que funcionem, nem postos policiais, nem ambulatórios de emergência. Nem esposas ciumentas, pais ansiosos, namoradas cheias de expectativa. Ninguém. Se você não quiser virar cúmplice, aprenda a olhar para o outro lado.

Os que organizam os transportes de droga por mar sabem disso. E sabem que entre os marujos há quem ganhe bem, mas quer ganhar melhor, e também um número cada vez maior de trabalhadores informais, subremunerados. No entanto, não é esta a principal razão pela qual a cocaína continua a ser transportada basicamente pelas águas do Atlântico. Para o transporte em grandes quantidades, chegando a dez ou mais toneladas por carga, é indispensável um navio de grande porte. A aquisição do pó é mais conveniente e os custos de transporte são amortizados e ficam menores,

como ocorre em todos os setores de importação e exportação, embora o risco do empreendimento também aumente. Transportar a carga para o outro lado do oceano do modo mais seguro: esta é a única regra do narcotráfico por via marítima. Um axioma tão simples na teoria quanto na prática gera a demanda incessante por novos meios, novas rotas, novos métodos de desembarque dos lotes, novas cargas de cobertura para ocultá-los.

Tudo muda, tudo precisa se adaptar rapidamente. O mundo é como um corpo único a ser irrigado constantemente pelo fluxo de cocaína. Se uma artéria é obstruída por um maior controle, é necessário encontrar imediatamente outra. Assim, se antes o pó saía principalmente da Colômbia, nos últimos anos mais da metade dos navios para a Europa zarpu da Venezuela; depois do Caribe ou da África ocidental e do Brasil. O país que detinha o narcomonopólio agora desceu para o quinto lugar na classificação.

A Espanha continua o porto de entrada por excelência; quase metade de toda a cocaína apreendida em 2009 tinha o país como destino. Pouco tempo atrás, a Holanda foi superada pela França. Mas os dados estatísticos se mostram extravagantes comparados ao mapa. Com efeito, eles se baseiam em apreensões ocorridas principalmente no mar, na área das Antilhas francesas ou durante uma escala na costa africana. Em todo caso, desde que as rotas para a tradicional fortaleza norte-europeia começaram a ser mais monitoradas, as reações dos narcotraficantes não tardaram a aparecer. As cargas que iam para o porto de Rotterdam se desviaram para o de Antuérpia, levando as apreensões belgas a dobrar. Na Itália, mudaram do porto de Gioia Tauro, agora mais controlado, para o de Vado Ligure, Gênova e Livorno, ou se transferiram de Nápoles para Salerno. O transporte do pó parece um dominó. Se é preciso mudar uma peça, as outras também devem ser remanejadas. Tudo se modifica, mas a partir de uma lógica férrea, de um desenho perfeitamente racional.

A história de uma viagem de cocaína é escrita pelo fim. É o destino que determina os detalhes e o enredo. É muito diferente se o aproamento no

continente pode ocorrer através do transbordo do navio-mãe para embarcações menores e mais ágeis, capazes de atracar em qualquer lugar, ou se o navio precisa descarregar seu fruto secreto em algum porto, depois de se submeter aos controles alfandegários. Neste segundo caso é indispensável esconder perfeitamente a mercadoria dentro de outra, enquanto no primeiro caso pode-se adotar uma carga de fachada menos sofisticada ou até mesmo dispensá-la. Navio-mãe: o narcotráfico reativa a força metafórica do léxico marítimo. O mesmo acontece com a palavra *tripulantes* para a “equipagem”, derivada do verbo “tripular”, que originalmente significa “conduzir” ou “guiar”. Os *tripulantes* do pó são aqueles que devem conduzir sua viagem a salvo. Às vezes são marinheiros corruptos ou outros membros da equipagem, às vezes são homens dos cartéis que vão a bordo de um navio que não tem conhecimento da coisa, para vigiar a carga escondida.

O navio-mãe pode ter sido comprado pelos traficantes, como no caso do *Mirage II*, ou alugado, comprando apenas a cumplicidade dos *tripulantes*. Mas também pode ser um cargueiro de linha, como os da Maersk Sealand usados por Fuduli, ou um navio de cruzeiro, onde a empresa de navegação e as firmas legais de exportação — muitas vezes, grandes multinacionais — ignoram completamente o valioso parasita hospedado dentro dos contêineres a bordo. Neste caso, diz-se “carga cega”.

O transbordo em alto-mar apresenta diversas vantagens: maior flexibilidade, planejamento menos complexo e frequentemente menos caro, portanto, mais rápido para se organizar. Quanto antes o pó entrar no mercado, mais cedo o investimento se transformará em lucro. Ao que parece este continua a ser o método mais difundido para levar a cocaína à Europa, de acordo com as apreensões de cargas destinadas à Espanha ou realizadas na costa da África ocidental. Deve-se levar em conta, porém, que geralmente são trânsitos não tão hermeticamente ocultados, e portanto mais sujeitos à interceptação das cargas. Os cartéis mexicanos criaram uma variante do transbordo que reflete seu gosto barroco pelo desperdício destrutivo, mas representa também uma tática engenhosa e muito prática. A

narcoamaragem, só para começar, é um modo rápido de embarcar o pó evitando passar pelos controles portuários. Pegam um veículo, enchem-no de cocaína, vão com ele numa última viagem até o alto de uma rocha, abrem as janelas e empurram o carro pelo despenhadeiro. Pode ser uma picape ou um jipão dos modelos preferidos dos próprios narcos, um Grand Marquis ou uma Cherokee. O veículo boia o tempo necessário para pegarem a carga que está ali dentro. A maioria dos pacotes lacrados com celofane pode ser recolhida com mais facilidade quando estão na superfície. Os homens que chegaram em botes ou lanchas depois desembarcam o pó diretamente no destino ou transferem para um navio maior. Mas tudo isso deve ocorrer sem percalços. Assim, os narcos recorrem a uma de suas técnicas de bloqueio para impedir o acesso à zona onde se dá a narcoamaragem. O *narcobloqueio* é uma ação de violência espetacular que geralmente coincide com uma retaliação, uma emboscada, uma ação de guerra qualquer. Diversos comandos armados agem em vários pontos da extensão da estrada ou mesmo de toda uma rede de estradas, sequestrando carretas ou obrigando as pessoas a descer dos ônibus. Atravessam os veículos na pista, furam os pneus a tiros, jogam gasolina e ateião fogo. Obtêm um duplo resultado: podem alcançar o objetivo sem intervenção da polícia ou do grupo rival e espalham o pavor.

Para recuperar a carga amarada muitas vezes nem é preciso tanto. Basta um bloqueio móvel, com carros andando na contramão, provocando acidentes ou congestionando o trânsito de outras maneiras, nas artérias próximas ao local do transbordo, a mesma tática usada para favorecer a fuga de um chefe. Em ambos os casos, o narcobloqueio serve também como tática diversionista, pois a polícia terá de acorrer ao local do bloqueio; enquanto isso, os pacotes de pó podem ficar boiando sem ser incomodados, até que o último deles seja içado a bordo.

Os cartéis mexicanos e colombianos demonstram seu poder ilimitado por meio de um tipo de navio-mãe que atualmente apenas eles adotam de

maneira sistemática: o submarino. Todas as facetas de seu poder estão sintetizadas e simbolizadas nessas embarcações tão fantasmagóricas quanto eficientes: o poderio econômico, militar e até de controle geopolítico. Hoje, pelas águas do oceano Pacífico entre a Colômbia e o México, e também nas rotas mais batidas desde o mar do Caribe até a costa da Flórida, circula uma quantidade quase inconcebível de submarinos e semissubmarinos, abarrotados de toneladas de pó. Estes últimos ficam cerca de setenta centímetros acima da superfície, expondo aproximadamente um metro quadrado da sua tonelagem, e recebem ar por um respiradouro para alimentar o motor a diesel. Podem percorrer até 5 mil quilômetros. Os submarinos de verdade viajam todo o percurso a até trinta metros de profundidade, emergindo apenas à noite para recarregar as baterias do motor. Basta uma pequena tripulação, de um mínimo de dois homens até uma dúzia deles, para dirigir um submarino ou um semissubmarino, mas é tarefa que requer muito treinamento adequado. São chamados de esquifes, com efeito. Por dentro são tão baixos e estreitos que os homens precisam manobrá-los agachados, submetidos a um calor que sugere outros apelidos, como “cama de bronzamento sem botão de desligar”. Mas, acima de tudo, não é improvável que se transformem em esquifes nada metafóricos. É impossível saber quantos já afundaram nos abismos junto com suas cargas, além de alguns homens pranteados apenas por alguma mulher de marinheiro sul-americano, que vale menos do que zero. Em compensação, a carga de cocaína pode chegar a dez toneladas. É por isso que as autoridades dos Estados Unidos estão cada vez mais preocupadas. Os submarinos não deixam quase nenhum rastro, a não ser um sulco nas telas de radar, fato quase nunca atribuível a uma embarcação que viaja debaixo d’água. Além do mais, os meios de transporte tradicionais dos narcos — lanchas, pesqueiros, navios rápidos — possuem apenas um décimo da capacidade de carga dos submarinos.

As agências de inteligência e antinarcóticos temem que esteja ocorrendo algo semelhante ao que aconteceu quando as companhias aéreas se

desfizeram dos velhos Boeings para passar aos Airbuses, que antes eram aeronaves de vanguarda com custos impraticáveis para o tráfego normal. Os submarinos estão se tornando economicamente acessíveis para os cartéis e, portanto, estão formando frota. De 2005 a 2007, a Marinha colombiana na costa do Pacífico apreendeu dezoito, identificou quase trinta e calculou quase uma centena deles. Mas a difusão dos submarinos não deve ser atribuída apenas a uma questão de custos. O aspecto mais interessante é que se está repetindo com os narcosubmarinos o mesmo roteiro do progresso tecnológico. O pioneiro só podia ser o próprio Pablo Escobar em pessoa. Ele mesmo se gabava de possuir dois submarinos em sua enorme frota naval. A inovação também é estimulada pelo desejo irracional de emulação de um exemplo lendário, pela vontade de se mostrar à altura por ser capaz de igualar ou superar o poder e a riqueza. As ocasiões mais concretas, porém, chegaram quando os mafiosos russos começaram a se estabelecer em Miami e a oferecer peças pesadas dos arsenais soviéticos aos colombianos.

Por quase uma década, para todas as forças americanas empenhadas na “guerra à droga”, os submarinos dos narcotraficantes foram como uma espécie de Holandês Voador: fantasmas que deixam apenas um rastro fugaz, que são perseguidos sem jamais serem alcançados. A ponto de se suspeitar que não passavam de lendas, novas superstições marítimas, mitos do mar. Mas em 2004 desferem o golpe decisivo no cartel do Norte del Valle, a organização que assumiu a supremacia na Colômbia após o declínio dos cartéis de Medellín e Cali. Prendem uma centena de membros, e os mais importantes serão extraditados para os Estados Unidos, a começar pelo chefe Diego Montoya, vulgo “o Ciclista”. Apreendem milhões em dinheiro, lingotes de ouro, bens de luxo e propriedades no valor de 100 milhões de dólares. E finalmente capturam um submarino — um submarino de fibra de vidro construído pelos próprios narcotraficantes, um daqueles capazes de chegar até a costa californiana. Ainda não está muito claro se os homens do cartel conseguiram decifrar os códigos da Marinha americana ou se, para



escapar às interceptações, receberam informações de um almirante colombiano à sua disposição, hipótese mais provável.

Ainda hoje os narcossubmarinos são construídos em canteiros escondidos nas florestas sul-americanas. Ninguém sabe quantos submarinos os narcos já construíram, nem quem e quantos são os indivíduos que montam e testam, nem quais afluentes do rio Amazonas ou quais afluentes de afluentes são usados para levá-los ao mar, ou quantos já afundaram no mar com a tripulação. Ninguém sabe quantos foram afundados para evitar a apreensão, nem quantos, por outro lado, concluíram sua viagem. Mas há outro aspecto incrível. Todo esse dispêndio de forças, meios e dinheiro é gasto para a construção de algo que muitas vezes funciona como uma embalagem descartável. Ou talvez seja mais correto dizer que os narcossubmarinos mais modestos parecem aquelas espécies animais com uma existência de pouquíssimos ciclos reprodutivos. Às vezes alijados de suas cargas, são abandonados para ir a pique. A tripulação volta para casa de avião. Milhões e milhões de dólares literalmente jogados no mar.

O semissubmarino descoberto no verão de 2008 pela Marinha mexicana nas águas do Pacífico na altura de Salina Cruz, no estado de Oaxaca, valia cerca de 2 milhões. A estranha mancha verde avistada revelou uma embarcação afunilada de dez metros, abarrotada com quase seis toneladas de cocaína. A mercadoria era colombiana, os quatro marinheiros que desceram à terra sem opor resistência eram colombianos, mas o destinatário da mercadoria era mexicano. Alberto Sánchez Hinojosa, chamado de “El Tony”, um dos lugares-tenentes do cartel do Golfo após a captura de Osiel Cárdenas Guillén, foi preso cerca de dois meses depois no estado mexicano de Tabasco.

Os modelos mais recentes e sofisticados, porém, são submarinos propriamente ditos, de dimensões um pouco maiores e capazes de ir da América Central até a Califórnia sem problemas. Até agora foram capturados apenas três, mas esses três interceptados em curto espaço de tempo sugerem que muitos outros entraram em operação.

A única tentativa de exportação no mar Mediterrâneo, de que se tem notícia até agora, teve um desfecho tragicômico. Dois vigaristas espanhóis entram com o dinheiro, um “engenheiro” arranja um esconderijo onde constrói um semissubmarino sem muitas pretensões, com nove metros de comprimento e tripulado por apenas uma pessoa. Tudo isso se passa em 2006 na Galícia, o local de chegada mais usado para os transbordos de cocaína na Europa. Os três conseguem contatar as pessoas certas, pelas quais alimentam um temor reverencial: os colombianos. Cedem-lhes a invenção caseira pela módica quantia de 100 mil euros. Os narcos querem usá-la para esvaziar um navio-mãe e o “engenheiro” precisa entregar sua obra de arte logo depois da viagem de teste. Mas o submarino começa a se desgovernar e o aprendiz de feiticeiro entra em pânico. O medo dele de morrer afogado no Atlântico é igual ao que sente dos compradores a quem vendeu uma tranqueira. Então tem uma ideia: a única maneira de escapar é salvar o couro e entregar imediatamente o submarino às mãos do inimigo, para poder dizer aos narcos que foi a polícia que interceptou. Mas nem ela caiu na armadilha. Os investigadores esperam que o “engenheiro” e seus sócios organizem a chegada de um lote de haxixe para quitar a dívida com os colombianos e efetuam a prisão deles. Ficou claro que não era nada simples imitar os mestres, e os três espanhóis que tentaram logo descobriram sua inferioridade em relação aos habitantes das suas ex-colônias.

Porque é assim: o mundo e seus equilíbrios de poder mudaram também por causa do tráfico de cocaína. É muito fácil ceder à tentação de considerar o episódio uma mera notícia curiosa, e é igualmente errado tomá-lo como evidência razoavelmente séria de que o domínio brutal dos cartéis sul-americanos na Velha Europa será sempre inconcebível. Não é verdade. Atualmente, a Europa já produziu uma nova espécie de homens de mar muito diferentes dos pilotos das lanchas lotadas de cigarros dos anos 1980 e 1990, simples braços a serviço da Sacra Corona Unita ou da Camorra. O tipo mais comum de embarcação onde foram encontrados carregamentos de pó, nos últimos anos, não é o velho navio mercante, nem o navio de carga, o

pesqueiro ou a lancha. É o veleiro. Grandes catamarãs, iates de madeira, barcos a vela capazes de competir com os de Giovanni Soldini. Barcos maravilhosos, ancorados no Caribe, prontos para sair em cruzeiro de ilha em ilha, de uma praia a outra, porém mais adequados aos amantes do mar que querem provar as aventuras de uma travessia oceânica. No entanto, quem melhor paga aos *skippers* para que sigam sua verdadeira vocação, mostrando seus antigos conhecimentos das correntes e ventos favoráveis, não está interessado em subir a bordo. São os brokers do narcotráfico e os emissários das organizações criminosas. Mas não só: são também os veranistas, a burguesia privilegiada que quer se afirmar passando do consumo fácil ao lucro fácil, espremendo dinheiro, pó e adrenalina de um mesmo empreendimento excitante.

O *Blaus VII* hoje é um navio-escola da Marinha militar portuguesa. Um veleiro lindo, com dois mastros de 23 metros de altura, inteiramente em madeira, pintado no lado externo com um elegante azul profundo. Foi interceptado em fevereiro de 2007 a cem milhas a noroeste do arquipélago da Madeira, que pertence a Portugal, mas está mais próximo da costa do Norte da África. Os portugueses — homens da Marinha e da Polícia Judicial — encontraram a bordo duas toneladas de cocaína zarpada da Venezuela, já transbordada no veleiro com destino à Europa. Detiveram os *tripulantes*, que desta vez coincidiam com toda a equipagem: todos gregos, exceto o *skipper* Mattia Voltan, de Pádua. Ainda não tinha completado 28 anos, mas o *Blaus VII*, que vale cerca de 850 mil euros, estava registrado em seu nome. Um conterrâneo, Andrea, fora com ele de carro a Veneza para pegar um voo até Barcelona e de lá alcançariam o navio e a equipagem que o aguardavam em Portugal. Antes de partirem, o pai do outro rapaz lhe fez inúmeras recomendações. “Tenham cuidado antes de sair por aí”, adverte ao telefone em Dubrovnik, onde mora com o filho mais novo, Alessandro, cuidando de duas empresas abertas na Croácia. Um empresário italiano emigrado para o Leste, como tantos outros. Quer saber também se Mattia está com boa aparência e Andrea, com a típica impaciência em relação aos pais

apreensivos demais, tranquiliza-o: “Ele fez a barba e cortou o cabelo. Fui pessoalmente em casa buscar a *raspa*”.

As preocupações do pai de Andrea, Antonio Melato, quanto ao jovem *skipper* contratado são compreensíveis, mas não é culpa de Mattia se o *Blaus VII* é detido. Depois que o liberaram, o rapaz volta a Pádua tentando retomar a vida despreocupada. Andrea conta ao pai que viu na rua o amigo Mattia, que é um tolo. “Mas você está brincando!”, explode o pai. E corta rente: “Para nós, aquele sujeito não presta”. Mas é inútil que ele se preocupe com o outro, pois o telefone grampeado é justamente o seu.

Melato é apenas uma das peças de uma investigação conduzida pelos ROS e coordenada pela DDA de Milão, que envolve metade da Europa, o Caribe e a Geórgia. Em junho de 2012, ele é preso junto com os filhos e outros integrantes de uma rede espalhados entre a Bulgária, a Espanha, a Holanda, a Eslovênia, a Romênia, a Croácia, a Finlândia e, na Itália, entre o Vêneto, o Piemonte e a Lombardia. Cerca de trinta pessoas são detidas, seis toneladas de cocaína apreendidas, sete anos de trabalho. O nome da operação, Magna Charta [Magna Carta], se permitiu uma boa dose de ironia. A grafia arcaica do documento assinado pelo rei João Sem Terra agora remete à frota de embarcações *charter* empregadas no narcotráfico.

Mas tudo começara muito longe do mar, com as questões mais corriqueiras do combate à máfia. Em 2005, os *carabinieri* de Turim descobriram que a *'ndrina* Belloco e as outras famílias de Rosarno abasteciam o Piemonte através de um insólito canal búlgaro. Liderados por Evelin Banev, “Brendo” para os amigos, um “bизнесman” de 47 anos, um oportunista que ficou milionário com a especulação financeira, os búlgaros se tornaram brokers. Mas eles haviam confiado a alguns italianos a tarefa de encontrar os *skippers* e os navios de fundo duplo para trazer a cocaína do Caribe e receber a mercadoria entre a África e a Espanha. Antonio Melato e filhos e, ainda mais centrais, Fabio e Lucio Cattelan, também de Pádua, mas residentes em Turim e Milão. São eles que contratam a equipagem do *Oct Challenger*, o navio cargueiro apreendido pela alfândega espanhola no

mesmo dia do *Blaus VII*, levando a bordo mais três toneladas de cocaína. E foram também os irmãos Cattelan que contrataram dois *skippers* experientes, Guido Massolino e Antonio d'Ercole, que partiram de Turim para um porto croata, onde os esperava o veleiro que retornaria carregado de pó. Os dois fizeram algumas paradas ao longo da rota, a mesma percorrida por Mattia: primeira parada nas Baleares, depois na Madeira. De lá deviam alcançar o navio-mãe. Mas este ficou esperando em vão no oceano. Desapareceram. Provavelmente atingidos por uma tempestade, destruídos pelas ondas junto com a embarcação frágil demais. Talvez tenham preferido não enviar um SOS para não serem descobertos num ponto improvável do Atlântico, ou talvez pensassem que conseguiriam escapar, esperando até ser tarde demais.

Os dois turinenses, que naufragaram sem deixar traços, tinham mais de sessenta anos. Em geral os *skippers* do pó nunca são jovens. Para o broker, a experiência é uma garantia maior, e além disso os homens que escolheram a vida do mar parecem se tornar mais acessíveis com o avançar da idade. É preciso guardar dinheiro para uma boa aposentadoria a qualquer momento, há o desejo de poder competir com o estilo de vida das pessoas que frequentam, o gosto pela aventura de importar a mercadoria que já usam, como todos. Que mal há, no fundo?

Os *skippers* de embarcações a vela e a motor são uma força crescente à disposição do narcotráfico, e seus contratantes sabem fazer bem as contas. Poucos homens para conduzir barcos insuspeitos, capazes de entrar em qualquer portinho turístico, representam um recurso conveniente, mesmo que os pagamentos sejam muito vultosos e até mesmo que os *skippers* se revelem mais vulneráveis do que os *tripulantes* de pretensões ou hábitos mais modestos.

Assim é que três veleiros transportavam, no total, mais de uma tonelada de pó — o *Mariposa*, o *Linnet* e o *Kololo II*, os dois últimos interceptados na costa da Sardenha e depois escoltados até o porto de Alghero. O *skipper* e proprietário do *Kololo II*, um romano de quarenta anos que levantara as velas

nas Antilhas francesas para rumar direto aos portos mais próximos de Roma, desaba sob o peso dos quase trezentos quilos encontrados em seu barco. Para obter alguma redução de pena, ele se dispõe a colaborar. Com base nas acusações contra ele próprio e outros, em julho de 2012 a DDA de Roma pede a prisão de mais cinco cúmplices, todos residentes ao redor da capital. Alguns têm precedentes, nenhum é mafioso.

Eles despontam em todos os cantos do continente, mas principalmente nas zonas desprovidas de organizações criminosas originárias: italianos como os dois bolonheses e o livornês presos em 1995 porque o *Sirio*, o *Mas que nada* e um veleiro com o nome sarcástico de *Overdose* importavam cocaína do Brasil, via Guadalupe e Canárias, para uma rapaziada endinheirada de Bolonha; ou como o piloto do *Sheldan*, um iate de luxo de 23 metros, modelo Falcon, interceptado em setembro de 2012 entre Varazze e Imperia com 3,5 toneladas de haxixe; croatas como o *skipper* residente em Civitanova Marche, detido em maio de 2012 na costa da Martinica pela DEA, polícia francesa, croata e italiana, com duzentos quilos de pó a bordo de um outro veleiro; o *skipper* bretão Stéphane Colas, posto em liberdade em 2011 após dois anos de detenção na Espanha, pois os tanques de água potável para a travessia da Venezuela continham quatrocentos litros de cocaína líquida. Todos, segundo a investigação, despistamentos utilíssimos e, naquele momento, bodes expiatórios. Não importa a nacionalidade, mas é preferível que o currículo, a proveniência de classe, a origem geográfica deponham em favor dos apaixonados da vela, convencendo seus eventuais juízes que se tornaram transportadores do narcotráfico por engano. Muitas vezes, o conjunto de provas é frágil para se sustentar em contextos jurídicos sem uma legislação específica, e a opinião pública dos países de origem — como no caso do *skipper* bretão — costuma ser favorável às alegações de inocência do acusado. O álbum secreto dos *tripulantes* está se avolumando mais do que suas velas expostas aos ventos no Atlântico.

Quando penso em cocaína, contudo, a primeira coisa que vejo diante de mim não são ágeis barcos errantes pelos oceanos. É algo mais compacto, onipresente, elementar. É a mercadoria, a mercadoria por excelência que atrai todo o resto como um ímã. Fruto de outros frutos, único parasita que multiplica por mil o valor das carnes em que se enquistou, vetor proteiforme do lucro de todo comércio. Revejo a extensão dos contêineres no porto de Nápoles, o amarelo da MSC, o cinza da Cosco, a logomarca azul da Maersk, o verde da Evergreen, o vermelho da “K” Line e todos os outros enormes blocos de Lego desmontados e remontados pelos braços dos guindastes em arquiteturas mutáveis. A pura geometria, o cromatismo elementar que oculta e encerra tudo o que pode ser vendido, comprado, consumido. E tudo ou quase tudo pode servir de hóspede involuntário ou cúmplice da substância branca.

Parece paradoxal, mas mesmo a mercadoria mais clandestina não pode mais deixar de ter sua marca própria. O *branding* tem origem nos animais marcados a fogo para diferenciá-los dos animais dos outros rebanhos. Da mesma forma, os tijolos de cocaína são marcados para certificar sua origem, mas também para selecionar cada lote para o comprador certo quando os grandes brokers organizam megaexpedições endereçadas a diversos destinatários. A logomarca para a cocaína é, em primeiro lugar, símbolo da qualidade. Não se trata de um slogan publicitário vazio, mas de uma função fundamental: a marca garante a integridade de cada tijolo e com ela os narcotraficantes garantem exportar exclusivamente substâncias tratadas com pureza. O bom nome do cartel é prioritário. Parece muito mais importante do que o risco de ser facilmente rastreado quando a carga acaba nas mãos erradas, risco de empreendimento como qualquer outro. Além do mais, não é casual que os traficantes escolham com frequência símbolos das marcas mais procuradas e conhecidas. Sua mercadoria anônima, no fundo, é o produto de consumo voluptuoso por excelência; e seu valor se equipara à soma de todos os *brands* que as pessoas do mundo inteiro compram ou sonham em comprar.

Havia a marca de um escorpião ou de uma dama impressa em relevo nos tijolos que a Polícia Fiscal de La Spezia, em agosto de 2011, extraiu do fundo falso de dez automóveis num vilarejo no município de Aulla, província de Massa Carrara. A maior apreensão jamais ocorrida na Itália, a quarta maior em toda a Europa. Os policiais começaram a suspeitar durante a verificação de alguns contêineres vindos de Santo Domingo e descarregados na alfândega do porto de La Spezia. Descobrem apenas uma parede falsa que oculta 750 tijolos, mas decidem fechá-la e deixar o contêiner passar como isca. São os próprios símbolos que sugerem que aquela é apenas uma pequena parte de uma carga bem maior: o escorpião indica a parte destinada ao norte da Europa; a dama, a destinada à Europa Central. Por isso, ou melhor, visto que o escorpião não representa a assinatura do remetente, mas é quase um código postal do destinatário, ele é um dos símbolos mais comuns atualmente encontrados nos tijolos de cocaína. Não só o negócio em si é imenso, como também teria sido realizado por uma das parcerias mais antigas e comprovadas: o cartel colombiano do Norte del Valle e as famílias de Gioia Tauro. Os calabreses não se resignam à perda de um fornecimento tão importante e localizam onde está a carga apreendida. Os policiais ficam sabendo graças a uma dica que recebem: o pó não pode ficar ali por muito tempo. Com uma escolta de quinze viaturas das Fiamme Gialle e dos Baschi Verdi de La Spezia, a carga é levada até a província de Pisa, em Ospedaletto, onde fica o incinerador mais próximo. As instalações são vigiadas dia e noite, até que o último escorpião e a última dama se desfaçam entre as chamas.

As logomarcas começaram a entrar em uso nos anos 1970, por iniciativa de um grande traficante peruano; difundiram-se na década seguinte, por obra dos cartéis colombianos e mexicanos. E depois cresceram, continuando a se multiplicar desenfreadamente, junto com o consumo do pó branco. Uma contagem recente, encomendada pela União Europeia em 2005, apresentou uma variedade de 2200 marcas. Há quem se contente com sóbrias letras de empresa, quem preste homenagem a seu time de futebol,



quem prefira animais ou flores, quem goste de símbolos esotéricos ou geométricos, quem use marcas de automóveis de luxo e até quem brinque com personagens de desenhos animados. Impossível enumerar todas. Mas vale a pena compilar uma pequena amostragem, agrupada por tipos e temas.

*Tatuagens:* o escorpião, a dama, o golfinho, a âncora, o unicórnio, a serpente, o cavalo, a rosa, o homem a cavalo e outros temas semelhantes aos das tatuagens tradicionais mais difundidas encontram-se nos tijolos prensados com a aplicação de um molde de metal e representam a marca mais comum, ao lado das formas geométricas mais elementares. Podem indicar tanto o remetente quanto o destinatário da mercadoria.

*Bandeiras:* a tricolor francesa, o Union Jack britânico, até a suástica nazista. Não são gravadas nos tijolos, mas impressas em cores em pedaços de papel postos sob o celofane de cada tijolo. Nos primeiros casos, trata-se de prováveis indicações dos locais de entrega; no último, encontrado num lote de pasta de cocaína enviado para a refinação numa zona da Bolívia na fronteira com o Brasil, pode-se imaginar a simpatia ideológica do envolvidos.

*Super-heróis (e afins):* o “S” de Super-Homem, a efígie do Capitão América, o relógio de pulso especial de James Bond, gravados ou impressos em bilhetes. Por desafio ou brincadeira, os narcos se apropriam dos ícones da fantasia hollywoodiana.

*Cartuns:* a que os narcotraficantes assistem na TV? Já é bastante surpreendente encontrar Homer Simpson ou os clássicos personagens de Walt Disney bem embrulhados por cima de todo tijolo de cocaína. Mas é realmente inacreditável encontrar também os Teletubbies ou Hello Kitty, a gatinha japonesa amada por todas as meninas do mundo.

*Ideogramas:* em 6 de julho de 2012, em Hong Kong são apreendidos mais de seiscentos quilos de pó num contêiner vindo do Equador e destinado ao emergente mercado do Sudeste Asiático ou da China continental. Todos os tijolos estavam decorados com o ideograma chinês 平, ou seja, “Ping”, que, junto com outro ideograma, forma a palavra “paz”, mas que também pode significar “plano”, “chato” ou “liso”. Uma homenagem com votos de boa sorte aos compradores.

*Marcas:* a coelhinha da Playboy, as asas da Nike, o felino saltando da Puma, o crocodilo da Lacoste, a escrita Porsche, o símbolo da Fórmula 1 ou da Ducati. São as marcas mais difundidas, junto com os temas tradicionais “de tatuagem”.

Mas, no fundo, quase todos os símbolos escolhidos pelos traficantes, dos ideogramas orientais aos desenhos animados, hoje estão marcados na pele das pessoas. Os narcos escolhem se comunicar através da linguagem universal da cultura pop contemporânea, da qual a mercadoria deles faz parte integrante, tanto quanto as marcas das quais se apropriam. Mas evitam recorrer a seus símbolos mais típicos, por exemplo, caveiras, cruces ou imagens da Santa Muerte, com que os membros dos cartéis mexicanos ou, ainda mais, das Maras centro-americanas costumam se tatuar. O culto é uma coisa interna, a marca é outra. Os próprios cartéis também fazem uso interno de logomarcas célebres, imprimindo-as nos carros dos afilhados, nas camisetas, bonés e chaveiros. Os Zetas hoje se identificam com o cavaliño da Ferrari, o cartel do Golfo com o cervo da John Deere, grande produtora de tratores em nível mundial. São adesivos ou *gadgets* que se encontram facilmente e não são vistosos. Marcas muito conhecidas se transformam, assim, em distintivos militares secretos.

A infinita selva de símbolos em que se transformou o comércio da cocaína remete ao emaranhado variável das rotas, das trocas, das ramificações que é preciso estabelecer antes de enviar toda e qualquer carga. Origina-se da procura constante de embarcações, grandes e pequenas, e respectivas equipagens, os contêineres que têm de ser reconhecidos entre centenas de outros, todos iguais, armazenados no mesmo navio-mãe, legiões de pessoas a serem corrompidas nas empresas de navegação ou expedição, nas alfândegas e nos portos, nas forças policiais e militares em geral, na política local ou nacional. Todas as plantações espalhadas pela Colômbia, Peru e Bolívia, todas as centenas de milhares de agricultores que colhem a coca nas florestas da região andina, todos os operários e químicos envolvidos nos processos de preparação das folhas até os tijolos ou a cocaína líquida, são apenas uma pequena parte marginal do todo o negócio. O resto é o transporte.

O transporte permitiu aos cartéis mexicanos tornarem-se mais poderosos do que os colombianos. A disponibilidade do porto de Gioia Tauro deu

fundamento à força e ao prestígio transnacional da 'Ndrangheta e em especial da família Piromalli com seus aliados, a qual se tornou, segundo a DIA [Direzione Investigativa Antimafia], a maior quadrilha de toda a Europa ocidental. E como a maior parte dos investimentos e dos lucros do narcotráfico está no transporte marítimo, ele passou a ser um problema tão complexo que criou uma nova figura profissional especializada e remunerada a peso de ouro: o executivo da logística, chamado por alguns de analista de sistema, por outros de Doctor Travel. Pode ser mais importante e ganhar mais do que o broker, principalmente se este não for um indivíduo com o poder econômico e organizacional de um Pannunzi ou um Locatelli, mas um dos inúmeros intermediários menores, que inicialmente contratam o fornecimento e depois acompanham o percurso nas fases principais de embarque, escalas maiores e chegada ao destino.

O executivo da logística, o analista de sistema, deve pensar em todo o resto. Em cada etapa do transbordo secundário, nas modalidades menores de transporte, nas passagens alfandegárias, nas cargas de fachada. Deve também desenvolver estratégias de solução ou atendimento dos problemas e hipóteses de menor dano para o caso de algo sair errado. Precisa planejar cada detalhe, ter na cabeça cada etapa, percorrer antecipadamente todos os canais em que se divide a viagem da cocaína ao longo do percurso. Precisa converter o escoamento fluido dos trânsitos num projeto específico e estável: um sistema.

Desenvolver um sistema de transporte para uma grande carga de pó demanda meses de trabalho. Quando está pronto, testado e utilizado umas duas vezes, já é hora de modificá-lo ou de elaborar outro. Os analistas de sistemas trabalham no espaço de todo o globo terrestre, mas correm contra o tempo. Estão numa corrida contínua contra a possibilidade de que os investigadores percebam as passagens da droga. Por isso seus serviços são muito caros, acessíveis apenas às maiores organizações do narcotráfico ou aos maiores brokers. Os cartéis mais ricos e poderosos até podem se dar ao

luxo de experimentar novas rotas, antes enviando “cargas limpas”, sem droga, como uma fase de teste de cada sistema.

Foi o que fez o cartel de Sinaloa, sem saber que já estava na mira do FBI de Boston e da polícia espanhola, unidos na Operação Dark Waters: uma investigação-chave na história do narcotráfico porque revelou o interesse dos cartéis mexicanos em fornecer cocaína diretamente para o mercado europeu, até então dominado pelos colombianos. Em 10 de agosto de 2012, agentes da polícia espanhola prendem no centro de Madri quatro membros da organização mexicana, entre os quais o primo de Joaquín Guzmán Loera, o chefe mais procurado e poderoso do mundo, o lendário Chapo. Manolo Gutiérrez Guzmán se transferira com um assessor jurídico e outros dois homens de confiança para lançar as bases de novos projetos que previam a habitual entrada das cargas através da porta espanhola.

Tudo começa anos antes, quando o FBI se depara com algo mais precioso do que um submarino abarrotado de toneladas de cocaína: uma fonte com acesso às hierarquias mais altas do cartel de Sinaloa. Assim, o FBI decide aprofundar as informações obtidas montando uma grande operação disfarçada. A partir dos primeiros meses de 2010, os infiltrados se aproximam do primo de Chapo e outros homens influentes, passando-se por afiliados de uma organização italiana já bastante presente nos Estados Unidos e Europa. Estão procurando novos fornecedores e dispõem de ótimos contatos no porto andaluz de Algeciras. Os mexicanos ficam entusiasmados com a proposta e iniciam as negociações: a intenção é fornecer uma tonelada de cocaína por mês, enviada da América do Sul em navio-contêiner. Os “parceiros italianos” ficariam com 20% de cada carga, como pagamento por conseguirem passar o pó pelo porto de Algeciras, e os mexicanos venderiam o restante da carga diretamente em toda a Europa, por meio de uma nova rede de células operacionais. Em agosto de 2011 está tudo pronto. Mas, antes de pôr em risco quantidades tão grandes de cocaína, o cartel de Sinaloa decide testar a segurança da rota: remete a algumas empresas equatorianas sob seu controle nada menos que quatro despachos

de contêineres carregados apenas de frutas. Uma vez testado o sistema, os narcos avisam que estão prontos para enviar a primeira carga, totalmente escondida num contêiner que sai do porto de Santos, no Brasil: 303 quilos destinados a vários pontos do mercado europeu. Um lote bem modesto, que serviria para romper o gelo com prudência, boa regra de negócios também para a maior holding. Mas não o suficiente, neste caso. Em 28 de julho de 2012, as autoridades interceptam a carga no porto de Algeciras e, quase ao mesmo tempo, detêm os mexicanos que vão ao encontro de seus falsos parceiros para discutir novas remessas. O maior prejuízo para o cartel de Sinaloa consiste justamente em ter de suspender temporariamente seus planos expansionistas na Europa. O resto — a apreensão de alguma carga e até a prisão de alguns homens de relevo como o primo do próprio chefe — não passa das perdas inevitáveis que sempre são levadas em conta por uma organização tão forte e solidamente estabelecida.

Quem trabalha à toa, porém, mesmo em circunstâncias menos dramáticas para os narcotraficantes, são os especialistas encarregados do projeto de todo o empreendimento. Os Doctors Travel, os analistas de sistema, ganham segundo o modelo vigente para muitas profissões liberais. Um adiantamento que cubra as despesas para desenvolver e montar o sistema e a remuneração efetiva quando a carga chega a seu destino. O pagamento pode também consistir numa porcentagem da mercadoria transportada, variando de 20% a 50% do total, descontados os custos do frete. Tudo se decide conforme o destino da viagem, inclusive os custos de transporte e o pagamento do analista de sistema. Quanto mais arriscado o destino final, mais perfeito deve ser o sistema. A atracagem na Península Ibérica sai mais em conta do que na Itália, a qual, aliás, representa uma das metas mais difíceis, e portanto mais escorchantes de toda a Europa.

Há uma praça central onde se estabelecem todas as cotações em jogo no mercado da cocaína, inclusive as tarifas de transporte. Tal como a Bolsa dos Diamantes na Antuérpia, depois transferida para Nova York, a Bolsa mundial da cocaína também se situa na maior praça de importação: antes

Amsterdam, agora Madri. Antes, os valores médios dos custos e dos preços eram estabelecidos na Holanda, mas, depois que a Península Ibérica passou a ser o destino de desembarque privilegiado e o local para onde afluem os maiores compradores — em primeiro lugar as máfias italianas —, as negociações se transferiram para a Espanha.

O papel do analista de sistema e a parte significativa dos ganhos que os narcotraficantes estão dispostos a lhe pagar, porém, só se explicam melhor observando-se mais de perto dois problemas fundamentais que ficam a cargo desse especialista: os portos e as cargas de fachada. Os grandes portos — assim como os grandes aeroportos — são equipados com raios gama e termossensíveis, de maior risco, capazes de revelar substâncias indesejadas, como drogas ou explosivos, no interior dos contêineres. Assim, o contêiner passa por esse enorme “detector de metais”, é praticamente escaneado. Os diversos materiais no seu interior aparecem no monitor em cores diferentes. A cocaína é amarela. Mas, tal como no aeroporto de Amsterdam, onde o “100% *custom control*” é realizado apenas nos aviões vindos de determinados países, como Antilhas Holandesas, Suriname e Venezuela, da mesma forma é impossível monitorar toda a carga que entra nos grandes portos europeus. O porto de Rotterdam, por exemplo, é o maior da Europa, mas também um dos mais bem equipados com instrumentos de controle. Todavia, com uma capacidade de estocagem de 11 milhões de contêineres, não é possível fazer nada além de ampliar ao máximo os procedimentos de *screening* direcionados ou por amostragem. Além do mais, o controle exige tempo, como bem sabe qualquer um que, num dia de partidas intensas, já tenha se submetido às intermináveis filas da *security check* de um aeroporto, às vezes até correndo o risco de perder o avião. Ninguém ressarce o pobre do passageiro, mas, para as mercadorias, tempo é dinheiro — dinheiro que uma empresa pode cobrar das autoridades alfandegárias. Se uma carga perecível ficar retida tempo demais e o seu monitoramento revelar que é composta apenas de frutas, flores ou peixes congelados, a empresa destinatária — por exemplo, uma grande rede de supermercados — pode exigir o reembolso do

prejuízo sofrido. Isso significa que ou são verificadas imediatamente ou é mais fácil que sejam liberadas sem o *screening*.

É exatamente isso que faz o Doctor Travel: ele estuda sistemas de controle e suas falhas para aproveitá-las. Detectores de última geração? Basta se equipar com papel-carbono. Posto na frente da carga, faz com que ela não apareça no monitor.

O trabalho de um analista de sistema deve avaliar uma enorme quantidade de variáveis complexas. Suponhamos a conveniência de pôr o pó escondido entre mercadorias perecíveis. Acrescentemos a regra elementar segundo a qual a carga de cobertura deve corresponder a um produto típico de exportação da zona de origem: então por que inserir quase sempre os tijolos que saem da América do Sul entre caixas de bananas? As bananas, com efeito, são uma mercadoria de cobertura recorrente pelas razões supracitadas, às quais se deve acrescentar o fato de terem um mercado muito amplo, constante ao longo de todo o ano. Mas, exatamente por isso, pode haver uma maior atenção às cargas de bananas. Além disso — ainda mais complicado —, o tal porto de destino pode ter sofrido uma baixa nas entradas que não é específica da importação de bananas, mas de outros tipos de produtos: é o que está se delineando com a crise. Assim, se a alfândega está menos congestionada, o cálculo probabilístico de que a banana passará rapidamente torna-se mais arriscado. Então é necessário alterar a programação, pensando não mais na velocidade da passagem pela alfândega, mas na originalidade e meticulosa perfeição da camuflagem. O analista de sistema, na prática, tem de estar constantemente atualizado sobre a situação em todos os portos e o andamento de todos os mercados de cada mercadoria utilizável como cobertura. Sua tarefa é vertiginosa, como se tivesse de trabalhar ao mesmo tempo para todas as empresas de importação e exportação de todo um continente, ou melhor, dois continentes, considerando-se que às expedições da América do Sul acrescentaram-se as da África ocidental. O catálogo das mercadorias de cobertura, assim como o dos símbolos impressos nos tijolos, seria de uma variedade impressionante.

Impossível mapear todas as mercadorias de cobertura utilizadas nos transportes. E ainda mais saber alguma coisa sobre elas quando o pó jamais foi descoberto.

Pequeno Polegar: o herói do tamanho do maior dedo da mão precisa se virar sozinho, sem ajudantes nem dotes mágicos, sem nenhum outro recurso além de sua mente atenta. É a figura mais adequada para simbolizar a disparidade de forças de quem empreende a luta contra o tráfico mundial de cocaína. Já faz anos que também me sinto assim e acompanho seu exemplo constantemente. Tento juntar todos os miolinhos de pão espalhados no denso bosque, recolher todas as migalhas de informações que possam me ajudar a atravessá-lo. No entanto, quanto mais tento olhar de perto o narcotráfico, à beira do esgotamento da obsessão, mais percebo que algo me escapa, ou melhor, continua a ultrapassar minha imaginação. Saber, conhecer, não basta. É preciso captar uma dimensão mais profunda, imprimir-lhe cada órgão, metabolizar a massa de noções até que se converta numa percepção natural, numa segunda visão. Senão, como entender que se enviem oito toneladas de cocaína num só contêiner de bananas e, ao mesmo tempo, encomende-se a produção de malas de fibra de vidro, resina e cocaína, das quais, após os procedimentos de recuperação, se extraem apenas quinze quilos? A primeira resposta é que quem perdeu aquela carga estratosférica teve sucesso na mesma operação em outras vezes. Nada garante que não são os mesmos que mandaram desenvolver os novos modelos em estilo Samsonite para os abastecimentos rápidos via aérea e como investimento de pesquisa para o futuro. Pois por trás de tudo isso há uma lógica, uma só: vender, vender, vender. Vender de qualquer maneira, com qualquer sistema, melhor muito do que pouco. Mas, mesmo sendo menos, muito menos, nem por isso se deixará de lado essa outra maneira de vender. Qualquer negócio é sempre um negócio, e não se deve perder a ocasião. Nenhum empreendimento é tão dinâmico, tão constantemente



inovador, tão devotado ao puro espírito do livre mercado quanto o empreendimento mundial da cocaína.

É por isso que o pó branco se tornou a mercadoria por excelência num momento em que os mercados começaram a ser dominados por títulos inflados de números vazios ou por valores, eles também imateriais, como os impulsionados pela *new economy*, que vendiam comunicação e imaginário. A cocaína, porém, continua a ser matéria. Ela usa o imaginário, dobra-o, invade-o, preenche-o com sua presença. Todos os limites que pareciam intransponíveis estão prestes a cair. A nova mutação já chegou e se chama cocaína líquida. A coca líquida pode se insinuar em qualquer objeto oco ou impregnar qualquer material absorvente, pode se misturar com qualquer bebida e qualquer produto de consistência cremosa ou líquida, praticamente sem nenhuma diferença de peso que a denuncie. Num litro de água pode-se dissolver meio quilo de cocaína. Ela já foi encontrada em xampus e loções cremosas, em tubos de espuma de barba, sprays para limpar vidros e passar roupa, frascos de pesticidas, soluções para lentes de contato, xaropes para a tosse. Viajou junto com abacaxis em lata, garrafinhas de leite de coco, em quase cinco toneladas de barris de petróleo e em duas toneladas de polpa de fruta congelada, impregnada em roupas, tecidos de decoração, lotes de jeans, telas de quadros, diplomas de uma escola de mergulho. Foi enviada pelo correio como jogos de banho e como chupetas infantis. Atravessou fronteiras em garrafas de vinho e cerveja e em bebidas variadas, desde a tequila mexicana para o coquetel margarita, até a cachaça brasileira para a caipirinha, mas principalmente em garrafas inteiras de rum, como o colombiano apreendido há menos de um mês deste momento em que escrevo, em Bolonha e em Milão: envelhecido três anos, marca Medellín. E, não bastasse a Cuba Libre, que contém muito mais cocaína do que álcool, encontraram cocaína até em garrafas de coca-cola. Porque ela pode se transformar em tudo. Mas permanece sempre igual.

## 15. A África é branca

A ilha de Curaçao, nas ex-Antilhas Holandesas e hoje em dependência direta dos Países Baixos, é perfeita para o turismo. Além de oferecer as praias limpas e os mares esmeralda típicos do Caribe, garante muitos meses de bom tempo por ano, porque fica fora das rotas ciclônicas. Um paraíso, em suma. O Donald Duck Snackbar, no povoado de Fuik, na parte meridional da ilha, também é um paraíso. Mas para os narcotraficantes. Entre um sanduíche e uma caipirinha, fala-se de negócios. Ultimamente, as conversas se referem sobretudo às modalidades de transporte de cocaína. A fiscalização se intensificou e a fantasia deve criar alternativas. É assim quando você passa anos seguindo os rastros dos narcotraficantes, estudando seus movimentos: acaba-se vendo as coisas já não pelo que são, mas pelo que eles poderiam fazer com elas. Não consigo mais olhar um mapa-múndi sem ver rotas de transporte, estratégias de distribuição. Não vejo mais a beleza de uma praça na cidade, pergunto-me se o lugar pode ser uma boa base para a venda no varejo. Não vejo mais a praia dourada, de areia finíssima, pergunto-me se ela pode ser um bom atracadouro para um carregamento importante. Não viajo mais de avião, olho ao redor e calculo quantas mulas podem estar a bordo, com o estômago cheio de cápsulas de pó. Assim raciocinam os *boss* do narcotráfico, e assim eu também acabei por raciocinar, procurando compreendê-los.

Isso acontece até com as fraldas. O que há de mais inocente do que uma fralda para bebês? No entanto, ela me faz lembrar a mulher das Antilhas que em 2009 foi detida no aeroporto de Amsterdam-Schiphol depois que a polícia encontrou mais de um quilo de droga escondido na fralda de sua menininha de dois anos. Existem gangues organizadíssimas que utilizam os próprios filhos para o tráfico de pó, inserindo cápsulas de cocaína líquida no interior das fraldas. Algo fácil de transportar e de esconder, porque mais difícil de detectar pelos raios X. Tem, contudo, suas desvantagens: se é verdade que a cocaína é muito solúvel, é igualmente verdade que o processo de cristalização para torná-la vendável é um custo adicional não desprezível. Também as pessoas com deficiências físicas são bem-aceitas. Quem imaginaria revistar um homem desprovido de pernas, numa cadeira de rodas? Ninguém, a não ser que o cão antidroga revele a presença de cocaína na estrutura da cadeira, como aconteceu a um jovem dominicano em setembro de 2011. Exemplos desse tipo podem se repetir ao infinito. Pó nos estojos das guitarras. Pó sob as vestes talares de um falso padre. Pó no estômago de dois labradores. Pó numa remessa de duzentas caixas de rosas vermelhas. Pó escondido no interior de insuspeitáveis charutos. Bombons e biscoitos recheados de pó. Pó dissolvido em saquinhos com produtos alimentícios. Pó líquido em camisinhas fechadas com um nó artesanal.

Existe uma escola em Curaçao. Os candidatos a mula vêm do mundo todo. Os narcotraficantes ensinam como acondicionar e ingerir as cápsulas sem se fazer mal; usarão o estômago deles como depósito para as travessias aéreas. Durante as primeiras fases do treinamento, as mulas engolem grandes bagos de uva, pedaços de cenoura ou banana, e depois camisinhas cheias de açúcar de confeitiro. Quando faltam duas semanas para a partida, a mula deve iniciar uma dieta que regularize o ciclo digestivo. O cardápio deve ser leve. Aliás, para manter dentro do corpo cápsulas com as dimensões dos estojinhos cilíndricos que contêm a surpresa do Kinder Ovo, é preciso limitar-se a frutas e verduras. Uma mula leva duas horas para deglutir e acomodar as cápsulas no fundo do estômago. Dói, dói muito.

Então a mula passeia, apalpa a barriga para fazê-las descer, ajuda-se com um pouco de vaselina ou, no máximo, de iogurte. O estômago é um recipiente a ser otimizado, e até meio copo d'água poderia roubar espaço. Um principiante consegue ingerir de trinta a quarenta cápsulas, um profissional tarimbado chega até a 120, mas o recorde parecer ser de um homem detido no aeroporto de Amsterdam-Schiphol em 2009 com 2,2 quilos de cocaína escondidos em 218 cápsulas.

Cada cápsula contém de cinco a dez gramas de pó. Se uma só das cápsulas se romper durante o voo, a mula morrerá de overdose, em meio a dores atrozes. Mas se chegar ao destino, aquela cocaína, que nas Antilhas custou cerca de 3 mil euros por quilo, será vendida a entre 40 mil e 60 mil euros por quilo, dependendo do país europeu de distribuição. Na rua chegará a 130 euros por grama. Por isso os portadores devem seguir regras rígidas: antes de ingerir as cápsulas tomam medicamentos como antieméticos, anticolinérgicos e antidiarreicos; e também durante o voo o cardápio deve ser rigoroso: leite, suco, arroz. A partir do momento da deglutição, a mula disporá de no máximo 36 horas antes de expeli-las e finalmente, como dizem os colombianos, *coronar*: em outras palavras, o encargo foi bem cumprido. É um termo que provém do jogo de damas, precisamente da fase em que uma peça alcança a linha de base do adversário e por isso é “coroadá”, tornando-se uma “dama”.

A Europa precisa de pó, muito pó. Ele nunca é suficiente. O velho continente se tornou a nova fronteira dos narcos. Entre 20% e 30% da produção mundial de cocaína pura acabam entre nós. De repente a cocaína atraiu uma nova clientela. Sua utilização, que até 2000 se limitava quase exclusivamente a camadas privilegiadas da população, agora se democratizou. Os adolescentes, antes distantes desse tipo de consumo, hoje são a fatia de mercado mais apetecível. Aos traficantes bastou simplesmente diversificar a oferta e inundar o mercado europeu de cocaína, baixando o preço. Hoje um grama de cocaína custa em torno de sessenta euros nas ruas de Paris, contra os cem de uns quinze anos atrás. Segundo o Observatório

Europeu das Drogas e das Toxicodependências, cerca de 13 milhões de europeus cheiraram cocaína ao menos uma vez na vida. Entre estes, 7,5 milhões têm entre quinze e 34 anos. No Reino Unido, o número de consumidores de cocaína quadruplicou em dez anos. Na França, a Agência Central para a Repressão do Tráfico Ilícito de Entorpecentes estima que o número de consumidores dobrou entre 2002 e 2006. O mercado já se estabilizou, tem seus consumidores e seus hábitos. A alma do comércio não é a publicidade, é o hábito. É a criação de necessidades, enraizadas a tal ponto nas consciências que já não são consideradas necessidades. Com o hábito do pó, nasceu na Europa um exército silencioso que marcha em fileiras cerradas, despreocupado e resignado, com uma dependência que se tornou costume, quase tradição. A Europa quer o pó, e os traficantes encontram todos os caminhos para fazê-lo chegar até lá.

Estou sentado diante de Mamadu, um rapaz africano de rosto gentil, mas decidido. Ele me conta que na realidade deveria se chamar Hope, esperança, mas depois seus pais descobriram que esse nome, em outras partes do mundo, era reservado às meninas. Nasceu quando seu país, a Guiné-Bissau, experimentava eleições multipartidárias pela primeira vez. No horizonte perfilava-se um futuro incerto mas cheio de expectativas, depois das feridas da guerra civil e dos repetidos golpes. Originária de Bissorã, sua família se transferira para Bissau, a capital. A história se repete, o progresso obriga a sacrificar as próprias raízes, a cidade se torna o Éden com que todos sonham. Mas a esperança com a qual os pais de Mamadu queriam abençoar o futuro do filho foi traída mais uma vez: guerra civil, golpe, atentados e pobreza endêmica mergulham o país numa imobilidade mortal. Mamadu aprende a arte de se virar, que desde a noite dos tempos é a profissão com maior número de praticantes, e começa a desenvolver a característica que muitos burocratas internacionais associam aos conterrâneos dele: a resignação.

Mas, de pouco tempo para cá, algo mudou. Seu continente se tornou branco. Tornou-se uma importante meta final para os narcotraficantes.

“Hoje seu país está no centro do mundo”, digo-lhe eu.

Mamadu ri e balança a cabeça com simétrica lentidão.

“Mas é claro”, insisto, “seu país comercializa um dos produtos mais procurados.”

“Por que zomba de mim, meu amigo?”, responde Mamadu, desta vez sério. “Que recursos? O caju, por acaso? Ou a praga dos gafanhotos?”

Na realidade a Guiné-Bissau, à semelhança dos países com os quais faz fronteira, é aquilo que os narcotraficantes buscam. A África é frágil. A África é ausência de regras. Os traficantes se insinuem nesses enormes vazios, aproveitando-se de instituições capengas e de controles ineficazes nos postos de fronteira. É fácil gerar uma economia paralela e transformar um país pobre num imenso armazém. Um armazém para uma Europa cada vez mais dependente do pó branco. Se a isso acrescentarmos o fato de que aos cidadãos da Guiné-Bissau, em virtude de seu passado colonial, é permitido entrar sem visto em território português, então o país de Mamadu é realmente o centro do mundo.

Mamadu me conta sobre aquele dia de 2009 em que por acaso se viu passando diante da residência do presidente da República, João Bernardo Vieira. De início, tomou os disparos por fogos de artifício, ele que sempre os temera, e se voltou na direção do barulho para tentar entender o que se passava. Mas só havia a confusa aglomeração de pessoas, abrindo-se desordenadamente, e dois veículos que zigzagueavam entre os transeuntes aterrorizados, cantando pneu. No chão, o corpo crivado de balas de um homem desconhecido. Somente no dia seguinte, vendo as chamadas dos jornais, Mamadu descobriu que se tratava do presidente da República. Muitos viram na execução do presidente a vingança, por obra dos militares, pelo assassinato, ocorrido na véspera, do chefe do Estado-Maior, Batista Tagme Na Waie. Outros interpretaram o atentado como revanche dos traficantes colombianos radicados no país pela destituição do contra-

almirante Bubó Na Tchuto, chefe da Marinha nacional, suspeito de cumplicidade com os cartéis da droga. Para Mamadu, foi simplesmente uma outra ferida.

Em 2007 a revista *Time* definiu a Guiné-Bissau como plataforma giratória, uma imagem que cai como uma luva. Um Estado não Estado que acolhe os narcotraficantes e distribui a mercadoria deles. É fácil, se ao largo você tem um arquipélago formado por 88 ilhas onde podem aterrissar pequenas aeronaves carregadas de droga. Uma zona franca para uso e consumo dos cartéis. Um paraíso terrestre praticamente desabitado e coberto por uma vegetação luxuriante, margeado por praias branquíssimas e riscado por pistas de pouso improvisadas. É a uma dessas pistas que chega o Cessna que mudará a vida de Mamadu. Os Cessnas são perfeitos para essa função: são ágeis e voam a uma altitude máxima de 2 mil metros, evitando ser identificados pelos radares. A bordo, a droga é atochada em caixotes de frutas empilhados um sobre o outro e nos interstícios da lataria do avião. Os narcotraficantes não temem os controles, quase ausentes. Em vez disso, como bons empresários, procuram otimizar cada remessa. A mercadoria é descarregada e transportada até a terra firme, de onde toma o rumo da Europa seguindo três grandes rotas: uma pela via terrestre, que passa pela costa atlântica da Mauritânia e pelo Marrocos, ou então através das trilhas saarianas, antes de subir pela Turquia e alcançar os Bálcãs; a clássica e mais batida via marítima, por meio de frotas comerciais de navios-contêiner privados nos quais são expedidas as grandes quantidades de cocaína; e por fim o tráfico aéreo, particularmente através de correios ou mulas que ingerem as cápsulas cheias de droga.

“Mula?”, perguntara Mamadu a Johnny.

“Mula, Mamadu. Você faz uma viagemzinha a Lisboa e depois volta. Não está contente?”

Quem lhe fala, recorda Mamadu, é um nigeriano malhado que há 25 anos vai e volta entre Abuja (Nigéria) e Bissau. Faz-se chamar de Johnny e é um velho amigo de seu pai, diz que pode ajudá-lo. Os pais de Mamadu voltaram

para a aldeia: se é para morrer de fome, mais vale morrer ao lado da própria família, no lugar onde se nasceu. Johnny se mantém de pé, em seu terno Alexandre McQueen falsificado, e, enquanto fala, toca Mamadu sem parar: os ombros, os braços, o peito. É um vendedor e sabe que, para colocar sua mercadoria, não basta ser convincente, convém construir um contato. Mamadu fica hipnotizado.

“Lisboa?”

“Lisboa, Mamadu. Um voo de algumas horas, depois você dá um giro pela cidade velha, segue alguns turistas e toma o voo de volta.”

Levar a droga à Europa é mais simples do que se pensa. Bastam um voo de linha, um passageiro e uma quantidade indefinida de cocaína, protegida em invólucros especiais no fundo do estômago. Claro, já aconteceu de os invólucros explodirem durante o voo e a mula passar horas de lancinante agonia, antes de aterrissar em Lisboa já cadáver. Mas a maioria das remessas chega a bom fim, até porque as cápsulas modernas são resistentes ao suco gástrico, a tal ponto que para abri-las, depois de expelidas, é necessário rasgá-las com uma faca. Antigamente eram usados preservativos, mas isso é pré-história.

“Tenho que voar?”

“E como é que você vai chegar à Europa, Mamadu? Nadando?”

Para os narcotraficantes, resolver os problemas de transporte é o desafio empresarial mais premente. Para fazer o pó chegar à costa ocidental africana, eles investiram muitos milhões de dólares na construção de uma verdadeira autoestrada, a A10, assim chamada porque a rota marítima viaja precisamente sobre o paralelo terrestre número 10. Na A10 o tráfego é sempre intenso, um constante vaivém do qual só se vê a ponta do iceberg, graças às apreensões mais espetaculares. Como aquela do *South Sea*, um cargueiro interceptado pela Marinha espanhola com 7,5 toneladas de cocaína a bordo. Ou como o do *Master Endeavour*, o grande navio mercante interceptado pela Marinha francesa com 1,8 tonelada de cocaína: os traficantes haviam esgotado o tanque destinado à reserva de água potável,



situado na parte posterior do navio, para esconder a preciosa mercadoria. Às vezes, porém, os cargueiros ou os pesqueiros ancoram ao lado da costa africana à espera de que embarcações menores, como veleiros e canoas, sirvam de transporte para levar o pó até a margem. Rotas comerciais percorridas dia e noite, que o reforço da vigilância marítima e a multiplicação recorde das apreensões deixaram em crise, a ponto de obrigar os narcotraficantes a mirar mais alto, optando por ágeis aeronaves. O caso mais clamoroso é o do Boeing 727-200 aterrissado numa pista improvisada em pleno deserto malinês e incendiado no local para não deixar rastros. As investigações desenvolvidas após o achado da carlinga do avião levaram a supor que os narcotraficantes estavam transportando cocaína e armas, e que os islamitas radicais haviam posto suas pistas clandestinas à disposição deles, para que chegassem à Argélia, ao Marrocos e ao Egito, fornecendo-lhes também jipes e caminhões. Dali, a droga deveria subir pela Grécia e pelos Bálcãs até chegar ao coração da Europa. Hipóteses reforçadas por algumas descobertas feitas meses mais tarde: o Boeing 727-200 tinha sido registrado na Guiné-Bissau, provinha do aeroporto internacional Tocumen, no Panamá, devia transitar pelo Mali para se reabastecer de combustível, não tinha autorização para voar e sua tripulação dispunha de documentos falsos, talvez sauditas. Diante da carcaça em chamas, os investigadores pensaram todos a mesma coisa: se os narcos podem se permitir livrar-se de um meio de transporte cujo valor é estimado entre 500 mil e 1 milhão de dólares, quanta cocaína eles conseguiram introduzir? Basta pensar que um avião daquelas dimensões pode conter até dez toneladas de pó.

Tornar-se mula requer preparação e ânimo forte. Há regras a respeitar e uma severa educação a impor ao próprio corpo. Mamadu aprende os segredos da profissão durante uma tarde sufocante no interior de um barracão abandonado, num bairro da periferia de Bissau. Johnny lhe pediu que se apresentasse com uma mala vazia. “Por que vazia?”, perguntou Mamadu, sem obter resposta. No centro do armazém há uma mesa comprida e baixa, sobre a qual estão alinhadas umas bolotas pouco maiores

do que normalíssimas aspirinas. Atrás da mesa, como um chef que expõe as próprias criações, Johnny acena a Mamadu para que avance, manda-o instalar-se na cadeira de plástico diante dele e colocar a mala sobre os joelhos.

“Abra. E me diga o que contém.”

Mamadu arregala os olhos e hesita.

“Não tenha medo. Abra e me diga o que contém”, insiste Johnny.

“Está vazia, senhor.”

Johnny balança a cabeça.

“Não”, diz, “está cheia. Você é um turista e leva consigo suas roupas, seus trajes. Se alguém como eu tiver a curiosidade de saber o que a sua mala contém, você deve responder assim. Esta é a primeira lição, a mais importante.”

Regras. Quem trabalha como mula deve ser principalmente um bom ator. Um turista é perfeito. Mas é melhor não carregar sobrepeso. Cápsulas demais de droga inflam a barriga e os agentes da alfândega já refinaram o olhar: os primeiros a ser detidos são homens gordos que viajam sozinhos e com uma bagagem de mão. Depois há o pagamento. Única e exclusivamente após a entrega. No passado, muitas mulas resolveram levar boa vida na Europa por alguns dias com o dinheiro dos narcos e as cápsulas de droga. Por fim, há o condicionamento físico.

“Simpatizei com você, Mamadu. Para você, só produto de primeira qualidade. Damos muita importância à saúde dos nossos colaboradores”, diz Johnny.

Mamadu é inexperiente mas não é bobo, e dá um suspiro de alívio quando descobre que deverá abrir somente a boca, e não outro orifício do próprio corpo.

“Simpatizei com você, Mamadu”, repete Johnny, “desta vez usaremos apenas a entrada principal.”

O treinamento é muito simples: começa-se com uma bolota e luta-se contra o instinto de regurgitá-la. A operação é repetida certo número de

vezes, até que a mula consegue engolir várias dezenas e caminhar como um jovem turista africano fascinado pela velha Europa. Mamadu está pronto.

A África está para o México tal como um imenso supermercado está para o atacadista de alimentos. A cocaína é como uma das epidemias que se difundiram por todo o continente africano em pavorosa velocidade.

A África é branca. O continente negro está sepultado sob uma camada de cândida neve.

É branco o Senegal e o aeroporto de Dakar, o Léopold Sédar Senghor. Estrategicamente é perfeito: não longe da Europa, não longe do mundo, graças às suas ligações com as capitais do globo. O pó deve se mover velozmente e aqui, no branco Senegal, encontra a energia para isso. Espanhóis, portugueses, sul-africanos. Estas são apenas três das nacionalidades às quais pertenciam as últimas mulas detidas no aeroporto Senghor a bordo dos voos de partida ou chegada. A técnica é sempre a mesma, ou seja, esconder a mercadoria nos lugares mais impensáveis, como o fundo duplo das malas. Quando, porém, o carregamento é bem mais consistente, então são necessárias embarcações, como a *Opnor*, que em seu ventre de ferro guardava quase quatro toneladas de cocaína destinadas ao mercado europeu, antes de ser interceptada pelas autoridades em 2007, ao largo da costa senegalesa. Porque o Senegal também é uma plataforma giratória, capaz de acolher toneladas de pó que depois serão tratadas, estocadas e encaminhadas.

É branca a Libéria. E sujaram-se de branco as mãos de Fumbah Sirleaf, filho da presidente liberiana. É ele que trabalha para a DEA americana, e é ele que contribui para a queda de uma organização que vê entre suas fileiras *boss* africanos e narcos colombianos.

É branco Cabo Verde, plataforma giratória por excelência. As dez ilhas que compõem esse arquipélago estendem a mão à América Latina, mantendo-se bem firmes ao largo da costa senegalesa. É o paraíso dos narcotraficantes.

Branco é o Mali. Brancos são os projetos de Mohamed Ould Awainatt, um empresário detido em 2011 à frente de uma organização que soube explorar o deserto como autoestrada para o Norte. Jipes e pó.

É branca a Guiné-Conacri. São brancos os tráficores de Ousmane Conté, filho do presidente que governou o país por 24 anos, detido em 2009 por narcotráfico internacional. Numa entrevista à televisão nacional, Conté admite nas entrelinhas estar envolvido no tráfico de drogas, mas nega ser o chefe do narcotráfico guineano. Seu irmão, Moussa, também é detido, e dois anos depois tem início um grande processo que envolve inclusive alguns mandachucas. Mas quase todos os acusados, entre os quais Ousmane Conté, serão absolvidos. Corrupção e instituições capengas. Nesses interstícios enfiam-se os narcotraficantes.

É branca a Serra Leoa. Frágil, pobre, ferida pela guerra civil até o advento da democracia em 2002. É branco o Cessna que em 2008 devia transportar auxílios médicos, mas em vez disso camuflava mais de cinquenta quilos de cocaína.

É branca a África do Sul, são brancos sua costa e seus portos, aonde chegam navios da América Latina. Brancos são os hábitos desse país, que com o aumento da riqueza viu disparar também o consumo interno.

É branca a Mauritânia. São brancas suas pistas poeirentas onde aterrissam pequenas aeronaves lotadas de pó. É o eixo entre o oceano Atlântico e o Magreb.

Angola é branca, porque branco é seu vínculo com o Brasil. Ex-colônias portuguesas irmanadas pelas remessas transoceânicas de pó. Aqui, como no sul da África, boa parte do mercado é gerida pelos nigerianos, que exibem uma importante história criminal e uma das estruturas mais organizadas do mundo.

A África é branca.

Olho Mamadu e penso em como as histórias individuais podem refletir o destino de um continente inteiro. Ele me diz que o mais difícil foi aprender a

controlar o estresse. Inventar um outro eu, o mais semelhante possível aos poucos turistas vistos em sua breve vida. A conscientização precisa ser cristalizada em hábito, a rotina do gesto deve suplantar a resposta automática do instinto diante do perigo. Johnny marca encontro com ele em frente ao posto de polícia de Bissau. Não lhe diz para levar uma maleta, porque desta vez é Johnny quem se apresenta com uma elegante pasta de executivo. Ele a entrega a Mamadu, quando este se aproxima, e lhe diz que dentro há 5 mil dólares americanos.

“Você é um qualquer. É um rapaz com uma pasta nova em folha e cheia de dinheiro. Entra no posto de polícia, troca umas palavrinhas com os agentes e depois sai tranquilamente, como se nada tivesse acontecido.”

“Eu tinha certeza de que ele estava brincando”, me diz Mamadu. “Se os agentes me pegassem com uma pasta cheia de dinheiro, como eu justificaria isso?”

Mas Johnny não está brincando, em absoluto. Mostra-se estranhamente sério, até o sorriso conciliador com o qual costuma circular está escondido pelos lábios apertados.

“Criei coragem”, conta Mamadu, “torci para que fosse a última prova a enfrentar, antes de começar o novo trabalho. E transpus a soleira do posto de polícia.”

Johnny é o perfeito expoente da estrutura delinquente mais eficaz e confiável do continente africano: o crime organizado nigeriano.

O crime organizado nigeriano é uma força internacional que explora o enraizamento no território para desenvolver-se nos quatro cantos do mundo. Se, de um lado, são grupos médio-pequenos, frequentemente constituídos a partir do círculo familiar e étnico, de outro as ramificações de seus interesses alcançam as praças mais importantes da droga. É um mix perfeito entre tradição e modernidade, que permitiu aos nigerianos instalarem-se em todas as capitais africanas, de norte a sul, e expandirem-se além do continente, inclusive graças à experiência acumulada com o comércio de heroína nos anos 1980. Os voos internacionais são lotados de

mulas, e quando estas não bastam os traficantes nigerianos remuneram diretamente o pessoal de voo. Depois chega a cocaína e os nigerianos se lançam no novo negócio. A Europa deve ser abastecida e os africanos estão prontos. Tão prontos que começam a obter o pó diretamente dos países produtores. Hoje, sua presença na Europa é maciça, e eles são requisitadíssimos pelos narcos colombianos e mexicanos, assim como pelas máfias italianas. Um dos arquétipos é Peter Christopher Onwumere. Antes de ser detido no Brasil, em 1997, Onwumere dera provas de ser um verdadeiro traficante internacional. Contratava, comprava, organizava os transportes e, sobretudo, faturava. Os nigerianos são subempreiteiros fenomenais e sabem onde encontrar buchas de canhão, como Mamadu.

“Nunca esquecerei minha primeira decolagem”, conta Mamadu. “O baque no estômago, a respiração suspensa. O passageiro sentado ao meu lado sorri para mim, paternal, quando me vê unir as mãos numa prece; não sabe que estou apenas pedindo a Deus que não deixe explodir uma das sessenta cápsulas que levo no corpo. É um voo da Royal Air Maroc, com escala em Casablanca, e depois Lisboa. Digo a mim mesmo que em poucas horas tudo estará terminado. Não consigo evitar pensar em quanto será doloroso expulsar as cápsulas, ou em como vou sobreviver por um dia inteiro numa capital europeia desconhecida. Meus olhos pousam ansiosos sobre os turistas embarcados em Casablanca. Se eu levasse pendurado no pescoço um cartaz escrito ‘Sou um correio da droga’, penso, talvez estivesse menos reconhecível entre esses homens e mulheres de bermudas e sandália de dedo, sorridentes e descontraídos, com suas máquinas fotográficas ao pescoço. Depois, como um lampejo, um pensamento inesperado, expulso o medo. São esses os consumidores do troço que levo dentro de mim? São eles os meus clientes? E então começo a olhar de maneira diferente o desconhecido da fileira central, um sujeito gordo que usa a barriga para acomodar os braços cruzados. A mulher ao seu lado, também parruda, atormenta-o com palavras que devem ser importantes, mas ele finge que não é nada, ou então adormeceu. Voltam-me à memória as palavras de Johnny

sobre os efeitos da cocaína e imagino que devem ser esses os dois estágios principais: a euforia e o esquecimento.”

Impressiona-me a consciência deste jovem, sua capacidade de ver.

“Fiz dezenove viagens de Bissau até Lisboa, Madri, Amsterdam. Pode-se dizer que tenho um trabalho por tempo indeterminado, ao menos até ser flagrado, ou até que uma cápsula mais frágil do que as outras se abra dentro de mim. Já compreendi que sou um recurso sacrificável. É por isso que os chefes confiam em gente como eu, embora seja mínima a quantidade de mercadoria que posso transportar. Se eu for preso, logo no dia seguinte haverá outro, já pronto.”

Mamadu recebeu seu primeiro pagamento depois de três viagens. A cada vez Johnny enrolava, dizia que não tinha dinheiro com ele e que, se Mamadu continuasse a ser tão eficiente, em pouco tempo aqueles trocados seriam uma pálida lembrança. Em compensação, volta e meia Johnny lhe oferecia uma fileira, só um tirinho, porque segundo ele deve-se conhecer o produto que se comercializa. Um pouco de pó branco dá a você a coragem para enfrentar a alfândega e os olhares maliciosos das mulheres europeias. Não que Mamadu precise de pó, pois já aperfeiçoou seu mimetismo: é africano até Casablanca, turista pelo resto do trajeto. O turista não tem nacionalidade, é uma atitude, e a essa altura pouco importam a cor da pele, os olhos vermelhos, as roupas amarrotadas. O medo da primeira viagem se dissolveu na rotina. Nem mesmo as notícias sobre a intensificação dos controles ou a maré montante das apreensões o afloram. No entanto, há anos os países europeus aumentam seus esforços para deter o comércio contínuo de pó. Os governos decidiram golpear no coração o tráfico ilícito, a lista de detenções e apreensões aumenta a cada dia. Mas, para Mamadu, são apenas fatos e nomes que não lhe concernem, como não lhe concerne o novo método empreendido por algumas mulas: impregnar as roupas com cocaína líquida. Ele já expela as cápsulas como se fossem biscoitos. E também não pode desistir logo agora. Johnny lhe disse que, em seu próximo voo, trabalha

uma comissária de bordo que faz parte da organização, cuida de facilitar a atividade das mulas.

“É uma moça bonitinha”, sugeriu Johnny, “e parece que terminou recentemente um namoro. Você poderia convidá-la para sair.”

“Fiz as contas”, me diz Mamadu. “Na trigésima entrega, já devo ter economizado grana suficiente para oferecer a ela um jantar num restaurante chique de Lisboa.”



# Cocaína # 7

## *Quadros de artesanato andino*

21 de janeiro de 2005, aeroporto de Fiumicino. Detido: cidadão da Guatemala. Em sua bagagem, encontrados cinco quadros com motivos pré-colombianos. Em cada um deles, um envelope com um quilo de cocaína com 92% de pureza, no valor de 1 milhão de euros.

## *Peles de bezerro curtidas e semicurtidas*

14 de setembro de 2005, porto de Livorno. Apreendido o navio *Cala Palma*, que havia partido do porto venezuelano de La Guaira. Entre as peles de bezerro dessecadas, curtidas e semicurtidas que ele transporta, encontrados 691 quilos de cocaína colombiana com 98% de pureza.

## *Estátuas da Virgem Maria*

30 de março de 2006, Brooklyn, Nova York. A DEA detém onze pessoas por contrabando de cocaína. Haviam escondido a preciosa mercadoria — 194 quilos — em algumas estátuas da Virgem Maria destinadas a igrejas e cemitérios.

## *Portas de madeira*

24 de fevereiro de 2007, Guildford, Surrey, Grã-Bretanha. Paul Sneath, rapaz inglês de boa família, é condenado a dezoito anos por ter introduzido

dezessete quilos de cocaína em seu país. Adquirira portas artesanais entalhadas com papagaios exóticos e as havia feito recheiar com folhas de compensado embebidas em cocaína líquida. No mercado, a droga renderia cerca de 3 milhões de libras esterlinas.

#### *Estátua de Jesus Cristo*

30 de maio de 2008, fronteira de Novo Laredo, na divisa com o Texas. Detida uma mulher mexicana pelos fiscais da alfândega. Na grande estátua de Jesus Cristo que ela esconde na bagagem, os agentes descobrem três quilos de cocaína.

#### *Abacaxis de mentira*

22 de agosto de 2008, Nápoles. O ROS, coordenado pela DDA de Nápoles, apreende numa casa de Poggiomarino cem quilos de cocaína puríssima, escondidos em reproduções de abacaxis em cera. Valor: 40 milhões de euros.

#### *Lulas*

Janeiro de 2009, porto de Nápoles. Durante um controle de rotina, a Polícia Fiscal descobre quinze quilos de cocaína entre os 1600 caixotes de lulas transportados por um navio proveniente do Peru.

#### *Livros para crianças*

9 de abril de 2009, aeroporto Cristoforo Colombo, de Gênova. Uma moça italiana de 21 anos é detida depois de retirar um pacote proveniente da América do Sul, contendo livros infantis. No interior, trezentos gramas de cocaína.

#### *Ceiba speciosa*

30 de abril de 2009, porto de Vado Ligure, Savona. A Polícia Fiscal de Nápoles intercepta um carregamento de árvores tropicais da espécie *Ceiba speciosa*, conhecida na América Latina como *palo borracho*, árvore bêbada,

paineira em português. Conhecidas por seus troncos retorcidos e inchados, as árvores escondiam 250 quilos de cocaína.

### *Malas*

2 de junho de 2009, aeroporto de Santiago do Chile. Uma moça argentina de 26 anos, Sandra Figueroa, chama a atenção dos aduaneiros. As malas que ela arrasta são muito pesadas. Submetidas a análises químicas, constata-se que são feitas de fibra de vidro, resina e cocaína, num total de quinze quilos de substância entorpecente.

### *Tubarões congelados*

17 de junho de 2009, porto de Progreso, estado de Yucatán, México. Oitocentos tijolos de cocaína são apreendidos pela Marinha mexicana. Estavam escondidos na carcaça de cerca de vinte tubarões.

### *Contêineres*

21 de junho de 2009, Pádua. Os *carabinieri* de Pádua, graças à ajuda dos cães antidroga, descobrem cerca de quatrocentos quilos de cocaína em contêineres de bananas e abacaxis a bordo de um reboque.

### *Troncos de madeira de qualidade*

22 de julho de 2009, Calábria. Desmascarada a rede dos irmãos Maesano. Graças à sua sociedade de importação-exportação, eles expediam para a Bolívia um contêiner por mês com material para o corte de florestas e o faziam retornar cheio de troncos de madeira cara, cada um deles recheado com pelo menos cem quilos de tijolos de cocaína.

### *Empilhadeiras*

15 de novembro de 2010, porto de Gioia Tauro. No âmbito da Operação Meta 2010 é inspecionado um contêiner não documentado, proveniente do Brasil, contendo empilhadeiras para uso agrícola. Com sofisticados

equipamentos de controle, detectam-se anomalias na confecção dos tubos de metal que compõem as estruturas. Abrindo-se cada tubo com maçarico, são extraídos mil tijolos: um carregamento total de uma tonelada.

#### *Cabine de comando do avião*

1º de fevereiro de 2011, aeroporto de Fiumicino. Dois suspeitos, técnicos aeroportuários, são interrogados por policiais aduaneiros, desconfiados de seu comportamento, e confessam ter querido roubar objetos preciosos do compartimento de carga do avião, depois que este aterrissou, proveniente de Caracas. Mas os investigadores, alarmados pela agitação dos cães antidroga, descobrem trinta tijolos de cocaína — 35 quilos de pó — enfiados nos painéis do quadro de instrumentação.

#### *Peixe congelado*

19 de março de 2011, porto de Gioia Tauro. Interceptado um contêiner transportado por um cargueiro proveniente do Equador. Esconde 140 quilos de pó puríssimo, em meio aos peixes congelados.

#### *Palmito*

8 de abril de 2011, porto de Livorno. Os *carabinieri* de Roma apreendem um contêiner transportado por um navio vindo do Chile. Nas latas de palmito encontraram 1,2 tonelada de cocaína.

#### *Livro de receitas*

Outubro de 2011, aeroporto de Turim. É apreendido um pacote expedido do Peru, via Frankfurt. Dentro há um livro de receitas, cujas páginas estão revestidas de cocaína. Pesa quinhentos gramas. O destinatário do pacote, um italiano, é detido: em seu quarto são encontrados, além da droga, utensílios para a confecção das doses, algumas pequenas balanças e uma prensa para a embalagem dos tijolos. As investigações posteriores levaram a

desmascarar uma rede criminoso que traficava cocaína do Peru para a Itália, passando pela Alemanha.

### *Café*

27 de outubro de 2011, porto de Barcelona. A Guarda Civil realiza com sucesso a maior apreensão de droga já efetuada no porto de Barcelona: 625 quilos de cocaína escondidos num contêiner que transporta café.

### *Aspargos em lata*

10 de dezembro de 2011, Lima, Peru. Quinhentos litros de cocaína líquida, no valor de 20 milhões de dólares, foram apreendidos numa habitação de um subúrbio de Lima. A substância estava contida na salmoura de aspargos enlatados.

### *Próteses nos seios e nos glúteos*

21 de dezembro de 2011, aeroporto de Fiumicino. Detida uma modelo espanhola, proveniente de São Paulo, Brasil. Durante a revista são encontrados em seu corpo 2,5 quilos de cocaína pura, inseridos em próteses de seios e glúteos.

### *Flores para são Valentim*

Fevereiro de 2012, porto de Hull, Grã-Bretanha. Apreendidos 84 quilos de cocaína escondidos em caixotes de flores adquiridas por um florista inglês para o dia de são Valentim, o Dia dos Namorados em vários países. O homem tinha ido comprar pessoalmente a mercadoria fresca na Holanda, embarcara no porto de Rotterdam e estava justamente carregando o caminhão. A polícia britânica percebeu que três caixotes pesavam cinco vezes mais do que os outros.

### *Genitália*

Abril de 2012, Folcroft, Pensilvânia. Ray Woods, um rapaz de 23 anos da Filadélfia, é detido pela polícia numa conhecida zona de tráfico. Revistado, de sua cueca emergem 48 papélotes de pó metidos numa sacola presa diretamente ao pênis.

#### *Legumes, alumínio, produtos alimentícios*

7 de junho de 2012, porto de Gioia Tauro. A Polícia Fiscal apreende trezentos quilos de cocaína puríssima a bordo do navio mercante MSC *Poh Lin*, vindo da América do Sul. A droga se encontrava em nove bolsas pretas acomodadas em três contêineres, entre produtos alimentícios, legumes e refugos de alumínio destinados a empresas do Norte da Itália que normalmente não importam essas mercadorias.

#### *Amendoins*

8 de junho de 2012, porto de Gioia Tauro. Descobertos 630 quilos de cocaína num contêiner proveniente do Brasil. A droga estava distribuída em 580 tijolos, metidos em dezesseis bolsas escondidas no meio de um carregamento de amendoins.

#### *Socorro médico para as zonas atingidas pelo terremoto*

8 de junho de 2012, porto de Gênova. Os *carabinieri* descobrem, escondido entre os instrumentos médicos destinados a uma empresa de Emilia Romagna gravemente danificada pelo terremoto, um carregamento de cocaína cujo valor ultrapassa 1 milhão de euros. O contêiner, proveniente da República Dominicana, despertou as suspeitas dos investigadores porque em geral os dispositivos médicos vêm da China.

#### *Açúcar*

15 de junho de 2012, porto de Londres. Às portas da capital, num dos terminais portuários no Tâmesa, é apreendida uma remessa de cocaína de

trinta quilos, escondida num carregamento de açúcar que havia viajado num navio cargueiro proveniente do Brasil.

#### *Pelame*

22 de julho de 2012, Portugal. A polícia portuguesa detém um empresário de Vicenza, ativo no setor do curtume. No contêiner que ele fez vir do Brasil, os investigadores encontram 120 quilos de cocaína escondidos entre as peles.

#### *Cacau*

23 de agosto de 2012, porto de Antuérpia. A bordo de um navio-contêiner proveniente do Equador, as autoridades belgas descobrem pouco mais de duas toneladas de cocaína enfiadas nos sacos de juta que contêm sementes de cacau. Destinada a um armazém de Amsterdam, a droga teria um valor de mercado de 100 milhões de euros.

#### *Parquê*

23 de agosto de 2012, porto de Cacupemí, Paraguai. Apreendidos 330 quilos de pó enfiados entre os cortes irregulares de madeira de piso transportados por um navio-contêiner pronto para zarpar do porto privado de Cacupemí, no rio Paraguai. Detido: um aduaneiro corrupto.

#### *Frango assado*

3 de setembro de 2012, aeroporto de Lagos, Nigéria. Vindo de São Paulo, Brasil, onde havia trabalhado nos últimos cinco anos, um engenheiro nigeriano é detido na alfândega. Escondidos entre as sobras de frango assado que ele trouxe consigo para a viagem, a polícia descobre 2,5 quilos de cocaína.

#### *Cabelos*

26 de setembro de 2012, aeroporto John F. Kennedy, Nova York. Kiana Howell e Makeeba Graham, duas jovens negras vindas da Guiana, ex-colônia britânica na América do Sul, despertam as suspeitas dos agentes aduaneiros. Revistadas, sob o penteado são descobertos dois tijolos de cocaína de aproximadamente um quilo cada um.

#### *Grãos-de-bico*

12 de outubro de 2012, porto de Gioia Tauro. Interceptados cem quilos de cocaína vindos do México no navio *Bellavia*, enfiados em vários sacos de grãos-de-bico que oficialmente deveriam terminar sua viagem na Turquia.

#### *Balões de festa*

14 de outubro de 2012, porto de El Limón, Costa Rica. Durante um controle de rotina num cargueiro ancorado no porto de El Limón, no mar do Caribe, os agentes antidroga descobrem 119 quilos de cocaína escondidos entre os balões multicoloridos habitualmente usados em festas infantis de aniversário.

#### *Camarões e bananas*

18 de outubro de 2012, Milão. A DDA de Milão detém cinquenta pessoas ligadas a uma grande rede de importação de cocaína destinada à Itália, Bélgica, Holanda, Áustria e Alemanha. Os carregamentos, escondidos entre camarões congelados ou caixas de banana, chegavam da Colômbia e do Equador, tanto de navio quanto de avião, sendo desembarcados nos portos de Hamburgo e Antuérpia, assim como no aeroporto de Viena. O tráfico era administrado pelas ramificações lombardas das mais poderosas famílias calabresas — os Pelle de San Luca, os Morabito de Africo, os Molè de Gioia Tauro.

#### *Batatas-doces*



19 de outubro de 2012, aeroporto de Paramaribo, Suriname. Desconfiados do peso excessivo de seis sacos de batata-doce que partiam do aeroporto Johan Adolf Pengel, a principal escala da ex-colônia holandesa na América do Sul, os agentes aduaneiros descobrem sessenta quilos de cocaína dentro dos tubérculos.

### *Tapetes*

27 de novembro de 2012, Milão. Os *carabinieri* do comando provincial detêm 53 pessoas, cidadãos italianos e colombianos, sob a acusação de narcotráfico, posse ilegal de armas, receptação e reciclagem. A rede, baseada em Cesano Boscone, impregnava de cocaína líquida a lã dos tapetes importados: uma vez chegados a Milão, eles eram lavados com produtos especiais e a substância emergia das fibras para ser filtrada e secada.

## 16. Quarenta e oito

Você sonha. Sua vida mais informe, a mais profundamente sua. Dinheiro ou sexo. Seus filhos e seus mortos que, no sonho, revivem. Sonha que cai no infinito. Sonha que é estrangulado. Sonha com alguém do lado de fora da porta, que quer entrar ou já entrou. Sonha que está trancado, ninguém o liberta, você não consegue sair. Sonha que querem prendê-lo, mas você não fez nada.

Não há nada verdadeiramente seu nos sonhos e nos pesadelos. São a tal ponto iguais aos de todos os seres humanos que, em Nápoles, você poderia usá-los para apostar nos números da Loto. 'E *Gguardie*, a polícia, 24. 'E *ccancele*, a prisão, 44. 'O *mariuolo*, o ladrão, 79. 'A *fune nganno*, a corda no pescoço, 39. 'A *caduta*, a queda, 56. 'O *muorto*, 47. 'O *muorto che parla*, 48. 'A *figliolanza*, a filharada, 9. 'E *denare*, o dinheiro, 46. Para o sexo, você tem o embaraço da escolha. Por exemplo: *Chella ca guarda 'nterra*, aquela que olha para o chão, a xoxota, 6. 'O *pate d'e criature*, o pai das criaturas, o pênis, 29. 'O *totaro dint'a chitarra*, a lula dentro da guitarra, 67, quando homem e mulher se unem.

Eu também tenho esses sonhos. Quando começam bem, transformam-se em pesadelos. Quando são pesadelos desde o início, têm pouquíssimo de onírico. São os meus dias que ocupam também a noite, os cerca de 2310 dias que se passaram desde que comecei a viver sob escolta. Aprendi a esquecer os sonhos. Quando eles me acordam, no máximo me levanto para tomar um

copo d'água. Depois tenho dificuldade para adormecer de novo, mas com alguns goles expulsei os pesadelos. Todos, menos um.

Grito, continuo gritando, grito cada vez mais forte. Ninguém parece me escutar. É a variante do pesadelo no qual você quer berrar mas não lhe sai nada. Neste, a voz não chega a faltar, mas para os outros é inaudível. Conhece esse sonho? Se você quiser apostar nele, não sei bem qual número lhe sugerir. Há o pranto, 65, o lamento, 60, o medo, que é 90. Mas não estão previstos berros na cabala da cidade onde sempre se berra. Experimente apostar talvez na boca, número 80. Eu não jogo nunca, porque isso que acabo de confidenciar é a continuação mais imediata da realidade no território subtraído à consciência.

Escrevo sobre Nápoles, conto sobre Nápoles. Você tapa os ouvidos. Quem sou eu, que ocupo espaço e cenário para descrever aquilo que não estou vivendo? Não posso compreender, não tenho direito de falar. Já não sou parte do corpo de uma cidade-mãe que acolhe em seu calor brando e luminoso. Nápoles deve ser vivida e pronto. Ou você está nela ou não está. E, se está fora, não é mais de Nápoles. Como algumas cidades africanas ou sul-americanas, Nápoles lhe dá logo cidadania. Uma cidadania que, no entanto, você perde quando vai embora e cria uma distância entre sua pele e seu juízo. Não pode mais falar dela. Isso lhe é proibido. Você deve se manter dentro, do contrário receberá sempre e unicamente uma resposta: “O que você sabe disso?”

Eu sei que em Nápoles o número mais seguro no qual apostar é sempre o 62, o morto assassinado. Eu sei que a própria cidade trata esses mortos por homicídio quase como o 48, morto que fala, aquele que sinto ter me tornado para ela. Nápoles os desvincula, expele-os. É gente que está fora, em Scampia, em Secondigliano, nas outras comunas ao norte atacadas pela vingança deflagrada depois de anos de homicídios sucessivos. Como Andrea Nollino, estraçalhado pelas rajadas disparadas de uma moto quando estava abrindo seu bar em Casoria. Dia 26 de junho de 2012, 7h30. Ou Lino Romano, que em 15 de outubro de 2012 vai buscar na estação a noiva que

voltava do casamento de uma prima em Modena, daquela festa que ele também sonhava poder oferecer-lhe logo. Lino acompanha Rosanna até em casa e entra para cumprimentar os pais dela. Assim que ele sai, vem imediatamente o fragor dos disparos, muito perto, bem ali embaixo, na rua. Lino morreu enquanto ligava seu carro para ir encontrar os amigos do futebol soçaite. Eram 21h30. Chuva, escuridão noturna, seu Clio preto, como há tantos iguais. Talvez você mesmo dirija um, mas você não é noivo de uma jovem de Marianella, aglomerado de enormes prédios na linha de fogo entre Secondigliano e Scampia.

Parece-lhe um filme já visto, uma história já escutada. Você leu o caso de um rapaz de sobrenome quase idêntico, Attilio Romanò, assassinado na loja de telefonia onde trabalhava. Viu como distribuem o pó dentro das “Vele”,\* como matam sem nenhuma força dramática do gesto, como traem uns aos outros. Impressionou-se com a cena em que meninos são treinados a atrair os tiros. Agora já não têm cerca de dez, doze anos. Agora são eles a atirar e morrer.

Mas você já fez sua parte, eu já fiz a minha. Você leu o meu livro, viu o filme que extraíram dele. É culpa minha, se agora continuo gritando e tenho a sensação de que já ninguém está disposto a me ouvir. Culpa minha, se as matérias que continuo a dedicar ao sangue derramado pelas praças do pó deslizam para o pé no site do jornal. Culpa minha se há tempos, em minha página do Facebook, os status mais clicados e compartilhados se referem a assuntos diferentes das dinâmicas que se defrontam às portas de Nápoles. Não se pode manter acesa a atenção por muitos anos sobre o mesmo cenário, há outras questões que parecem mais importantes ou simplesmente novas. Culpa minha se negam permissão para gravar in loco a ficção de TV inspirada em *Gomorra*, protestando com a faixa “SCAMPIAMOCI da Saviano”\*\* e cartazes pregados por toda parte que gritam: “Quem especula sobre Nápoles é culpado de tudo!”. Irriguei com o sangue de Nápoles os ouvidos de meio mundo, mas em Scampia nada mudou. Portanto, culpado, culpado de tudo. Culpado pelos novos *killers* que têm no corpo toda a ferocidade da

idade superjovem, potencializada pela cocaína para matar o enésimo parente de um afiliado ao grupo rival. Culpado pelos lucros milionários pelos quais todas essas vidas continuam a ser canceladas. Até mesmo pelas vítimas como Lino e Andrea.

Ao seu redor comprimiu-se todo o bairro e também uma parte mais extensa da cidade. Milhares gritaram a inocência delas, não as deixaram sozinhas, acompanharam-nas na viagem extrema que se seguiu à extrema injustiça. Não é verdade que as guerras de máfia gerem apenas medo, cinismo, lei do silêncio, indiferença. Geram também uma empatia especial, primária: porque você é obrigado a se reconhecer em Lino, em Andrea, em Rosanna, nos pais deles, irmãos, amigos e colegas. Ou porque você talvez tenha também algum primo que por sua vez é primo de algum dos “divisionistas” ou dos “Girati”, como é chamado um dos grupos que se separaram do cartel vencedor da vendeta contra os Di Lauro. A próxima vez poderia caber a você. Podia ser seu filho ou sua filha naquele 5 de dezembro de 2012, quando Luigi Lucenti, dito “o Chinês”, o Chinês, tentou escapar de um atentado refugiando-se no pátio da escola maternal Eugenio Montale, em Scampia, enquanto as crianças ensaiavam lá dentro a apresentação de Natal. Ele devia reabrir a praça de tráfico da zona conhecida como “Cianfa di Cavallo” [Pata de Cavalo] e foi assassinado. Bastaria que isso tivesse acontecido um pouco mais tarde, quando os alunos que não ficam para o almoço são buscados por mães e avós, e a morte de alguma criança da escola seria muito provável. Você podia ter perdido ali um filho, uma esposa, uma mãe. Mas teve sorte, só precisa se preocupar com os pesadelos do garotinho, talvez com o xixi que ele começa a fazer na cama depois que você conseguiu lhe tirar a fralda. Você continua dizendo para si mesmo que graças aos céus não aconteceu nada, mas não basta. E então, quando a oportunidade se apresenta, consegue encontrar forças para reagir, para se agrupar, para gritar junto com os outros que foi derramado o sangue de quem merecia viver e não morrer.

Esses gritos são de Nápoles, são por Nápoles. É o corpo da cidade que se compacta em torno da ferida. Apesar de tudo, sinto alívio ao saber que isso também acontece assim, por um fluxo de energia vital bombeada por uma descarga de raiva e medo, e não só pela contração espástica com a qual o intruso atravessado na garganta é expectorado. Mas a lógica pela qual eu, que contei sem resolver, seria culpado não só por alguma coisa, e sim por tudo, não pertence a um horizonte muito diferente daquele que impele as pessoas na rua a rebelar-se. É a lógica de quem está dentro e quem está fora. O que estabelece esse fora e esse dentro não é somente o certificado de residência. Eles são determinados pelo que acontece, pelo que naqueles lugares continua acontecendo desde sempre. São determinados pela experiência da vendeta. Só quem a vive pode compreender, só quem a experimenta é incluído. A lógica de guerra sabe se proteger erguendo muros de defesa inabaláveis.

Tentei encontrar um modo de conviver com a consciência de que minhas palavras sobre Nápoles, de um lado, ressoam com voz cada vez mais débil por mais que eu grite, e, de outro, aquele mais doloroso que vem da própria cidade, de que elas são rejeitadas como ilegítimas. Passei anos estudando e buscando em outros lugares tudo o que eu havia conhecido em Scampia e Casal di Principe, a fim de ampliar o visual, de dar à minha obsessão todo o espaço do planeta, talvez tentando também a única via de fuga possível para mim, a fuga para diante.

O que são os mortos assassinados de Scampia e arredores em comparação com os de Ciudad Juárez? Quanto vale o único supermercado a céu aberto da droga na Europa em relação aos tráficos geridos pelas famílias da Locride? Um 'ndranghetista talvez nem se desse ao trabalho de responder. Os calabreses, como emerge de muitos grampos telefônicos, desprezam os napolitanos. Gente que se massacra com demasiada frequência por muito pouco, espalhafatosa demais, desordenada demais. *Boss* que ostentam carros e mulheres, sempre embonecados e grifados, dos sapatos à roupa íntima.

Clãs que em menos de oito anos produziram bem umas duas gerações de homens que comandam.

O mais velho dos chefes dessa nova fase é chamado de F4, que corresponde a “filho quatro”. Marco Di Lauro sucedeu a Cosimo, Vincenzo e Ciro, todos presos. Como foragido, está se revelando digno herdeiro de seu pai, Paolo; nenhum erro, perfil discreto, nada de drogas, apenas uma paixão por carros envenenados e pela higiene pessoal. No entanto, já o espera uma prisão perpétua à qual foi condenado justamente como mandante da morte de Attilio Romanò, ocorrida em 24 de janeiro de 2005, menos de três dias após a prisão de seu irmão Cosimo. F4 tinha 24 anos quando se manchou de sangue inocente.

Em seguida vêm Rosario Guarino, 29, e Antonio Mennetta, 28 anos, os chefes dos “Girati” que sequer possuem um nome de família, mas só o do lugar de onde partiram para a conquista: via Vanella Grassi, um beco sem saída no centro histórico de Secondigliano.

O primeiro é apelidado de Joe Banana porque um amigo lhe teria dito: “Ah, você está ficando muito gordo. Come bananas demais, como Bud Spencer no filme”. O segundo é conhecido como “Er Nino” (em versão romana) ou “El Niño” (numa versão espanhola, mais exótica), e, pelo que contam os *pentiti*, os arrependidos, teria feito parte de uma tropa de choque dos Di Lauro durante a primeira vendeta, para depois aderir aos divisionistas. Se for verdade, começou a atirar logo depois de alcançar a idade exigida para obter carteira de habilitação. Aliás, pelo homicídio de um outro *boss* de 27 anos do mesmo grupo foi detido um adolescente de apenas dezessete anos, Alessandro, também pertencente, até aquele momento, à Vanella Grassi. Quem sabe quanto lhe pagaram para matar, trair, entrar na prisão com a certeza de que lá fora alguém o esperará para assassiná-lo?

Após a detenção de Joe Banana e de Er Nino, entre o final de 2012 e o início de 2013, ainda não está claro quem assumiu o comando. É provável que sejam rapazes ainda mais jovens, como Mario Riccio, 21 anos, filho de um traficante de Mugnano, que fez carreira casando-se com a filha de Cesare

Pagano, chefe do clã homônimo que, junto com os Amato, faz parte do núcleo original dos divisionistas. Dizem que é um sanguinário exaltado; talvez seja também por causa de sua má fama que, sob sua direção, o clã perdeu homens e território. Ou seu coetâneo Mariano Abete, filho do *boss* Arcangelo Abete, que, durante um período de prisão domiciliar, decidiu retomar as praças dos Amato-Pagano, aumentando assim a tensão dentro do grupo. Mariano, quando foi visitar o pai, que voltara à prisão, chorou por Ciro Abrunzo, assassinado em Barra por dois *killers* numa scooter provavelmente pertencente aos “Girati”, cuja vontade de tomar tudo recompactou os divisionistas. Arcangelo lhe promete: “Vamos vingá-lo”. Abrunzo se aparentara com os divisionistas, mas não tinha antecedentes. Depois matam Raffaele Abete, tio de Mariano, e assim o rapaz deve organizar a vendeta. Até o dia em que os *carabinieri* descobrem uma parede falsa e a mãe dele se resigna: “Mariano está aqui atrás. Está desarmado, não o machuquem”. O apartamento onde o prenderam ficava justamente acima de uma das praças de tráfico que os aliados de seu pai arrancaram dos Amato-Pagano e agora tentam defender dos assaltos da Vanella Grassi.

Escuto uma gargalhada que nasce no Aspromonte e, impelida pelo vento rumo ao Tirreno, chega até o topo do Vesúvio e dali desce. “Mas olhem só para vocês, que se desagregam e se reagregam pela Cianfa di Cavallo, a Vela Celeste, as Case Celesti, as Case dei Puffi, o bairro Terzo Mondo. São vocês o Terceiro Mundo, são a Colômbia e o México reduzidos à dimensão Smurf.”\*\*\*

E me dói. Dói como todo o resto, como a certeza de dever ir embora de Nápoles e de não poder fazer outra coisa senão voltar sempre com a mente e as palavras, embora me desprezem mais do que os calabreses desprezam os napolitanos. Jamais me afastei de Nápoles. Não só com o pensamento, mas suportando o ódio que é derramado continuamente sobre mim, e também acolhendo os braços que me estreitam para me dar coragem. Estou sempre lá. Descrever Nápoles é como traí-la, mas nessa traição eu encontro lugar. O único, por enquanto, que me é dado.



Para mim, a dor do sangue que enche as praças, a dor dos nomes que alongam as listas é uma dor que não passa, nem mesmo soprando sobre ela com todo o fôlego possível. É uma dor que não se cura nem se for medicada com mercurocromo, nem se você a suturar. Ela me concerne, como nos concernem as coisas que provocam a dor mais profunda: a nossa carne, os filhos, a parte mais intocável de nós. Como a morte, que concerne só a você. Enquanto alguém ou alguma coisa não me matar, não poderei senão continuar apostando no meu número.

---

\* Edifícios populares no degradado bairro de Scampia, na periferia norte de Nápoles, e cujo formato triangular lembra as velas de uma embarcação. (N. T.)

\*\* “Livremo-nos de Saviano”, jogo de palavras entre o nome Scampia e o verbo *scampare*, escapar, livrar-se de. (N. T.)

\*\*\* Case dei Puffi, literalmente “Casas dos Smurfs”, nome dado a certas habitações populares em Scampia. (N. T.)

## 17. Cães

O destino está escrito no DNA. Assim pensava um médico napolitano que finalmente se rendera aos pedidos do filho: daria a ele um cão. Um cão de pequeno tamanho, de expressão simpática e sociabilidade inesgotável. Um dia, pediu ao filho que o seguisse até a varanda porque ali estava uma surpresa que o esperava, e mentalmente repassou o discurso que havia preparado. Um cão é um ser delicado que convém respeitar e educar, é preciso ser paciente mas severo, e sobretudo fazê-lo compreender que o líder da matilha é o homem. Liberdade, sim, mas com regras firmes. Premissas indispensáveis, ainda mais quando se trata de um Jack Russell Terrier, raça até hoje usada pelos caçadores para desentocar raposas. O temperamento corajoso e vulcânico constituiria um compromisso importante para o menino, obrigando-o a confrontar-se com um dos desafios cruciais para um filhote de ser humano: ir além das aparências. Por trás dos olhos lânguidos e dos pedidos do cãozinho engraçado por mimos e atenções, havia um caráter transbordante que devia ser disciplinado.

“Estamos entendidos?”

“Claro, papai.”

As coisas funcionaram. O garoto limpava onde o cão sujava, levava-o lá fora, fazia-o brincar, transmitia-lhe os primeiros ensinamentos. “Fique!” “Sentado!” “Parado!” O pai estava cheio de orgulho, embora o filho espirrasse com muita frequência e tivesse os olhos sempre vermelhos. Ele é

médico e sabe que esses sintomas são inequívocos: alergia ao pelo de cão. A decisão se tornava inevitável. O cão, já ingressado na família de pleno direito, devia ser afastado. Mas, para o filho, a separação seria uma dor lancinante, que ameaçava inutilizar tudo o que eles haviam conseguido juntos: a educação de um menino através da educação de um animal coetâneo. De agora em diante, o garoto poderia preencher o vazio agarrando-se ao desprazer e à lembrança de uma felicidade interrompida. Ou então poderia superar aquela dilaceração, submetendo-se à prova mais difícil para um filhote de ser humano: a familiarização com a perda.

Hoje, aquele cão está a serviço do Reparto Cinofili\* da chefatura de Nápoles: é ali que trabalha o amigo da família ao qual foi confiado. Chama-se Pocho, exatamente como o apelido do jogador argentino Lavezzi, e representa o terror dos *pushers* de Scampia e Secondigliano, a ponta de diamante da unidade de cães empenhada no combate à Camorra. Em relação aos seus colegas, o pequeno Pocho consegue penetrar nas passagens mais estreitas e se enfiar nos buracos mais apertados. Talento inato e conformação física fizeram dele um auxílio preciosíssimo, mas, antes de se tornar isso, Pocho teve de se submeter a um paciente percurso de adestramento. Houve brincadeiras, muitas brincadeiras. Porque, para os cães antidroga, descobrir um papelote de pó metido numa rachadura da parede equivale a uma brincadeira. Muito divertida, até. Começa-se com uma bola de tênis ou uma toalha enrolada. Brinca-se de cabo de guerra. É a fase do “apego”, na qual os cães se ligam ao objeto e ao próprio condutor. A fase na qual se forma a dupla homem-cão, entrosados e inseparáveis. Na segunda fase, o objeto-brinquedo é posto em contato com mínimas quantidades de droga ou de substâncias criadas em laboratório para reproduzir o seu odor. É aqui que se cria a associação entre brinquedo e droga, entre prêmio e recompensa. A essa altura, o jogo está pronto para se tornar trabalho. Um trabalho indispensável e, por isso, rico de gratificações. Mas também de perigos.

Sem Mike, usado por oito anos no Reparto Cinofili dos *carabinieri* de Volpiano, na província de Turim, não se teria descoberto o abundante quilo de cocaína enterrado sob um poste de luz. Sem Labin, a esplêndida fêmea de pastor-alemão da Polícia Fiscal de Florença, que, ao farejar os assentos de um automóvel, não se deixou enganar por um fundo duplo recoberto de alcatrão, outros doze quilos teriam passado sem problemas. Ragal, seu colega de raça e de ofício no porto de Civitavecchia, começou a latir furiosamente para um carro recém-desembarcado de Barcelona, inutilizando a pretensão do motorista napolitano, certo de que os cães antidroga não poderiam farejar seus onze quilos de cocaína puríssima escondidos em tijolos disfarçados para o olfato com mostarda, café e óleo diesel. Ciro, por sua vez, mirou diretamente um caminhão proveniente da Costa do Sol, arrancando palavrões entre dentes do motorista de Castel Volturno. A cadela Ufa, que patrulha o aeroporto de Fiumicino, saltou em cima de um cabide na esteira transportadora, no qual se encontravam escondidos 2,5 quilos de cocaína. Quase oitocentas pessoas detidas não se acertaram com Eola, veterana premiada pelos seus doze anos de carreira e pelos mais de cem quilos de cocaína apreendidos.

Já Agata teve uma vida bem mais difícil. Desde muito jovem, trabalhou no aeroporto de Leticia, um entreposto na selva da Amazônia colombiana que representa uma ligação importante para os trânsitos de pó entre Brasil e Peru rumo aos Estados Unidos. Os narcotraficantes, cansados de ver detidos os aviões cargueiros por aquela labrador de ar dócil e pelo dourado, estabeleceram uma recompensa de 10 mil dólares pela cabeça de Agata. Desde então, e até a idade da aposentadoria, ela viveu com uma escolta de 24 horas ininterruptas e jamais pôde aceitar de um desconhecido sequer um pedaço de pão. Boss, um labrador marrom do Rio de Janeiro, acaba de sofrer o mesmo destino. Nove policiais se revezam para vigiá-lo, desde quando foi grampeada a ordem de acabar com o “chocolatinho” capaz de não se deixar enganar por paredes falsas e cheiros de esgoto das favelas. Os cães escavam com fúria, latem, raspam, arranham um objeto: é o sinal de que a droga está

mesmo ali. O sinal de que eles ganharam o jogo mais uma vez, e estão prontos para começar de novo. Para outros, a brincadeira não existe. Existe somente a humilhação de ser carne e sangue. Como Pay de Limón — torta de limão —, que, assim como dezenas de seus semelhantes, sofreu mutilações e desmembramentos por parte dos narcos mexicanos. É útil adestrar-se com eles antes de cortar um dedo da vítima de uma extorsão.

São labradores, pastores-alemães, pastores-belgas, mas com frequência até mestiços abandonados, como Kristal, que se arriscou a um triste fim como cão sem dono e agora conseguiu se tornar um dos farejadores de droga mais formidáveis de Grosseto. A história dos cães de focinho refinado é bem mais antiga do que sua especialização na busca ao pó branco. Na Itália tem quase um século de sucessos, entre os quais o de 16 de agosto de 1924, quando o cão do sargento dos *carabinieri* Ovidio Caratelli foi atraído por um fedor vindo do bosque chamado Macchia della Quartarella: era o corpo de Giacomo Matteotti, sequestrado dois meses antes pelos paramilitares de Mussolini.

No entanto, o nariz e o instinto deles também são úteis a quem, como a Camorra, está do outro lado. Em um pátio condominial das Case Celesti, os cães de Scampia mantinham como guardiães três pastores-alemães e um rottweiler. Treinados com brutalidade em jaulas enferrujadas, entre garrafas quebradas e restos de comida, eles tratavam de avisar aos donos *pusher* sobre a chegada da polícia. Os cães a serviço das organizações criminosas não desempenham somente o papel de fiéis sentinelas: são igualmente usados como mulas insuspeitáveis, capazes de transportar grandes quantidades de droga de um continente a outro. As fêmeas, então, são perfeitas: é difícil dizer se aquele inchaço se deve a uma gravidez ou a cápsulas de entorpecente. Em 2003, em Amsterdam, Frispa e Rex, um labrador preto e outro cor de mel, foram desembarcados de um avião de carga oriundo da Colômbia. Um estava muito agitado e agressivo, o outro parecia fraco e apático. As autoridades, desconfiadas, fizeram uma revista. Encontraram cicatrizes na barriga, e os raios X confirmaram a suspeita. Onze pacotes de

cocaína do tamanho de salsichões no estômago de Rex, dez no de Frispa. O cão negro teve de ser abatido porque alguns invólucros haviam se rompido, ao passo que Rex, submetido a outra operação e a uma longa convalescença, foi salvo. Um para muitos, demasiados amigos do homem sacrificados.

No verão de 2012, um homem sai para dar um passeio por uma bela zona rural perto de Livorno. De repente, sente um mau cheiro fortíssimo que o leva a fazer uma descoberta macabra: no meio de um campo, há um labrador esquartejado e desventrado. Ele pensa na obra de um sádico, ou até num rito satânico, e avisa a polícia. Mas não se passa nem uma semana e, de novo, o homem sente aquele fedor de morte fresca: desta vez o cão, um cruzamento entre dogue de Bordeaux e pitbull, teve o focinho tapado por fita adesiva e, da barriga aberta, sai um saco plástico. Não é um acaso, não é magia negra, mas o fim que o pó branco dá comumente aos seus involuntários correios de quatro patas. Seria muito difícil fazê-los expelir os pacotes, então é melhor esquartejá-los e recuperar a mercadoria. Os cães são vítimas e soldados de um enlouquecimento planetário que para eles continua sendo o que sempre foi: uma prova de fidelidade dada pelo prazer de brincar.

---

\* Divisão de cães farejadores. (N. T.)

## 18. Quem conta morre

O que você arrisca ao ler? Muitíssimo. Abrir um livro, folhear páginas, é perigoso. Uma vez abertas as páginas de Émile Zola ou Varlam Shalamov, não é possível voltar atrás. Acredito profundamente nisso. Mas com frequência o risco de conhecer essas histórias é desconhecido pelo próprio leitor. Ele não se dá conta. Se eu pudesse realmente quantificar o dano causado aos poderes pelos olhos que conhecem, pelas pessoas que querem saber, tentaria traçar um diagrama. Detenções, prisões e tribunais valem a metade da metade em relação ao perigo que pode ser gerado por conhecer os mecanismos, os fatos, por sentir essas histórias como próprias, vizinhas.

Se você escolhe descrever o poder criminoso, se escolhe encarar os segredos dele, se escolhe manter o olhar sobre a rua e sobre a fiança, existem dois modos de fazê-lo. E um dos dois está errado. Christian Poveda conhecia ambos muito bem. Conhecia as diferenças e sobretudo as consequências. Sabia que se você decide ser a extensão do seu trabalho, uma caneta, um computador, uma objetiva, então jamais correrá riscos: completará sua missão e voltará para casa com o butim. Mas Christian sabia também outra coisa: se você decide que a extensão do seu trabalho, uma caneta, um computador, uma objetiva, é o meio e não o fim, então tudo muda. De repente, aquilo que você procura — e encontra — já não é um caminho escuro e sem saída, mas uma porta que leva a outros aposentos e a outras portas.

“Foi ele quem procurou.” “Esperava o quê?” “Não sabia disso antes?” Perguntas impiedosas, más, e no entanto justas, legítimas, sacrossantas. Cínicas, talvez, mas afinal corretas. Infelizmente, não existe uma resposta. Existem apenas os sentimentos de culpa, porque, quando decidiu se meter naquela situação, você sabia que as consequências seriam terríveis, para você e para seus familiares. Sabia, mas se meteu mesmo assim. Por quê? Também aqui não há resposta. Você vê uma coisa e atrás vê outras cem. Não pode parar e immortalizar, deve ir adiante e escavar. Talvez saiba o que o espera, sabe muitíssimo bem, mas não é um irresponsável, não é um maluco. Sorri aos amigos, aos colegas também, talvez lhes confidencie algumas preocupações, mas a imagem externa não combina minimamente com a dilaceração que você tem por dentro. É como se duas forças contrapostas o puxassem em direções diferentes. É uma luta de posição que tem seu campo de batalha no estômago, porque é ali que você sente repuxar e empurrar, um atropelo constante que lhe dá um frio na barriga.

Christian Poveda conhecia bem essa sensação. Nômade desde pequenino, quando nasce em Argel, filho de pais espanhóis republicanos refugiados ali durante a ditadura franquista, e depois, aos seis anos, se transfere com a família para Paris. Um azougue, Christian, com os olhinhos curiosos e indagadores que se movem vertiginosamente de um ponto a outro, escondidos atrás dos óculos, como se quisesse descobrir o quadro por trás, porque no fundo tudo é ligado e, para obter as respostas, basta poder ver os nós que mantêm juntas as coisas. A busca dos nós o faz abraçar a profissão de sua vida: jornalista. Com suas extensões — caneta, computador, objetiva —, viaja para a Argélia, Caribe, Argentina, Chile. Trabalha como repórter de guerra no Irã, no Iraque, no Líbano. Suas reportagens são diferentes das matérias que convém confiar aos telejornais. Outra feitura, como se ele não tivesse uma tarefa a realizar, um trabalho a levar para casa. Por trás de uma foto ou nas entrelinhas de um texto, respira sempre uma história que reclama oxigênio e espaço. Sob as imagens que Christian traz consigo de suas viagens a um dos recantos perdidos do mundo, há outros mundos que



exigem ser trazidos à luz. Os retratados são animais enjaulados e ferozes, mas inócuos por trás das barras. Gritam a plenos pulmões, mas basta virar a cabeça para não escutar mais os seus lamentos.

Christian decide abandonar a profissão e passa à realização de documentários. Uma nova extensão de sua curiosidade, uma extensão que une todas as precedentes — caneta, computador, câmera — e que finalmente lhe permite olhar o animal em estado bravio. Em 1986 faz o primeiro documentário, *Chile: os guerreiros da sombra*, sobre o grupo rebelde Mapu Lautaro, que combatia o regime fascista de Pinochet. Mas é quando conhece El Salvador que ele parece ter alcançado a terra que estava procurando. O lugar onde fosse de fato necessário, onde coincidia tudo o que ele queria e pelo qual havia se preparado a ser. El Salvador. Um país martirizado por uma longuíssima guerra civil que o próprio Christian conseguira documentar em 1980, junto com o jornalista Jean-Michel Caradec'h. Tinha sido o primeiro repórter fotográfico a penetrar na guerrilha. “Foi ele quem procurou.” “Culpa sua.” “Quem brinca com fogo acaba se queimando.” De novo esses comentários, de novo corretos, de novo pertinentes.

Passam-se os anos, acumulam-se experiências, constrói-se uma couraça protetora, mas o frio na barriga está sempre ali. Contar histórias impressas na película, agora Christian as sente dentro de si. Com os dentes e as unhas, mordem-no e o arranham por dentro. E quando uma história se move dentro, são dores para a alma, noites de inquietação, nunca paz, enquanto você não conseguir levar a termo a gestação.

O primeiro documentário sobre El Salvador é de 1991. O nome de Poveda percorre o país. Depois a guerra civil acaba, os tratados de paz são assinados. São os anos de uma esperança reencontrada, os anos do retorno à pátria de muitos salvadorenhos que haviam atravessado a fronteira. De El Salvador, durante a guerra, fugiram para os Estados Unidos milhares de garotos sem família, com pais assassinados ou mães que os preferiam distantes mas em segurança, fora de riscos e longe da miséria numa terra que a guerra civil estava massacrando. Também fogem os desertores e os ex-

guerrilheiros. É assim que nascem as Maras, as gangues salvadorenhas que tomam como modelo todas as outras gangues de Los Angeles, afro-americanas, asiáticas e mexicanas. São elas as novas famílias dos jovens de El Salvador que se formam e crescem nas ruas californianas. Na origem, são bandos de autodefesa para proteger-se das outras gangues que perseguem os novos imigrados. Muitos dos que formam os bandos recolhendo garotos e adolescentes são pessoas que vêm da guerrilha, ou então foram paramilitares: não é de espantar que a estrutura desses bandos e seu modo de agir recordem os métodos militares. Bem cedo as gangues mexicanas são derrotadas e pouco depois as gangues salvadorenhas se dividem em duas grandes famílias de *mareros*, que se diferenciam pelo número de “*streets*” que ocupam: a Mara 13, mais conhecida como Mara Salvatrucha, e a Mara 18, nascida de um ramo dissidente. Depois a guerra civil em El Salvador termina. O país está de joelhos, a pobreza se alastra e para as gangues nasce uma oportunidade: voltar à pátria. Para muitos é uma escolha, mas para outros o retorno é decidido pelo governo americano, que se livra daqueles marginais que pagaram a pena em seus cárceres.

Hoje as Maras têm células presentes nos Estados Unidos, no México, em toda a América Central, na Europa e nas Filipinas. Em El Salvador contam-se cerca de 15 mil membros; na Guatemala, 14 mil; em Honduras, 35 mil; no México, 5 mil. Os Estados Unidos são o país com a concentração mais alta: até 70 mil membros. Em Los Angeles, a Mara 18 é considerada a gangue criminosa mais vasta. Foi a primeira a aceitar no grupo membros de etnias diversas e provenientes de diferentes países. Na maioria são jovens entre os treze e os dezessete anos. Esse exército de meninos comercializa sobretudo cocaína e maconha nas ruas. Eles não gerenciam os grandes fornecimentos, não são ricos, não corrompem as instituições. Mas, na rua, garantem dinheiro e poder imediatos. São o cartel do tráfico no varejo, envolvido também em outras atividades como extorsões, furtos de automóveis, homicídios. Segundo o FBI, as Maras são a organização de gangues de rua mais perigosa do mundo.

Dentro das Maras, tudo é codificado. Os sinais com as mãos, as tatuagens no rosto, a hierarquia. Tudo passa através de regras que estruturam e criam identidade. O resultado é uma organização compacta que sabe se mover rapidamente. O termo “mara” significa “grupo”, “multidão”. Remete a algo desordenado, mas na realidade esses grupos — graças às regras e às punições que se seguem às infrações — souberam se constituir como parceiros confiáveis para as organizações criminosas mundiais. A origem do nome Mara Salvatrucha é controversa. “Salvatrucha” é o “jovem combatente salvadoreño”, mas é também um termo composto de “salva” — homenagem ao país de origem, El Salvador — e “trucha”, que significa astuto. Para entrar na gangue é preciso ser aprovado em testes pesadíssimos: os rapazes são submetidos a treze segundos de espancamento violento e ininterrupto, socos, pontapés, tabefes e joelhadas que muitas vezes deixam o novo adepto sem sentidos. As moças devem enfrentar também um estupro de grupo. Os recrutas são sempre mais jovens, e para eles a regra da vida é uma só: ou a gangue ou a morte.

Christian Poveda queria realizar um longa-metragem sobre as Maras. Queria compreender. Viver com elas. Descobrir por que garotos de doze anos se transformam em assassinos, dispostos a morrer antes dos vinte. E elas o acolheram. Como se finalmente houvessem encontrado aquele que podia descrever as Maras. “Não podia ter ficado em casa?” “O que ele ganhou?” “Não pensa naqueles que estão perto?” A certa altura, acontece que essas perguntas já não fazem efeito, incomodam tanto quanto uma picada de mosquito. Uma coceirinha e depois pronto, acabou-se para sempre.

As filmagens de *La vida loca* duram dezesseis meses. Por quase um ano e meio, Christian segue os bandos criminosos em busca de uma resposta às suas perguntas. Assiste aos ritos de iniciação, estuda as tatuagens nos rostos dos membros, mantém-se ao lado de homens e mulheres das gangues quando estes se enchem de crack e pó, enquanto organizam um homicídio, enquanto participam do enterro de um amigo. Cada Mara age com

modalidades diferentes, segundo o país no qual está sediada. “Não é a mesma coisa”, diz Christian, “vender drogas no mercado central de San Salvador e vendê-las no Sunset Boulevard, em Los Angeles.” São vidas feitas de tiroteios, homicídios, represálias, controles da polícia, enterros e prisão. Vidas que Christian descreve sem morbidez. Ele conta sobre “Little One”, mãe de dezenove anos com um enorme “18” tatuado das sobrançelas até o queixo. Conta sobre Moreno, 25 anos, que quer mudar de vida e começou a trabalhar numa padaria montada por um grupo sem fins lucrativos chamado Homies Unidos: mas a padaria fecha quando seu proprietário é detido e condenado a dezesseis anos de prisão por homicídio. Conta sobre “La Maga”, outra jovem mãe, também integrante da gangue, que perdeu um olho num confronto. Christian a acompanha às consultas e à cirurgia para substituir o olho ferido por um olho de vidro. Uma cirurgia inútil, porém, porque ela é morta a tiros antes do fim das filmagens, apenas um dos muitos membros da Mara 18 assassinados durante a realização do documentário.

“Um louco!” “Um irresponsável!” “Um celerado!” Palavras ao vento, que Christian Poveda combate com outras palavras. “Grande parte dos membros das Maras é vítima da sociedade, da nossa sociedade”, diz Poveda. Porque é a sociedade, é o Estado que acha mais fácil apontar o dedo sobre aquela violência tão reconhecível do que oferecer oportunidades. Os afiliados às Maras têm um aspecto de excremento, de lixo, provocam repulsa. É fácil considerá-los os inimigos públicos número um. Fácil menosprezá-los. Mas são atitudes que Poveda desmonta uma a uma com seu trabalho.

Esse é o sentido último do trabalho de Christian. Por trás da porta da violência ostentada pelas gangues, ele viu um caminho inóspito que conduz diretamente à fonte do problema. Para ver sua assinatura estampada nos jornais ou seu nome nos créditos de um documentário, bastaria que ele fixasse o mal na película, especulasse um pouco. Mas Christian decide ir até o fundo. Quer compreender verdadeiramente.

Até 2 de setembro de 2009, quando seu corpo é encontrado junto de seu automóvel, entre Soyapango e Tonacatepeque, uma zona rural ao norte da

capital de El Salvador, abatido por quatro tiros na cabeça. O valioso equipamento que pouco antes ele tinha usado para algumas tomadas não foi tocado e jaz ali ao lado. “Eu não disse?” “Teve o que merecia.” “Aliás, tinha exagerado.” É o que dizem as vozes de sempre, diante de seu cadáver.

Pelo homicídio de Christian Poveda, em 2011 foram detidos e condenados onze indivíduos, todos membros da Mara 18. Luis Roberto Vásquez Romero e José Alejandro Melara foram condenados a trinta anos por terem organizado o assassinato, e um outro a vinte anos por tê-lo realizado materialmente. Outros membros da gangue devem pegar quatro anos de cárcere por terem encoberto o crime.

Christian tinha certeza de não estar arriscando nada. Havia entrado no tecido conectivo das Maras, na vida delas. Sabia haver encontrado um acesso seguro, acreditava-se amigo de muitos membros. Mas, quando se descrevem as organizações criminosas, ter certeza é um paradoxo, um erro. Nesse mundo, toda certeza é mutável, a qualquer momento pode se transformar em seu contrário.

Nessa história, até o azar está envolvido. De fato, parece que o ex-policial Juan Napoleón Espinoza, sob o efeito do álcool, encontrou um membro da Mara 18 e lhe disse que Poveda era um informante e havia repassado os vídeos gravados à polícia de Soyapango. Então a gangue se reúne e, depois de três longos meetings na fazenda El Arbejal, em Tonacatepeque, decide condenar Poveda à morte.

Os boatos sobre aqueles encontros são muitíssimos, orquestras de deduragem, sinfonias de delação. Alguns membros defendem Christian, dizendo que ele se comportou honestamente, que fez bem em descrever as Maras sob o ponto de vista das Maras. Outros sentem inveja: ele enriquecerá, bancando o bom contra nós, os maus. As mulheres o defendem, muito. Ou pelo menos é o que parece. Os membros mais respeitáveis, aqueles que haviam aceitado ser filmados, estão apavorados pelo sucesso do documentário. O filme está sendo muito comentado. Chegou à web. Portanto, o tira Espinoza talvez não tenha mentido, e

Christian vendeu mesmo os vídeos à polícia. Mas a sensação é que se deve punir quem falou demais das Maras. E quem, em certo sentido, abusou das Maras.

Em 30 de agosto de 2009, o grupo toma a decisão de matar Christian. Naqueles dias, ele está servindo de “intermediário” para uma entrevista que um jornalista francês da revista *Elle* quer fazer com as moças do bando. Pela primeira vez, seus contatos pedem um cachê de 10 mil dólares. Embora isso não lhe agrade, Christian aceita. A revista tem dinheiro e pode se permitir pagar. Christian encontra Vásquez Romero em El Rosario. Mas pouco depois do meio-dia Vásquez Romero assume o volante de um Nissan Pathfinder 4 × 4 cinza e leva o jornalista à ponte sobre o rio Las Cañas. E aqui o matam. Não consigo imaginar os últimos segundos. Já tentei. Ao menos por um instante, Christian terá compreendido que era uma arapuca? Terá tentado se defender, explicar que era injusto matá-lo? Ou atiraram covardemente em sua nuca? Um instante. Sem dúvida fingiram descer do carro, e no momento em que ele puxava a maçaneta para abrir porta dispararam. Não sei e não saberei nunca. Mas não consigo deixar de me fazer essas perguntas.

Se naquele dia o ex-policia não tivesse bebido e contado um monte de lorotas, Christian ainda estaria vivo? Talvez sim. Ou talvez não. Talvez o eliminassem do mesmo jeito, porque alguns membros da gangue não gostaram da maneira como Christian os pintou no filme. Embora ele lhes tivesse garantido que o documentário não sairia em El Salvador, algumas cópias circulavam em versão pirata. Talvez o massacrassem de qualquer maneira, porque os novos líderes da Mara 18 pertenciam a uma geração ainda mais violenta e feroz do que a precedente, uma geração que só se sentia existir matando, pouco importa quem. Segundo Carole Solive, sua produtora francesa, o erro de Christian foi permanecer em El Salvador depois de concluir as filmagens. Talvez ele tivesse compreendido os mecanismos de mediação entre as duas gangues rivais, a Salvatrucha e a 18, que tentavam compactuar. E conhecer os mecanismos dessa mediação talvez

o tenha condenado à morte. Por mais que possa ter confiado naqueles jovens, Christian nunca deixava de tomar algumas medidas básicas de segurança. Por exemplo, tinha um telefone celular que ele usava somente para contatar os membros das Maras. Mas isso não bastou.

Christian Poveda acreditava que o poder das imagens era capaz de influenciar os eventos. Por isso trabalhava como repórter fotográfico e documentarista. Dedicou todo o seu trabalho a situações políticas e sociais extraordinárias, realizando dezesseis documentários apreciados nos festivais mais prestigiosos do mundo. Com frequência procuro *La vida loca* quando vou às livrarias, ou à casa das pessoas, olhando os DVDs empilhados junto dos televisores. Quase nunca o encontro. Você morreu pelo quê, Christian? Isso me ocorre como uma cantilena melodramática. Você morreu pelo quê? Sua vida teria tido mais sentido se aquele documentário estivesse presente em cada casa? Não creio. Não existe obra que possa dar sentido e justificativa a um fim com o metal espetado na cabeça. Suas últimas palavras são mais eloquentes do que qualquer epitáfio: “O governo não faz ideia do monstro que se encontra à sua frente. Agora a Mara 18 está cheia de loucos. Estou muito preocupado... e triste.”

Triste, sim.

## 19. *Addicted*

Escrever sobre cocaína é como usá-la. Você quer sempre mais notícias, mais informações, e as que encontra são suculentas, você não pode dispensá-las. Está *addicted*. Mesmo quando são atribuíveis a um esquema geral que você já compreendeu, essas histórias fascinam pelos detalhes. E se metem na sua cabeça, até que uma outra — inacreditável, mas verdadeira — toma o lugar da precedente. Você vê à sua frente o ponteiro da dependência, que não para de subir, e reza para nunca entrar em crise de abstinência. Por isso eu continuo a recolhê-las até a náusea, mais do que seria necessário, sem conseguir parar. Justamente quando estou prestes a encerrar este livro, certa noite recebo um telefonema da Guatemala: parece que El Chapo foi morto num confronto a tiros. Algumas fontes dão o fato como certo, outras o consideram o boato costumeiro. Não sei se acredito, não seria a primeira vez que se difundem notícias falsas sobre os protagonistas do narcotráfico. Para mim, essas notícias são labaredas que irrompem ofuscantes. Ensurdecidores socos no estômago. Mas por que só eu escuto esse rumor? Quanto mais desço aos circuitos embranquecidos pelo pó, mais me dou conta de que as pessoas não sabem. Há um rio que corre sob as grandes cidades, um rio que nasce na América do Sul, passa pela África e se ramifica por toda parte. Homens e mulheres passeiam pela via del Corso e pelos bulevares parisienses, encontram-se em Times Square e caminham de



cabeça baixa pelas avenidas londrinas. Não ouvem nada? Como fazem para suportar todo este rumor?

Por exemplo, a velha história de Griselda, a negociante mais impiedosa do narcotráfico colombiano. Desde criança aprendeu que todos os homens são meios, instrumentos a manipular para alcançar objetivos cada vez mais ambiciosos. Teoria inevitável, se você cresce com uma mãe engravidada por um feitor meio índio guajiro, o Señor Blanco, e depois jogada na rua, assim que deu à luz sua menina. Bêbada, pobre, violentada e desesperada, a mãe de Griselda arrastava a filha pelas ruas pútridas de Medellín e a obrigava a pedir esmolas. Uma dupla de míseros seres humanos mendicantes, que só se separava quando a mãe se deixava engravidar pelo enésimo homem encontrado sabe-se lá onde e que depois se recompunha com o acréscimo de um meio-irmão ou uma meia-irmã destinados a ampliar a família. São os anos da Violência, na Colômbia. As brutalidades estão na ordem do dia, e para sobreviver é preciso ser igualmente brutal. Um exército de criancinhas nas ruas garante alguma renda, mas Griselda, quando completa treze anos, começa a se prostituir. Os homens com quem anda são apenas pedaços de carne que se desafogam sobre seu corpo, e assim que terminam lhe pagam o suficiente para aguentar até o dia seguinte. Em sua pele morena, ela coleciona manchas-roxas e escoriações, mordidas e cicatrizes, mas não lhe doem, não ardem, são apenas arranhões numa armadura espessa. Os homens são meios. Nada mais. Griselda completa o orçamento aprendendo a arte da punção. É rápida com as mãos e se impôs não roubar os clientes, porque não quer se arriscar a arruinar seu comércio. Para ela o amor coincide com um catre malcheiroso no qual se deita à espera de que o ser suado por cima dela faça seu dever. Mas um dia conhece Carlos. Um outro homem, um dos muitos, e Griselda lhe reserva o tratamento de sempre: indiferença. Carlos é um pequeno marginal de Medellín, especialista em punções e furtos, que começou a colaborar com Alberto Bravo, um traficante. Entre os dois nasce uma longa paquera. Todos os dias ele leva para Griselda

uma flor diferente, que ela mais tarde joga fora depois de aceitá-la com falsa cortesia. Griselda nunca o fita nos olhos, e ele, inabalável, percorre todos os floristas de Medellín para descobrir variedades sempre diferentes. Ensina-lhe alguns truques para sobreviver com pouco dinheiro, ela finge não escutar, mas enquanto isso memoriza. A esgrima prossegue por algum tempo, até que a obstinada perseverança de Carlos abre uma brecha e Griselda capitula. Pela primeira vez em sua vida, um homem lhe demonstrou que uma relação não é forçosamente de coisas com vencimento, que existe uma palavra que ela jamais ouvira alguém pronunciar: confiança. Casam-se, amam-se e fazem grandes projetos. Ele lhe apresenta Alberto Bravo e a faz compreender que o dinheiro de verdade se ganha no narcotráfico. Ela é jovem mas esperta, e não pensa duas vezes antes de aceitar entrar naquele mundo. E afinal tem o seu Carlos, que sempre responde sim quando ela lhe pergunta se ficarão juntos por toda a vida. Transferem-se para Nova York, para o Queens, onde os colombianos começam a se enraizar e o mercado da droga é bastante florescente. Uma nova vida. A cidade que nunca dorme acolhe Griselda e Carlos como a uma rainha e um rei. A atividade prossegue de vento em popa, e Carlos continua respondendo sim à pergunta de Griselda: “Ficaremos juntos por toda a vida?”. Sim. Sim. Sim. Mas depois a vida decide que chegou o momento de dizer não. Carlos adoece, cirrose hepática, e expira no hospital. Griselda fica ao lado dele até o fim, e quando seu marido morre não sente nada, como não sentia nada quando voltava para casa após uma longa noite de trabalho e, diante do espelho, contava as novas mordidas e as novas cicatrizes. Carlos não respeitou o pacto de ficarem juntos por toda a vida; Carlos é como todos os outros homens; os homens são meios. O silogismo readquire força na cabeça de Griselda, e a partir daquele momento ninguém a segura mais.

Casa-se com Alberto Bravo, mas, quando ele viaja à Colômbia a negócios e não dá notícias por algum tempo, Griselda, furiosa, vai ao seu encontro e o mata num confronto a tiros. Em 1971, Griselda tem sua própria rede de narcotráfico nos Estados Unidos. A linha que une Nova York, Miami e

Colômbia é o futuro, e ela compreendeu isso. Tem uma loja de lingerie em Medellín, onde vende as peças que desenha e que também faz suas mulas usarem. São elas que escondem sob as roupas dois quilos de pó na viagem Colômbia-Estados Unidos. Seu nome aparece pela primeira vez nos documentos da DEA em 1973. Descrevem-na como “uma nova ameaça para os Estados Unidos”. Os negócios crescem, ela já é uma das mais importantes traficantes colombianas. Embora seja mulher, um “handicap” não de pouco peso numa sociedade em que a palavra narcotraficante é declinada exclusivamente no masculino, Griselda demonstra aos colegas colombianos ser capaz de exercer aquele trabalho e de fazer isso com tamanha violência que aterroriza as pessoas. Sua reputação de mulher malvada e sem escrúpulos a precede aonde quer que ela vá.

Em 1975 é acusada de tráfico de drogas no âmbito de um importante caso em Nova York, mas consegue se refugiar na Colômbia. Já acumulou uma fortuna de 500 milhões de dólares. Retorna aos Estados Unidos quando as águas se acalmam, alguns anos mais tarde, mas desta vez vai para a Flórida. Funda os Pistoleros, seu exército de sicários. Entre eles se inclui Paco Sepúlveda, que degola suas vítimas e depois as pendura de cabeça para baixo. “Assim, os corpos ficam mais leves e é mais fácil transportá-los.”

As histórias sobre ela se multiplicam sem controle: hipocondríaca, drogada, bissexual, amante de orgias, paranoica, colecionadora de objetos de luxo. Junto com os boatos que não fazem senão alimentar seu mito, Griselda começa a acumular apelidos: La Madrina, A Rainha da Cocaína de Miami, A Viúva Negra. Dizem que cortou a garganta de alguns homens com os quais tinha ido para a cama. Casa-se quatro vezes, e sempre com narcotraficantes. O casamento é uma alavanca para avançar na hierarquia do poder, e quando um dos maridos atravessa seu caminho ela manda eliminá-lo. Como Dario Sepúlveda, que depois da separação disputa com ela a guarda do filho do casal, cinematograficamente batizado como Michael Corleone, e por isso é assassinado pelos sicários. Os homens são meios. E os meios obsoletos devem ser substituídos.

Com seu império da droga em Miami, Griselda fatura 8 milhões de dólares por mês. Tem um papel fundamental naquela que é definida como a Guerra da Cocaína na Flórida, também chamada Guerra dos Caubóis da Cocaína. Miami é submersa pelo dinheiro, calcula-se em torno de 10 bilhões de dólares por ano.

Em 1979 é Griselda quem orchestra o massacre de Dadeland, o centro comercial de Dade County, no qual duas pessoas são assassinadas numa loja de bebidas: uma é Germán Panesso, traficante colombiano que faz negócios com a organização de Griselda e alvo do tiroteio, a outra é o guarda-costas. Nos anos 1970, os homicídios eram um fato privado. Sim, havia torturas, estrangulamentos, mutilações, decapitações. Mas eram acertos de contas. O massacre de Dadeland, porém, marca o início de uma longa série de confrontos em Miami, de batalhas que acontecem em público, à luz do dia. Os chamados danos colaterais já não têm importância. Agora atira-se nas pessoas em plena rua, nos centros comerciais, nas lojas, nos restaurantes, em locais lotados no horário de pico. E Griselda é responsável pela maior parte dos homicídios cometidos no sul da Flórida naquele período.

A crueldade de Griselda tornou-se matéria épica. É narrada em diversos episódios. De boca em boca, estes se transmitem como lenda.

Griselda entra num local exclusivamente masculino. As bailarinas dançam, provocantes, sobre os estrados. Todas as cabeças se voltam para ela. Uma mulher frequentando um lugar daqueles? Nunca se viu isso. E ainda por cima uma mulher com aquele aspecto: doidona, desleixada, os olhos espiritados. Senta-se, pede bebida, observa os corpos que rebolam. Parece quase tocar aquelas longas pernas. De repente, levanta-se e abre fogo. Uma após outra, as moças caem no chão. “Putas!”, grita ela, “putas! Vocês só sabem remexer a bunda para os homens.” Para Griselda, aquelas mulheres não merecem viver, aquelas mulheres são sua obsessão. Assim como é uma obsessão ir aos locais, à caça. Porque ela escolhia os homens e, se eles não topassem, eram mortos. Certa vez um rapaz mais jovem do que ela, sentado a duas mesas de distância, chama sua atenção. Griselda o deseja e planta os

olhos em cima dele. O rapaz a evita, mas Griselda insiste. Então ele se dirige ao toalete e ela o segue, entrando no das mulheres. “Socorro!”, começa a gritar, “socorro!” E o rapaz acorre, talvez aquela mulher meio estranha esteja passando mal. Griselda o espera, nua da cintura para baixo. “Me chupa”, ordena, e o rapaz recua, encosta-se à porta, mas Griselda puxa a pistola e repete: “Me chupa”. E ele obedece, com o cano da pistola grudado à cabeça.

Já dependente da droga, Griselda se entoca em seu quarto, assistida por seu pastor-alemão, Hitler. Drogas e polícia são apenas dois de seus inimigos. As organizações rivais tentam matá-la em várias oportunidades. Ela sempre consegue se salvar e em certa ocasião tenta até enganar seus *killers* encenando a própria morte: despacha dos Estados Unidos para a Colômbia um ataúde vazio. Para fugir aos contínuos ataques, em 1984 desloca sua base para a Califórnia, em Irvine, onde vive com o filho mais novo, Michael Corleone. Mas em fevereiro de 1985, justamente em Irvine, é detida pelos agentes da DEA sob a acusação de narcotráfico. É condenada a dez anos de prisão, mas mesmo reclusa continua a tocar os seus negócios. La Madrina compra um cativeiro de luxo. Por trás das grades, consegue alinhar novos projetos, como aquele — abortado graças aos grampos — de sequestrar John Fitzgerald Kennedy Jr. Na cadeia, recebe homens, joias, perfumes.

Pressionando um dos homens de confiança de Griselda, Jorge “Riverito” Ayala, que em 1993 decide colaborar, a Procuradoria de Miami-Dade obtém provas suficientes para incriminá-la por assassinato múltiplo. É incrível como o destino parece ter sempre ajudado Griselda. Em 1998, a Procuradoria de Miami-Dade está prestes a apanhá-la, mas acaba sepultada sob um escândalo. O homem que havia contado tudo sobre Griselda está no programa de proteção às testemunhas. Não aguenta mais. A vida de luxo e drogas à qual estava habituado é uma lembrança distante, e agora toda aquela disciplina está acabando com ele. Então, acha um jeito de fazer chegar muito dinheiro às secretárias da Procuradoria. Não quer informações, nem pó, nem um plano para escapular. Aquele dinheiro é para o sexo. Telefônico, é certo, mas para ele é sempre sexo. Ofegos e gemidos

duram algum tempo, mas por fim a *hotline* clandestina é desmascarada por uma investigação e a Procuradoria se desmoraliza. O escândalo salva Griselda, que assim evita a cadeira elétrica. Será libertada em 6 de junho de 2004, depois de quase vinte anos de cárcere, e devolvida à Colômbia.

Dia 3 de setembro de 2012. Griselda, agora com 69 anos, está saindo de um açougue em Medellín, junto com uma amiga. Dois homens de moto se aproximam e lhe dão dois tiros na cabeça. La Madrina morre algumas horas depois, no hospital, eliminada com a mesma técnica, o homicídio em motocicleta, que — como dizem — justamente ela importou para Miami.

Ou então a história de outra mulher, desta vez mexicana: Sandra Ávila Beltrán, a rainha do pó. E de uma frase que não me saía da cabeça: “O mundo dá nojo”. Ela, Sandra, não suportava essa frase. E se quem a pronunciasse fosse um homem do seu tio, ninguém menos que Miguel Ángel Félix Gallardo, El Padrino, então Sandra sentia o sangue lhe subir à cabeça e latejar contra as têmporas. Nascida numa família de narcos, crescida em contato com o maior de todos, imersa desde a mais tenra idade numa cultura machista: como podia permitir que os mesmos homens que, diante do seu tio, se vangloriavam de conquistas femininas e de bárbaras eliminações de inimigos depois usassem entre eles aquela frase — “O mundo dá nojo”? Fanfarrões diante do chefe, covardes quando ele virava as costas. E se quem escutasse aquelas palavras fosse a pequena Sandra, pouco importava, afinal era uma mulher.

Muitas vezes a educação é uma gota que escava a rocha. Paciente e tenaz, a frase dos capangas de El Padrino traça um sulco na consciência de Sandra. Quando chega ao fundo, deixando atrás um vazio, então ela já não pode liquidá-la com a simples raiva. Deve buscar outras respostas. Deve encontrar um estilo de vida que contradiga aquela inelutável sentença. Sandra divide o mundo em duas categorias. De um lado, há pessoas como os homens do seu tio. De outro, quem quer mudar o mundo, e vencer. Ela pode ostentar um direito de nascimento, um currículo genético que a grande maioria dos

narcotraficantes gostaria de ter. Mas é uma mulher, traz no próprio corpo a mancha indelével da inaptidão para o comando. Seios, quadris largos, bunda em violão. Não podem ser cancelados, não podem passar por algo diferente. Então, seios, quadris largos e bunda de violão se tornam armas a aguçar e nas quais confiar. Unhas, sapatos, cabelos, perfumes, roupas. Para Sandra, tudo é necessário para fazer explodir a própria feminilidade, a própria sensualidade, o próprio poder. Porque quanto mais for mulher, mais deverão lhe dar ouvidos. Dominará as mesmas lógicas usadas contra ela para subjugar-la, e ensinará a todas as mulheres que existe outro modo de estar no mundo.

Os homens são joguetes a classificar com base em sua utilidade. Sandra se liga sentimentalmente a dois comandantes da Polícia Judiciária Federal, desde sempre fornalha dos narcos. Depois passa a seduzir importantes chefões do cartel de Sinaloa, como “El Mayo” Zambada e Ignacio “Nacho” Coronel. Por fim, dá o grande golpe: fica noiva de Juan Diego Espinoza Ramírez, “El Tigre”. Diego é um traficante colombiano do cartel do Norte del Valle e é sobrinho do famoso narcotraficante Diego Montoya, “Don Diego”. Sandra é uma princesa que de vez em quando escolhe a quem se ligar para absorver poder e posição social. Graças a El Tigre, dá um salto de qualidade que a leva a tratar diretamente com os fornecedores colombianos. É ela, a sobrinha de El Padrino, que se torna “La Reina”, a rainha. La Reina del Pacifico se beneficia dos lugares-comuns. Uma mulher é frágil, e portanto não vale a pena ameaçá-la: para La Reina, isso significa liberdade de movimentos. Uma mulher não sabe tratar com os homens: La Reina explora o embaraço dos emissários dos cartéis diante daquela bela mulher usando decote.

Agora, todos devem se ajoelhar diante dela, prestar-lhe homenagem. De seu luxuoso centro operacional em Guadalajara, Sandra coordena os carregamentos provenientes da Colômbia e lava o dinheiro dos lucros que crescem de ano para ano. Todo aquele dinheiro serve para realizar seu plano mais ambicioso: dar poder às mulheres. As mulheres, segundo La Reina,

precisam ganhar consenso e respeito, e o modo mais veloz e seguro de obtê-los é a beleza. Investe os proventos do pó em clínicas de beleza, luxuosas ou não, porque todas as mulheres têm direito de conseguir amantes e maridos, postos de trabalho e uma posição social adequada. É na matéria que La Reina investe. O corpo e os imóveis. Seios e prédios. Bundas e palacetes. Peles esticadas e apartamentos. É um império que deve se expandir e conquistar espaço vital. Sentada em seu trono, La Reina governa um exército de homens que só podem subir na hierarquia até certo ponto, porque lá no alto, incontrastável, está ela, a rainha silenciosa, que não se expõe nunca, jamais suja as mãos, não permite que seu nome apareça nos jornais ou, pior ainda, nos relatórios da polícia.

Mas um dia tudo muda. Ao porto de Manzanillo, no estado de Colima, no Pacífico, acaba de chegar um carregamento muito importante. Dez toneladas de cocaína, por um valor de mais de 80 milhões de dólares. As autoridades o bloqueiam e apreendem a droga. Pela primeira vez, o nome da Rainha aparece na mídia. Agora ela é uma personagem pública e talvez não seja por acaso que alguns meses depois seu filho único, José Luis Fuentes Ávila, de dezesseis anos, que vive no exclusivo bairro de Puerta de Hierro em Guadalajara, é sequestrado, e por sua liberdade pede-se um resgate de 5 milhões de dólares. La Reina entra em pânico. O único verdadeiro homem de sua vida está nas mãos de assassinos impiedosos que ameaçam esfolá-lo vivo. Ela se dirige às autoridades. Mas é um grave erro, porque a partir desse momento a polícia tem sob controle seus telefones e seus movimentos. E, assim, descobre-se que o resgate foi pago diretamente por El Mayo Zambada, porque a Rainha está em crise de liquidez após a apreensão da carga no porto de Manzanillo.

Enquanto La Reina abraça de novo o filho após dezessete dias de cativo, o comandante da AFI, Juan Carlos Ventura Moussong, declara ter provas de que o sequestro foi uma montagem para debilitar o poder dela. É crível que se possa sequestrar assim o filho de um dos *boss* mais poderosos? Para Moussong, os responsáveis devem ser buscados entre os próprios



homens da Reina, desejosos de construir um microcartel independente e, sobretudo, de livrar-se daquela mulher. Suspeitas fundamentadas, as do diretor da AFI, que no entanto pouco tempo depois é morto por vários tiros disparados à queima-roupa em plena rua, quando retornava de uma reunião com os outros comandantes no distrito federal.

O poder esculpido no corpo não pode ser derrotado, ainda que esteja confinado atrás dos muros da penitenciária feminina de Santa Martha Acatitla, na periferia da Cidade do México. É aqui que vai parar a Rainha do Pacífico, depois de ser fisgada pela polícia quando almoçava num luxuoso restaurante tailandês junto com seu companheiro El Tigre. Faz anos que Sandra circula incógnita e com nome falso. Depois do sequestro do filho, as coisas ficaram mais difíceis para ela, mas nem por isso La Reina renuncia a manjares caríssimos ou às últimas criações Chanel. “Sou uma dona de casa que ganha a vida vendendo roupas e casas.” Na prisão, continua a fazer o que sempre fez: lutar pela emancipação feminina. Às companheiras de cela, ensina que mesmo ali dentro não convém descuidar do corpo e do estilo. “Perdido o corpo, perdida a alma. Perdida a alma, perdido o poder. Perdido o poder, perdido tudo”, repete às suas novas afiliadas, e procura dar o bom exemplo. Além das companheiras, parece ter contagiado também a diretora do cárcere. Um dia são flagrados uns médicos que introduziram algumas doses de botox na prisão. Os guardas logo pensam que são para a detenta obcecada pela beleza, para La Reina e suas novas amigas. Nada disso: o botox é para a diretora da penitenciária. Até ela foi convencida por La Reina de que ser sensual está acima de tudo. Sandra desfila pelos corredores exibindo grandes óculos escuros de diva e não se lamenta nunca: nunca uma crise de nervos, nunca um pranto descontrolado, nunca um protesto que não seja pela gororoba que os guardas carcerários fazem passar por comida. La Reina sorri da própria desventura e reserva olhares ferozes somente às mulheres que ousam reclamar da injustiça do mundo diante dela. “Se lhe dá tanto nojo, mude-o!”

Dia 10 de agosto de 2012. Sandra Ávila Beltrán é extraditada para os Estados Unidos, onde é acusada de narcotráfico.

E há também a história de uma receita muito particular.

“O Teo me levava os cadáveres. Eu já tinha preparado tudo: barris, água, uns cinquenta quilos de soda cáustica. E também luvas de látex e máscara antigás. Enchia os barris com duzentos litros de água e dois sacos de soda cáustica e punha no fogo. Quando a mistura começava a ferver, despia e jogava os cadáveres dentro. O tempo de cozimento é de aproximadamente catorze, quinze horas. Às vezes, no final do procedimento, restam só os dentes, mas deles é fácil se livrar.”

O criador dessa receita é Santiago Meza López, não por acaso conhecido como “El Pozolero” — de *pozole*, um típico ensopado de carne mexicano. El Pozolero estava havia tempos na lista dos vinte maiores procurados pelo FBI e foi preso em janeiro de 2009. Confessou ter dissolvido trezentos corpos de uma gangue rival. O cartel de Tijuana lhe pagava seiscentos dólares por semana. Quem efetuava a entrega dos cadáveres e o pagamento era Teodoro García Simental, “El Teo”, chefe de um bando sanguinário ligado ao cartel de Tijuana.

“Mas nunca uma mulher. Só homens”, esclareceu El Pozolero no fim do interrogatório.

Histórias, histórias, histórias, das quais não consigo me livrar. Histórias de pessoas, carrascos ou vítimas. Histórias de jornalistas, que gostariam de contá-las e de repente morrem. Como Bladimir Antuna García, que se tornara o fantasma de si mesmo. Descarnado, precocemente grisalho nas têmporas e na barba rala. Tinha ganhado e perdido peso muitas vezes, seu físico entrara em colapso: dois cambitos em vez das pernas e um estômago proeminente. No resto, era o protótipo do toxicômano. Consequência do seu trabalho, porque Bladimir sabia contar e sabia investigar, uma ocupação difícil num lugar como Durango. Havia rastejado ao longo dos piores canais que recolhem histórias repulsivas, histórias de esgoto e poder. Acontece,

porém, que essas histórias começam a roer você por dentro, você se impacta contra o nojo e, quando não consegue dar resposta a esse nojo, tropeça e procura um sentido em outro lugar. Uísque e pó pareciam a solução. Mas Bladimir havia decidido deixar tudo isso para trás e queria voltar a ser considerado um dos melhores jornalistas de Durango. Estava limpo, arrumara um empreguinho como ajudante de garçom numa pocilga do centro. Faz de tudo. São trabalhos humildes, mas não para Bladimir, que graças às suas histórias descobriu o quanto são instáveis os limites da dignidade. Enquanto isso, tentava retornar ao mundo do jornalismo. Mas os editores não queriam saber dele, imprevisível demais, conhecido demais pelos motivos errados. Claro, havia sido um jornalista de talento, mas e se o pegassem de novo com a cabeça caída sobre uma mesa e o nariz afundado numa fileira de pó? Você é sempre um toxicômano e um bebedor para quem o viu assim, mesmo que somente uma vez. Havia, porém, um novo jornal em Durango, *El Tiempo*, do editor Víctor Garza Ayala. Naquele período o jornal passava por dificuldades, e talvez as histórias de crimes, tão amadas pelo público, pudessem inverter a tendência. Então Garza decide contratar Bladimir para que se ocupasse de crimes, mas, por via das dúvidas, destinou a seção à última página, praticamente no pé, a fim de não conspurcar a distinta primeira página política, que lhe importava tanto. Funciona assim no mundo todo. Se um juiz morre ou um carro-bomba explode, então o crime ocupa as páginas de mais destaque. Do contrário, cabe-lhe a retaguarda. Para Bladimir, isso não era problema, para ele era importante voltar a escrever, e escrever sobre os cartéis e sobre os Zetas. Evitando, ao menos no início, muito alvoroço. Mas a certa altura os donos de bancas começaram a vender o jornal expondo-o ao contrário, com a última página bem à vista. E as vendas subiram às alturas.

Bladimir era incansável, produzia dezenas de matérias policiais, algumas das quais eram exclusivas, obtidas graças às ótimas fontes que ele tinha no Exército e na polícia. Para poder pagar os estudos universitários de seu filho

mais velho, havia descolado um segundo emprego em outro jornal, *La Voz de Durango*.

O primeiro telefonema de ameaças chega diretamente ao seu celular, em plena noite. Uma voz cavernosa, mas clara, soletra uma simples palavra: “Pare”. A esposa finge dormir mas escutou tudo e, em silêncio, morde o travesseiro. Nos meses seguintes, os telefonemas se intensificam, sempre para o celular e sempre à noite, com aquela única e eloquente palavra: “Pare”. Às vezes os interlocutores se identificam como membros dos Zetas. À redação começam a chegar cartões com praias tropicais e belas mulheres, e, atrás, em letra infantil, a ordem de sempre: “Pare”.

“São apenas palavras.” Assim Bladimir liquidava a escalada de intimidações. E, para ele, realmente eram só palavras. Começou a trabalhar com mais afinco ainda, atacou com suas matérias os policiais corruptos do estado de Durango, denunciou em altos brados as ameaças, perante a mídia e a Procuradoria-Geral do Estado. Levantar o véu sobre as organizações criminosas do México e dar os nomes dos cúmplices de narcotraficantes famosos se tornara o seu credo. Em julho de 2009 criou coragem e contou sobre os telefonemas numa série de depoimentos à revista *Buzos*, da Cidade do México. Falou também do frustrado atentado que sofrera em 28 de abril de 2009, quando um homem armado atirou contra ele em pleno dia e no meio da rua, errando o alvo. Mas, quando se fala de ameaças, a comunidade ao seu redor está sempre pronta a dizer que você é um paranoico, um exagerado. Bladimir denunciou às autoridades as intimidações e o ataque sofrido, mas elas nada fizeram. Bladimir estava trabalhando com Eliseo Barrón Hernández sobre alguns policiais a soldo dos cartéis. Com Eliseo, fizeram como sempre. Esperaram que ele saísse de casa com a família, humilharam-no cobrindo-o de socos e pontapés diante das filhas e da mulher e o levaram. Mataram-no com um tiro de pistola na cabeça. Sua mancada havia sido a de meter o bedelho numa história de policiais corruptos. “Jornalistas, estamos aqui. Perguntem a Eliseo Barrón. El Chapo e o cartel não perdoam. Tomem cuidado, soldados e jornalistas.” Essas foram

as palavras de El Chapo Guzmán que apareceram em várias faixas penduradas pelas ruas de Turreón no dia do enterro de Eliseo. Uma reivindicação em plena regra, como fazem os terroristas. Uma mensagem clara. E, poucas horas depois, outra mensagem chegou à redação de Bladimir: “O próximo será ele, aquele filho da puta”.

Bladimir saía pouco de casa. Quase nunca. Escrevia entocado. Alguns de seus colegas dizem que ele se resignara à ideia de que seria assassinado: do governo não vinha nenhuma ajuda, não havia investigações em curso sobre as ameaças, não lhe fora concedida nenhuma proteção. Seu maior medo não era o de ser morto. É assim para todos. Mas não é loucura, nem um recôndito instinto suicida. Você não procura a morte, seria um idiota, mas sabe que ela está ali.

Em 2 de novembro de 2009, tudo aconteceu velozmente. Sequestrado. Torturado. Assassinado.

De nada valeram os esforços dos colegas, escandalizados pela apatia das forças da ordem, que como única resposta pintaram Bladimir como um paranoico. A costumeira técnica da difamação. Não houve averiguações, nenhuma busca sobre o que Bladimir havia descoberto. Hoje, o jornalismo investigativo em Durango está parado, morto com Bladimir Antuna García.

20. 000

Olhei dentro do abismo e me tornei um monstro. Não podia ser diferente. Com uma mão você aflora a origem da violência, com a outra acaricia as raízes da ferocidade. Com um olho observa os alicerces dos prédios, com um ouvido ausculta o batimento dos fluxos financeiros. No início é um caldeirão escuro, você não vê nada, só um fervilhar sob a superfície, como o de um monte de vermes que fazem pressão para rachar a crosta. Depois as figuras se compõem, mas tudo ainda está confuso, embrionário, superposto. Você se lança para diante, esforça-se por reunir os talentos dos seus sentidos, debruça-se sobre o abismo. A cronologia dos poderes adquire um sentido, o sangue que antes se dividia em mil riachos agora conflui num rio, o dinheiro para de flutuar e pousa no solo e você pode contá-lo. Debruça-se um pouco mais. Firma-se com um pé na borda; agora, você está quase suspenso sobre o vazio. E depois... escuridão. Como no início, mas desta vez não há o fervilhar, há somente uma tábua lisa e lúzia, um espelho de piche. E então você compreende que passou para o outro lado, e agora é o abismo que quer olhar dentro de você. Vasculhar. Dilacerar. Mergulhar. Pensando bem, o abismo do narcotráfico que olha dentro de você não é o rito tranquilizante da indignação. Não é o medo de que nada tenha sentido. Seria simples demais. Seria fácil demais: você identificou um alvo, agora cabe-lhe golpear, cabe-lhe endireitar a situação. O abismo do narcotráfico se abre sobre um mundo que funciona, que é eficiente, que tem regras. Um

mundo dotado de sentido. E então, você já não confia em ninguém. A mídia, sua família, seus amigos. Todos contam uma realidade que, para você, é falsa. Lentamente, tudo lhe é estranho e seu mundo se povoa de novos protagonistas. Os *boss*, as carnificinas, os processos. Os massacres, as torturas, os cartéis. Os dividendos, as ações, os bancos. Traições, suspeitas, delações. A cocaína. Você conhece somente a eles e eles o conhecem, mas isso não significa que aquele que antes era seu mundo desapareça. Não. Você continua a viver ali no meio. Continua a fazer o que fazia antes, mas agora as perguntas que dirige a si mesmo provêm do abismo. O empresário, o professor, o dirigente. O estudante, o leiteiro, o policial. O amigo, o parente, a namorada. Eles também vêm do abismo? E, mesmo que sejam honestos, quanto se assemelham ao abismo? Você não tem a suspeita de que sejam todos corruptos ou mafiosos, é algo pior. Você viu face a face o que é o homem e em todos vê semelhanças com a nojeira que conhece. Vê a sombra de cada um.

Tornei-me um monstro.

Quando tudo o que você tem ao seu redor começa a relacionar-se com esse tipo de reflexão. Quando você insere tudo no universo de sentido que construiu observando os poderes do narcotráfico. Quando tudo parece só fazer sentido do outro lado, no abismo. Quando acontece tudo isso, então você se tornou um monstro. Berra, sussurra, grita suas verdades, porque tem medo de que, do contrário, elas desapareçam. E tudo aquilo que você sempre viu como felicidade, passear, fazer amor, entrar na fila para um concerto, nadar, torna-se supérfluo. Secundário. Menos importante. Desprezível. Cada hora lhe parece inconstante e inútil se você não se empenhar na descoberta, no desencavar, na narrativa. Você sacrificou tudo não só para compreender, mas também para mostrar, para apontar, para descrever o abismo. Vale a pena? Não. Nunca vale a pena renunciar a algum caminho que leve à felicidade. Mesmo pequena. Nunca vale a pena, embora você acredite que o sacrifício será recompensado pela história, pela ética, pelos olhares de aprovação. É só um momento. O único sacrifício possível é

aquele que não espera recompensa. Eu não queria sacrifício, não queria recompensa. Queria compreender, escrever, contar. A todos. Ir de porta em porta, de casa em casa, no meio da noite e da manhã, para compartilhar estas histórias, mostrar estas feridas. Orgulhoso por ter escolhido tons e palavras certas. Era o que eu queria. Mas as feridas destas histórias me engoliram.

Para mim é tarde demais. Eu deveria ter mantido distâncias que não consegui traçar. É o que dizem frequentemente os jornalistas anglo-saxões: não se deixar envolver, ter um olhar límpido entre você e o objeto. Eu nunca o tive. Para mim é o contrário. Exatamente o contrário. Ter um olhar primordial, interior, contaminado. Ser cronista não dos fatos, mas da própria alma. E na alma, como na massa de modelar, como na plastilina, imprimir os objetos e as coisas que se veem, de tal modo que permaneça um decalque profundo. Mas um decalque que pode ser eliminado remodelando aquela massa. Recompactando-a. No final, da própria alma permanece uma estrutura que poderia assumir mil formas, mas não adquiriu nenhuma.

Indo atrás das histórias de narcotráfico você aprende a reconhecer o rosto das pessoas. Ou melhor, você se convence. Aprende a compreender se determinado indivíduo foi amado quando criança, se realmente lhe quiseram bem, se foi cuidado, se cresceu com alguém ao seu lado, ou se precisou sempre fugir com o rabo entre as pernas. Você compreende imediatamente que vida ele teve. Se foi isolado, surrado, jogado na rua. Ou se, ao contrário, foi mimado até apodrecer no bem-estar. Você aprende. E, assim, aprende a avaliar as situações. Mas não aprende a distinguir o mau do bom. Não sabe quem o está tapeando ou quem está lhe roubando a alma, quem está lhe mentindo para conseguir uma entrevista ou quem está lhe contando aquilo que pensa que você quer ouvir, para agradá-lo e ser imortalizado pelas suas palavras. Eu carrego esta certeza dentro de mim sem muitas melancolias comprazidas: ninguém se aproxima de você se não for para obter um favor. Um sorriso é um modo de baixar suas defesas, uma relação tem o objetivo de lhe extorquir dinheiro ou uma história para contar



no jantar ou uma foto para apresentar a alguém como escalpo. Acaba que você raciocina como um mafioso, faz da paranoia sua linha de conduta e agradece ao povo do abismo por ter lhe ensinado a suspeitar. Lealdade e confiança se tornam duas palavras desconhecidas e suspeitas. Ao seu redor, você tem inimigos ou aproveitadores. Hoje, é esse o meu viver. Parabéns a mim mesmo.

É fácil demais acreditar naquilo em que eu acreditava no início deste percurso. Acreditar naquilo que Brecht dizia: “Em vez de amor, dinheiro, fama, deem-me a verdade”. Eu acreditava que seguir esses caminhos, aqueles rios, farejar os continentes, imergir as pernas no lodo pudesse servir para obter a verdade. Não funciona assim, Brecht. Não se encontra a verdade. Quanto mais você se avizinha de pensar ter compreendido como se movimentam os mercados, quanto mais se aproxima das razões de quem corrompe os que estão perto de você, de quem faz abrir os restaurantes e faz fechar os bancos, de quem está disposto a morrer por dinheiro, mais entende os mecanismos e mais compreende que o caminho que deveria ter tomado era totalmente outro. Por esse motivo, não tenho maior respeito por mim, que vou indagando, tomando notas, enchendo agendas, conservando sabores. Não tenho maior respeito por mim no final de um percurso incapaz de me dar felicidade e de compartilhá-la. E talvez sequer tenha consciência disso. Só sei que não podia fazer outra coisa.

E se eu tivesse agido diferente? Se tivesse escolhido a via linear da arte? Uma vida de escritor que alguém definiria como puro, por exemplo, com seus maus humores, suas psicoses, sua normalidade. Conte histórias inspiradas. Atormente-se com o estilo e a narração. Eu não soube fazer isso. Coube-me a vida do fugitivo, do buscador de histórias, do multiplicador de narrativas. A vida do protegido, do santo herético, do culpado se comer, do falso se jejuar, do hipócrita se se abster. Sou um monstro, tal como é monstro qualquer um que se tenha sacrificado por algo que lhe pareceu superior. Mas ainda conservo respeito. Respeito por quem lê. Por quem subtrai um tempo importante de sua vida para construir nova vida. Nada é

mais poderoso do que a leitura, ninguém é mais mentiroso do que quem afirma que ler um livro é um gesto passivo. Ler, escutar, estudar, compreender é o único modo de construir vida além da vida, vida ao lado da vida. Ler é um ato perigoso porque dá forma e dimensão às palavras, encarna-as e as espalha em todas as direções. Subverte tudo, faz caírem dos bolsos do mundo moedas e cédulas e pó. Conhecer o narcotráfico, conhecer o vínculo entre a racionalidade do mal e do dinheiro, rasgar o véu que embota a suposta consciência do mundo. Conhecer é começar a mudar. Para quem não joga fora estas histórias, não as ignora, sente-as como próprias, para essas pessoas vai o meu respeito. Quem se sente arcar com as palavras, quem as grava sobre a própria pele, quem constrói para si um novo vocabulário está mudando o curso do mundo porque compreendeu como se situar nele. É como romper grilhões. As palavras são ações, são tecido conectivo. Somente quem conhece estas histórias pode se defender destas histórias. Somente quem as conta ao filho, ao amigo, ao marido, somente quem as leva aos lugares públicos, aos salões, às salas de aula, está articulando uma possibilidade de resistência. Para quem está sozinho sobre o abismo, é como estar numa jaula, mas, se forem muitos a decidir enfrentar o abismo, então as grades daquela cela se dissolvem. E uma cela sem grades já não é uma cela.

No Apocalipse de João, diz-se: “Tomei o livrinho da mão do Anjo e o devorei — na boca era doce como mel; quando o engoli, porém, meu estômago se tornou amargo”. Creio que os leitores deviam fazer isso com as palavras. Metê-las na boca, mastigá-las, triturá-las e por fim engoli-las, para que a química da qual são compostas faça efeito dentro de nós e ilumine as turbulências insuportáveis da noite, traçando a linha que distingue a felicidade da dor.

Você experimenta como que uma sensação de vazio quando suas palavras parecem ser valorizadas pela ameaça que atraem, como se, de repente, tudo aquilo que você diz fosse escutado apenas porque ameaça levá-lo à morte. Acontece o seguinte: acontece que o silêncio sobre esses temas não existe.

Existe o burburinho: notícia de agência, processos, o narcotraficante detido. Tudo se torna fisiológico. E, quando tudo se torna fisiológico, mais ninguém o percebe. E, assim, alguém escreve: escrevendo, morre, escrevendo é ameaçado, escrevendo tropeça. Quando chega a ameaça, parece que por um pouco de tempo uma parte do mundo se apercebe daquilo que foi escrito. Depois esquece. A verdade é que não existe alternativa. A cocaína é um combustível. A cocaína é energia devastadora, terrível, mortal. As prisões parecem não bastar nunca. As políticas de combate parecem sempre errar o alvo. Por mais que possa parecer terrível, a legalização total das drogas poderia ser a única resposta. Talvez uma resposta horrenda, horrível, angustiante. Mas a única possível para bloquear tudo. Para deter os faturamentos que se inflam. Para deter a guerra. Ou, pelo menos, é a única resposta que nos ocorre dar quando, no final de tudo, nos perguntamos: e agora, o que fazer?

Faz anos que, na minha cabeça, eu me deixo atropelar pelas vozes. As vozes de quem grita a plenos pulmões que o álcool é a substância que ceifa mais vítimas. São vozes agudas e martelantes, que de vez em quando são silenciadas por outras vozes, as quais se erguem audazes afirmando que, sim, claro, o álcool faz mal, mas só se você abusar dele, se a cerveja do sábado à noite se tornar um hábito, e que há uma grande diferença em relação à cocaína. Depois começa o coro dos que pensam que a legalização é o mal menor; afinal, sugerem os comentários, a cocaína legal teria também um controle médico. Pois então, legalizemos os homicídios!, rebate uma voz portentosa, de barítono, que por um instante silencia todo mundo. Mas o silêncio dura pouco porque, como punhaladas, chegam sucessivas as grasnantes reações dos que sustentam que no fundo quem se droga só faz mal a si mesmo, que, se a cocaína for proibida, então convém proibir o tabaco, e que, se dissermos sim, então o Estado é um Estado-*pusher*, um Estado criminoso. E as armas, então? Não são piores? Ao que outra voz ainda — esta, pacata, com um matiz de sabichona que se engasta nas consoantes — afirma que as armas servem para se defender, o tabaco você

pode usá-lo com moderação, e... Mas no fundo é um problema ético, e quem somos nós para refrear com regras e decretos uma escolha pessoal?

A essa altura as vozes começam a se sobrepor e tudo fica indistinto. A barafunda de vozes acaba sempre assim. Com o silêncio. E eu devo recomeçar. Mas estou convencido de que a legalização poderia de fato ser a solução. Porque vai golpear justamente onde a cocaína encontra seu terreno fértil, na lei econômica da demanda e da oferta. Reduzindo a demanda, tudo o que está a montante murcharia como uma flor privada de água. É um risco? É fantasia? O delírio de um monstro? Talvez. Ou talvez não. Talvez seja outro fragmento do abismo que poucos têm coragem de enfrentar.

Para mim, a palavra “narcocapitalismo” se tornou um bolo alimentar que não para de crescer. Não consigo degluti-lo, qualquer esforço vai na direção oposta, e corro o risco de morrer sufocado. Todas as palavras que mastigo se grudam ao bolo, e a massa se expande, como um tumor. Eu queria fazê-lo descer e deixar que fosse atacado pelo suco gástrico. Queria derretê-la, essa palavra, e captar-lhe o núcleo. Mas não é possível. E também é inútil, porque já sei que encontraria um grânulo de pó branco. Um grânulo de cocaína. Por mais que possam existir polícias e apreensões, a demanda por cocaína será sempre enorme: quanto mais veloz se torna o mundo, mais existe pó; quanto menos tempo há para relações estáveis, para intercâmbios reais, mais há pó.

Eu me acalmo, devo me acalmar. Deito-me, olho o teto. Colecionei muitos tetos durante estes anos. Desde aqueles quase grudados ao nariz, que basta levantar o pescoço para tocar, até aqueles tão distantes que você precisa apertar os olhos para compreender se o que há neles são afrescos ou manchas de umidade. Olho o teto e imagino o globo inteiro. O mundo é uma bola de massa que fermenta. Fermenta através do petróleo. Fermenta através do coltan. Fermenta através dos gases. Fermenta através da web. Removidos esses ingredientes, arrisca-se a murchar, a decrescer. Mas há um ingrediente mais veloz do que todos, e que todos querem. E é a cocaína. Aquela planta que, idealmente, conecta a América do Sul à Itália. Que, como um elástico, atravessa o Atlântico. Um elástico que pode ser esticado

infinitamente sem jamais se partir. As raízes de um lado, a folha de outro. A cocaína é o ingrediente sem o qual não poderia existir nenhuma massa. Exatamente como a farinha de trigo, que na Itália e na América do Sul é qualificada com mais zeros conforme a sua pureza. Zeros como feridas através das quais olhar o mundo. Zeros como voragens nas quais afundar.

Zero, como a lente da luneta usada para observar a miragem do ouro branco, a cocaína de melhor qualidade: 000.

## Agradecimentos

Agradeço a Federica Campana, que acompanhou as pesquisas com um olhar de analista e uma paixão cívica ardente. Agradeço a Helena Janeczek, que quis me dar seus conselhos sobre as estruturas literárias. Agradeço a Carlo Buga, que me ajudou a extrair luz de centenas de páginas e mergulhou de cabeça nesta massa intrincada de histórias. Agradeço a Gianluca Foglia, editor de aço e maiêutica.

Agradeço a Luiz Schwarcz por ter decidido publicar *Zero zero zero* no Brasil. Agradeço-lhe por ter acreditado nas minhas palavras. Agradeço aos editores Otávio Marques da Costa e Rita Mattar por terem trabalhado com paixão no texto e o tornado brasileiro. Agradeço aos tradutores Federico Carotti, Joana Angélica d'Avila Melo, Marcello Lino e Maurício Santana Dias, que tornaram suas as minhas palavras. Agradeço à Companhia das Letras pela proximidade que demonstrou nestes meus anos difíceis. Agradeço pelos convites para visitar o Brasil, país maravilhoso, no qual espero poder transcorrer um pouco da minha vida para compartilhar um entusiasmo tangível. Entusiasmo com que, na Itália, neste momento, só conseguimos sonhar.

Agradeço à imprensa brasileira e aos jornalistas que, todo dia, nos mostram como é alto o preço que a sociedade civil deve pagar às organizações criminosas em termos de vidas humanas e perda de democracia. Esses jornalistas, muitas vezes arriscando perder a própria

incolumidade, nos mostram como o Brasil é central no tabuleiro de xadrez internacional do narcotráfico.

Agradeço à Arma dei Carabinieri, à Polizia, à Guardia di Finanza, aos ROS [Raggruppamento Operativo Speciale], aos Gico [Gruppo d'Investigazione sulla Criminalità Organizzata], ao SCO [Servizio Centrale Operativo], à DIA [Direzione Investigativa Antimafia] e às DDA [Direzione Distrettuale Antimafia] de Roma, Nápoles, Milão, Reggio Calabria, Catanzaro e a todos aqueles que esqueci aqui, por me haverem permitido estudar, ler e em alguns casos viver suas investigações e operações: Alga, Box, Caucedo, Crime-Infinito, Decolagem, Decolagem Bis, Decolagem Três, Decolagem Money, Dinheiro, Dionisio, Due Torri Connection, Flowers 2, Galloway-Tiburon, Golden Jail, Green Park, Igres, Magna Charta, Maleta 2006, Meta 2010, Notte Bianca, Overloading, Pollicino, Prêt-à-Porter, Puma 2007, Revolution, Solare, Tamanaco, Tiro Grosso, White 2007, White City.

Agradeço à DEA [Drug Enforcement Administration], ao FBI, à Interpol, à Guardia Civil, aos Mossos d'Esquadra, à Scotland Yard, à Gendarmerie Nationale francesa, à Polícia Civil brasileira, a alguns membros da Polícia Federal mexicana, a alguns membros da Polícia Nacional da Colômbia, a alguns membros da Polícia russa, que me acompanharam em suas investigações e operações: Cabana, Cornerstone, Dark Waters, Delfín Blanco, Leyenda, Limpieza, Millennium, Omni Presence, Padrino, Pier Pressure, Processo 8000, Project Colisée, Project Coronado, Russiagate, Reckoning, Relentless, SharQC 2009, Sword, Xcellerator.

Agradeço a todos os membros do Ministério Público, antimáfia ou não, com os quais estudei e discuti durante estes anos. Sem eles, eu não poderia ter descoberto muitas coisas: Ilda Boccassini, Alessandra Dolci, Antonello Ardituro, Federico Cafiero De Raho, Raffaele Cantone, Baltasar Garzón, Nicola Gratteri, Luis Moreno Ocampo, Giuseppe Pignatone, Michele Prestipino, Franco Roberto, Paolo Storari.

Agradeço à cúpula da Arma dei Carabinieri, ao comandante-geral Gallitelli, ao chefe da Polizia di Stato Antonio Manganelli, e ao comandante-

geral Capolupo, da Guardia di Finanza. Agradeço particularmente ao general dos Carabinieri, Gaetano Maruccia, ao comandante dos ROS, Mario Parente, ao general da Guardia di Finanza, Giuseppe Botillo, que acompanharam o crescimento deste livro.

Agradeço às amigas Lydia Cacho e Anabel Hernández, que nestes anos me tornaram “mexicano”. Agradeço a Glenda Martínez, Malcolm Beith, Christophe Champin, Yoani Sánchez, pelo cotejo e por seu empenho. Sou grato ao olhar de Robert Friedman, à inteligência de Misha Glenny e ao talento analítico de Ricardo Ravelo. Agradeço a Peppe D’Avanzo, com quem eu tinha começado a discutir estas páginas, mas o destino maldito não permitirá que façamos isso de novo.

Agradeço, na Arma dei Carabinieri, àqueles que administram minha vida: o coronel Gabriele Degrandi, o capitão Giuseppe Picozzi, o capitão Alessandro Faustini.

Agradeço a Carlo Feltrinelli, que se apaixonou por este projeto e o apoiou desde o início. Agradeço a Inge Feltrinelli, energia sempiterna.

Agradeço, por seus conselhos pontuais e matemáticos, a Massimo Turchetta.

Agradeço, porque estive nisso desde o primeiro dia, a Gian Arturo Ferrari.

Agradeço a Ezio Mauro, a Gregorio Botta e à redação inteira de *la Repubblica*, porque durante estes anos sempre acompanharam meu trabalho sobre o narcotráfico e as máfias. Fazendo com que eu me sentisse protegido.

Agradeço a Bruno Manfellotto e à redação de *l’Espresso*, que não recuam diante destes assuntos.

Agradeço a Daniela Hamauí, leitora atenta.

Agradeço a Fabio Fazio, meu amigo. Pronto a me soerguer nos momentos de escuridão e a me recordar que estou vivo e que esta vida merece oxigênio e sorrisos.

Agradeço ao agente nova-iorquino AdN. Ele sabe por quê.



Agradeço a Mark Bray, a Valeria Castelli e aos jovens de Occupy Wall Street, que me ensinaram muitíssimo.

Agradeço a Bono Vox, por ter escutado estas histórias quando eu ainda estava mergulhado nelas e por um perene convite em aberto para os shows do U2.

Agradeço a Salman Rushdie, que me ensinou a ser livre, mesmo blindado entre sete homens armados.

Agradeço a Nouriel Rubini, que aguentou histórias sul-americanas durante uma noite interminável e com quem discutimos por tempo demais sobre finança e crime.

Agradeço a Valentina Maran, por ter cuidado do meu site on-line. Agradeço a Gomma, por todos os conselhos digitais. Agradeço aos que me seguem no Facebook e no Twitter, milhares de presenças cotidianas que afastaram a sensação de solidão e fizeram com que eu me sentisse em público, embora não o estivesse.

Agradeço a Claudia Carusi, que me ajudou a perscrutar as investigações.

Agradeço a Daria Bignardi, que me pede que escreva, escreva. Agradeço a Adriano Sofri, que agora percorre o mundo e antes, quando estava parado, escutou estas histórias.

Agradeço a Sasha Polakow Suransky e ao *New York Times*, que me permitiram contar como o narcotráfico influenciava a crise quando em toda parte este tema parecia supérfluo.

Agradeço a David Dannon, que por seis meses me fez ser outra pessoa, livre e quase feliz.

Agradeço a Vincenzo Consolo: infelizmente, não deu tempo de fazê-lo ler este livro.

Agradeço a Francesco Giudici, que me treinou dando-me, na prática, o adestramento e a vazão adequados à minha vida.

Agradeço a Manuela De Caro, sempre comigo, a qualquer momento e a qualquer custo.

Agradeço à minha família, que paga um preço alto por culpa minha, e disso não é possível perdoar-se nem sequer com estas linhas de agradecimento. Eu sei.

Agradeço a vocês, leitores brasileiros, que, ao ler estas histórias, as tornarão perigosas.

As máfias não temem os escritores, temem os leitores.



ALESSIO COSER

ROBERTO SAVIANO nasceu em Nápoles, em 1979. É autor, entre outros, de *Gomorra* (Bertrand Brasil, 2008), que foi traduzido em mais de quarenta países, ultrapassou 10 milhões de cópias vendidas e originou o filme de mesmo nome, vencedor do Grand Prix do Festival de Cannes em 2008, e de *A máquina da lama* (Companhia das Letras, 2012). Jurado de morte pela máfia italiana depois da publicação de *Gomorra*, Saviano seguiu firme em seu propósito de revelar as articulações do crime com a economia formal, escrevendo em jornais como *La Repubblica*, *e New York Times*, *El País* e *Die Zeit*.

Copyright © 2013 by Roberto Saviano  
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
Zero Zero Zero

*Capa*  
Alceu Chiesorin Nunes

*Foto de capa*  
Tahoo/ Shutterstock.com

*Preparação*  
Silvana Afram

*Revisão*  
aís Totino Richter  
Luciana Baraldi

ISBN 978-85-8086-785-5

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone: (11) 3707-3500  
Fax: (11) 3707-3501  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)